Vencedora do World Fantasy Award

FONDA LEE

LEGADO DE JADE



Sangue pelo clã. Magia pelo mundo.
Tudo pela família.

ALTA NOVEL

FONDA LEE

LEGADO DE JADE

TAMBÉM DE FONDA LEE

Obras Publicadas pela Alta Novel

A Saga dos Ossos Verdes

Cidade de Jade
Guerra de Jade
Legado de Jade

Outras Obras

The Exo Novels

Exo
Cross Fire

Zeroboxer

FONDA LEE

LEGADO DE JADE

Tradução de João Pedroso

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2026

Legado de Jade

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2021 FONDA LEE

ISBN: 978-85-508-2704-9

Translated from original Jade Legacy. Copyright © 2021 by Fonda Lee. ISBN 9780316440974. This translation is published and sold by permission of Orbit Books, an imprint of Hachette Book Group, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L4771

Lee, Fonda.

Legado de Jade / Fonda Lee; tradução de João Pedroso. — 1.ed. — Rio de Janeiro : Alta Novel, 2026.

Formato Digital

ISBN 978-85-508-2704-9

1. Fantasia épica. 2. Crime organizado - Ficção. 3. Intriga política - Ficção. I. Pedroso, João. II. Título.

CDD 813

Índice para catálogo sistemático

1. Ficção norte-americana(813)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Coordenação Editorial: Beatriz de Assis e Illysabelle Trajano

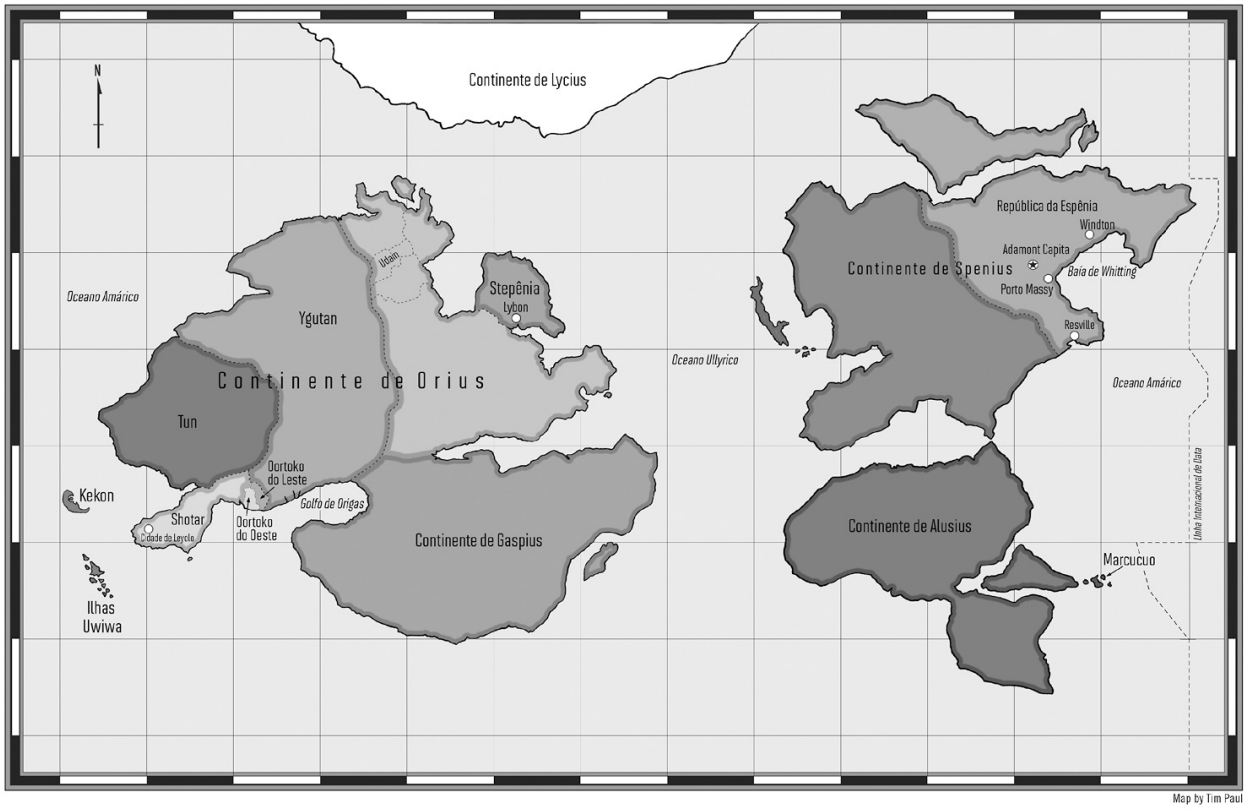
Tradução: João Pedroso
Copidesque: Ellen Andrade
Revisão: Nathalia Marques
Diagramação: Natalia Curupana
Mapas: Tim Paul

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

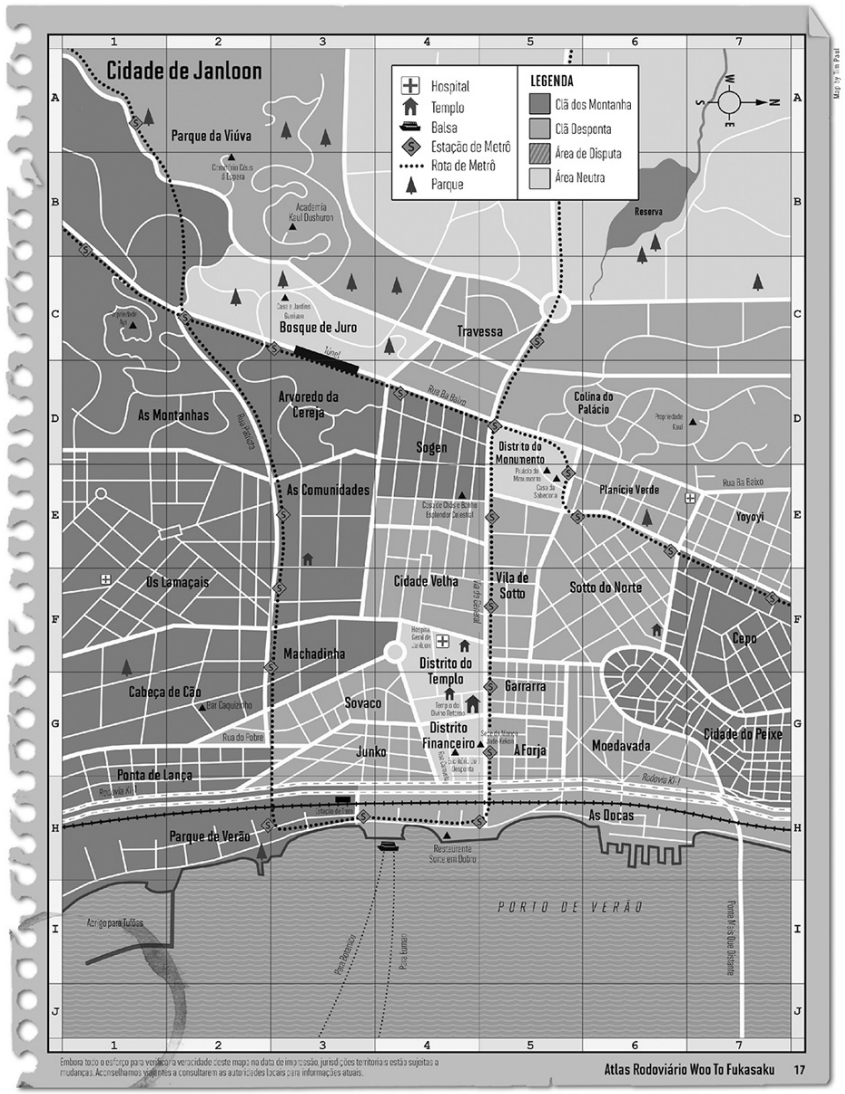
Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:

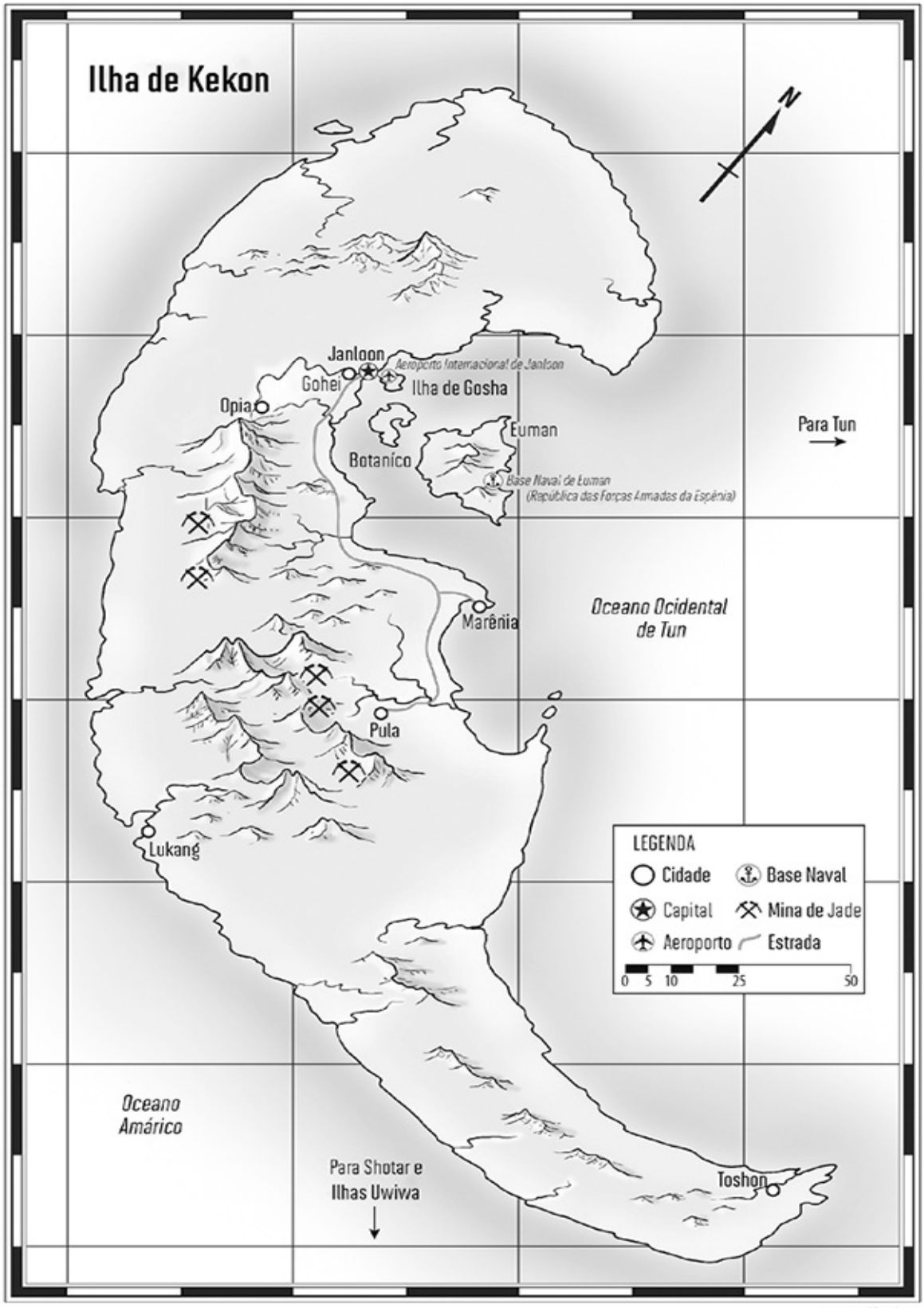
Para Lahna e Aaron.
Com amor e orgulho pelo nosso pequeno clã.



Map by Tim Paul



Embora todo o esforço para verificar a veracidade deste mapa no data de impressão, jurisdições territoriais estão sujeitas a mudanças. Aconselhamos viajantes a consultarem as autoridades locais para informações atuais.



Map by Tim Paul

Os Clãs Ossos Verdes
Seus associados e inimigos

O Desponta

Kaul Hiloshudon, Pilar
Kaul Shaelinsan, Homem do Tempo
Emery Anden, Kaul por adoção
Kaul Maik Wenruxian, esposa de Kaul Hilo, pedrolha
Kaul Lanshinwan, antigo Pilar do clã, irmão mais velho de Hilo e Shae; falecido

Kaul Nikoyan, filho de Kaul Lan, filho adotivo de Hilo e Wen
Kaul Rulinshin, filho de Hilo e Wen, pedrolho
Kaul Jayalun, filha de Hilo e Wen

Juen Nurendo, Chifre
Juen Imriejin, esposa do Chifre
Juen Ritto, Juen Din, filhos gêmeos do Chifre

Maik Tarmingu, Encarregado do Pilar
Maik Kehnugo, antigo Chifre; falecido
Maik Sho Linalin, viúva de Kehn
Maik Camiko, filho de Kehn e Lina

Lott Jinrhu, Punho do clã

Woon Papidonwa, Sombra da Homem do Tempo
Woon Ro Kiyalin, esposa de Woon Papi

Hami Tumashon, Mandachuva
Hami Yasutu, filho de Hami Tuma

Terun Bintono, Agente da Sorte
Luto Tagunin, Agente da Sorte

Kaul Seningtun, o Tocha de Kekon, patriarca da família; falecido
Kaul Dushuron, filho de Kaul Sem, pai de Lan, Hilo e Shae; falecido
Kaul Wan Riamasan, viúva de Kaul Du, mãe de Lan, Hilo e Shae

Yun Dorupon, antigo Homem do Tempo, traidor; falecido
Haru Eynishun, ex-mulher de Kaul Lan; falecida

Kyanla, governanta da propriedade Kaul

Sulima, governanta da propriedade Kaul

Outros Punhos e Dedos

Vuay Yudijo, Primeiro Punho de Juen Nu
Iyn Roluan, Punho sênior
Vin Solunu, Punho sênior habilidoso em Percepção
Dudo, Tako, guarda-costas pessoais de Kaul Maik Wen
Hejo, Ton, Suyo, Toyi, Punhos do clã
Kitu, Kenjo, Sim, Dedos do clã

Lanternas notáveis

Seu Une, proprietário do restaurante Sorte em Dobro
Dona Sugo, proprietária do Clube de Cavaleiros Divino Lilás
Fuyn, Tino, Eho, Lanternas da indústria varejista

O Clã da Montanha

Ayt Madashi, Pilarisa
Iwe Kalundo, Homem do Tempo
Nau Suenzen, Chifre

Ayt (Koben) Atosho, sobrinho de Ayt Mada
Koben Yirovu, líder da família Koben
Koben Tin Bettana, esposa de Koben Yiro
Koben Ashitin, Punho, filho de Yiro e Bett

Koben Oponyo, Lanterna, tio de Ayt Ato
Sando Kintanin

Aben Sorogun, Punho sênior
Niru Vononu, Punho júnior

Gont Aschentu, antigo Chifre do clã; falecido
Ven Sandolan, antigo Lanterna do clã; falecido

Ayt Yugontin, o Lança de Kekon, pai adotivo de Mada, Im e Eodo; falecido
Ayt Imminsho, filho adotivo mais velho de Ayt Yu; falecido
Ayt Eodoyato, segundo filho adotivo de Ayt Yu; falecido

Tanku Ushijan, antigo Chifre de Ayt Yugontin; falecido
Tanku Dingumin, Punho, filho de Tanku Ushijan; falecido

Clãs Menores

Jio Wasujo, Pilar do União das Seis Mãos
Jio Somusen, Chifre do União das Seis Mãos
Tyne Retubin, Homem do Tempo do União das Seis Mãos

Sangun Yentu, Pilar do Jo Sun
Icho Danjin, cunhado de Sangun Yen
Icho Tennsuno, Punho do Jo Sun

Durn Soshunuro, Pilar do Cauda Preta

O Movimento Futuro Sem Clã

Bero, criminoso
Guriho, membro fundador do MFSC
Otonyo, membro fundador do MFSC
Tadino, membro do MFSC, gerente do bar Caquizinho
Ema, nova membro do MFSC
Vastik eya Molovni, agente nekolva de Ygutan

Outros de Kekon

Jim Sunto, antigo Anjo Naval da República da Espênia

Guim Enmeno, chanceler do Conselho Real de Kekon, leal ao Montanha
General Ronu Yasugon, conselheiro militar do Conselho Real
Canto Pan, presidente da Aliança Jade-Kekon
Son Tomarho, antigo chanceler do Conselho Real de Kekon; falecido

Ren Jirhuya, artista
Sian Kugo, produtor cinematográfico e coproprietário da Costa Filmes
Toh Kitaru, âncora da Emissora Nacional de Kekon (ENK)

Dano, aluno da Universidade Real de Jan

Lula, cortesã

Doutor Timo, Doutor Yon, médicos Ossos Verdes
Mestre Aido, treinador particular das disciplinas de jade
Grão-mestre Le, instrutor-chefe da Academia Kaul Dushuron

Representantes do governo espênico

Galo, agente do Serviço de Inteligência Militar da RDE

Berglund, agente do Serviço de Inteligência Militar da RDE

Ara Lonard, embaixadora da República da Espênia em Kekon
Coronel Jorgen Basso, comandante da Base Naval de Euman

Na Espênia

Os keko-espênicos

Dauk Losunyin, Pilar de Arapuca Sul
Dauk Sanasan, esposa de Dauk Losun, sua “Homem do Tempo”
Dauk Corujon, “Cory”, filho de Losun e Sana
Dauk Kelishon, “Kelly”, irmã de Cory, subsecretária do Departamento Industrial

Sammy, Kuno, Tod, Ossos Verdes em Porto Massy

Remi Jonjunin (Jon Remi), líder Osso Verde em Resville

Migu Sunjiki, líder Osso Verde em Adamont Capita
Hasho Bakuta, líder Osso Verde em Evenfield
Seu e Dona Hian, antiga família anfitriã de Emery Anden
Rohn Torogon, antigo “Chifre” de Arapuca Sul; falecido

Danny Sinjo, atleta e ator

Os Tripulantes

Willum “Canela Seca” Reams, Chefe da Tripulação do Sul
Joren “Jozão” Gasson, Chefe da Tripulação da Rua do Padeiro
Rickart “Ricky Vigarista” Gasson, Chefe da Tripulação de Larvadeira; preso
Blaise “Touro” Kromner, Chefe da Tripulação do Sul; preso

Outros na Espênia

Doutor Elan Margen, pesquisador sênior do Centro de Pesquisa Médica Demphey
Rigly Hollin, parceiro e vice-presidente da WBH Foco
Walford, Bennet, parceiros adicionais da WBH Foco

Art Wyles, CEO da Recursos Globais Anorco

Deputado Blake Sonnen, presidente do Júri Nacional de Saúde
Doutor Gilspar, secretário da Associação de Médicos Espênicos

Em Outros Lugares

Iyilo, contrabandista de jade, líder da Ti Pasuiga; Ilhas Uwiwa

Guttano, executivo da Filmes Luz de Diamante; Shotar
Choyulo, um líder da gangue barukâne Faltas; Shotar
Batiyo, membro da gangue barukâne Faltas; Shotar

Sel Lucanito, magnata do entretenimento, proprietário da Espetáculo Único; Marcucuo

Falston, soldado espênico
Hicks, soldado espênico




CAPÍTULO 1

Não Tem Clã

O hotel e cassino Dobro Dobro era um lugar improvável para se incitar uma revolução. Era apenas uma questão de conveniência, já que Bero trabalhava lá e sabia como passar pela segurança. Enquanto a cidade de Janloon estremecia com a repentina chegada do inverno mais gelado e úmido em décadas, as luzes brilhantes e o clamor do salão de apostas continuavam inabaláveis vinte e quatro horas por dia, vertendo dinheiro de jogadores ousados e turistas internacionais para os cofres do Clã do Desponta. Hoje, porém, não seria assim.

Às dez para o meio-dia, Bero atravessou o salão do cassino com três malas num carrinho de bagagem e entrou no elevador, onde três empresários discutiam acaloradamente.

— O Montanha tá me oferecendo uma taxação tributária quinze por cento menor. Os Kaul não têm como bater de frente — resmungou um careca que vestia um terno azul. — E ainda assim esperam que eu compita com as franquias estrangeiras que tão brotando que nem mato por causa dos acordos comerciais que eles empurraram goela abaixo no país.

O colega fez uma careta.

— Mas você iria preferir pagar tributo pra Ayt Mada?

— A Ayt é uma assassina com sede de poder, mas e eu com isso? Todos eles

são assim. Ela fez o que tinha que fazer para manter o Montanha nos eixos — disse o terceiro empresário, um sujeito bronzeado. — Pelo menos ela coloca os interesses kekonésios em primeiro lugar, e agora que finalmente apontou um herdeiro, acho que…

A porta do elevador, que havia começado a se fechar, abriu-se de novo e dois estrangeiros entraram, ocupando o espaço vazio ao lado do carrinho de bagagem de Bero. Os recém-chegados usavam roupas normais, mas não pareciam turistas. Os três empresários pararam de falar e encararam os gringos com uma desconfiança educada. Janloon andava abarrotada de representantes corporativos e agentes governamentais nos últimos tempos.

O elevador desceu até a garagem e se abriu com um singelo tilintar. Depois de todos os ocupantes terem saído, Bero empurrou o carrinho com as malas até o estacionamento e deu uma olhada no relógio. Os Ossos Verdes do Desponta viviam de olho nas lucrativas casas de aposta da Rua do Pobre, mas não era possível colocar todos para patrulharem o distrito. Eiten, o antigo Punho que havia dado a Bero o emprego no Dobro Dobro, não estava trabalhando hoje. Depois de passar semanas cronometrando os turnos da equipe de segurança, Bero sabia que, exatamente ao meio-dia, também não haveria nenhum outro guerreiro de jade do clã por ali. Claro, não demorariam a chegar quando a confusão começasse, então ser rápido era vital.

Uma van encostou na vaga ao lado de Bero. Tadino saiu do assento do motorista, e Otonyo e Guriho, da parte de trás. Pessoalmente, Bero não gostava dos oortokônos, com aquele sotaque estrangeiro e as feias roupas ygutanianas, e ainda menos de Tadino, que tinha o latido agudo e o focinho estreito de um rat terrier. Mesmo assim, eram as únicas pessoas que Bero conhecera que odiavam os clãs Ossos Verdes tanto quanto ele, que queriam vê-los ruindo.

— Não fomos parados ou interrogados nenhuma vez — gabou-se Tadino.

E mesmo que tivessem sido, não havia armas ou outros artigos suspeitos na van. Bero tirou as malas do carrinho de bagagem e abriu-as no chão. Guriho, Otonyo e Tadino pegaram os itens lá de dentro: máscaras de gás, tinta spray, pés de cabra, pistolas e granadas de gás lacrimogêneo.

Quando se equiparam por completo, Bero usou sua chave de funcionário para levá-los até à escadaria ao lado dos elevadores. Depois de subirem, ele destrancou as portas lá de cima e abriu passagem para o corredor acarpetado que corria por trás da cozinha do cassino.

Tadino abriu um sorrisinho e cobriu o rosto com a máscara de gás. Guriho e Otonyo trocaram um tapinha nas costas e fizeram a mesma coisa; foi um tanto

difícil para Guriho, que passou um momento tentando enfiar a barba comprida no equipamento. Nem olharam para Bero, logo atrás, conforme se apressavam corredor abaixo. Otonyo jogou uma lata de gás lacrimogêneo cozinha adentro, e Tadino arremessou uma no salão do cassino, que começou a sibilar e a regurgitar a substância. Bero se encolheu contra a porta da escadaria, fora de vista enquanto o tiroteio começava, seguido por tosses, engasgos e passos apressados. Uma pistola disparou, e aí o barulho irrompeu de vez: gritos de alerta por sobre pratos e móveis que caíam, vidro se quebrando, pancadas metálicas em saídas de emergência e os baques ligeiros das portas giratórias do cassino à medida que os clientes do Dobro Dobro iam fugindo sufocados do estabelecimento, vertendo em pânico do conforto caloroso e da luz tênue de suas mesas de jogatina para o trecho mais movimentado da Rua do Pobre.

Bero amarrou uma bandana por cima do nariz e da boca e espreitou pelo canto da escada. Ainda conseguia ouvir a barulheira, mas era difícil ver em meio à fumaça. Parte dele queria estar lá, causando caos junto com os outros (atirando para cima, golpeando o pé de cabra contra os tampos de vidro do bar e deformando as paredes e a mobília). O prejuízo seria reparado, mas custaria caro para o Desponta. Serviria para humilhá-los e dar um aviso que não poderia ser ignorado. Bero franziu o cenho. Ele era mais ousado e corajoso do que qualquer um dos outros. Fizera coisas que levariam aqueles vira-latas oortokônos a mijarem na calça.

Puxou a cabeça de volta e fechou a porta da escadaria. Ir lá fora não serviria para provar nada. Se os Ossos Verdes aparecessem, quebrariam as pernas dos idiotas que pegassem. Bero já brincara demais com a morte, e agora valorizava os membros do próprio corpo. Houve uma época em que ficara cheio da grana de tanta jade e brilho que possuíra, mas esse não era mais o caso. Ele odiava os clãs, mas precisava desse emprego.

A porta se abriu com tudo, e os três cambalearam rumo à escada com olhos animalescos e reluzentes, cabelo suado e arfando por ar. Bero se apressou com os sujeitos até voltar à garagem. Foi o primeiro a sair, e se esgueirando numa esquina quando o elevador ali perto se abriu e regurgitou seis funcionários da limpeza e da cozinha. Quando seus colegas de trabalho se foram, Bero apertou o botão de emergência no elevador para impedi-lo de voltar a subir, e então permitiu que os sujeitos saíssem da escadaria. Eles arrancaram as máscaras e jogaram os equipamentos de volta nas malas.

— Agora é sossegar o facho por duas semanas e depois nos reunimos no Caquizinho — reforçou Guriho enquanto voltavam à van.

O veículo deixou o estacionamento, e Bero ficou sozinho ali.

Ele empurrou as malas até a rampa de lixo, onde descartou o conteúdo incriminatório. Garantiu que estivesse com o uniforme engomado e sem manchas, então caminhou para fora da garagem e saiu para seu intervalo de almoço. Trinta minutos mais tarde, quando voltou, havia duas viaturas policiais e um caminhão dos bombeiros estacionados em frente ao Dobro Dobro, assim como três Ossos Verdes do Desponta circundando o perímetro, irritados enquanto avaliavam o prejuízo. Hóspedes desabrigados do hotel estremeciam na calçada, esperando autorização para voltarem a seus quartos. Bero enfiou as mãos nos bolsos e esperou com eles, escondendo o sorriso ao olhar para a mensagem escrita em spray vermelho que cobria toda a extensão interna das portas de vidro: O FUTURO NÃO TEM CLÃ.




CAPÍTULO 2

Traição

sexto ano, primeiro mês

Kaul Hiloshudon analisou os seis empresários com quem jantava e torceu para que não precisasse matar nenhum deles. Estavam reunidos na maior das salas privativas do restaurante Sorte em Dobro, e ainda havia um bocado de comida na mesa, mas o apetite era pouco. Ceifar a vida de inimigos era algo que Hilo conseguia fazer sem nem hesitar, mas estes eram homens de seu próprio clã, que ele conhecia e com quem já mantivera alguma cordialidade no passado. O Desponta precisava de cada membro fiel.

— Como vai a saúde da sua esposa, Kaul-jen? — perguntou o Lanterna Fuyin Kan, o que fez com que toda a conversa casual se interrompesse de um jeito esquisito.

Hilo não deixou o sorriso estremecer, mas a cordialidade se dissipou de seus olhos quando encarou o sujeito do outro lado da mesa.

— A recuperação leva tempo, mas ela tá melhor. Obrigado por perguntar.

— Que coisa boa. No fim das contas, não tem nada mais importante do que a saúde e a segurança das nossas famílias. Que os deuses brilhem em favor do Desponta — disse Fuyin, e ergueu um copo de hoji na direção de Hilo, ao que os outros empresários seguiram a deixa e imitaram o gesto.

Fuyin não era um típico Lanterna sem jade. Usava dois anéis de jade, brincos do mesmo material e uma elaborada fivela de jade no cinto. Antigo Punho do clã, tinha deixado o lado militar do Desponta quinze anos antes para administrar o empreendimento varejista da família. Apesar das palavras educadas e preocupadas, Hilo conseguia Perceber que a aura de jade de Fuyin estava espessa como uma nuvem tempestuosa, eriçada com um ressentimento e uma desconfiança inconfundíveis.

Hilo empurrou o prato de lado e se acomodou na cadeira enquanto os garçons removiam as louças vazias e reabasteciam as xícaras de chá. Não olhou para Shae ao lado, mas podia sentir a tensão na aura da irmã. Ela também parecia não ter comido muito. Não adiantava mais postergar o assunto.

— Convidei todos vocês aqui porque minha Homem do Tempo me informou que os senhores têm preocupações que precisam ser apontadas e respondidas diretamente por mim, como Pilar — disse Hilo. — Vocês todos são Lanternas respeitados e valorizados do clã, então é claro que quero conversar e resolver as coisas antes que os problemas se tornem mal-entendidos mais sérios.

Não foi Fuyin, mas o homem careca ao lado dele, Seu Tino, que se manifestou primeiro. Tratava-se de uma figura antiga do clã, um velho amigo do falecido avô de Hilo.

— Kaul-jen — começou Tino —, devido à economia hoje em dia e à concorrência que enfrentamos não apenas dos rivais do Montanha, mas também de empresas estrangeiras, pedimos diversas vezes para que o escritório da Homem do Tempo baixasse as taxas de tributo. Como tenho certeza de que o senhor se lembra, o Desponta aumentou os impostos para travar a guerra entre os clãs, mas faz seis anos que não baixa substancialmente.

— Nós continuamos travando a guerra entre os clãs, mesmo que não seja mais abertamente — relembrou Hilo. — O objetivo dos Montanha é nos conquistar mais cedo ou mais tarde. Mantivemos os tributos num patamar razoável para todos e usamos o dinheiro para fortalecer o clã da forma que a Homem do Tempo achar necessário.

Shae se inclinou para a frente quando foi mencionada e disse:

— Precisamos fomentar as capacidades do Desponta se quisermos prevalecer contra nossos inimigos. Estamos aprimorando sistemas tecnológicos, expandindo a Academia Kaul Dushuron para darmos conta de treinar mais Ossos Verdes e construindo nossos escritórios e negócios no exterior. — Woon Papidonwa, o Chefe de Equipe da Homem do Tempo, imediatamente entregou a ela uma pasta de arquivo. Shae abriu-a e começou a extrair um maço de papéis.

— Posso mostrar para os senhores o orçamento do clã para o próximo ano e exatamente onde a renda tributária será…

Outro Lanterna, o sujeito muito bronzeado chamado Seu Eho, gesticulou impacientemente.

— Não duvido que vocês estejam gastando o dinheiro. O problema é *como* estão gastando. O Desponta continua indo atrás de negócios na Espênia, o que, sem sombra de dúvidas, irá prejudicar nosso país a longo prazo. — Ele, que já havia desaprovado a Homem do Tempo em outras ocasiões, evitava olhar para Shae. — Os jovens são influenciados demais pelos costumes estrangeiros. É por isso que vemos mais crimes e problemas sociais hoje em dia. O que aconteceu semana passada no cassino Dobro Dobro, por exemplo. Uma desgraça. E os arruaceiros responsáveis não foram apreendidos.

Hilo semicerrou os olhos diante do tom palestreiro de Eho.

— Se quer encontrar um culpado para crimes, pensa em quantos barukânes membros de gangues o Clã da Montanha trouxe para o país para inflar as tropas deles. Mas isso não vem ao caso. Sei que os Montanha estão tentando nos boicotar, que estão oferecendo taxas mais baixas para vocês e, de repente, vocês começam a achar que é injusto pagar o que sempre pagaram porque parece que poderiam estar se dando melhor.

O silêncio desconfortável que recebeu como resposta serviu como uma ampla confirmação. Diversos dos Lanternas estavam se esforçando muito para evitar seu olhar.

Fuyin Kan, no entanto, não pestanejou.

— Mudar de aliança seria uma decisão drástica e difícil — disse. Era algo que não afetaria apenas as finanças de um Lanterna, mas onde ele escolheria morar, qual escola marcial seus filhos poderiam frequentar, as conexões sociais e quem seus amigos e inimigos seriam. — Não queremos chegar a esse ponto, e é por isso que viemos juntos na esperança de chegarmos a um acordo.

O restante dos Lanternas se inclinou para a frente, concordando. Fuyin deixara os outros falarem primeiro, mas, como Hilo já havia suspeitado, ficou evidente que ele era o líder do grupo. *Isso não vai acabar bem.* Disso ele tinha certeza, mas, de qualquer jeito, falou:

— Não podemos diminuir os tributos assim de uma hora para a outra. Posso dar a minha palavra como Pilar que, conforme nossos negócios no exterior forem crescendo, vamos dividindo os lucros com todo o clã. O escritório da Homem do Tempo vai atenuar os impostos em etapas ao longo dos próximos cinco anos.

Ele não fazia a menor ideia se essa decisão fazia algum sentido financeiramente falando, mas parecia razoável. Como a aura de Shae não começou a irromper com raiva para cima de Hilo, deduziu que ela daria conta.

Fuyin meneou a cabeça.

— Nem dá pra chamar isso de acordo. Todos já concordamos que o justo seria o Desponta igualar a proposta do Montanha. E acreditamos piamente que uma mudança na administração do clã é necessária. Que ponham um fim a essa expansão de negócios internacionais e, em vez disso, foque em defender nossos interesses em casa.

A aura de jade de Shae tremulava de consternação, mas ela disse com firmeza:

— Se diminuirmos as taxas de tributo e ao mesmo tempo desistirmos da nossa fonte de renda que mais vem crescendo, o clã perderia dinheiro dos dois lados. Seria como pedir para que fossemos destruídos.

Alguns dos Lanternas murmuraram, mas Fuyin abriu as mãos num gesto de resignação.

— O Montanha está indo bem. Vocês querem dizer que o Desponta não consegue fazer a mesma coisa? Nesse caso, podem mesmo nos culpar se decidirmos nos unir pelo bem do nosso futuro?

Não soava como uma ameaça, mas era. Fuyin havia reunido meia dúzia de Lanternas descontentes e agora estava dizendo que, se o Desponta se recusasse a atender às suas demandas coletivas, iriam desertar em massa e se aliar ao Clã da Montanha. Até mesmo Shae ficou sem palavras diante de uma extorsão tão audaciosa.

Uma raiva carregada de decepção se assentou em Hilo.

— Fuyin-jen — começou o Pilar, focando toda a sua atenção no antigo Punho e ignorando os outros homens ali presentes —, por que você se prestaria a vir aqui me pedir alguma coisa sendo que já se aliou aos Montanha? É sob mando da Ayt Mada que você está tentando arrastar essas outras pessoas para a sarjeta também?

Fuyin assumiu um semblante impassível.

— Do que o senhor está falando?

— Faz meses que você vem pagando tributo ao Clã da Montanha. Posso mostrar para todo mundo aqui as provas que o Maik Tar encontrou… ou você pode admitir de uma vez em vez de ficar mentindo bem na minha cara. — As palavras de Hilo eram calmas, mas carregavam um gélido e inconfundível mau presságio. — Você não é só um Lanterna como os outros aqui. Você é um Osso

Verde que traiu o juramento ao clã.

Um silêncio absoluto recaiu sobre a mesa. O barulho efervescente do restaurante para além das portas de correr, abstraído até então, parecia uma cacofonia. Os outros Lanternas se recostaram nas cadeiras e foram empalidecendo enquanto Fuyin se levantava lentamente.

— Está me acusando de trair o clã? Eu era um Punho de alta patente quando você ainda não passava de um garotinho insolente da Academia. Quem traiu todos nós foi você, Kaul Hiloshudon.

A amargura que Hilo sentira na aura de Fuyin se expandiu numa tormenta, e o cauteloso verniz de educação que ele tinha mantido até então se desfez.

— Meu pai construiu um negócio de sucesso sem nada além de suor, garra e patronato do clã. Graças aos deuses ele não está mais entre nós para ver a empresa ser forçada a sair do mercado, e tudo porque você abriu nosso país para os estrangeiros igual uma puta abre as pernas. — A voz de Fuyin ficou embargada e trêmula. — Meu filho te admirava muito e queria ser igualzinho a você. Ele tinha só vinte anos, não fazia nem seis meses direito que tinha se tornado um Dedo, quando foi assassinado por *nada*, numa guerra entre clãs que jamais teria acontecido sob o comando do seu irmão ou do seu avô. E você tem a arrogância de contar com a minha aliança? Não, Kaul-jen, você como Pilar é um pirralho, e a sua irmã é uma lambe-botas de espênicos. Não te devo nada.

Hilo não falou nada por um longo instante, o que lhe era estranho. Conseguia Perceber o coração retumbante e a respiração presa na garganta de todos que o cercavam, principalmente de Shae, mas tudo parecia distante em comparação à pressão que ia crescendo em sua cabeça e mãos. Por fim, disse:

— Fuyin-jen, entendo que todas essas provações fizeram você me odiar, mas foi um erro permitir que a Ayt Mada te usasse. — Ele se levantou para encarar o sujeito. — Se estava tão insatisfeito assim, podia ter vindo conversar comigo a qualquer momento. Fosse para falar dos problemas nos negócios que estão te deixando com vontade de desistir da vida ou, se for incapaz de me perdoar pela morte do seu filho, poderia ter pedido para sair com honra, talvez até mesmo para formar seu próprio clã menor em algum outro canto do país. Pela boa reputação e sacrifícios da sua família, eu teria permitido. Não devia ter debandado para o lado dos Montanha, e não devia ter trazido outras pessoas de arrasto nessa tentativa de prejudicar o clã com essa porra desse teatrinho.

Fuyin aprumou a postura até assumir toda a altura que tinha. Aos quarenta anos, mas em excelente forma física, era mais alto do que o Pilar, e conhecido por treinar com Ossos Verdes muito mais novos.

— A sua sugestão, então, era que eu devia ter implorado para deixar a cidade onde nasci para viver como um forasteiro sem valor nenhum? Tá esperando que eu corte a minha orelha agora e te bajule pelo meu próprio bem? *Nunca*. — O rosto do sujeito ficou tenso, tomado por uma determinação alarmante. — Kaul Hiloshudon, Pilar do Desponta, eu te ofereço um expurgo por lâmina.

Sussurros chocados de apreensão atravessaram o recinto. Fazia anos que ninguém desafiava Kaul Hilo para um duelo. Fuyin disse:

— Diga onde e quan…

— Eu recuso. — As palavras de Hilo arrancaram o ar do ambiente. O famoso temperamento do Pilar assumiu suas feições. — Você é um traidor. Não merece um duelo. Sinto muito pelo seu filho e pela desgraça nos seus negócios, mas muitos de nós sofremos tragédias terríveis na vida e mesmo assim não rompemos nossos juramentos fraternos.

Fuyin ficou perplexo por um momento. Até mesmo Shae e Woon encararam Hilo, surpresos. Até onde todos sabiam, Kaul Hiloshudon nunca havia recusado um desafio pessoal. Fuyin titubeou, sem conseguir acreditar.

— Você é um covarde — vociferou.

— Eu sou o Pilar do clã — disse Hilo. — Seria tolice não presumir que você ainda é um hábil guerreiro, Fuyin-jen. Talvez você não tenha mais nada pelo que viver, mas eu não posso me dar ao luxo de sofrer qualquer ferimento que vá me obrigar a me afastar da minha família e das minhas responsabilidades. — Hilo franziu o cenho perante as próprias palavras, ciente de que estava se explicando mais para si mesmo do que para Fuyin. — Se você quiser continuar vivo, pode dar o que deve ao clã e aceitar ser exilado de Kekon. Caso contrário, posso te conceder uma morte por consequência, com uma lâmina na sua mão. Mas é só.

Enquanto Hilo falava, a porta de correr foi aberta e Juen Nu, o Chifre do Desponta, entrou acompanhado de Maik Tar e Iyn Ro. Os três Ossos Verdes tinham ficado esperando pelas ordens de Hilo lá embaixo, preparados para subir caso Percebessem qualquer ameaça vinda dos homens à mesa. De olhos arregalados, Seu Tino e Seu Eho se afastaram do traidor, como se ele tivesse virado uma bomba-relógio. O olhar de Fuyin disparava pelo recinto, e suas mãos tremiam enquanto ele permanecia ali, de pé e sozinho. De ambos os lados, Juen, Maik e Iyn começaram a dar a volta na grande mesa em direção a ele. Nenhum dos Lanternas ousou sair da cadeira.

Shae começou a se levantar; sua aura crepitava, sobressaltada. A Homem do Tempo havia reunido esses Lanternas para o que deveria ter sido um almoço conciliatório de negócios, mas estava prestes a se tornar uma execução.

— Hilo — sibilou ela, alto o bastante para ser ouvida. — Não é certo fazer isso aqui, desse jeito. Vamos…

Ninguém ouviu o restante da sugestão, porque Fuyin sacou uma pistola compacta de um coldre escondido no cós da calça e começou a atirar.

Tar reagiu de imediato, lançando um golpe de Deflexão na frente do Pilar que fez as balas de calibre pequeno ricochetearem direto para o teto, onde estouraram duas das luminárias pendentes. Woon agarrou Shae pelo braço e o puxou para trás do próprio corpo. Juen e Iyn empurraram os outros Lanternas para o chão. Fuyin Kan soltou a arma, imbuiu a si mesmo de Leveza e se atirou, cobrindo a extensão da mesa num único salto extenuante enquanto, com a faca talon desembainhada, mirava na garganta de Hilo.

O Pilar contra-atacou; saltou com Leveza para cima da mesa e atingiu o cotovelo de Fuyin, interrompendo a força cinética e a trajetória da lâmina. Ao dar um empurrão com força no centro de gravidade do oponente, Hilo desequilibrou Fuyin assim que o empresário perdeu a firmeza na Leveza e tocou a mesa com os pés. O antigo Punho tropeçou, mas lançou um golpe letal de Afluência que passou de raspão no Aço de Hilo bem quando ele virou o torso, girou bruscamente e usou a rotação para empurrar o sujeito adiante. Fuyin pisou numa tigela pela metade com sopa já gelada enquanto, desajeitado, foi cambaleando rumo à ponta da mesa. Pratos, copos e comida saíram voando debaixo de seus pés.

Muitos anos antes, quando era um adolescente na Academia, Hilo fizera treinos de equilíbrio e Leveza em que praticava embate com oponentes em cima de elevações finas e plataformas bambas. Na época, achava esses exercícios uma besteira. As lutas aconteciam no asfalto, no concreto, não sobre troncos em cachoeiras como se via nos filmes. No estrado da mesa de jantar, teve, por uma fração de segundo, uma lembrança de seus instrutores o ensinando que nenhum Osso Verde, independentemente de seu nível de preparo, tem a garantia de que pode escolher condições ideais. Emaranhados, enquanto os dois caíam para a frente, Hilo levantou a mão esquerda e segurou a nuca de Fuyin como se fosse uma bola de releibol que ele estava prestes a passar. A faca talon que apareceu em sua mão direita se elevou num flash e se afundou na garganta do empresário. Agarrando o cabelo do sujeito, empurrou o rosto de Fuyin na direção da mesa e o pescoço mais fundo na lâmina enquanto pousava sobre os joelhos com o estourar de pratos quebrados. Hilo cavoucou a faca para cima com toda a Força, destroçando-lhe a traqueia.

Fuyin se debateu por um instante, espalhando mais objetos para o chão antes

de ficar inerte; a poça de sangue debaixo de seu queixo foi se espalhando numa mancha escura sobre a toalha de mesa vermelha e se misturando à sopa derramada e pedaços de comida perdidos. Hilo desceu da mesa. Tudo tinha acontecido em menos de um minuto, e sua audição continuava abafada pelos tiros no espaço fechado. Quando se dirigiu aos cinco Lanternas restantes, que se levantavam do chão, nem sabia ao certo se estava gritando ou falando normal.

— Mais alguém aqui tem uma queixa pessoal ou está tão insatisfeito que quer assumir as reclamações do Fuyin?

Com o rabinho entre as pernas, os Lanternas recobraram a postura. Seu Eho olhou para o corpo de Fuyin e engoliu audivelmente antes de levar as mãos entrelaçadas à testa e se prostrar numa intensa saudação ao Pilar.

— Kaul-jen, sinto vergonha em dizer que, por egoísmo financeiro, me uni às ideias de Fuyin. Eu não sabia nada a respeito dessa chocante e abominável traição ao clã. Fico grato e completamente satisfeito com o acordo que o senhor sugeriu quanto às taxas de tributos.

— Eu também, Kaul-jen — informou Seu Tino na mesma hora, enquanto limpava as calças com as mãos. — Peço perdão pela minha tolice. Pensei que Fuyin estava se manifestando por todos nós, mas agora entendo que confiar nele foi tolice. Que sorte a nossa o senhor ter percebido o que ele estava armando logo de cara.

Envergonhados, os outros Lanternas assentiram e reiteraram sua inabalável fidelidade ao clã.

Hilo sufocou um ímpeto de mandar cada um deles levar uma baita surra antes de exigir que cortassem as orelhas diante dele para preservar a patronagem. Mas não sabia ao certo se os empresários eram fortes a ponto de aguentar algo assim e, com o cadáver de Fuyin ainda sobre a mesa, ele já tinha provado o que queria. Fazê-los se acovardarem ainda mais não renderia nada muito significativo além de satisfação. Hilo se virou, enojado.

— Tirem eles daqui — pediu aos Punhos.

Iyn Ro escoltou os Lanternas achincalhados para fora do estabelecimento. Estavam mais do que ávidos para sair de lá, e ficaram dando olhadas breves e nervosas para trás enquanto partiam. Alguns talvez ficassem de fato arrependidos ou preocupados a ponto de voltar com as orelhas numa caixa, mas Hilo não estava nem aí. Em sua opinião, nunca dava para contar com Lanternas sem jade. Protegidos pelo aisho e motivados por dinheiro, esperavam força e proteção de um clã patrono, mas mudavam suas alianças por benefício e pela própria sobrevivência. Não dava para culpar Ayt por fazer todo o possível para

roubá-los.

— É melhor eu ir conversar com o Seu Une e acalmar as coisas — disse Juen.

O barulho dos tiros e a violência tinham certamente perturbado o horário de almoço do Sorte em Dobro e deixado o velho proprietário do restaurante nervoso. Depois que o Chifre saiu, Tar passou os braços ao redor dos ombros de Hilo e, com uma petulância fingida, falou:

— Você acabou com ele rápido demais, Hilo-jen. Eu sou o seu Encarregado, não dava pra ter me deixado conquistar pelo menos um pouco da jade dele?

Hilo deu uma bufada amargurada perante o corpo espalhado de Fuyin sem nem encarar o sorrisinho debochado de seu cunhado.

— Leva a jade dele pro clã — disse o Pilar. — Não tenho a mínima vontade de pegar pra mim, ainda mais sabendo que o filho dele morreu pelo Desponta enquanto eu era o Chifre.

E rumou para a porta.

Shae bloqueou seu caminho; a aura de jade dela esfolava a dele com descontentamento.

— Vai sair daqui sem falar mais nada? — indagou a Homem do Tempo.

Hilo inflou as narinas ao ouvir o tom de voz da irmã.

— O que mais você quer que eu diga? Você me falou que precisávamos dessa reunião para resolver as coisas com aqueles Lanternas reclamões. Agora eles não estão mais reclamando, não é?

— E você não acha que a gente deveria ter conversado antes se você estava planejando executar o Fuyin na frente de todo mundo? Por que não me contou que tinha provas de que ele virou aliado dos Montanha?

— Porque eu não tinha — vociferou Hilo. — Tinha só o pressentimento. Quando vi a reação dele, foi aí que tive certeza. Ele já estava guardando rancor, então não é de se admirar que a Ayt tenha convencido ele. O sujeito estava determinado a morrer e me levar junto para a cova.

Apesar de saber disso, Hilo não conseguia evitar de levar a traição de um antigo Punho para o lado pessoal. As acusações de Fuyin lhe perturbavam a cabeça e ele queria sair dali, ir para longe do cadáver do sujeito.

Ele começou a empurrar Shae, mas ela o impediu de passar de novo.

— Isso aqui não é nada bom, Hilo — insistiu. — Executar um traidor pode até manter o povo na linha por um tempo, mas não resolve os problemas que fizeram aqueles Lanternas se voltarem contra nós pra começo de conversa. Faz tempo que não estamos discutindo os problemas do jeito que um Pilar e uma

Homem do Tempo devem fazer.

Hilo mostrou os dentes enquanto se inclinava sobre a irmã.

— Quer falar comigo como uma Homem do Tempo? Então faça o *trabalho* de uma Homem do Tempo. Me diz como que a porra dos Montanha tão gastando mais do que nós e roubando nossos negócios com taxas tributárias que sabemos muito bem que são insustentáveis. Me diz como a gente faz pra parar eles e sair *ganhando*. Se não for capaz, então me poupe dessas palestrinhas de merda.

Shae abriu a boca para retrucar, mas então a fechou com tanta força que ele ouviu o estalo de seus dentes de trás se chocando. Ela o encarou feio, com o rosto vermelho de irritação. Woon, que estava ali perto, colocou uma mão no ombro da Homem do Tempo e puxou-a para trás enquanto Hilo finalmente irrompia para fora dali.

Juen continuava conversando com Seu Une, que estava ansioso, então Hilo foi poupado das mãos nervosas e do cenho franzido do velho dono do restaurante. Parte dos fregueses de sempre do Sorte em Dobro tinham ido embora durante o breve rompante de violência, talvez preocupados com a possibilidade de o embate acabar vazando para o restante do estabelecimento, ou assustados devido ao ataque dos desordeiros no cassino Dobro Dobro na semana anterior. Outros, no entanto, continuavam por ali. Quando Hilo apareceu, murmuraram respeitosamente, tocando as testas e tentando espiar o espaço reservado com o corpo atrás dele, esticando os pescoços com o tipo de curiosidade mórbida dedicada a acidentes impressionantes de trânsito e incêndios prediais. Ao cair da noite, a fofoca de que Fuyin Kan, um traidor do clã, estava morto, teria se espalhado por toda Janloon.

Hilo saiu pelas portas da frente e entrou no assento do motorista do Duchesse Signa. Ele tinha uma vaga própria no estacionamento, guarnecida sempre que ele comia ali. Tar o seguiu para fora, bateu na janela do passageiro e se apoiou na abertura quando Hilo abriu o vidro.

— Pra onde você vai? — perguntou o Encarregado do Pilar, com uma rabugice que podia ser fruto de uma preocupação protetiva ou do mero desprazer de ter sido deixado para trás.

— Vou dar uma dirigida por aí pra desanuviar a cabeça — respondeu o Pilar, enfiando a chave na ignição. — Só ajuda o Juen e o Iyn a limpar as coisas. — Devido a relação cheia de idas e vindas que Maik Tar e Iyn Ro tinham, havia certas vezes em que Hilo ficava hesitante quanto a deixá-los juntos para lidar com questões do clã, mas os dois andavam se dando melhor ultimamente. — E se prepara pra sua viagem pra Porto Massy. Vai estar frio lá. Leva roupas

quentes. Já conseguiu tudo de que precisa? As passagens, o passaporte, e tudo mais?

— Aham, claro — respondeu seu cunhado.

— Daqui a algumas horas tô em casa. — Ele deixou Tar no estacionamento; pelo retrovisor, o Punho parecia vagamente desamparado enquanto via o Duchesse partir.



Hilo dirigiu por meia hora para nenhuma direção em específico, com o aquecedor a toda para desafiar o ar gélido que se assentava sobre a cidade como uma toalha fria contra a pele. As ruas estavam estranhamente deprimentes, com as cores vívidas de Janloon desbotadas pelo céu cinzento e sem sol. O povo estava animado pela neve que caía nas montanhas.

Quando deu por si, mesmo que nem tivesse pensado nisso, estava chegando nas Docas e estacionando em frente ao Clube de Cavalheiros Divino Lilás. Muitas coisas haviam mudado em Janloon no decorrer dos anos, mas o Divino Lilás, não. Hilo refletia ironicamente que se tratava de um estabelecimento confiável, que não sofria ameaças dos tempos modernos ou da competição estrangeira. Um manobrista pegou seu carro e, assim que passou pela porta, Sra. Sugo, a Lanterna proprietária, cumprimentou-o com um sorriso que lhe pareceu notoriamente falso. Claro, ela nunca demonstrou nenhuma descortesia, e sempre fizera questão de que suas visitas fossem exatamente como ele pedia, mas não havia dúvidas de que não gostava muito das aparições irregulares e desavisadas do Pilar.

— Kaul-jen — disse a Sra. Sugo com uma saudação. Depois, levou-o até um cômodo luxuoso e perfumado com cheiro de rosas que contava com um sofá. — Que coisa boa ver o senhor de novo. Gostaria que eu chamasse Sumi? Ou Vina?

Hilo meneou a cabeça.

— Outra pessoa.

O sorriso fingido da Sra. Sugo vacilou, mas continuou habilmente no lugar.

— Se o senhor me permite perguntar, Kaul-jen, apenas para poder servi-lo melhor, há algo repreensível a respeito das mulheres com que o senhor passou tempo aqui?

— Elas são putas — respondeu Hilo, sem maldade alguma, apenas exausto. Ele jogou a jaqueta por cima do encosto do sofá e se serviu de um copo de água com infusão de frutas cítricas da jarra sobre a mesa. — Só não me mande nenhuma que meu irmão usava. Não gosto de pensar nisso.

A Sra. Sugo comprimiu os lábios, escondendo a insatisfação com uma saudação submissa enquanto se retirava e fechava a porta ao passar. Hilo se jogou no sofá e fechou os olhos, massageando os cantos com os dedões. Nunca tinha entendido o motivo de Lan costumar vir a este lugar, e achava que seu irmão devia ter sido desesperadamente solitário. Agora, morria de pena de si mesmo por estar na mesma situação. Fazia seis anos que era o Pilar do clã. Mais tempo do que Lan. Ele e o irmão não haviam tido muito em comum, mas talvez a posição de Pilar fazia a mesma coisa com qualquer homem: isolava-o e o exauria antes de matá-lo, fosse rápida ou lentamente.

Não conseguia evitar e se perguntava se Ayt Mada, que assassinara tantas pessoas do próprio clã, alguma vez já se sentira decepcionada ou magoada como ele, ou se ela era naturalmente insensível e capaz de agir sem sentir. Havia tentado, sem sucesso, fazer com que Ayt fosse assassinada pela família Ven nos Montanha, mas não deveria ser surpresa alguma que sua inimiga estivesse disposta a tentar explorar qualquer insatisfação ou fraqueza no Desponta. Ainda assim, por mais que Hilo odiasse admitir, Shae tinha razão. A traição de Fuyin não era um caso isolado, e sua morte não resolveria o maior e mais gritante problema: depois de terem falhado em matar Hilo por diversas vezes, os Montanha agora estavam travando uma campanha persistente para destruir o Desponta economicamente.

Uma batida gentil à porta. Ele saiu do sofá, abriu o recinto e encontrou uma mulher adorável, de pele mais escura e com mais curvas do que a que o atendera na última visita dois ou três meses antes. Ela carregava uma bandeja de ébano com uma garrafa de hoji, alguns bolinhos de tâmara dispostos num delicado prato de cerâmica e dois copos.

— Kaul-jen — disse a moça, solícita, mas com um subtom na voz que sugeria que a Sra. Sugo e as outras garotas a haviam preparado para a ocasião. — Posso entrar?

Hilo segurou a porta aberta. Ela colocou a bandeja sobre a mesa baixa em frente ao sofá, se ajoelhou ao lado e, meticulosamente, dobrou a bainha da manga para abrir a garrafa e servir duas doses de hoji nos copinhos. A bebida era bem envelhecida, com um aroma robusto e complexo.

Hilo virou o líquido e então disse:

— Vai pra cama.

— Kaul-jen — respondeu a mulher, num tom sugestivo e tranquilizante —, não há pressa alguma. O senhor pode passar a noite aqui. Por que não relaxa um pouquinho e me deixa oferecer uma experiência mais prazerosa? Um tempinho

longe das demandas como Pilar certamente seria ótimo. Vamos tomar mais uma dose e então o senhor pode me contar sobre o seu dia.

Hilo curvou os lábios sarcasticamente.

— Tenho uma esposa e filhos em casa. Não preciso conversar. — Ele se levantou. — Se você cooperar, não vai demorar muito.

A cortesã o encarou. Ela abriu a boca, o que deu a entender que ia tentar persuadi-lo de novo, mas então pareceu chegar à indignada decisão de deixar para lá. Sem arriscar mais nenhum teatrinho, a moça virou a dose de hoji num gole rápido, se levantou e desamarrou o cordão ao redor de seu roupão de seda, que então caiu amontoado no chão. Deitou-se nua na cama, com uma carranca conformada que, por ser genuína, Hilo concluiu ser mais atraente do que o sorriso treinado. Ela tinha a pele macia e um sinal na parte de baixo da barriga, perto do umbigo.

Hilo se despiu. A garota arregalou os olhos ao ver as manchas de sangue nas mangas da camisa enquanto ele a desabotoava, e na faca talon que desembainhou e dispôs sobre a mesa, ao lado da bandeja. Arregalou mais ainda ao vislumbrar o torso desnudo do Pilar, as clavículas, o peito e os mamilos cravejados com peças cintilantes de jade.

— Não encosta em nada que a jade não vai te fazer mal — disse ele, ao perceber a ansiedade nos olhos da moça. Depois, pegou uma das camisinhas de cortesia que ficavam sobre a mesa de cabeceira. — Se vire e fica de quatro.

Depois de tê-la comido e de ela ter se levantado para ir ao banheiro, Hilo se vestiu, pegou a jaqueta, a faca e comeu dois dos bolinhos de tâmara. Deixou uma gorjeta generosa na mesinha de cabeceira. Era com clientes de longa data que essas mulheres faziam dinheiro de verdade, clientes que costumavam trazer presentes e pagar um extra para terem exclusividade. Como ele não esperava vê-la de novo, achava que era mais do que justo deixar uma compensação a mais pelo tempo que ela desperdiçou.

Lá embaixo, a Sra. Sugo desejou boa noite com um sorriso tenso. A irritação da proprietária era compreensível. O Divino Lilás era um estabelecimento de alto padrão, com cortesãs que eram capazes de tocar música, recitar poesia e acompanhar clientes em bailes de gala. E ele usava as dependências como um bordel barato. O Duchesse o esperava na frente do recinto. O manobrista não havia se dado ao trabalho de estacioná-lo em outro lugar, pois sabia, devido às outras visitas, que ele provavelmente ficaria pouco tempo lá dentro. Hilo circundou seu estimado carro e se abaixou para conferir debaixo da lataria. Desde que Maik Kehn, seu cunhado e antigo Chifre, havia sido assassinado por

uma bomba instalada num automóvel, Hilo era excessivamente cuidadoso com os veículos e os motoristas da família, sempre atento a ameaças que não podiam ser Percebidas com os sentidos de jade.

— Você chegou a tirar os olhos do carro, nem que seja só por um instante? — exigiu saber.

O manobrista jurou pela própria vida que não. Convencido de que ninguém havia mexido no Duchesse, Hilo entrou, virou a chave e foi embora.



Chegou em casa antes do jantar. Sua mãe e Kyanla, a governanta, conversavam na cozinha, e dava para sentir o cheiro de legumes sendo fritos. Niko, leitor precoce que era, levantou a cabeça de onde estava no sofá só pelo tempo necessário para dizer “Oi, Tio”, e logo voltou ao quadrinho, mas Ru e Jaya correram para cumprimentá-lo e ficaram tagarelando um por cima do outro para chamar a atenção e contar coisas. Deu um beijo na cabeça do filho, deixou a filha subir em seus ombros e então a levou para o segundo andar.

— Pai, me mostra a sua jade nova! — pediu Ru, que saltitava logo atrás do pai.

Hilo se virou no topo da escadaria e abaixou os olhos para o rapazinho.

— Que jade nova é essa?

— A jade nova que o senhor conquistou — intimou Ru, de pé na ponta dos pés para agarrá-lo pela cintura. — O tio Tar falou que o senhor matou alguém hoje, um homem que era do clã, mas que virou malvado. Cadê a sua jade nova?

Com a garganta, Hilo emitiu um ruído baixo de reprovação. Seu cunhado devia ter chegado mais cedo e já enchera o ouvido das crianças com uma versão simplificada dos acontecimentos do dia. Tar era sempre sincero com os sobrinhos e sobrinha a respeito das realidades de ser um Osso Verde, e achava que o certo era que compreendessem que o pai deles não era apenas pai, mas também o líder de um grande e poderoso clã, e era por isso que vivia ocupado e longe de casa. Que tinha inimigos que queriam matá-lo e que, às vezes, precisava matá-los primeiro para que pudesse voltar toda noite para colocar as crianças na cama.

A questão não era que Hilo discordava de Tar; só não queria Ru com a cabeça cheia de histórias dos Ossos Verdes. Só serviriam para que o pequeno ficasse remoendo tudo o que não tinha, em vez de se tornar confiante a respeito de quem era. Ru era um pedrolho; jamais usaria jade ou assumiria qualquer posição significativa no Desponta. Era triste para Hilo saber que seu filho nunca se

tornaria um guerreiro de jade, mas, de certa forma, era um alívio também ter a noção de que um de seus descendentes poderia viver uma vida simples e mais segura.

Sério, Hilo disse:

— Não tenho nenhuma jade nova. O que eu uso já basta, e devemos guardar o verde que conquistamos para o futuro, porque a gente já é muito afortunado. E para de ouvir tudo o que o seu tio Tar te fala. — Ele se abaixou, deixou Jaya no chão e fez carinho na cabeça dos dois. — Vão lá pra baixo e se arrumem pro jantar.

Depois que as crianças saíram correndo, Hilo se levantou e abriu a porta do quarto. Wen estava descansando, apoiada na cama com travesseiros que davam suporte às suas costas contra a cabeceira. Ela parecia exausta, como sempre ficava depois das sessões de fisioterapia. Reaprender a fazer as coisas mais simples, como caminhar com facilidade, passar um copo de uma mão para a outra ou ficar de pé sem precisar de apoio exigiam um esforço tremendo que a deixavam física e emocionalmente exaurida.

Hilo parou à porta por alguns segundos, então se aproximou e se sentou ao lado da esposa na beirada da cama. Colocou uma mão na perna esticada dela.

— Como foi hoje?

— Não foi tão ruim — respondeu Wen. — Eu consigo… en-encostar nos dedos do pé e… ficar de pé sem cair. — Um sorriso entristecido. — Já é uma con-conquista.

Ver Wen tão fraca e incompetente e ouvi-la falar com tanta dificuldade era algo que entristecia o coração de Hilo todo dia. Ele precisava sair do quarto de vez em quando, incapaz de vê-la cair num pranto desamparado pela frustração de não conseguir fazer coisas tão simples quanto proferir uma frase que estava perfeitamente formada em sua cabeça. Pelo menos Wen tinha melhorado muito desde o ano anterior, quando não era capaz de mexer um lado do corpo e mal falava com coerência. Ele se envergonhava de dizer que, naquela época, quando nem sabia ao certo se a mente e a personalidade da esposa haviam sobrevivido intactas, Hilo passara por alguns momentos tenebrosos de aflição quando se perguntara se teria sido menos cruel com os dois se Anden não tivesse conseguido revivê-la.

Wen sempre fora graciosa e eloquente, confiante de um jeito gentil, com uma força de vontade perceptiva e determinada. Hilo a tinha amado mais do que qualquer coisa no mundo. Agora, ele não sabia mais direito como se sentia. Às vezes, quando olhava para a esposa, sentia um ímpeto fervente e abrasador de

segurá-la, fazer amor e protegê-la a todo custo. Na maior parte do tempo, porém, sentia uma irritação dolorosa e letárgica, uma incredulidade gélida e uma raiva rancorosa. Ela o desobedecera, mantivera muito do que fazia em segredo do marido, se colocara em perigo, quase o deixara viúvo, e os filhos, órfãos de mãe. Ele fizera tudo de que era capaz para mantê-la a salvo e lhe dar tudo o que Wen poderia querer, para ser bom como esposo, e ela infligira toda essa dor à família.

— A Shae… vem… hoje à noite?

— Não — respondeu Hilo.

— Você devia… con-con-con… — Dava para vê-la se agarrando à palavra, tentando empurrá-la goela acima feito um pedaço de comida engasgada. — *Convidar* ela… pra vir mais aqui.

Hilo se levantou para sair sem responder. Wen esticou o braço para o marido, que se afastou. Foi possível ver a mágoa naqueles olhos. A essa altura, ela já devia estar acostumada a esse afeto indeciso. Às vezes, Hilo se odiava por isso, mas havia uma parte dele que queria puni-la, que queria machucá-la tanto quanto ela o machucara.

— O jantar está pronto — disse o Pilar, olhando para trás enquanto saía do quarto. — Se não estiver disposta pra descer, mando a Kyanla trazer um prato.




CAPÍTULO 3

Nuvens Ilegíveis

Depois que seu irmão saiu do recinto, Shae se sentou pesadamente em uma das cadeiras mais distantes do corpo de Fuyin Kan e apoiou a testa nas mãos. Não era culpa dela que a reunião tivesse acabado com facas em riste e derramamento de sangue. Era o que dizia para si mesma, mas a autoavaliação rasa não tinha nada de convincente.

Shae era a Homem do Tempo; era seu trabalho estar um passo à frente de todo mundo. *A Homem do Tempo lê as nuvens*, era o que dizia o ditado. Hoje, os instintos de Hilo haviam sido mais afiados do que o discernimento dela. A sensação não era nada boa. E era verdade que havia ido atrás de fazer negócios com a Espênia de formas que beneficiassem o Desponta, mas levou as indústrias kekonísias a competirem mais com o mercado internacional. Havia contribuído para os problemas de Fuyin e não conseguia culpar o sujeito por todo aquele ódio. Era responsabilidade dela manter a lealdade dos Lanternas do Desponta para que seu irmão não precisasse executá-los.

Woon se agachou ao lado da cadeira e colocou uma mão no joelho de Shae. Graças aos deuses que ele não se machucara no meio do caos. Era raro que seu Chefe de Equipe agisse sem pensar, mas, no momento em que Fuyin sacou a arma, tinha instintivamente tentado protegê-la mesmo que ela tivesse mais jade do que ele. Shae não sabia ao certo se deveria agradecer ou repreendê-lo.

— Shae-jen, tentar negociar um acordo era a coisa certa — disse o Sombra da Homem do Tempo baixinho. — Foi o Fuyin que começou com a violência, e provavelmente por uma recompensa considerável.

— É o tipo de arapuca que Ayt Mada armaria — concordou Shae, num tom taciturno. Se o Desponta atendesse às demandas dos Lanternas, o resultado seria uma tragédia financeira. Se deixasse que os empreendimentos partissem sem consequência, a tragédia chegaria ainda mais rápido. Shae ergueu a cabeça. Pelo menos agora, com Fuyin morto e sua traição revelada, tinham outras opções. — Ainda podemos tirar algum proveito desse caos se agirmos rápido e garantirmos que o espólio de Fuyin continue no clã.

O Chefe de Equipe assentiu de imediato.

— Felizmente, o Pilar não aceitou o duelo. — O vencedor de um expurgo por lâmina podia reivindicar a jade do oponente, mas jamais tocar em sua família ou bens. — Podemos comprar a parte dos herdeiros de Fuyin e vender partes da empresa dele com desconto para nossos outros Lanternas no setor varejista que andam pedindo ajuda. Isso deve deixá-los mais do que apaziguados. Vou entrar em contato com os mais importantes e falar com eles pessoalmente esta semana.

Isso garantiria que a mensagem fosse clara e viesse diretamente do escritório da Homem do Tempo: o traidor estava morto e tudo o que sua família havia construído iria para os leais.

— Obrigada, Papi-jen. — Shae colocou a mão em cima da dele. — Não sei o que eu faria sem você.

Parte da tensão nos ombros dela se dissipou, muito embora as palavras acres de Hilo continuassem lhe pesando o peito. Conhecia bem o desprezo do irmão, mas da última vez em que haviam se desentendido tanto assim, ela tivera a opção de escapar do país por dois anos. Agora, precisava trabalhar com Hilo para gerenciar o clã enquanto lidava com sua evasividade e recriminação. E não tinha nem como dizer que não merecia. Havia escondido coisas do Pilar, desobedecido, mandado Anden e Wen operarem um plano de assassinato em Porto Massy que quase resultara na morte dos dois.

E Hilo tinha razão a respeito de outra coisa: Shae não sabia como Ayt estava vencendo, ou como impedi-la.

Os funcionários do restaurante haviam isolado a área em torno do espaço privativo. Tar e Iyn removeram o corpo de Fuyin pelos fundos do prédio sem perturbar os outros clientes, e Seu Une veio com Juen para inspecionar o prejuízo nas paredes e nas luminárias, que seriam pagos pelo clã. Com eficiência, os garçons removeram a toalha de mesa manchada de sangue e

limparam a comida esparramada.

— É melhor voltarmos para o escritório. — Shae se obrigou a se levantar. — Hami deve estar nos esperando.



Hami Tumashon estava diferente de como Shae se lembrava dele. Depois de três anos no exterior, havia ganhado peso e adotado alguns maneirismos espênicos; vestia uma camiseta atlética por baixo do paletó e estava bebendo de uma enorme caneca térmica cheia de café aromatizado com noz-moscada quando entrou no escritório da Homem do Tempo. O mais perceptível para Shae foi que ele ainda não havia voltado a usar jade, e a ausência de sua costumeira aura de jade robusta o fazia parecer uma versão alternativa de si mesmo, algo vindo de outra realidade.

Shae também havia deixado de usar jade anos antes, então a reivindicara, e depois, violentamente, perdera quase tudo de novo. Será que, em cada um desses traumáticos pontos de virada de sua vida, a realidade havia de fato se fragmentado? Talvez, em alguma linha do tempo alternativa, uma Shae diferente tenha seguido em outra direção, e a mulher que permaneceu aqui parecesse, para as outras pessoas, uma substituta desconcertante de tão mudada.

Enquanto ela e Woon estavam no Sorte em Dobro, um almoço fora servido na principal sala de conferências para que o escritório celebrasse o triunfante retorno de Hami à Janloon. O antigo Mestre da Sorte havia fomentado as operações da filial do clã em Porto Massy até acabar com uma equipe de vinte funcionários que, recentemente, havia se mudado para um escritório maior no centro da cidade. O lucro das ações espênicas havia se expandido até atingir impressionantes oito por cento do total do clã, isso sem nem levar em consideração o aumento dos empreendimentos tributários do Desponta em Kekon como resultado da facilitação em atividades de importação e exportação. Era uma ironia amarga que um homem tivesse sido executado hoje por ter se revoltado contra um dos aspectos positivos na sorte do Desponta.

— Terun Bin trabalha feito um touro e tem a mente mordaz feito uma faca talon. Ele vai se dar bem por lá — declarou Hami, acomodando-se em frente à Shae na área de estar do escritório dela.

Terun Bin seria o sucessor de Hami. Aos 28 anos, o sujeito já era um Agente da Sorte veterano de grande prestígio, mas, infelizmente, tinha uma fraca aptidão com jade, talvez por ser um quarto abukiano, mesmo que não parecesse nem de longe ser de ascendência mista e poucos soubessem disso. Havia estudado em

uma competitiva instituição acadêmica e não em uma academia marcial, e ganhou apenas uma única pedra de jade por meio de um treinamento particular. Por sugestão de Woon, Shae promovera Terun e o mandara para Porto Massy, onde a falta de verde não prejudicaria sua reputação, e Hami passara os últimos dois meses preparando-o para assumir o cargo mais alto de lá.

— Você conquistou ainda mais do que eu esperava — disse Shae. — Terun terá um enorme legado a sustentar.

Ela gesticulou para que a secretária trouxesse chá. Ainda estava com os nervos à flor da pele, e ficou feliz pelo fato de que, sem jade, Hami não teria como Perceber a persistente agitação em sua aura. Woon provavelmente percebia, mas jamais comentaria a respeito.

Uma coisa que não havia mudado em Hami era sua franqueza.

— O problema que enfrentamos na Espênia é a jade, que continua sendo ilegal no país. É algo que Terun não pode resolver, não importa o quanto seja esperto ou trabalhador. Enquanto a situação continuar assim, tudo o que construímos lá segue em risco e pode acabar comprometendo o clã no futuro.

Woon estava sentado entre os dois, na poltrona à direita de Shae.

— Mantivemos nossos negócios na Espênia completamente separados de qualquer atividade que envolva jade no lado do clã que diz respeito ao Chifre e tomamos precauções para isolá-los legalmente.

— Tudo isso exige muito mais do clã, tanto em esforço quanto em custos — argumentou Hami. — Ao longo dos anos, fui contratando Agentes da Sorte de Janloon para trabalharem na filial de Porto Massy, mas vários recusavam a oportunidade porque eles ou membros de suas famílias eram Ossos Verdes que não estavam dispostos a ficar sem jade para se mudarem para a Espênia. E o problema vai para além do escritório da Homem do Tempo. Diversas de nossas empresas kekonísias gostariam de expandir internacionalmente, mas é difícil demais para os funcionários irem e virem da Espênia já que todo Osso Verde precisa se incomodar com o visto, que exige uma papelada adicional para documentar a jade ao entrarem e saírem e, mesmo assim, podem ficar vinte dias por ano lá.

Shae suspirou. Ela sabia que isso era um problema.

— Estamos contratando mais advogados para cuidarem disso, e procurando maneiras de otimizar o processo.

Hami tocou na ferida:

— Quantos dos alunos que o clã financia para estudarem no exterior são Ossos Verdes? Vou deduzir que não muitos. Que família quer mandar o filho ou

filha para a Academia Kaul Dushuron por oito anos para se tornarem proficientes nas ordenações de jade só para depois se mudarem para um lugar em que usar jade é crime? Ainda assim, é nos Ossos Verdes que mais gostaríamos de investir. Eles é que são os mais leais ao clã, que voltariam e usariam a educação estrangeira em benefício do Desponta. — Hami suspirou alto. — Essa lei inútil e ignorante da Espênia está causando atritos comerciais caros demais para nós.

Com as duas mãos, Shae segurou a xícara de chá quente que a secretária deixara à sua frente. Estava desacorçoada, mas nem um pouco surpresa com tudo o que Hami falara até então. No entanto, o antigo Mestre da Sorte ainda não havia terminado. Ele tomou um gole barulhento de café e disse:

— E talvez fique ainda pior, Kaul-jen. Há rumores de que a lei pode mudar de novo e de que haverá penalidades graves para empresas espênicas que fizerem negócios com qualquer instituição que o estado de lá considere uma "organização criminosa". Como é ilegal que civis tenham jade, e os clãs Ossos Verdes possuem e distribuem jade, poderiam declarar o Desponta como uma "organização criminosa" e não apenas impedir que outras empresas trabalhem conosco, mas, no pior dos casos, nos barrar de manter qualquer operação no país se quisessem.

Woon puxou a cabeça para trás, incrédulo.

— O próprio estado espênico compra jade de Kekon para uso militar. Se nos declararem criminosos por algo que faz parte de nossa cultura há milhares de anos, então não teriam também que declarar o próprio governo como ilegal?

Hami jogou as mãos para o alto.

— É a Espênia — exclamou. — Eles fazem o que querem e quem é que se preocupa com hipocrisia por lá? Usam dinheiro e leis ardilosas do mesmo jeito que nós usamos as ordenações de jade… como uma espécie de técnica de combate. Enquanto eu estava lá, ouvi a história de um senhorio do país que há centenas de anos criminalizou pegar água de um determinado rio só para que pudesse enforcar os líderes de uma cidade inteira. Talvez seja só um mito, mas eu acreditaria.

Uma batida à porta de Shae. A secretária de Woon abriu uma fresta, colocou a cabeça para dentro e, assentindo em um gesto de desculpas, informou:

— Desculpa interromper, mas, Woon-jen, sua esposa está ao telefone. Falei que o senhor estava em uma reunião com a Homem do Tempo, mas ela insistiu.

O rosto de Woon ficou tenso de vergonha e de uma irritação que não lhe era característica.

— A menos que seja uma emergência, diga para ela que eu retorno a ligação depois — disse ele. Quando a secretária, aflita, recuou e fechou a porta, Woon falou para Shae e Hami: — Peço desculpas.

— Não precisa se desculpar. — Preocupada, Shae deu uma olhada em seu assessor.

A breve perturbação na expressão de Woon havia sumido e o sujeito parecia estar bem de novo, mas, de tão familiarizada com a aura de jade dele, Shae era capaz de Perceber o sutil zunir de inquietação que havia se assentado ali.

— Já estamos quase terminando mesmo — disse ela, e se virou de novo para Hami. — Você fez bem em trazer esse assunto à tona. Concordo que é um problema a longo prazo com o qual precisamos lidar, mesmo que seja grande demais para resolvermos hoje. Por enquanto, você sente que tem o que precisa para se acomodar de volta em Janloon e começar seu novo cargo, Hami-jen? — Por força do hábito, Shae usou o respeitoso sufixo dos Ossos Verdes, mesmo que ele não vestisse nenhuma jade e, ao perceber o erro cometido, corrigiu, um tanto acanhada: — Você quem decide, é claro, se vai voltar a usar jade ou não.

Ela entendia melhor do que ninguém que isso era uma decisão pessoal, uma escolha que podia ser mais difícil do que outras pessoas pensavam.

Hami apertou os lábios, pensativo.

— Acho que vou, mas não agora. Preciso de um tempinho para acertar umas questões de família e voltar à rotina, e só depois vou estar pronto para usar jade de novo. — A família de Hami havia se mudado para uma casa nova, e seu filho mais velho logo entraria no primeiro ano da Academia Kaul Dushuron. — Além do mais, imagino que continuarei viajando para Porto Massy com frequência, então, para evitar toda a incomodação legal que discutimos e sermos mais práticos, quanto menos verde eu tiver, melhor.

A partir de hoje, Hami seria o Mandachuva do clã (uma nova e necessária posição que Shae criara, um cargo que seus antigos colegas da Universidade de Administração Belforte teriam chamado de diretor de desenvolvimento internacional). Hami e alguns subordinados seriam responsáveis em melhorar a comunicação e a coordenação entre o escritório de Janloon e a filial do clã em Porto Massy, assim como por procurar novas oportunidades de expansão internacional, algo que parecia ainda mais importante agora.

— Você tinha razão, Kaul-jen — admitiu Hami. — Longe de casa a gente se acostuma a não ter mais jade, e é esquisita a sensação de estar de volta. Em certos aspectos, não ser verdejante é mais fácil. Assim que eu usar minha jade de novo, vou ter que voltar a ser um tipo específico de pessoa. — Ele bufou e

gesticulou com uma autodepreciação irônica para os pneuzinhos na barriga. — Vou precisar de uns meses para voltar à forma e para recuperar minhas habilidades de jade depois de tanto tempo afastado.

— Você é inestimável para o clã de qualquer jeito, Hami-jen — disse Shae, usando o sufixo de propósito agora. — É bom tê-lo de volta aqui, em casa.

Depois que Hami partiu, Woon falou:

— Você precisa de mais alguma coisa por enquanto, Shae-jen? Se não precisar, vou começar a cuidar do espólio do Fuyin, como conversamos.

— Não esquece de ligar para a sua esposa primeiro. — Shae o relembrou enquanto ele se levantava, mas a provocação falhou e não rendeu nem um sorrisinho. Ela perguntou: — Papi-jen… está tudo bem? Esta semana você estava meio estranho.

Shae não tinha planejado trazer o assunto à tona, mas o Sombra da Homem do Tempo parecera estranhamente cansado, e a mandíbula normalmente bem asseada estava escurecida por uma sutil barba por fazer.

Woon fez uma careta e, constrangido, esfregou o lado do rosto. Um pulsar de infelicidade anuviou sua aura.

— Peço desculpas, Shae-jen. Sei que ando distraído. Vou tentar melhorar.

— Não foi nenhuma crítica. — Se o rendimento de Woon caíra, ela não percebera, e fazia mais de seis anos que trabalhava diariamente com ele. — Estou perguntando apenas como amiga. Se não quiser falar a respeito, tudo bem.

De repente, Shae ficou preocupada que tivesse se expressado mal… talvez soado indiferente, ou preocupada de um jeito inapropriado, que tivesse parecido defensiva ou contrita demais.

Woon hesitou. Depois, admitiu baixinho:

— Kiya teve outro aborto. — Ele desviou os olhos, como se estivesse envergonhado por compartilhar um infortúnio tão pessoal. — Acho que tem sido muito pesado para ela. Para nós dois.

Shae tentou, em vão, encontrar o que dizer.

— Sinto muito. Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? Você precisa tirar alguns dias?

O Chefe de Equipe meneou a cabeça.

— Já passamos por isso antes, e eu sei que não há nada que eu possa dizer ou fazer para que ela se sinta melhor. No trabalho, pelo menos posso ser útil para você e para o clã. Mas Kiya tem me ligado aqui no escritório diversas vezes por dia, às vezes brava. Ela não entende que…

Ele se interrompeu com uma careta.

Shae agarrou a xícara vazia, e então a soltou antes que a quebrasse sem querer. Woon trabalhava incansavelmente por ela. A Homem do Tempo dependia dele mais do que de qualquer outra pessoa, não apenas para impulsionar sua estratégia no lado empresarial do clã, mas também para desafiá-la e aconselhá-la em particular a todo momento. Mas ela sabia que não podia ser fácil para a esposa de Woon vê-lo tão pouco e receber menos atenção do que deveria porque o marido vivia ao lado de outra mulher, mesmo que essa mulher fosse a Homem do Tempo do clã.

Queria ter algo sincero e encorajador para dizer, mas seria esquisito falar da esposa de Woon. Shae suspeitava que Kiya não gostava dela. Esticou a mão e deu um apertãozinho no braço de seu amigo no que esperava que ele fosse aceitar como um gesto de compreensão.

Woon ficou tenso sob o toque. Ele se acomodou de volta na poltrona da qual tinha acabado de se levantar e se curvou adiante, com os cotovelos sobre os joelhos, analisando o chão por um instante antes de, relutante, levantar a cabeça e encará-la nos olhos. Quando estava preocupado ou perdido em pensamentos, um vinco aparecia no lado direito da testa de Woon, e Shae costumava ficar tentada a se aproximar e alisá-la com o dedão.

— Shae-jen… esse trabalho… não é muito bom para a vida familiar. O Homem do Tempo está sempre pensando no clã, e a prioridade número um do Sombra é sempre o Homem do Tempo. — Sua inabalável aura de jade emitiu um pulsar suave e desanimado. — Não era assim que eu queria falar disso, mas eu posso esperar o quanto for que nunca vai ficar mais fácil. Acho que talvez seja hora de eu pensar em assumir outro papel.

Shae conseguiu assentir.

— Claro, eu entendo. — As palavras pareciam empoladas ao sair. Ela não conseguia fingir que estava feliz por Woon pedir para sair do cargo. — Sinto muito por não ter percebido que você precisava de uma mudança. Você me pediu para ser remanejado anos atrás e acabou ficando por muito mais tempo, e eu não tinha direito nenhum de esperar isso de você.

Woon ficou com o rosto corado.

— As circunstâncias eram… diferentes naquela época. E não é que eu queira sair. Estou pensando no que é melhor para o meu casamento. Se fosse só por mim, isso nem seria uma questão.

Com esforço, ela ofereceu um sorriso solidário.

— Vamos juntos pensar em qual é o melhor cargo para você daqui pra frente. Seja qual for, terá meu apoio. Só espero que você possa ter mais um pouquinho

de paciência até encontrarmos alguém para te substituir como Sombra da Homem do Tempo.

— Claro, eu jamais sairia antes disso. — A postura de Woon relaxou frente ao rápido consentimento de Shae, mas seus olhos continuaram com um quê de perturbação. — Obrigado pela compreensão, Shae-jen.

Ele se levantou de novo e hesitou. Por um instante, parecia que queria dizer mais alguma coisa. Em vez disso, ofereceu um sorriso abatido para ela e saiu do escritório, deixando-a a sós com o barulho dos corredores e cubículos próximos e se indagando como era possível estar cercada por centenas de pessoas e ainda assim se sentir completamente sozinha.




CAPÍTULO 4

O Encarregado do Pilar no Exterior

Maik Tar gostava de ter coisas para se manter ocupado, mesmo que isso significasse ser enviado quase para o outro lado mundo e acabar num barco na Baía de Whitting em meio ao inverno espênico. Ter tarefas específicas em que focar (arranjar um passaporte e documentação falsos, angariar informações, falar com as pessoas certas, esquematizar, arrumar o barco e o equipamento) evitavam que bebesse demais e acabasse mal-humorado. E então, ao fim de toda a preparação: o rompante de expectativa e a adrenalina, o sabor mordaz de uma satisfação violenta. Hilo-jen confiava mais nele do que em qualquer outra pessoa, dava-lhe trabalhos que eram difíceis e brutais porque ninguém mais seria tão tenaz, efetivo e discreto. Saber isso era uma luz para Tar, até mesmo nos mais obscuros dos momentos.

Alguém lhe contara que, durante os movimentados meses de verão em Porto Massy, barcos particulares e de passeio lotavam o porto e subiam e desciam o Rio Camres, mas, tarde assim da noite em época de baixa temporada, não havia nenhuma outra embarcação na água. Tar bateu os pés no chão e soprou nas mãos em concha enquanto xingava o frio absurdo e observava a difusa silhueta do píer se afastando à distância. Quando mal conseguia ver a costa, gritou para Sammy,

que estava na cabine:

— Aqui já tá bem longe. Desliga o motor.

A lancha sacolejou com gentileza no escuro. Tar abaixou a cabeça e se segurou no corrimão para ir até o interior da embarcação. A cabine era iluminada por duas lâmpadas incandescentes no teto e o chão estava coberto por lonas plásticas e panos de proteção. No meio do recinto, havia um sujeito amarrado numa espreguiçadeira de alumínio. Na primeira vez em que Tar vira Willum "Canela Seca" Reams, o sujeito vestia um terno grafite, chapéu de feltro com abas largas e estava sentado ao lado do Chefe Kromner na Mansão Tórica. Agora, ele estava sem camisa, com os pelos escuros e finos do peito arrepiados e o rosto machucado nos pontos onde fora espancado e amordaçado durante o transporte. Sapatos e meias haviam sido removidos, e seus dedos descobertos se dobravam de frio.

— Como vão as coisas aqui embaixo? — perguntou Tar.

Kuno estava ajoelhado ao lado de um grande tanque de metal, misturando cimento de secagem rápida com uma pequena pá. Sentou-se sobre os pés e passou a mão enluvada pela testa.

— Esse troço vai demorar mais pra secar nesse frio — disse.

— Tem um aquecedor naquele armário ali. Podemos ligar. — Tar mesmo cuidou disso.

A noite passaria mais rápido com mais mãos ajudando, mas ele havia trazido apenas Sammy e Kuno. Quanto menos gente, melhor, já que Tar não conhecia ou confiava nesses Ossos Verdes keko-espênicos tanto quanto em seus próprios homens de Janloon. Teria preferido Doun ou Tyin, mas já tinha sido trabalhoso demais arranjar uma identidade falsa e, para minimizar os riscos e manter uma boa relação com Dauk Losunyin, o Pilar local, Kaul Hilo não quisera que ficasse parecendo que o Desponta estava se passando como autoridade em Porto Massy.

Canela Seca olhou em volta com uma raiva gélida e sem surpresa alguma.

— Seus kekes canalhas.

Tar parou na frente do sujeito e olhou para baixo.

— Por que veio parar aqui? Você sabe? — perguntou em espênico. Não falava o idioma muito bem, mas essa não era sua primeira viagem ao país.

Havia acompanhado o Pilar na primeira visita, mais de três anos antes. Desde então, retornara algumas vezes em nome do Desponta para treinar os Ossos Verdes locais e fazer alguns serviços para o clã. Tinha aprendido o suficiente para se virar. Não precisava falar muito.

Canela Seca abriu as mãos, que estavam amarradas aos braços da cadeira

pelos punhos.

— Já joguei um bom punhado de homens no rio — admitiu num tom sorumbático. — Deus sabe que não falta gente pra dizer que eu merecia estar lá no fundo também. — Olhou para Tar com nojo. — Mas não pensei que fosse pelas mãos de vocês, kekes. Ainda estão ressentidos por causa do Rohn Toro, mas não teriam dado conta disso aqui sozinhos.

— Rohn Toro é um dos motivos, sim — concordou Tar. Sammy e Kuno estavam entre os amigos e pupilos de Rohn na comunidade keko-espênica de Ossos Verdes; haviam testemunhado anos de um assédio brutal por parte dos Tripulantes contra a vizinhança kekonísia de Arapuca Sul, e foram os primeiros a chegar à cena do assassinato de Rohn. Era por isso que estavam aqui, sob aprovação de Dauk Losun, para fazer justiça. Mas, de qualquer forma, Canela Seca estava certo: como novo Chefe da Tripulação do Sul, era cuidadoso e guarnecido demais para que qualquer um, até mesmo Ossos Verdes, o capturassem desprevenido sem ajuda interna. — Mas vocês espeniquitos são todos iguais. Não dá de confiar, nem mesmo uns nos outros.

Kuno se virou de onde estava, ainda misturando o cimento. Apontou a ponta da pá para o prisioneiro e falou em espênico fluente:

— Os outros Chefes, seus colegas, não ficaram lá muito tristes que você vai partir, não, Canela. Para começo de conversa, todos eles, o Joren Gasson e os Slatter, deduziram que você ajudou a colocar o Kromner na cadeia e, depois que você meteu todo mundo no radar da polícia por ter assassinado o Rohn e quase ter matado dois kekonésios, eles mal podiam esperar para se ver livres de você e fazer as pazes com a gente.

— Uns filhos da puta sem visão. Entregar um tripulante desse jeito sendo que são vocês, kekes malditos, e as suas pedras venenosas que precisam sumir da face da terra. — Ele cuspiu no chão. Os dedos de seu pé estavam brancos de frio. — Vai de uma vez.

Tar meneou a cabeça.

— Você matou Rohn Toro. E se tornou inimigo do seu próprio povo. Mas não para por aí. Não é só por isso que *eu* tô aqui. — Tar tirou o casaco e deixou-o de lado. Agora estava ficando mais quente no barco. Ele arregaçou as mangas e sacou a faca talon da bainha à cintura. — Você estrangulou minha irmã quase até a morte. Agora ela não consegue andar ou falar direito. Você não sabe quem ela é, ou quem eu sou, né? Mas não importa. Só precisa saber que isso é pessoal, diretamente do Clã do Desponta.

Canela Seca fora um Tripulante desde que atingiu a maioridade, e era

considerado por todos do submundo de Porto Massy como um sujeito durão pra caramba, mas Tar pôde Perceber o medo animalesco despontando nele conforme os olhos do espênico viajavam da ponta da faca curva ao rosto do Osso Verde, à sua expressão ensandecida.

— Kuno, sobe lá pro deque com o Sammy — ordenou Tar, agora em kekonês. — Quando eu precisar, chamo vocês.

O Osso Verde mais novo hesitou.

— Maik-jen — disse o rapaz, incerto, lambendo os lábios ressecados. — O Dauk Losun falou que era para sermos rápidos e cuidadosos, do jeito que Rohn-jen sempre…

Tar virou a cabeça num movimento rápido, e a luz selvagem em suas pupilas dilatas junto com a faca em sua mão convenceu os outros homens a obedecerem sem contra-argumentar. Kuno soltou a pá, tirou as luvas e jogou um pano molhado por cima do tanque para evitar que o cimento secasse. Subiu ligeiro para o deque, com apenas uma olhada rápida e apreensiva para trás.

Tar se virou de volta para o sujeito na cadeira. Já não era mais Willum Reams, já não era mais ninguém, apenas mais um inimigo do clã, uma cabeça serpeante de uma fera junto com várias outras. O clã tinha diversos inimigos e, às vezes, se misturavam num borrão na cabeça de Tar, porque, no fim das contas, todos tinham algo terrível em comum, então, de certa forma, eram todos a mesma coisa. Não deveriam ser capazes de machucar e matar Ossos Verdes poderosos. Homens que eram melhores do que eles, homens como Maik Kehn. Mas matavam, tinham matado, e talvez matassem de novo. Eram responsáveis pelo vazio que seguia Tar por todo canto agora que ele sabia que nunca mais veria ou falaria com o irmão de novo. Então, quando o sujeito na cadeira começou a gritar, a impressão de Tar era de que estava ouvindo seus próprios berros, externalizando seus próprios sentimentos.




CAPÍTULO 5

Mantendo as Aparências

sexto ano, quarto mês

Durante a semana de Ano-novo, o cronograma da família Kaul estava repleto de obrigações festivas, e a mais importante de todas era o banquete e festa para o alto escalão do clã. Toda a liderança do Desponta estaria presente, junto com os Punhos e Agentes da Sorte mais veteranos, Lanternas proeminentes e oficiais do governo e figuras públicas associadas ao clã. Wen esteve ocupada por semanas antes da festividade, montando a lista de convidados e organizando a comida, música, decorações e segurança. Hilo a mandou delegar o trabalho para a equipe responsável pela casa e contratar mais pessoas para não se exaurir demais, mas ela estava determinada a manter a supervisão do evento. Tinha medo de algo dar errado nesse momento em que o clã não pode mais sustentar nenhuma demonstração de fraqueza.

Na noite da festa, Lina, sua cunhada, veio para ajudá-la a se vestir, amarrar o cabelo e a passar maquiagem. Depois da morte de Kehn, Lina desocupara a casa do Chifre para Juen Nu e se mudara da propriedade Kaul a fim de ficar mais perto de sua própria grande família, mas ela e Wen continuaram bem amigas.

— Você fica linda de verde — elogiou Lina, animada enquanto fechava os botões atrás do vestido de Wen, talvez por ter percebido a tensão em seus ombros e pescoço, a ansiedade resoluta em sua boca rija.

Wen conseguia ouvir o barulho cada vez mais alto vindo do pátio conforme o espaço ia se enchendo com os convidados. Quando olhou pela janela do segundo andar, pôde ver carros caros estacionando um depois do outro na rotatória, trazendo homens de terno e mulheres de vestido.

De smoking, Hilo entrou no quarto.

— Tem certeza de que quer ir? — perguntou. Os dois mal haviam se falado nas últimas semanas. Wen normalmente já estava dormindo quando o marido chegava. Outras vezes, ele ia para a cama sem nem a tocar e já havia partido quando ela acordava. Agora, Hilo a olhou com firmeza pelo que, para Wen, pareceu a primeira vez em meses. A expressão do Pilar se tornou mais leve. — Não precisa ir. Não tem problema.

Wen deu um sorriso fraco.

— Você sabe que… tem problema, sim.

Era difícil verter os pensamentos aprisionados em palavras ou fazer essas palavras saírem suaves e corretas, mas ela era perfeitamente capaz de ouvir as notícias e escutar as conversas do clã. A traição e execução pública de um Lanterna Osso Verde era algo incomum e foi muito discutido, e o recente ataque ao cassino Dobro Dobro havia trazido preocupação a respeito de novos ataques de extremistas anti-clã durante a época festiva. Ambos os incidentes passaram a impressão de que o Desponta estava na defensiva, passando sufoco para proteger seu patrimônio. Não era uma boa imagem para se passar numa época de muito medo de que Kekon pudesse se tornar o próximo palco do conflito global entre Espênia e Ygutan. Enquanto isso, o Clã da Montanha parecia estar cheio de dinheiro, e seus membros gostaram de Ayt Mada ter apresentado o sobrinho adolescente como herdeiro. Os inimigos estavam esbanjando nas celebrações de Ano-novo.

Ela andou em direção a Hilo, que lhe ofereceu o braço. Wen se segurou ali, se equilibrou e se sentiu mais baixinha do que de costume ao lado do marido, já que agora era impossível usar saltos altos.

— Não… me deixa ca-cair.

O importante naquela noite eram as aparências. A família Kaul precisava exibir sua face mais forte e unificada. Como esposa do Pilar, todos esperavam que Wen fosse a anfitriã do evento. Sua ausência seria vista como prova da enfermidade que a assolava. Hilo não falou nada, mas andou pacientemente com

ela escada abaixo, posicionando-a à esquerda (seu lado mais forte) do corrimão para que pudesse pisar com a perna mais fraca primeiro, um passo de cada vez.

— Hoje… é nosso aniversário de casamento. Lembra? — perguntou ela, diminuindo a velocidade com que pronunciava as palavras para evitar que se embolassem. Os dois haviam se casado na véspera de Ano-novo, um dia antes de Hilo ter ido salvar o clã num expurgo por lâmina.

— Claro — disse ele, não sem gentileza, mas a franqueza casual da resposta curta fez Wen morder o lábio. Os momentos de pura crueldade de seu marido eram raros e breves (um olhar gélido, uma fala mordaz, um ímpeto de mágoa ou raiva em relação a qualquer coisa que lembrasse a falta de honestidade dela no passado e do quanto chegara perto da morte por causa disso). Cada um desses casos parecia corrosivo para a alma de Wen, mas a distância proposital que Hilo havia instaurado entre os dois era muito pior. Depois de ter vivido tanto tempo sob a intransigente luz do amor de Hilo, a ausência de afeto era um inverno inerte e sem fim.

Wen tinha deduzido que isso fosse acontecer em algum momento; que Hilo descobriria havia quanto tempo e quão profundamente ela vinha se envolvendo em assuntos do clã pelas suas costas e contra seus desejos, o uso da deficiência como pedrolha para movimentar jade e arriscar a própria vida. Claro que ele ficaria bravo, mas ela contara com o fato de que poderia se explicar, falar com Hilo do jeito que sempre fora capaz de fazer, assegurá-lo e acalmá-lo para que ele viesse a compreender, e Wen tinha certeza de que, com o tempo, ele entenderia.

Nunca teve essa chance. Quando mais precisava se comunicar, mal era capaz de se expressar, e tinha dificuldade até para juntar algumas poucas palavras de forma coerente. E Hilo… se ele ao menos tivesse conseguido extravasar com ela, libertar as rédeas de sua mágoa e da sensação de traição, talvez tivesse esgotado parte da força desse sentimento. Mas pelo choque da quase morte da esposa e pela necessidade de cuidados dela, ele não pudera fazer isso.

Ao fim da escada, Wen parou para respirar fundo e se ajeitar. Hilo colocou a mão na lombar dela, que descansou brevemente contra o toque gentil. Juntos, foram ao pátio para encarar o clã.

Uma onda de mãos erguidas às cabeças em saudação e gritos de “Kaul-jen! Nosso sangue pelo Pilar!” os recebeu assim que colocaram os pés para fora da casa. Wen engoliu em seco e forçou um sorriso receptivo em direção à maré de rostos — pessoas importantes de cada parte do clã a estavam vendo ao lado do Pilar pela primeira vez em mais de um ano e meio. Ela começou a agarrar o

braço de Hilo com mais força, mas se conteve, pois não queria passar a impressão de que estava se segurando nele em busca de equilíbrio.

Ele ergueu o braço desocupado num cumprimento e aumentou o tom de voz para se dirigir à multidão:

— Irmãos e irmãs, minha ordem como Pilar esta noite é que é melhor vocês comerem toda essa comida e esvaziarem esses barris de hoji!

Risadas, seguidas por um grito empolgado, provavelmente de um Punho que já tinha bebido demais:

— Estou pronto para morrer pelo clã!

Wen avistou Shae, num vestido preto modesto, mas que a valorizava, revirando os olhos e tomando um gole da taça de vinho.

Normalmente, os dois caminhariam ao redor do pátio com decoração festiva, cumprimentando membros do clã e aceitando suas honrarias, mas, hoje, Hilo a guiou até a mesa principal e ajudou Wen a se sentar. Ele se acomodou ao lado dela e ali permaneceu enquanto convidados vinham em pequenos grupos para conversar. Para todos, Hilo passou a impressão de que estava de bom humor, sendo atencioso e sorrindo de seu jeito tranquilo de sempre.

Wen retribuiu votos de felicidades, assentindo e sorrindo mais do que falando. Sempre que abria a boca, temia cometer algum erro. Costumava ter uma memória quase perfeita para rostos e nomes, uma habilidade que lhe servira muitíssimo bem em qualquer interação social, mas era algo que também perdera. *Só aguenta firme,* disse ela para si mesma.

A onda de frio havia passado, mas continuava estranhamente gelado para o que deveria ser o começo da primavera. Mulheres cobriam os ombros nus com xales, e lampiões a gás, dispostos de maneira uniforme, projetavam calor e sombras trêmulas nos toldos vermelhos que abrigavam as mesas. As crianças foram trazidas pela avó logo antes do jantar ser servido; Niko e Ru em terninhos e gravatas e Jaya num vestido amarelo e leggings brancas que ela, de algum jeito, já tinha manchado na altura dos joelhos. A pequena correu na frente dos irmãos e tentou subir mesa acima pelo colo da mãe.

— Senta direito, Jaya-se — ralhou Wen, com esforço para conter a caçula.

Deu um suspiro de alívio quando Lina levou a garotinha para brincar no balanço do gramado com o priminho, Cam.

— A senhora parece bem, Dona Kaul — disse a esposa de Woon, que veio se sentar ao lado de Wen enquanto o marido se envolvia numa conversa com alguns Agentes da Sorte veteranos. — Rogo para que os deuses te abençoem com saúde nesse ano.

— Obrigada… Kiya — respondeu Wen, aliviada por se lembrar do nome. As palavras saíam devagar, mas, tirando isso, soavam normais. — Desejo… o mesmo para você.

O sorriso da mulher vacilou por um instante antes de ela colocá-lo de volta no lugar e indicar Hilo com a cabeça, que estava caminhando pelo espaço com Niko e Ru, todo orgulhoso enquanto tolerava a tagarelice de Ru e deixava as pessoas se encantarem com os dois. Deu um saco de moedas de chocolate para cada um e dispensou-os com a missão de distribuírem os doces para as outras crianças.

— Seus filhos são lindos — disse Kiya para Wen com um sorriso desejoso. — A senhora deve ter muito orgulho do futuro do clã.

Quanto será que Woon Papi contava dos assuntos do clã para a esposa? Será que ela sabia do tamanho da crise financeira do Desponta?

— O futuro… do clã — relembrou à Kiya, assentindo para a enorme festa — é maior do que isso.

Qualquer um que observasse a grandiosa e bem-vestida multidão, a fartura de comida e hoji, o cintilar de jade em centenas de punhos e pescoços, acharia que o Clã do Desponta era invencível. E isso era proposital. Moldar a percepção das pessoas era uma arte; um pequeno cômodo poderia acabar parecendo grande, defeitos de uma casa poderiam ser transformados em vantagens. Esta noite, ela fizera o Desponta parecer rico e poderoso demais para sucumbir. A realidade era mais complicada. Wen vira fotografias nos jornais da proclamação grafitada nas portas de vidro do Dobro Dobro. Muito embora soubesse que ninguém ousaria atacar tamanha aglomeração de Ossos Verdes, principalmente na véspera de um feriado, seus olhos procuraram pelas silhuetas dos guardas que faziam vigília aos muros de tijolo e portões de aço da propriedade. Ninguém tinha garantia de nada; nem eles, nem seus inimigos.

Shae veio se acomodar na mesa de destaque enquanto os garçons começavam a trazer os pratos. Kiya se levantou bruscamente.

— Melhor eu pegar meu marido e voltar para nossos lugares — anunciou, e ficou puxando com insistência o braço de Woon Papi, levando-o para longe.

Juen Nu e sua esposa se sentaram ao lado de Hilo. Tar, que há pouco retornara de uma viagem à Espênia, chegou com a parceira, Iyn Ro. Ambos pareciam já ter tomado diversos copos de hoji e estavam se segurando um no outro, rindo alto. Discreto, Anden se acomodou ao lado de Wen, deu um suspiro aliviado e ofereceu-lhe um sorrisinho.

— Estou feliz de me sentar ao seu lado, irmã Wen.

Ela também estava feliz de estar ao lado do rapaz. Ele era o único que compreendia o que Wen havia passado naquela noite horrorosa em Porto Massy. Anden lhe confidenciara que, às vezes, também acordava se debatendo por causa de pesadelos nos quais não conseguia respirar. Wen lhe devia a vida, mas ele continuava sendo o jovem modesto de sempre. Quando ela travava ao falar ou as palavras se embolavam, Anden nunca a olhava com pena ou impaciência. Toda a pressão que ela sentia ao tentar conversar com os outros convidados sumia e, ironicamente, quando estava relaxada, mal passava dificuldade para se comunicar.

— Como vai a faculdade de medicina?

— É puxado — respondeu ele com certa melancolia, mas não continuou reclamando.

Wen tentou encorajá-lo.

— Ouvi falar que o primeiro ano é o mais difícil.

Anden assentiu.

— Tem tanto conteúdo no primeiro ano, e a gente precisa aprender a enxergar as habilidades de jade de um jeito completamente diferente. Espero que o próximo ano seja um pouco mais fácil. — Ao ver Wen hesitante quanto a pegar a concha, ele mesmo a pegou e serviu a sopa de frutos do mar em uma cumbuca para ela. — Às vezes, fico me perguntando se vale a pena — admitiu o jovem —, só que, se eu não conseguir, não há mais nada de útil que eu possa fazer.

— Anden — disse Wen num tom sério —, você não de-devia falar assim. Pensa no que você fez enquanto vivia sem… sem… sem jade num país estrangeiro. Na sua infância, todo mundo te fez achar que o seu valor estava nas habilidades de jade, sendo que… está obviamente em quem você é como pessoa. Seus primos já sabem disso a essa altura, mesmo que você tranque a faculdade de medicina amanhã.

De tão determinada a defender seu ponto de vista, mal se deu conta do triunfo de falar várias frases juntas com tão poucos tropeços.

Anden corou e, de repente, parecia absorto em ficar empurrando o camarão pela poça de molho de alho no prato.

— Obrigado por ter falado isso — agradeceu ele um instante depois. — Tomara que você esteja certa.

— Claro que eu tô.

Wen conseguia entender o motivo da possível insegurança do jovem naquela noite. O lugar de Anden na mesa principal confirmava para todos que o Pilar havia trazido o primo outrora desonrado de volta à família, o que não significava

que os guerreiros fortemente munidos de jade e empresários ricos do clã não o olhavam com pena e desconfiança. Tanta pena e desconfiança quanto provavelmente dedicavam a ela, pensou Wen. É muito azar no topo, murmuravam.

Apesar das ordens brincalhonas de Hilo, a comida não parava de vir num ritmo impossível de acompanhar. As mesas estavam carregadas de leitão à pururuca, peixe cozido no vapor com caldo de gengibre, brotos de ervilha com alho, polvo frito… A banda de percussionistas contratada escoltava o ano anterior para fora com uma energia tremenda, e duas mesas adjacentes de Punhos desafiaram uns aos outros para uma competição de bebida. Niko, Ru e Jaya vieram abraçar os pais para desejar boa noite antes da mãe de Hilo levá-los para a cama. Um véu de exaustão se assentou sobre a vista de Wen, se infiltrando em cada músculo, coalhando seus pensamentos e deixando tudo translúcido.

Percebeu que Juen e a esposa haviam saído da mesa algum tempinho antes, mas agora o Chifre apareceu atrás da cadeira dela e se inclinou adiante para falar com Hilo.

— Kaul-jen. Minha esposa foi lá em casa colocar as crianças pra dormir, mas voltou correndo pra me contar a notícia que ouviu no rádio. — Ele falava perto da orelha do Pilar, mas precisou aumentar tanto o tom de voz para ser ouvido por sobre os estalinhos que Wen conseguiu escutá-lo. — Um avião espião ygutaniano foi derrubado por uma nave espênica de combate perto da Ilha Euman duas horas atrás. Caiu perto da base naval. O piloto sobreviveu, mas se matou antes de ser capturado. Os governos ygutanianos e espênicos estão trocando acusações por causa do incidente e ameaçando uma guerra no Amárico.

Enquanto Juen falava, a expressão de Hilo não mudou muito do lado de fora, mas Wen viu a luz dos olhos do marido mudar de um bom humor tranquilo para incredulidade e então para raiva em poucos segundos, como uma labareda indo do vermelho ao alaranjado ao azul.

— *Porra*, de *todos* os momentos possíveis — resfolegou ele entredentes.

— O Conselho Real vai se encontrar numa sessão extraordinária amanhã. — Juen olhou para a exuberante festa que se desenrolava. Os percussionistas haviam começado a contagem regressiva para a meia-noite e outro barril de hoji foi aberto. Até mesmo Shae parecia estar se divertindo. — Será que devemos falar para as pessoas? — perguntou o Chifre.

Os músculos da mandíbula de Hilo se tensionaram sob a pele.

— Não. Daqui a pouco já vão descobrir de um jeito ou de outro. Deixa todo mundo aproveitar o Ano-novo sossegado. — Sorumbático, ele murmurou: —

Pode ser nossa única chance de invocar a sorte, e vamos precisar de sorte pra caralho.

— Vou falar discretamente só com os Punhos mais experientes, então — sugeriu Juen. — Pra se prepararem pra manter a ordem nos nossos territórios caso o povo comece a surtar achando que vamos ser invadidos.

Quando o Chifre partiu, Wen segurou o braço o marido. A intenção era dizer "você precisa falar com a Shae hoje à noite também. O escritório da Homem do Tempo tem que estar alinhado com os partidários do Desponta no Conselho Real antes que qualquer pessoa dê uma declaração". Em vez disso, derrubou uma xícara cheia de chá com o cotovelo, que se derramou sobre o colo dos dois. Quando abriu a boca, nada saiu; a sensação era de que as palavras tinham sido enfurnadas de volta em seu peito. Tudo o que conseguiu fazer foi olhar para Hilo, desamparada.

Ele usou um guardanapo para secar o chá que ia encharcando suas roupas.

— Você tá cansada. — Saiu da cadeira e ajudou Wen a se levantar.

Ela se recostou nele conforme voltavam para casa. Não havia ninguém prestando atenção no casal. Quase todos os convidados haviam ido para o gramado, à espera dos fogos de artifício que logo seriam disparados sobre a cidade. Depois de entrarem, Hilo a ajudou a subir as escadas e a ir para a cama. As mãos dele eram gentis, mas vazias de afeto ou desejo enquanto desabotoavam o elegante vestido da esposa e o removiam antes de acomodá-la sob as cobertas.

Lágrimas de arrependimento e humilhação ardiam nos olhos de Wen. Anos antes, quando eram jovens namorados, ela costumava passar o dia inteiro numa ansiedade febril à espera da chegada de Hilo. Por fim, ele vinha, um jovem Punho incandescente com a adrenalina da jade nova que havia tomado em alguma briga ou duelo. Ela o fazia recontar as vitórias enquanto o despia, levando a boca às novas pedras recém-cravejadas no corpo dele. Faziam um sexo alucinante, e então de novo e de novo. Como havia sido embriagante o poder erótico que exercia sobre Hilo.

Ele nunca mencionou o fato de que agora usava cortesãs ocasionalmente, mas também não fazia esforço algum para esconder. Ela havia sentido o perfume nas roupas algumas vezes, encontrado caixas de fósforo e embalagens de pastilhas de menta do Clube de Cavalheiros Divino Lilás nos bolsos de Hilo. Wen poderia até aceitar que ele pagasse para suprir as próprias necessidades em outro lugar durante sua longa recuperação, mas era doloroso demais imaginar, como estava imaginando agora, que os dois haviam perdido a habilidade de encontrar consolo

um no outro. Nas vezes em que tentaram transar, Hilo não parecia o mesmo; ou a tratava com um cuidado extremo, como se estivesse com medo de danificá-la, ou então copulava com brusquidão, como se estivesse cumprindo uma obrigação com raiva.

Ele apagou o abajur ao lado da cama, se sentou na ponta do colchão e ficou encarando a silhueta da cidade pela janela enquanto os primeiros fogos de artifício estouravam muito acima do telhado da Casa da Sabedoria e da torre cônica do Palácio do Triunfo. Por um breve instante, os flashes iluminaram a penumbra do perfil dele, destacaram a feição perdida em pensamentos que não combinava com o rosto pelo qual ela se apaixonara. Lá fora, as percussões ressoavam e o povo na festa celebrava a chegada do novo ano.

Quando tinha dezessete anos, Wen afiara uma faca de cozinha e rasgara os pneus da bicicleta de seu irmão. Nunca contou para Kehn, que acabou dando uma surra em um dos filhos do vizinho. Depois disso, Kaul Hilo passou a ir todos os dias de carro buscar Kehn e Tar, e os três saíam juntos pela cidade, Dedos calouros, recém-saídos da Academia, ávidos para conquistar jade e galgar suas reputações. Todo dia, Wen ia até o Duchesse para se despedir dos irmãos e para recepcioná-los quando chegavam. Uma vez, Hilo riu quando estacionou e a viu lá parada na chuva. Falou que ela era a irmã mais gentil e devota que já conhecera, e que sua própria irmã jamais faria algo assim.

Wen precisava admitir, com certo constrangimento, que fora uma adolescente apaixonada, mas que não ficava simplesmente sofrendo em vão. Uma coisinha de nada, como uma bicicleta estragada, era capaz de mudar o destino, assim como uma pedrolha era capaz de fazer uma diferença crucial numa guerra entre clãs. Buscava agora por algo que pudesse dizer para que Hilo se virasse para ela do jeito que costumava fazer quando abaixava a janela e, com um sorrisinho, se inclinava sobre o banco do carona. Mas estava exaurida demais.

— Tenho que voltar pra lá — disse ele.

Wen se virou para o lado. Sentiu a pressão do marido se esvaindo do colchão e, quando o próximo rompante de luz dos fogos de artifício atingiu o quarto, iluminou um espaço vazio.




CAPÍTULO 6

Mudança de Direção

Uma reunião extraordinária da Aliança Jade-Kekon foi convocada seis dias mais tarde. Depois de muita empáfia política e tensos posicionamentos militares de todos os lados, a crise diplomática entre Espênia e Ygutan não escalonara para uma guerra declarada, mas, em Janloon e outras cidades de Kekon, houve pânico por mantimentos e suprimentos básicos num momento em que normalmente seria um período de descanso e celebração. Os clãs Ossos Verdes haviam feito um forte esforço para prevenir crimes e saques em seus próprios distritos, mas essa era uma preocupação de curto prazo. O povo kekonésio estava contemplando a possibilidade de uma invasão estrangeira pela primeira vez desde a Guerra das Muitas Nações. Até mesmo líderes de clãs que se odiavam sabiam que precisavam se encontrar.

Shae foi até a casa principal cedo naquela manhã e encontrou as crianças assistindo desenho, enquanto Kyanla faxinava após o café da manhã.

— Tia Shae, a gente tá vendo *Guerreiros Domadores de Monstros* — contou Ru, puxando-a para o sofá.

Uma animação sobre guardas reais Ossos Verdes de uma dinastia fictícia inspirada na era das Três Coroas, que não apenas dominavam as habilidades de jade de forma extraordinária, como também eram capazes de invocar e montar

enormes monstros mágicos em batalha. Havia vários bonecos dos personagens do desenho espalhados sobre o tapete em frente à televisão.

Shae se sentou no sofá para satisfazer o sobrinho.

— Cadê o seu pai?

Ru deu de ombros, mas Niko, subitamente preocupado, quis saber:

— A senhora acha que ele vai se divorciar da mamãe?

Ela foi pega desprevenida pela pergunta do pequeno de 6 anos que, ao que parecia, tinha vindo do nada, mas, antes que pudesse pensar em como responder, Ru pulou para cima do irmão e começou a batê-lo nos ombros e na barriga.

— Para de falar isso! Eles não vão se divorciar, seu pirralho idiota!

Jaya se aproximou com passinhos trôpegos, rindo com curiosidade.

Impaciente, Niko empurrou o irmão mais novo para longe sem revidar os tapas, e Shae colocou cada um dos garotos em um lado diferente do sofá.

— Ru, você não deveria usar palavras como “pirralho” — repreendeu ela.

Hilo desceu as escadas, deu uma breve olhada para a cena deprimente e falou:

— Desliguem a TV, era pra vocês estarem se arrumando pra escola.

Saiu determinado rumo à porta. Shae o seguiu.

Um motorista de confiança os levou para o centro da cidade no Duchesse. Hilo acendeu um cigarro e abriu a janela.

Shae se obrigou a interromper o silêncio espesso que agora parecia se assentar sempre que ficava a sós com o irmão.

— Os garotos tão preocupados com você e com a Wen.

— O Niko se preocupa demais. Onde já se viu uma criança assim?

— É porque ele presta atenção — respondeu ela. O menino costumava passar a impressão de que estava distraído, perdido nos próprios pensamentos, mas aí dizia algo que deixava claro que casualmente ouvia boa parte das discussões dos adultos. — Ele sabe que você trata a Wen diferente agora.

— Eu a trato até que bem — vociferou o Pilar. — Sempre cuidei dela.

A vontade era de estapear o irmão. Shae e Hilo já haviam se magoado tanto nessa vida que ela estava calejada contra a raiva dele, mas não era o caso de Wen, que era uma das mulheres mais obstinadas que Shae conhecia, mas dependia do amor de Hilo como se fosse oxigênio.

— Se quer continuar *me* culpando, então vai em frente. Mas será que a Wen já não sofreu o bastante? Tudo o que ela fez, foi por você e pelo clã. Será que dá pra pelo menos ter o culhão de dizer para ela que você entende isso?

Hilo bufou enquanto apagava a bituca do cigarro violentamente no cinzeiro

do carro.

— Você é a pessoa menos qualificada do mundo pra dar conselhos amorosos, Shae. E você e o Woon?

A reviravolta repentina a pegou tão desprevenida quanto um desvio ágil e um contra-ataque à lâmina.

— O que tem eu e o Woon? — exclamou, com vergonha alheia pelo tom defensivo de sua voz. — Somos colegas e bons amigos.

Hilo deu uma risada cruel.

— E você acha que sou *eu* que não tô dizendo o que precisa ser dito? O Woon é esperto em outras coisas, mas não sei por que ele fica se torturando trabalhando contigo. Você devia ter contado pra ele como se sente de verdade ou então o demitido de uma vez.

O rosto de Shae foi pegando fogo. Ela se esqueceu de que tinha começado essa conversa para falar sobre Wen.

— Nem todo mundo sai disparando os próprios sentimentos como se fossem granadas, Hilo. Woon e eu somos profissionais e, além do mais, ele vai assumir outro cargo semana que vem.

— E por que você acha que ele precisou pedir isso? — Antes que Shae pudesse responder, o Duchesse chegou ao destino. — Deixa pra lá. Só se concentra em não deixar a Ayt Mada e todos os outros Pilares lá dentro perceberem como estamos um caco.

Hilo abriu a porta e saiu do carro, deixando-a fumegando de raiva por ele ter conseguido colocar o ponto-final na discussão. Ela expirou ruidosamente, e então saiu atrás do irmão.

A Aliança Jade-Kekon tinha como base um escritório de três andares feito de concreto no Distrito Financeiro, perto da torre administrativa do clã na Rua Caravela, a leste, e do Templo do Divino Retorno, dois quarteirões a oeste. O visual brusco e pesado irradiava burocracia governamental e sempre servia como um lembrete para Shae de que, apesar de toda a importância cultural, econômica e espiritual da jade, sua produção e distribuição exigia milhares de pessoas realizando trabalhos mundanos em cubículos. À mesa de segurança, ela e Hilo entregaram suas facas talon para dois guardas Ossos Verdes que usavam a boina e a faixa do clã Escudo Haedo. Pegaram o elevador até o último andar em silêncio. Shae conseguia Perceber o zunir da aura do irmão ficando cada vez mais grave, como um rosnado. Ele não gostava de reuniões da AJK nem mesmo nas melhores das circunstâncias.

Quando chegaram à sala, Ayt Madashi já estava sentada e conversando com o

Pilar do União das Seis Mãos, o maior clã contribuinte do Montanha. Ayt não deu nem uma olhada quando seus inimigos de longa data entraram, mas sua distinta e densa aura de jade se inflou momentaneamente enquanto Hilo e Shae seguiam para os lugares de sempre. A gigantesca mesa circular da sala do conselho contava com lugares designados e placas nominais para cada representante dos quinze clãs Ossos Verdes que atualmente compunham o corpo acionista do cartel de jade nacional de Kekon. A distribuição dos lugares dava a entender que todos os Clãs eram iguais aqui, que todos dividiam a responsabilidade de salvaguardar e gerenciar o estoque de jade do país. Contudo, o Montanha e o Desponta, com folga os dois maiores clãs do país, ficavam posicionados diretamente um à frente do outro, com representantes dos clãs menores sentados mais perto ou mais longe de cada um dos lados dependendo de suas respectivas lealdades. Com certa ironia, Shae divagou que quem quer que tivesse, com otimismo, projetado o recinto para promover um senso de cooperação igualitária, havia subestimado a propensão kekonísia de indicar status e alianças sempre que possível. Havia quatro penitentes deístas nas tradicionais vestes verdes compridas parados em silêncio rente às paredes, assegurando a comunicação com os Céus e garantindo a boa conduta entre os clãs mesmo neste reduto de conflito marcado pela rigidez.

Hilo assentiu num cumprimento aos outros líderes dos clãs Taça de Pedra e Jo Sun, contribuintes do Desponta, que o saudaram enquanto ele se sentava. Shae se acomodou na cadeira ao lado e tentou desviar o olhar, ocupando-se em pegar papéis desnecessários, mas, de qualquer forma, acabou impelida, mesmo contra a própria vontade, ao outro lado mesa, ao desfiguramento da orelha parcialmente perdida de Ayt Mada. A antiga cicatriz ao longo do abdômen de Shae formigou. A Pilarisa do Montanha a encarou. Os olhos das duas se encontraram por um único segundo glacial. Depois, Ayt se virou e continuou a conversa que estava tendo.

Normalmente, o lugar à esquerda de Ayt seria ocupado por Iwe Kalundo, o Homem do Tempo do Montanha, mas, sentado no assento de Iwe estava um sujeito largo com um volumoso cabelo grisalho penteado para trás e uma tez avermelhada. O homem usava jade no pulso esquerdo e na orelha direita, e sua expansiva aura de jade parecia espessa e densa segundo a Percepção de Shae. Era vagamente familiar; quem era ele? Por que estava aqui em vez de Iwe? Shae teria ficado sabendo se Ayt houvesse trocado de Homem do Tempo.

— Ele é um dos Koben — disse Hilo baixinho. Pelo visto, havia notado a confusão da irmã. — O tio do menino pelo lado materno.

O menino em questão era Koben Ato, o tutelado e suposto herdeiro de 14 anos de Ayt Mada. O garoto havia recentemente trocado o nome de volta para Ayt Ato, sem sombra de dúvidas para que sua família pudesse cimentar esta suposição. Shae então recordou que havia visto um recente perfil da família Koben numa revista, mas ficou surpresa por Hilo tê-lo reconhecido. Depois, se lembrou de que, alguns anos antes, ele havia fomentado brigas internas entre os Montanha ao secretamente ordenar o assassinato de um dos Koben, então é claro que os havia estudado.

Seria a presença de Koben uma nova evidência de que Ayt estava elevando o sobrinho e a família dele? Talvez, depois de anos fugindo de perguntas a respeito da sucessão, ela quis indicar publicamente que estava, sim, pensando no futuro do clã.

Hilo e Shae foram uns dos últimos a chegar. Em minutos, os assentos estavam cheios e as portas pesadas foram fechadas. Em um dos lados da sala, janelas que iam do chão ao teto davam vista para o sul e permitiam que uma ampla luz do sol entrasse, mas o ar ali parecia obstruído de energia de jade. Reuniões da AJK aconteciam a cada trimestre, mas a maioria dos Pilares ia apenas na votação anual que determinava o orçamento e definia cotas para a produção, exportação e distribuição de jade. Deixavam que os Homens do Tempo cuidassem dos outros encontros. Foi apenas sob circunstâncias anormais que todos os líderes dos clãs haviam se reunido com tanta urgência.

Nem todo mundo à mesa era Osso Verde. Muito embora os clãs fossem os acionistas majoritários, o cartel era comandado e gerenciado pelo estado, então sempre havia outros diretores e oficiais governamentais presentes, junto com seus ajudantes. Um dos oficiais sem jade, o diretor de operações da AJK e atual líder do conselho, Canto Pan, se levantou e falou:

— Obrigado a todos por interromperem sua semana de folga e virem aqui. Que os deuses brilhem em favor de cada um de seus clãs.

Isso era notoriamente impossível, pensou Shae, já que qualquer favor divino oferecido ao Montanha seria um desastre para o Desponta e vice-versa, mas não externalizou.

— Como todos vocês sabem a essa altura, o pronunciamento emitido pelo Conselho Real foi endossado publicamente por todos os clãs Ossos Verdes do país — disse Canto.

O governo de Kekon havia feito duras críticas a Ygutan por enviar aviões de espionagem à Ilha Euman e reiterou que a região era território kekonésio, apesar da antiga presença de “convidados” militares estrangeiros. Exortou uma redução

no conflito entre os dois poderes por meio de vias diplomáticas, mas também prometeu que qualquer tentativa de qualquer um dos lados de invadir ou controlar Kekon seria recebida com imediata e avassaladora resistência. “Muito embora Kekon deseje a paz, ainda somos uma nação de guerreiros como nenhum outro país do mundo”, declarara o Chanceler Guim, partidário do Clã da Montanha, em um discurso na Casa da Sabedoria. “Ao longo de nossa extensa e orgulhosa história, já ceifamos rios de sangue por nossa independência. Somos mais do que capazes de repetir tal feito.”

O governo espênico não ficara feliz com o tom severo de uma fala oficial que, como dissera Hilo, era “um jeito demorado e bonito de dizer *vocês dois que vão tomar no cu”*.

O Presidente Canto prosseguiu:

— Todos apoiamos as palavras do chanceler, mas a temerosa reação do povo nos últimos dias prova que precisamos fazer mais do que vocalizar nosso apoio. Com isso em mente, entrego a palavra ao General Ronu Yasugon, assessor militar sênior do Conselho Real, que pediu para falar diretamente com os senhores.

Ronu se levantou e tocou as mãos entrelaçadas na testa em saudação aos líderes Ossos Verdes. Ele tinha as listras douradas de general na manga do uniforme e pedras de jade na pulseira de metal de seu relógio de pulso. Shae já se encontrara com o general antes e ficara com a impressão de que o sujeito devia ser um homem honrável com um trabalho difícil, já que muito tempo antes havia trocado o status no Clã da Montanha por uma carreira no pequeno e desvalorizado exército kekonésio.

— O povo de Kekon foi obrigado a confrontar a realidade esta semana… uma realidade que comandantes militares vêm apontando há anos. — Ronu mantinha uma postura rígida enquanto falava, com as mãos ao lado do corpo. — Somos um país pequeno preso entre dois tigres. Apesar de toda a confiança do Chanceler Guim de que somos capazes de resistir às ofensas internacionais, a verdade é que nossas modestas forças de defesa seriam rápida e facilmente devastadas. Espênia e Ygutan intensificam os gastos militares todo ano, mas nós continuamos a tratar nossas forças armadas como baixa prioridade. Ontem, me dispus diante do Conselho Real e insisti para que aprovassem uma medida emergencial de investimento que garantiria os equipamentos, o treinamento e o pessoal de que tanto precisamos para melhorar nossa prontidão militar rapidamente.

— Não temos como investir mais do que países muito maiores do que nós —

apontou Sangun Yen, o idoso mas tenaz Pilar do clã Jo Sun. — Nossa segurança nacional sempre dependeu de uma população civil repleta de guerreiros de jade treinados e prontos para o combate. São os clãs Ossos Verdes que cuidam disso.

— Há quase um século, essa antiga crença sucumbiu perante o poder de uma força avassaladora, o que resultou em décadas de ocupação shotariana — argumentou Ronu.

— Tínhamos um rei submisso e covarde naquela época, e clãs pequenos e desorganizados demais — rebateu Sangun. — Foi um período sombrio de nossa história, mas, ainda assim, destituímos os invasores. Apesar de toda essa exibição de força, por acaso algum país hoje em dia, até mesmo uma nação grande e poderosa como Ygutan, seria tão imprudente a ponto de arriscar invadir Kekon? Eles já passaram sufoco em Oortoko, um lugar que só tem gente fraca. Não devemos deixar esse rebuliço causado pelo avião de espionagem se transformar em alarmismo.

O filho de Sangun, o Homem do Tempo de seu clã, assentiu, assim como diversos outros Ossos Verdes. Shae lera as opiniões de diversos analistas políticos e militares, e quase todos concordavam que, muito embora Kekon fosse vital para os interesses espênicos no Oceano Amárico, e, por isso, um alvo lógico para ofensas ygutanianas, o custo de invadir e ocupar uma ilha historicamente inconquistável era simplesmente alto demais para que valesse a pena.

O General Ronu disse:

— Os clãs podem ter ficado maiores e mais fortes, mas estamos encarando um mundo muito diferente do de nossos avós. Não somos mais a única nação com guerreiros de jade. A República da Espênia equipa os próprios soldados de elite com jade que nós vendemos a eles sob cuidados da AJK. Pelo mercado clandestino, chega jade em Ygutan e seus estados vassalos. Faz um certo tempo que há uma formulação melhorada de BL1 com menos riscos à saúde. Os espênicos estão chamando de BL2, e vai, sem sombra de dúvida, acabar chegando a mais partes do mundo também.

Shae percebeu que, do outro lado da mesa, o sujeito da família Koben estava assentindo com vigor, e parecia querer levantar num pulo para concordar.

A aura de jade de Ronu se intensificou, suas margens ficando mais espessas conforme ele falava com um ímpeto de convicção.

— Oortoko foi o primeiro dos conflitos de correlação de força entre a Espenosfera e a Coalisão Ygut. Kekon não tem como fugir, vai acabar envolvido na Guerra Latente. Diferente de qualquer outra época da história, precisamos nos

preparar para a possibilidade de encarar soldados estrangeiros que podem usar jade tão bem quanto nós.

Os pronunciamentos sorumbáticos do general incitaram murmúrios contrariados pela mesa. Apesar de aceitarem o lucro da exportação de jade controlada pela AJK sem muita reclamação, os kekonésios desdenhavam da ideia de outras etnias usarem jade. Se consolavam por saberem que continuavam melhores nas habilidades de jade do que qualquer outro povo, e que estrangeiros precisavam usar drogas viciantes e arriscar uma morte prematura.

Ronu percebeu que havia tocado na ferida. Levantou a mão e seguiu em frente.

— O Conselho Real pode se comprometer a ampliar a verba e os equipamentos, mas são apenas os clãs Ossos Verdes que podem fornecer jade e guerreiros. Peço que vocês, acionistas da AJK e Pilares de seus clãs, façam uma vigorosa demonstração de apoio ao exército kekonésio. Atualmente, recebemos menos de quatro por cento da produção anual de jade. Anunciem uma atribuição especial para aumentar essa quantidade até 6,5%, com início já este ano. E encerrem as antigas limitações de recrutamento, permitam que os formados nas escolas marciais se alistem no exército imediatamente após a formatura.

Uma onda de burburinhos abafados acompanhou o irritadiço borbulhar de dezenas de auras de jade. Era um pedido ousado, inédito até então. Atendê-lo elevaria o minúsculo exército de Kekon a um nível próximo ao dos clãs Ossos Verdes.

— Seis e meio por cento da jade da nação é mais do que a maioria dos clãs nesta mesa recebem, e mais do que é alocado em grandes instituições de saúde e educação — protestou o Pilar do clã Taça de Pedra. — De onde você sugere que tiremos para dar ao exército?

— O que me preocupa mais é esse plano de recrutamento — disse Durn Soshu, Pilar do Cauda Preta. — A tradição sempre foi que os formandos fizessem juramentos ao clã. Um ano ou dois como Dedo é a melhor coisa para todos os jovens.

Desta vez muita gente assentiu, mas Shae sabia que o argumento na verdade nem se tratava de tradição ou do bem-estar dos jovens. Não era por acaso que os clãs pegavam todos os alunos habilidosos com jade para as próprias tropas, com exceção apenas dos que seguiam para exercer as nobres profissões da medicina, docência e penitência religiosa.

O General Ronu permaneceu ali, posturado e com um semblante firme; tinha claramente previsto o ceticismo que encararia.

— Infelizmente, a tradição faz parte do problema, Durn-jen. Os Ossos Verdes do exército nacional chegam como recrutas e com diferentes quantidades de jade; recebida na formatura, passada de geração a geração ou conquistada no clã. São imersos na cultura dos clãs e carregam essas alianças para as unidades. Esperam poder usar jade da forma que quiserem e arranjarem mais desafiando seus colegas soldados. É difícil treiná-los para que priorizem mais a corporação do que o clã, para valorizarem a coesão do esquadrão em vez do heroísmo individual. E falo como alguém que, no passado, teve que passar por essa transição também. Sendo bem sincero, os Ossos Verdes que crescem e são treinados num grande clã se transformam em excelentes combatentes, mas péssimos soldados.

"Vinte anos atrás, quando eu me alistei, minha família e meus colegas Ossos Verdes desacreditaram de mim e desaprovaram minha decisão. Como um Punho de patente intermediária, todo mundo dizia que eu estava dando um passo para trás. E, duas décadas depois, esse tipo de atitude praticamente não mudou. Estou pedindo que me ajudem a mudar isso. Se permitirem que os formandos das escolas marciais se alistem no exército antes de se fixarem nos moldes dos clãs, vocês vão passar o necessário recado de que é tão respeitável e honroso servir ao país num uniforme quanto fazer juramentos de irmandade ao clã."

Shae rabiscou rápido em seu bloquinho de notas: *precisamos medir os impactos para os dois lados do clã. Sugira postergar a votação até o próximo trimestre*. Empurrou a anotação para Hilo. Ele deu uma olhada no papel, mas o Pilar do clã União das Seis Mãos se manifestou primeiro:

— O General Ronu está propondo uma mudança significativa, e precisamos de mais tempo para pensar a respeito. Devemos deixar cada clã discutir a questão entre seus próprios líderes e aliados, e podemos nos reencontrar em cerca de um mês.

O Presidente Canto começou a se levantar de novo.

— Me parece jus…

— De fato, se já houve algum momento de agirmos com afinco para reassegurar o povo de nossa união nacional, é agora. — A voz de Ayt Mada interrompeu o presidente enquanto ele falava e se colocava de pé. Cada par de olhos na sala se virou para ela. — Concordo em gênero, número e grau com o General Ronu. O exército kekonésio precisa receber mais jade, mais pessoas e mais respeito.

Até então, nem Ayt Mada e nem Kaul Hilo haviam dito nada. Como Pilares dos dois maiores clãs, suas opiniões eram as que mais importavam, e todas as

decisões feitas ali acabariam, no fim das contas, nas mãos deles. O típico era que experts, oficiais e líderes de clãs menores falassem primeiro caso tivessem algo a dizer ou quisessem exercer qualquer influência sobre Ayt ou Kaul. Não seria nada surpreendente se a reunião tivesse sido adiada sem que nenhum dos dois explanasse em que pé estavam. Ninguém havia esperado que a Pilarisa fosse se manifestar tão rápido.

— Como meu Homem do Tempo está fora do país resolvendo assuntos importantes do clã e não pôde estar aqui hoje, trouxe Koben Yiro comigo — prosseguiu Ayt. — Koben-jen é um empresário bem-sucedido que possui diversas estações de rádio e também tem parentes no exército, então entende melhor do que a maioria de nós as questões sobre as preocupações dos civis comuns e dos soldados neste momento aflitivo.

Com a permissão de sua Pilarisa, Koben adentrou como um cavalo solto das rédeas.

— É uma honra oferecer qualquer conhecimento que eu possa para minha Pilarisa e para a AJK — proclamou o sujeito numa voz profunda e ressonante. — Os Koben são uma grande e honrada família de classe média com muitos parentes Ossos Verdes, e sem jade também. Como todos os kekonésios patriotas e trabalhadores, o mais importante para nós é a segurança de nossas famílias, nosso sustento e nossas tradições culturais. O que aconteceu na véspera de Ano-novo incitou ódio por Ygutan, mas também não dá para confiar na presença da RDE, que tem pairado sobre o país há tanto tempo. No fim das contas, é só de nós mesmos que podemos depender. — Koben foi ficando mais exaltado e ergueu um dedo no ar. — É por isso que o povo está olhando para os clãs Ossos Verdes em que confiam, na esperança de uma rápida e forte demonstração de firmeza.

Ayt fez um singelo gesto com a mão para aquietar o empolgado Koben, que parecia capaz de seguir adiante, mas se tocou e voltou à cadeira na mesma hora.

— Devemos dar um exemplo para o Conselho Real e agir sem hesitar — declarou Ayt com uma autoridade vivaz. — Como Pilarisa do Montanha, apoio o aumento na distribuição de jade para as forças armadas contanto que seja feita de forma justa, e concordo que o serviço militar nacional deveria estar entre as escolhas diretas após a graduação dos Ossos Verdes. — Ela parou por um instante, e então acrescentou, quase como que de última hora: — Isso é, se meus colegas Pilares concordarem. É uma mudança tão substancial que não deveríamos promulgá-la se não estivermos todos na mesma página.

Ninguém a respondeu. Até mesmo o General Ronu parecia chocado pelo

apoio imediato e inequívoco de Ayt Madashi. Todas as cabeças da sala agora se viraram para Hilo, que estava com uma postura parcialmente desleixada bem à frente de sua rival. Com pressa, Shae rabiscou "*POSTERGAR*" no bloco de notas entre os dois.

— Não. — A resposta de Hilo se assentou com o peso de uma rocha jogada no meio de um riacho. — Não vejo problema em fornecermos a jade que Ronu pediu. Podemos tirar uma pequena parte do tesouro nacional e o restante do que andamos fornecendo aos templos, afinal de contas, de quanta jade os penitentes realmente precisam para falar com os deuses? Mas não vou mudar a forma que os formandos da Academia Kaul Dushuron fazem seus juramentos. Se você quiser fazer as coisas de outro jeito na Escola do Templo Wie Lon, você quem sabe.

Ayt Mata nem pestanejou.

— Tenho certeza, Kaul-jen, de que devemos agir em unidade e com altruísmo neste momento — disse ela com uma integridade calculada. — O justo é que os dois clãs com mais jade e mais gente devam dar um pouco do que tem.

— O exército é um braço do país. Os clãs são a coluna. — Hilo semicerrou os olhos, encarando o outro lado da mesa. — E nem todo clã se fartou com recrutas barukânes e lucros do mercado clandestino para ter recursos sobrando.

A densa camada das auras de jade se movia com apreensão enquanto a atenção era dividida entre os dois líderes.

— Acusações sem fundamento não vão evitar que seus Lanternas escolham uma aliança mais inteligente, e nem esconder o fato de que você está atrapalhando as necessidades do país, Kaul-jen. — A aura de jade de Ayt irradiava com um ardor presunçoso quando ela se virou, pesarosa, para o General Ronu, mas falou com toda a sala. — Infelizmente, nem todo Pilar é capaz de colocar a nação em primeiro lugar. Pelo visto, a AJK não é capaz de apoiar seus louváveis esforços para uma reforma militar, General. A menos que o Desponta esteja disposto a reconsiderar.

Shae agora compreendeu por que Ayt havia concordado tão rápido e, ao que parecia, sem dúvida alguma, com o pedido de Ronu. Os Montanha podiam se dar ao luxo de perder alguns Dedos para o exército. O Desponta, não. Qualquer guerreiro a menos representava uma capacidade menor de proteger suas propriedades contra criminosos e arruaceiros anti-clã, ou de defender suas fronteiras territoriais contra os números recentemente maiores do Montanha. O Desponta já estava ficando para trás financeiramente, e qualquer outra perda de confiança dos Lanternas aceleraria a ruína do clã.

Ayt sabia que o Desponta precisaria vetar a proposta de Ronu, então era certo que a medida não iria para a frente. Ela aproveitara a oportunidade para posicionar a si mesma e a família Koben como líderes que tinham como interesse apenas o melhor para Kekon, enquanto, mais uma vez, imputava ao Desponta uma imagem egoísta e antipatriótica (que, a essa altura, já era uma tática de ataque confiável contra eles que ela não iria abandonar).

Sob a mesa, Shae dobrou a caneta com tanta força que a despedaçou em estilhaços de plástico. Estava revoltada com as incansáveis armadilhas de Ayt… e furiosa com Hilo. Assim como acontecera com Fuyin Kan no Sorte em Dobro, seu irmão avistara o perigo ainda mais rápido do que ela, mas a diplomacia não fazia parte da natureza dele.

— Kaul-jen — começou a dizer o General Ronu —, o que faria o senhor mudar de…

— Vocês não precisam de uma onda de formandos das escolas marciais — respondeu Hilo. — Os estrangeiros têm menos jade e recrutas de sangue mais fraco, mas dão conta de se virar. Não me venha com essa história de que não dá para usar todo o dinheiro e jade que acabaram de receber para fazer mais com o que vocês já têm.

Ninguém, nem mesmo Ayt Mada, era capaz de falar com o tom de autoridade final de Hilo. O General ficou num silêncio bastante tenso, como se fosse um Dedo novato que acabou de ser achincalhado por um Punho veterano.

— Essa discussão foi ótima — disse o Presidente Canto Pan, corajosamente se levantando para abrandar a tensão e impedir qualquer outra réplica. — E acho que devemos dar continuidade ao assunto na próxima reunião trimestral, depois de todos termos tempo de examinar as alternativas e pensar na melhor maneira de apoiar as prioridades do General Ronu, que todos nós, apesar dos desentendimentos, concordamos que valem a pena.

Ninguém protestou enquanto Canto agradecia Ronu e encerrava a reunião. Hilo se levantou de imediato e saiu rápido da sala sem falar mais nada.

Shae enfiou os papéis na bolsa. Quando se pôs de pé e apertou o passo para longe dali, conseguiu ouvir a voz profunda de Koben Yiro conversando amigavelmente com os aliados contribuintes do Clã da Montanha. Alcançou Hilo sozinho no corredor, agarrou-lhe pelo ombro e o obrigou a parar a fim de encará-la.

— Eu te *falei* para não recusar assim — sibilou. — Você disse não sem nos dar tempo para planejar uma contraproposta. Os Montanha vão usar muito isso contra nós. Vão garantir que a impressa caia matando em cima da gente.

O rosto de Hilo se verteu numa carranca.

— Eu prefiro morrer na mão da imprensa a morrer *de verdade* quando todos os esquemas da Ayt derem certo no final. — Ele deu uma olhada para as pessoas que vinham pelo corredor e se inclinou adiante para sussurrar com aspereza no ouvido dela. — Quer discutir agora, na frente dos nossos inimigos? Eu tô lutando contra todo incêndio que eles começam, Shae, e você tá lutando contra *mim*. A palavra do Pilar é final, mas você tem dificuldade de se lembrar disso, né?

Hilo se soltou das garras da irmã e seguiu até a escadaria para evitar a possibilidade de ter que conversar com mais alguém enquanto esperava o elevador. Os ombros de Shae se retesaram de frustação enquanto, mais uma vez, via-o partir.

— Kaul-jen — chamou uma voz atrás dela.

Ela se virou e viu um Osso Verde alto, usando óculos com armação de metal, e o reconheceu como o Homem do Tempo do clã União das Seis Mãos. Ele tinha se sentado duas cadeiras à esquerda de Ayt Mada na reunião.

Discretamente, Shae suspirou para suavizar a agitação de sua aura de jade enquanto assentia educadamente para o homem e vasculhava a memória em busca do nome dele. O sujeito apertou o botão para chamar o elevador.

— Foi mais animado do que o comum pra uma reunião da AJK, né? Bem diferente das discussões orçamentárias de sempre — disse ele, em tom de conversa. — O país pode até estar preso entre dois tigres, como o General Ronu falou, mas o Montanha e o Desponta são os dois tigres de Kekon. Sempre que vocês rugem, nós, as criaturas menores, ficamos correndo para a frente e para trás, tentando decidir quem tem menos chance de nos comer.

O elevador chegou e as portas se abriram. Atencioso, o Homem do Tempo do União das Seis Mãos gesticulou para que Shae entrasse primeiro. Ela o encarou desconfiada enquanto ia adiante. Não Percebeu nenhuma intenção hostil e não tinha motivo para considerá-lo um inimigo pessoal, mas ele era, no fim das contas, um aliado dos Montanha.

O homem entrou depois dela e imediatamente apertou o botão para fechar as portas, antes que qualquer outra pessoa saindo da reunião da AJK pudesse entrar no mesmo elevador. Shae ficou tensa. Ali, sozinha num ambiente fechado, sua Percepção fulgurou. Os batimentos cardíacos dele tinham aumentado. O sujeito estava nervoso, mas não demonstrava isso no semblante conforme permanecia parado ao lado dela e, com calma, apertou o botão do térreo.

— Cadê o seu Pilar? — perguntou Shae. — Não vão embora juntos?

— Daqui a pouco ele vem, depois de terminar de conversar — respondeu o Osso Verde. — Voltaremos para Lukang amanhã de manhã. — O União das Seis Mãos ficava na segunda maior cidade de Kekon, na costa sul da ilha. Uma única gota de suor escorreu pela lateral da testa dele. — Você já foi pra Lukang, Kaul-jen?

— Já, mas não recentemente.

— Acho que você ficaria impressionada com o quanto a cidade cresceu. Devia ir até lá quando tiver tempo.

Ele sacou um cartão de visitas do bolso no peito e entregou para ela. Em um lado do cartão branco ficava seu nome, Tyne Retubin, e suas informações de contato. Do outro, a insígnia vermelha de seu clã carimbada, uma marca que carregava a autoridade de seu Pilar.

— O clã União das Seis Mãos ficaria honrado em recebê-la — disse Tyne. — Pode ligar direto pra mim, de um Homem do Tempo pra outro.

O elevador parou. As portas se abriram e Tyne saiu sem nem olhar para trás ou falar mais alguma coisa. Shae permaneceu ali, para que os dois não fossem vistos juntos. Entendeu que Tyne Retu havia concluído uma missão perigosa passada por seu Pilar.

Ela guardou o cartão de visitas no bolso e dedilhou a borda como se estivesse testando o fio de uma navalha. Com a cabeça num turbilhão, manteve a mão nele enquanto caminhava os cinco quarteirões até a Rua Caravela. O retângulo de papel firme podia ser outra armadilha dos Montanha. Ou talvez fosse uma reviravolta do destino, uma resposta dos deuses que poderia resolver os problemas mais urgentes do Desponta e catapultá-lo à frente de seus inimigos. O União das Seis Mãos, o maior contribuinte do Montanha, estava interessado em trocar de aliança.



A festa de despedida de Woon foi um evento casual que aconteceu depois do trabalho numa sala privativa do bar de hoji Pato Pinguço. Diversos dos Agentes da Sorte do clã foram aproveitar a comida, a bebida e desejar os melhores votos para Woon, mas não se demoraram muito. Woon Papidonwa era respeitado no escritório, mas não tinha muitos amigos pessoais na Rua Caravela. Ser o representante da Homem do Tempo, um homem que diariamente obedecia a uma mulher mais jovem, cobrava certo preço, mesmo que essa mulher fosse uma Kaul.

Após o evento, Woon disse:

— Foi uma festa legal, Shae-jen. Obrigado. — Ele hesitou, e então confessou: — Eu te levaria pra casa, como sempre, mas bebi um pouquinho. É melhor eu esperar um pouco.

— Eu dirijo — disse Shae. — Pode espairecer a cabeça no carro.

Woon lhe entregou as chaves e ela dirigiu até a propriedade Kaul no veículo dele. Até chegarem, os salpicos de chuva intermitente se transformaram na primeira enxurrada da estação. Shae acenou para os guardas ao entrar pelo portão, então passou pela casa principal e estacionou na frente da residência da Homem do Tempo. Woon saiu e, usando um guarda-chuva para protegê-los, levou-a até a porta. Ela o deixou entrar e tirou o casaco branco enquanto ele sacudia o guarda-chuva.

— Espera a chuva passar e você sentir que consegue dirigir — disse Shae.

Depois, fez um bule de chá e o trouxe até o sofá, onde se sentaram juntos. Woon aceitou a xícara que ela o serviu.

— Semana que vem é bem capaz de eu dirigir até aqui sem nem perceber — disse ele. — E vou acordar em pânico de madrugada porque esqueci de te relembrar de algo na sua agenda.

— Não faz isso — respondeu Shae, rindo. Ficou séria e continuou: — Estou feliz que você vai seguir para um novo desafio e, tomara, vai poder passar mais tempo com a Kiya.

Woon assentiu e bebeu o chá. Ele não havia mencionado mais nada a respeito do aborto de sua esposa, ou se ainda estavam tentando ter filhos.

— Como foi hoje de manhã?

Depois de Shae lhe contar o que havia acontecido, ele levantou num pulo e ficou andando para lá e para cá pela sala.

— Trazer o União das Seis Mãos para o nosso lado seria um golpe e tanto — começou Woon. — Os pagamentos tributários deles por si só seriam um reforço financeiro considerável, isso sem mencionar a mão de obra que ganharíamos em Lukang. A cidade tá crescendo rápido, e controlá-la seria uma vitória muito mais expressiva do que o Fuyin Kan ou quaisquer outros Lanternas se aliando aos Montanha. — Ele franziu o cenho, e o vinco apareceu no lado direito de sua testa enquanto sua mente repassava os mesmos cálculos que Shae fizera mais cedo. — Será que é uma armação? Um jeito de nos ludibriar a compartilhar informações ou abaixar nossa guarda de alguma outra forma?

— É nisso que eu ando pensando — apontou Shae.

Mas Tyne parecera sincero. O sujeito não teria ficado tão tenso no elevador se o destino de seu clã não estivesse realmente em risco.

Woon mudou a direção de seus passos.

— Temos que seguir com cuidado, um passo de cada vez, pra garantir que a oferta é genuína antes de nos encontramos com os líderes deles ou nos comprometermos com alguma coisa. E, é claro, vamos ter que manter tudo em segredo. Vou começar a angariar todas as informações que temos a respeito do União das Seis Mãos e a fazer ligações discretas para os nossos que moram em Lukang pra descobrir mais.

Shae assentiu e começou a concordar em voz alta, mas então se conteve e disse:

— Não. — Quando Woon parou e, desnorteado, se virou para encará-la, ela o relembrou: — Esse não é mais o seu trabalho. Você tem outras responsabilidades agora. — Sorriu, tentando amenizar sua resposta. — Na primidia, quando você começar no seu novo cargo, vai ter diversas outras coisas com que lidar em nome do clã. Deixa isso com o Luto.

Woon seria o Carimbeiro do clã, um cargo recém-criado que consideram há muito necessário e que aliviaria parte da agenda de Shae de reuniões intermináveis. Como porta-voz e articulador político do Desponta, ele seria o principal ponto de contato com o Conselho Real, representantes de governos estrangeiros, clãs menores contribuintes e a imprensa. Era um bom trabalho para Woon, em quem se podia confiar para transmitir mensagens com precisão, entender e se alinhar às prioridades do clã e para falar com forasteiros com cuidado (e parcimônia, sempre).

Ele parecera ficar satisfeito e grato pela nova função, mas agora protestava, quase com raiva:

— Isso aqui é sério e importante demais pra deixar nas mãos do Luto.

— Você me ajudou a contratá-lo, Papi-jen. Falou que ele era excepcional de tão esperto e organizado, e que estava confiante de que eu trabalharia bem com ele.

— Pois é, mas… — Woon titubeou por um instante. — O Luto é novo no trabalho. Estou dando o meu máximo para treiná-lo, mas ainda vai demorar até que ele esteja pronto pra ser o seu Sombra. Trazer um clã contribuinte para o nosso lado é arriscado e difícil… não podemos cometer deslizes. Pelo menos me deixa continuar envolvido e supervisionando o trabalho do Luto.

Shae deu uma risada fraca.

— Não se lembra do motivo que te fez pedir para sair? É para você trabalhar menos daqui em diante, e não mais. — Ela não conseguira esquecer o que Hilo dissera no carro naquela manhã. *Não sei por que ele fica se torturando*

trabalhando contigo. Woon estava insistindo em continuar ajudando de alguma maneira porque acreditava que Shae precisava dele… o que era verdade. — Tá bom, mas deixa o máximo possível para o Luto, e não permita que isso roube tempo do seu trabalho de verdade.

Woon assentiu, aliviado, e se sentou ao lado dela no sofá.

— Não importa qual meu título oficial é, meu trabalho de verdade é te ajudar de qualquer forma que eu puder, Shae-jen.

A sensação era de que um nó surgia na garganta de Shae. Ela se aproximou do amigo e colocou os braços ao redor dele num abraço.

— Você já fez o suficiente — disse ela, descansando o queixo no ombro de Woon. — Dependi de você sem cessar durante seis anos, e te dei tão pouco em troca. Quando fazemos nossos juramentos como Ossos Verdes, falamos que estamos prontos pra morrer pelo clã. Mas *viver* pelo clã todo dia, como você tem feito, Papi-jen… acho que é um sacrifício ainda maior.

Um pulsar de emoção estremeceu pela aura de jade de Woon. Ele se reclinou em Shae e colocou a mão no braço que ela apoiara em seu peito.

— Temo que você ache que minha saída do emprego é porque estou cansado ou infeliz sendo seu Sombra. Ou que eu… — Woon hesitou. — Ou que eu esperava algo a mais de você. Mas não é isso.

Uma pressão ia se assentando no peito de Shae. Ela odiava o fato de que Hilo estava certo quanto a sua incapacidade de dizer o que precisava ser dito… mas tinha uma chance de mudar isso agora, antes que fosse tarde demais.

— Eu jamais poderia te culpar por querer a sua vida de volta sendo que fui eu quem me aproveitei de você — confessou, feliz por Woon não conseguir ver seu rosto, mas ciente de que ele era capaz de Perceber o retumbar de seu coração. — Depois que o Lan foi assassinado, eu explorei o seu luto para ludibriá-lo a trabalhar pra mim sendo que nós dois sabíamos que você poderia ter sido o Homem do Tempo caso as coisas tivessem acontecido de outro jeito. Eu não teria sobrevivido na Rua Caravela sem você, mas sinto muito pelo que fiz. E sinto muito por ter levado tanto tempo para falar isso.

Seu antigo ajudante ficou em silêncio por tanto tempo que Shae começou a temer ter cometido um erro terrível ao mencionar a morte de Lan. Era uma ferida que os dois tinham em comum, mas que carregavam individualmente. Ela deixou os braços se soltarem dele, mas Woon se virou para Shae e envolveu suas mãos grandes ao redor das dela com tanta firmeza que dava para sentir os batimentos cardíacos dele.

— Eu jamais teria sido o Homem do Tempo que você é, Shae-jen — disse

com a voz rouca e o rosto abaixado. — Não fui o Encarregado do Pilar que o Lan-jen precisava. Eu fazia tudo o que ele pedia e guardava seus segredos sem questionar. Foi um erro. Eu devia ter falado, devia ter confrontado ele, devia ter procurado o Hilo-jen. Mas não fiz nada disso. Fiquei feliz por ser promovido e, mesmo que eu soubesse que Lan estava machucado e usando brilho, eu o deixei sozinho quando ele mais precisava de mim.

Woon olhou para cima. Seu olhar normalmente firme parecia tão frágil quanto papel.

— Eu merecia morrer por esse erro. Prometi a mim mesmo que faria pela irmã do Lan tudo o que falhei em fazer por ele… que iria apoiá-la de qualquer forma que ela precisasse, mas que também a desafiaria, e que jamais deixaria de dizer o que precisasse ser dito, para que ela fosse a Homem do Tempo que eu não pude ser.

Woon ergueu uma mão para enxugar a lágrima que tinha começado a escorrer pela lateral do nariz de Shae.

— Não demorou muito para que ser o seu Sombra não fosse mais um dever, mas algo que eu, egoísta, queria fazer. Nunca foi fácil, e houve vezes em que fiquei com medo de falhar com você… mas, se fosse preciso fazer tudo de novo, eu nem hesitaria. O clã é meu sangue, mas, pra mim, a Homem do Tempo é seu mestre.

Shae era incapaz de encontrar as palavras para responder. A chuva havia parado e o céu estava límpido lá fora. Woon soltou as mãos dela e se virou de lado para esconder a vergonha em seu rosto.

— Melhor eu ir — disse ele, e começou a se levantar.

Ela o agarrou pelo punho e estava de pé antes que ele conseguisse se erguer por completo.

— Não vai.

Uma vibração de intenção mútua percorreu as auras de jade dos dois feito uma descarga elétrica.

— Shae… — Woon começou a dizer com a voz estranha.

E então, o espaço que os separava sumiu. A boca de Woon cobriu a dela, ou a de Shae a dele… ela não fazia ideia de quem havia dado o primeiro passo. Tudo o que sabia era que um muro bambo que vinham segurando cada um de um lado colapsou entre os dois. Ela estava na ponta dos pés, com os braços ao redor do pescoço dele. As mãos de Woon se enterravam no cabelo de Shae, agarrando-lhe pela nuca enquanto seus lábios e línguas buscavam um ao outro com um desprendimento trêmulo e desesperado que incendiava cada centímetro quadrado

do corpo de Shae.

Ela se afundou no desejo como uma pedra no meio de uma poça inerte. Fazia muito tempo desde a última vez em que estivera com alguém, quase quatro anos, e aquele relacionamento terminara numa tragédia inefável. Ainda assim, enquanto beijava Woon agora não havia hesitação, uma rendição incerta ou um choque de estranheza, apenas uma familiaridade sólida e uma torrente de extravaso tão natural quanto a gravidade. Ela sentia o tesão incendiar a aura dele como querosene em chamas, cegando sua Percepção com um ardor atroz.

Woon soltou um ruído baixo e frenético. Beijou-a com mais afinco e suas mãos abriram espaço sob a blusa dela, em busca da pele nua da barriga e das costas de Shae. As respirações ficaram ofegantes. Ela agarrou o cinto de Woon, abriu a fivela e soltou a camisa dele.

Com um movimento brusco, Woon agarrou a mão dela e a segurou firme, então afastou o rosto e a encarou com uma mistura de desejo e perplexidade. O peito dele subia e descia conforme ele batalhava para recuperar o controle. Sua aura se agitava enquanto Shae o mirava com olhos arregalados como um pássaro capturado em pleno voo.

— *Por quê?* — Ele conseguiu dizer. — Por que agora?

Shae não sabia ao certo se Woon esperava uma resposta. Ele virou o rosto e meneou a cabeça como se tivesse levado uma pancada e estivesse tentando clarear a vista.

— *Pelos deuses, por que,* depois de todo esse tempo?

Shae queria agarrá-lo, beijá-lo de novo, arrastá-lo de volta para a paixão desprendida, mas ele estava recuando, fechando o cinto e arrumando a camisa, incapaz de encará-la nos olhos. Ficou pasma ao perceber o quanto estava magoada.

— Você era meu Chefe de Equipe — respondeu. — Tínhamos uma relação profissional. E… — Ela pensou em Maro com uma pontada nauseante de remorso. — E estávamos com outras pessoas.

— Estamos. — Woon a corrigiu. — Estamos com outras pessoas. Eu sou casado.

Ele apertou a base da mão contra a testa, esfregando o vinco. Shae já o vira fazendo essa mesma coisa quando estavam sentados no escritório, discutindo algum problema complicado de negócios e, de repente, foi desconcertante ver aquele gesto familiar ali, na casa dela, enquanto os dois estavam com os rostos corados e roupas desalinhadas. Estava tão acostumada a enxergar Woon como seu assessor impassível e inabalável que ficou com a impressão de que os

últimos minutos não podiam ter acontecido de verdade. Mas, ao olhar para os olhos profundos, a boca firme, o peito largo e os braços compridos dele, sentiu um estranho espanto por isso não ter acontecido antes.

— Melhor eu ir — disse Woon, agora com convicção.

Um medo dormente se assentou como uma bola de gelo nas entranhas de Shae. Havia arruinado a amizade, perdido o respeito e o afeto dele. Concluiu que era péssima com homens. De fato, a pior de todas.

Sem falar nada, ela cavoucou o bolso da jaqueta em busca das chaves do carro e as entregou para ele. Quando seus dedos se tocaram, a dor do anseio e da confusão que percorria a aura de jade de Woon se verteu na Percepção de Shae, deixando o toque momentâneo carregado de uma forma que parecia extremamente desproporcional tendo em vista o limite que haviam ultrapassado.

— Me desculpa — sussurrou ela, desolada. — Eu não devia ter…

Woon a interrompeu com um balançar violento da cabeça.

— Não.

Ele pegou o guarda-chuva à porta sem olhar para Shae. Seus ombros estavam caídos.

— Boa noite, Shae-jen — disse, numa tentativa fracassada de soar normal ao abrir a porta.

— Boa noite. Dirija com segurança.

Ela tentou, desesperada, pensar em algo para dizer que fosse resolver a situação antes de ele partir, mas não conseguiu.

Ficou parada à janela e viu os faróis do carro de Woon se acenderem. Depois que desapareceram ao longo da via de acesso e sumiram além dos portões da propriedade da família, Shae puxou um cobertor sobre os ombros e se sentou em silêncio para beber o resto do chá, agora frio e amargo pela infusão excessiva.




CAPÍTULO 7

Um Novo Amigo

O Movimento Futuro Sem Clã se encontrava duas vezes por semana no salão do Caquizinho. Um ano e meio antes, quando Bero subira pela primeira vez a escadaria estreita rumo à penumbra do segundo andar, tinha encontrado apenas três homens jogando baralho. Esta noite, mais ou menos trinta pessoas se amontoavam no bar e ao redor de pequenas mesas, bebendo conhaque, fumando e repassando panfletos impressos num fino papel cinzento de jornal.

Lá fora, o constante barulho das ruas de Janloon ia de um murmúrio a uma torrente conforme o povo saía do trabalho e vertia, vivaz, para uma calorosa noite de primavera, mas as poucas janelas do Caquizinho continuavam propositalmente fechadas. As luzes vermelhas pendentes sobre o bar e a pequena pista de dança lançavam um brilho nebuloso e claustrofóbico nos rostos cautelosos. O ousado ataque ao Dobro Dobro quatro meses antes havia atraído possíveis revolucionários, mas também dificultara os encontros. O Desponta não conseguira encontrar os criminosos, mas não poupara energia para assustar cada grupo criminoso de seu território e espalhar a informação de que haveria uma recompensa para qualquer um que os levassem aos culpados. A oferta era tão boa que o próprio Bero ficou tentado a entregar Guriho, Otonyo e Tadino, mas eles provavelmente o delatariam também antes de serem assassinados.

Bero foi até os bancos vermelhos acolchoados ao longo da parede e se sentou entre Tadino e uma jovem vestindo uma echarpe rosa. Com cuidado para que o conteúdo não fizesse barulho, colocou a mochila no chão, entre os pés. Tadino o cutucou com o cotovelo magricela e sussurrou:

— Trouxe o negócio? Depois daqui a gente vai sair e tocar o terror, né?

Guriho e Otonyo não estavam planejando nenhuma nova movimentação dramática. Diziam que todos deveriam sossegar o facho por um tempo e focar em aumentar os números do MFSC. Mas Bero e Tadino ainda saíam de vez em quando com tinta spray e pés de cabra e faziam o que podiam para danificar negócios dos clãs, sempre mudando de região e sem padrão algum. Eram como peixes mordendo uma baleia, mas sempre fora assim para Bero. Ele era acostumado a estar no fim da fila. A tinta podia ser lavada, e as janelas, consertadas, mas ainda assim sempre geravam custos para os clãs. Mais pessoas viam que os Ossos Verdes podiam ser desafiados, até mesmo por peixe pequeno.

Guriho se levantou à frente do salão com uma prancheta e começou a falar num microfone. Sempre que o via, Bero pensava num cabrito de suéter. O oortokano de ascendência mista tinha olhos pequenos e uma comprida barba grossa. Respirava pesadamente, andava para lá e para cá enquanto falava, e sempre parecia vagamente esgrouvinhado. Mas era um orador cheio de energia.

— Dizem que a jade é um presente dos Céus, mas é uma maldição do inferno e dos demônios. No mundo inteiro as pessoas usam jade para o mal. Aqui em Kekon, todos vivem sob a tirania dos Ossos Verdes. Em Shotar, gangues barukânes usam ela pra extorquir, assassinar e estuprar. Os soldados do exército espênico que usam jade transformaram Oortoko em uma terra deserta, desolada pela guerra. — Ele gritou: — E quem controla a jade? Quem fica no topo dessa pirâmide de violência e corrupção? Os clãs Ossos Verdes de Kekon.

A plateia murmurava numa concordância irritada e as pessoas batiam os pés no chão como forma de aplauso. A mulher sentada ao lado de Bero se inclinava para a frente, na beirada do banco, e ouvia com atenção. Era linda. Muito linda. Jovem e linda demais para um grupo desse. Tinha um cabelo curto e sexy, pele branca como a neve e lábios fartos levemente entreabertos.

— Oi, qual é o seu nome? — perguntou Bero.

Ela se virou para ele com as sobrancelhas arqueadas de desconfiança e curiosidade. Era uma reação que Bero estava acostumado a receber das mulheres devido à sua juventude e rosto torto, característica que o tornava feio, mas também sugeria que havia algo de interessante nele, que talvez tivesse ficado deformado num duelo ou batalha.

A garota de echarpe hesitou.

— Ema — respondeu ela.

Bero gostaria de acreditar que a moça estava flertando e por isso disse o diminutivo de seu nome pessoal e não o sobrenome, mas ele sabia que era apenas porque ninguém nessas reuniões queria se identificar. O grupo consistia de uma improvável variedade de pessoas com origens desonrosas e ideologias radicais: “novos verdes” que usavam jade ilegalmente, ex-barukânes, viciados em brilho, estudantes e extremistas políticos como ativistas dos direitos abukianos, militantes anti-duelo e anarquistas. Havia até, para a surpresa de Bero, um estrangeiro sentado perto dos fundos do recinto. Muitas dessas pessoas se odiariam caso não odiassem os clãs ainda mais.

— Meu nome é Bero — disse ele para a mulher, mesmo que ela não houvesse perguntado, pois tinha voltado a ouvir Guriho. Bero então a cutucou e continuou: — Eu usava jade, sabe. Muita jade. Sempre precisei viver fugindo dos Ossos Verdes. Aqueles filhos da puta quase me mataram, mais de uma vez. É por isso que meu rosto é assim. Tenho sorte de estar vivo. — Deu para perceber pelo ligeiro e irritado olhar de Ema que ela não acreditava. — É verdade. Vamos sair pra beber alguma coisa depois e aí eu te conto.

Guriho olhou na direção do sussurro e, a contragosto, Bero ficou em silêncio. Guhiro segurou um dos panfletos que estavam sendo distribuídos.

— O Manifesto do Movimento Futuro Sem Clã — declarou o sujeito, e pigarreou antes de continuar a ler num timbre solene e pretensioso. — Na eterna batalha por uma sociedade mais justa e igualitária, livre das predações dos poderosos contra os fracos, o objetivo de nossa nobre luta é libertar o mundo da influência destrutiva da jade e colocar um fim no clanismo.

— Filosoficamente, tá ótimo — interrompeu uma voz áspera com sotaque, falando por cima das outras pessoas —, mas o que vocês realmente podem fazer contra os clãs?

Todos se viraram. Fora o estrangeiro quem fizera a pergunta. Era um homem baixinho, musculoso e com um nariz grande, de olhos com pálpebras caídas sob uma sobrancelha proeminente e cabelo encaracolado da cor de ferrugem. Apesar de estar deslocado ali, ele emanava uma certa fisicalidade e um olhar intenso que os kekonésios acostumados aos Ossos Verdes reconheciam como indício de um homem formidável, um homem capaz de lutar. A forma com que abordou Guriho não foi agressiva, mas havia um ar de desafio em seu tom.

— Se você ouvisse antes de perguntar, iria descobrir, né? — respondeu Guriho com um franzir de cenho. — Os clãs podem até ser poderosos, mas não

conseguem existir sem o apoio do povo. Os políticos, os Lanternas, cada pessoa que para pra saudar um Osso Verde na rua… todos alimentam o sistema. Devemos destruir o sistema! Vamos começar abrindo os olhos das pessoas pra criar um movimento popular…

— Claro, claro, vocês têm uma logo legal, boletins informativos e reuniões. — O kekonês do estrangeiro era até que bastante claro, mas palavras saíam picotadas tanto pelo sotaque quanto pela impaciência. — Mas os clãs Ossos Verdes têm jade, dinheiro, armas e gente. Pelo visto vocês não têm nada disso.

Tadino se levantou. Ele trabalhava no Caquizinho como ajudante do bar, e era devido à amizade de seu padrasto com Guriho que o lounge era um lugar seguro para as reuniões.

— Não sei como as coisas funcionam lá de onde você vem — disparou, exasperado —, mas aqui a gente não interrompe os outros com grosseria, ainda mais se formos desconhecidos que nem nos apresentamos.

O estrangeiro também se levantou, o que fez todos ao redor dele recuarem, atentos. Tadino ficou tenso, mas depois de pensar por um instante, o sujeito de cabelo encaracolado simplesmente abriu as mãos.

— Você tá certo — admitiu, com mais humildade. — Peço desculpas se ofendi alguém com as minhas perguntas diretas. Como podem ver, não sou daqui. Meu nome é Molovni e vim pra Janloon porque ouvi falar da nobre causa de vocês.

Um murmúrio de desconfiança e choque vagou pelo Caquizinho. Até mesmo Guriho piscou com seus olhinhos e pareceu incerto quanto ao que dizer.

— Ele é ygutaniano — sussurrou Ema, empolgada.

— Vocês podem até não saber, mas há muita gente fora deste país que simpatiza com o apelo do povo kekonésio vivendo sob a bota dos clãs. Vim para aprender mais a respeito da luta de vocês. — Assentindo para Guriho, Molovni voltou a se sentar. — Falei quando não era minha vez, mas por favor, continue seu discurso. É ambicioso, disso não há dúvidas, mas até mesmo objetivos que parecem inconcebíveis podem ser conquistados com ajuda dos amigos certos.




CAPÍTULO 8

Falando em Nome da Família

Emery Anden tentou não ficar nervoso com os seis médicos estrangeiros que assistiam à sua avaliação de fim de semestre. *Finge que eles não tão aqui*, disse com firmeza para si mesmo enquanto se virava, arregaçava as mangas e apertava a pulseira de médico em treinamento ao redor do punho esquerdo. Era um pedaço justo de couro, parecido com o que tinha usado quando era adolescente na Academia Kaul Dushuron, mas pintado de amarelo-claro para indicar que ele era estudante de medicina. Havia cinco pedaços de jade na pulseira de Anden, bem menos do que já usara no passado, mas o suficiente para o que o dia exigia.

Fechou os olhos e, com calma e num ritmo constante, respirou cinco vezes, ajustando-se ao que já lhe era familiar, e então foi até a pia para lavar as mãos. Seu corpo zunia com a energia da jade e do nervosismo. Seis anos antes (que mais pareciam uma vida inteira) ele jurara nunca mais vestir verde de novo. Agora, usava e tirava com tanta frequência que já havia virado rotina, algo indistinguível das outras labutas e estresses. No segundo ano da Faculdade de Medicina Bioenergética, foi exigido que ele acumulasse um certo número de horas de residência, mas quando adentrou o Hospital Geral de Janloon pela

primeira vez para começar o treinamento, havia brevemente considerado dar meia-volta e trancar os estudos. Tinha lembranças ruins neste lugar. De ficar sentado no corredor quando era criança, ouvindo os gritos de sua mãe. De acordar febril e com abstinência de jade depois de ter matado Gont Asch. Levara semanas para que ele parasse de sentir um embrulho no estômago quando atravessava as portas do hospital. Ser colocado nos holofotes diante de olhares estranhos numa sala de cirurgia trouxe de volta o desconforto soterrado.

Havia seis médicos espênicos parados rentes à parede com uniformes cirúrgicos emprestados, segurando pranchetas e canetas. Um estava com uma câmera 35mm em mãos. Eram visitantes do Centro de Pesquisa Médica Demphey da Universidade da Vigia Marítima, em Adamont Capita, e estavam ali para estudar o uso de jade no campo da assistência médica. Já fazia séculos desde que os espênicos tinham enxergado a utilidade militar de jade, mas fora apenas recentemente que alguns deles haviam passado a se interessar na forma com que os kekonésios usavam as habilidades de jade em outras áreas. Observavam Anden com um escrutínio tão intenso e cheio de expectativa que, para o rapaz, foi como estar sob o olhar dos mestres da Academia Kaul Du durante as Provações finais.

O paciente (um homem de 57 anos com tumor vascular no fígado) já havia sido anestesiado e preparado para cirurgia. O trabalho de Anden era puramente pré-operatório; o cirurgião ainda não tinha entrado. Dr. Timo, o médico Osso Verde supervisor de Anden, conferiu os sinais vitais do homem, então assentiu para que ele prosseguisse.

— Sem pressa — encorajou o sujeito.

Anden analisou as imagens de raio-x mais uma vez para relembrar do formato e do tamanho do tumor a ser removido. Depois, estendeu sua Percepção e entocou seu conhecimento na energia inconsciente do homem. O pulsar constante do sangue e dos órgãos do paciente aos poucos foi formando um mapa na mente de Anden. Depois de uma abrangente olhada no panorama do corpo, inseriu o foco de sua Percepção na rede de fluxo sanguíneo do torso do homem, e foi navegando através do que pareciam camadas de encanamentos interconectados de extensões e larguras variadas, todas zunindo com a vida que carregavam. Os olhos de Anden se enevoaram e semicerraram em concentração.

Ser um médico Osso Verde exigia tanta sutileza de Percepção quanto de Afluência. Anden sempre tivera um talento natural para a última, mas precisou de incontáveis horas de estudo e prática para refinar a primeira. Quando era um aluno da Academia sendo treinado para um futuro como Punho do Desponta,

aprendera a encarar a Percepção e a Afluência como um escudo e uma lança a serem usados com uma força rápida, mortal e nada sútil. Perceber as intenções homicidas de um assassino e Afluir a fim de parar um coração eram completamente diferentes do trabalho delicado para o qual ele precisava verter suas habilidades de jade agora. De pé ao lado da mesa de operação, Anden pairou uma mão sobre a parte superior direita do abdômen do paciente. Isolou a artéria hepática e Afluiu para dentro dela com um toque leve e firme, transmitindo energia o bastante para formar um coágulo que cortasse o fluxo sanguíneo para o tumor maligno. Levou apenas alguns minutos. Dr. Timo estava ali perto, acompanhando o procedimento com sua própria Percepção e a postos para assumir o controle caso fosse necessário. Quando Anden deu um passo para trás e abaixou a mão, o médico assentiu e então rápida e habilmente fechou algumas das veias menores para terminar o serviço e garantir que o tumor inteiro pudesse agora ser removido cirurgicamente com uma perda mínima de sangue.

Normalmente, o cirurgião agora interviria para fazer a ressecção, mas, devido aos estrangeiros que observavam o procedimento, Anden continuou por perto e esperou por quinze minutos enquanto mais raios-x eram tirados e revelados, mostrando, por meio do corante de contraste, que o fluxo sanguíneo para a massa cancerígena havia sido interrompido. Os espênicos se reuniram ao redor das imagens enquanto faziam anotações e conversavam uns com os outros. Anden estava dispensado. Passou respeitosamente pelo cirurgião que vinha chegando e pela equipe da sala de cirurgia, saiu do recinto rumo ao corredor e se sentou em um banco próximo. Tirou a pulseira de treinamento, reclinou a cabeça contra a parede e fechou os olhos para navegar a desorientadora náusea momentânea.

A maioria dos profissionais médicos Ossos Verdes não tiravam a jade, mas Anden era muito sério quanto a usá-la apenas quando estava de serviço, por assim dizer. Como penitentes e professores, médicos tecnicamente não deviam nada a clã nenhum, e machucá-los era considerado uma quebra do aisho, mas a situação dele era única. Anden era membro da família Kaul, conhecido como o homem que matara Gont Asch, o antigo Chifre do Clã da Montanha. Também prestara serviço na Espênia para seus primos, onde participou do assassinato do traficante Zapunyo. Médico ou não, era um Osso Verde do Desponta, e não estava disposto a correr o risco de reagir com as habilidades de jade de forma letal, porque poderia tanto ser considerado quanto se tornar um dos guerreiros do clã. Não seria muito difícil acabar sugado de volta ao caminho que rejeitara com tanta firmeza.

Anden abriu os olhos e viu dois dos médicos espênicos parados à sua frente com semblantes muitíssimo interessados. O mais alto, um sujeito de barba aparada e com um sorriso largo, disse:

— Foi uma demonstração bem impressionante que você nos deu lá. Se não se importa, gostaria de perguntar de onde você é. Você é… o que…

Ele gesticulou com as mãos abertas, obviamente perguntando a respeito da etnia ambígua de Anden.

O tradutor ao lado do médico começou a repetir a pergunta em kekonês, mas Anden o parou e respondeu em espênico enquanto resistia ao ímpeto de fechar a cara frente ao questionamento esquisito.

— Meu pai era espênico — explicou. — Mas eu nunca o conheci. Nasci em Janloon.

— Mas o seu espênico é muito bom — comentou o médico.

— Morei em Porto Massy por quase quatro anos — explicou Anden. — Me formei e trabalhei lá antes de voltar pra Janloon.

— É mesmo? — O sorriso do médico estrangeiro se alargou. — Você chegou a voltar para visitar Porto Massy? Consideraria ir a Adamont Capita? — O sujeito pegou um cartão de visitas na carteira e o entregou para Anden. — Meu nome é Dr. Elan Martgen. Sou um dos principais líderes da equipe investigava do Centro de Pesquisa Médica Demphey. Depois do que vi nesta viagem, gostaria de convidar alguns médicos de Kekon para nos visitarem e fazerem demonstrações de técnicas de cura bioenergética para uma audiência maior composta de profissionais da saúde na nossa conferência anual este verão. Claro, pagaríamos pela sua viagem e acomodações.

Anden se levantou e, embora confuso pelo convite, aceitou o cartão.

— Fico feliz que a viagem do senhor tenha sido proveitosa, mas você deveria convidar outra pessoa para sua conferência. Sou apenas um aluno, não tenho qualificação para atuar ainda.

Ele estava à frente de sua turma; aquele bloqueio de fluxo arterial não costumava ser feito por alunos antes do terceiro ano, mesmo que se tratasse de algo rotineiro e um tanto simples que um médico Osso Verde experiente como o Dr. Time conseguiria fazer até dormindo.

Dr. Martgen trocou um olhar com seu colega, um sujeito mais novo, mais baixo e de cabelo cacheado, antes de se virar de volta para Anden e dizer:

— Nossa intenção é convidar um seleto grupo de curandeiros de jade, e gostaríamos muito de contar com a sua presença.

— A maioria das pessoas que conhecemos aqui não fala espênico tão bem

quanto você — disse o médico mais novo. — E, sendo bem sincero, muitos dos nossos colegas não estão convencidos do potencial médico da jade bioenergética. Não a consideram tão válida quanto as ciências físicas e acreditam que não há muitos motivos para estudar práticas que, até o momento, são restritas a uma pequena e distante ilha.

— Você poderia nos ajudar a fazê-los mudar de ideia — acrescentou o Dr. Martgen.

Anden olhou de um para o outro e compreendeu agora que havia sido abordado devido à sua aparência e linhagem meio espênica. As pessoas de Demphey verem alguém que parecia e falava espênico praticando o que era visto como uma misteriosa e obscura arte curandeira ajudaria muito a avançar a causa do Dr. Martgen com quaisquer colegas, superiores ou acionistas que ele precisasse impressionar.

— Será um prazer manter o contato dos senhores — respondeu Anden de forma descompromissada.

— Por favor, pense mesmo a respeito — disse o Dr. Margen, cumprimentando-o antes de voltar a se juntar ao restante do grupo que já ia sendo guiado ao próximo compromisso do cronograma.

Depois de os estrangeiros partirem, Anden analisou o cartão por um instante antes de guardá-lo no bolso.

Até então, não tinha parado para pensar em visitar a Espênia, e achou a ideia tão inesperadamente atrativa quanto vagamente desconfortável. Quando retornou a Janloon, Anden tivera a estranha e realista epifania de que nunca vivera como adulto na cidade em que nascera. De muitas maneiras, tinha passado o ano e meio anterior se reinventando. Agora era um aluno de medicina, tinha um apartamento próprio perto do hospital na Cidade Velha, e era tio de três criancinhas. Porto Massy parecia distante, e os anos lá, um sonho, com certas partes felizes, outras amargas e algumas um verdadeiro pesadelo. Às vezes, pensava nas pessoas de quem se aproximara lá: a família que o hospedou, Seu e Dona Hian; Dauk Losun e a esposa, Sana; os amigos do releibol e do salão do rancor. E Cory. Anden ainda pensava em Cory, de vez em quando num anseio vivaz, mas mais normalmente com uma curiosidade melancólica em que se perguntava o que será que ele andava fazendo.

Não fora devido às suas habilidades médicas em desenvolvimento que os médicos espênicos lhe haviam estendido o convite, mas pelo que ele representava. Era a primeira vez que Anden conseguia se lembrar de desconhecidos vendo seu sangue misto como uma vantagem, algo desejável, e

não lamentável. Na festa do clã, Wen lhe dissera que seu valor não estava nas habilidades de jade, mas em quem ele era como pessoa. Anden não havia sido capaz de internalizar muito bem o encorajamento de sua cunhada, mas também não o esquecera.



Na sexdia, Anden foi à residência Kaul para falar com seus primos. O Pilar, a Homem do Tempo e o Chifre estavam em uma reunião privada, então ele ficou com os priminhos no sofá da sala de estar, lendo livros infantis para os pequenos enquanto esperava. Niko ouvia em silêncio, mas Ru fazia tantas perguntas a cada página que não foram capazes de terminar nem uma história inteira direito antes de Jaya acordar em outro cômodo, chorosa e mal-humorada. Ele amava as crianças, em especial Niko, mas não conseguia deixar de se sentir grato pelo fato de que nunca seria pai.

Quando o escritório se abriu e Juen Nu saiu, Anden bateu à porta e entrou. Hilo estava sentado à mesa, com a cabeça apoiada em uma das mãos. Os papéis espalhados diante dele continham gráficos e números com anotações em destaque na caligrafia de Shae. Não era possível saber se o Pilar estava incontestavelmente carrancudo por ser obrigado a estudar aquelas densas informações ou pela mensagem que os dados passavam.

— O que é, Anden? — Hilo levantou o olhar.

Anden sabia, por meio de conversas tensas durante o jantar, que o Montanha estava usando e abusando da autoridade que tinha para cercear o Desponta de todas as formas. Quando Lan era o Pilar, Ayt Mada promovera uma campanha para invadir territórios do Desponta e, assim, enfraquecer o clã. Agora, o inimigo estava usando dinheiro e a imprensa em vez de espiões e criminosos de rua. Dessa vez, no entanto, Anden não era um adolescente indefeso esperando para se juntar à guerra. Era um adulto que já estivera em guerra e tinha suas próprias conexões e influência.

— Quero fazer uma viagem de volta pra Espênia — contou.

Depois de explicar o pedido, Hilo acendeu um cigarro e esfregou a sobrancelha com o dedão.

— Tem pessoas no clã que querem que a gente saia daquele país de uma vez por todas, que nem se envolva mais com as coisas de lá.

A Espênia andava aparecendo sempre nos noticiários. A RDE planejava expandir a base naval da Ilha Euman para reforçar seu poder contra Ygutan naquela região. Em Kekon, a decisão atraíra uma considerável oposição pública.

— Vale a pena a tentativa, Hilo-jen — disse o rapaz.

Shae estava sentada de braços cruzados em uma das poltronas, a certa distância do irmão. A relação entre o Pilar e a Homem do Tempo continuava conturbada. Ela deu um sorriso amarelo para Anden.

— Lembra como você ficou chateado quando te mandamos ir pra lá pela primeira vez? E agora você tá pedindo pra voltar. — Para Hilo, Shae disse: — O Anden deveria ir. O lucro de nossos negócios espênicos é o que tá nos salvando agora, mas o fato de os dois países não confiarem e não entenderem um ao outro é um problema recorrente. Se algo pode nos ajudar a mudar isso, mesmo que seja numa única área, como a saúde, talvez já nos ajude.

Hilo não parecia lá muito convencido, mas cedeu:

— Tá bom, primo. Você pode ir e falar em nome da família.

Naquele momento, Niko gritou:

— Não! — O garoto estava parado na porta parcialmente aberta do escritório, com os pequeninos punhos cerrados ao lado do corpo. — Espênia é o lugar onde a mamãe se machucou. O tio Anden não devia ir pra lá. Vocês não podem obrigar ele!

Atônitos, os adultos encararam o menino.

Anden foi até o sobrinho de 6 anos de idade, se agachou na frente do pequeno e colocou as mãos em seus ombros trêmulos.

— Niko-se, fui eu que pedi pra ir — reassegurou. — Vai ser uma viagem curta, e não vou fazer nada perigoso lá. Claro, sempre existe um certo risco, mas famílias como a nossa não podem se dar ao luxo de não correr riscos.



A Homem do Tempo fez telefonemas para o reitor da Faculdade de Medicina Bioenergética para deixá-lo ciente do interesse do Desponta no assunto, então a viagem foi organizada com uma impressionante prontidão. Dois meses mais tarde, Anden e três dos melhores médicos do corpo docente, incluindo o Dr. Timo, chegaram em Adamont Capita. AC era uma cidade antiga, com ruas estreitas de paralelepípedo e prédios históricos de tijolo à vista. Havia monumentos brancos de mármore enfurnados em todo canto entre torres empresariais de vidro, imponentes prédios do governo e embaixadas estrangeiras. Anden nunca fora à capital da República da Espênia antes, mesmo que ficasse a apenas três horas de ônibus de Porto Massy, onde ele tinha morado e trabalhado por quase quatro anos. A ideia de explorar outras cidades não lhe ocorrera, ainda mais levando em consideração que, como um jovem de 19 anos,

Porto Massy já lhe parecera enorme, desconhecida e avassaladora.

Agora, no entanto, apreciava a oportunidade de se comportar feito turista. O Dr. Martgen e a equipe do Centro de Pesquisa Médica Demphey eram anfitriões acolhedores; tinham acomodado os visitantes num hotel bem equipado e os levado para conhecer a Universidade da Vigia Marítima e os principais pontos turísticos da cidade quando não estavam ocupados conhecendo pessoas e fazendo demonstrações para pesquisadores intrigados. Como mero aluno, Anden não liderava nenhuma das reuniões ou apresentações, mas ajudava em diversas ocasiões e atuava como tradutor do grupo inteiro. Ao fim da conferência de cinco dias, ele estava muito mais exausto de pensar e falar em dois idiomas, e de transitar pelos costumes divergentes tanto dos visitantes quanto dos anfitriões, do que por qualquer esforço empregado nas habilidades de jade.

Na manhã seguinte, Dr. Timo e os outros médicos pegaram voos direto de Adamont Capita para Janloon. Anden ficou. Pegou um taxi do hotel até o Departamento Industrial federal, que ficava numa construção retangular aos moldes de uma fortaleza, no fim do quarteirão e do outro lado da praça da Assembleia Nacional. Enquanto esperava num sofá do lobby dos elevadores, olhou para a sede do governo — uma enorme estrutura branca que se erguia em camadas quadradas até um imponente topo em forma de pirâmide. As laterais eram iluminadas por holofotes que mudavam de cor à noite. As linhas retas e planos perfeitos pareciam marcantes e ameaçadores para Anden, fechadas e inescrutáveis.

Uma secretária apareceu para recebê-lo. Ela pediu desculpas pela demora e o acompanhou até um escritório de canto no sétimo andar. A placa de identificação na porta dizia: KELLY DAUK, SECRETÁRIA ADJUNTA. Ele entrou.

A irmã mais velha de Cory, Dauk Kelishon, exibia uma semelhança com o pai e o irmão no formato do rosto e da boca, que estava erguida num sorriso educado quando se levantou para cumprimentar o visitante. Ela gesticulou para uma cadeira em frente à sua mesa.

— Sr. Emery, eu imagino?

A secretária adjunta devia ter cerca de 40 anos, e vestia uma saia social grafite, uma blusa preta e um colar de pérolas. O cabelo, num corte imaculado que ia até a altura do queixo, emoldurava o rosto. Num jeito alegre, porém rígido e profissional, ela era completamente diferente do extrovertido irmão mais novo.

Em kekonês, Anden disse:

— Sra. Dauk, obrigado por concordar em me receber.

A mulher virou a cadeira de lado, apoiou um braço sobre a mesa e cruzou as

pernas enquanto, com o sorriso educado inalterado no rosto, analisava o rapaz.

— Concordei com essa reunião como um favor aos meus pais. Minha mãe sabe como ser extremamente insistente — disse ela, respondendo-o em espênico. — Pelo que eles me contaram, você é representante de um dos clãs kekonésios. Lamento dizer que não sei ao certo o que isso tem a ver comigo e com o Departamento Industrial.

Tecnicamente, Kelly não estava sendo grosseira, mas Anden ficou um tanto surpreso pelo tom indiferente e pela mudança de volta ao espênico. Com relutância, acompanhou-a no uso de seu segundo idioma e, por necessidade, falou com mais cuidado.

— Estou visitando Adamont Capta por outros motivos e, durante minha estadia, espero fazer algumas conexões amigáveis no Departamento Industrial em nome da família Kaul do Desponta.

— É este o nome do clã para o qual você trabalha?

Anden hesitou, sem saber ao certo se ela estava falando sério, ou fingindo ignorância para testá-lo por algum motivo.

— O Desponta é um dos dois maiores clãs de Kekon — explicou ele devagar. — Controlamos quase metade da capital, assim como a mineração de jade e negócios em diversas indústrias por todo o país. Praticamente metade das cadeiras do Conselho Real Kekonésio é ocupada por legisladores leais a nós. O Pilar do Desponta é meu primo. Minha outra prima comanda o lado administrativo como a Homem do Tempo. Me pediram para falar em nome da família.

A secretária adjunta respondeu:

— Sr. Emery, meu trabalho aqui no Departamento Industrial é trabalhar em conjunto com o Secretário Hugharte em problemas referentes a políticas de economia doméstica. Jade bioenergética não faz parte do nosso escopo.

— Compreendo — disse Anden —, mas jade não é a única preocupação do clã. Queremos fazer negócios na Espênia e fomentar parcerias aqui, mas há barreiras que estão nos impedindo. Gostaríamos de defender nossa posição com legisladores do governo espênico. Claro, minha família tem contato direto com o embaixador espênico e com o Ministério de Relações Internacionais, assim como com o exército RDE na Ilha Euman, mas também precisamos de amigos em Adamont Capita que tenham influência junto ao primeiro-ministro e à Assembleia Nacional.

Ele parou por um instante. Talvez fosse devido ao persistente semblante neutro de Kelly Dauk, ou ao fato de que não costumava falar tanto e com tanta

complexidade em espênico, mas a sensação era de que as palavras estavam saindo devagar e com cada vez mais dificuldade. Será que estava embaralhando tudo e não se fazendo entender direito?

— Respeito muito a sua família, e considero seus pais e seu irmão como amigos pessoais.

A irmã de Cory o encarou por um longo instante até que, enfim, disse:

— Meus pais são de uma geração mais antiga de imigrantes kekonésios que ainda mantém valores tradicionais e culturais de honra e reverência aos clãs e à jade. Tenho certeza de que, mesmo mais velhos, continuam mandando e desmandando nos vizinhos daquela regiãozinha da Arapuca Sul. Projetaram expectativas no meu irmão desde que o Cory era uma criança. Para usar jade, para ser "verde", como eles dizem. — O sorriso educado de Kelly se alargou, mas não transmitia cordialidade alguma. — Dá para ver por que gostaram tanto de você, um jovem da velha nação.

Anden buscou uma resposta, mas, antes que pudesse encontrar alguma coisa para dizer, Kelly Dauk entrelaçou as mãos e continuou:

— Meus pais e os amigos deles reclamam sem parar do governo. Acham que jade ser proibida para civis é o ápice da tirania e do preconceito étnico. Os associados do seu clã em Kekon querem fazer mais dinheiro vendendo jade bioenergética para este país, e anseiam por ver a proibição ser atenuada ou revertida por completo. É isso ou estou entendendo errado?

Anden foi pego de surpresa e, sem pensar direito, voltou a falar em kekonês:

— A questão não é vender jade. Você não quer ver uma lei tão descabida quanto essa, que prejudica e tem como alvo o povo kekonésio, abolida? Ainda mais sendo que você mesma vem de uma família Osso Verde?

— Eu não faço as leis, Sr. Emery — respondeu a Sra. Dauk, ainda em espênico. — Mas, ao contrário de certas pessoas, eu as obedeço.

— Minha família jamais esperaria ou pediria que você fizesse qualquer coisa difícil ou inapropriada que pudesse afetar seu cargo — protestou Anden. — Minha única expectativa com esta visita era que você talvez se dispusesse a conversar com meus primos, a apresentá-los ao Secretário Hughart e outros oficiais de alto escalão do seu departamento, e talvez a nos dar alguns conselhos valiosos a respeito de como exercer nossa influência nas pessoas certas do governo, já que você tem tanta experiência com o funcionamento das coisas aqui em Adamont Capita. É o favor que eu te peço, como amigo da sua família e de um kekonésio para outro.

— Eu sou espênica, Sr. Emery. E funcionária pública do governo federal. —

Ela se levantou da mesa numa rejeição educada, porém firme, e então sua secretária abriu a porta para que Anden fosse embora. — Se o que você quer é forçar as pautas do seu clã, vai ter que procurar outros meios.



Na tarde seguinte, Anden pegou o ônibus expresso e viajou por três horas de Adamont Capita até Porto Massy. Pela janela, ficou olhando a familiar silhueta da metrópole, nutrindo uma profunda e receosa nostalgia conforme o ônibus atravessava a Ponte do Olho de Ferro e passava sob a sombra do famoso Edifício Mastro. Seu Hian o encontrou na rodoviária de Marmelo e o recebeu como se ele fosse um filho voltando ao lar. Abraçou-o e falou que Anden parecia saudável.

Foram direto para a residência dos Dauk, onde Dona Hian e Dauk Sana estavam preparando um enorme jantar de boas-vidas com peixe frito apimentado, verduras refogadas, sopa de cinco cogumelos e macarrão frito. Dauk Losun posicionou Anden na ponta da mesa, e no decorrer da noite, ele foi empanturrado de comida e de conversa. Velhos amigos e conhecidos apareceram: Derek, que agora era o dono e gerente de uma oficina; Sammy e dois outros Ossos Verdes chamados Rick e Kuno; Tod, agora cabo dos Anjos Navais, em casa de licença; Tami, que trabalhava num consultório odontológico e oferecia serviços como fotógrafo freelancer. Todos foram queridos, mas um tanto reservados, sem conversar tão casualmente quanto na época em que Anden morava em Arapuca Sul, como se ele tivesse envelhecido dez anos durante os últimos dois, e agora fosse mais velho, e não mais novo do que os espênicos. Anden teve a impressão de que estava sendo tratado tão bem não apenas porque as pessoas tinham lembranças carinhosas da época em que ele era um estudante e morava com os Hian, mas porque era um representante do Desponta, um visitante importante de Janloon, enviado pela família Kaul.

Talvez tivessem vindo também por curiosidade, porque ouviram histórias: ele planejara o assassinado de um traficante internacional de jade; quase fora executado pelos Tripulantes junto com Rohn Toro; era secretamente um poderoso Osso Verde que usou jade para trazer uma mulher de volta à vida.

Cory apareceu depois do jantar e disse que precisara trabalhar até mais tarde no escritório. Como sempre, sua chegada gerou um leve furor de gritos, tapas nas costas e risadas amigáveis. O rapaz cumprimentou meia dúzia de pessoas e se aproximou para apertar a mão de Anden, sorrindo como se os dois fossem velhos, porém distantes, amigos. Havia uma minúscula mulher espênica com ele, e a desconhecida foi apresentada como “Daria, uma amiga minha da faculdade

de direito”. Anden sentiu a boca ficar desconfortável de tão seca. Teve que se esforçar para não perder o fio da meada quando Cory lhe perguntou como andavam coisas, se estava gostando de voltar a Janloon e a respeito dos estudos.

— Nunca te imaginei sendo médico, Anden, mas tenho certeza de que você vai tirar de letra — disse Cory com uma risada só um pouquinho forçada. — Daí vocês percebem o quanto eu sei das coisas, né?

Ele usou o nome de Anden e nem uma vez sequer o chamou de *ilhéu* naquele tom carinhoso e provocativo que costumava usar. Magoado, se perguntou como Cory conseguia (como era capaz de perdoar, seguir em frente e agir com tanta normalidade?), mas, pensando bem, a disposição espirituosa e a personalidade tranquila eram coisas que Anden havia admirado e achado cativante a respeito dele. Cory não ficou por muito tempo, e partiu com a amiga menos de uma hora depois, o que deixou Anden chateado e aliviado.

Ao fim da noite, enquanto Dona Hian e Dauk Sana recolhiam os pratos e arrumavam a cozinha, Dauk Losun se alongou e disse para Anden:

— Quero dar uma voltinha pelo quarteirão pra comida descer melhor. Vem comigo?

Era uma noite quente de verão, com umidade o suficiente pairando no ar para que houvesse uma ameaça de tempestade mais tarde. Conforme Dauk e Anden iam seguindo por Arapuca Sul, as pessoas levavam as mãos à testa para cumprimentá-los e se abaixavam em saudações ligeiras dedicadas ao homem que chamavam de Pilar. Anden diminuiu o passo para acompanhar o ritmo tranquilo de Dauk.

— Anden, peço desculpas pelo jeito com que minha filha te tratou. De verdade, estou envergonhado.

— Não precisa se desculpar, Dauk-jen.

— A Kelishon é muito independente, muito motivada — explicou Dauk, meneando a cabeça. — Sempre buscou o sucesso, e não quer nenhum envolvimento com o que ela enxerga como os velhos costumes kekonésios, com os costumes dos seus pais. Então ela vive de acordo com as regras da Espênia. Agora que chegou a uma posição importante no governo, eu esperava que ela fosse se lembrar de onde veio e estivesse disposta a ajudar o próprio povo, mas, ao que parece, ficou ainda mais intransigente e indiferente, decidida a se distanciar de nós.

— Tem gente que acaba sendo diferente do restante da família, independentemente do sangue ou de como foram criadas — comentou Anden. — Ninguém tem culpa.

Não iria demonstrar a própria decepção para não envergonhar Dauk, mas não conseguia deixar de se perguntar como alguém sem fé alguma na família era capaz de alcançar uma posição tão importante na sociedade espênica.

— Acho que eu devia ter me esforçado mais pra treinar minhas filhas para serem Ossos Verdes — disse Dauk com um suspiro. — Esse tipo de coisa simplesmente não acontecia quando eu era mais novo, a menos que fossem curandeiras não ordenadas como a Sana, ou talvez penitentes. Agora você vem e me conta que há mulheres Ossos Verdes em Kekon, inclusive a sua própria prima, e até mesmo uma Pilarisa. O mundo muda tão rápido, e eu sou só um velho.

— Você ainda não é velho, Dauk-jen.

Aos 64 anos, ele ainda possuía um belo apetite e uma risada energizante, muito embora, nos dois anos desde a morte de seu grande amigo, Rohn Toro, o Pilar de Arapuca Sul, parecesse ter de fato envelhecido rápido. Agora havia vincos profundos ao redor de sua boca, o cabelo havia ido ainda mais para trás na cabeça, e Anden o vira engolir comprimidos junto com o jantar.

— Você conhece o velho ditado: "guerreiros de jade são jovens até deixarem de ser". E eu sei que minha época já está passando — disse Dauk num tom sarcástico enquanto colocava as mãos nas costas durante a caminhada. — Desculpa não ter sido mais útil, mas nós, os kekonésios, temos pouquíssima influência na política nacional deste país, até mesmo em comparação aos Tripulantes.

— Meus primos são muito agradecidos pelo esforço do senhor por nós, Dauk-jen — falou Anden. — A verdade é que as coisas não estão indo muito bem lá em Kekon. A Guerra Latente piorou nossas relações com a RDE, o que é algo que nossos inimigos estão usando contra nós, isso enquanto nos atacam de diversos outros jeitos. Precisamos de nossos negócios aqui na Espênia, então meus primos estão procurando qualquer margem de manobra que melhore nossa posição, mesmo que seja a longo prazo.

Dauk franziu os lábios.

— Também não há nada que eu gostaria mais de ver do que a proibição de jade sendo revogada, mas não sei ao certo se isso é possível. O Desponta é poderoso, mas não é capaz de mudar o comportamento e as leis de um país inteiro cheio de gente que não nos entende.

Depois de ter sido rejeitado tão grosseiramente no dia anterior, Anden estava inclinado a concordar com Dauk, mas acabou dizendo:

— Faz só cinco anos que a gente achava que não tinha nada que pudéssemos

fazer contra os Tripulantes além de aceitar o abuso deles, mas olha como as coisas mudaram. Vai saber o que pode acontecer no futuro.

— Palavras ditas com o otimismo de um jovem. — Dauk bufou, mas abriu um sorriso no escuro.

— Vocês tiveram mais alguma incomodação com as Tripulações nos últimos tempos? — perguntou Anden.

Os Tripulantes e Ossos Verdes de Porto Massy alimentavam um ódio violento uns contra os outros. As Tripulações locais acreditavam que os kekonésios lhes tinham vendido jade ruim de propósito e que eram os culpados pela ruína da Tripulação do Sul do Chefe Kromner, que resultou nas sangrentas e sensacionalistas guerras internas entre os Tripulantes e na intervenção policial. Já os kekonésios jamais perdoariam a cruel execução de Rohn Toro.

Dauk Losun assumiu um semblante sério.

— As Tripulações tão machucadas, mas animais machucados ainda são perigosos. Temos mais jade e mais Ossos Verdes treinados do que no passado, então eles têm um motivo para nos respeitarem e temerem. E isso devemos ao Desponta, mas, ao agir abertamente e com afinco em excesso, é possível que a gente vá longe demais, que acabemos expostos ao perigo.

Tinham chegado de volta à casa dos Dauk.

Anden conseguia ouvir a voz dos Hian e de Sana, mas o Pilar ainda não entrou. Parou na calçada que levava à porta e esfregou a nuca antes de, com o cenho franzido enquanto escolhia as palavras, se virar para encarar Anden.

— O seu primo, Kaul Hilo, mandou o próprio Encarregado do Pilar pra nos ajudar a punir a Tripulação do Sul. Eles encontraram e executaram os homens que assassinaram o meu bom amigo Rohn Toro e que quase mataram você e a sua cunhada.

Anden não respondeu. Ficara sabendo que Maik Tar fizera viagens à Espênia a mando de Hilo, e o objetivo não era surpresa nenhuma. No entanto, a expressão de Dauk não estampava satisfação alguma; seu rosto estava transtornado.

— O corpo do Willum Reams nunca foi encontrado, mas os dois Ossos Verdes que estavam com o Maik naquela noite me contaram o que aconteceu. Anden, foi terrível demais. O Maik exagerou muito. Não precisava de tudo aquilo.

Enquanto os fogos de artifício estouravam no Ano-novo, Tar, que estava bêbado, envolveu os ombros de Anden com um braço.

— Quero que você saiba que a gente mandou aqueles dois espeniquitos pro

além e eles foram gritando daqui até lá. Essa foi por você, rapaz.

Tinha brindado o copo de hoji de Anden com o seu próprio, e então seguido para a festa.

Dauk deu um suspiro aflito.

— É mais do que natural buscar vingança por nossos amigos e punição para nossos inimigos, mas, se estivermos conectados a crimes horrorosos, vamos ser vistos apenas como assassinos, e a jade estará sempre coberta de sangue. Você vem aqui e me diz que o Desponta quer fomentar os negócios do clã e fortalecer sua influência, mas agir desse jeito faz com que a gente pareça ainda pior do que os Tripulantes, e isso vai contra o que você tá esperando.

— Dauk-jen, você está certo em mencionar esse assunto — concordou Anden baixinho.

— Você viveu aqui, Anden. Entende que na Espênia, nós, os Ossos Verdes, precisamos ser muito mais cuidadosos do que em Janloon. Como as Tripulações se enfraqueceram, a polícia passou a prestar atenção em nós. Tão procurando qualquer desculpa pra prender pessoas de bairros kekonésios em busca de jade, mesmo que nenhum outro crime tenha sido cometido. — Dauk grunhiu. — É bastante trabalho pro Coru, já que ele não para de trabalhar como advogado de defesa. Mas é prejudicial pra nossa comunidade. Por que algum jovem dos dias de hoje vai querer treinar as ordenações de jade se isso significa enfrentar perseguição e viver como forasteiros? Em vez disso, eles escolhem abandonar o legado de seus antepassados para se encaixar como espênicos propriamente ditos. Anden, o meu maior medo é que daqui a vinte anos não haja mais nenhum Osso Verde de verdade neste país.

Uma brisa forte agitou a úmida noite de verão. Em algum lugar ao longe, uma sirene ressoou e depois se silenciou. No dia seguinte, Anden estaria voando de volta para casa, sem nenhuma vitória palpável para relatar aos primos, nada que fosse ajudar substancialmente o Desponta. O agouro na voz de Dauk intensificava ainda mais essa sensação de inutilidade. Anden o respeitava e confiava no discernimento do Osso Verde, mesmo que guardasse ressentimento pelo sujeito tê-lo forçado a desistir de Cory.

— Dauk-jen, espero que você esteja errado.

Dauk levou a mão para baixo do colarinho da camisa e fechou os dedos ao redor do pingente redondo de jade que usava numa corrente de prata em volta do pescoço.

— Eu também. O futuro me preocupa, mas a única coisa que posso fazer é o que sempre fiz: usar o bom senso para falar com o povo pelo bem da

comunidade enquanto eu ainda puder. — O Pilar de Arapuca Sul colocou uma mão tranquilizadora no ombro de Anden e o guiou de volta para dentro de casa, onde estavam os outros. — Foi bom te ver, Anden. Você sempre foi verdejante demais pra esta cidade, mas fico feliz que você nos visite.




CAPÍTULO 9

A Sétima Ordenação

sexto ano, nono mês

Das inúmeras instalações de treinamento para Ossos Verdes em Janloon, a academia Sétima Ordenação tinha a reputação de ser a mais receptiva para forasteiros. Localizada no distrito de Yoyoyi, era propriedade do Desponta, mas o proprietário, um Punho aposentado do clã, cobrava apenas uma modesta taxa adicional de visitantes que fossem profissionais, incluindo Ossos Verdes de clãs neutros e contribuintes, viajantes de lugares tão distantes quanto a Espênia, treinadores independentes que usavam o espaço para treinar clientes, e até mesmo alguns imigrantes barukânes sem nenhum juramento de lealdade, mas que prometiam se comportar.

O espaço de treinamento era grande e bem equipado, e tinha a reputação de ser o segundo melhor, perdendo apenas para a Fábrica, uma academia controlada pelo Montanha que ficava em Ponta de Lança. Uma frase motivacional emoldurada na entrada dizia: *Um caráter perfeito é a sétima ordenação do guerreiro de jade.* Quando Hilo adentrou o estabelecimento numa tarde de primidia, havia apenas alguns Dedos do clã no principal espaço de treino, praticando luta com espadas da lua sem fio e Leveza com coletes de peso. Quando perceberam a chegada do Pilar, pararam e o saudaram enquanto

exclamavam “Kaul-jen!”. Hilo acenou, mas não parou para conversar.

Nos tatames ao fundo do prédio, o Mestre Aido estava treinando usando facas talon com um sujeito cuja reputação ímpar havia serpenteado pelo clã até que a fofoca chegasse no Pilar. O desconhecido era mais baixinho do que Hilo esperara, atlético e com um porte musculoso; tinha o cabelo escuro bem curto e indícios de uma barba por fazer. Sua aura de jade zunia com a tensão da exaustão, mas não revelava quase nada além disso… era o equivalente psíquico de uma cara de paisagem. Hilo pôde perceber de imediato que o sujeito possuía a fisicalidade confiante de um habilidoso guerreiro, mas se movia de um jeito diferente de todos os outros na academia. Não usava as técnicas costumeiras ou combinações clássicas. Quando defendia e contra-atacava cada um dos golpes do Mestre Aido, parecia depender surpreendentemente pouco de suas habilidades de jade; acrescentava Força e Aço com discrição e, às vezes, um pouco de Deflação de forma rápida e sorrateira, como se estivesse tentando escondê-las por trás de movimentos que eram simples e óbvios. Ossos Verdes costumavam maravilhar rivais e espectadores com habilidades brutas de jade (Deflações poderosas, saltos de Leveza), ainda mais em duelos públicos nos quais o resultado não era intencionalmente fatal. As ações contidas desse homem eram puramente eficientes e práticas. Jade era uma arma astuta, um último recurso, utilizado rápido para neutralizar o inimigo, mas nada além disso. Era a abordagem de um soldado moderno ao combate com jade. SCBJ — Sistema de Combate Bioenergético com Jade.

— Mestre Aido — disse Hilo, subindo no tatame. — Me apresente pra este aluno seu.

O velho treinador pareceu surpreso ao ver o Pilar ali. A propriedade dos Kaul tinha o próprio salão de treinamento e pátio onde Hilo costumava encontrar seus instrutores particulares. Aido enxugou a testa e respondeu:

— Kaul-jen, este é Jim Sunto. — Para o outro homem: — Jim, este é Kaul Hiloshudon, o Pilar do Desponta.

Sunto olhou de Hilo para o Mestre Aido. Os olhos do Pilar recaíram sobre a jade do sujeito: dois pingentes de identificação verdes numa corrente ao redor do pescoço; ficavam ao lado de uma segunda corrente mais curta com um pingente dourado triangular — o símbolo dos Baluartes da Verdade do Monte Icana. Sunto parecia estar na casa dos vinte e tantos anos, quase trinta. Mais novo do que Hilo. Aos 34 anos de idade, ele ainda se surpreendia por encontrar tantas pessoas mais novas do que ele.

Sunto assentiu com cautela, mas não fez uma saudação.

— Eu sei quem o Kaul Hilo é.

Para o Mestre Aido, o Pilar disse:

— Espero não ter interrompido o treinamento.

— Já estávamos terminando — respondeu o treinador, percebendo a indireta. — Jim, te vejo nesse mesmo horário semana que vem. Kaul-jen. — Ele saudou o Pilar e se retirou prudentemente, deixando os dois homens sozinhos no tatame.

Sunto caminhou até um suporte de toalhas próximo. Enxugou o suor do rosto e pendurou a toalha no pescoço.

— Tem algum problema eu treinar aqui? — perguntou ele, olhando para trás.

Nenhum Osso Verde de Janloon, fosse amigo ou inimigo, falaria com o Pilar do Desponta de forma tão curta e grossa, dando-lhe às costas, sem saudação ou demonstração alguma de respeito.

— Nenhum — respondeu Hilo. — É só que ouvi dizer que havia um Anjo Naval espênico morando e treinando aqui em Janloon, e eu tinha que ver isso com meus próprios olhos.

— Ex-Anjo — corrigiu Sunto. — Faz alguns anos que saí.

— Meus Punhos andam comentando que você é um grande parceiro para treino de combate — falou o Pilar, com as mãos nos bolsos enquanto, sem pressa, andava num semicírculo ao redor de Sunto. — Dizem que você quebrou o nariz do Heike.

— Foi um acidente que ele mereceu. — Sunto tinha um kekonês fluente, mas com um óbvio sotaque espênico. — Ele se perdeu num golpe de Deflação e abaixou a guarda.

— Você anda dando aula aqui.

— Alguns seminários. O básico de SCBJ, encobrimento de pequenas armas, submissão não letal, esse tipo de coisa. O povo pediu, e é um dinheirinho a mais pra mim.

Sunto continuou parado casualmente, mas a desconfiança estava evidente em sua voz, e ele ficava olhando de um lado para outro, como se esperasse ver os Punhos do clã o encurralando de todas as direções.

Hilo disse:

— Vamos pra algum lugar conversar, Tenente.

— Eu preferiria que a conversa fosse aqui, mas obrigado.

— Você que sabe. — Hilo apoiou uma mão no ombro do sujeito, que reagiu de imediato se retorcendo para longe, agarrando e prendendo o punho do Pilar.

A outra mão de Hilo já estava em movimento, Afluindo bem para o pulmão direito do espênico. O golpe foi longe do coração e não causaria nenhum dano

permanente, mas seria terrivelmente doloroso, derrubaria Sunto no chão e faria com que fosse difícil respirar por minutos.

Para a surpresa de Hilo, Sunto soltou seu pulso, se imbuiu de Aço e contra-Afluiu com um ligeiro contorcer do tronco, o que dissipou o ataque e espalhou uma câimbra muscular no encaixe do ombro do Pilar. A ofensiva ao peito de Sunto ainda serviu para lhe dar um acesso de tosse, mas, apesar de ter ficado sem ar, o sujeito não hesitou; levou a canela à virilha de Hilo.

Nem mesmo o Aço impediu Hilo de ficar com os olhos marejados de agonia ao cair sobre um dos joelhos. Sunto golpeou a artéria carótida do Pilar com a faca da mão tensionada. Hilo foi para o lado; a pancada incapacitante ricocheteou, inofensiva, em seu ombro enquanto ele lançava um preciso ataque horizontal de Deflação que atingiu Sunto na cintura e o derrubou no chão a alguns metros de distância. Recuperando a compostura, o Pilar saltou com a Leveza e pousou com toda a sua Força esmagadora não em cima do torso do estrangeiro, mas ao lado dele, amassando o tatame em vez de sua caixa torácica.

Sunto rolou, se levantou num instante e se agachou na defensiva, mas Hilo, que estava parado com um sorrisinho debochado no rosto, foi se aproximando com as mãos abertas, mancando e levemente inclinado para a frente devido à dor que irradiava em seu abdômen.

— Eu estava me perguntando se o seu treinamento militar espênico era real mesmo ou só papo-furado.

Sunto franziu o cenho, confuso.

— Então você não tá aqui pra me matar ou me dar uma surra?

— Eu falei que estava?

Devagar e com desconfiança, Sunto ajeitou a postura enquanto estremecia e esfregava o peito.

— O líder de um dos maiores clãs Ossos Verdes aparece de repente pra conversar? Não dá de me culpar por achar que eu não sairia com as minhas próprias pernas daqui. Muita gente nesta cidade não gosta de soldados espênicos, mesmo que sejam aposentados e de ascendência kekonísia.

Todos na academia Sétima Ordenação haviam parado para assistir à extraordinária cena do Pilar do Desponta enfrentando um ex-Anjo Naval. Alguém estava sacando uma câmera 35mm compacta. Hilo olhou para lá e vociferou:

— Nem pensar, e voltem a fazer seja lá o que vocês estavam fazendo. Tô falando com um visitante agora, não tão vendo? — Os Dedos admoestados murmuram desculpas e, relutantes, se afastaram. Hilo se virou de volta para

Sunto. — Se você estivesse encrencado comigo, com certeza já saberia a essa altura. Eu falei que vim conversar, não falei? Tem um restaurante do outro lado da rua. Aquele chute vai te render um drink.



Como o lugar tecnicamente ainda não estava aberto, a Cervejaria Dois Tigres ficou só para os dois. Hilo mandou o gerente trazer dois copos de uma amber lager espênica. Sunto recusou o cigarro oferecido por Hilo, então o Pilar se recostou no assento e acendeu o fumo sozinho. A aura de jade do ex-Anjo continuava ouriçada de desconfiança, mas ele bebeu a cerveja e disse:

— Você quer falar do quê?

— Me conta como você virou um soldado espênico e instrutor militar. — O Desponta já tinha investigado os antecedentes de Sunto, mas Hilo acreditava que era sempre possível descobrir mais a respeito de um homem ao ouvi-lo falar de si mesmo.

Sunto Jimonyon nascera em Janloon e fora criado por uma mãe solo. Aos 6 anos de idade, ela se casara de novo e seu padrasto levara a família para a Espênia. Sunto, que não se dava bem com o sujeito, saiu de casa aos 17 anos e se alistou no exército da RDE, onde logo entrou no treinamento SCBJ e nos Anjos Navais. Durante seu segundo ano de serviço em Oortoko, foi ferido por estilhaços perdidos e encaminhado para a Base Naval de Euman para se recuperar. Enquanto estava lá, assumiu o treinamento de novos coortes de cadetes dos Anjos e se tornou um conceituado instrutor. Diante das realocações ao fim da Guerra de Oortoko, Sunto deixou os Anjos e optou por permanecer em Kekon.

— Eu estava de saco cheio de ficarem mandando em mim — explicou ele, dando de ombros. — Queria passar mais tempo vivendo e treinando aqui até descobrir qual vai ser meu próximo passo.

— Deixaram você manter a sua jade — apontou Hilo.

Sunto envolveu as placas de identificação com uma mão.

— Não é minha. Foi fornecida pelo governo espênico e vai ficar emprestada indefinidamente porque continuo contratado como instrutor de SCBJ na Base Naval de Euman. Fico nos aposentos do oficial quando vou pra lá, e tenho um apartamento aqui na cidade onde passo o restante do tempo.

Hilo inclinou a cabeça, curioso.

— Você não quer duelar pra conquistar sua própria jade?

Sunto olhou para baixo, para a ampla linha de pedras de jade visíveis entre os

botões abertos do colarinho de Hilo, e então voltou a encarar o rosto do Pilar.

— Me ensinaram a usar apenas a jade que preciso — disse ele. — Em essência, o SCBJ é todo baseado em métodos descomplicados; nas mais simples e efetivas técnicas de combate e de reconhecimento que funcionem pra soldados de forças especiais equipados com o mesmo conjunto padrão de jade bioenergética. Qualquer quantidade acima disso é um risco desnecessário. — Sunto franziu o cenho enquanto virava o copo de cerveja, aumentando o círculo de umidade sobre a mesa. — Tem alguns caras que estavam comigo em Oortoko que… não tão muito bem agora. Com problemas mentais, viciados em drogas e se perdendo em hábitos inVerdadeiros. É sorte minha ter a genética kekonísia ao meu lado, mas não preciso de mais jade só pra me aparecer.

— Verdade. — O semblante de Hilo continuava neutro enquanto ele apagava o cigarro. — Afinal de contas, você é um militar estrangeiro, não um Osso Verde.

Sunto encarou o Pilar com cautela e impaciência. Empurrou a cerveja de lado e cruzou os braços sobre a mesa.

— Olha, eu sei que a sua família é importante — disse ele, num tom sucinto que deixava claro que não era idiota e que a falta de deferência não era fruto de ignorância, mas porque era um soldado espênico e não respondia a nenhum líder Osso Verde. — Não tô em Janloon pra arrumar confusão ou pra desafiar seus homens por causa de jade. Pela Verdade do Profeta. Estou aqui pra fazer o meu e ganhar um dinheirinho decente, só isso.

Inesperadamente, Hilo decidiu que gostava de Jim Sunto. Protegido pela cidadania espênica e pelo status militar, o sujeito era uma aberração em Janloon. Podia vestir e usar jade, mas não tinha aliança a clã nenhum e também não levava desaforo para casa. Era algo revigorante, um homem capaz de chutar o Pilar na virilha sem medo de morrer. Fazia Hilo se lembrar de uma época muito antiga de sua vida, quando ainda não era o Pilar e nem mesmo o Chifre, quando qualquer um podia desafiá-lo e, com palavras, socos ou facas, precisava diariamente fazer por merecer o respeito.

— Fico feliz de ouvir isso — disse ele, com um sorriso cada vez maior.

— Pois bem — respondeu Sunto, terminando a bebida e empurrando a cadeira para trás para se levantar —, agora que tivemos a chance de elucidar as coisas, imagino que tenhamos terminado por aqui.

— Senta aí, Tenente. — Muito embora Sunto não fosse mais um militar em serviço, os ranques do exército pareciam a forma mais apropriada de se dirigir a ele. — Você acha que eu passaria pela incomodação de te encontrar

pessoalmente só pra ficar rosnando feito um cachorro grande? — Hilo gesticulou para que o homem voltasse a se acomodar. — Você falou que estava aqui pra fazer dinheiro. Tenho um jeito pra você fazer muito mais. Quer ouvir ou não?

Sunto não era o primeiro a ficar atordoado com a repentina mudança do Pilar, que ia do bom humor tranquilo à autoridade mordaz. Com cautela, o estrangeiro voltou a se se sentar.

Hilo mandou o gerente da Dois Tigres trazer outra cerveja para o convidado.

— O que você sabe a respeito do exército kekonésio? — perguntou o Pilar.

— Quando eu estava nos Anjos, a gente fez alguns exercícios de treinamento com o exército de vocês. Não chegava a ser furreco, mas decepcionante pro país que mais tem jade bioenergética no mundo.

— É porque os clãs ficam com toda a jade e guerreiros, e alguns deles nem se importam com o país. — Os lábios de Hilo se retesam sarcasticamente. — Pelo menos foi o que eu ouvi falar.

Era enfurecedor que Ayt Mada o tivesse passado a perna na reunião da AJK no início do ano, na frente de todos os líderes Ossos Verdes do país. Desde então, o Montanha, como era de se esperar, tinha incansavelmente atacado o Desponta no campo de batalha da opinião pública. Há pouco, a AJK votara de maneira unânime para aumentar a distribuição de jade às forças armadas, e os lealistas ao Desponta no Conselho Real ajudaram a aprovar um orçamento maior para a defesa nacional, mas, pelos discursos fervorosos que Koben Yiro fazia no rádio, parecia que Ygutan estava prestes a invadir o país, tudo devido ao egoísmo covarde do Desponta.

Koben ter aceitado com tanto entusiasmo o novo papel como porta-voz irrestrito de Ayt Mada certamente não desfavorecera os contínuos esforços dos Montanha para sufocar seus inimigos financeiramente. Os últimos relatórios de Shae mostravam que, até o momento naquele ano, dois terços de novas microempresas estavam buscando patronagem do Montanha, e não do Desponta. Woon Papidonwa estava trabalhando em tempo integral para gerenciar a imagem pública e as relações externas do clã, mas, como Shae dissera, *não dá pra vender milagre.* O Desponta precisava de vitórias políticas substanciais.

— Deixa eu ver se entendi direito — começou Jim Sunto devagar, depois de Hilo ter explicado a proposta. — Você quer me contratar para ajudar a reformar o exército kekonésio?

— Você tem ensinado SCBJ pra Anjos Navais espênicos e Ossos Verdes interessados como bico. Alguém como você poderia ser útil pro exército kekonésio, pra mostrar como aproveitar ao máximo a jade que eles têm. Não dá

pra negar que os estrangeiros já fizeram algumas coisas que até Ossos Verdes poderiam tirar como aprendizado.

De braços cruzados, Sunto se recostou no apoio da cadeira e ficou mordendo o interior da bochecha.

— Admito que isso não é o que eu esperava ouvir do Pilar de um clã. Sei que os cabeças militares da RDE também acreditam que um exército kekonésio mais forte serviria como impeditivo contra Ygutan. — Ele tocou o pendente triangular ao redor de seu pescoço, como se estivesse consultando seu Deus estrangeiro assim como seus próprios interesses. — Quando é que eu conheço o tal do General Ronu?



Wen preparou sopa de caranguejo, badejo apimentado, broto de ervilha com alho e pãezinhos recheados para o jantar. Recebeu ajuda de Kyanla, mas ficou orgulhosa por ter cozinhado quase tudo sozinha, mesmo que tivesse levado horas. Ainda sofria com dormência e fraqueza ocasionais no lado direito do corpo, mas o equilíbrio e o controle motor haviam melhorado muito, e ela havia, aos poucos, adquirido experiência em fazer as coisas com uma mão só.

Quando chegou em casa, Hilo a encontrou esperando na sala de jantar com um vestido azul-claro, um colar de pérolas e o elaborado jantar disposto para dois na mesa.

— O que é isso tudo? — perguntou ele.

— Achei que seria… bom a gente jantar juntos. Só nós dois, pra variar.

Seu marido tirou o paletó e as armas, deixou as chaves e a carteira na bancada da cozinha e então se sentou à mesa com um ar confuso de desconfiança. Olhou em volta, para a casa estranhamente silenciosa.

— Cadê as crianças?

— Mandei… o Niko dormir nos Juen. O Ru e a Jaya tão na sua mãe.

— A Jaya vai ficar furiosa.

A pequena de 3 anos e meio tinha ideias rígidas a respeito de como esperava que sua rotina noturna se desenrolasse; começava com um lanchinho à noite e terminava com o pai lendo uma história de um grande livro infantil a respeito do herói Baijen. Era capaz de ter um acesso de birra que podia ser Percebido, e possivelmente escutado, do outro lado da propriedade.

— Ela tem que aprender que… nem sempre consegue tudo o que quer. — Com cuidado e se concentrando para manter o braço estável, ela serviu duas cumbucas de sopa. Se preocupava que os filhos crescessem mimados ou

negligenciados de alguma forma. Havia parentes para cuidar deles quando Wen não podia, mas as crianças ainda assim sofriam com sua inabilidade em ser uma mãe mais atenciosa. Ela não conseguia carregá-los, correr por aí com os filhos ou mesmo amarrar seus cadarços.

Hilo experimentou a sopa e, quase a contragosto, disse:

— Ficou boa.

Comeram em silêncio por alguns minutos, mas ela podia sentir o olhar do marido.

— É o vestido que você usou no nosso casamento.

Wen sorriu por ele ter percebido.

— Ainda fica bom?

Por baixo da seda, ela estava usando uma meia-calça de compressão e sutiã com bojo. Dar à luz e amamentar dois filhos, e então perder a força muscular devido a um traumático dano cerebral significava que o corpo dentro do vestido não era o mesmo de seis anos e meio antes.

— Claro. — Uma suavidade adentrou os olhos de Hilo. — Talvez não tanto quanto da primeira vez, mas só porque eu achava que ia morrer no outro dia. Tudo o que a gente acha que tá vendo pela última vez fica mais bonito.

— Às vezes — disse Wen enquanto tirava a tampa do prato com os peixes —, fica mais bonito depois, quando a gente… percebe que tem uma segunda ch-chance.

Se atrapalhou com a colher; era o nervosismo.

Hilo esticou os braços até o outro lado da mesa e pegou os talheres para servir. Colocou um pouco de badejo e brotos de ervilha no prato da esposa, mas seus movimentos foram ficando mais impetuosos; ele cortou o peixe como se o bicho ainda estivesse vivo e precisasse ser morto. A voz que antes soara gentil, agora empunhava uma veemência angustiada.

— Segundas chances não existem de verdade. Mesmo quando a gente passa pelas piores partes, a vida não volta a ser como era antes. — Se recostou na cadeira, arrastando as pernas audivelmente no chão. — É só olhar pro Tar. Tem coisas das quais ninguém consegue se recuperar.

Wen apertou as mãos entrelaçadas sobre o colo e lembrou a si mesma de que era isso o que tinha desejado: uma conversa honesta com o marido.

— O Tar e a Iyn Ro não deviam se casar — comentou ela. — Eles não são bons um pro outro.

— Faz anos que os dois ficam nesse vai e vem — murmurou Hilo. — Agora me prometeram que finalmente tão sérios a ponto de fazerem juramentos um pro

outro, então por que eu deveria impedi-los de terem uma chance*? O* Tar precisa de mais gente na vida dele, de mais o que fazer.

Tar vinha dormindo tanto na casa principal que tinha praticamente se mudado para lá, mas, depois que noivou com Iyn Ro no mês anterior, andava passando a maior parte do tempo no apartamento que possuía em Sogen.

Wen sabia que Hilo havia reduzido suas obrigações de Encarregado do Pilar, que o mandara tirar folgas para relaxar e dissera que tudo isso era merecido depois da viagem para a Espênia e de ter cumprido missões tão difíceis por lá. O que não era mentira, mas o verdadeiro motivo era que Anden retornara de sua própria viagem para Porto Massy e contara ao Pilar a respeito da conversa que tivera com Dauk Losun. "Hilo-jen", Wen ouvira Anden dizer num tom preocupado quando os dois estavam no escritório do Pilar. "O Tar é uma jade perdendo o verde."

Jade perdendo o verde era uma expressão idiomática para um guerreiro de jade que está perdendo a sanidade, normalmente devido ao Prurido, e que pode vir a se tornar perigoso para si mesmo e para os outros. Alguém assim pode precisar ser confrontado, abrir mão de jade ou ser extirpado dela à força por membros intervenientes do clã. No entanto, Wen tinha certeza de que o problema de Tar não vinha de superexposição à jade. Sem Kehn, ele era como um riquixá desvairado de uma roda só, e sua contínua devoção a Hilo era como um balastro contra a solidão e a sede de sangue. A única coisa que parecia fazê-lo genuinamente feliz era passar tempo com as crianças, principalmente com o filho de Kehn, Maik Cam, mas ele tinha uma propensão tão forte a encher a cabeça dos pequenos com histórias violentas que até mesmo Wen, que não concordava em isolá-los da realidade, limitava o tempo que as crianças passavam com o tio Tar para que não fossem de olhos arregalados até seu quarto à noite depois de terem pesadelos.

O noivado de Tar com Iyn Ro no mês anterior fora, até certo ponto, uma surpresa.

— Pelo menos ele tá tentando mudar — argumentou Hilo. — O Tar merece ser feliz.

— E o resto de nós? — perguntou Wen com cautela. — O que a gente merece?

Hilo passou a mastigar mais devagar. Olhou de soslaio para a esposa enquanto pegava o prato de pães recheados quentinhos.

— Como assim?

Wen retorceu o guardanapo sobre o colo enquanto ia criando coragem.

— A gente… não pode fi-ficar distante e machucando um ao outro desse jeito, Hilo. O Pilar tem que… manter a família fortalecida. Não estamos fortes agora. Estamos num impasse. Você nem… — Era difícil traduzir os pensamentos turbulentos nas palavras exatas de que precisava, e ela percebeu que sua fala entrecortada estava despertando pena e deixando Hilo agitado. — O que… você… Você quer se divorciar?

Ele empurrou a cadeira para trás. Wen nunca sentira medo do marido antes; ele nunca lhe batera ou dera a impressão de que fosse agredi-la, mas, ao ver a expressão em seu rosto, a sensação foi de que o coração dela fosse parar.

— É isso o que *você* quer? — perguntou ele com uma raiva latente. — Depois de tudo o que a gente passou, não *basta* o quanto você já me traiu, agora tá pensando em desmanchar a nossa família?

Wen meneou a cabeça intensamente, mas a voz de Hilo ficou mais alta, e toda a revolta do passado se amontoou numa tormenta; a acusação nos olhos dele a deixou sem palavras.

— *Por que*, Wen? Por acaso eu nunca te amei, nunca cuidei de você, apoiei sua carreira, fiz tudo o que estava ao meu alcance pra proteger você e os nossos filhos? E você não foi capaz de me obedecer *numa única coisa*?

Ela estava determinada a encarar o marido sem chorar, mas agora ia ficando com a visão embaçada contra a própria vontade.

— Tinha tanta… tanta coisa em jogo. Eu sabia que você não ia me deixar sair do… do cofre em que tinha me colocado. Então eu convenci a Shae. Você fez todo mundo… ter que mentir.

— *Eu* fiz você… — Hilo ficou de boca aberta por um instante. E então a fechou com força. Se levantou e jogou o guardanapo no chão. — Às vezes eu acho que mentir é quase tão ruim quanto roubar — disse com a mandíbula retesada. — Porque a mentira rouba a confiança, coisa que não tem como ser devolvida.

Antes mesmo que Wen conseguisse se levantar da cadeira, ele saiu de casa com movimentos ligeiros e convictos, passos largos que facilmente desbancavam os dela.



Hilo saiu de casa com raiva e entrou no Duchesse, mas só aí se deu conta de que, no calor do momento, havia deixado a chave em casa junto com o paletó, as armas e a carteira. Grunhiu de frustração e espancou o volante antes de abrir a janela, fumar três cigarros em sequência e só então se acalmar de novo.

Considerou dormir no carro. Depois, pensou em caminhar até a casa da Homem do Tempo e pedir para a irmã deixá-lo passar a noite no sofá. Ambas as ideias lhe pareceram tão patéticas que ele riu alto no escuro. Imaginar o olhar fulminante com que Shae o encararia era, ao mesmo tempo, engraçado e um balde de água fria. Se bem que… algo tinha acontecido entre ela e Woon recentemente. Ela estava distraída e infeliz, então talvez os dois pudessem se embebedar juntos pela primeira vez na vida e chorar com os copos de hoji em mãos. Hilo riu de novo.

Quando entrara em casa e vira Wen tão linda, esperando com um jantar que ela se esforçara tanto para preparar, Hilo não quisera nada mais além de entregar seu coração de volta à esposa, reparar cada momento difícil que haviam passado. Já fora tão fácil dizer para ela que a amava… três palavras simples num único fôlego. Um tchau no fim de um telefonema, um convite para fazer amor, um sussurro antes de dormir.

Agora parecia uma montanha emocional intransponível. Sempre que ansiava por corrigir as coisas com Wen, a raiva o puxava de volta como uma mão se afastando do fogo ou o Aço emergindo contra uma lâmina. Quantas vezes já tinha criticado Shae por sempre manter as pessoas a certa distância, por passar metade do tempo sem ser sincera consigo mesma, e a outra sem ser honesta com os outros? Agora *ele* é que estava fechado, nutrindo as próprias mágoas invisíveis sozinho, igual a como Lan outrora fizera.

Pensar nisso o inundou de melancolia e medo. Não tinha uma personalidade autossuficiente por natureza. Sabia isso sobre si mesmo. Talvez alguns homens realmente não precisassem de mais ninguém, mas eram poucos, e o comum era que esse tipo de pessoa tivesse algo de errado, algo que fazia com que fossem assim. A irmandade do clã era uma promessa de que seus guerreiros não estavam sozinhos. Qual era o sentido dos juramentos Ossos Verdes, de todos os sacrifícios que sua família fizera, da incansável guerra contra seus inimigos se, no fim das contas, a promessa não pudesse se sustentar nem para ele e para as pessoas que amava?

E ainda assim, Hilo postergou. Foi entardecendo e os cigarros acabaram.

Saiu do carro e caminhou de volta para casa com passos pesados. Um casamento não devia parecer um beco sem saída, isso ele tinha que admitir. Pensar em divórcio quase o deixara cego de raiva, e a sensação foi de que estava com a cabeça pegando fogo. Então essa não era uma opção. Ainda não sabia ao certo se seria capaz de perdoar a esposa ou a irmã, mas Anden uma vez dissera que compreender era mais importante do que perdoar. Seu priminho podia ser

astuto, à sua própria maneira.

As luzes estavam apagadas, mas os olhos de Hilo já tinham se ajustado à escuridão. Wen havia guardado as sobras do jantar e, deitada de lado sob uma manta, dormia no sofá da sala de estar. Talvez tivesse ficado à espera dele, ou talvez a escada tivesse parecido assustadora demais. Hilo pairou sobre a esposa e ficou observando o subir e descer daqueles ombros pálidos. Ela era a mais delicada e vulnerável das criaturas; o mais forte e obstinado dos guerreiros de Hilo.

Se abaixou e a pegou com facilidade nos braços. Enquanto a levava escada acima rumo ao quarto, Wen acordou e, grogue, murmurou:

— Hilo? Que horas são?

— Tá tarde — respondeu. — Mas não tarde demais. — Deitou-a na cama e se sentou no colchão ao lado dela. — Desculpa pelo jantar. Estava bom, um dos melhores que você já vez. Mas tenho certeza de que vamos ter outros ainda melhores. Ou podemos comer fora na próxima.

Baixinho, Wen disse:

— Tá bom.

E enxugou os olhos com a parte de trás das mãos.

— Eu não devia ter perdido as estribeiras e saído de casa daquele jeito, mas não fui pra lugar nenhum… fiquei só no carro lá fora. — Ele se inclinou e tirou as mechas de cabelo que haviam se prendido nas bochechas da esposa. O gesto foi gentil, mas a gentileza não chegava à sua voz. — Talvez os erros cometidos por amor sejam os piores, eu acho. E nós dois erramos assim. Nunca mais fala de divórcio. Eu também não vou falar. Entendido?

Ela assentiu.

Hilo a despiu, depois tirou as próprias roupas e se deitou ao lado de Wen. Devagar, mas com firmeza, começou a tocá-la na barriga, e então nos seios, na cintura e nas nádegas. Levou a mão até o meio das pernas dela e usou o dedo para acariciá-la com movimentos curtos enquanto beijava-lhe a mandíbula.

Wen se virou para ele e premiu o rosto molhado em seu peito, e depois na barriga. Foi para baixo das cobertas e o engoliu por inteiro. Antes que pudesse levá-lo ao êxtase, Hilo a puxou para cima, virou-a e então fez sua parte até que ela estivesse se contorcendo, molhada, perante a atenção do marido. Fazia muito tempo desde a última vez em que haviam se concentrado totalmente no corpo um do outro. Os movimentos eram vacilantes, mas intencionais, como amantes experientes com novos parceiros. Ambos prenderam a respiração no arrepiante momento em que ele a penetrou.

Estava longe de ser o sexo mais enérgico ou apaixonado que já haviam feito, mas foi o mais obstinado. Desacostumados, foram juntos e sem pressa rumo ao clímax. Depois, não conversaram, mas dormiram com os dedos entrelaçados na escuridão.




CAPÍTULO 10

Batalha Perdida

sexto ano, décimo mês

Shae optou pela viagem de cinco horas de trem até Lukang. Os vagões de classe executiva eram mais confortáveis do que os voos nacionais da Kekon Air, e ela poderia passar o tempo aproveitando a paisagem do interior e trabalhando.

Revisou tudo o que havia aprendido a respeito do clã União das Seis Mãos com seu novo Chefe de Equipe, Luto Tagunin. No decorrer dos seis meses anteriores, Luto provou que aprendia rápido, era altamente organizado e tinha uma energia incansável. Pelo visto, não precisava dormir muito. O sujeito de 26 anos trabalhava até tarde, saía para farrear com os amigos e parecia intacto cedo na manhã seguinte. Já estava habilmente norteado quanto à complexidade do lado administrativo do clã, e Shae estava impressionada com a atenção do jovem aos detalhes.

A única coisa que provavelmente impediria Luto de avançar dentro do clã era o fato de que ele não era um Osso Verde. Isso não era uma grande barreira para a maioria dos trabalhos administrativos do Desponta, mas seria visto como uma desvantagem nos níveis mais altos de liderança e o ostracizaria de certos círculos sociais. Num geral, Shae não estava decepcionada com Luto de nenhuma forma

específica, tirando pelo óbvio e inescapável fato de que ele não era Woon Papidonwa.

Luto não era tão solícito e experiente quanto Woon. Não tinha a presença calma de Woon e não previa os pensamentos dela como Woon parecia fazer. Luto era incapaz de Perceber quando Shae precisava que ele aparecesse no escritório para discutir um assunto delicado, não sabia quando e como desafiar suas decisões ou encontrar furos em sua lógica, não esperava para levá-la embora de carro todo dia depois do trabalho.

Shae relembrou a si mesma de que estava sendo difícil se ajustar porque, até recentemente, tivera o mesmo Chefe de Equipe desde que se tornara a Homem do Tempo. Levaria tempo para se acostumar com outra pessoa desempenhando esse papel. E ela ainda via Woon. O escritório novo dele ficava no andar de baixo, e os dois ainda conversavam quase todo dia. O Carimbeiro do clã estava ocupado cuidando do anúncio público da parceria do Desponta com o exército kekonésio, que traria experts em SCBJ para projetar um programa de treinamento mais robusto e moderno para as ordenações de jade. Sempre que Shae passava pelo escritório do Sombra da Homem do Tempo no fim do corredor e sentia uma pontada de decepção ao vê-lo ocupado por Luto em vez de Woon, ela arranjava alguma desculpa para descer um andar simplesmente para chegar perto a ponto de Perceber a familiar aura dele.

Depois do beijo que haviam compartilhado em sua casa, Shae reunira a coragem para ir ao novo escritório de Woon na manhã de primidia. Afinal de contas, era a Homem do Tempo, a Osso Verde de escalão mais elevado entre os dois. Precisava resolver a situação.

— Papi-jen — começara ela, determinada depois de entrar e fechar a porta. — O que aconteceu semana passada, eu…

Antes que conseguisse falar mais alguma coisa, Woon se levantou e quase derrubou a própria cadeira.

— Não fala mais nada, Shae-jen. — Ele a encarou por mais alguns segundos antes de desviar o olhar, como se ela estivesse parada em frente a um holofote e fosse difícil olhá-la diretamente. Woon abaixou o tom de voz e continuou: — Você sabe dos meus sentimentos por você. Se pedir desculpa pelo que aconteceu e dizer que não significou nada, vai ficar difícil demais pra mim. Se me disser que significou alguma coisa, sim, e que os seus sentimentos são recíprocos, seria ainda pior, porque se eu achasse que há uma chance… — Seu pomo-de-adão se mexeu e sua aura de jade estava agitada com sentimentos conflitantes, um tumulto de texturas que Shae não conseguia analisar. — Não consigo abandonar

a Kiya. Não seria honrável da minha parte. Não depois de tudo o que a gente passou. E também não consigo conceber a possibilidade de perder o seu respeito e a sua amizade. Será que… será que seria possível a gente continuar trabalhando juntos e só… só tentar não deixar isso nos atrapalhar?

Por fim, ele a encarou nos olhos, e Shae quase desejou que ele não o tivesse feito, porque aquele semblante brando e sincero remexeu suas entranhas com uma voracidade dolorosa. De terninho, ela ficou no escritório de Woon a uma distância respeitável e pensou nos lábios dele no seu pescoço, naquelas mãos largas subindo sob sua camisa. Naquele momento, percebeu como era tola por ter finalmente se apaixonado pelo colega e amigo quando era tarde demais.

Conseguiu responder:

— Claro.

Cumprindo o que prometera, Woon supervisionara o trabalho de Luto enquanto verificavam a sinceridade da proposta do União das Seis Mãos, examinavam com afinco as operações e finanças do clã menor e, por fim, organizavam uma reunião segura e privada com os líderes de lá. Shae falara com Woon pelo telefone antes de entrar no trem.

— Certeza de que tá com todas as informações de que precisa, Shae-jen? — perguntara ele.

Os dois sabiam como essa reunião seria importante. Tudo iria mudar se ela voltasse com a lealdade do União das Seis Mãos. Tinham sido hipervigilantes quanto à confidencialidade. Apenas Hilo, Woon e Juen sabiam da expedição.

— Tenho — garantira Shae. — O Luto fez um bom trabalho compilando tudo.

Woon hesitara do outro lado da linha. Poderia facilmente ter subido um andar do prédio administrativo para vê-la antes da viagem. Em partes, Shae esperara que Woon fosse se oferecer para acompanhá-la a Lukang, o que normalmente teria feito como Sombra, mas isso também não aconteceu. Ela tentara não se magoar com essa distância apropriada e profissional, mas falhou miseravelmente. Era melhor que não se vissem pessoalmente. Seria fácil demais Perceber as emoções de Shae.

Pelo telefone, era mais fácil manter os escudos em riste.

— Boa viagem, Shae-jen, e boa sorte — dissera Woon antes de desligar.

Era fim de tarde quando o trem parou na estação de Lukang. Enquanto Janloon, a glamurosa capital, se assentava sob a neblina e era protegida pelas águas quentes e longínquas ilhas da curva costa oriental de Kekon, Lukang, que ficava no litoral sul do país, era uma cidade varrida pelos ventos e desbotada

pelo mar, conhecida pelo céu ensolarado e por sua classe trabalhadora despretensiosa. Janloínos consideravam seus compatriotas sulistas menos sofisticados, e caçoavam do jeito devagar com que falavam, mas Lukang era uma metrópole independentemente de qualquer coisa, sustentada pelas fábricas e empresas de telecomunicação que cresceram ao redor do movimentado porto.

Um carro e motorista particular já esperavam quando Shae e seu ajudante saíram do trem. Foram direto até o local combinado para a reunião, nas entranhas do território do União das Seis Mãos. Lukang era uma cidade controlada por três vias. O Montanha e o Desponta tinham tanto pessoas quanto negócios ali, mas o União das Seis Mãos era o principal clã regional. Por mais de uma década, mantivera uma aliança um tanto distante com o clã de Ayt Mada; pagavam tributos em troca de uma contínua independência operacional e acesso aos melhores recursos e alcance nacional dos Montanha. Shae esperava mudar isso.

Na entrada do Restaurante e Botequim de Hoji Unto & Filhos, foram recebidos por Jio Wasujo, o Pilar do União das Seis Mãos, junto de dois outros homens.

— Kaul-jen — disse Jio, com uma saudação respeitosa. — Sua visita é uma honra.

— Fazer a viagem é um prazer, Jio-jen — respondeu Shae, correspondendo a saudação.

Jio Wasu era um Osso Verde de físico formidável, mas que estava envelhecendo. Usava jade numa corrente de prata ao redor do pescoço, mas estava um tanto acima do peso e uma área calva reluzia no topo de sua cabeça. Ela já o vira sentado perto de Ayt Mada nas reuniões da Aliança Jade-Kekon e percebera que ele sempre observava e ouvia mais do que falava.

Jio gesticulou para os dois homens que o acompanhavam.

— Você conhece meu Homem do Tempo, Tyne Retu. — Shae assentiu para Tyne. Desde aquela breve conversa no elevador, haviam discretamente se comunicado algumas vezes. O Pilar apresentou o terceiro e mais jovem sujeito: — Meu Chifre e sobrinho, Jio Somu.

Shae e Luto foram levados educada, mas rapidamente, a uma das salas privativas do bar, onde longas prateleiras nas paredes exibiam garrafas de hoji de diferentes destilarias e idades. O lugar ainda não estava aberto para a noite, e a Percepção de Shae dizia que não havia mais ninguém no estabelecimento. As cortinas de madeira fechadas bloqueavam o que teria sido uma vista excelente do oceano Amárico ao longo dos extensos calçadões da cidade.

— Fica de olho lá fora — ordenou Jio Wasu para o sobrinho. O Chifre assentiu e se retirou para obedecer. — Peço desculpas por não receber vocês em Lukang em melhor estilo — disse o Pilar, se virando para Shae —, mas acredito que vocês entendam a necessidade de discrição pra esta conversa.

— Entendo completamente, Jio-jen.

Shae se sentou à mesa, que estava arrumada com um bule de chá e uma variedade de aperitivos. Luto se posicionou atrás e à esquerda dela. Tyne Retu serviu o chá, e encheu primeiro a xícara de Shae. Ela comeu um pouco de nozes tostadas e legumes em conserva por educação, mas estava com pouco apetite e ansiosa para começarem a discussão.

Jio e Tyne pareciam compartilhar do sentimento. Depois de falarem amenidades a respeito do clima do sul versus do norte e perguntas mútuas sobre a saúde de seus respectivos familiares, o Pilar do União das Seis Mãos se debruçou adiante e, com a lenta cadência sulista, disse:

— Kaul-jen, agradeço por ter arrumado tempo pra vir a Lukang. Não somos tão grandes quanto Janloon, então às vezes as pessoas não percebem o quanto nossa cidade tem a oferecer.

— Eu seria uma Homem do Tempo medíocre se já não soubesse que Lukang anda crescendo ainda mais rápido do que Janloon.

— O clã União das Seis Mãos é parceiro dos Montanha desde a época do Ayt Yugontin, mas, nos últimos tempos, temos enfrentado certos — uma troca de olhares entre ele e seu próprio Homem do Tempo — *problemas* que me fizeram repensar o que é melhor pro meu clã.

Shae esperava que seu Sombra estivesse prestando muita atenção. Estava acostumada com a tranquilizante aura de jade de Woon logo atrás dela, e lamentava essa ausência no que poderia ser uma negociação crucial. Se inclinou para a frente para corresponder à postura de Jio e, num tom encorajador, perguntou:

— Que tipos de problemas vocês têm enfrentado, Jio-jen?

Jio respondeu:

— Lukang tá crescendo, mas isso também significa que agora temos problemas de cidade grande. Somos o principal porto mais próximo das Ilhas Uwiwa, então sempre nos incomodamos com contrabando de jade e BL1 ilegal, mas agora tá pior. Muitos dos refugiados de Oortoko que vieram pra Kekon no decorrer dos últimos anos ficaram aqui, com apadrinhamento do Montanha. Alguns são bons cidadãos, mas alguns são barukânes que negociam em brilho e cometem outros crimes. O União das Seis Mãos não é um clã muito grande.

Nossos Ossos Verdes não dão conta de policiar os barukânes. Pedimos pros Montanha mandarem mais Punhos e Dedos, mas eles priorizam os territórios que têm em Janloon.

Jio começara a falar devagar, mas agora estava ficando mais rápido.

— Tem barukânes trabalhando pra Ayt Mada, membros da Matyos, a maior gangue de Shotar. Eles pegam carregamentos de jade que chegam em Lukang e escoltam até Janloon. Então os Montanha são permissivos com as outras coisas que eles fazem.

Shae estava confusa.

— Tem jade que chega em Lukang? — perguntou. — De onde? Das minas?

Até onde sabia, não havia nenhuma refinaria de jade controlada pela AJK na região.

Mais uma vez, Jio olhou para o próprio Homem do Tempo. As auras de jade dos dois pareciam retesadas. Shae estava com a impressão de que os líderes do União das Seis Mãos haviam debatido muito se deveriam compartilhar essa informação.

— No começo, também ficamos surpresos — respondeu Jio. — Como era de se esperar, estávamos preocupados que a jade fizesse o caminho inverso, que fosse contrabandeada pra fora do país. Isso ainda acontece, mas o contrário também… tem jade chegando de navio ou de avião das Ilhas Uwiwa.

— Mas por que… — Shae começou a perguntar, mas então parou antes que conseguisse concluir o raciocínio: por que alguém traria jade *para* Kekon, o país que a produzia? Num instante, soube a resposta.

Quatro anos antes, após o Desponta ter assassinado o contrabandista uwiwano Zapunyo, Ayt formara uma aliança com os mercenários keko-shotarianos que haviam sido seguranças e capangas dele. Um barukâne chamado Iyilo, originalmente membro da gangue Matyos e um dos antigos guarda-costas de Zapunyo, havia matado os filhos do antigo patrão e assumido seus bens nas Ilhas Uwiwa para se tornar o líder da Ti Pasuiga, a maior rede de contrabando de jade e brilho da região, que ele agora comandava com tanta impiedade quanto seu antecessor. Muito embora os clãs Ossos Verdes tivessem amplamente erradicado a prática dos catadores de restos das minas de Kekon, uma inevitável quantia de jade bruta e cortada ainda era escondida por criminosos empreendedores.

E, de acordo com Jio Wasu, o Montanha estava comprando essa jade de volta.

Para cimentar a aliança com Iyilo e com os barukânes da Matyos, Ayt sussurrara o nome de Son Tomarho, o antigo chanceler do Conselho Real, o que

garantiu a aprovação da legislação que permitia que refugiados da guerra de Oortoko (incluindo barukânes que usavam jade e eram apadrinhados pelos Montanha) imigrassem para Kekon, onde Ayt os colocou para trabalhar. Comprar jade bruta de volta das Ilhas Uwiwa, trazê-la até Lukang e colocá-la nos estoques do Montanha não apenas reforçava a riqueza do clã frente à incerteza no mercado financeiro, mas atravancava o fornecimento e inflava o preço de jade ilegal. Com os preços lá em cima, as vendas por baixo dos panos que os Montanha faziam para Ygutan, Oortoko do Leste e outros países seriam muito mais rentáveis. Shae também tinha certeza de que Ayt estava ficando com uma parte do contrabando de brilho da Ti Pasuiga, além das pedras do mercado paralelo que, em vez de voltarem ao país, eram liberadas para outros compradores.

Ayt Mada, que sempre acreditara que um único clã deveria controlar a distribuição global de jade, encontrara um jeito de deixar boa parte do mercado paralelo de jade sob seu controle, criando o que equivalia a uma sombra clandestina da AJK, com apenas um único clã (o Montanha) no cartel.

No Sorte em Dobro, com o corpo de Fuyin sobre a mesa, Hilo exigira: *Me diz como que a porra dos Montanha tão gastando mais do que nós e roubando nossos negócios com taxas tributárias que sabemos muito bem que são insustentáveis.* Agora Shae sabia a resposta. O segredo das reservas de Ayt Mada estava ali em Lukang.

O coração dela começou a retumbar. Se obrigou a recobrar a compostura; não queria que os homens Percebessem o quanto era importante que os conquistasse. Não havia dúvidas de que Ayt considerava um pouco de confusão e criminalidade em Lukang um preço baixo a pagar para garantir que as gangues barukânes continuassem sendo seus parceiros cooperativos no controle do triângulo de jade ilegal que agora existia entre Kekon, as Ilhas Uwiwa e Ygutan. Se o Desponta conseguisse se aliar ao União das Seis Mãos para apreender a jade que chegasse nos portos, Shae poderia destituir o Montanha de suas reservas e fomentar desavenças entre Ayt e Iylio. Com calma, disse:

— Jio-jen, eu sabia que os Montanha estavam aliados com os barukânes, mas foi só agora que percebi que essa aliança é tão forte a ponto de prejudicar a sua cidade.

Jio suspirou, angustiado.

— O Montanha nunca vai se importar com a cidade de Lukang da mesma forma que o União das Seis Mãos. Quero que nossos Lanternas locais possam expandir seus negócios para fora do país. É lá que as oportunidades de

crescimento tão agora. E precisamos atrair investimento e turismo internacional pra nossa cidade. Meu próprio filho quer fazer faculdade na Espênia. — O Pilar encarou Shae com uma dúvida no olhar. — Até onde sei, o Desponta tá mais em vantagem nessas áreas do que o Montanha.

Shae assentiu uma única vez, sempre controlando a empolgação.

— Você tá certo, Jio-jen. Temos mais posses e aliados na Espênia do que qualquer outro clã. Se o União das Seis Mãos nos jurasse aliança e tributo, o Desponta ofereceria de bom grado nossa amizade e apoio de qualquer forma que pudermos. — Tarde demais, desejou que não tivesse sido tão orgulhosa para insistir que Hilo viesse junto para empregar sua persuasão natural. — Como Homem do Tempo do clã, falo em nome do meu irmão, o Pilar, que é conhecido por manter as promessas que faz.

Uma sensação tensa de energia foi se intensificando no recinto. Jio sabia muito bem que estava no limiar de um passo irrevogável. Ao mudar de aliança, se tornaria inimigo de Ayt Mada, algo que ninguém são iria querer, na esperança de melhorar as perspectivas de seu clã e de sua cidade.

— A amizade do Desponta é muito valiosa — reconheceu ele. — Somos um clã pequeno em comparação com vocês, e não temos muitos Punhos e Dedos à disposição, mas os que temos são verdejantes dos pés à cabeça. Temos uma presença regional forte e negócios prósperos em diversas indústrias. Tyne-jen pode prover todos os detalhes que você precisar.

O Homem do Tempo do União das Seis Mãos seguiu a deixa prontamente e abriu uma pasta. Tirou de lá um grosso envelope de papel pardo sem etiqueta alguma e o colocou na mesa em frente à Shae. Dentro haveria detalhes das operações do clã: declarações das empresas que possuíam ou que lhes pagavam tributos, uma lista das lideranças, uma relação de quantos Ossos Verdes o clã tinha e seus ranques, e qualquer vantagens dignas de menção, como alianças com clãs menores ou conexões políticas valiosas.

Claro, Woon e Luto já haviam usado as fontes do próprio Desponta para encontrar o máximo de informações possíveis a respeito do União das Seis Mãos, então provavelmente não haveria nada no relatório de Tyne que fosse surpreendê-la, mas este passo demonstrava intenção e confiança. Ela esperava que Jio e Tyne não fossem ser cem por cento honestos (entidades tributárias podem desvalorizar o lucro na esperança de pagarem menos impostos ou, por outro lado, supervalorizar a própria riqueza ou quantidade de guerreiros para parecerem mais valiosos para aliados). Ela mandaria Luto averiguar os fatos e examinar os documentos em busca de quaisquer discrepâncias, mas o importante

era que o Pilar do União das Seis Mãos havia vindo preparado para mudar seu clã, e consequentemente Lukang, para o lado do Desponta.

Shae aceitou o envelope e o guardou dentro da bolsa.

— Não duvido da sua palavra. Você está assumindo um risco pelo seu clã e pela sua cidade. Te garanto que o Desponta é leal a seus amigos, e não estamos indefesos em Lukang. — Estendeu uma mão para Luto, que imediatamente lhe entregou um envelope sem etiqueta que haviam trazido. Ela colocou o envelope em frente a Jio e Tyne. Dentro dele, havia o rascunho de um acordo de patronagem, incluindo quantos guerreiros Juen Nu, o Chifre do Desponta, havia concordado em transferir para Lukang, onde defenderiam o União das Seis Mãos de uma potencial retaliação dos Montanha (nenhum clã tributário trocaria de aliança sem poder contar com proteção), assim como uma faixa aproximada de tributação, que seria finalizada após uma inspeção mais detalhada da contabilidade do clã menor.

— Fiz os cálculos com base nas informações do ano passado, então são apenas estimativas. Posso entregar uma proposta atualizada ainda esta semana pra todo mundo — garantiu Luto. — Com a permissão da Homem do Tempo — acrescentou ligeiro e envergonhado.

Tecnicamente, Shae não dera permissão para que seu Chefe de Equipe falasse, mas perdoou o entusiasmo. O jovem estava quase vibrando. Este era o tipo de evento dramático que Luto deve ter esperado que fosse testemunhar quando se tornou o Sombra da Homem do Tempo. A aliança não seria oficializada até que ambos os lados concordassem com os detalhes e Jio fosse pessoalmente fazer os juramentos para Kaul Hilo, mas os clãs haviam declarado suas intenções. Era uma grande vitória para o Desponta. As movimentações precisariam começar imediatamente.

Jio aceitou o envelope e voltou a falar, mas, antes que as palavras saíssem de sua boca, a Percepção de Shae capturou uma mudança de energia no exterior do estabelecimento. Havia auras de jade de Ossos Verdes se aproximando, e rápido. Pelo menos meia dúzia. Ela se levantou num sobressalto e olhou para Jio Wasu.

— Essas pessoas trabalham pra você? — inquiriu a Homem do Tempo.

Luto, que não era verde, e Tyne, que usava pouca jade e pelo visto tinha um fraco senso de Percepção, olharam confusos de um líder para o outro. Jio se levantou; sua aura e seu rosto estavam repletos de inquietação.

— Não — disse ele. — É impossível. Ninguém sabe que estamos aqui. Cadê…

A porta da sala foi aberta com tudo. Jio Somu, o Chifre do União das Seis

Mãos, estava na entrada. Ao seu lado, havia um sujeito alto e mais velho que Shae reconheceu imediatamente como Nau Suenzen, o Chifre do Montanha.

Ela levou a mão à faca talon presa na lombar sob o blazer, mas Jio Wasu permaneceu congelado, chocado enquanto, sem entender nada, encarava o sobrinho. O rapaz suava, mas havia determinação em seu rosto e sua aura de jade vibrava com uma determinação sombria.

— Desculpa, tio — pediu ele. — O senhor não me deixou escolha.

Nau Suen deu um passo sala adentro e quatro outros Ossos Verdes do Montanha vieram em seguida, espalhando-se para ambos os lados. Shae conseguia Perceber outros três no restaurante, na entrada da frente e dos fundos. Ela se afastou e puxou Luto pelo braço até ficarem com as costas contra a parede. O Sombra estava quieto e de olhos arregalados; o medo do jovem era um gosto amargo nos confins da Percepção dela. A mão de Shae estava firme sobre a faca talon, mas o sangue bramia em seus ouvidos e sua mente estava num turbilhão. Expandiu a Percepção em busca de alguma forma de escapar e não encontrou nada. As paredes eram feitas de grossas vigas de madeira e as janelas eram pequenas; não conseguiria atravessá-las nem com muita Força e Aço.

Os olhos de Jio Wasu continuavam em seu sobrinho.

— Você nos traiu — sussurrou ele, incrédulo.

— Que acusação mais irônica vindo de um Pilar que acabou de ser pego rompendo os juramentos de tributação e se aliando ao Desponta — disse Nau Suen, que analisava o ambiente com um olhar gélido, sem piscar, e encarava um ocupante por vez. A pele de Shae formigou quando ele assentiu para ela de um jeito quase cortês, antes de voltar a se virar para Jio Wasu. — Você precisa saber, Jio-jen, que seu sobrinho me contou da sua traição e me informou o dia e o local desta reunião sob a condição de que você seja poupado de execução.

— Não iria demorar pros Montanha descobrirem — disse Jio Somu para o tio, como se estivesse implorando para que ele entendesse. — E aí iríamos ter que lutar pelas nossas vidas. O que faz o senhor achar que o Desponta seria melhor pra nós? Assim é melhor pra todo mundo. Não queremos que Lukang vire Janloon.

— O que você quer com isso, Somu? — perguntou Jio Wasu, atordoado.

Nau respondeu pelo jovem Chifre.

— Naturalmente, depois que você for exilado, o Jio Somu vai se tornar o Pilar do União das Seis Mãos, que vai continuar governando a cidade de Lukang como um leal tributário do Clã da Montanha.

Tyne Retu fez um barulho incoerente de raiva.

— Somu, seu *cachorro* desprezí…

E se lançou contra o Jio mais novo com um grito incauto e as mãos estendidas rumo à garganta do traidor. Dois dos Ossos Verdes de Nau Suen agarraram o Homem do Tempo do União das Seis Mãos num instante. Um terceiro enfiou uma espada da lua em seu peito. Shae viu a ponta do metal branco emergir pela lateral esquerda das costas de Tyne no mesmo momento em que Percebeu, feito um grito agudo na cabeça, o espasmo do coração perfurado dele.

Jio Wasu extravasou um bramido de negação e sacou uma pequena pistola de um coldre escondido no ombro, debaixo da jaqueta. Antes que pudesse sequer mirar, os homens de Nau Suen descarregaram as próprias armas em uníssono. O cômodo irrompeu num tiroteio. Jio atirou uma violenta rajada de Deflação e Aço que jamais serviria para salvá-lo naquele espaço pequeno contra tanta munição; balas deram guinadas para todos os lados. Garrafas de hoji estouraram e caíram das prateleiras, o que espalhou vidro pelo recinto inteiro.

Shae lançou uma monção vertical e concisa de Deflação no espaço estreito entre dois dos Ossos Verdes do Montanha, o que os fez cambalearem até cair e abriu uma passagem na formação do inimigo. No Desespero, Aço e Leveza irromperam nos membros de Shae. Ainda segurando o braço de Luto, ela pulou rumo à abertura, abrindo caminho em meio ao caos… e então cambaleou quando o peso de Luto a arrastou para baixo. Se virou a tempo de vê-lo atingindo o chão com a lateral do pescoço explodida.

A mente de Shae se recusou a acreditar e mal registrou a cena antes de sua perna direita vacilar e uma dor lancinante vir rasgando por sua coxa, irradiando perna abaixo e subindo até a pélvis. Em pânico, se imbuiu de Aço e tentou se levantar. Nau Suen lançou uma poderosa e precisa rajada de Deflação que a atingiu no peito feito um empurrão forte. Ela se chocou sem cerimônia alguma na parede dos fundos e caiu.

O tiroteio havia parado, mas Shae não conseguia ouvir nada. Não faria diferença se estivesse debaixo d’água. Com o corpo crivado de balas, Jio Wasu jazia estatelado no chão ao lado de seu Homem do Tempo. Jio Somu, o sobrinho desleal, encarava o cadáver do tio com um semblante contorcido e pavoroso. Mesmo que não tivesse pessoalmente puxado o gatilho, ele seria conhecido dali em diante como o homem que matara o próprio Pilar e a própria família.

As mãos dele se fecharam em punhos ao lado do corpo. Shae viu os lábios do sujeito se moverem, trêmulos.

— O senhor devia ter me escutado, velhote.

Dois Ossos Verdes do Montanha tiraram Jio Somu da sala.

Shae olhou para Luto, seu Chefe de Equipe pelo longo período de seis meses. Os olhos inertes do rapaz estavam arregalados, e ele encarava o teto, como se estivesse surpreso.

Nau Suen circundou as poças cada vez maiores de sangue e se aproximou.

— Kaul-jen.

— Você prometeu pro sobrinho que ia deixá-los vivos — disse Shea entredentes.

— Eles atacaram primeiro — comentou Nau. — É pro bem do próprio novo Pilar. O tio poderia voltar em busca de vingança. Agora me conta, como é que o seu Pilar lida com gente que traiu o clã?

Shae não conseguia avistar sua faca talon em lugar nenhum. Devia tê-la deixado cair em algum momento entre levar um tiro e ser jogada contra uma parede. Sentia a cabeça leve, e as palavras de Nau pareciam abafadas. Estava apertando o ferimento com a mão, e o sangue escorria por entre os dedos, encharcando a parte de baixo da saia. A dor era excruciante. Estava fascinada pelo fato de que o salto estreito de sete centímetros de seu sapato havia quebrado, mas, tirando pelo buraco causado pela bala, a meia-calça estava intacta. Atrás de Nau, dois dos Punhos do Montanha estavam abaixados, pegando a jade do corpo de Jio e de Tyne.

Nau se agachou ao lado dela. Shae se forçou a focar, a revidar o olhar penetrante do Chifre.

— Você sabe, Nau-jen — disse a Homem do Tempo, e então lambeu os lábios secos; conseguiu dar um sorriso doloroso, porém venenoso —, que de jeito nenhum vão conseguir fazer a minha morte aqui parecer um infarto.

O Chifre a olhou com uma expressão curiosa e sisuda.

— Se você morrer aqui, o Kaul Hiloshudon vai descer a floresta e nossos clãs estarão guerreando nas ruas amanhã de manhã. Não foi isso o que a Ayt-jen me mandou fazer em Lukang. Vim pra punir um traidor e pra salvaguardar a cidade pro Montanha. Acontece que pistolas são armas ridículas e desleixadas… é metal e Deflação voando pra tudo quanto é canto. — Os olhos dele vagaram do rosto até a perna de Shae. — A bala não atingiu a sua artéria femoral. Você teve sorte.

Ela virou o queixo para o corpo de Luto.

— Mas ele não.

— Você trouxe um homem sem jade para uma reunião de clãs Ossos Verdes. — Nau nem olhou para o cadáver. — Negligência. É como deixar uma criança

brincar no meio de uma rua movimentada.

Um rompante de remorso e ódio latejou na cabeça de Shae. Onde será que sua faca talon estava? Será que ainda conseguiria atingir Nau?

— Fica à vontade pra tentar — disse o Chifre, como se ela tivesse falado em voz alta. — Vou me aposentar ano que vem. Fiquei tanto tempo assim por causa da Ayt-jen, mas ser Chifre é coisa de jovem.

Nau virou a cabeça para trás e gritou ordens ligeiras para os Ossos Verdes, instruindo-os a tirarem Jio Somu do estabelecimento para sua própria proteção e a devolver os corpos extirpados de jade de Jio Wasu e Tyne Retu para suas respectivas famílias. Os homens saíram de imediato para obedecer.

Nau pegou três guardanapos de tecido da mesa e os uniu com nós fortes. Depois, usou-os para envolver a coxa de Shae acima do ferimento e amarrou com um puxão firme que a fez sibilar de dor. Ele enfiou um par de hashis através de duas camadas da bandagem improvisada e girou diversas vezes, apertando o torniquete com a eficiência objetiva de um médico militar. Nau devia ter quase sessenta anos. Quando era adolescente, fora um guerreiro da resistência durante a ocupação shotariana, um camarada de Ayt Yu e do próprio avô de Shae. Apesar do nível sobrenatural de habilidade em Percepção, ele não fez esforço algum para usar Afluência médica. Talvez só tivesse aprendido a usar habilidades de jade para ceifar vidas, e não para preservá-las.

— Fala pra sua Pilarisa — começou Shae, agarrando as dobras da saia para se distrair da dor e da dormência cada vez mais intensa na perna — que ela não venceu. Eu sei o que ela tá fazendo, e vou impedi-la.

Nau Suen se levantou e olhou para Shae no chão, apoiada contra a parede e com a respiração entrecortada. Sem pressa enquanto usava uma ponta limpa da toalha de mesa para tirar o sangue das mãos, ele falou:

— Quando o Ayt Yugontin, que os deuses o saúdem, estava no leito de morte, o filho, o Chifre e vários dos conselheiros íntimos dele discutiram a possibilidade de dividir o Clã da Montanha. Diziam que, depois que o Lança de Kekon partisse, o clã perderia seu lendário líder guerreiro, o coração e alma do clã. Que seria melhor pra todo mundo que cada um seguisse o próprio caminho, que cada um dos homens que tinham apoio de uma parte do clã formasse seus próprios clãs menores em vez de competirem pela difícil empreitada de seguir a sombra do grande Pilar. Eu estava lá; lembro da conversa.

“A Ayta Mada era a Homem do Tempo na época. Ela mal falava da família biológica, mas dizia que se lembrava dos pais brigando. Uma noite, o pai saiu furioso de casa, sua irmã e irmão fugiram para os próprios amigos e ela, uma

criança de oito anos, vagou pelo rio. Quando as bombas shotarianas caíram e o deslizamento de terra engoliu o vilarejo, os outros membros da família morreram separados e sozinhos.”

Nau comeu dois pedaços das ameixas partidas e um punhado de nozes tostadas que continuavam sobre a mesa manchada de sangue.

— Mada-jen falou pros conselheiros do Ayt Yu que o Osso Verde mais forte dentre eles deveria se tornar o Pilar depois da morte do Lança. Ela se ofereceu para duelar contra qualquer um deles pela liderança. Eles sorriram e riram da ideia. Mulheres não duelavam com homens. Minha Percepção era melhor do que a de qualquer um, então eu era o único que sabia que aquilo não tinha graça nenhuma. A Ayt Mada preferiu matar todos aqueles homens do que deixar o Montanha se dividir.

Enquanto se retirava, o Chifre do Clã da Montanha tirou um momento para escolher uma das garrafas intactas de hoji envelhecido que haviam restado na prateleira. Ele se virou para trás, e seu olhar penetrante voltou a recair sobre Shae com um toque gélido de solidariedade.

— Conheço ela faz vinte e cinco anos. Vocês não têm escolha a não ser lutar, é claro. Mas é uma batalha perdida.

As botas de Nau trituraram o vidro enquanto ele saía do cômodo.




CAPÍTULO 11

A Guerra Latente

Shae se arrastou pelo Restaurante e Botequim de Hoji Unto & Filhos até encontrar um telefone atrás do bar. Ligou para o primeiro número que lhe veio à cabeça e caiu na secretária eletrônica do escritório de Woon; o horário comercial já havia terminado àquela altura. Ligou para casa a dele. Depois de dois toques, a esposa de Woon atendeu.

— O Papi tá aí? — perguntou Shae. — Quero dizer, Woon-jen… ele tá em casa?

— Quem é? — perguntou Kiya, já desconfiada.

— Kaul Shae, a Homem do Tempo — respondeu ela, deitada atrás do bar e com os dentes cerrados de dor. — Preciso falar com o seu marido, ele tá em…

Antes que pudesse terminar a frase, ouviu um som do outro lado como se o telefone tivesse sido tomado, e então a voz de Woon exclamou, ansiosa:

— Shae-jen? O que aconteceu?

Dez minutos após desligar a chamada com Woon, uma ambulância chegou e, segundos depois, um carro com Ossos Verdes do Desponta. Ela reconheceu um dos Punhos, um jovem de Janloon com cabelo ondulado chamado Lott, provavelmente em alguma missão em Lukang.

— Vamos seguir a senhora até o hospital, Kaul-jen — informou Lott enquanto corria ao lado dos paramédicos que carregavam Shae.

— O Pilar e o Homem do Tempo do União das Seis Mãos tão mortos — contou ela, agarrando o braço do Punho antes de ser colocada na ambulância. — O Chifre deles traiu o próprio tio pelos Montanha. Precisamos proteger nossos territórios antes que a notícia se espalhe, e depois tomar o máximo possível de Lukang antes dos Montanha.

No hospital, Lott deixou guardas a postos no exterior do quarto de Shae. Woon fretou um pequeno avião e estava ao lado dela duas horas mais tarde. Ele chegou com Juen Nu e uma dúzia de guerreiros Ossos Verdes do clã. Sentada na cama com a perna inchada elevada e enfaixada, Shae explicou o esquema dos Montanha de movimentação do mercado clandestino de jade através de Lukang e entregou ao Chifre o envelope que continha a informação a respeito dos membros e bens do União das Seis Mãos… todos agora sob um domínio questionável.

Quando caiu a noite, o União das Seis Mãos estava em estado de guerra civil, e Lukang, transformada num campo de batalha. Shae dormiu agoniada por curtos períodos de tempo, com Woon sempre no quarto ou falando ao telefone no corredor lá fora. A cada poucas horas, Iyn Ro ou Lott Jin voltavam ao hospital para relatar o que andava acontecendo.

— O sem-vergonha do Jio Somu, aquele familicida, tem apoio do Montanha e de dois terços do União das Seis Mãos, mas o outro terço e vários dos Lanternas mais importantes deles nos procuraram implorando por ajuda e vingança — disse Iyn, pouco depois do amanhecer. O cabelo curto e espevitado da Punho estava despenteado, e sua aura de jade reluzia com adrenalina e jade nova. Shae ouvira rumores de que a noiva de Tar estava sendo cotada para uma promoção à Primeiro Punho, o que faria dela a primeira mulher a conquistar uma classificação tão alta no lado militar do clã. — A má notícia é que o Montanha já estava posicionado antes mesmo de a gente chegar, e eles têm o apoio das gangues barukânes locais. Então conseguiram ficar um passo à frente e continuam controlando a maior parte do antigo território do União das Seis Mãos.

— Não temos como vencer uma guerra de rua pelas empresas locais — disse Woon enquanto andava de um lado para o outro perto da ponta da cama de Shae. — Pelo que sabemos, o mais importante é tomar o controle do porto e ir atrás dos barukânes que movimentam a jade pros Montanha.

— É o que estamos fazendo — respondeu Iyn com certo mau humor. Punhos não gostavam muito de receber ordens pelos engravatados do administrativo. — O distrito do ancoradouro é onde a batalha está mais concentrada. O Juen-jen

mandou virem mais quinze Ossos Verdes de Janloon, mas mais do que isso e vamos correr o risco de deixar territórios importantes de lá desprotegidos. Teremos sorte de conseguir ao menos segurar o que já é nosso em Lukang, a menos que o escritório da Homem do Tempo consiga pensar em alguma outra saída…

Ela arqueou uma sobrancelha para Shae e Woon antes de sair de novo num rompante.



Shae foi liberada do hospital 24 horas mais tarde e chegou em Janloon à uma da manhã. Woon abriu a porta da casa dela, então voltou para o carro e a ergueu com cuidado. A dor na perna havia diminuído, mas Shae se sentia fraca e atordoada devido aos analgésicos. Colocou os braços ao redor do pescoço dele e a cabeça em seu ombro enquanto era carregada para dentro. Fazia meses que não ficavam tão próximos assim, e o zunir familiar e inabalável da aura de jade, junto à firmeza do corpo dele a reconfortaram. Quando Woon a deixou no sofá da sala de estar, ela o soltou com relutância e, na mesma hora, sentiu frio.

Woon trouxe travesseiros e uma coberta do quarto e os colocou sob a cabeça e a perna ferida de Shae para deixá-la mais confortável. Até que conseguisse subir as escadas de novo, seria melhor que dormisse no térreo, onde poderia ir facilmente para a cozinha e o banheiro. Ele se sentou no chão ao lado do sofá e apoiou o cotovelo e o pescoço perto dela nas almofadas, exausto depois de dois dias sem dormir direito. Shae esticou o braço, hesitante, e apoiou a mão no ombro de Woon.

— Obrigada — sussurrou. — De novo.

Ele colocou a mão sobre a dela. Com um suspiro, virou a cabeça, levou-a até a bochecha e pressionou o rosto na palma. Os dedos de Shae tremiam contra a pele de Woon. Apesar de tudo o que havia acontecido nas 36 horas anteriores, um ardor de desejo se manifestou dentro dela, tão intenso que parecia algo físico, como um anzol enfincado no umbigo. O tenor da aura de jade de Woon se intensificou, e ele a encarou com uma súplica silenciosa no olhar. Quando ela o puxou para mais perto, Woon nem resistiu.

Os dois se beijaram, e continuaram se beijando. A visão de Shae ficou borrada; ela esqueceu do ferimento e da fadiga. A boca de Woon se movia com uma carência lenta e profunda. Ele se ajoelhou, se inclinou sobre ela e a apoiou com um braço sob a cabeça. Com a outra mão, tocou a garganta, e então o peito dela. Shae arqueou o corpo na direção dele. Ainda a beijando, Woon abriu os

primeiros botões da camisa dela. Com o que quase parecia um certo temor, como se estivesse adentrando um território de perigo certo, começou a tocar os seios de Shae por cima do sutiã; de olhos fechados, esfregava os dedos quentes sobre os mamilos duros que resvalavam contra o tecido.

Com um grunhido, Woon afastou a boca e as mãos, se afundou de novo perto dela e apoiou a testa nas almofadas do sofá. Shae o segurou por mais um instante, e então o soltou.

— Não adianta — murmurou ele, com a voz abafada ao lado de Shae. — Não tem o que fazer, eu sou apaixonado por você.

Ela se recostou no sofá e pegou a mão de Woon.

— Não tenho direito de te pedir nada. E não vou.

Hilo entrou na casa. A única coisa em que os dois estavam prestando atenção era um no outro, e falharam em Perceber a aproximação do Pilar antes de ele parar na entrada da sala de estar com um olhar impassivo.

Woon se levantou rápido e piscou algumas vezes antes de levar as mãos à testa numa saudação.

— Kaul-jen.

Ele pigarreou.

— Volta pra sua casa e pra sua esposa, Woon — ordenou Hilo.

Woon estremeceu como se tivesse levado um tapa do Pilar. Ficou com o rosto corado de uma forma que Shae nunca vira antes. Por um longo instante, pareceu batalhar contra o desejo de se explicar, mas então, com um esforço visível, voltou à compostura de sempre. Assentiu uma vez, rápido, e passou por Hilo casa afora até o carro.

O rosto de Shae queimava enquanto ela se virava e abotoava os botões da camisa. Com raiva, puxou o corpo até ficar sentada.

— Pra que entrar assim e tratar ele desse jeito?

— Você acha que tá fazendo algo de bom pra ele? — respondeu Hilo, sem remorso algum. — Tá planejando quebrar o coração ou arruinar a vida dele?

— Claro que não — murmurou Shae.

Hilo semicerrou os olhos enquanto se aproximava da irmã.

— Qual é o seu problema, Shae? Você ama ele ou não? Se ama, precisa mandar ele deixar a esposa. Se não, precisa demitir ou transferir ele pra fora de Janloon. Eu já te falei isso antes, não falei? E você esperou até agora para fazer alguma coisa a respeito?

Ela abriu a boca; uma dezena de contra-argumentos lhe vieram à cabeça, as respostas automáticas para Hilo que desenvolvera ao longo de tantos anos. *Não*

se mete na minha vida. Você não sabe de nada. Isso não é da sua conta. Mas, é claro, nada disso era verdade. Hilo era o Pilar e qualquer coisa que afetava o clã era da conta dele, inclusive um caso potencialmente desastroso entre a Homem do Tempo e seu Carimbeiro.

Fechou a boca e engoliu todas as coisas fáceis e infantis que queria dizer. Em vez de discutir, abaixou o rosto e pressionou as pálpebras com a ponta dos dedos.

— Ainda não, Hilo, por favor. Tô cansada de perder pessoas.

A aura de jade de seu irmão mudou inesperadamente. Um recuo sutil. Ele não falou nada enquanto ela tirava o rosto das mãos e apontava para o frasco de plástico sobre a mesa.

— Pega aqueles analgésicos e um copo de água pra mim.

Hilo obedeceu. Depois, se sentou na ponta da mesinha de centro e pegou o copo vazio após ela se medicar. Shae conseguia ver o reflexo dos dois nas janelas. Lá fora, a lua não tinha aparecido, e a propriedade Kaul estava silenciosa. Era difícil acreditar que naquele momento os guerreiros do clã estavam travando uma intensa batalha em outra parte do país.

— Sinto muito pelo Luto — disse Hilo, com uma voz diferente. — Que os deuses o saúdem.

— Que os deuses o saúdem — repetiu ela. — Ele era jovem e inteligente, tinha a vida toda pela frente. Não era nem um Osso Verde; não devia ter morrido. Foi uma morte que não serviu pra nada.

Hilo a encarou com uma compaixão um tanto sisuda.

— Se uma bala te atingisse no pescoço, você iria gostar se eu dissesse que a sua morte não serviu pra nada? Luto não era verde, mas deu a vida pelo clã, assim como qualquer Punho ou Dedo.

— Punhos e Dedos usam jade e fazem juramentos. Sabem que talvez precisem batalhar.

— Tudo é uma batalha agora — respondeu Hilo, sério. — Cada negócio, cada cidade, cada reportagem, cada coletiva de imprensa ou cada merda de voto no Conselho Real. — A ferocidade familiar na voz de Hilo se misturava com uma profunda resignação. — No passado, tudo era feito de um certo jeito, sob os olhos do Velho Tio. Podíamos contar com algumas coisas. Agora não há limite nenhum. Todos no clã fazem parte da batalha.

Shae se perguntou se ele estava pensando em Wen. Não confiava mais em sua habilidade de ler as entrelinhas do irmão. No decorrer dos dois anos anteriores, ele mal falara com ela a respeito de qualquer coisa além dos assuntos do clã. Shae se lembrava de como Hilo costumava irritá-la com toda aquela franqueza

alegremente agressiva, aquela fisicalidade, o jeito com que a abraçava, incomodava e implicava. Quando olhou para ele agora, sentado na mesa com os cotovelos apoiados nos joelhos, Shae percebeu que queria aquele irmão do sorrisinho sarcástico de volta, aquele rapaz arrogante que ele uma vez fora, o sujeito que sempre parecia tão seguro de si.

— Faz *anos* que a gente tenta desmantelar o Montanha e mandar a Ayt Mada pro cemitério — prosseguiu Hilo. — E continuamos aqui… aquela desgraçada continua no topo do clã dela, continua vindo atrás de nós. No fim das contas, não vamos vencer em Lukang. Vamos tomar uma parte do território, talvez uma boa parte, mas se aquela cidade é a peça-chave da aliança da Ayt Mada com os barukânes e essencial para o controle do mercado clandestino, nunca que ela vai deixar o União das Seis Mãos se aliar a outro clã.

Shae pensou no que Nau dissera, naquela certeza absoluta.

— Não vai mesmo — concordou ela. — Mas eu finalmente sei o que precisamos fazer pra desarmar a Ayt. Me dei conta disso com o Woon no hospital ontem.

Depois de ela ter explicado o plano, Hilo pareceu impressionado, mas disse:

— A Ayt Mada e o Homem do Tempo dela vão dar um jeito de contornar isso mais cedo ou mais tarde.

— Vão — admitiu Shae —, mas vai diminuir feio o ritmo deles e atrapalhar tanto que não vão conseguir continuar na empreitada de comprar nossos Lanternas.

— O Juen ainda assim vai tomar tudo o que for possível de Lukang e mandar pra cadeia ou pra cova o máximo possível de barukânes que trabalham pros Montanha.

Shae assentiu e colocou outra almofada debaixo da coxa ferida para aliviar a dor latejante.

— Talvez tenhamos perdido a chance de conquistar o União das Seis Mãos como contribuinte, mas ainda é possível tirarmos uma vitória dessa história toda.

Hilo ficou quieto por um minuto e, com um orgulho relutante e uma pitada de amargura na voz, disse:

— Você é uma boa Homem do Tempo, Shae.

Ela recostou a cabeça nos travesseiros e fechou os olhos conforme a exaustão finalmente a alcançava.

— Você é um bom Pilar de guerra, Hilo — murmurou Shae. — E estamos travando uma guerra. Nossa própria guerra latente.

Estava quase dormindo quando Hilo ajeitou o cobertor em cima dela.

— Falei pro Andy vir hoje mais tarde pra dar uma olhada nessa perna — mencionou ele. — Vai saber se os médicos de Lukang são bons de verdade.

Shae sentiu os lábios do irmão beijarem sua testa e, um momento depois, ouviu a porta da frente se fechando.



Dois dias mais tarde, Shae entrou mancando de muletas no escritório. Muito embora tivesse percebido mais Punhos e Dedos nas ruas, tensos e vigilantes, tudo o mais parecia normal em Janloon. O clima estava agradável e havia lamparinas do Festival de Outono por todo canto, junto com placas de promoções sazonais no comércio. A centenas de quilômetros dali a violência continuava em Lukang, mas os janloínos estavam tratando as notícias como um problema regional no sul causado por uma sórdida cisão no pequeno clã União das Seis Mãos. Num acordo mútuo e implícito, tanto o Montanha quanto o Desponta não estavam fazendo nada em Janloon para mudar essa impressão. O Montanha e suas forças tributárias ainda controlavam a maior parte de Lukang, mas o Desponta e a facção dissidente do União das Seis Mãos haviam conseguido repelir as gangues barukânes e assegurado os valiosos distritos portuários.

Lukang tá crescendo, mas isso também significa que agora temos problemas de cidade grande, se preocupara o falecido Jiu Wasu. De fato, guerras entre clãs eram problemas de cidade grande. Seu sobrinho traidor, Jio Somu, se escondera para escapar dos próprios parentes que queriam matá-lo.

Shae passou pelo escritório de Luto e, apoiada nas bengalas, ficou no exterior do cômodo por diversos minutos carregados de remorso. Só agora que o jovem tinha morrido a sensação era de que a sala deveria ser dele. Ela caminhou lentamente até o próprio escritório e mandou a secretária começar a reunir currículos de candidatos para a vaga de Chefe de Equipe.

Ao meio-dia, Shae ligou a televisão para assistir Woon Papi fazendo uma declaração à imprensa em nome do Desponta pedindo um embargo comercial às Ilhas Uwiwa.

— Ontem o Conselho Real introduziu uma forte e necessária legislação para reforçar a segurança nacional e combater o crime que só cresce em nossas cidades — anunciou o Carimbeiro com seu jeito tranquilo, confiável e direto. Os repórteres presentes anotaram as palavras dele educadamente, mesmo que todos soubessem muito bem que o Desponta estava por trás do embargo proposto. Kaul Hilo e Woon Papi tinham ido à Casa da Sabedoria na manhã seguinte ao

retorno de Shae à Janloon e convocado uma reunião com todos os mais importantes afiliados do Desponta no governo. Em menos de 24 horas, um projeto de lei fora apresentado ao plenário.

— As Ilhas Uwiwa são o primeiro destino para a jade contrabandeada de Kekon, e um dos maiores produtores de BL1 ilegal do mundo — disse Woon na TV.

Ele ofereceu estatísticas alarmantes a respeito do tráfico de jade, vício em drogas, turismo sexual e crime de rua, e então habilmente conectou a guerra civil no União das Seis Mãos e o surto de violência em Lukang a influências internacionais corruptas. Woon vestia um terno cinza-metálico e gravata azul. Jade reluzia em seu pulso. Para Shae, ele ficava bonito na câmera, de um jeito discreto e imperturbável.

— O Desponta apoia incondicionalmente o embargo comercial que foi proposto, e o Pilar pede que todo membro leal ao clã e todo kekonésio preocupado faça o mesmo — concluiu o Carimbeiro. — Convidamos outros clãs Ossos Verdes a se juntarem a nós e a também anunciarem seu apoio. Iremos, é claro, oferecer qualquer assistência que esteja ao nosso alcance para ajudar o governo a promulgar e aplicar essas medidas daqui em diante.

Quando Shae explicara a estratégia para Hilo, dissera:

— Com o embargo em vigor, nenhum bem, nenhum dinheiro e nenhuma jade irá viajar entre Kekon e aquele país. Tanto faz se tomarmos o controle de Lukang ou não, se bloquearmos o acesso às Ilhas Uwiwa, cortamos a conexão dos Montanha com o mercado clandestino. Com isso, acabamos com as reservas de guerra da Ayt Mada. — Ela tinha certeza de que o Montanha estava transferindo fundos advindos das vendas de jade e brilho de Iyilo por meio de subsidiários e empresas-fantasma, então o embargo também proibiria qualquer empresa kekonísia de fazer negócios com qualquer empresa uwiwana.

— No momento, o Montanha tem seis cadeiras do Conselho Real a mais do que nós — apontara Hilo.

Ficara surpresa pelo irmão se lembrar desse fato.

— Então precisamos que pelo menos seis independentes e conselheiros de clãs menores fiquem do nosso lado — respondera ela. — E eles vão ficar.

E Shae estava certa. Algumas horas depois do anúncio de Woon em nome do Desponta, a equipe da Homem do Tempo relatou que o projeto de lei estava recebendo uma cobertura favorável da imprensa, forte adesão popular e até mesmo apoio de alguns legisladores afiliados ao Montanha. O país estava ávido por políticas e ações ousadas que salvaguardassem Kekon contra a Guerra

Latente que parecia encurralá-lo.

Shae se permitiu sorrir enquanto colocava a perna numa cadeira e massageava a dor que irradiava até a canela. Nem mesmo o Montanha era capaz de frear um trem impulsionado pelo zeitgeist atual. Os partidários do Desponta no governo iriam fazer pressão para que o projeto fosse aprovado sem demora, junto com o plano de Hilo para a reforma militar. O clã havia melhorado muito sua presença pública, e Ayt Mada dificilmente conseguiria se opor sem parecer hipócrita e sem irritar os próprios apoiadores.

O bom humor de Shae durou apenas até a última hora do turno, quando recebeu uma visita inesperada. A foto de Kiya que Woon mantinha na própria mesa mostrava uma jovem noiva de sorriso radiante, com um cabelo comprido que escorria por baixo de um estiloso chapéu vermelho de aba larga. A mulher que entrou no escritório da Homem do Tempo e se sentou à sua frente vestia uma básica camisa de gola alta preta e exibia um semblante funestamente severo que destacava as olheiras e a palidez dos lábios rígidos e franzidos.

— Kiya — disse Shae, desconfortável e surpresa. — O que traz você…

— Vou largar o meu marido — interrompeu a moça. — Ele é honroso e covarde demais pra pedir o divórcio, então quem vai pedir sou eu. Quero que você saiba que a decisão foi minha. Você não tirou ele de mim, eu é que abri mão.

Shae passou um minuto inteiro sem ter o que responder.

— Eu não queria que as coisas fossem assim — disse enfim. Sua voz saiu monotônica, escondendo um remorso defensivo e uma maré de culpa que lhe pesava a consciência. — Vai por mim, eu nunca tentaria acabar com o seu casamento.

— Então você é ainda mais cruel do que eu achava — respondeu Kiya. — Eu conseguiria entender se você estivesse escolhendo pegar algo de alguém que é menos importante. Consigo aceitar perder pra uma mulher melhor do que eu. Mas você tá dizendo que nunca nem refletiu sobre o que estava fazendo, que fez tudo sem pensar.

O queixo de Kiya tremeu por um instante, mas ela o ergueu e encarou o rosto de Shae.

— Todo mundo sabe que o meu marido passa praticamente o tempo todo com outra mulher, e não só porque trabalha pra ela. Todo mundo finge que não vê. Quando eu era pequena, meu pai e meus irmãos nunca deixavam ninguém me machucar. Foram atrás de um dos meus primeiros namorados porque ele me deu um bolo no cinema. Agora eu tô infeliz, humilhada, mas me falaram pra não

confrontar a Homem do Tempo pra não acabar irritando o clã. Também tentaram me convencer a não largar ele porque o Woon Papi tem uma posição muita alta no Desponta e isso é bom pra nossa família.

Lágrimas de raiva foram se formando nos olhos de Kiya.

— Meu aniversário era essa semana na primidia. O Papi saiu mais cedo do trabalho, e era pra gente passar a noite junto. Ele saiu sem dizer nada assim que você ligou. Não falou pra onde estava indo ou quando iria voltar. Mal olhou pra mim. Agora ele vem pra casa, dorme, toma banho e sai de novo. Só diz que é coisa do clã.

O rosto de Shae foi ficando cada vez mais quente.

— Desculpa. Foi uma emergência. Eu dependo do seu marido pra coisas importantes do Desponta. Não tem mais ninguém em quem eu possa confiar ou de quem eu possa depender tanto. Eu precisei dele. Ainda preciso.

— Eu precisava dele mais — retrucou Kiya. — Não sou uma Osso Verde como você, mas, mesmo assim, fui obrigada a dar quatro anos da minha vida pro clã, anos que nunca vou ter de volta.

Ela se levantou e se virou para ir embora.

— Kiya. — Shae desprezou o som da própria voz. — Tem algo de que você precise? Alguma coisa que eu possa fazer por você?

A esposa de Woon parou e, como se tivesse sido pega de surpresa pela pergunta, se virou de novo para Shae.

— Kaul Shaelinsan, Homem do Tempo do Desponta — disse ela —, o que você pode fazer é ir tomar bem no meio do seu cu e morrer.




CAPÍTULO 12

Um Novo Emprego

Bero foi preso e mandado para a cadeia. Foi azar, é óbvio; era sempre azar. Uma câmera de segurança recém-instalada no exterior de uma loja de artigos esportivos em Machadinha capturou uma imagem dele justo na semana em que a polícia de Janloon estava à toda, trabalhando para manter a ordem durante um protesto público contra o projeto de expansão da base naval espênica. Bero foi pego com latas de tinta spray e um pé de cabra na mochila. Tadino estava com gastroenterite viral, então não havia ninguém para levar a culpa com Bero quando ele foi levado à delegacia.

Mas também foi uma sorte grande. Poderia ter sido pego por Ossos Verdes em patrulha, e então teria provavelmente acabado no hospital em vez de numa cela. Bero já passou por coisa muito pior do que alguns dias na cadeia. Ligou para o cassino Dobro Dobro, avisou que estava doente e esperou a inconveniência da prisão passar; ficou dando de ombros desdenhosamente e falando em monossílabas com o sargento que o interrogou. Depois de três dias, a cela foi destrancada e o informaram que ele seria solto com uma multa de três mil dien e uma ordem de se apresentar à corte dali dois meses para pagar esse valor, se desculpar formalmente ao dono da loja de artigos esportivos e talvez enfrentar outras punições dependendo da avaliação dos danos que causara.

Bero esperava que fosse acabar por aí, mas teve uma surpresa desagradável

quando o sargento não o escoltou para fora da delegacia, mas o guiou até uma entrada aos fundos, onde dois homens, um kekonésio e um estrangeiro, assumiram a custódia de Bero e, ainda algemado, colocaram-no no banco traseiro de um utilitário esportivo prateado com película nas janelas. Começaram a dirigir para longe dali.

— Pra onde é que vocês tão me levando, porra? — exclamou Bero.

— Relaxa — respondeu o kekonésio, que de kekonésio tinha mesmo só a ascendência, porque falava com sotaque estrangeiro. — Só queremos conversar.

— Vai pra puta que pariu seja lá quem você for — gritou Bero, chutando o banco do motorista. — Vocês não têm o direito de me levar pra lugar nenhum, seus espeniquitos de merda.

— Para com isso — disse o sujeito. — Se quer bancar o otário, a gente pode muito bem te levar de volta pro seu emprego, e aí você explica pro seu chefe o que anda fazendo no seu tempo livre. O Dobro Dobro é propriedade do Desponta, não é? E o Movimento Futuro Sem Clã por acaso não foi responsável por um incidente que aconteceu lá há pouco mais de um ano?

Isso fez Bero calar a boca. Quem quer que esses estrangeiros fossem, sabiam muito mais a respeito dele do que a polícia. O homem colocou um saco de tecido na cabeça de Bero e falou:

— Isso é pra sua própria segurança. Só sossega o facho aí atrás e fica de boca fechada.

Depois de cerca de vinte minutos, o carro parou. A porta se abriu e Bero, ainda encapuzado e sem ver nada, foi guiado do banco de trás para dentro de um prédio. Escoltaram-no pelo ombro por um corredor, uma porta e depois o sentaram numa cadeira antes de removeram o saco e então as algemas. Bero esfregou os punhos e franziu o cenho para os dois homens que o tinham trazido ali. O sujeito que conversara com ele no carro tinha a barba feita e usava um perfume de cheiro estranho, enquanto o outro tinha olhos claros e cabelo curto. Estavam num cômodo simples, sem janelas e nada assustador, com mesa e cadeiras. Parecia uma pequena, porém comum, sala de reunião de um escritório.

— Aqui, toma alguma coisa — ofereceu o sujeito que parecia kekonésio, colocando uma garrafa de refrigerante de melancia na mesa e abrindo uma para si. Apesar da irritação, Bero estava com sede, então, ainda carrancudo, pegou a bebida.

— Agora que temos um pouco de privacidade, vamos começar nos apresentando direito. — O homem que falava kekonês era o único que se manifestava, mas Bero suspeitava que o estrangeiro mais velho, que estava ali

mais ao lado e de braços cruzados, era o chefe. — Meu nome é Galo, e esse aqui é o Berglund. A gente trabalha pro Serviço de Inteligência Militar da República da Espênia.

— Ah, jura? — zombou Bero. — Eu nem tinha percebido.

— Temos uma proposta pra você — disse Galo, pouco se lixando pro sarcasmo de Bero. — Quando te contarmos, acho que você vai ver que aceitar é a sua melhor escolha. — Dispôs uma foto na mesa diante dele. — Você reconhece este homem?

A imagem retratava o estrangeiro entroncado de cabelo cacheado que aparecera pela primeira vez no Caquizinho no ano anterior, aquele que causara um furdunço com perguntas e a promessa de que havia outras pessoas prontas para ajudar o Movimento Futuro Sem Clã. Depois, ficara para conversar em particular com Guriho e com os outros. O nome dele era Molovni. Desde então, Bero o vira diversas vezes, sentado aos fundos das reuniões e, ao que parecia, agora mantinha uma boa relação com aquele pessoal. Nos últimos tempos, Bero ia só de vez em quando na esperança de se aproximar de Ema, que ainda não concordara em sair para beber com ele, mas o tolerava na medida certa para que Bero achasse que havia uma possibilidade de que ela acabasse cedendo uma hora ou outra.

— Aham, e daí? — perguntou, curioso, mesmo que não quisesse estar.

Galo tocou na foto.

— Vastik eya Molovni é um dos nekolva. Significa “filho da nação” em ygutaniano. Já ouviu falar deles?

— Nekolva? — Com ceticismo, Bero olhou de Galo para a imagem do rosto de Molovni. — Eles têm habilidades de jade sem usar jade. É o que dizem por aí. Ouvi falar que nem existem de verdade, que é invenção dos ygutanianos pra assustar as pessoas.

— Eles existem, mas o povo exagera. Os nekolva são o resultado de um programa militar ygutaniano que começou depois da Guerra das Muitas Nações. Nos últimos trinta anos, centenas de mulheres abukianas foram traficadas pra Ygutan ou ludibriadas pra lá pela promessa de trabalharem como domésticas. Quando chegam, são obrigadas a virar barrigas de aluguel pra casais supostamente inférteis. Desde a infância, as crianças de ascendência mista tomam doses baixas de BL1 e pó de jade moída. Algumas sofrem efeitos colaterais debilitantes ou morrem. As que demonstram resultados promissores recebem o melhor treinamento militar do país.

— Os soldados ygutanianos *comem* jade? — exclamou Bero.

Galo olhou para Berglund, que assentiu para que ele continuasse.

— Ygutan não tem um suprimento confiável de jade bioenergética de alta qualidade. A jade de baixo nível obtida no mercado clandestino e moída industrialmente é mais eficaz se for ingerida. Os danos no corpo diminuem drasticamente a expectativa de vida deles, mas, como não precisam vestir jade, os nekolva são espiões e agentes excelentes. Como precisam de doses regulares de pó de jade e de BL1, são mais fáceis de controlar. São a resposta de Ygutan pros nossos Anjos Navais ou pros guerreiros Ossos Verdes do seu país. E tão aqui em Janloon.

Se aquele ygutaniano podia ser tão poderoso quanto um Osso Verde, não era de se admirar que Guriho, Otonyo e os outros líderes do Movimento Futuro Sem Clã estivessem tão ávidos para se aproximarem dele. Bero empurrou a foto de Molovni para longe.

— Não conheço esse cara. A gente não conversa nem nada do tipo.

— Se um dos nekolva tá se envolvendo em atividades subversivas em Kekon, então é o governo ygutaniano que tá por trás disso. Queremos descobrir o que o Molovni tá querendo. As consequências pro seu e pro nosso país podem ser fatais. — Galo estava de pé, inclinado sobre a mesa. Agora, puxou uma cadeira, se sentou na frente de Bero e, com a voz mais baixa num timbre sério e solicitamente persuasivo, continuou: — Sabemos que você participa de reuniões e atividades anti-clã. Queremos que você se envolva mais no MFSC e nos relate tudo o que observar por lá: o que acontece nos encontros, quando Molovni aparece e o que ele diz, com quem ele conversa e passa tempo.

Bero fez uma careta.

— Não vou espionar pra vocês, seus espeniquitos.

Um lampejo de irritação irrompeu pela conduta profissional de Galo. Ele abriu a boca para responder, mas foi Berglund que falou de onde os estava observando. Galo se virou para o sujeito e os dois tiveram uma breve conversa em espênico. Quando Galo voltou a encarar Bero, já tinha recobrado a compostura e estava com um sorrisinho gélido e confiante.

— Eu devia ter mencionado antes que nossa proposta de transformar outras pessoas em informantes não vem sem algo em troca. Identificamos e escolhemos você, e mexemos os pauzinhos com a polícia de Janloon pra te trazer aqui. Claro, você pode se recusar a trabalhar conosco. Te levamos de volta pra delegacia e fingimos que essa conversa nunca aconteceu. Você volta a se esconder dos Ossos Verdes e ao seu trabalho sem futuro. Deve ser melhor mesmo que você vá antes que o seu chefe descubra o motivo da sua prisão, mas

aí vai ser difícil pagar a multa pesada por vandalismo que te deram. Ou você pode escolher receber mil thalirs espênicos em espécie todo mês.

Bero quase se afogou com um gole do refrigerante de melancia.

— E também vamos cuidar da multa lamentável que você ficou devendo — disse Galo casualmente, como se estivesse anunciando um brinde num jogo de facas de cozinha. — E pensa no seguinte: não seria bom ter aliados que querem te manter em segurança, que até mesmo te levariam pra longe dos clãs Ossos Verdes caso a coisa começasse a ficar feia pros seus amigos do Movimento Futuro Sem Clã?

— Eles não são meus amigos — resmungou Bero, mas sem discutir de verdade.

Mil thalirs por mês! Quanto isso dava em dien? Sete mil? Oito? Era muito.

— É por isso que você é perfeito pro serviço — respondeu Galo. — Não duvido que você tenha seus próprios motivos pra se opor aos clãs, porque senão nem teria entrado pro MFSC pra começo de conversa. Mas dá pra ver que você de idealista não tem nada. Eu poderia até tentar te convencer de que estamos do mesmo lado, e de que cooperar com a gente seria bom pro seu país…, mas isso não importa pra você, não é? Você não tem nenhuma lealdade de verdade com ninguém. Faz o que tem que fazer… cuida de si mesmo. — Galo falou tudo isso com uma tranquilidade sucinta e sem perder o sorrisinho. — O que me diz, então?

Bero terminou o refrigerante e respondeu:

— Tô dentro.




CAPÍTULO 13

Sem Segredos

sétimo ano, sexto mês

Um dia à tarde, Niko entrou em casa chorando. Junto com os irmãos, estava brincando com o primo Maik Cam e os garotos Juen na casa do Chifre. Juen Nu e a esposa tinham quatro filhos, incluindo gêmeos que eram dez meses mais velhos do que Niko, e Lina costumava trazer Cam para brincar com os primos, então sempre havia crianças correndo pelo pátio e instalações da propriedade Kaul, indo de casa em casa, deixando brinquedos e pertences por todo canto.

Niko correu para Wen e reclamou que os gêmeos Juen estavam caçoando dele. Enquanto Cam, Ru e Jaya montavam blocos de brinquedo, os três garotos mais velhos brincavam com um maço de cigarros e um isqueiro que haviam roubado de uma gaveta. A esposa de Juen viu o que estavam aprontando, confiscou os itens e os repreendeu com rigidez, dizendo que poderiam ter incendiado a casa. Niko, que levou um balde de água fria pela reprimenda, culpou os amigos por, para começo de conversa, terem tido a ideia malcriada. Incêndios podiam matar pessoas, ele os relembrara num tom prepotente. Sua própria mãe biológica morrera num incêndio residencial; era por isso que ele vivia com a tia e com o tio.

Os gêmeos Juen riram.

— Quem foi que te contou isso? — perguntaram. Fora a tia Shae que lhe explicara quando ele era pequeno. Num timbre zombeteiro, Juen Ritto falou: — Você acredita mesmo nisso? Você é filho do Pilar, como pode ser tão bebezinho assim?

Niko cerrou os punhos e, com raiva, exigiu que se explicassem, mas os dois meninos saíram correndo.

Wen garantiu que os amigos estavam apenas tentando provocá-lo. Naquela noite, depois de as crianças terem ido dormir, contou ao marido o que acontecera.

Hilo ficou irritado pela falta de tato dos gêmeos, mas a culpa não era dos garotos e nem do pai deles. Eram apenas crianças que entreouviam o que os adultos falavam e repassavam as informações por aí sem pensar. Além do mais, o Pilar sempre soubera que, uma hora ou outra, esse momento iria chegar. Niko tinha 8 anos, era maduro para a idade, certamente já era crescido a ponto de entender diversos conceitos do mundo adulto. Acabaria descobrindo a verdade mais cedo ou mais tarde, e era importante que o próprio Hilo contasse, e não outra pessoa. Ainda assim, não era algo que estava entusiasmado para fazer.

— Vou conversar com ele — prometeu à Wen.

Ao ver a expressão resignada do marido, ela terminou os exercícios de fisioterapia que estava fazendo na sala de estar e foi se sentar ao lado dele no sofá. Pegou a mão do esposo e, quando Hilo não se afastou, apertou um pouco mais e se recostou nele. Nove meses após aquela crise emocional no jantar, os dois continuavam hesitantes um com o outro, e ambos sofriam com dias em que a tristeza e o ressentimento sobrepujavam qualquer chance de afeto. Conforme Wen ia recuperando a força e as habilidades, porém, estava se tornando mais fácil que ficassem tranquilos e normais juntos, que conversassem como costumavam conversar.

— Chega de segredos — relembrou ela.

— Chega de segredos — concordou ele.

Muitos dos problemas entre duas pessoas, até mesmo entre quem se amava, vinham da falta de comunicação e honestidade.

Então, na manhã de sexdia, Hilo conversou com o sobrinho, que considerava um filho mais velho, e falou que iriam sair para tomar café da manhã juntos, só os dois. Nenhum outro membro da família havia acordado ainda. No caminho rumo à garagem, passaram apenas pelos jardineiros que traziam dezenas de caixotes de peônias vermelhas e amarelas, que simbolizavam felicidade matrimonial, para o casamento de Shae e Woon, que aconteceria no fim de

semana seguinte.

Assim que a tinta da assinatura do divórcio de Woon secou, Hilo o confrontara, Wen falara com Shae, e uma data foi marcada. Ele entrara no quarto de hotel em que o antigo Chefe de Equipe de Shae estava morando temporariamente e, sem mais delongas, dissera:

— Woon-jen, eu chego a ficar perturbado quando paro pra pensar nos problemas que o histórico romântico da minha irmã me causou ao longo dos anos. Você era o melhor amigo do Lan, e agora está fazendo um bom trabalho como o Carimbeiro do clã, então, se eu fosse você, evitaria virar mais uma situação complicada. Você pode ou se mudar pro outro lado do país, já que ter mais gente em Lukang agora seria de grande ajuda, ou pode se casar com a Shae; mas se decide rápido porque já tô de saco cheio dessa enrolação. Eu sei muito bem que a minha irmã não vai me procurar pra falar dessas coisas, então se você conhece pelo menos o seu próprio coração, a hora é agora.

O semblante de Woon estivera extremamente apreensivo (seria de se pensar que o sujeito achava que o executariam), mas então se transformara em uma expressão cautelosa de alegria.

— Kaul-jen — começou ele, devagar. — Será que o senhor me daria a permissão para pedir a mão de Shae-jen…

— Puta que pariu. Sim, você tem minha benção como Pilar.

Hilo suspirou.

Não sabia como tinha sido a conversa entre Wen e Shae, mas ficou feliz pela esposa ter cuidado dessa parte, já que Shae era bem capaz de recusar aquilo que mais queria simplesmente para não admitir que Hilo estava certo. Quando perguntou a respeito para a esposa, ela deu um sorriso confiante e afirmou:

— Não se preocupa, a sua irmã só precisa de outra mulher pra conversar sobre essa decisão, você vai ver.

O casamento de Kaul Shaelinsan, Homem do Tempo do Desponta e neta do Tocha de Kekon, deveria ser um gigantesco espetáculo do clã no Templo do Divino Retorno e, depois, celebrado num grande banquete no Hotel Estrela Universal. Em vez disso, seria um evento familiar relativamente modesto na propriedade Kaul. Tanto a noiva quanto o noivo haviam concordado em se casar rápida e discretamente em respeito à família de Kiya, que era de status meramente moderado no clã, mas, ainda assim, não merecia que tal humilhação se tornasse pública.

Conversas difíceis eram mais fáceis com crianças. Niko amava rabanada, então Hilo o levou até a nova franquia da Ponto Quente, que ficava nas Docas,

mesmo ciente de que Wen diria que não é saudável comer essas coisas de manhã. Sentaram-se num banco com vista para a água e comeram os pedaços recém-fritos bem quentes. Niko jogou as migalhas na água para os pássaros. O sol da manhã exterminava parte da umidade penetrante que pairava no ar. Vendedores de comida, souvenires e pacotes turísticos iam se organizando para aproveitar os visitantes que logo desembarcariam dos cruzeiros que haviam chegado e atracado durante a noite.

Nenhuma das embarcações tinha vindo pelas Ilhas Uwiwa; isso o embargo garantia.

O clã estava numa posição melhor do que no ano anterior. O Montanha havia recuado nos esforços de atrair Lanternas do Desponta, que ficaram com a confiança renovada pelos sucessos dos Kaul. O conflito em Lukang não estava resolvido, mas a situação ficara estável a ponto de Juen trazer vários de seus Punhos importantes, como Iyn e Lott, de volta à Janloon, mas deixar guerreiros suficientes para apoiar a facção dissidente do União das Seis Mãos. Por enquanto, os clãs haviam batalhado um contra o outro até chegarem num impasse, o que não revoltava Hilo como outrora teria revoltado. Por muito tempo, ele esperara destruir os Montanha com algum golpe ligeiro e fatal, mesmo que lhe custasse a própria vida, mas agora aceitava que seria necessário muito mais tempo para alcançar a vitória. Precisava era ficar vivo e durar mais do que seus inimigos.

Para acompanhar a rabanada, Hilo comprou dois copos de leite adocicado de uma das barraquinhas ali perto e soprou um deles para resfriar a bebida antes de entregá-la a Niko. Muito embora estivesse empolgado com o tratamento especial e pela atenção plena de Hilo, o garoto sabia que devia haver algum motivo para isso, e estava ainda mais inquieto do que o normal, concentrado enquanto comia e olhando furtivamente para o tio o tempo todo.

— Você tá animado pro Dia do Barco?

— Acho que sim — respondeu Niko.

Na opinião de Hilo, ele era uma criança estranha. Não se frustrava com facilidade, mas também não era muito expressivo e raramente ficava entusiasmado. Era atento e inteligente, acima da média de sua turma na escola, mas, para o Pilar, tinha até demais da melancolia de Lan.

— No Dia do Barco, vamos voltar aqui e ver o navio afundando. Vamos comprar nozes doces tostadas como você gosta, refri de melancia, e você vai poder ficar acordado até a hora que quiser.

Com isso Niko se empolgou.

— O tio Anden pode vir também?

— Se ele não estiver ocupado, claro que pode. — Sem mudar o tom de voz tranquilo e carinhoso, Hilo disse: — Niko-se, ouvi dizer que outro dia os filhos do Juen Nu falaram algumas coisas que te deixaram chateado. Quer me contar o que aconteceu?

O sorriso de Niko esmaeceu, e ele ficou cavoucando o chão sob o banco com a ponta dos sapatos. Com gentileza, Hilo continuou:

— Pode ser que você escute outras crianças falando da nossa família. Coisas que podem até parecer cruéis e mentirosas. E, por causa da nossa posição no clã, isso é de se esperar mesmo. Quando você ouvir algo e não souber se é verdade, é melhor não deduzir nada ou reagir na mesma hora. Só procura eu ou a mamãe. Sua tia Shae e seu tio Anden podem tentar proteger os seus sentimentos, mas só porque te amam, já o seu tio Tar, gosta de contar histórias grandiosas, às vezes grandiosas até demais. Mas eu sempre vou te falar a verdade.

Niko desembuchou:

— Eles me chamaram de burro porque eu disse que a minha mãe, não a mamãe, mas a primeira mãe que eu tive… morreu num incêndio.

— Você não é burro — reassegurou Hilo. — É que as pessoas nunca perdem tempo pra falar da tragédia dos outros pelas costas deles. Não te contamos muito sobre o que aconteceu com a sua mãe porque você era pequeno demais pra entender e poderia ter ficado assustado ou chateado. Mas agora você já tá grande e deve saber.

Hilo tomou um instante para terminar o pedaço de rabanada e organizar os pensamentos.

— O seu pai, meu irmão mais velho, era uma boa pessoa, um Osso Verde poderoso, mas, às vezes, tinha o coração mole demais. Antigamente eu não entendia, mas agora, com a idade, acho que entendo melhor. Depois que virou o Pilar, a esposa dele o abandou por causa de outro homem, um estrangeiro, e os dois fugiram juntos pra um país bem distante.

Niko o encarava cheio de expectativa, com o mesmo olhar concentrado que Hilo vira no rosto do garoto quando ele estava desenhando, montando alguma coisa ou perdido num livro, mas pela Percepção era possível sentir seu coraçãozinho batendo forte. Hilo tateou os bolsos, mas desistiu. Tentava não fumar demais na frente das crianças.

— Normalmente, as pessoas que traem o Pilar e o clã precisam ser punidas, mortas, não importa quem, mesmo que sejam amigas ou alguém que a gente ama — explicou Hilo. — Sua tia Shae precisou matar o antigo Homem do Tempo

porque ele se voltou contra o seu pai, Niko. E lembra que o seu tio Tar te contou a história de quando tivemos que matar um dos nossos antigos Punhos chamado Fuyin porque ele foi pro lado do Clã da Montanha? Eu não queria executar ele, mas, se não executasse, estaria falhando com meus deveres como Pilar, e isso significaria que qualquer um pode nos trair.

— Meu pai teve que matar minha própria mãe? — perguntou Niko, horrorizado.

— Não, Niko. Como eu falei, seu pai tinha o coração mole, e deixou os dois partirem. Mesmo que não fosse a decisão certa a se tomar como o Pilar, no fim acabou sendo um golpe de sorte, porque ela estava grávida naquela época, e então você nasceu na Stepênia. Você já sabe da guerra do clã contra o Montanha e de como seu pai foi assassinado quando você era bebê. Ele não sabia de você. Só fomos descobrir dois anos mais tarde.

Observando o sobrinho com cuidado, Hilo continuou:

— Quando descobri que você existia, fui pra Stepênia com o seu tio Tar para conversar com a Eyni. Pelo seu bem, Niko, perdoei a traição dela e permiti que voltasse à Janloon pra viver com a família pra que você não precisasse crescer num país estrangeiro, longe de todos nós que te amamos muito. No começo, ela e o namorado concordaram, mas mentiram e tentaram te roubar de novo. Não tinha nem conversa com eles. Já era péssimo que tivessem humilhado o seu pai, mas agora queriam te manter longe do seu país e da sua família. Então você entende que eu não podia deixar isso acontecer.

Os lábios de Niko estremeciam, e seus olhos ficaram marejados.

— Minha mãe era mesmo tão malvada assim que você tinha que matar ela? — perguntou ele, pesaroso, com raiva e vergonha por ser filho de uma pessoa tão baixa, de uma traidora do clã.

— Niko-se, para começo de conversa, foi muito rápido, então não deu tempo de ela sentir medo ou dor. E tomar decisões ruins nem sempre significa que a pessoa tem um coração ruim. Alguém bom pode passar por algo na vida, ou se cercar do tipo errado de gente, e aí ficar com a cabeça corrompida. Infelizmente, Eyni foi uma dessas pessoas e, se ela tivesse te levado para longe daqui, você não teria conhecido sua mamãe ou eu, ou seus tios e tias, ou seu irmão, irmã e primos. Você nunca nem saberia quem foi o seu pai de verdade. Nunca iria pra Academia ou se tornaria um Osso Verde. Você iria querer isso?

Niko meneou a cabeça com uma veemência infeliz. Hilo envolveu o garoto nos braços e o puxou para um abraço apertado. O menino era grande demais para subir no colo como antigamente, e Hilo ficou divagando e se lamentando

pela rapidez com que seus filhos estavam crescendo, pela velocidade com que o tempo ia passando.

Niko esfregou o rosto choroso no ombro de Hilo.

— Eu vou ser uma pessoa ruim também, já que a minha mãe era uma traidora que precisou ser morta?

— Você nem pense numa coisa dessas — respondeu Hilo num timbre mordaz enquanto se afastava e o encarava com seriedade. — Ninguém tá destinado a ser como os pais. Na verdade, podemos aprender com os erros deles e ter menos chance de repeti-los. A sua mãe de verdade é a que te criou. Ela, o seu tio Tar e o tio Kehn, que foi morto quando você era tão pequeno que talvez nem se lembre dele, são filhos de um homem que foi morto e trouxe humilhação para toda a família. Eles deram a volta por cima, e agora o nome Maik tá no topo do clã, é falado com o mesmo respeito que o nosso. Você é você, Niko. E tem muita gente que te ama e tem orgulho de você. E todo mundo diz que você puxou ao seu pai, que é a cara dele. Então nunca pense que a morte negativa da sua mãe tem alguma coisa a ver com você. Entendeu?

Niko fungou e assentiu, ao que Hilo o puxou de volta num abraço e beijou o topo de sua cabeça.

— Agora você enxerga o motivo de não termos te contado antes. Você não teria entendido, e poderia ficar assustado ou confuso. — Provavelmente ainda havia um pouco de medo e confusão, Hilo estava ciente, mas isso era inevitável, e poderia ser aliviado apenas com amor e segurança. — Se algum dia você ficar com vontade de conversar mais sobre esse assunto, procura eu ou a sua mãe na mesma hora.

— Você fica mal por ter que matar gente, tio? — perguntou Niko baixinho. — Acho que eu não conseguiria matar meus próprios amigos, como o Ritto ou o Din, não importa o que eles fizessem, mesmo que queimassem nossa casa inteira.

— Não me sinto mal de matar nossos inimigos ou qualquer um que queira machucar nossa família. Mas, às vezes, é bem mais difícil quando se trata de alguém que a gente conhecia ou confiava. Fico bem pior nesses casos, mas ainda assim não tenho escolha.

Os dois permanecem sentados em silêncio por diversos minutos, durante os quais Hilo acariciou o cabelo do sobrinho e deixou Niko se recostar em seu corpo enquanto o rapazinho absorvia tudo o que acabara de ouvir. Era um alívio que tivesse terminado. Só podia torcer para que tivesse se saído adequadamente bem ao explicar um assunto tão doloroso para uma criança. Ser um Kaul, um

Osso Verde, e o Pilar do clã era algo que definia Hilo a cada segundo, mas agora, sentia que ainda mais importante do que isso era ser um pai honesto e amoroso para os filhos. Niko era o primogênito da família. Caso fosse se tornar o Pilar algum dia, precisava ser criado direito, ser apoiado, mas nunca mimado.

— Eu te amo, Niko, nunca se esqueça disso.

— Eu também te amo, tio — disse Niko, secando os olhos.

Hilo beijou a testa do menino e o colocou no chão. Enquanto caminhavam de volta até o carro, ele acrescentou com uma piscadela:

— Não conta pro Ru e pra Jaya que a gente foi no Ponto Quente. Os dois vão ficar morrendo de inveja.




CAPÍTULO 14

Jade Perdendo o Verde

sétimo ano, oitavo mês

Hilo foi acordado de madrugada por um telefonema inesperado. A princípio, não reconheceu a voz de Tar. Seu cunhado falava de forma incoerente, balbuciando e chorando de pânico. Hilo conseguiu discernir que ele estava num orelhão em frente ao prédio em que morava em Sogen.

— Não sai daí — ordenou. — Tá me ouvindo? Não se mexe até eu chegar.

Desligou e foi se arrumar. Wen estava acordada, sentada na cama e o encarando com um semblante assustado e indagador.

— Aconteceu alguma coisa — disse Hilo. — Vou encontrar ele e trazer pra cá assim que possível.

Chamou Juen e três Punhos (Lott, Vin e Ton); chegaram na localização de Tar em quinze minutos. Ele não estava mais no orelhão. Seguiram uma trilha de sangue pela calçada. O Encarregado do Pilar havia corrido por três quarteirões e desmoronado atrás de um prédio. Estava semiconsciente e com as roupas encharcadas de vermelho. Tinha ferimentos à faca no tronco e nas mãos. Quando viu Hilo, seu rosto desmoronou numa expressão desconcertante de alívio, de rogo, de medo.

— Me ajuda, Hilo-jen — implorou ele, quase sufocando. — Eu fiz uma coisa terrível.

Hilo não conseguia acreditar nos próprios olhos. Ver seu mais leal e temido tenente chorando, tremendo e coberto de sangue num beco era algo que parecia surreal demais. Juen e Lott se ajoelharam sobre Tar e Afluíram para dentro dele até controlar o sangramento antes de levá-lo até o banco traseiro de um dos dois carros.

— Leva ele lá pra casa. — Hilo instruiu Lott e Ton. — Liga pro Anden e manda ele vir pra fazer os pontos. Não deixem ele ir embora, não deixem ele fazer nenhum telefonema, não deixem mais ninguém ver ele… nem a minha esposa e nem os meus filhos.

Com Juen e Vin, Hilo voltou ao prédio. O apartamento de Tar ficava no último andar, uma cobertura espaçosa com vista para o sul da cidade. A porta estava destrancada. Hilo entrou e viu uma cena tenebrosa. O lugar estava uma zona. O sangue que encharcara o carpete bege se tornara pegajoso, e os respingos na parede estavam escurecendo, ficando marrons. Os móveis e as portas estavam despedaçados e quebrados. O corpo de Iyn Ro jazia parcialmente sobre o sofá da sala de estar; o ferimento fatal na garganta dela era uma fenda carnuda e vermelha que, até mesmo para um experiente guerreiro de faca como o Pilar, era difícil de olhar.

— Puta que pariu os deuses lá do céu — sussurrou Juen, horrorizado.

O calor estava esmaecendo dos membros de Hilo. Ver um Osso Verde ser ceifado por um inimigo ou assassinado num duelo justo era uma coisa. Ver a carnificina dentro da casa de um parente era outra completamente diferente. Sua mente, que não queria aceitar o que os olhos estavam lhe mostrando, se esforçava contra a incredulidade. Maik Tar, seu Encarregado e cunhado, sujeito que amara e em quem confiara desde a adolescência na Academia, havia assassinado uma companheira Osso Verde do clã, a mulher com quem ele planejava se casar no mês seguinte. Os brincos e as pulseiras de jade de Iyn continuavam no cadáver. Era algo obsceno de se ver; parecia que ela era um animal abatido sem motivo algum, carne deixada para apodrecer no sol.

Hilo ficou lá até ter certeza de que todos os trâmites fossem feitos em relação ao corpo, e então deixou Juen e Vin encarregados de garantir que tudo fosse levado adiante, além de avisar a família de Iyn. Num transe, dirigiu de volta para a propriedade Kaul sozinho; as luzes iam passando sobre o capô branco do Duchesse com o pulsar monótono de um coração em seus ouvidos.

Iyn Ro não era uma vítima qualquer. Fora uma Punho sênior do Desponta,

uma das poucas mulheres que já haviam chegado numa posição tão alta. Era conhecida por todo mundo e admirada por outras mulheres do lado verdejante do clã. Foi há muito tempo, quando era o Chifre, que Hilo começara a prestar atenção em Iyn, no quanto ela se esforçava, e havia sido a principal candidata de Juen ao cargo de Primeiro Punho quando Vuay se aposentou. Poucos homens eram páreos para sua intensidade, ou queriam ser, e era por isso que ela vivia voltando para Maik Tar. E não morrera fácil; o apartamento destruído e os diversos ferimentos de Tar deixaram isso claro.

Era o pior crime interno do Desponta de que Hilo conseguia se lembrar. Teria um grande impacto no clã. Os parentes de Iyn iriam exigir justiça.

Quando chegou em casa, Anden e Lott esperavam nos degraus da frente. Estavam parados juntos, mas sérios e sem conversar. Ao vê-los lado a lado, Hilo se lembrou de que os dois tinham a mesma idade. Foram colegas de turma na Academia, amigos, inclusive, mas tinham acabado virando pessoas tão diferentes.

— Colocamos ele no escritório, Hilo-jen. Ele não tentou sair daqui — disse Lott.

O rosto de Anden estava pálido sob o brilho alaranjado das luzes da frente da casa. Ele usava sua jade médica, e estava com a aura frágil e exausta; andara gastando sua energia.

— Os ferimentos não são fatais — respondeu à pergunta não proferida de Hilo. — Um dos golpes perfurou o baço, mas estanquei o sangramento e repus alguns fluídos. Eu não sabia direito se devia fazer muito mais, já que… — Perdeu o fio da meada desnecessariamente. Agradecido, Hilo colocou uma mão no ombro do primo e então entrou.

Lott havia posicionado um total de três Punhos em função de Tar, dois dentro do cômodo e um do outro lado da porta. Era uma precaução inteligente; mesmo machucado, Maik Tar era um dos melhores guerreiros do clã e, se perdesse a cabeça, era impossível saber do que seria capaz. Quando Hilo chegou, porém, encontrou o cunhado sentado em silêncio no sofá, com os cotovelos nos joelhos e as mãos entrelaçadas atrás da cabeça abaixada, como se estivesse entrando na posição de emergência para uma queda de avião. Os machucados haviam sido enfaixados e ele vestia roupas limpas trazidas do guarda-roupa do próprio Pilar.

Hilo gesticulou para que os guardas se retirassem e fechou a porta. Tar levantou a cabeça e olhou para cima com o mais infortunado e lamentável semblante que Hilo já vira.

— Ela morreu, não morreu?

Quando Hilo assentiu, Tar começou a soluçar de tanto chorar; os ruídos eram demorados, fortes, de doer na alma, sons que Hilo só o ouvira fazer uma única vez antes, ao saber que Kehn fora assassinado.

Ele foi até o homem que considerava um irmão, se sentou ao seu lado e lhe reconfortou um pouco em meio ao pranto.

— Não sei o que aconteceu. — Tar conseguiu murmurar, com a voz embargada. — Começou como uma briga qualquer, mas ficou muito pior. Ela ia me deixar, Hilo-jen. Ela falou umas coisas que me magoaram… — A aura de jade de Tar era como vidro quebrado, toda afiada e despedaçada. Mais palavras foram se libertando entre um soluço e outro. — Minha intenção não era machucar ela, eu juro pelos deuses. Eu amo ela. Porra, eu ia casar com ela. Claro, nós dois podemos ficar meio emocionais às vezes. A gente brigou muito no passado, mas tínhamos deixado tudo isso pra trás, íamos finalmente fazer dar certo. Só que quando ela chegou em casa hoje, falou que ia cancelar o casamento e que ia me deixar de vez. Ela estava dormindo com outra pessoa, eu sei que sim, ela praticamente disse isso. Estava bêbada, e eu tinha tomado uns tragos também… Não sei como foi que a gente acabou desembainhando facas talon, não me lembro de nada dessa parte.

Hilo deixou Tar falar e se lamentar. Nada do que ele dissesse importava de verdade. Não havia desculpa para o que havia feito, nenhuma explicação poderia mudar o fato de que uma Punho do clã morrera pelas suas mãos. Mas, se Tar precisava falar essas coisas, colocá-las para fora, então o mínimo que Hilo poderia fazer era escutar. Quando ele enfim ficou em silêncio, Hilo pegou um maço de cigarros. Ofereceu um para seu Encarregado do Pilar, acendeu um para ele e depois um para si mesmo; precisava acalmar os ânimos. Não sabia ao certo se seria capaz de encarar o que aconteceria a seguir.

Agora sabia que era o responsável pela tragédia da noite. Havia incumbido seu Encarregado com as funções mais sombrias do clã, todos os trabalhos mais difíceis, mais delicados, mais brutais e mais violentos. Durante a guerra do clã, reconfigurara o papel do Encarregado do Pilar para se aproveitar da natureza de Maik Tar: completamente leal, feroz, confiável e discreto. Um homem com esse tipo de serviço precisava de uma âncora, um contraponto, alguma outra força para mantê-lo humano, para que ele não fosse apenas um instrumento pontiagudo. Kehn havia sido essa âncora, mas fazia anos que partira, e Hilo e Wen haviam afundado na própria barca, não estavam prestando atenção direito. Se apegar a alguém tão impetuosa feito Iyn Ro fora um erro; ela certamente iria deixá-lo, e Tar era incapaz de aguentar mais abandonos.

A Wen sabia, pensou Hilo, pesaroso. Mas ele fora otimista. Reduzira as obrigações de Tar achando que isso bastaria para refrear seus instintos. Abençoara o casamento com a certeza de que o compromisso deixaria Tar melhor e mais feliz. Então, no fim das contas, Hilo sentia que era o único culpado por ter transformado Tar em um monstro.

— Tar — começou Hilo, num timbre gentil. — Você estava fora de si. Perdeu o prumo esta noite e fez algo terrível que eu sei que jamais teria feito se estivesse com a cabeça no lugar. — Agora era tarde demais para que isso fizesse diferença, mas Hilo se perguntou se também não haveria um motivo médico, se um repentino e não detectado caso de Prurido tinha culpa. Tar seria o tipo de pessoa que rejeitaria ou ignoraria sintomas de superexposição à jade, que convenceria a si mesmo de que não passavam de outra doença, algo que não ameaçasse seu senso de verdor. — O que você fez não pode ser desfeito. Você assassinou um dos nossos, uma Punho, uma camarada Osso Verde. É um crime imperdoável, e você sabe disso.

O simples ato de falar essas palavras era difícil para Hilo, e era ainda mais difícil para Tar ouvi-las. Suas mãos começaram a tremer e, com os ombros caídos, ele as espremeu entre os joelhos para obrigá-las a parar. Parecia que ia vomitar. Hilo mal acreditava que este homem arruinado fora um dos guerreiros mais temidos do clã por tanto tempo.

— Precisamos dar uma caminhada, Tar. — As palavras saíam contra sua vontade. — Você acha que consegue, ou precisa de ajuda?

Tar encarou o Pilar com um olhar angustiado, mas também compreensivo e aquiescido. Com um pouco de sua confiável coragem de sempre, respondeu:

— Eu consigo caminhar.

— Posso confiar em você com jade?

Não ordenara que Tar fosse extirpado de sua jade e, no momento, não o humilharia ainda mais caso fosse possível.

— Não vou incomodar, Hilo-jen.

Hilo colocou uma mão nas costas de seu Encarregado e o guiou para fora do escritório, rumo à porta da casa. Os Punhos no corredor deram um passo para o lado e abriram um amplo espaço para que passassem.

— Posso ver as crianças? Só por um minutinho — perguntou Tar.

— Acho que não é uma boa ideia. Eles tão dormindo.

Tar assentiu, e os dois saíram para o pátio. Lott e Anden observavam com semblantes sombrios; não sabiam o que dizer, então nada disseram.

Com as residências e o pátio principal no meio, a propriedade Kaul se

estendia por mais de dois hectares. Os jardins, açude, gramado, salão de treinamento e o pequeno trecho de floresta cobriam o restante da área e separavam as residências dali das dos vizinhos e da cidade que as cercava. Hilo guiou Tar até uma das trilhas que serpenteavam pelo terreno. Deram a volta na casa do Chifre e desceram um morrinho onde os filhos de Juen viviam construindo fortes e travando batalhas de brincadeira. Hilo caminhava ao lado de seu Encarregado do Pilar, que seguia devagar devido aos ferimentos. Quando vacilava ou tropeçava um pouco, Hilo colocava uma mão sob seu cotovelo para equilibrá-lo. Era três ou quatro da manhã, o horário mais silencioso de Janloon. Um limiar entre o dia que passara e o dia que estava por vir.

Quando se afastaram bastante das casas e ficaram tão sozinhos que Hilo conseguia Perceber a aura de jade dos outros Ossos Verses só ao longe, ele parou e encarou seu Encarregado. Tar deu um passo para trás e se prostrou de joelhos.

— Hilo-jen — disse ele, rouco. — Me desculpa por ter te decepcionado. Desde que a gente era criança na Academia, tudo o que eu sempre quis foi te seguir e ser o seu melhor guerreiro. Passamos por muita coisa juntos. — A voz falhou, e Tar parou por um segundo, se recompôs e, quando voltou a falar, suas palavras estavam firmes. — O clã é meu sangue, e o Pilar é seu mestre. — Ele encostou a testa no chão e ajeitou a postura com uma expectativa calma e contrita; o contrário de fosse lá qual havia sido a terrível loucura que o trouxera aqui.

— Fecha os olhos — pediu Hilo.

Tar obedeceu.

O Pilar sacou a faca talon e foi para trás de seu cunhado. A aura de jade de Tar latejava com luto e medo, seu coração retumbava no centro da Percepção de Hilo, mas ele não se mexeu, nem mesmo quando Hilo colocou uma mão no topo de sua cabeça. Não havia outra saída: um golpe ligeiro, da esquerda para a direita, ao longo da garganta. Hilo havia matado homens à faca antes; o movimento seria fácil, mais rápido do que um arquejo.

Um segundo se passou. Mais um. Outro. Hilo começou a tremer. Estava segurando a faca com tanta força que conseguia sentir o cabo começando a se deformar sob sua Força involuntária. A outra mão estava entremeada no cabelo de Tar, segurando a parte de trás da cabeça de seu cunhado. A floresta parecia estar se fechando e borrando as extremidades de sua visão.

Num espasmo, os dedos de Hilo se abriram e a faca talon caiu no cascalho ao seu lado. Ele se afastou de Tar feito uma marionete que foi puxada pelas cordas.

— *Puta que pariu* — sussurrou. — Porra. *Porra*.

Recostou uma mão pesadamente na árvore mais próxima, abaixou a cabeça e cobriu os olhos.

— Deixa que eu faço, Hilo-jen — disse Tar, atrás dele. O Encarregado pegou a faca caída e, vacilante, se levantou batendo a sujeira dos joelhos. — Pode ir que eu resolvo.

Essa simples frase, proferida com tanta facilidade, tão direta, rompeu o que restava da determinação de Hilo. Era exatamente o que Tar vinha fazendo para ele havia anos: cuidar das coisas. Dos piores e mais perversos tipos de coisas, na surdina, de forma confiável, eficiente e sem reclamar. Para que Hilo "pudesse ir".

Ele se virou.

— Me devolve a faca, Tar. — O Encarregado a entregou, ao que o Pilar a embainhou. Com a mente num turbilhão, pressionou a palma da mão sobre os olhos. — O que vai acontecer é o seguinte… — Abaixou as mãos e continuou: — Você vai ser extirpado de toda a sua jade e exilado de Kekon. Não pode voltar, nunca. Se tentar, sua vida estará perdida, e qualquer um terá meu consentimento para ceifá-la. O clã vai querer o seu sangue, e vou ter que convencer todo mundo de que a culpa é do Prurido e que deveríamos permitir que você permaneça vivo, contanto que nunca mais use jade. Tô te mandando embora, Tar, para algum lugar onde você vai precisar recomeçar, sem jade e sem clã.

Com um semblante profundamente confuso, Tar meneou a cabeça; parecia não saber ao certo se deveria agradecer ou culpar Hilo por poupá-lo.

— Eu não sou nada sem jade e sem o clã, Hilo-jen — exclamou. — Manda outra pessoa me matar, se você não quer. Vai ser mais fácil pra todo mundo, é a coisa certa a se fazer.

— Talvez seja — respondeu Hilo baixinho —, mas não posso perder outro irmão. Já perdi irmãos demais. — Colocou as mãos nos ombros de Tar e o puxou para perto. Levou a testa até a dele. — Eu sempre pude contar contigo. Foi por isso que eu sempre pedi demais. Agora estou te pedindo mais uma coisa, a última que vou precisar de você. Estou te pedindo que viva.



Quando retornou para a casa duas horas mais tarde, Hilo encontrou Wen sentada num canto do chão do quarto, com os joelhos dobrados contra o peito e a cabeça recostada na parede. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Ela mal os virou para o marido quando ele entrou.

— Acabou? — perguntou numa voz monotônica. — Meu irmão tá morto?

Hilo pendurou a jaqueta em um dos suportes da cama e se sentou com tudo no canto do colchão.

— Não — respondeu. — Foi extirpado da jade e exilado. Quando o sol nascer, ele já vai ter sumido. — Hilo deu um suspiro cheio de exaustão emocional, pegou um punhado de joias (anéis, piercings e um relógio) do bolso e as colocou na mesinha de cabeceira. Era a jade de Tar. Hilo prometera que, um dia, iria dar tudo para Maik Cam. — Muita gente do clã vai dizer que ele deveria ter pagado com a própria vida. E vão ter o direito de ficarem bravos. Iyn e a família dela não mereciam isso. Então é algo que vou ter que enfrentar. Mas eu não consegui. Não consegui matar meu irmão. Que tipo de pessoa faria isso?

Wen o encarava com a boca entreaberta, como se quisesse falar, mas estivesse sem palavras. Hilo desabotoou a camisa. O céu estava começando a clarear lá fora, e ele precisava desesperadamente de algumas horas de sono antes da tormenta certeira que o dia seria.

— Vou mudar algumas coisas — disse, devagar. — A equipe do Tar, os Unhas dele, vão voltar pro Juen. Todo o lado mais verdejante do clã vai ter que voltar a responder ao Chifre. O Encarregado do Pilar costumava ser diferente na época do vovô e do Lan. Por causa da guerra do clã e por quem Tar é, eu mudei isso. Ele fazia qualquer coisa que eu mandasse. Foi algo de que precisávamos. Mas não quero mais que seja assim.

Ele lançou um olhar para a esposa enquanto tirava o relógio e a faca talon e os deixava na cômoda.

— O Encarregado do Pilar costumava ser uma pessoa que não obedecia à metade do clã que tinha jade ou à metade que tinha dinheiro. Era alguém que estava sempre do lado do Pilar, que lhe dava conselhos que ele precisava ouvir, que fazia tudo acontecer com mais tranquilidade. Que ajudava o Pilar a ser o Pilar.

Hilo se levantou e foi até Wen. Estendeu uma mão e a levantou.

— Você é essa pessoa — disse ele baixinho. — Eu não conseguia ser o Pilar sem você, e ainda não consigo. Nós machucamos um ao outro porque éramos teimosos demais com as nossas expectativas, e pagamos um preço alto por isso. Mas, se desistirmos de quem a gente ama, qual é o sentido da vida? — Hilo a envolveu nos braços e acariciou o cabelo macio da esposa. Beijou-lhe a testa, as bochechas e a boca. — Wen, você aceita ser minha Encarregada do Pilar?

Com a mão trêmula, segurou o rosto do marido.

— O clã é meu sangue — sussurrou ela, com a voz embargada de emoção,

mas perfeitamente firme. Wen abaixou a cabeça e levou a boca até a curva do pescoço dele. — E o Pilar é seu mestre.




PRIMEIRO INTERLÚDIO

O Julgamento Tardio

O último rei de Kekon, Eon II, governou durante o período mais sombrio da história do país e morreu como um fracasso infame. Após a unificação da nação sob domínio da família de Jan, Kekon passara trezentos anos em prosperidade e relativa paz, mas, quando Eon II assumiu o trono aos 19 anos, o país enfrentava uma agitação política. Entidades internacionais haviam estabelecido presença em Kekon. A empresa mercantil Guilda de Exploradores Bramsko da Stepênia, o Império de Tun, que controlava a cidade portuária de Toshon na península sul de Kekon, e a marinha shotariana, que comandava o Oceano Amárico Oriental, estavam cada vez mais em conflito entre si e com a população local.

Depois de diversos incidentes violentos e alegações de propinas internacionais pagas à família real, os inúmeros clãs Ossos Verdes do país começaram a tomar partidos uns contra os outros; alguns continuaram fiéis à monarquia sitiada, enquanto outros apoiavam sua deposição. Quando o Império de Shotar invadiu Kekon com todo o poder de seu moderno exército, enfrentou uma força defensiva de guerreiros de jade que, embora possuíssem habilidades excepcionais, não tinham uma organização ou união comparável.

Apesar disso, a batalha foi tão brutal, e o número de mortes tão alto, que documentos mostraram que os comandantes shotarianos estavam prontos para

queimar a cidade de Janloon de cima a baixo, sob o argumento de que, se não fizessem isso, cada Osso Verde da ilha iria morrer lutando, e levaria centenas de soldados junto. Os conselheiros do Rei Eon II o mandaram fugir do país e continuar a guerra em exílio. Em vez disso, o monarca mandou os clãs recuarem. Rendeu-se para Shotar e abdicou do trono. O governo shotariano manteve o antigo rei numa prisão confortável, o que fez sua futura morte por envenenamento parecer ter sido resultado de causas naturais.

Os kekonésios consideravam o Rei Eon II tão covarde e fraco que, cinquenta anos mais tarde, quando a monarquia foi reestabelecida mais simbólica do que funcionalmente, o sobrinho-neto de Eon, Ioan III, reinou sob o título de príncipe para se distanciar do odiado tio-avô. Estudos históricos mais recentes eram mais gentis com Eon II. Estima-se que sua aparentemente prematura rendição salvou milhões de vidas e permitiu que os Ossos Verdes sobreviventes se reagrupassem e formasse a Sociedade da Montanha Única (a indômita rede nacional de resistência que colocaria um fim à soberania shotariana e seria a precursora dos clãs modernos de hoje em dia). Durante a prisão, o antigo monarca incitava a paz e a cooperação dos civis para com os governantes internacionais, mas descobriu-se depois que ele vendeu quase todas as posses da família real e, em segredo, canalizou o dinheiro para guerrilhas Ossos Verdes por meio de intermediários Lanternas. Um guarda-costas shotariano que escreveu um livro de memórias a respeito de Eon II o descreveu como discreto, grande leitor e especialmente afável com animais (a antítese do violento e bruto estereótipo kekonésio amplamente retratado em propagandas shotarianas).

No leito de morte, dizem que o desonrado rei se lamentou:

— Serei lembrado não por quem eu fui, mas por quem não fui. Talvez seja melhor assim. Que os deuses me julguem pelo que não fiz.




CAPÍTULO 15

Céticos

décimo terceiro ano, sexto mês

Como o doutor mais novo na equipe da clínica do distrito de Garrarra, Anden acabava com as piores horas de trabalho: tarde da noite, de manhã cedo, feriados. Dentre os dezoito médicos, apenas três eram Ossos Verdes. Era comum que Anden ficasse ainda mais do que os turnos exigiam, ou que fosse chamado mesmo que não estivesse na escala. Devido à reputação como prodígio de jade e ao status como membro da família Kaul, Punhos e Dedos do clã o procuravam especificamente, então ele vivia sendo solicitado. Além do mais, Garrarra era uma região pobre e violenta; sempre havia casos urgentes com que lidar. Numa noite, foi convocado para tratar um paciente com pneumotórax e hemorragia interna. Ficou surpreso ao ver que o homem na maca era Lott Jin, seu antigo colega da Academia Kaul Du, agora o Primeiro Punho do Desponta em Janloon.

— Lott-jen — exclamou Anden —, como foi que isso aconteceu?

Os ferimentos eram resultado de um trauma contuso. Por mais incrível que pudesse parecer, não havia nenhuma fratura óssea, e as diversas facadas haviam sido superficiais. Era evidente que Lott tinha um Aço excelente, mas vasos sanguíneos e tecidos moles eram difíceis de proteger até mesmo com boas

habilidades de jade.

— Barukâne — respondeu Lott, sério, como se essa fosse a única explicação necessária.

Mais tarde, os dois Dedos que esperavam ansiosamente na recepção por notícias a respeito da condição de seu capitão explicaram que ele fora encurralado por homens com canos, pés de cabra e cutelos durante a emboscada do esconderijo de uma gangue barukâne. O Primeiro Punho matara quatro agressores antes de cair de uma saída de incêndio no terceiro andar. Alguns membros da gangue tinham habilidades de jade autodidatas que davam conta de ameaçar até mesmo os Ossos Verdes, principalmente quando tinham a vantagem de estar em maior número. A maioria vinha da gangue Matyos, de Shotar, e afirmava ter uma vaga aliança com os Montanha, que denunciava e punia suas atividades ilegais, mas também os usava para serviços de baixo nível e para atacar o Desponta sem se envolverem diretamente. Manter a classe criminosa na palma da mão enquanto a manipulava contra seus rivais era uma antiguíssima tradição dos clãs.

Em circunstâncias normais, uma cirurgia seria necessária para estancar o sangramento de Lott, mas Anden conseguiu encontrar o ferimento e selar as veias com alguns pulsos focais de Afluência. Mesmo tentando evitar, achou esquisito estar tratando o colega de turma por quem tivera sentimentos na adolescência, e não conseguiu deixar de perceber que, mesmo pálido e machucado (com o cabelo ondulado úmido pelo esforço, os cílios compridos fechados e os lábios carnudos franzidos de dor), Lott continuava atraente. E agora também era um dos mais importantes Ossos Verdes do clã.

— Você vai precisar passar a noite aqui, numa máquina de oxigênio — disse Anden, Afluindo devagar e difusamente para aumentar a circulação e acelerar a cura do sujeito. — Você com certeza ficará bem, Lott-jen, mas vai levar algumas semanas.

Ainda de olhos fechados, Lott assentiu. Anden se levantou para lavar as mãos na pia.

— Podia ter sido você, Emery — falou Lott, de trás dele. — Você era o melhor da nossa turma na Academia. Eu achava que você fosse virar o Primeiro Punho, não eu.

Anden se virou. Lott, agora de olhos abertos, o encarava com os cantos da boca erguidos num sorriso sarcástico. Ele gesticulou para a própria situação, para o próprio corpo enfaixado.

— Tem certeza de que fez a escolha certa? Sem arrependimentos?

Anden franziu o cenho enquanto secava as mãos.

— Vai saber em que ranque eu teria chegado. Talvez eu já estivesse morto, pelos Montanha ou pelo Prurido. O destino designa cargos no clã tanto quanto o mérito. Provavelmente mais. — Isso também era verdade no caso de Lott. Era Iyn Ro que estava visada para ser promovida à Primeiro Punho, até que foi assassinada por Tar. Pensar naquela noite fazia Anden estremecer.

Dava para sentir os olhos de Lott, o vagaroso redemoinho de sua aura de jade.

— Acho que ninguém nunca tem como saber se fez as escolhas certas, mas não me arrependo, contanto que eu continue vivo para ser útil de outras maneiras. — Se sentou na cadeira ao lado da maca de Lott; tentava não prestar atenção nenhuma nos olhos escuros ou na sombra da barba por fazer em sua mandíbula. — Mas e você, Lott-jen? — perguntou. — Quando estávamos na Academia, você nunca quis fazer juramentos ao clã como um guerreiro de jade. Por que fez, então?

O semblante de Lott ficou sério, e sua aura se retraiu. Anden deduziu que ele não fosse responder, mas então ouviu:

— Todo mundo dizia que meu pai era um Punho de primeira, verdejante até não dar mais. Quando eu era mais novo, eu não queria ter nada em comum com aquele desgraçado… que os deuses o saúdem. — Lott tentou respirar fundo demais e se inclinou para a frente por causa do desconforto. Depois, se recostou contra o encosto elevado da maca. — Mas, depois que ele morreu, foi o clã que esteve lá, que tomou conta da minha mãe e dos meus irmãos. Agora, minha irmã tem ensino superior completo. Minha mãe abriu uma empresa de buffet. Elas nunca nem sonhavam com essas coisas antes. Por que não subir até o cargo mais alto que eu for capaz de atingir? É o melhor que posso fazer por eles. — Seus olhos reluziram desafiadoramente, como se esperasse que Anden fosse discordar. Quando isso não aconteceu, o subtom defensivo deixou sua voz. — O Pilar foi a primeira pessoa do clã que falou comigo como se eu fosse alguém — admitiu. — Ele esperava que eu fosse eu mesmo, e não só uma cópia barata do meu pai. Fez eu acreditar que talvez fosse possível ser verdejante sem ser cruel e raivoso.

— Eu nunca te considerei uma cópia de ninguém. Pra mim, você sempre foi você mesmo — disse Anden, baixinho.

Por impulso, esticou a mão até a de Lott, mas o outro homem afastou o braço, não de forma rápida ou contundente, mas ainda bastante óbvia. Anden recuou cheio de remorso e com o rosto ardendo de vergonha.

— É bom te ver feliz com as decisões que você tomou — disse Lott num tom

que não chegava a ser grosseiro, mas enquanto olhava para longe para fingir que não estava percebendo o desconforto de Anden. — Obrigado por dar um jeito em mim, keke. Agora que sou o Primeiro Punho, a vida é mais perigosa e o tombo será pior se eu der azar. Não posso me dar ao luxo de cometer nenhum erro ou ser desatento.



Quando Anden voltou para o pequeno consultório que dividia com outros dois médicos que estavam ausentes hoje, havia uma mensagem de voz em espênico o esperando na secretária eletrônica. Deu uma olhada no relógio e fez um cálculo ligeiro para estipular o fuso horário. Seria de manhã em Adamont Capita. Para evitar que a cara tarifa da ligação de longa distância aparecesse na conta da clínica, usou um cartão telefônico para contatar o Dr. Martgen, que respondeu no segundo toque.

— Graças ao Profeta consegui falar com você — exclamou o doutor espênico. — Temo dizer que chegamos a um beco sem saída.

No decorrer dos seis anos anteriores, o Dr. Martgen e um pequeno grupo de militantes passionais na República da Espênia, com um apoio discreto, porém considerável, do Desponta, vinham defendendo a legalização da jade bioenergética em tratamentos médicos com base nas práticas kekonísias de cura. Havia um projeto de lei sendo debatido agora na Assembleia Nacional, mas estava sendo bloqueado pela Associação de Médicos Espênicos. Martgen explicou:

— A AME não só quer eliminar o projeto, como estão propondo penalidades criminais mais severas a qualquer um que, segundo as palavras deles, usar jade bioenergética em “procedimentos médicos sem comprovação e potencialmente nocivos”.

Anden apertou os nós dos dedos na mesa. Não era surpresa que a maioria dos doutores espênicos não entendessem jade direito e a vissem como uma ameaça inaceitável às suas práticas já estabelecidas, mas, se a contramedida fosse aprovada, curandeiros Ossos Verdes (como Dauk Sana, que vinha discretamente ajudando pessoas da comunidade keko-espênica havia décadas) poderiam ser presos e enfrentar anos de cárcere.

— Tem alguma coisa que a gente possa fazer?

— Há algumas boas notícias — respondeu o Dr. Martgen. — Ontem convencemos o Deputado Sonnen, presidente do Júri Nacional de Saúde, a postergar a votação por três semanas e permitir que os legisladores vejam uma

demonstração pública de medicina bioenergética antes de se decidirem. — Uma breve pausa. — Entendo que seja muito de última hora, mas será que seria possível…

Anden afundou na cadeira. A legalização de jade na Espênia, mesmo que limitada ao campo médico, era algo que o Desponta desejava havia anos.

— Vou pegar um avião assim que for possível — disse ele. — Preciso resolver umas coisas no trabalho e com a minha família, e vou tentar levar mais gente comigo. Depois te ligo.

Após desligar, Anden suspirou demoradamente e esfregou o rosto. Então, pegou o telefone de novo. Pediu favores aos colegas de trabalho, implorando para que cobrissem seus turnos no decorrer das três semanas seguintes, depois deixou uma mensagem para a secretária da clínica remarcar suas consultas menos urgentes. Com isso feito, ligou para a casa de Hilo. O Pilar não estava em casa, mas Anden explicou a situação para Wen, que o mandou organizar a viagem e atuar com completa autoridade do clã. Era algo que ainda o chocava às vezes, ouvir sua cunhada dizer coisas como “vou repassar tudo o que falou pro Pilar”, falando de Hilo como uma Encarregada do Pilar falaria, como se não dormisse com ele toda noite.

Com a aprovação do clã garantida, Anden ligou para o Dr. Timo e o Dr. Yon, dois médicos experientes que haviam viajado com ele para a Espênia em visitas profissionais ao Centro de Pesquisa Médica Demphey. Em circunstâncias normais, jamais seria presunçoso ao ponto de contatá-los pessoalmente num horário tão inconveniente e pedir que virassem seus cronogramas de cabeça para baixo. Quando conseguiu falar com cada um deles, pediu desculpá-la por incomodá-los em casa e disse:

— Meu primo, o Pilar do Desponta, me pediu para agir em nome do clã.

Isso deixava claro que o pedido não vinha de um colega novato, mas de um representante da família Kaul. Garantiu aos homens que eles seriam recompensados pela incomodação e que as despesas da viagem seriam pagas.

Depois que ambos os médicos concordaram, Anden fez uma última ligação para a Academia Kaul Dushuron e discou o ramal do dormitório masculino, seguido por um número de quarto de dois dígitos. Alguns anos antes, fones pessoais haviam sido instalados em cada um dos quartos estudantis, um luxo que Anden nunca tivera quando estudara lá. Pediu desculpa para Niko, porque não conseguiria levá-lo para ver o jogo de releibol do Espíritos de Janloon no final de semana seguinte, mas, se o rapaz de 14 anos fosse duas vezes por semana no apartamento de Anden para pegar as correspondências e regar as plantas, seria

recompensado com cem dien.

— Imagina, tio Anden — respondeu Niko. — Ouvi falar que tem muito ladrão na Espênia. Quando você vai pra lá, usa aquelas pochetes debaixo da roupa pra impedir os batedores de carteira? — O garoto era um adolescente incomumente cauteloso, propenso a imaginar os piores dos casos. Depois de Anden explicar que iria ficar numa região bem segura de Adamont Capita, seu sobrinho pediu: — Você pode me trazer um pacote daqueles doces azedinhos que trouxe da última vez? — Anden prometeu que sim.

Depois de uma frustrante demora no telefone com a Kekon Air, conseguiu reservar uma passagem para si mesmo num voo direto para AC na tarde seguinte. Os únicos lugares disponíveis na classe econômica eram assentos no meio, perto da traseira da aeronave. No balcão de check-in do aeroporto, Anden ficou um minuto em dúvida, pensando se deveria ou não fazer um upgrade para a executiva. Mesmo que tivesse recebido total autoridade dos primos, ele sempre hesitava em usar o dinheiro do clã, já que não tinha nenhum cargo oficial no Desponta, e sentia que vivia em uma espécie de débito perpétuo pela família Kaul o ter criado e pago para que fosse educado como Osso Verde na Academia Kaul Dushuron, depois por seus estudos na Espênia e enfim o curso na Faculdade de Medicina Bioenergética… e tudo isso para quê?

Até que estava se dando bem como médico, suas relações com os keko-espênicos de Porto Massy haviam beneficiado o clã em ambos os lados do Oceano Amárico e já fazia anos que vinha atuando como o contato entre o time de pesquisa de Martgen e os doutores Ossos Verdes em Janloon. Acontece que seu avô adotivo, o falecido Kaul Seningtun, que os deuses o saúdem, trouxera um órfão para casa na expectativa de acrescentar um prodígio guerreiro de jade à família, alguém que pudesse ajudar seus próprios netos a liderar o clã. Anden sabia que os primos não avaliariam seu valor de forma tão mercenária, mas imaginava que outras pessoas avaliariam, sim. Lott Jin tinha dito isso em alto e bom som quando sugerira que Anden poderia ter se tornado Primeiro Punho no lugar dele. Aos 31 anos, Anden vivia dizendo para si mesmo que tinha parado de se importar com o que os outros pensavam a seu respeito, mas, mesmo assim, não conseguia evitar a sensação de que ainda tinha algo a provar.

Assim que entrou no avião, Anden soube que fizera a escolha certa. Depois de um voo de doze horas e meia que virou a madrugada, teria que chegar na capital da Espênia preparado para exibir suas habilidades de jade publicamente frente a legisladores estrangeiros céticos e hostis. Estar bem descansado e não falhar com seu clã, sua vocação ou seu país era mais importante do que

economizar alguns milhares de dien.



Quando chegou no Hotel Vista Capita, foi recebido pelo Dr. Martgen e por Rigly Hollin, que se sentaram com ele no restaurante do estabelecimento. O Dr. Martgen estava, como era de se esperar, sob muito estresse; tinha olheiras fundas debaixo dos olhos claros e a barba normalmente aparada parecia áspera e desleixada. Estava com o valente, mas temeroso, semblante de um homem que está cara a cara com um pelotão de fuzilamento. Ser um pesquisador e um defensor da jade bioenergética o transformara num pária entre muitos de seus colegas da comunidade médica, e, se o projeto de legalização proposto na Assembleia Nacional sucumbisse, provavelmente seria o fim de sua carreira.

Rigly Hollin, por outro lado, estava tão empolgado e tão focado quanto um atleta antes de competir. Às vezes, Anden precisava pedir que falasse mais devagar ou que repetisse simplesmente para que pudesse entender o que ele estava dizendo.

— Isso é uma ótima notícia pra nós, ótima mesmo — declarou o sujeito. — O Deputado Sonnen nos deu bem o que a gente precisava, uma demonstração pública. Qualquer um pode recusar ou descreditar dados num relatório. Mas não podem discutir contra o que o povo vê com os próprios olhos. A bola caiu do nosso lado, e agora o ruquete é nosso.

A referência esportiva passou batida por Anden, que nunca desenvolvera um apreço ou compreendera o jogo de ruquete, mas o otimismo do homem o encorajava. Rigly Hollin era o vice-presidente da WBH Foco, uma empresa de marketing e relações públicas. Era casado com uma mulher kekonísia. Durante uma viagem a Janloon cinco anos antes, ela encorajara o marido a procurar tratamento bioenergético para uma lesão esportiva que o atormentava havia mais de uma década. Maravilhado pela melhora que sentiu, Hollin ficou decepcionado ao descobrir que, a não ser junto a alguns poucos programas de pesquisa médica, a prática não estava legalmente disponível na Espênia. Foi assim que entrara em contato com o Dr. Elan Martgen. Desde então, a empresa de Hollin firmara uma parceria com Martgen e seus colegas para criarem uma enorme campanha com o objetivo de tornar a medicina bioenergética mais conhecida e fazer pressão por sua legalização. A WBH Foco filmou e reproduziu um documentário de trinta minutos em grandes redes de televisão, publicou os resultados das pesquisas de Martgen em jornais nacionais e coletou centenas de milhares de assinaturas para peticionar aos legisladores.

Toda a verba da empreitada vinha diretamente do Desponta. O Centro de Pesquisa Médica Demphey era uma instituição sem fins lucrativos que dependia de subsídios estatais; jamais conseguiria bancar filmagens e anúncios em grandes veículos de imprensa. Todo ano, o escritório da Homem do Tempo fazia uma generosa doação à Faculdade de Medicina Bioenergética, destinada a intercâmbios culturais e parcerias acadêmicas. Kaul Shae deixara muitíssimo explícito que o dinheiro tinha um único propósito: promover a medicina de jade na Espênia.

Martgen e Hollin explicaram para Anden que a demonstração seria numa clínica particular da cidade que concordara em arrendar um espaço disponível por um curto período. Equipamentos de imagem estariam disponíveis lá. A Associação de Médicos Espênicos enviaria olheiros, e Hollin organizara para que alguns repórteres e cinegrafistas estivessem presentes. Anden e os outros dois médicos kekonésios, que deveriam chegar no dia seguinte, atenderiam qualquer pessoa que pedisse para ser tratada. Até então, a lista de pacientes incluía uma grande quantidade de legisladores e jornalistas interessados.

— Entendo que estamos pedindo muito de você e dos seus colegas — disse o Dr. Martgen, preocupado. — Queria que não fosse assim tão difícil, mas a Associação de Médicos Espênicos é uma entidade poderosa e conservadora que dificilmente muda, ainda mais quando isso envolve aceitar influências de outros países e culturas.

De acordo com conversas que Anden ouvira na mesa de jantar da família Kaul, o Clã da Montanha agora estava burlando o embargo nas Ilhas Uwiwa por meio de operações subsidiárias no leste de Oortoko comandada por aliados barukânes. Além disso, havia indícios de que estavam tentando entrar na Espênia, que, por muitos anos, fora a maior vantagem do Desponta.

— Por mais que a Ayt banque essa pose nacionalista em público, ela sabe que a RDE é grande e importante demais pra deixar na nossa mão — dissera Hilo. — É só uma questão de tempo antes que o Montanha faça uma jogada.

A ansiedade de Anden ia ficando cada vez mais intensa, mas ele conseguiu sorrir.

— Acho que é melhor eu dormir um pouco — falou para Martgen e Hollin. — Pelo visto, vou ficar bem ocupado.



Mais tarde, Anden se lembraria das duas semanas que passou na clínica em Adamont Capita como um dos períodos mais exaustivos e profissionalmente

desafiadores de sua carreira. Atendeu mais de duzentos pacientes. Os doutores Timo e Yon atenderam ainda mais, então cerca de oitocentas pessoas foram tratadas. Os problemas de saúde que Anden encontrou variavam de forma considerável. Algumas pessoas tinham doenças ou lesões crônicas, úlceras e ferimentos que ele tratou estimulando a cura e aumentando o fluxo de sangue para as áreas afetadas. Outras precisavam que pedras nos rins ou ateromas fossem esmigalhados por Afluência localizada. Anden cortou o fornecimento sanguíneo para uma variedade de tumores e miomas para evitar que crescessem mais. Em diversas ocasiões, o trabalho era puramente de diagnóstico: doenças inexplicáveis ou dores que o obrigavam a forçar a Percepção em busca de alguma anormalidade no corpo que, depois, teria que ser melhor avaliada por exames de ressonância magnética e tomografia ou tratadas com medicina física.

A maioria das pessoas parecia disposta a tentar qualquer coisa que pudesse ajudar, e ficavam felizes em receber tratamentos gratuitos, mas Anden trabalhou à sombra de diversos médicos espênicos que vinham e, de cara feia, ficavam observando com desconfiança enquanto faziam anotações e às vezes interrogavam os pacientes para garantir que eram reais e não atores contratados. Anden respondeu às perguntas dos repórteres e tentou ficar tecendo comentários para as câmeras de vídeo. Explicou aos observadores que a ordenação marcial kekonísia de Afluência era a base de toda a medicina bioenergética, mas, no campo médico, a palavra raramente era usada, já que abrangia diversas vertentes distintas de tratamento, e eram categorizadas dependendo do propósito: diminuir ou redirecionar energia, a velocidade e a força utilizadas, e o sistema que seria manipulado (vascular, neurológico etc).

Anden nunca utilizara suas habilidades de jade de forma tão contínua assim, dia após dia, a não ser durante as Provações finais na Academia Kaul Dushuron, e nem mesmo isso parecera tão difícil. Chegava diariamente antes do sol nascer, trabalhava o dia inteiro, então voltava para o hotel no escuro e desmoronava de exaustão, só para se levantar de novo de manhã e repetir o processo. Vários legisladores e jornalistas que foram tratados pelos médicos kekonésios, ou tinham amigos ou parentes que haviam ido à clínica, ficaram tão impressionados que agora apoiavam o projeto de lei abertamente, fato que repercutiu muito nos jornais. A notícia da visita dos médicos Ossos Verdes se espalhara, e mais centenas de pessoas apareceram torcendo para entrar; algumas até passavam horas de pé na calçada do lado de fora. A maioria infelizmente teve que ser dispensada, o que causou uma conveniente comoção pública.

— Vim pra Adamont Capita querendo influenciar na legislação, e não pra

trabalhar como enfermeiro pra caridade — resmungou o Dr. Yon em determinado momento ao ver a longa fila que serpenteava às portas da sala de espera da pequena clínica.

No fim das duas semanas, a sensação de Anden era de que estava com a Percepção tão exaurida que a energia que o cercava havia se transformado num borrão escuro e indistinguível em sua mente, e parecia que não teria mais forças nem para Afluir o bastante para assustar um rato. Dr. Timo e Dr. Yon também estavam exaustos e, muito embora fossem ávidos apoiadores da globalização da medicina de jade, intimaram Anden mais de uma vez, falando que era melhor que todo esse trabalho valesse a pena. Talvez, os dois divagavam em voz alta, a Homem do Tempo do Desponta ficasse tão contente com tamanho esforço que iria falar com o reitor da Faculdade de Medicina Bioenergética a respeito de um aumento no salário de certos membros do corpo docente.

Martgen e Hollin estavam extasiados.

— A votação vai acontecer no fim desta semana — disse Hollin para Anden. A Associação de Médicos Espênicos tentara postergar ainda mais, alegando que precisavam de “pesquisas adicionais”, mas o Deputado Sonnen não autorizara. — Estamos no último lance da partida de ruquete. A vontade do povo não pode ser negada.

O otimismo do executivo de publicidade foi prematuro. Quarenta e oito horas antes da votação, dois advogados bateram à porta do quarto de Anden. A Associação de Médicos Espênicos havia conseguido argumentar que o doutor à frente das demonstrações deveria ser interrogado pelos legisladores a respeito de seu histórico e conexões com o Desponta. Anden foi convocado a aparecer diante de uma oitiva especial pelo Júri Nacional de Saúde na manhã seguinte.



Ir a julgamento deve ser assim, pensou Anden. Estava sentado sozinho numa pequena mesa com um microfone, encarando um comprido banco elevado com doze legisladores espênicos que o encaravam. Tinham lhe questionado superficialmente a respeito de suas credenciais profissionais e acadêmicas, tudo num educado tom de interesse, e agora pareciam que estavam finalmente prontos para chegar aos finalmentes.

— Dr. Emery — disse um dos membros do painel, o Dr. Gilspar, que também era o atual secretário da Associação de Médicos Espênicos. — É verdade que o senhor foi adotado e criado por Seningtun Kaul, o líder e patriarca do Desponta, um dos dois maiores clãs de Kekon que controlam a jade bioenergética?

— É — respondeu Anden. — É verdade.

— E, por oito anos, a família Kaul mandou o senhor para uma das escolas de treinamento de combate com jade de Kekon, onde os alunos se formam para virarem soldados dos tais clãs Ossos Verdes, isso é verdade também?

Anden analisou a longa fileira de espênicos que o observavam. Não estava usando jade, então não conseguia Perceber quais dos painelistas simpatizavam ou quais se opunham a ele; podia apenas tentar deduzir com base em suas expressões e linguagem corporal. A maioria, porém, se mantinha impassível enquanto o encaravam. Respondeu:

— Eu me formei na Academia Kaul Dushuron, uma das melhores academias marciais do país. Muitos dos formados, mas não todos, entram para o Desponta. Outros, como eu, seguem para outras profissões, incluindo a medicina.

Outro membro do painel disse:

— Mas você ainda é membro do Desponta, correto?

— A maioria das pessoas que moram em Janloon são afiliadas aos clãs Ossos Verdes de alguma forma — explicou Anden. — São instituições vitais no nosso país, como as Entidades Comerciais aqui da Espênia.

— Caso alguém aqui não esteja familiarizado com esses clãs Ossos Verdes — disse Gilspar enquanto, com um ar cheio de importância, olhava ao redor para seus colegas —, eles basicamente controlam a mineração, o tratamento e a distribuição de jade bioenergética, tanto nacional quanto internacionalmente, legal e ilegalmente. O poder desses grupos naquele paisinho é tanto, que poderíamos até descrevê-los como um governo paralelo. E não hesitam em usar qualquer meio que acharem necessário para alcançar seus objetivos, inclusive violência.

— Pra mim tá igualzinho a uma Entidade Comercial — brincou um repórter, o que arrancou algumas risadas.

O Deputado Sonnen disse:

— Qual é o objetivo dessa linha de questionamento, Dr. Gilspar?

Na defensiva, o Dr. Gilspar aumento o tom de voz; seu timbre ecoou de forma intrusiva pelo recinto de teto alto.

— Sr. Presidente, estou tentando averiguar se o Dr. Emery e seus coortes têm motivações que sejam contrárias ao que seria melhor para os pacientes espênicos. — Se virou de volta para Anden. — Já que o senhor foi criado pela família governante, você não é um membro comum do Desponta, certo, Dr. Emery? Seria correto dizer que o senhor é, na verdade, um líder no clã.

Anden se inclinou adiante para falar com mais clareza no microfone.

— Sou pessoalmente próximo da família Kaul, mas não tenho título ou cargo nenhum no Desponta. Como médico, não respondo a nenhum clã. Meu dever é usar minhas habilidades de jade para curar quem precise de cuidados.

— No entanto, o senhor admite ter usado suas habilidades para infligir violência no passado?

Para Anden, a sensação era de que estava caminhando numa prancha estreita, e esse espênico desagradável ficava tentando empurrá-lo e cutucá-lo de todas as direções para fazê-lo perder o equilíbrio.

— Quando era mais novo, fui treinado para usar jade em combate, e minha cidade natal, Janloon, passou por momentos difíceis de conflito em que eu tive que me defender. Além do mais, duelos são uma prática comum no meu país e quase todo homem luta em algum momento.

— Senhor, isso não responde à minha pergunta — contra-argumentou Gilspar.

Impaciente, o Deputado Sonnen se meteu:

— Mas afinal de contas *o que é* que o senhor quer perguntar, Dr. Gilspar? Estamos para decidir se aprovamos ou não o uso de jade bioenergética para fins medicinais, e não para investigar cada aspecto da educação e do caráter do Dr. Emery.

Murmúrios de concordância viajaram pelo recinto e, pela primeira vez, Anden viu políticos assentindo.

Sentiu um rompante de apreço por Sonnen. Já estava começando a se perguntar se alguém iria evidenciar a abordagem parcial e irrelevante do representante da AME. Gilspar, no entanto, ainda não havia terminado. Ao sentir a maré virando a seu desfavor, colocou os punhos sobre a mesa, se ergueu um pouco do assento e falou com ainda mais veemência.

— Sr. Presidente, o que está acontecendo aqui é óbvio. Os kekonésios fazem milhões de thalirs vendendo jade por meio de contratos militares para a RDE. Os clãs que governam aquela ilha são impiedosos, e agora querem tomar conta do nosso mercado de saúde também. Vamos deixá-los fazer isso? Vamos mesmo deixar um bando de kekes legalmente praticarem seus métodos inVerdadeiros no povo deste país?

A sala irrompeu em exclamações e numa discussão acalorada. A nuca de Anden queimava, e a camisa que vestia por baixo do paletó escuro estava grudando na lombar devido ao suor, mas ele permaneceu sentado em silêncio, sem demonstrar nem um pouco de sua raiva enquanto vozes se exaltavam ao redor e jornalistas tiravam fotos. Quando era mais novo, Anden acreditara que o

povo da Espênia era como seu pai biológico: superficial, arrogante, sem fé. Desde então, conhecera tantos espênicos a ponto de entender que se tratava apenas de um estereótipo como qualquer outro, mas esse homem, que falara com tanta grosseria e impetuosidade, esse tal de Gilspar… era o tipo de espênico que fazia esse povo ser odiado no mundo. Falava meias-verdades de forma confiante a respeito de coisas sobre as quais não sabia nada, tinha a arrogância de julgar os outros com base em seus próprios padrões e motivações hipócritas e ousava demonstrar desdém pela família de um desconhecido.

O Deputado Sonnen bateu um malhete e convocou um recesso de trinta minutos.

— Dr. Emery, por favor, espere na sala de visitantes até decidirmos se precisaremos fazer mais perguntas ao senhor.

Escapar dali era o que Anden mais queria. A sala de visitantes mal passava de um cômodo com algumas poucas poltronas, um telefone e retratos a óleo de primeiros-ministros espênicos. Martgen e Hollin o encontraram lá. Tinham recebido autorização apenas para assistir à sessão da galeria da sala do painel. Martgen estava pálido e enxugando a testa; parecia até que tinha sido o interrogado. Hollin deu um tapinha nas costas de Anden e falou que ele tinha lidado muitíssimo bem com tudo, que fora a personificação de um profissional calmo em comparação a Gilspar.

Anden usou o telefone para ligar para a recepção do hotel e perguntar se havia recebido algum recado. Explicara a situação para Shae na noite anterior assim que entendera o que iria encarar, e queria saber se os primos tinham mais alguma instrução a lhe passar. A recepcionista falou que havia, sim, um recado e o conectou ao sistema de mensagens de voz. Para a surpresa de Anden, a voz de Hilo disse:

— Andy, liga lá pra casa quando receber esta mensagem. Liga pro número da família. Usa um orelhão. Não importa se já estiver tarde aqui, liga mesmo assim.

Havia orelhões no prédio, mas não era possível saber ao certo se eram seguros o bastante. Pediu licença e foi para a rua com a desculpa de que precisava fumar para acalmar os nervos, o que não era de todo mentira. Havia uma cabine telefônica a um quarteirão dali. Anden ligou a cobrar para o número que caía direto no escritório do Pilar. Olhou para o relógio; era quase meia-noite em Janloon. Hilo atendeu no terceiro toque e perguntou:

— Como andam as coisas por aí, primo? — Depois que Anden lhe forneceu um breve relatório dos fatos, disse: — A Shae mandou umas pessoas investigarem esse tal de Gilspar. Ele recebe muito dinheiro de empresas

farmacêuticas. Além do mais, tem pelo menos duas amantes. Se for preciso, a gente tem como fazer ele calar a boca, mas você tá fazendo um bom trabalho, então vamos esperar pra ver o que vai acontecer.

Anden não conseguiu evitar e desabafou um pouco.

— Hilo-jen, que vergonha de ter sequer uma gota de sangue espênico em mim.

— Não fala assim, Andy — ralhou Hilo. — Você vai mesmo deixar as palavras de um burocrata espeniquito de sangue ralo te atingirem desse jeito? Eu não vivo dizendo que, no seu caso, ter um pouco de sangue estrangeiro só te fez melhor? Você conseguir andar por aí nesse país por que parece um deles não foi bom pra gente? — Hilo parou e Anden ouviu o telefone ficar mudo por um momento, provavelmente porque estava contra seu ombro enquanto, numa seriedade fingida, ele dizia: — Ei, você não tá velho demais pra dar um abraço de boa noite no seu pai, né? — Sem dúvidas estava falando com Ru, o único de seus filhos que ainda morava na propriedade Kaul desde que Jaya fora para a Academia naquele ano. Segundos depois, o Pilar voltou à chamada. — Enfim, você fez tudo o que podia aí. Preciso que você vá pra Resville. Amanhã, se possível.

— Resville? — Uma cidade no extremo sul da Espênia. De avião, a viagem levava três horas. — Por quê?

— É lá que o Montanha tá tentando colocar as garras na Espênia. Sabíamos que eles iam se movimentar, e é em Resville que isso vai acontecer. Eles sabem que somos fortes demais em Porto Massy, então foram pra outro lugar achando que não iríamos perceber. Temos que acabar com eles. Preciso que você se encontre com alguém pra organizar tudo pra gente.

Anden olhou de novo para o relógio. Trinta minutos haviam se passado e ele deveria estar lá dentro, esperando para saber se seria chamado de volta ao painel para mais questionamentos. Já fazia dezesseis dias que estava em Adamont Capita. Como um cidadão kekonésio com porte de jade, tinha permissão de ficar na RDE por vinte dias a cada vez, e esperara usar o pouco tempo que lhe restava no país para visitar Porto Massy e ver Seu Hian, que agora tinha oitenta e poucos anos. Após a morte de Dona Hian, que os deuses a saúdem, vai saber quanto tempo de vida o Seu Hian ainda tinha? Resville ficava muito, muito longe de Porto Massy.

— Tô atrasado, Hilo-jen. Preciso voltar lá pra dentro — disse Anden. — Pode ser que eu ainda fique preso aqui por mais um tempinho, não sei ainda. Claro, se temos uma chance de destruir o Montanha em Resville antes que eles

ponham as garras neste país, devemos agir, mas não posso sair assim do nada. Levantaria suspeitas. À noite te ligo de novo. Vai ser bem cedinho aí.

Depois de desligar, Anden voltou às pressas, chegou dez minutos atrasado, ofegante e pedindo desculpas para um ansioso Dr. Martgen, dizendo que havia entrado pelo lugar errado e se perdido nos corredores. No fim das contas, nem precisava ter se apressado; foram mais quarenta e cinco minutos antes de ser chamado de volta à sala.

Gilspar parecia corado e profundamente taciturno. Não falou e também não teve chance de fazer mais perguntas. O Deputado Sonnen pigarreou e falou:

— A maioria deste painel propôs que o projeto de lei para aprovar o uso de jade bioenergética em fins medicinas seja votado amanhã de manhã na Assembleia Nacional. Ambos os lados deste debate já se manifestaram o bastante e, apesar de algumas opiniões fortemente dissidentes, as evidências que reunimos são incontestáveis.

Diversos observadores ali presentes começaram a aplaudir, mas Sonnen ergueu uma mão.

— Dr. Emery, antes que eu libere o senhor, quero agradecê-lo por todo o seu trabalho, paciência e dedicação à causa. É inspirador ver um sujeito de ascendência mista bem-sucedido como o senhor representando suas raízes com excelência. O número de pacientes que o senhor ajudou nas últimas duas semanas é um testamento da sua dedicação como médico, e espero que os comentários insensíveis e preconceituosos que o senhor enfrentou pareçam insignificantes perto da quantidade de pessoas que estão ávidas para receber de braços abertos o que outras culturas têm a oferecer.

Anden agradeceu ao Deputado Sonne e saiu sob aplausos calorosos. Ficou apenas pelo tempo necessário para receber cumprimentos aliviados do Dr. Martgen e diversos membros de seu grupo de pesquisa, e satisfeitos tapinhas nas costas de Rigly Hollin e sua equipe. Anden retornou ao hotel e fez as malas. Na manhã seguinte, depois de duas horas de debate, a Assembleia Nacional votou e, por uma singela maioria, legalizou o uso medicinal da jade bioenergética. A essa altura, Anden, sob ordens do Pilar, estava num voo rumo à Resville para cuidar da ruína dos adversários do clã.




CAPÍTULO 16

Apenas Negócios

O endereço informado por seus primos levou Anden até uma área industrial de Resville, num edifício que antigamente era um galpão de armazenamento. Ali fazia muito mais calor do que em Adamont Capita. As paredes de estuque tinham manchas causadas pelo sol e, ao redor, o concreto reluzia quase branco no calor seco. O interior, escuro em comparação com a claridade desolada do meio-dia lá fora, tinha um forte cheiro de suor rançoso. Anden esperara algo como o salão do rancor que conhecera em Porto Massy (um espaço secreto de treinamento para Ossos Verdes que, à noite, virava um ponto de encontro), mas o lugar em que entrava agora pouco se assemelhava ao porão do centro comunitário kekonésio em Arapuca Sul. A maior parte do recinto era ocupada pelo que parecia um ringue de luta, com puídos tatames azuis que cobriam o chão de concreto, isolado por grossas barreiras de tela que iam até o teto. O ringue não estava vazio; havia caixotes de madeira empilhados pelo ambiente, barris de metal para óleo e blocos de cimento. Cordas pendiam das vigas, e havia mastros de aço pendurados lá no alto, suspensos por correntes grossas em ambas as pontas.

Dentro do espaço, dois Ossos Verdes praticavam combate de forma dramática (usando a Leveza para saltar dos obstáculos, atirando Deflações que faziam as cordas balançarem e os barris de aço caírem e rolarem, digladiando Força contra

Força, e se imbuindo de Aço contra pancadas que os lançavam de encontro aos caixotes de madeira estilhaçados). Os homens não estavam tentando machucar um ao outro, mas era impressionante assistir a uma demonstração tão empolgante das habilidades de jade, ainda mais na Espênia, onde Ossos Verdes eram obrigados a praticar em segredo. A Academia Kaul Du tinha alguns enormes e elaborados campos de treinamento, e em determinadas ocasiões, como no Dia dos Heróis, a escola abria as portas para a comunidade, e alunos veteranos se exibiam em demonstrações públicas. Anden estava com a impressão de que isso era uma versão de baixo orçamento daquelas demonstrações, num ambiente ilícito e, de certa forma, sórdido.

Havia um homem do lado de fora da barreira de tela, assistindo e gritando para os lutadores. A maioria de suas exclamações eram palavrões de decepção ou para encorajá-los, como um espectador assistindo a uma partida esportiva na frente da TV.

— Aí, sim, porra! — gritou o sujeito, e então: — Pelas bolas do Profeta, você vai mesmo deixar ele fazer isso contigo? Se mexe, pelo amor dos deuses!

Anden caminhou até o lado do desconhecido, que notou sua presença e o encarou com um olhar breve e nada receptivo, mas não desviou a atenção da ação. Anden percebeu que o rapaz era jovem, com uns vinte e poucos anos, e bonito de um jeito bruto, com ombros e cotovelos afiados, lábios escuros e uma testa pronunciada. Vestia um jeans desbotado e uma camiseta preta para fora da calça. Tatuagens elaboradas se espalhavam por seus dois antebraços. Anden não conseguia ver nenhuma jade nele (os kekonésios não usavam jade abertamente na Espênia), mas sabia que era um Osso Verde, não apenas porque fora informado de antemão, mas porque, mesmo sem a própria jade, era possível sentir os confins reluzentes e cortantes de sua aura de jade só de ficar perto dele.

Um sino soou, provavelmente para encerrar a partida. Ofegantes e enxugando as testas, os dois lutadores pararam a disputa e se encontraram no centro do ringue para se cumprimentarem e conversarem em particular. Anden falou para o sujeito:

— Você é Jon Remi?

— Quem quer saber? — perguntou o homem, encarando-o.

Anden se virou e tocou a testa numa breve saudação.

— Meu nome é Emery Anden, do Clã do Desponta — respondeu em kekonês. — Meus primos mandam lembranças de Janloon. Assim como Daul Losunyin de Porto Massy.

Remi Jonjunin, mais conhecido como Jon Remi, não se despiu

completamente do comportamento reservado, mas voltou toda sua atenção para Anden e, numa voz mais amigável, disse:

— Então você é o homem que os Kaul mandaram. Ouvi falar de você. Que era amigo de Rohn Toro nos velhos tempos.

— Que os deuses o saúdem — acrescentou Anden.

— Eu não conheci ele — respondeu Remi, dando de ombros e voltando a falar em espênico. — Eu era só uma criança, e Porto Massy é longe pra caralho de Resville. Só ouvi falar do cara. Parece até que ele era uma lenda urbana ou algo assim. O homem mais verdejante do país, é o que diziam. Mas não teve um fim bonito. São uns filhos da puta aqueles Tripulantes.

— Ele foi mesmo o homem mais verdejante do país.

— E como vai o velhusco do Dauk? — perguntou Remi. — Continua dando uma rasteira na morte?

Muito embora Dauk Losun não fosse um Pilar de verdade, Anden não estava acostumado a ouvir as pessoas falarem do velho líder Osso Verde, o mais influente de Porto Massy e, de fato, de toda a Espênia, com tanta irreverência. Ouvira falar que Jon Remi era um aliado dos Dauk e a pessoa com quem conversar em Resville a respeito de tudo o que envolvesse os Ossos Verdes. Espênicos eram mais casuais, e Remi nascera neste país, então talvez não houvesse nenhuma intenção de ser desrespeitoso. Mesmo assim, Anden, agora com mais cautela, aproveitou a deixa para voltar ao espênico, já que Remi parece preferir assim, e respondeu:

— Ainda não consegui ver o Dauk-jen pessoalmente nesta viagem, mas me contaram que ele está bem e que teve um quinto neto, um menino desta vez.

— Que bom, que bom — respondeu Remi, um tanto distraído. Os dois Ossos Verdes no ringue, que estava cheio de adereços espalhados, iam saindo por uma abertura na barreira de tela. — Tá vendo aquele ali, o de cabelo mais comprido? — perguntou ele, mudando de assunto enquanto apontava para os lutadores do outro lado. — Danny — gritou —, você é foda pra caralho com a jade, vai acabar com todo mundo nas audições, caco. — O outro Osso Verde acenou para agradecer, e, orgulhoso, Remi disse: — Aquele é o Danny Sinjo, faz dois anos que ele luta nos shows de Marcucuo e já tem um recorde de 8–1. Agora tá sendo sondado pra um papel num filme de gangues produzido por um estúdio shotariano. Quando ver ele na telona daqui a uns anos, não esquece que você vai poder dizer que conheceu ele primeiro em Resville antes da fama, bem aqui no clube do Jon Remi.

Anden não estava familiarizado com metade do que tinha acabado de ouvir,

mas deu uma boa olhada em Sinjo e, mesmo à distância, concordou que ele tinha pinta de astro do cinema, pelo menos se tratando dos atributos físicos. Mesmo que seus padrões no que diziam a respeito a atração estivessem ficando mais generosos, admitiu Anden para si mesmo. Estremeceu por dentro enquanto pensava em Lott Jin. O que esperava que fosse acontecer ao mexer numa paixonite superficial da adolescência?

A rejeição não doeria tanto se ele tivesse outras opções, mas muito tempo havia se passado desde que tivera algo que pudesse descrever como uma possibilidade de romance. Parte da dificuldade vinha por ter usado seus vinte e poucos anos para a faculdade de medicina e para começar a carreira, mas o maior problema era que ele não fazia a mínima ideia de como conhecer parceiros adequados em Janloon. Não tinha interesse nenhum em frequentar alguns dos lugares a que homens costumavam ir para encontros casuais. Era conhecido demais como membro da família Kaul e não queria ser visto em espaços e situações que pegassem mal para ele.

— Nunca me passou pela cabeça que um estúdio shotariano pudesse contratar um Osso Verde kekonésio — falou para Remi.

— Claro que contratariam. O Danny vai tentar conquistar o papel do vilão principal, o chefe de gangue barukâne que mata a mulher e os filhos do policial. São bem populares, sabe, esses dramas criminais shotarianos. Pelo mundo todo. É um dinheirão que fazem com esses filmes. — Remi o guiou pelo galpão e ao redor do perímetro do ringue até uma área com uma mesa de sinuca e diversos sofás modulares de couro puído. Se jogou em um deles e gesticulou para todo o espaço. — E aí, o que você achou? Tão boa quanto as academias de Janloon?

Anden não queria dizer que não, mas suspeitava que Remi tinha perguntado apenas para incitá-lo a mentir educadamente, o que seria vergonhoso de tão evidente para alguém com Percepção. Em vez disso, Anden respondeu:

— Eu não esperava que houvesse um lugar assim na Espênia. Você não fica preocupado com a polícia?

Remi mostrou os dentes num sorriso, como se estivesse esperando essa pergunta.

— Resville é uma cidade de Tripulantes, caco. Temos um terço do tamanho de Porto Massy, mas pelo menos seis Tripulações brigando por um lugarzinho ao sol. E, além disso, os cartéis de droga de Tomascio. A polícia não tá nem aí pra alguns kekes com jade. — Havia desprezo, e até um pouco de ressentimento, na voz de Remi. — Resville é diferente do resto do país. Digamos que as regras aqui são mais… frouxas.

Então não era de se admirar que fosse por ali que os Montanhas tivessem decidido entrar com tudo no país. Localizada a apenas cinquenta quilômetros da fronteira com Tomascio, Resville tinha um clima agradável o ano inteiro, praias de água morna e uma variedade de formas de entretenimento que faziam da cidade um dos mais populares pontos turísticos da Espênia. Anden se sentou no sofá em frente a Remi e questionou:

— E você é o dono daqui?

— O meu tio é. Eu gerencio pra ele. Os negócios até que não são ruins. Temos disputas aqui todo mês, e enchemos a casa mais ou menos metade das vezes. Não somos nem de longe tão grandes quanto os eventos jadesportivos na Marcucuo, mas temos uma pegada mais intimista aqui. Algumas coisas que eles fazem são de mentira, coreografadas. A única coisa proibida aqui é Afluência letal. Fora isso, vale tudo. Então aqui é um dos poucos lugares do continente em que os caras podem vir pra treinar e adquirir experiência como amadores antes de tentarem ir com tudo pra Marcucuo.

Anden ficou com a impressão de que sabia menos do que deveria a respeito do sórdido mundo do combate de jade por esporte e por lucro. Em Kekon, jade era probidade em qualquer tipo de esportismo profissional. O esperado era que os Ossos Verdes aderissem ao aisho e servissem aos seus clãs, ou então usassem suas habilidades em profissões nobres como a medicina, a docência ou a religião. Anden tinha certeza de que Hilo iria franzir os lábios frente à ideia de ver um guerreiro de jade entrando num ringue diante de uma audiência aos berros para conquistar atenção e dinheiro para si mesmo. No entanto, obviamente havia gente que fazia isso mesmo assim, em lugares onde esse tipo de coisa era legalizado ou no mínimo ignorado. Anden não conseguiu se impedir de considerar Jon Remi como um tipo mais chulo de Osso Verde, nem um pouco respeitável.

No entanto, o Desponta já tinha negociado e se associado a pessoas desonrosas quando necessário (de gangues de motoqueiros em Janloon, aos Tripulantes e até ao próprio governo espênico). Havia muito tempo que Anden aprendera a não cobrar dos keko-espênicos os mesmos padrões dos kekonésios. De acordo com as fontes do Desponta, Jon Remi era o principal Osso Verde da cidade. Possuía um grupo fiel de seguidores e mantinha as Tripulações e a polícia longe dos bairros e dos negócios kekonésios. Gerenciava rinhas de luta, prostíbulos e até mesmo traficantes de brilho; eram atividades repugnantes, mas era de um homem que não seguia as regras que o clã precisava como aliado em Resville no momento.

— Eu claramente tenho muito o que aprender sobre esta parte do país — disse Anden, num timbre calmo.

— Nunca fomos muito ligados ao pessoal de Porto Massy. Claro, nós respeitamos o Dauk, e seguimos as regras no que diz respeito a manter a jade só entre a gente. Já hospedamos Punhos que vieram nos visitar de Janloon, e alguns dos nossos já foram treinar na velha nação e trouxeram habilidades valiosas pra casa. Manter conexões é algo que valorizo muito. — Jon Remi cruzou os braços. A tatuagem de uma caveira preta com cobras saindo dos olhos sorria para Anden à distância. — Mas sempre comandamos as coisas separadamente de Porto Massy *e* de Janloon. Então me diz: por que o Desponta de repente ficou interessado em Resville?

— Nós vamos onde nossos inimigos estão — respondeu Anden.

— Onde o Clã da Montanha está, no caso.

— Eles tão investindo pra fazer parte das novas obras daqui. São donos de uma parte com poder de decisão do cassino Areias da Ilusão lá na zona leste, e tão firmando presença no varejo, nos restaurantes e nas apostas esportivas. — Todas as áreas que os Montanha tradicionalmente dominavam em Janloon. — Quaisquer lucros que estejam fazendo aqui, eles mandam de volta pra Kekon e usam contra o Desponta. Então já dá pra entender o motivo da nossa preocupação.

— Seus primos mandaram você vir aqui pra conversar comigo sobre o assunto. — Remi sorriu.

— Não temos muita gente nesta cidade — respondeu Anden. — Precisamos de um parceiro local. Me contaram que você era a melhor pessoa com quem eu poderia conversar. Valeria a pena pro seu lado, e seria mais rentável do que esta academia.

— Olha, vocês não são os únicos que tão procurando um parceiro. — Com os olhos fixos em Anden, Remi se inclinou adiante. — O Montanha tem menos do que vocês aqui. Como você imagina que eles planejam proteger os investimentos de tão longe, ainda mais contra os Tripulantes e contra seu inimigo mortal, os Kaul?

Ao ouvir as palavras e o tom de voz abruptamente baixo e astuto do sujeito, Anden entendeu de imediato que ele e os primos tinham chegado tarde. Os Montanha já haviam procurado Jon Remi para firmarem uma parceria. Anden meio que esperava ser atacado e morto naquele momento. Teve que resistir ao impulso de olhar freneticamente ao redor em busca de inimigos. Ainda assim, ninguém emergiu de alguma posição oculta para cortar sua garganta, e Remi

continuou sentado exatamente como estava, sorrindo, sabendo muito bem que os pensamentos de Anden estavam num turbilhão de estimativas e agonia.

Ele continuou sentado e manteve os olhos no rosto do homem. Se Jon Remi já estivesse trabalhando para Ayt Mada, não teria dado nem chance a Anden. O sujeito ainda devia estar aberto ao jogo.

Com calma, Anden perguntou:

— O que foi que os Montanha te ofereceram?

— Exatamente o que você imaginaria. Dinheiro, mão de obra e jade em troca de proteger suas propriedades e interesses empresariais dos Tripulantes e do Desponta em Resville.

Anden assentiu.

— E o que você falou pra eles?

— Que eu ia pensar. — Remi franziu os lábios fartos. — Eu queria ouvir a proposta do outro lado.

— Você tem motivos bem melhores para se aliar ao Desponta do que ao Montanha.

— E quero muito ouvi-los, caco, mas não agora. Você é um convidado de Janloon, então vou fazer questão de que sua estadia seja bem aproveitada. Longe de mim querer que alguém diga que um representante do Desponta saiu de Resville sem ter aproveitado o que a cidade tem a oferecer. — Remi se levantou. — Me encontra na Oliva Azul hoje à noite. Fala que tá comigo que eles te deixam subir. Assim eu te pago uma bebida antes que você tente comprar minha lealdade.



— Esse tal de Remi — contou Anden para Hilo pelo telefone — até que parece bem verdejante por fora, mas nasceu na Espênia e me deixou meio ressabiado. Pelo que percebi, o sujeito não respeita nada e não se curva a ninguém. Eu não iria querer vê-lo trabalhando pros Montanha como nosso inimigo, mas nem se fosse nosso aliado eu diria que confio nele.

— Será que ele pode fazer o que a gente quer? — perguntou Hilo. — É só até aí que precisamos confiar nele.

— Quanto a gente tá disposto a dar pra ele, Hilo-jen? — Anden olhou para o relógio na mesa do quarto de hotel. — Tem que ser melhor do que a proposta dos Montanha. Você garantiria a ele o mesmo status como tributário que o clã Jo Sun? — Anden assumiu uma expressão que o Pilar não era capaz de ver. Parecia um absurdo oferecer a um jovem líder de gangue keko-espênico a mesma

consideração que ofereciam ao Pilar de um clã Osso Verde menor, mas, por outro lado, Resville era maior do que qualquer coisa sob controle do Jo Sun.

Havia também a possibilidade de que, se Remi decidisse se aliar aos Montanha, ou caso já tivesse feito isso e estivesse enganando Anden com essa reunião, ele talvez nem saísse vivo da Oliva Azul.

— Andy — disse Hilo. — Não dá pra saber direito sem ter conhecido esse sujeito pessoalmente. Eu estaria aí se pudesse, mas os Montanha ficariam sabendo na mesma hora o que estamos fazendo. Descubra o que ele quer e não dê nada além disso. Não deixa ele se achar mais importante do que é ou demonstrar desrespeito, mas faça dar certo pra nós. É importante. Você conversou com a Shae, então já sabe os números. Eu confio em você, Andy.



Anden não tinha nenhuma roupa apropriada para a ocasião; havia feito as malas para uma viagem a trabalho, e não para uma balada de Resville. Comprou uma camisa estilo veraneio superfaturada na loja de souvenires do hotel e a vestiu com uma calça jeans preta, o paletó e sapatos sociais. Não poderia levar nenhuma arma para o estabelecimento, mas, por um longo instante, ficou sentado na ponta da cama enquanto dedilhava o anel com pedras de jade que usava apenas quando tratava pacientes. Se algo desse errado, se Remi o estivesse ludibriando rumo a uma armadilha em nome do Montanha, ter as habilidades à disposição poderia representar a diferença entre a vida e a morte.

Anden guardou a jade no cofre do quarto. Seus instintos diziam que, se Remi quisesse machucá-lo, já o teria feito. E, se começasse a usar jade sempre que achasse que poderia correr perigo, então que já abandonasse de uma vez a única regra inflexível que tinha consigo mesmo e começasse a usar jade o tempo inteiro. Não demoraria para que voltasse a ser um guerreiro Osso Verde do clã, forçado a matar ou morrer.

Chegou na Oliva Azul e descobriu que havia exagerado na vestimenta, ou, melhor dizendo, que havia errado no traje. Uma multidão de corpos meio desnudos preenchia a pista de dança, que pulsava com uma mistura de música eletrônica espênica e tomasciana e luzes estroboscópicas vermelhas. Dois dançarinos de gênero indeterminado giravam em gaiolas suspensas no meio do público. Banquetas de vinil preto circundavam o bar espelhado. Quando Anden passou à procura da escadaria, um sujeito mais velho numa blusa vazada agarrou sua bunda. A princípio, Anden ficou surpreso demais para reagir. Mas então, sem nem pensar, agarrou o punho do homem, contorceu numa posição dolorosa e

bateu contra o balcão do bar. O sujeito gritou um palavrão sobre a música alta, mas Anden já estava se arrependendo de ter causado uma cena. Soltou-o, abriu caminho em meio as pessoas e foi se perdendo nos confins escuros da balada antes que o desconhecido machucado ou qualquer outro pudesse persegui-lo. A escadaria para o segundo andar ficava barrada por uma cortina de veludo e dois seguranças, que o deixaram passar quando ele falou que estava ali para se encontrar com Jon Remi.

Encontrou-o na companhia de duas mulheres trans que vestiam minissaias vermelhas idênticas e estavam rindo da piada que ele contara. Dois kekonésios carrancudos, que Anden deduziu se tratar de subordinados ou seguranças de Remi, pairavam ali perto com semblantes entediados. Mediram Anden com o olhar quando ele se aproximou, mas, com uma palavra do chefe, deixaram-no passar. Remi deu um tapa no traseiro das mulheres e as mandou partirem, já que tinha negócios a discutir. Elas obedeceram com expressões amuadas, e encararam Anden com olhares recatados enquanto saíam. Ele se sentou na frente de Remi, que ajeitou a postura e ficou sério, solícito.

— O que você vai querer beber? — perguntou, com as pupilas dilatadas e o rosto levemente corado.

— Imagino que não sirvam hoji aqui — respondeu Anden, achando que uma dose cairia muito bem.

— Não, mas deveriam. Tá ficando mais popular, sabe.

— Uma cerveja, então. A que você recomendar.

Remi chamou um garçom, que trouxe uma lager para Anden e um copo com alguma bebida destilada clara para Remi. O anfitrião fechou a cortina roxa para isolar o reservado em que estavam e disse:

— E aí, gostou daqui? Deu uma olhada na pista de dança? Resville é um belo playground, tem tudo o que poderia desejar, caco. Você tá de férias, então é só me dizer o que quer que eu dou um jeito. Você gosta de homens mais velhos? Mais novos?

Por um instante, Anden ficou atônito. Mas depois, intrigado e relutantemente tentado. Estava muito longe de Janloon. Ninguém jamais o reconheceria como um membro da família Kaul. Poderia ficar com quantos estrangeiros quisesse aqui, e nunca os veria de novo. Mas, pelo telefone, falara para Hilo que não confiaria de olhos fechados em Jon Remi nem mesmo se ele fosse um aliado; deixar o sujeito lhe arranjar parceiros sexuais não parecia uma decisão muito sábia. Desconfiava que Remi o tivesse trazido ali para tirá-lo do prumo, para conquistar alguma vantagem pessoal.

— Não tô de férias — corrigiu ele.

Um breve lampejo de irritação, talvez até de revolta, perpassou o rosto de Remi.

— Então você só quer saber de negócios, é? Você só quer saber do *clã*, vem da velha nação e aí acha que é bom demais pra isso aqui? — Quando Anden não respondeu à pergunta retórica, Remi bufou como se tivesse contado uma piada e se inclinou para a frente com tudo. Ficou com o rosto tão perto que sua irritadiça aura de jade mais uma vez arranhava os confins da Percepção de Anden. — Então beleza, já que você quer ir direto ao ponto. O Montanha vai me pagar cento e cinquenta mil thalirs por mês e mais um quilo de jade lapidada. Eles são aliados dos barukânes, então vou ter um pouco da força das gangues shoto-espênicas daqui de Resville do meu lado. Além do mais, vou poder comprar brilho com desconto direto das Ilhas Uwiwa, e os barukânes falaram que podem trazer turistas de Shotar pros ringues de luta e bares de striptease. — Remi se recostou no assento. — Não consigo pensar em muitos motivos pra recusar.

Anden tomou um gole da bebida enquanto organizava os pensamentos.

— Você iria romper a sua aliança com o Dauk Losun, que é amigo do Desponta. Não teria mais jade ou apoio de Porto Massy. A proposta dos Montanha é lucrativa, mas só vai te transforma num capanga, e não num tributário propriamente dito. Você não vai receber nenhuma parte dos lucros e não vai poder contar com eles caso acabe se encrencando. O Desponta tem mais influência, mais interesses empresariais legítimos e advogados neste país.

Remi deu de ombros.

— Eu prefiro mil vezes receber dinheiro vivo do que ter status de tributário. Afinal de contas, de que isso me serviria? Você acha que eu me importo em ter prestígio como clã em Kekon? Ou de ter advogados em Porto Massy?

Anden percebeu que estava indo pelo caminho errado e tentou se corrigir.

— Podemos igualar o que te ofereceram de dinheiro e jade — disse ele. — Não temos como te vender brilho ou trazer turistas shotarianos, mas podemos fazer algo melhor. O Desponta tem um escritório inteiro com dezenas de pessoas em Porto Massy. Se tivermos apoio local pra abrir uma filial aqui em Resville, isso traria empregos, investimento e um fluxo de pessoas para a população kekonísia. O que traria mais números e dinheiro diretamente para os seus negócios, e você também receberia uma porcentagem dos nossos lucros aqui. Então, quanto melhor for pra nós, melhor vai ser pra você também. — Enquanto falava, outras coisas foram lhe ocorrendo e ele acrescentou: — Já temos um sistema em que mandamos Ossos Verdes entre Kekon e Espênia para

oportunidades de ensino e treinamento. E isso poderia ser vantajoso pros lutadores na sua academia, os promissores que serão o próximo Danny Sinjo. E agora jade foi legalizada para uso medicinal por causa do Desponta. Você poderia entrar nessa área com o pé na porta.

Remi escutou tudo com um semblante pensativo e calculista.

— Aí você me complica, caco — disse ele, com o lábio inferior por cima dos dentes e mexendo a mandíbula para a frente a para trás de um jeito indeciso. — Pra qual clã será que eu devo me prostituir? Sei que vocês, ilhéus da velha nação, normalmente jamais iriam gastar saliva com um marginal kespe feito eu, mas de repente os dois clãs grandões tão doidos pra impressionar os locais porque querem retaliar um ao outro, como se não tivessem oportunidades pra fazer isso na casa de vocês. — Remi deu de ombros com uma indiferença exagerada. — Se bem que o Desponta tem mesmo uma vantagem. O Iwe Kalundo do Montanha é careca e feio pra caralho. Você, não.

Remi abriu o zíper da braguilha e tirou o pau para fora, que ficou ali, flácido, saindo pelo vão da calça aberta. Ao longo de sua cintura pálida e protuberante, havia uma fina corrente de pedras de jade.

— É o seguinte. Você chupa o meu pau em nome do Desponta e aí negócio fechado. — Ele encarou os olhos de Anden. — Você já queria mesmo. E depois eu faço o que seus primos pedirem. Vou pro lado de vocês em Resville.

Um calor formigante se espalhou pelo pescoço de Anden. Do outro lado da cortina que isolava o reservado, o baixo abafado da pista de dança pulsava. Dava para sentir as batidas pela sola dos sapatos, reverberando espinha acima até a cabeça. Aos poucos, ele foi se aproximando até ficar ao lado de Remi no banco. O sujeito lambeu os lábios enquanto observava com expectativa cada movimento de Anden.

Numa voz baixa que ele mal reconhecia, Anden falou:

— Meu primo, o Pilar, me falou pra descobrir e te dar o que você quiser. — Empurrou as mãos de Remi para o lado e segurou suas bolas. O estrangeiro começou a endurecer. — Levei um tempinho pra descobrir o que seria isso.

“Você quer ter o seu próprio poder. Quer viver pelas suas próprias regras, sem ser um instrumento pros outros, sem ter que obedecer a termos impostos por pessoas tanto de Kekon quanto da Espênia que te desprezam. Você não passa de um bandidinho kespe, então não tem saída a não ser escolher entre os clãs kekonésios que bateram à sua porta…, mas quer fazer isso enquanto um membro da família Kaul chupa o seu pau.”

Anden apertou mais os testículos de Remi. O sujeito arregalou os olhos, e sua

aura de jade se expandiu até os contornos afiados roçarem contra a Percepção de Anden feito limalhas de aço.

— Esquece tudo o que eu falei até agora. — Anden nunca fizera parte do lado militar do clã, mas fora criado como um Kaul e passara a vida inteira ao redor de Punhos, então, por instinto, sabia como se comunicar de um jeito calmo e decidido que exigisse atenção, que sugerisse violência. Naquele momento, pensou em seu primo Lan e tentou falar exatamente como o antigo Pilar falaria. — Aqui vai a proposta de verdade: você não ganha nada a não ser a promessa de que o Desponta vai se manter longe de Resville, mas apenas se o Montanha também desaparecer daqui. Pode ficar com o que quer que você tome de nossos inimigos. Se precisar de dinheiro, mão de obra, jade ou qualquer outra coisa para conseguir isso, podemos ajudar. Caso contrário, vamos limitar nossas atividades a Porto Massy e outras regiões do país. Contanto que você mantenha o respeito pela autoridade do Dauk e dos outros Ossos Verdes, Resville será sua. Você tem a minha palavra, em nome da família Kaul do Desponta.

"Mas, se você acabar decidindo se aliar aos Montanha, vamos trazer nossos próprios guerreiros de Janloon e de Porto Massy e guerrear por esta cidade. Já fizemos isso antes em Kekon e podemos muito bem fazer de novo do outro lado do oceano, mesmo que custe caro. Um dos clãs vai prevalecer, ou talvez as Tripulações se aproveitem da situação para nos expulsar daqui, mas o vencedor, seja lá ele quem for, não será você. Você vai ficar no fogo cruzado, só mais um brutamontes das ruas, mais ralé até do que os barukânes."

Anden enfiou o pau do sujeito de volta para dentro das calças e fechou o zíper com um puxão. Depois, se levantou e olhou de cima para Remi, que estava esparramado no sofá.

— Meu voo pra Janloon sai amanhã à noite. Meus primos estarão esperando por uma resposta antes disso. Se quiser virar um mercenário dos Montanha, então não precisa fazer nada. Se quiser ser algo além disso, me liga antes do meio-dia.

Anden saiu do reservado. Meio que esperava que os dois seguranças de Remi o impedissem, mas eles nem se mexeram. Desceu as escadas e saiu da Oliva Azul. Foi só quando estava dentro do táxi, fora do alcance da Percepção do estrangeiro, que seu coração começou a acelerar conforme a adrenalina irrompia por suas veias; parecia que seu corpo tinha segurado qualquer reação até garantir que ele estava bem, para que, naquele momento importante, nem mesmo um Osso Verde fosse capaz de sentir seu medo e sua raiva.




CAPÍTULO 17

Inimigos

Na sepdia, Juen Nu foi convocado para uma reunião que aconteceria durante um brunch no Sorte em Dobro. Não era um de seus lugares favoritos para comer; para ele, era superestimado, se escorava numa reputação antiga e tinha poucos pratos realmente excelentes no cardápio. Havia restaurantes mais novos e mais interessantes na cidade. O Sorte em Dobro, no entanto, era um dos favoritos da família Kaul, e era impossível ser o Chifre do Desponta sem basicamente se tornar um Kaul extraoficialmente, então Juen não tinha escolha a não ser comer lá mais do que gostaria.

Graças aos deuses, agora ao menos havia ar-condicionado em todo o estabelecimento, então o salão era um refúgio bem-vindo do calor opressivo do verão. Quando chegou, o Pilar e sua esposa, a Homem do Tempo e seu marido, e o primo deles, Anden, estavam na mesa de sempre, aos fundos, já comendo. Sempre que a família fazia refeições no Sorte em Dobro, o proprietário, Seu Une, garantia que as mesas próximas permanecessem vazias, e um biombo com uma pintura estampada os isolava do restante dos fregueses para que pudessem conversar à vontade.

— Kaul-jens — disse Juen, numa saudação informal antes de se sentar.

— Jeun-jen, ainda tem ovos cozidos a vapor e doces de nozes, mas só dois bolinhos crocantes de lula — disse Wen, enchendo uma xícara de chá para o

Chifre. — Podemos pedir mais comida, caso você esteja com fome.

— Isso é mais do que o suficiente — garantiu Juen. Com a permissão do Pilar, ele preferiu fazer o desjejum junto à esposa e os filhos, com quem passou a manhã, e chegou mais tarde no Sorte em Dobro, onde comeu só um pouquinho antes da discussão a respeito do clã começar. Mesmo que o Chifre e sua família morassem na propriedade Kaul (uma decisão que sua esposa apoiara por segurança e por conveniência), Juen se esforçava ao máximo para manter alguns limites pessoas. Não tinha vontade alguma de seguir o trágico destino dos Maik e ver sua própria família subsumida aos Kaul. Apesar de toda a força que tinham, os Kaul eram azarados; não era apenas um, mas dois pedrolhos, assim como um primo adotado que era LGBT+ e de ascendência mista. Juen até que gostava dos Kaul, até mesmo dos desafortunados, e seguiria Hilo-jen independentemente de qualquer coisa, mas torcia muito para que fosse capaz de preservar a sorte de sua própria família, desafiar as probabilidades que se impunham ao ocupar um cargo tão perigoso e viver o bastante para se aposentar e conhecer seus netos.

Tomando a chegada de Juen como uma deixa de que os líderes estavam prestes a discutir assuntos do clã, Anden colocou o guardanapo sobre a mesa e se afastou para ir embora. Hilo disse:

— Você tem algum compromisso agora, Andy? Se não tiver, fica.

A sugestão foi casual, mas Anden e todo mundo à mesa sabiam que se tratava de uma ordem. Ele hesitou, olhou em volta um tanto incerto, e então voltou a se sentar.

Juen suspirou por dentro. O Pilar já tinha transformado sua desafortunada esposa em Encarregada, e agora estava trazendo seu desafortunado primo, que não possuía nenhum cargo oficial no clã, para os círculos internos de liderança, certamente porque o doutor há pouco conquistara muita coisa para o clã na Espênia. Juen não questionava as decisões do Pilar em áreas que iam para além da alçada do Chifre, mas não conseguia deixar de se perguntar se toda essa má sorte concentrada no alto escalão não era um obstáculo para todo o clã, algo que deixava seu trabalho ainda mais pesado de alguma forma oculta.

Hilo se virou para Juen.

— Como foi a viagem?

— Basicamente como eu esperava. — Juen voltara pouco tempo antes a Janloon depois de passar três dias em Lukang. Fazia anos que o impasse persistia por lá, e as coisas provavelmente não mudariam enquanto Jio Somu permanecesse como o Pilar do União das Seis Mãos. O Desponta continuava a

apoiar os oponentes de Jio, que não desistiriam até vingarem o antigo Pilar e Homem do Tempo e retomarem o controle do clã que lhes era de direito. — Querem que aquele familicida vire comida de minhoca, e não ficaram nada felizes quando não ofereci mais ajuda para fazer isso acontecer.

Juen era um sujeito pragmático e achava que eram poucas as chances de sussurrarem o nome de Jio. O traidor se mantinha sob vigilância de guardas o tempo inteiro e era tão paranoico com tentativas de assassinato que raramente saia de sua casa fortificada. Na visão de Juen, matar Jio não era uma grande prioridade para o Desponta. Consolidar e defender territórios já dominados e atenuar o preocupante aumento na movimentação de gangues barukânes e anarquistas anti-clã de Janloon era mais importante.

Quando falou isso, Hilo concordou:

— Já faz tempo demais que estamos apoiando nossos aliados em Lukang. Dá mais três meses pra eles decidirem se querem formar um próprio clã tributário menor ou fazer juramentos ao Desponta.

Juen assentiu e se serviu de um doce de nozes.

— Quanto aos anarquistas, ainda não se sabe direito se é a polícia ou os Ossos Verdes que deveriam cuidar deles.

O extremismo anti-clã era uma preocupação discreta, porém persistente e crescente, como uma teimosa infecção fúngica. Alguns delitos dos tais “sem clã” eram desordenados, como a distribuição de panfletos com o manifesto do grupo e pichações em propriedades públicas, mas outros eram mais sérios. Pouco tempo antes, uma relojoaria especializada em jade fora incendiada e, muito embora o estabelecimento tenha sido salvo e os criminosos, capturados e punidos, Juen apontou o verdadeiro problema:

— Esses extremistas não são nada parecidos com um clã, ou até mesmo com uma gangue de rua. São oportunistas mal e porcamente organizados. O objetivo deles não é controlar territórios ou empresas, ou roubar jade ou dinheiro. Só querem provocar revolta e atrair atenção de forma negativa para poderem espalhar suas ideias venenosas.

— Fanáticos sempre existiram às margens da sociedade, mas por que agora parece que têm mais deles? E por que ficaram tão mais ousados? — disse Anden, com o cenho franzido de confusão.

— Porque agora eles podem procurar empatia e dinheiro dos estrangeiros. A Guerra Latente colocou Kekon no mapa e fez todo mundo pensar em jade — respondeu Woon. — Tem governos e organizações internacionais que encorajam esses pontos de vista.

— Vou na próxima reunião que você tiver com o chefe de polícia. Você tem razão, precisamos cooperar melhor com os tiras pra encontrar esses lunáticos e arrancar o mal pela raiz — falou Hilo para Juen. Comeu o último bolinho crocante de lula e limpou a boca com um guardanapo. — Mas primeiro temos que lidar com um assunto mais importante.

O Pilar deu uma olhada para a Homem do Tempo, que passou uma pasta sobre a mesa para Juen. O arquivo continha uma pilha de fotos ampliadas. Pareciam imagens aéreas, tiradas de um helicóptero, e capturavam partes de uma costa pedregosa e do oceano que a cercava. Uma forma que se assemelhava a um navio havia sido circulado com canetão preto. Outras fotografias, tiradas com lentes telefoto, mostravam o navio com mais detalhes; tratava-se de uma embarcação industrial com casco alaranjado e com um deque lotado de maquinário pesado.

— O que é isso? — perguntou o Chifre.

— Um protótipo de navio de mineração — respondeu Hilo. — Construído por uma empresa espênica para dragar o fundo do oceano ao redor de Kekon em busca de jade.

— E eles podem fazer uma coisa dessas?! Em águas kekonísias? — exclamou Juen, incrédulo e ultrajado.

— No momento, o navio tá a 25 quilômetros da costa da Ilha Euman. Foram líderes das tribos abukianas que pescam por lá que nos alertaram. A Marinha Espênica controla aquelas águas. Inclusive, com o número de navios de guerra que os espênicos têm pra patrulhar o Oceano Amárico, eles controlam a grande maioria das águas ao redor de Kekon.

— Se o exército da Espênia está permitindo, o Conselho Real não deveria abordar o problema com o governo da RDE? — Anden se manifestou.

— Já abordaram — respondeu Woon. — É uma questão diplomática delicada. Já faz alguns anos que as relações andam tensas devido à expansão da Base Naval de Euman. Já que a RDE não cedia, a AJK reduziu as exportações de jade pra Espênia. Ao que parece, a resposta da RDE foi bem coisa de espênico mesmo: procurar algum outro vendedor.

— Uma empresa espênica disposta a escavar o fundo do oceano ao redor de Kekon — completou Juen. — Mas será que vai dar certo? Por acaso tem jade lá embaixo?

Wen respondeu devagar, mas com clareza:

— Falei com diversos geologistas da Universidade Real de Jan que acreditam que sim. Faz milhões de anos que os rios erodem as montanhas de Kekon e

carregam jade para o oceano. E também há minas que escoam dejetos no mar. A pergunta que fica é se valeria a pena financeiramente vasculhar toda aquela água e cascalho por umas poucas pedrinhas verdes.

— Art Wyles, o CEO da Recursos Globais Anorco, obviamente acredita que sim — disse Shae. — O magnata espênico investiu centenas de milhões de thalirs no desenvolvimento de tecnologias submarinas de mineração. O navio é o primeiro teste de verdade. Wyles supostamente também faz parte do alto escalão da poderosa Sociedade de Armamentos, e tem muitas conexões políticas.

Woon Papi, que parecia menos reservado desde que se casara com uma das líderes da família Kaul, murmurou:

— Se em algum momento uma empreitada tão estúpida e arrogante fosse valer a pena, seria agora, já que a jade tá com o preço lá em cima. Há relatos de que Ygutan tem seus próprios soldados de jade, e os espênicos estão desesperados pra se manter um pé à frente de seus inimigos. O que mais querem é ignorar a AJK de uma vez por todas e ter uma empresa espênica confiável que minere jade pra eles.

Juen colocou as fotos de volta na pasta. Tinha percebido que o Pilar não falara mais nada, que deixara o restante da família explicar. Até aquele momento, o problema havia sido de ordem política. Agora que o Chifre estava envolvido, era militar.

— Hilo-jen — disse Juen, sorrindo com a empolgação e a trepidação de receber um desafio realmente excepcional —, isso não vai ser fácil.

— Eu não te chamaria se fosse — respondeu Hilo. — Quero aquela merda daquele navio destruído.



Para Juen, uma percepção equivocada até mesmo dentro do clã era de que as habilidades de jade e a destreza marcial eram as características mais importantes de um bom Chifre. Não havia dúvidas de que Juen era um guerreiro talentoso, mas ele mal considerava isso a qualificação mais importante para o serviço. Muito menos atualmente, já que, como Chifre, ele precisava gerenciar milhares de guerreiros de jade alocados em diferentes cidades e países. Os clãs haviam se tornado grandes demais para que atacassem um ao outro diretamente sem causar uma catástrofe mútua, então travavam guerras por procuração, usando contribuintes, aliados, gangues criminosas, espiões, políticos e jornalistas, o que complicava ainda mais as responsabilidades de Juen.

Depois de Vuay ter se aposentado do clã para assumir uma vaga como

professor na Academia, Juen dividira o cargo de Primeiro Punho em três partes iguais, e todas respondiam diretamente a ele: uma para supervisionar Janloon, uma para o restante de Kekon e outra dedicada à gerência dos Ratos Brancos. Tinha integrado os antigos Unhas de Maik Tar nessa última parcela, e focado em modernizar suas operações e plantar informantes entre os barukânes em Kekon, Shotar e nas Ilhas Uwiwa com o objetivo de angariar mais informações a respeito das atividades dos Montanha. Juen vivia tendo que coordenar gente complicada, lidar com recursos limitados e manter milhares de detalhes organizados mentalmente. E agora, também precisava lidar com esse navio de mineração estrangeiro.

Telefonou para seu inimigo: Aben Sorogun, o Chifre dos Montanha. Aben se tornara o Chifre após Nau Suenzen se aposentar quatro anos antes. Muito embora tivesse um bocado de informações angariadas pelos espiões do Desponta, Juen o vira pessoalmente apenas algumas vezes em eventos públicos.

— Aben-jen — disse ao contatar o outro Chifre. — Imagino que você saiba a respeito do navio daquela empresa espênica que tá na costa da Ilha Euman e é uma afronta para todos os Ossos Verdes. Meu Pilar quer que ele suma do mapa, e imagino que sua Pilarisa também. Meu nome não é Kaul, e o seu não é Ayt, então, sendo bem sincero, não vejo um motivo pra não trabalharmos juntos nessa, mesmo que nada mais mude entre nossos clãs.

Aben concordou, o que foi uma boa notícia, já que o plano de Juen era para lá de caro, e talvez fosse chamar a atenção do Montanha caso o clã não estivesse envolvido. Seis semanas depois da reunião com os Kaul no Sorte em Dobro, Juen estava numa praia de madrugada com dois barcos infláveis rígidos, oferecidos dos excedentes da marinha graças às conexões do Desponta com o exército nacional. Oito Ossos Verdes (quatro do Desponta e quatro do Montanha) vestiam equipamento de mergulho. Havia diversos nadadores ótimos entre os Punhos e Dedos dos clãs, mas não muitos que de fato tivessem experiência com mergulho. De pé dentro de um dos barcos, Aben Soro comentou ironicamente:

— Na Academia Kaul Du eu não sei, mas sabotagem marítima não é matéria na Escola do Templo Wie Lon. Talvez eu deva trocar uma palavrinha com o grão-mestre.

Cara a cara, Aben era surpreendentemente amigável, bem diferente do veterano grisalho Nau Suen ou da calma brutalidade de Gont Asch. Talvez Ayt Mada tivesse decidido que o Montanha precisava de um rosto mais jovem e simpático na liderança do clã. A jade de Aben se concentrava numa corrente

robusta ao redor de seu pescoço, e ele parecia o tipo de homem que assistia a esportes, tinha cachorros de porte grande e era capaz de ser amistoso com qualquer um, mas exalava uma tenacidade pé no chão que deveria ser levada a sério. Os dois estavam agindo de forma agradável e cooperativa aqui, mas Juen é que não iria se esquecer de que em qualquer outro lugar (em Lukang e, do outro lado do oceano, em Resville) suas respectivas forças estavam ocupadas tentando se destruir, e era bem possível que, sob outras circunstâncias, um fosse matar o outro.

Naquela noite, porém, tinham um objetivo em comum. Em vez de partirem da Ilha Euman, onde poderiam ser vistos pelo exército espênico, haviam escolhido a parte superior da principal enseada de Kekon; saindo de Janloon, era uma viagem de duas horas de carro até uma faixa litorânea deserta. Longe assim da cidade, não havia poluição luminosa, e o céu límpido era um breu recoberto de estrelas. Em dois barcos, os Ossos Verdes aceleraram rumo ao navio de mineração estrangeiro, e passaram noventa minutos saltitando ritmicamente sobre ondas suaves antes de chegaram em ambos os lados da lenta embarcação sob a cobertura da escuridão.

Juen descobrira tudo o que pudera a respeito do navio, que ainda estava em fase de testes e não cem por cento operante, então havia apenas uma pequena equipe a bordo. Máquinas controladas remotamente eram enviadas para recolherem amostras do fundo do mar, que então eram avaliadas em busca de potenciais concentrações de jade antes que uma máquina caríssima e feita para isso fosse utilizada para dragar a área. O dispositivo ficava conectado ao navio por uma enorme mangueira que sugava os sedimentos e os transportava para o equipamento que extraía as pedras preciosas. Era uma tecnologia impressionante e moderníssima. Mesmo a contragosto, Juen era obrigado a admirar os espênicos; quando a motivação era a ganância, eles realmente eram engenhosos.

Desligaram os motores. Mergulhadores de ambos os lados pularam para fora com respingos discretos. Com a velocidade que apenas Ossos Verdes eram capazes de atingir, anexaram minas navais magneticamente à parte inferior da embarcação. No barco que balançava em silêncio, Juen mantinha a Percepção expandida, mas não sentiu nenhum estado de alerta ou agitação vindo dos membros da tripulação. A cada poucos minutos, desviava a Percepção rumo a Aben, mais por um instinto de preocupação por estar perto de um inimigo Osso Verde do que por qualquer medo factual de que fosse traído. Era justamente para que nenhum lado pudesse tirar vantagem que estavam nessa juntos.

Dentro de trinta minutos, todos os mergulhadores haviam retornado e os

barcos já aceleravam de volta pelo caminho por onde tinham vindo. As explosões não seriam tão grandes a ponto de matar as pessoas a bordo (era melhor evitar a morte de estrangeiros), mas destruiriam o leme, hélice e a mangueira do maquinário, e abriria buracos no casco da embarcação, o que, com sorte, danificaria os equipamentos de lá também.

O ideal seria que o ataque representasse o fim da caríssima incursão da empresa Anorco na mineração de jade, mas Juen acreditava que o navio provavelmente seria consertado e que precisariam destruí-lo de novo, talvez diversas vezes antes que a empreitada fosse descartada por ser custosa demais. Os espênicos com certeza reclamariam irritadamente ao Conselho Real a respeito da depredação de propriedade privada, e o governo kekonésio iria, com presunção e legitimidade, negar qualquer ciência ou envolvimento na sabotagem. Sem nenhuma outra fonte de jade, e como Kekon ainda era o baluarte da estratégia de defesa regional da RDE contra Ygutan, reclamar era tudo o que os estrangeiros poderiam fazer.

Quando voltaram à praia, o rosto de Juen ardia e suas orelhas estavam doloridas pelas horas de maresia e vento. Ele pulou do barco e ajudou a puxá-lo até a orla, trabalhando rápido com seus homens para empilhar as embarcações e equipamento e levá-los até um caminhão de reboque que os levaria para um depósito. Ainda estava escuro, mas o sol nasceria dali a algumas horas, e precisavam voltar para Janloon. Aben e seus homens trabalhavam com eficiência ao lado. Depois do material ser carregado e do caminhão partir, os Ossos Verdes do Desponta e do Montanha embarcaram em seus veículos particulares, mas só depois de conferi-los para garantir que o outro lado não plantara nenhuma bomba.

— Juen-jen — disse Aben Soro, tocando a testa.

— Aben-jen — respondeu Juen, retribuindo o gesto.

Ele entrou no banco da frente de seu Roewolfe G8 e, acompanhado de seus Punhos, acelerou de volta à cidade. Quando o sol nascesse, os dois seriam inimigos mortais como era de costume, e Juen precisaria trabalhar como sempre.




CAPÍTULO 18

Bagre

Bero encontrava seus dirigentes a cada seis ou oito semanas, em diferentes lugares públicos que ele não costumava frequentar e onde não haveria ninguém para escutá-los. Dois dias antes, recebia um bilhete por baixo da porta de seu apartamento com a data, o local e o horário do encontro. Se sentia um agente especial de algum filme de espionagem, a diferença era que não havia tanto glamour quanto esperado. Por exemplo, ele não recebera uma arma, ou telefone secreto, ou uma cápsula de cianeto que usaria para se matar caso acabasse sendo pego pelos ygutanianos. Mas recebeu um codinome: bagre. Bero não gostou. Bagres eram bichos feios e bentônicos. No entanto, não tivera a chance de escolher a própria alcunha. Sempre falava apenas com Galo, o sujeito keko-espênico, enquanto o outro homem, Berglund, ficava de guarda, caminhando por perto disfarçado de turista estrangeiro.

— Você tem algum *detalhe específico* sobre o que eles tão planejando? — Galo o pressionou mais uma vez enquanto andavam pelo museu quase vazio.

Bero nunca fora a um museu de arte antes. Fingiu analisar um mostrador com cerâmica indígena abukiana enquanto conversava com Galo.

— Eles ficam falando de fazer algo grande, de acertar em cheio, de chamar atenção, essa bobajada vaga — respondeu Bero, mais frustrado com a insistência de Galo do que com o próprio fracasso em angariar informações detalhadas a

respeito do envolvimento de Vastik eya Molovni com o Movimento Futuro Sem Clã.

Os anti-clã haviam crescido. Disso Bero tinha certeza. Havia mais gente nas reuniões, mais gente ousando enfrentar os clãs. Os discursos de Guriho estavam ficando tão exuberantes que às vezes a impressão era de que ele iria começar a espumar pela boca e estourar um aneurisma em si mesmo. Guriho dizia que agora estavam indo de vento em popa. O povo estava pronto para desafiar as forças corruptas e opressivas do governo, da religião e do capitalismo que os acorrentara com os grilhões do clanismo. Ou algo assim. Bero não conseguia se lembrar de todas as palavras floreadas do sujeito.

— O Guriho fica dizendo que logo vai chegar o momento de a gente tomar as ruas e lutar — grunhiu Bero para seu dirigente —, mas nunca fala como ou quando esse momento vai ser exatamente.

— Você conseguiu se aproximar dos líderes? — questionou Galo num tom autoritário.

— Eu *tentei*, keke — respondeu Bero, mesmo que de keke o estrangeiro não tivesse nada. — Eles são em quatro. Molovni, Guriho, Otonyo e aquela garota, Ema. Não deixam mais ninguém entrar na panelinha.

Galo se afastou da caixa de vidro com cerâmica abukiana e, esperando que Bero o acompanhasse, foi em direção à iconografia religiosa dos deístas. Um pouco afastado dos dois, Berglund guardou o livreto do museu que fingia que estava lendo e os seguiu a certa distância.

— Sabemos o histórico dos três homens, mas essa tal de Ema, qual é a história dela? — perguntou Galo. — Pelo que você nos contou, ela não é ygutaniana, barukâne e nem tem alguma motivação política. O que fez dela uma das líderes do grupo?

Bero fechou a cara porque também não sabia a resposta. Por algum motivo, a mulher fora aceita no círculo íntimo de Molovni, e Bero, não. Ela devia estar dando para eles. Era a única explicação.

— Eu já te falei o que eu sei — resmungou Bero. — Ela trabalha como secretária em algum lugar do centro. Morou em Tun por um tempo. A família tem uma empresa, ou tinha. Acho que faliu. É daí que vem esse rancor contra os clãs, porque, pelo que ela fala, eles arruinaram sua família.

Pouco depois de ter começado a trabalhar para os espênicos, Bero tinha conseguido convencer Ema a ir até um bar e tomar uma bebida com ele. Ficaram lá por algumas horas. Ela era agradável aos olhos e até riu de algumas de suas piadas. Parecia uma pessoa solitária, sem amigos. Bero lhe contara a história de

como acabara com o rosto torto, de quando fora pego e espancado pelos irmãos Maik aos 16 anos. Claro, tinha histórias ainda mais espetaculares para contar, mas achou que seria melhor guardar para depois, já que Ema talvez não acreditasse. Para sua decepção, Ema não ficou tão impressionada quanto ele tinha esperado. O pior de tudo foi quando ele sugeriu que fossem para sua casa, ao que ela falou que precisava trabalhar na manhã seguinte e lhe deu apenas um beijo na bochecha.

Desde então, conseguira levá-la em alguns outros encontros, e houve uma vez em que foram assistir a uma sessão tardia de um filme de terror. Também não conseguira ir muito mais longe nessas ocasiões e nem aprender nada de útil a respeito dela para satisfazer os espênicos.

Houve uma noite em que Bero esperou numa viela perto do Caquizinho na esperança de pegá-la sozinha enquanto Ema voltava a pé até o metrô ou de segui-la até em casa. Quando vinte minutos se passaram e ela ainda não tinha aparecido, ele subiu as escadas até o lounge. O salão parecia vazio, mas era possível ouvir vozes. Quando foi para trás do bar, descobriu uma salinha, que talvez fosse um grande depósito, um espaço onde os músicos e artistas pudessem descansar entre apresentações ou simplesmente uma excêntrica área secreta. Em vez de uma porta, a entrada era protegida por uma cortina roxa, mas que não cobria todo o espaço e, por uma fresta, Bero pôde ver Molovni, Guriho, Otonyo e Ema conversando baixinho, ao redor de grandes pedaços de papel espalhados sobre uma mesa.

Talvez as teorias a respeito das habilidades de jade dos nekolva sejam verdade, porque Molovni se virou e abriu a cortina. Bero pulou para trás ao olhar enraivecido do sujeito.

— O que você tá fazendo aqui atrás? — esbravejou o ygutaniano. — A reunião acabou.

— Acho que deixei minhas chaves caírem perto do bar mais cedo — mentiu Bero rápido. — Alguém viu?

Fez um teatrinho de procurá-las ao redor do bar e do banco onde havia se sentado. Ema enrolou os papéis que estavam sobre a mesa, mas não antes de Bero entrever um mapa de Janloon e plantas de edifícios desenhadas a mão. Guriho se aproximou para ajudá-lo a procurar. Com suas pálpebras caídas, os olhos de Molovni seguiam Bero com desconfiança.

— Ninguém aqui viu as suas chaves — respondeu Ema. — Te avisamos se elas aparecerem.

Bero fingiu ficar decepcionado, e então acrescentou:

— E do que vocês estavam falando, gente? Seja lá o que for, vocês sabem que eu posso ajudar. Qual é o plano?

Molovni colocou uma mãozorra no ombro de Bero e o guiou de volta às escadas.

— Ainda estamos trabalhando nisso, amigo. — O estrangeiro era forte, quase tão forte quanto um Osso Verde. — Se precisarmos de ajuda, com certeza falamos com você.

A partir de então, Bero ou chegava cedo ou saía tarde das reuniões dos sem clã, na esperança de entreouvir mais do que os líderes conversavam, mas não teve a mesma sorte de pegá-los discutindo de novo. Parecia que Molovni e os outros tinham transferido as reuniões privadas para algum outro horário e local.

Bero não conseguia entender o motivo de não confiarem nele. Talvez achassem que os clãs o vigiavam, mesmo que tivesse saído do emprego no cassino Dobro Dobro muito tempo antes. Será que o colocavam no mesmo balaio que aquele fantoche insuportável do Tadino? Talvez o considerassem um risco por já ter sido preso por vandalismo no passado. Andava conseguindo muito bem se manter discreto nos últimos tempos, não andava? Era possível que simplesmente não gostassem dele.

Por um tempo, Bero não pôde fazer mais nada além de oferecer aos espênicos as informações que catava das reuniões abertas, como a quantidade de pessoas que apareciam toda semana, com quais Molovni conversava, a forma com que os sem clã estavam recrutando e angariando fundos. Devido a sua presença regular e interesse persistente, conseguiu se tornar secretário do Movimento Futuro Sem Clã, o que significava que, no decorrer do ano anterior, fora o responsável por registrar as presenças nas reuniões, tomar nota dos acontecimentos e guardar todas as listas secretas de membros. Era até que bem fácil fazer cópias de todos esses documentos e entregá-las a Galo e Berglund de vez em quando. Esse fluxo contínuo de informações mundanas, porém detalhadas, bastara para manter os capangas da inteligência militar da RDE saciados e os cheques de Bero vindo, o que era o mais importante de tudo.

Ainda assim, Galo e Berglund queriam mais. Suspeitavam que os ygutanianos estavam apoiando os kekonésios aspirantes a revolucionários com dinheiro, armas e outros recursos, e queriam provas irrefutáveis. Queriam uma revelação.

Do outro lado da sala de exibição, Berglund encarou o parceiro nos olhos e fez um gesto furtivo para que encerrassem a conversa.

Galo se virou de volta para Bero.

— Se essa tal de Ema tem alguma influência junto ao Molovni, ela poderia te incluir. Tenta se aproximar dela de novo.

Bero zombou da forma com que Galo fazia isso parecer fácil.

— Vai por mim, bem que eu gostaria.

Sem nem disfarçar a irritação, Galo olhou para Bero.

— Você devia tentar fazer amizade, conhecer ela, e não só se dar bem. Onde exatamente essa moça trabalha? Ela tem alguma ligação com os interesses ygutanianos? *Detalhes*. Isso é de importância nacional.

Os espênicos haviam enfatizado diversas vezes que Ygutan queria encorajar, manipular e se aproveitar do recente, porém cada vez maior, movimento social anti-clã para criarem instabilidade política em Kekon. Se os clãs fossem expurgados do poder, então o mercado seria inundado de jade. Ygutan e seus aliados poderiam adquiri-la com mais facilidade, sem depender de contratos ilegais e intermediários sovinos do mercado clandestino. A inquietação cível em Kekon poderia levar a um regime mais pró-Ygutan e a uma renegociação dos contratos já existentes de exportação de jade com a República da Espênia.

Isso era inaceitável para Galo, Berglund e todos os seus superiores em Adamont Capita. Não queriam que nada ameaçasse a vantagem que seu país natal tinha em Kekon.

— Tá, tá, entendi — murmurou Bero. — Tô trabalhando nisso.

Galo lhe entregou o costumeiro envelope de dinheiro. Bero esticou a mão para pegá-lo, mas o estrangeiro não o soltou e ficou o encarando com um demorado olhar preocupado quase parental.

— Faz alguns anos que andamos investindo em você, Bagre. Já te pagamos mais do que você jamais faria nessa sua vidinha triste. Não esquece que o dinheiro acaba junto com a nossa paciência. O exército espênico protege nossos contatos, mas só aqueles que consideramos valiosos.

Galo soltou o envelope e saiu da galeria. Dois minutos mais tarde, Berglund se levantou do banco ao canto e o seguiu, deixando Bero sozinho para xingar todo mundo, inclusive a si mesmo.




CAPÍTULO 19

Sorrisos e Palavras

décimo terceiro ano, décimo primeiro mês

Wen parou na frente do espelho de corpo inteiro no quarto e analisou a si mesma. Havia escolhido um vestido verde-floresta de grife, com uma estampa sutil e tradicional, mas cortado numa silhueta moderna que lhe caía muito bem. Complementou a peça com brincos pendentes de ouro em formato de folha e elegantes rasteirinhas douradas (qualquer tipo de salto a deixava nervosa e com medo de cair). Se perguntou se deveria usar o cabelo para cima ou solto; então decidiu tirá-lo da frente do rosto com uma presilha em formato de leque, mas deixá-lo desamarrado para obter uma aparência mais informal e adequada para um evento diurno. Ensaiou o discurso mais uma vez, sem pressa para fazer as pausas e cuidadosamente enunciar quaisquer palavras com as quais temia se atrapalhar e acabar gaguejando quando ficasse em frente ao microfone. Como pedrolha e esposa do Pilar, já fazia um bom tempo que havia desenvolvido uma resistência contra opiniões negativas de terceiros. Já estava acostumada a ser julgada por sua aparência física e por suas deficiências hereditárias, então nada que lhe dissessem quanto a esses aspectos a preocupava, mas era a possibilidade de ser considerada uma Encarregada do Pilar fraca que a apavorava.

Tradicionalmente, o Encarregado do Pilar não era um papel visível e não era comum que atraísse muito interesse tanto de dentro quanto de fora do clã. No entanto, Kaul Hilo ter nomeado a esposa pedrolha para o cargo anteriormente ocupado por um de seus guerreiros mais íntimos e temidos foi tão incomum que acabou gerando um bafafá considerável. Algumas pessoas viram a decisão como uma mudança no Desponta, um sinal de que o Pilar estava recuando de seu envolvimento pessoal no lado militar do clã ao devolvê-lo para o comando do Chifre e instaurar alguém que não fosse um Osso Verde como seu assistente mais próximo. Comentários mais severos sugeriam que Kaul Hilo simplesmente precisava sempre ter um Maik ao lado e agora tinha chegado à última opção.

Seis anos haviam se passado desde que Tar fora exilado. Pelo luto de Wen, a impressão era de que seu irmão estava morto, o que era quase verdade, já que ele jamais poderia voltar ou entrar em contato com alguém do clã de novo. Sempre que visitava o túmulo de Kehn no Parque da Viúva, ela levava duas cestas de flores e pedia para que os deuses saudassem ambos os seus irmãos. Sabia que Tar estava em Porto Massy e que era vigiado de perto por aliados do clã que haviam sido instruídos a não interferir ou machucá-lo, mas a matá-lo caso violasse qualquer uma das regras que lhe foram impostas.

A cada poucos meses, ela escrevia cartas para Tar, contando notícias a respeito da família e de como seus sobrinhos e sobrinha estavam. Não escondia isso de Hilo, e ele não a impedia, porque o exilado sabia muito bem que não deveria responder às correspondências. Era assim que Wen sabia que suas longas mensagens eram importantes para o irmão, um homem que era um fantasma; ele nunca arriscava perdê-las.

Wen colocou as fichas com a transcrição do discurso numa bolsinha de lantejoulas e foi para a cozinha. Ru desceu as escadas usando o uniforme da escola. Ele jogou uma bola para Koko, depois deu comida para o cachorro amarelo antes de se sentar e devorar o café da manhã de ovos e cereal quente que Wen lhe servira.

— Posso ir pra casa do meu amigo Tian depois da aula hoje? — perguntou o rapaz.

— Não vou ter como te buscar — respondeu ela.

— Eu posso ir andando pro apartamento do tio Anden e aí ele me traz mais tarde.

— É quanto tempo de caminhada? Onde é que o Tian mora?

— Nas Comunidades. — Quando Wen o encarou com um olhar sério, o jovem de 12 anos deu um grunhido dramático. — Mãe, o apartamento dele fica a

dois quarteirões da Cidade Velha.

— Ainda assim é território dos Montanha.

— Não estamos em guerra com eles — reclamou Ru.

— Estamos sempre em guerra com eles, até mesmo quando você não vê.

— Mãe! — Quando irritado, Ru ficava com o rosto vermelho e ainda mais parecido com Hilo. — Ninguém mais da minha turma tem pais que fazem esse estardalhaço todo por causa de dois quarteirões de um distrito "inimigo".

— Ninguém mais da sua turma é um Kaul. — A própria Wen estava começando a sair do sério. — A questão não é só os Montanha. Tem mais um monte de gente ruim por aí.

— Nas *Comunidades*? — exclamou Ru. — Desse jeito parece até que eu vou sair andando de noite pro Cabeça de Cão!

— Ainda assim nossos Punhos e Dedos não estarão por perto, e você não vai poder entrar numa loja achando que vai encontrar um Lanterna do Desponta pra te ajudar caso precise.

Hilo entrou pela porta do pátio. Ru logo se virou para ele.

— Pai, posso ir no Tian hoje depois da aula? É só dois quarteirões pra dentro das Comunidades e a mãe já tá toda paranoica. Por favor, Pai!

Hilo olhou do filho para a esposa. Ela suspirou e deu de ombros, resignada.

— Leva a faca talon — respondeu Hilo. — E liga pro apartamento do seu tio antes de sair, fala pra ele a hora que você vai chegar.

— Vou ligar, prometo — exclamou Ru, já todo feliz.

Pegou a mochila da escola, se abaixou para acariciar a cabeça de Koko e então saiu correndo porta afora rumo à entrada da propriedade, onde Shae ou Woon o pegariam e dariam uma carona até a escola, que ficava a caminho do escritório. Koko saiu correndo atrás de seu dono, abandando o rabinho e choramingando por ser deixado para trás. Wen não era particularmente muito chegada à criatura, mas havia sido um presente de Hilo para o filho quando o garoto fizera 10 anos, no dia em que começaria a treinar na Academia Kaul Du, caso não tivesse nascido pedrolho.

Hilo se sentou à mesa.

— Ele precisa ter um pouco de liberdade pra não se sentir incapaz.

— Eu sei — disse Wen. — Mas a gente não conhece os amigos dele ou suas famílias tão bem assim.

Os colegas de turma de Niko e Jaya eram de famílias do Desponta; assim era mais fácil, já que Wen só pegava o telefone e conversava com os responsáveis. Ru frequentava uma das melhores escolas da cidade, mas não era a Academia. O

pai de Tian era engenheiro civil e a mãe era dona de casa; não eram filiados a nenhum clã. Pareciam boa gente e, nas poucas interações que tiveram com Wen, foram simpáticos, mas não era a mesma coisa.

Às vezes, quando sentia saudades de Niko e Jaya, Wen ficava agradecida por um de seus filhos ainda morar em casa, mas, em outros momentos, a presença do garoto era um lembrete diário de sua própria vivência quando criança, de ser uma forasteira mesmo na própria família.

Como se estivesse pressentindo a preocupação da esposa, Hilo falou:

— Ru não vai passar pelo mesmo que você passou. As pessoas não são mais tão supersticiosas quanto costumavam ser e, além do mais, nosso filho tem você como exemplo. — Ele não tirava os olhos da esposa enquanto cortava cebolinhas numa cumbuca de mingau quente. — Por que tá toda arrumada hoje?

— Vou pra um almoço beneficente — respondeu Wen. — Em apoio à Fundação de Parques & Natureza de Kekon.

Um vinco cético se formou na testa de Hilo.

— Pra que ir nesse evento? Umas semanas atrás você não foi num negócio parecido?

— Aquele foi o Conselho de Pequenos Negócios de Janloon. — Ela abriu uma agenda preta. — Ir a todos esses eventos seria um desperdício do tempo do Pilar. Mas alguém do Desponta deveria marcar presença. Alguém que possa falar pelo clã.

— A gente podia mandar o Woon.

Wen arqueou uma sobrancelha para o marido.

— O Woon pode até ser a melhor pessoa do clã pra coletivas de imprensa, mas você consegue imaginar ele tendo uma conversa fiada num baile de gala das artes? — A Encarregada do Pilar sorriu e meneou a cabeça. — Não podemos deixar passar essas oportunidades de mostrar que o Desponta apoia o povo comum, e não apenas os guerreiros de jade. Ainda mais agora que os extremistas ficam idealizando costumes estrangeiros e fazendo lavagem cerebral nas pessoas pra convencê-las de que Kekon poderia se livrar dos clãs de uma vez por todas.

Hilo deu um sorriso de canto de boca para a esposa.

— Vou falar pro Juen que nossa nova arma contra os anti-clã vai ser festas de jardim.

— Fala sério. Isso aqui é importante.

Ele terminou o café da manhã, pegou as cumbucas vazias da mesa para colocá-las na pia e ligou a água para enxaguá-las. Kyanla estava parcialmente aposentada agora, mas viria mais tarde para dar uma organizada na casa e

preparar o jantar. Wen podia ver que Hilo, de cenho franzido enquanto secava as mãos numa tolha, estava pensando no que ela falara.

— Você provavelmente tem razão de que vale a pena ir nesses eventos e manter as boas aparências, mas ainda não entendo por que tem que ser você. Isso não é trabalho da Encarregada do Pilar.

Wen se levantou e, por trás do marido, envolveu sua cintura com os braços.

— O trabalho da Encarregada do Pilar é qualquer coisa que o Pilar disser que é — argumentou ela com um afinco delicado. — E além do mais, eu não sou só a Encarregada do Pilar, sou sua esposa. Deixa eu me arrumar, conhecer gente e aproveitar a minha posição um pouquinho. Pode até ser útil pra gente. Você não acabou de dizer que as pessoas precisam de um pouco de liberdade pra não se sentirem incapazes?

Hilo suspirou, se virou, colocou os braços ao redor dela e levou os lábios até sua testa. Wen sabia que, mesmo depois de tê-la nomeado como Encarregada, ele ainda sofria com o instinto de protegê-la. Queria confiar na esposa tanto quanto já havia confiado, mas às vezes vinha com perguntas afiadas e desconfiança. Wen se esforçava ao máximo para não criar rancor em relação ao marido, e para conscientemente largar mão do hábito enraizado de omitir informações a respeito de atitudes que poderiam desagradá-lo. Não seria capaz de reconquistar a confiança numa talagada só; uma confiança que se derramara de forma tão dramática seria preenchida de novo apenas uma gota por vez.

Wen apoiou a agenda aberta no peito do marido. Tinha deixado de se envolver em segredo nos assuntos do clã para encará-los diariamente como um conjunto complexo e mutável de compromissos e afazeres etiquetados por cor.

— Não esquece que a sua reunião com o General Ronu foi transferida pra hoje à tarde. É pra revisar o relatório que ele vai entregar ao Conselho Real semana que vem. Sua irmã ligou hoje de manhã e falou que não tá se sentindo bem, então, se ela não conseguir ir, o Woon vai substituí-la.

Hilo arqueou a sobrancelha.

— De novo? É a terceira reunião que ela perde este mês. Não faz muito o estilo da minha irmã me deixar sozinho nesses compromissos. A Shae sempre acha que vai aparecer algum fato aleatório que ela entende melhor do que eu.

Wen se esforçou muito para não sorrir.

— Quem sabe você deveria perguntar pra sua irmã o motivo de ela andar tão mal ultimamente, sendo que ninguém mais da família ficou doente nos últimos tempos.

— Acho que deveria mesmo — disse Hilo, tão alheio que Wen precisou se

virar e tapar a boca com uma mão para abafar a risada. Ele semicerrou os olhos enquanto foi se dando conta aos poucos. — Puta que pariu. — Quando ela sorriu e deu de ombros como se não soubesse nada, Hilo caiu na risada. — Que coisa boa pra eles. Achei que não era muito a cara da Shae, mas é bem do tipinho dela esperar demais e depois acabar mudando de ideia.

— Eu não te contei nada — declarou Wen. — Seja gentil com a sua irmã e deixa ela falar pra todo mundo quando estiver pronta. — Abaixou o dedo para a anotação seguinte. — O embaixador da Espênia ligou de novo pra falar da destruição do navio de mineração da Anorco. Mandei entrar em contato com o Woon Papi.

Hilo bufou e então tirou a agenda das mãos da esposa.

— Que bom. O Woon pode ignorá-lo em nome do clã, é o trabalho dele como Carimbeiro. — Colocou o caderno sobre a bancada da cozinha. — Lembra antigamente quando você ficava deitada toda peladinha de manhã tentando me convencer a deixar os assuntos do clã pra lá? Agora é só disso que você quer falar.

Wen inclinou o queixo enquanto encarava o marido com um olhar manhoso.

— Você iria preferir que eu negligenciasse meus deveres como Encarregada?

Hilo a segurou pelos ombros e a virou de costas para ele. Seus lábios se aproximaram da orelha dela por trás, o que esquentou a pele de seu pescoço.

— Tem outras formas de ajudar o Pilar a se preparar para o dia. — Deslizou uma mão pela frente do vestido de Wen e apertou-lhe o seio esquerdo. — Agora, segundo o seu caderninho, tenho meia hora livre. E você tá tão bonita hoje, arrumada só pros outros e não pra mim.

Wen se segurou na mesa da cozinha e se abaixou. Hilo levantou o vestido por cima dos quadris dela e abaixou sua calcinha. Abriu as pernas da esposa com os joelhos antes de sumir de vista atrás dela, que sentiu o marido agarrar a parte interna de suas coxas e deixá-la bem aberta. E então o calor molhado da boca dele. Wen estremeceu e ficou na ponta dos pés, ao que levantou uma perna para acomodá-lo melhor quando Hilo se levantou, abriu a braguilha das calças e meteu fundo com um único movimento suave. Ela sorria enquanto se movimentava de acordo com o ritmo dele. Não eram mais jovens, mas Hilo continuava sendo impulsivo por natureza, e era inegável que havia vantagens em ter a casa vazia com mais frequência ultimamente.



Uma hora mais tarde, com o vestido de volta ao lugar e a parte interna das coxas

limpa, Wen conferiu a maquiagem num espelho de mão. O motorista abriu a porta do carro, ela saiu de seu Lumezza 6c conversível e foi andando até a entrada da Escola do Templo Wie Lon.

Pensou na hipocrisia de se preocupar com o filho ir visitar um amigo que morava dois quarteirões adentro de um distrito controlado pelos Montanha enquanto ela ia direto para o coração de um território inimigo. Wie Lon era a escola marcial mais antiga do país, o colégio de elite dos Montanha, a alma mater de Ayt Madashi e de praticamente todos os Ossos Verdes do alto escalão daquele clã. O espaçoso e imponente salão principal de treinamento costumava ser alugado para grandes eventos particulares, como era o caso deste. Wen observou os arredores com curiosidade. Ao contrário da Academia Kaul Dushuron, que ficava dentro de Janloon, a Wie Lon se encontrava 45 minutos a oeste da cidade e tinha ares de um isolado acampamento na floresta. Um lugar adequado para deixar benfeitores no clima de apoiar a conversa sobre o meio ambiente.

Os guarda-costas pessoais a flanqueavam de perto enquanto Wen se aproximava da entrada do salão. Hilo não permitia mais que saísse da propriedade Kaul sem proteção. Ela não se opunha. Dudo e Tako eram antigos Punhos, homens bons, educados e muito discretos a menos que um envolvimento direto fosse necessário. Wen passara a achar a presença dos seguranças reconfortante, um lembrete de que nunca estava desamparada, de que tinha o peso do marido e do clã que ele governava como apoio. Não sabia ao certo se haveria tido a confiança de voltar à vida pública de outra forma. E os dois eram úteis de outras maneiras. Quando alcançou a escada na entrada do salão, Dudo lhe entregou a bengala, que ela usou para se equilibrar enquanto percorria a meia dúzia de degraus curtos que levavam à porta. Se esforçava ao máximo para que não fosse vista mancando, mas cair seria ainda mais doloroso e humilhante. Quando chegou ao último degrau, devolveu a muleta para Dudo, levantou a cabeça para invocar sua confiança de volta e entrou.

De janelas altas, a luz suave e natural do sol banhava o espaço. O chão de madeira onde alunos Ossos Verdes treinavam estava repleto de mesas redondas recobertas por toalhas verdes e decoradas com jardins de seixos em miniatura. Wen seguiu rumo à mesa principal à frente do salão, e foi parando aqui e ali para cumprimentar pessoas — Lanternas proeminentes do Desponta, o âncora jornalístico de longa data da ENK, Toh Kita, alguns membros efetivos do Conselho Real. Não tinha mais a memória quase perfeita com que outrora podia contar. Precisava montar listas com nomes e usar truques de memória para

ajudá-la a relembrar antes de momentos como este.

Quando chegou na mesa principal, foi cumprimentada pelo presidente da Fundação de Parques & Natureza de Kekon.

— Sra. Kaul — disse ele —, é uma honra a sua boa vontade de vir e falar algumas palavrinhas em nome do clã. Sei que ouvir que o Desponta apoia a preservação de nossos espaços naturais fará uma grande diferença para os doadores.

Wen duvidava que Hilo tivesse dado muita atenção à questão, isso se tivesse sequer pensado a respeito, mas garantiu ao presidente que o prazer era dela em estar ali e transmitir as opiniões do marido. Ela se sentou enquanto os dois últimos convidados chegavam. Wen reconheceu o sujeito de meia-idade na hora. Koben Yiro, um dos mais notáveis e francos Ossos Verdes do Clã da Montanha, líder da numerosa família Koben e tio de Ayt Ato. A mulher corpulenta com permanente no cabelo deve ser sua esposa.

— Sra. Kaul — exclamou Koben Tin Bett com um sorriso largo enquanto se sentava ao lado de Wen. Ela pendurou a bolsa enorme sobre o encosto da cadeira. — Que alegria ver você aqui. E tão mais saudável do que pensei que você estaria. — Ela puxou a mão do marido. — Senta, Yiro-se, já vão servir a comida.

Koben Yiro desabotoou o paletó, se acomodou ao lado da esposa e inclinou a cabeça na direção de Wen com um sorriso amigável, mas um tanto condescendente.

— Sra. Kaul.

Wen ainda não tinha conhecido os Koben pessoalmente, mas já ouvira a distinta voz de Yiro na rádio muito mais do que desejava, falando de assuntos políticos e do clã, normalmente de forma extremamente viesada para os Montanha e cheio de críticas contundentes ao Desponta. Ayt Mada parecia superdisposta a deixar Koben ter o próprio holofote. Era uma oradora elegante e uma temida líder Osso Verde, mas Koben Yiro não tinha papas na língua, era alguém que parecia acessível ao cidadão médio kekonésio, e acabava se passando por aquele tio cheio de opiniões, mas bem-intencionado, que todo mundo tem.

— Koben-jen — disse Wen, com um sorriso educado. — Sra. Koben.

— Pode me chamar de Bett — respondeu a mulher. Com uns tapinhas na mão de Wen, continuou: — A gente que é esposa não precisa ficar se aparecendo uma pra outra.

Um fotógrafo do *Diário de Janloon* pediu para fazer um registro da mesa

principal, com Wen e os Koben em primeiro plano. Ela sorriu para a câmera. Já podia até imaginar a manchete na coluna social: *Montanha e Desponta se Enfrentam em Almoço em Apoio à Conservação do Meio Ambiente.*

— Você veio sozinha? — perguntou a Sra. Koben, com as sobrancelhas feitas arqueadas de admiração e um tanto preocupadas. — Que corajosa você. Mas claro, até parece que alguém fosse chegar a ser tão baixo a ponto de puxar o lóbulo da orelha num evento classudo como esse. — A senhora tirou um lenço higienizador da bolsa para limpar os dedos antes da refeição, e então colocou óculos de leitura para analisar o cronograma do evento enquanto continuava a falar com Wen. — Claro, eu entendo essa vontade de se afastar para aproveitar um pouco agora que você já fez a sua parte pelo clã e seus filhos estão um pouquinho mais velhos. Ouvi falar que o seu sobrinho (é Niko, né?) está indo muito bem na Academia. E também tem uma filha normal estudando lá agora, não tem?

— Sra. Koben, fico até envergonhada de admitir que a senhora sabe mais da minha família do que eu sei da sua. — Wen deu seu sorriso mais querido para a mulher. — Tirando o seu sobrinho, é claro, mesmo que ele não tenha mais Koben no sobrenome. Mudar o nome do menino pra Ayt Ato foi um jeito bem esperto de elevá-lo.

— Meu sobrinho tem 21 anos e é um Punho, então eu nem diria mais que é um menino — relembrou a Sra. Koben.

— Já está com 21? Pensei que fosse mais novo. Talvez seja porque ouvi falar que ele teve o primeiro duelo no começo do ano. Meu marido e meus irmãos eram adolescentes quando começaram a conquistar a própria jade, então admito que minha referência é outra. — Wen deu de ombros e desdobrou o guardanapo. Quando ficava especialmente nervosa ou estressada, aumentavam as chances de que começasse a gaguejar ou a perder a habilidade de encontrar as palavras, mas já tinha passado por muita coisa na vida para se deixar intimidar por alguém como a Sra. Koben.

— A verdejância tem muitas facetas, é claro — disse a Sra. Koben num tom maternal de repreensão. — Uma mulher sem jade não teria como falar dessas coisas.

— A senhora deixe de tanta humildade — insistiu Wen. — Os homens precisam da ajuda das esposas. Você é claramente uma esposa e uma tia bem envolvida e merece tanto crédito quanto o seu marido pela reputação da família Koben.

Os olhos da mulher tremelicaram e ela assumiu o semblante de um animal ao

descobrir que mordeu uma comida com espinha. Felizmente, naquele momento, a refeição chegou, e Koben Bett aproveitou a oportunidade para se virar de volta para o marido.

Mulheres sem jade… nossas armas são tão poucas, pensou Wen, com uma autossatisfação vil. *Duelamos umas contra as outras com sorrisos e palavras da mesma forma que nossos homens duelam com facas.*

Ela tentou aproveitar a refeição, mas não conseguiu comer muito. Ficava pensando no discurso que logo precisaria dar e imaginando a si mesma gaguejando e passando vergonha na frente de todos, incluindo os esnobes Koben. Se virou para o convidado sentado de seu outro lado e ficou surpresa ao ver um abukiano. O sujeito se apresentou como Ren Jirhuya, um nome abukiano e um sobrenome kekonésio. Era jovem, bonito e Wen deduziu que tinha trinta e poucos anos.

— Qual a sua ligação com a Fundação de Parques & Natureza, Sr. Ren? — perguntou ela.

— Fui nomeado embaixador cultural pela tribo Yinao. — O homem hesitou, e então acrescentou: — E sou artista. Fiz todas as artes pra campanha de arrecadação de fundos e a animação do curta que vão passar depois do almoço também. E, por favor, me chama de Jirhuya. Fico mais confortável assim.

Wen admirou a arte nos pôsteres e cronogramas; a designer dentro dela apreciando o equilíbrio das cores e o expressivo estilo moderno aplicado a temáticas e temas indígenas.

— Você faz bastante desse tipo de trabalho?

— Tudo o que eu puder — admitiu ele. — Meu trabalho é mais voltado à indústria cinematográfica.

Fascinada, Wen percebeu que Jirhuya tinha um modesto anel com uma joia verde no indicador direito. Em Kekon, usar jade falsa era considerado cafona e coisa de pobre, um estilo associado a gângsters keko-shotarianos. Não tinha como Jirhuya ser barukâne, e não havia mais nada a seu respeito que parecia fajuto ou desleixado. O terno azul-claro de linho estava perfeitamente engomado e caía como uma luva em sua silhueta esguia, um ponto de cor em meio às indistinguíveis roupas escuras dos outros homens. Seu cabelo crespo era curto e bem-arrumado, e sua fala não tinha nem um pouco da cadência enrolada do sotaque indígena.

— Não tive como não prestar atenção no seu anel — disse Wen. — Significa alguma coisa?

Ren ficou um pouco corado.

— É uma tradição abukiana. Adultos usam um anel no dedão se forem casados ou compromissados com alguém, no indicador se estiverem solteiros e abertos a um relacionamento, e no mindinho caso não estejam à procura de ninguém.

Foi a vez de Wen ficar constrangida. Tinha aprendido esse fato em algum momento, talvez com Kyanla, que usava um anel prateado ao redor do mindinho, mas havia se esquecido. O que lhe despertara a curiosidade fora a composição do anel, e não sua posição.

— Séculos atrás, anéis como este costumavam ser feitos de jade por causa de sua conexão sagrada ao corpo da Primeira Mãe deusa, Nimuma. Isso acabou há muito tempo, por motivos óbvios — contou Jirhuya. Qualquer um que usasse jade e não fosse capaz de usar as habilidades seria um alvo fácil demais para ladrões. Certamente, nenhum abukiano ou pedrolho usaria a menos que desejassem brincar com o perigo ou serem acusados de contrabando. Jirhuya virou o anel no dedo. — Usar um anel verde é uma piscadela para um antigo costume e, agora que existe uma demanda internacional, é mais fácil arranjar jade falsa.

Garçons recolheram os pratos, um curta foi exibido, e o presidente da fundação se levantou para agradecer a todos os convidados e exortá-los pelo apoio financeiro e político aos esforços de preservação ambiental. Agradeceu especificamente aos clãs Ossos Verdes do país e convidou Wen para dar uma palavrinha.

Ela se levantou e caminhou até o pódio, tentando fazer o trajeto gradual parecer deliberado e não fisicamente cauteloso. Suas mãos suavam. Quando chegou ao microfone, tirou um instante para olhar os rostos atentos ali reunidos. Então começou a falar, tão devagar quanto havia praticado, fingindo que estava contando um causo de família para amigos e não fazendo um discurso para desconhecidos, para que as palavras saíssem com clareza e naturalidade, sem gaguejos e deslizes.

Começou com uma divertida anedota a respeito da vez em que Hilo a levou para um passeio nas montanhas muito antes anos e os dois acabaram desesperadamente perdidos. Na época, ele era o Chifre do Desponta e conhecia a cidade de Janloon como um cão de guarda conhece cada pedra e folha de grama de seu quintal, mas tinha um senso de direção menos poderoso no mato. O público riu ao pensar no temido Kaul Hiloshudon penando teimosamente pela floresta e seguindo pela direção errada. Wen saboreou um caloroso rompante de triunfo. Imaginou que Hilo não iria gostar de vê-la recontando um evento

constrangedor num banquete para membros proeminentes da sociedade de Janloon, mas ele não estava aqui para se irritar. Sozinha, estava na excepcional posição de compartilhar um lado humano da família com o qual outras pessoas pudessem se identificar, de mostrar que os Kaul eram poderosos, mas ainda assim humanos.

— Conforme a economia do nosso país cresce, nossas cidades se expandem e nossas fábricas se multiplicam, precisamos contrabalancear nossa motivação rumo à prosperidade com prudência. Muita gente diria que o recurso natural mais valioso de Kekon é a jade. E ainda assim, jade é algo que apenas um seleto grupo de pessoas pode usar, enquanto a beleza natural de nossa ilha pertence a todos nós, independentemente de riqueza, clã, sangue ou habilidades. Então cabe a nós protegê-la com a mesma bravura com que protegemos nossas famílias e valores.

Wen voltou à mesa em meio a uma longa salva de palmas, satisfeita e aliviada por ter conseguido.

Jirhuya se inclinou para ela.

— Foi um belo discurso, Sra. Kaul. A senhora estaria disposta a falar na Sociedade Beneficente pela Não Reatividade de Jade? Sou voluntário lá e conheço os membros do conselho. Ter alguém tão proeminente do Desponta para falar abertamente a respeito de sua vivência como pedrolha seria um grande passo para desestigmatizar a não reatividade. A senhora pensaria a respeito?

— Seria um prazer, caso minha agenda colabore — respondeu Wen.

Antes que pudessem continuar a conversa, o presidente da fundação retornou ao pódio e convidou Koben Yiro para dizer algumas palavras em nome do Clã da Montanha. O sujeito se levantou, abotoou o paletó ao longo do peito largo e caminhou até o microfone. O público se calou e se inclinou adiante.

— Por boa parte de sua história, Kekon foi uma civilização que vivia em harmonia com seus arredores — começou Koben, num timbre dramático e estrondoso. — Não há exemplo melhor disso do que a grandiosa Escola do Templo Wie Lon, onde hoje nos reunimos. Infelizmente, assim como muitos outros elementos vitais da cultura kekonísia, esses valores estão sendo atacados.

Koben falou a respeito da duradoura degradação ambiental de Kekon causada por décadas de gananciosos interesses coloniais: desmatamento causado pela mineração de jade para satisfazer contratos de exportação com a República da Espênia, poluição causada por empresas estrangeiras, e a perda de cinco quilômetros quadrados de habitat na Ilha Euman como resultado da expansão da base naval da RDE.

— Enquanto falo aqui com vocês — exclamou Koben, com um dedo em riste enquanto sua voz ressoante vibrava de paixão — uma empresa espênica está dragando nossa região costeira em busca de jade. Patriotas valentes destruíram o primeiro navio de mineração, mas a ganância espênica não tem fim, e outra embarcação foi enviada para roubar jade do oceano… e, no processo, arruinar regiões tradicionais de pesca indígena e destruir habitats naturais insubstituíveis.

"Não conseguiremos resolver os danos ecológicos enquanto não abordarmos o principal culpado: *os estrangeiros* — proclamou Koben. — É chegada a hora de darmos às costas à lógica destrutiva que estamos seguindo há décadas, de parar de abaixarmos a cabeça para corporações estrangeiras, de gastar recursos preciosos com refugiados e de deixar a jade sair de nosso litoral."

Algumas pessoas bateram na mesa num aplauso educado; outros pisotearam o chão e gritaram, concordando veementemente. Koben, empolgado pela reação, meneou o punho no ar e encerrou com convicção:

— Juntos, devemos arrancar todas as formas de exploração estrangeira pela raiz! Só assim poderemos proteger a bela ilha que chamamos de lar.

Wen sentiu um calorão lhe subindo pelo pescoço. Para seu pavor, suas mãos começaram a tremer. Ela soltou a xícara que estava segurando antes que alguém percebesse. Tinha dedicado tanto tempo e energia para se preparar meticulosamente para esta noite. Buscara causar uma boa impressão, representar a família de forma inspiradora, fazer com que os outros se identificassem com suas palavras.

Fora uma tola. Koben Yiro dera uma estimulante diatribe política, um discurso que reforçava a mensagem de que o Montanha era o clã mais dedicado a preservar os recursos e as tradições do país. E de uma forma que nem Ayt Mada seria capaz, cimentando ainda mais a popularidade da família Koben.

Koben Yiro se retirou do pódio em meio a aplausos retumbantes. Diversos membros do Montanha se levantarem para saudá-lo. Fotógrafos da imprensa tiraram fotos.

— Meu marido é tão bobo — disse Koben Bett, se inclinando para Wen como quem quer contar um segredo. — Ele estava preocupado que o discurso tivesse um tom pesado demais para esse público. Felizmente, eu *insisti* para que não desistisse da ideia. Bom, agora ele vai ser obrigado a admitir que me dar ouvidos foi a coisa certa. — Ela se recostou de volta no assento e bebericou o chá com um sorriso placidamente feroz. — Você até que tinha razão, Sra. Kaul. Os homens vivem precisando da nossa ajuda mesmo. É uma pena que nossos Pilares não estejam aqui para ver o que fazemos por nossos clãs.




CAPÍTULO 20

Progresso

Desde a época em que havia sido o Chifre do clã, Hilo sediava treinamentos informais cedo de manhã às segundias e quindias para seus principais Punhos na propriedade Kaul. Fazia isso para garantir que seus guerreiros de mais alto escalão mantivessem a destreza marcial, e também porque precisava de parceiros de treinamento que estivessem à sua altura. Quando era obrigado a perder algum treino por causa de compromissos como Pilar, eram Juen ou Lott que comandavam as sessões. Ser convidado para treinar na casa do Pilar havia se tornado uma marca considerável de status no lado mais verdejante do Desponta.

Fazia três anos que começara a convidar Jim Sunto para participar também, o que causara certo estranhamento entre os Punhos, mas Hilo se interessara por Sunto desde a primeira vez em que o vira na academia Sétima Ordenação. A ideia de competir contra um guerreiro de elite dotado de jade treinado pelo sistema espênico e ver o que poderia aprender era algo que o intrigava.

Naquela manhã, os dois se encararam como haviam feito sete anos antes, só que, dessa vez, Hilo segurava uma arma, e Sunto, uma faca. Ambos estavam propositalmente treinando as competências em que levavam menos jeito. A duradoura reputação de Kaul Hilo como guerreiro de faca era inigualável, e Jim Sunto tinha uma extensa habilidade com armas de fogo.

O sol mal havia nascido, e Ossos Verdes sopravam nas mãos em concha para aquecê-las. O Pilar estava no meio do gramado com os braços relaxados ao lado do corpo, e o canto de sua boca se erguia levemente num sorrisinho antecipatório. Sunto o circundou casualmente, e então se moveu no meio-tempo entre um piscar de olhos e outro.

Um Osso Verde habilidoso é capaz de atravessar dez metros em menos segundos do que um atirador levaria para mirar com uma pistola. Hilo usara este fato como uma vantagem letal diversas vezes na vida. Qualquer um que tentasse sacar uma arma para um Osso Verde com uma faca talon, em especial nos espaços estreitos das ruas de Janloon, provavelmente sucumbiria à faca antes de dar um tiro sequer.

Hilo precisava fazer o oposto do que normalmente fazia: criar distância, não a reduzir. Sunto avançara na diagonal, então, em vez de escapar para trás ou para o lado, coisa que não seria possível a tempo, Hilo sacou a arma enquanto se jogava de costas no chão. Atirou para cima.

Sunto foi atingido na barriga. Era apenas uma bala de chumbinho sem força suficiente para romper o Aço, mas que dava conta de arder. Hilo rolou para longe na grama e, agachado, atirou de novo. Agora havia aberto espaço demais, e o oponente Defletiu os chumbinhos com facilidade. Para se aproximar, no entanto, Sunto precisava atravessar a zona de perigo onde ficava perto demais para Defletir de maneira efetiva, mas ainda longe demais para alcançar o alvo com a faca. Hilo atirou no peito do soldado, que mal titubeou. A faca talon reluziu rumo ao rosto de Hilo.

O Pilar agarrou o punho de Sunto e freou a lâmina cega a poucos centímetros de sua garganta. Deu um sorrisinho.

— Você poderia facilmente ter me matado se não tivesse sido tão fácil ver a faca chegando. Desvia a minha atenção com a sua outra mão, e aí muda a pegada e corta por aqui. — Pegou a faca de Sunto e encenou uma demonstração rápida. O pequeno bando de espectadores Ossos Verdes assentiu.

Sunto grunhiu numa apreciação relutante.

— Mas ainda não acertou três tiros — disse ele, esfregando o hematoma no peito. O objetivo era chegarem a três tiros ou a um corte letal. Nada de desarmar o oponente. Com guerreiros habilidosos, a competição era ver quem chegava lá primeiro. — Mesmo que você esteja preso aqui — Sunto segurou a arma perto do próprio torso, como se estivesse num embate corpo a corpo, e então se virou para que os outros Ossos Verdes conseguissem ver —, ainda dá para atirar se colocar nesse ângulo aqui, com o ferrolho longe do seu corpo. E aí vai o terceiro

tiro.

Hilo deu um tapa caloroso no ombro do sujeito. Sunto usava pouco verde para se igualar ao Pilar ou a qualquer um de seus Ossos Verdes de alto escalão numa disputa de habilidades de jade. Sua proficiência com Leveza e Deflação (as duas ordenações que exigiam a maior descarga de energia) ficavam abaixo da média. Tratavam-se de técnicas que não eram enfatizadas pelo exército espênico, já que rompiam a formação do pelotão e não serviam de muita coisa a longas distâncias contra armas automáticas. Mas Sunto era rápido, competente e prático, e conhecia certas técnicas que não eram ensinadas no currículo da Academia ou por quaisquer outros treinadores particulares que Hilo conhecia. Algumas eram um tanto inúteis para Ossos Verdes. O Pilar duvidava que seus Punhos precisassem saber usar Deflação para fazer uma varredura do solo para detonar à distância bombas que se ativam por pressão ou por mecanismo de fio. Outras eram mais valiosas. A pedido do Pilar, Sunto dera uma série de aulas para os Punhos do alto escalão, assim como para todos os Ossos Verdes da família Kaul, a respeito de como usar o Aço para se proteger contra um explosivo improvisado. Anos depois da tragédia, Hilo continuava assombrado pela morte de Kehn, pela subitaneidade e impersonalidade com que tudo aconteceu. Se os métodos de Sunto tivessem algo a oferecer que pudesse proteger sua família e outros membros do clã de bombas em carros, ele os estudaria.

Hilo entregou a arma para Lott enquanto Sunto deu a faca para Vin, para que os dois pudessem treinar. Viu os Punhos praticarem até todos terem uma chance de treinar. Ao observar os guerreiros de vinte e poucos anos como Suyo e Toyi, Hilo teve a certeza de que já não era mais jovem. Suas habilidades de jade estavam tão formidáveis quanto sempre. Sua força e vigor se equivalia às de guerreiros muito mais novos, e a experiência era uma vantagem poderosa que ele gostava de possuir. Mas uma vida inteira lutando tinha um preço. Desde que completara 40 anos, Hilo percebera coisas sutis: não era mais tão rápido, levava mais tempo para se recuperar de ferimentos leves, e outros, mais antigos, que não o haviam incomodado por anos, agora o faziam se lembrar de erros do passado.

O sol nascia sobre a cidade, afastando o frio do outono. Hilo encerrou o treino. Sunto se aproximou e perguntou:

— A gente pode conversar um minutinho?

Alguns Punhos ali perto olharam de esguelha para o sujeito por usar um tom tão direto e familiar com o Pilar, mas Hilo não se ofendeu. Era a entonação natural de Sunto. Na frente de seus próprios homens, no entanto, o Pilar obrigou

o soldado a ser paciente.

— Tenho algumas coisas pra discutir com o Chifre. É coisa rápida, e aí podemos conversar.

Depois de ter falado com Juen, e do resto dos Ossos Verses ter se dispersado para cuidar de suas próprias responsabilidades, Hilo se sentou com Sunto à mesa do pátio. Colocou os pés em cima de uma cadeira vazia.

— Como foi o relatório do General Ronu no Conselho Real?

— Tão bem que aumentaram o investimento no programa de treinamento — respondeu Sunto. — O chanceler nos elogiou pelo grande progresso que fizemos em sete anos.

Com a orientação de experts internacionais como Sunto e outros nomes, o exército kekonésio estabelecera o Comando Especial de Guerra para supervisionar todas as operações de forças especiais, principalmente a Companhia Aranha Dourada (o coorte cada vez maior de soldados equipados com jade, que tinham um treinamento especializado próprio e participavam de exercícios com os Anjos Navais da RDE). O exército kekonésio continuava minúsculo em comparação à maioria dos outros países, mas, agora que era visto como uma futura garantia contra possíveis ofensivas ygutanianas, os espênicos, apesar de outras desavenças entre os países, davam muito apoio a seu crescimento.

— Ouvi falar que os alistamentos aumentaram depois que os requisitos foram mudados — disse Hilo. — O Mestre Aido contou que recebeu dezenas de ligações de novos alunos. Até o Grão-mestre Le tá pensando em usar um dos campos da Academia pra um programa de treinamento de uma noite ou de final de semana caso consiga instrutores o bastante. — Ele acendeu um cigarro. — Tô impressionado, Sunto. Você realmente fez o povo querer entrar pro exército.

No passado, apenas recrutas formados numa escola marcial e que tivessem pelo menos um ano de experiência como Dedo de algum clã podiam se alistar com jade, mas Sunto, com sucesso, argumentara que isso era desnecessário e até mesmo contraproducente.

— Se nos limitarmos apenas a Dedos que deixam o clã, não vai ter gente nem pra encher uma sala a cada ano — apontara ele.

Tudo o que exigiam agora era um atestado médico afirmando que o indivíduo tinha tolerância suficiente à jade e proficiência básica nas seis ordenações de jade (mais ou menos o equivalente a quatro anos de estudo na Academia). Essa mudança abriu as portas para quem treinava em programas fora do horário escolar e com instrutores particulares.

A porta para o pátio deslizou e Sulima, a nova governanta, trouxe chá, docinhos e fruta fatiada para os dois. Sunto aceitou uma xícara de chá, mas não comeu.

— O General Ronu conseguiria ainda mais recrutas se a gente começasse a aceitar adultos sem treinamento prévio com jade.

Hilo respondeu com impaciência.

— Nem se dê ao trabalho de voltar com esse assunto.

— Os Anjos da RDE não começam a se acostumar com jade aos 10 anos. Com os métodos modernos que temos, isso não é mais necessário — argumentou Sunto, que, de teimoso, ignorava o aviso do Pilar. — O BL2 é mais seguro do que o BL1 era dez ou quinze anos atrás. Hoje os prejuízos de longo prazo à saúde são menores e o risco de overdose também. Ainda faz mal, mas a guerra também não faz bem pra ninguém.

— Eu já te falei — respondeu Hilo — que ninguém vai apoiar essa sua ideia de dopar soldados kekonésios. O brilho só é legalizado quando é medicamente necessário. — E mesmo quando *era* necessário, a desonra ainda era grande demais. Tinha sido para Lan, pensou Hilo com tristeza.

Sunto bufou, derrotado.

— O Ronu diz a mesma coisa. O estigma em relação ao BL1 é tão forte neste país que o exército kekonésio não se dispõe nem a levar dosagens voluntárias em consideração.

— Você tá tentando aumentar o prestígio das forças armadas, não tá? Nenhuma família vai querer que o filho se junte a um exército de viciados em brilho de sangue ralo.

Na mente de Hilo, a aura de jade de Sunto costumava ter uma tonalidade pálida. Não era fraca e nem tênue, mas pálida, como uma cor que não se destacava ou chamava a atenção. Agora, no entanto, o Pilar a sentiu se expandir e obscurecer.

— Viciados em brilho de sangue ralo — repetiu o homem. — Imagino que seja isso o que vocês Ossos Verdes pensam de todos os soldados espênicos. Caso você não tenha percebido, estamos por aí, protegendo a ilha, toda esta parte do mundo, e estamos usando jade pra fazer isso, arriscando nossas vidas e nossa saúde. Nem todo mundo nasce com a dádiva genética de ter tolerância à jade, mas é pra isso que a ciência serve. É pra isso que o progresso serve.

A indignação de Sunto não fazia sentido para Hilo. O sujeito não tinha sangue espênico, não usava brilho, e tinha saído dos Anjos Navais voluntariamente anos antes. Mas falava como se ainda fosse um soldado da

RDE, então Hilo o respondeu como tal:

— Pra gente, progresso não é virar vocês. Já deveria ter entendido isso a essa altura.

Sunto se recostou no assento.

— Eu sei — disse, agora sem discutir, mas claramente insatisfeito. — Não era assim que eu queria que acontecesse, mas isso ajuda a explicar minha decisão. Fiz tudo o que eu pude com o programa de treinamento. O General Ronu foi um bom parceiro e fizemos muitas melhoras juntos, mas chegou a hora de eu seguir em frente. Vou embora no fim do mês. O exército kekonésio tem um alicerce forte como ponto de partida, e o Ronu vai continuar fomentando o que já conseguimos fazer, mas com outra pessoa no comando.

Hilo estava acostumado às intrujices de Sunto, mas não ficou satisfeito ao ouvir o antigo Anjo Naval abandonando o emprego que o Desponta lhe dera de mão beijada, e não gostou da forma com que a notícia foi dada, como se fosse algo já decidido. Sunto não era um Osso Verde do clã, então não tinha obrigação nenhuma de procurar o Pilar para pedir permissão antes de tomar uma decisão, mas os dois também não eram desconhecidos um para o outro. O papel de Sunto no exército lhe rendera destaque e riqueza; ele havia treinado com Hilo e seus homens, fora convidado para a propriedade Kaul diversas vezes.

O Pilar deixou um instante de silêncio recriminatório se passar entre eles antes de responder:

— É uma decepção ouvir isso, tenente. Mas dá pra ver que você já se decidiu, então não vou tentar te fazer mudar de ideia. Você fez tudo o que torci pra que fizesse quando nos conhecemos, e te ver treinando com meus Punhos foi algo que me trouxe muita alegria. Então, vamos seguir nossos caminhos como amigos.

Se levantou e estendeu a mão para Sunto, que se levantou também e a apertou.

Caminharam juntos até os portões. Quando chegaram ao carro de Sunto, o sujeito parou antes de embarcar. Sem nem perceber, ele levou a mão até o pingente de ouro no formato do Monte Icana que usava ao redor do pescoço junto às plaquetas de identificação feitas de jade, e então abaixou o braço e se virou para encarar o Pilar.

— Tem outra coisa — disse. — Trabalhar com o exército kekonésio foi uma experiência de carreira valiosa, e aprendi muito treinando os Ossos Verdes do seu clã. Sou grato pelas oportunidades que você me deu. Te respeito como um líder, e é por isso que quero que você fique sabendo diretamente de mim e não

de qualquer outra pessoa mais tarde.

A aura de jade de Sunto se remexeu, assim como seus pés.

— Vou abrir minha própria empresa. Que vai oferecer treinamento, serviços de segurança e apoio de combate para governos e organizações. Já faz um tempo que venho falando disso com alguns amigos que eram Anjos e vão entrar como sócios meus.

Quando a resposta inicial do Pilar para o anúncio foi um silêncio imóvel, Sunto explicou:

— É o melhor jeito de combinar todas as minhas experiências que adquiri como Anjo Naval, instrutor de SCBJ, no treinamento adicional que assumi em Janloon e no trabalho que fiz reconstruindo o exército kekonésio. Com todos os conflitos em que o exército da RDE se mete ao redor do mundo, há uma distinta e urgente necessidade de terceirizar certos serviços. Minha empresa vai ser a primeira com uma profunda experiência militar e equipe com a capacidade de usar jade bioenergética.

— Uma empresa de soldados de jade — disse Hilo. — Mercenários.

Sunto franziu o cenho, mas não arredou o pé frente ao olhar cada vez mais perigoso no semblante do Pilar.

— Não concordo com esse termo. Não seria nenhum bando de capangas. Quero criar uma organização profissional, de alto padrão e que se atenha a ideais do Baluarte da Verdade.

— Ideais do Baluarte da Verdade. Ideais *estrangeiros*.

A postura de Hilo foi mudando subitamente; seus ombros foram para a frente, os dedos se curvaram e o queixo se inclinou para baixo.

— Não espero que o Pilar de um clã Osso Verde vá compreender ou aprovar.

— Pelo menos nisso você tem razão — vociferou Hilo. O fulgor da aura de jade do Pilar fez os guardas da propriedade olharem em sua direção, alarmados. — A jade pertence aos guerreiros que fizeram juramentos para seus clãs. Não a soldados corporativos.

Na defensiva, Sunto se eriçou. Sua postura se retesou subitamente.

— Nem todo mundo compartilha das suas atitudes antiquadas. Tenho contatos no Departamento de Guerra da RDE que me deram apoio. Além disso, o magnata Art Wyles assinou o contrato e será nosso primeiro grande investidor.

Os guardas se aproximaram, fitando Hilo interrogativamente, esperando uma ordem. O Pilar os fez parar com um olhar, mas ele em si deu um único passo na direção de Sunto.

— Eu te dei uma carreira de mão beijada. Treinei com você. Te tratei feito

um amigo. — Ele falava como se estivesse, aos poucos, desembainhando uma arma. — Pensa muito bem no que você vai fazer, Tenente Sunto.

Sem tirar os olhos de Hilo, Sunto deu um passo para trás e abriu a porta do carro.

— Meu medo era que você reagisse assim, mas não é nada pessoal, Kaul. Quando a gente se conheceu, eu falei que estava aqui pra cuidar das minhas coisas e fazer um dinheirinho. Isso não mudou. — Sunto olhou com firmeza para os guardas e para os portões fechados, ciente de que estava à mercê do Pilar, mas sem medo. — Pode ser difícil pra você aceitar, mas tem espaço no mundo pra mais de um tipo de guerreiro de jade. Não tô fundando um clã Osso Verde rival que quer ir atrás de você. A empresa vai ter sede na Espênia, com uma filial secundária na Ilha Euman, sob jurisdição do exército espênico, com jade fornecida pelo governo espênico. Você comande o seu clã de acordo com os seus princípios, e eu comando minha empresa com base nos meus. Não tem motivo pra virarmos inimigos.

— Você é ingênuo demais se acha isso. — Com um gesto mordaz, Hilo gesticulou para que os portões fossem abertos. Quando Sunto entrou no carro, o Pilar se aproximou, colocou as mãos ao redor da porta, se inclinou para perto e falou pela janela aberta: — Já era pra ser óbvio, mas vou dizer pra que não reste nenhuma dúvida entre nós: não meta sua empresa militar e seus mercenários estrangeiros aqui em Kekon. *Nunca*.

Sunto ligou o carro.

— O nome da empresa é Ganlu Soluções Internacionais — disse ele, calmo, mas com uma raiva rara que circundava por sua aura de jade feito tinta escura se espalhando pela água. — Vem de um príncipe de Kekon que deixou a ilha e foi esquecido pelo seu povo, mas que mudou o mundo.

— Sai daqui — exclamou Hilo. — Antes que eu te mate.

O Pilar se virou e voltou com passos firmes para casa, sem nem se dar ao trabalho de observar o carro de Sunto saindo pelos portões da propriedade Kaul.




CAPÍTULO 21

O Significado do Verde

décimo quarto ano, segundo mês

O médico de Shae havia lhe dito que voar não seria um problema, e ela estava confortavelmente acomodada na classe executiva; mesmo assim, o voo de onze horas e meia até Porto Massy, que já não era agradável no melhor dos cenários, era ainda pior agora que estava grávida. Mas não havia como evitar. Dali a alguns meses não teria como fazer essa viagem transamárica de forma alguma, e tinha assuntos a resolver até lá. Ela se mantinha hidratada e levantava a cada hora para ir ao banheiro e caminhar pelo avião para esticar as pernas. Graças aos deuses que pelo menos tinha passado do enjoo e da exaustão do primeiro trimestre. Sentia inveja de Hami Tumashon, que estava no assento ao seu lado. O Mandachuva do clã estava acostumado à viagem e parecia tranquilíssimo. Passou as duas primeiras horas trabalhando produtivamente, lendo correspondências e escrevendo memorandos. Depois, leu o *Tribuna de Porto Massy* com atenção antes de cair no sono pelo resto do voo.

Quando chegaram, Shae ficou maravilhada ao sentir o frio e ver montes de neve suja ao longo de cada rua. A luz branca do inverno fazia arder seus olhos enquanto ela e Hami saíam do aeroporto envoltos em casacos e cachecóis. Terun Bin, o Mestre da Sorte do clã na Espênia, encontrou-os pessoalmente com um

carro e um motorista. O sujeito fez uma saudação e exclamou:

— Kaul-jen, por que a senhora não trouxe um pouquinho do clima de Janloon com você?

Assim que embarcaram no veículo, Terun ligou o aquecedor no máximo e, quando o motorista entrou na pista de saída depois de cortar agressivamente taxistas que começaram a buzinar, o Agente retrucou pela janela num espênico que carregava a veemência casual de alguém nativo de Porto Massy. A personalidade empolgadíssima, mas difícil de Terun, parecia servi-lo bem na Espênia. Fazia oito anos que vinha habilmente escalonando os negócios do clã no país, mas decidira que, aos 35 anos de idade, era hora de começar a procurar uma esposa e talvez pensar em ter uma família. Então pedira para retornar para Kekon na primavera, e agora havia uma caçada em busca de seu substituto. Shae estava feliz com sua volta para Janloon, pois Terun tinha uma das mentes empreendedoras mais mordazes e inteligentes com que ela já trabalhara, o tipo de pessoa capaz de absorver uma quantidade impressionante de informações e de enxergar soluções antes mesmo que os outros tivessem terminado de fazer suas perguntas.

Terun se virou para trás e disse:

— Kaul-jen, fiz todos os preparativos que combinamos. A reunião será amanhã à tarde. Temos uma reserva para jantar em grupo hoje à noite num restaurante perto do seu hotel. Caso a senhora esteja disposta, sei que a equipe aqui de Porto Massy ficaria honrada em passar um tempo com a Homem do Tempo.

Ela teria preferido pedir serviço de quarto e ir cedo para a cama, mas aceitou o convite. Como Mandachuva, Hami frequentemente viajava entre as filiais, e administrava com maestria os esforços internacionais do Desponta entre Janloon, Porto Massy, o pequeno e secundário escritório espênico em Adamont Capita e agora Khitak, em Tun, mas ainda assim era importante que a própria Homem do Tempo aparecesse de vez em quando, para que os Agentes da Sorte (ou sócios, como eram conhecidos por aqui) vissem que seu trabalho era valorizado à nível pessoal pela família Kaul.

Shae foi até o hotel e, muito embora fosse mais de meia-noite em Janloon, ligou para Woon a fim de avisá-lo que havia chegado em segurança, pois sabia que o marido não dormiria sem receber notícias. Ele não queria que ela fizesse a viagem, mesmo que Hami fosse acompanhá-la e Anden tivesse dito que os riscos à saúde eram poucos. A primeira esposa de Woon, Kiya, sofrera diversos abortos, então Woon tinha medo de que algo desse errado. Por muitos anos, Shae

dependera do otimismo estoico e sensato de seu antigo Sombra. Era uma inversão de papéis muito esquisita que ele agora fosse um marido tão aflito. Foi apenas por Woon ser incapaz de abandonar seu antigo hábito de ser seu Chefe de Equipe que ela conseguiu convencê-lo a ficar em Janloon e cuidar das questões administrativas do clã durante sua ausência. Muito embora duas outras pessoas tivessem ocupado o cargo de Sombra da Homem do Tempo desde a morte de Luto, era em Woon que ela ainda confiava para tomar decisões importantes do clã em seu nome caso fosse necessário.

De vez em quando, Shae ainda acordava desnorteada ao lado do marido. Os dois haviam passado muitos anos como colegas antes de se casarem e, muito embora não trabalhassem presencialmente juntos todo dia, o histórico continuava causando momentos esquisitos de desgaste. Houve a vez em que Shae o envergonhara ao dizer “você sabe que pode me beijar sem pedir permissão quando não estamos no escritório, né?”. Mais de uma vez, ele a relembrara com raiva de que “você não pode terminar uma discussão assim. Dentro da nossa casa você não tem autoridade como Homem do Tempo”. Woon afirmava que não se surpreendia ou se incomodava com o fato de ninguém usar o nome de casada de Shae e continuarem a chamá-la de “Kaul-jen” como sempre haviam feito, mas entrar para a família Kaul sob circunstâncias escandalosas não deve ter sido fácil, mesmo para alguém tão indulgente quanto Woon Papidonwa.

— Tem uma clínica kekonísia licenciada a quatro quarteirões do escritório na Ilha Jons — relembrou ele pelo telefone. — Os dois médicos lá foram treinados em Janloon. Eu liguei pra garantir. Você tem o endereço e o número de lá?

— Tenho, Papi — assegurou Shae. — O Anden já me falou. Não se preocupa.

A gravidez vinha sendo exaustiva, mas sem complicações até então. Ainda assim, era reconfortante saber que poderia legalmente receber cuidados de um médico Osso Verde qualificado caso fosse necessário. Não esperara dar à luz aos 40 anos e, sendo bem sincera, continuava surpresa. Por mais que se importasse com a sobrinha e os sobrinhos, ela nunca se enxergara como alguém maternal. Não sabia ao certo se algum dia teria aceitado a ideia de ter um filho caso não fosse por Woon, que Shae nunca vira tão feliz quanto diante da perspectiva de se tornar pai.

— Quando o Terun voltar pra Janloon, você poderia tirar uma folguinha — disse ele.

— Depois a gente fala disso — sugeriu ela. — Como foi a reunião com o embaixador espênico? — Conseguiu distrair o marido com uma conversa sobre

trabalho, e então desligou para que ele pudesse ir deitar. Sentada à janela e olhando para o horizonte invernoso, esfregou a barriga gentilmente crescida, torcendo para sentir uma das singelas agitaçõezinhas que ela acreditava se tratar de movimentos do bebê. Às vezes, pensava em sua primeira gravidez, em quando abortara, e em Tau Maro, no quanto ele tinha amado as pequenas sobrinhas e nunca teria filho nenhum, nem com ela e nem com mais ninguém. Porque Shae o executara. Naqueles momentos, sentia um temor gélido e latente de que não merecesse esta criança, de que algo terrível iria acontecer, uma retaliação justa e fatal.

Uma vez, compartilhou os sentimentos apavorantes com a cunhada. Wen, que de supersticiosa não tinha nada, zombara:

— Irmã Shae, quando é que a vida foi como aquelas histórias em que os personagens recebem exatamente o que merecem, seja isso pro bem ou pro mal? Você não é acostumada a ficar com medo, mas toda mãe de primeira viagem é. O que você tá sentindo é mais do que natural.

Shae achou a firmação um tanto injusta. O medo não lhe era novidade alguma. Quem mais na família costumava orar aos deuses? As preces mais sinceras eram inspiradas pelo terror.

O jantar naquela noite foi num restaurante kekonésio conhecido como o mais autêntico de Porto Massy, tirando alguns populares pratos espênicos no cardápio, como porco defumado na torrada e salada de camarão frito. A comida era surpreendentemente boa, mil vezes melhor do que qualquer coisa que Shae havia comido quando fora aluna em Windton quinze anos antes, e ela ficou feliz de falar com tantos dos expatriados do clã e funcionários locais. Ainda assim, pediu licença mais cedo para garantir que dormisse pelo tempo necessário.

Mais para o fim da manhã seguinte, ela e Hami adentraram as instalações do clã em Porto Massy. O Escritório de Coordenação de Negócios de Kekon, como dizia a placa de latão gravada na porta e no quadro de informações de vidro preto no lobby do prédio, havia recentemente se expandido e ocupado todo o décimo segundo andar do gigantesco arranha-céu da Avenida Packer. O local era menor, mas quase tão bom quanto o prédio comercial na Rua Caravela, em Janloon, e certamente muito superiores às operações espênicas do clã quando Hami havia recém-chegado no país. Conforme entraram num movimentado andar administrativo repleto de ruídos de telefones tocando, teclados clicando e conversas acontecendo em kekonês e espênico, Shae viu a satisfação grosseira no rosto de Hami. O sucesso do Desponta do outro lado do oceano era seu legado pessoal no clã.

Sucesso este que continuava profunda e perturbadoramente vulnerável. Quando Rigly Hollin e os outros parceiros da agência de publicidade WBH Foco chegaram, Shae os encontrou na principal sala de conferências do escritório. Cumprimentou-os, apresentou Hami e Terun e, em espênico, disse:

— É um prazer finalmente conhecê-lo pessoalmente, Sr. Hollin. Meu primo, o Dr. Emery, me contou o quanto você e a sua firma foram eficazes na campanha pela legalização da jade bioenergética no setor da saúde. Os resultados de vocês falam por si só.

— Também não via a hora de me encontrar com a senhora, Sra. Kaul-jen — respondeu Hollin, impressionando-a ao usar o sufixo Osso Verde e levar as mãos entrelaçadas à testa na saudação kekonísia. Ela ficou surpresa, até se lembrar de que Hollin tinha uma esposa kekonísia. — A WBH Foco é uma empresa global, e estamos interessados em atender clientes internacionais.

Shae gesticulou para que os executivos do marketing se sentassem nas cadeiras ao redor da mesa. Hami e Terun, ambos acostumados com os costumes espênicos de negociação, se acomodaram ao lado dela.

A Homem do Tempo disse:

— Acredito que vocês tenham sido informados do motivo de nosso interesse em contratar a sua firma.

Assentindo vividamente, Hollin abriu sua maleta e começou a pegar documentos.

— Conseguir que a jade bioenergética fosse legalizada pra uso medicinal a levou pra boca do povo. Mas, como era de se esperar, não dá para vencer no ruquete a menos que a gente vá até o fim. — Apesar das vitórias garantidas por Anden, a Associação de Médicos Espênicos continuava se opondo à jade na medicina, e não havia movimento nenhum por uma revogação mais ampla da proibição civil. Hollin distribuiu gráficos e respostas de pesquisas separadas em tabelas. — Nossa pesquisa preliminar de mercado revela que, dentre o público geral, a jade bioenergética ainda é vista como perigosa e até mesmo antinatural e inVerdadeira, uma visão que reforça o preconceito não apenas contra os kekonésios, mas também afeta veteranos do exército que encontram dificuldade para se reintegrar na vida civil sem estigma.

Hollin dispôs várias páginas de fotografias sobre a mesa. As imagens exibiam um fosso aberto de mina com homens esqueléticos remexendo pilhas de pedras, prédios explodidos por bombas numa Oortoko devastada pela guerra e retratos de chefões do crime barukânes.

— Essas são as coisas que o povo associa à jade no momento. — Hollin

dispôs um segundo conjunto de imagens. — E se a gente pudesse substituí-las por essas ideias? — Shae viu os Anjos Navais da RDE hasteando uma bandeira espênica, um médico kekonésio com um bracelete médico de jade conversando com uma mãe e seu filho, e um grupo de crianças treinando na Academia. Como será que Hollin tinha conseguido uma foto de dentro da Academia? Mas então se deu conta de que era uma foto publicitária que a própria instituição usava para promover seu programa de intercâmbio para kekonésios de fora do país.

— Não são refrigerantes ou carros que estamos vendendo — disse Hami, com ceticismo. — Jade não é uma coisa que gente normal precisa, e eles não podem comprar pra si mesmos. Vai ser difícil mudar opiniões quando não estamos oferecendo nenhum benefício tangível.

— É por isso que esse desafio é tão empolgante — exclamou um dos parceiros de Hollin, um sujeito corpulento e cheio de sardas que fora apresentado como Bernett. — Uma prolongada e complexa campanha de marketing pra mudar uma difundida percepção pública de um produto que não pode ser comprado? Acho que algo assim nunca foi feito antes, por agência nenhuma.

O terceiro parceiro, um sujeito de pele escura chamado Walford, disse:

— Acreditamos que o caminho seja conectar a jade bioenergética com valores sociais positivos, principalmente os que os espênicos já admiram na cultura kekonísia, como a disciplina, o compromisso, a honra, a força e o ethos guerreiro de proteger os mais fracos. Se a jade fosse tão relevante pro nosso país quanto é pro seu, as pessoas seriam receptivas à ideia de aceitá-la.

Shae ficou surpresa com a aflição que sentiu ao ouvir as palavras do estrangeiro. Pegou a foto dos alunos adolescentes da Academia, que vestiam o uniforme de treino, prestando atenção enquanto um instrutor e um assistente demonstravam um exercício de Deflação.

— Jade faz parte de tudo na cultura kekonísia… nossos mitos, nossa história, nosso modo de vida — divagou ela em voz alta. Tocou a pulseira no punho. — Ser verdejante vai muito além das habilidades que alguém recebe.

Seria possível para alguém de fora entender isso?

Hollin pegou um canetão preto e começou a rabiscar na foto dos Anjos Navais hasteando a bandeira, circulando as palavras: guerreiro, honrável, verdejante, patriota.

— A jade bioenergética tem milhares de anos de história em Kekon. Esse não é o caso na Espênia. O que significa que temos a oportunidade de definir o que jade significa.

— Não somos a maior agência que vocês poderiam contratar — disse Walford —, mas, com a experiência e paixão do Rigly pela causa, podemos garantir que vamos nos comprometer cem por cento.

Uma das coisas que Shae apreciava nos espênicos era o quanto eram mercenários empolgados. Seduzidos pela possibilidade de um excepcional desafio profissional e um lucrativo contrato plurianual com um rico cliente internacional, parecia até que os três estrangeiros estavam dispostos a se prostarem e fazer juramentos ao Desponta. Só que, pensando bem, os Lanternas não se comportavam exatamente assim?

Shae agradeceu aos parceiros da WBH Foco por terem vindo. Falou que iria revisar os materiais adicionais que haviam deixado e que logo entraria em contato. Depois que os espênicos se foram, ela se virou para o Mandachuva e para o Mestre da Sorte.

— Isso pode acabar se tornando um desperdício monumental do dinheiro do clã — admitiu Terun com um suspiro —, mas, com o passar dos anos, nossas tentativas de exercer mais influência política na RDE não nos levaram a nada. Oito anos atrás, quando chegamos aqui, o Hami-jen já falava de preocupações a respeito dos custos de operação e do risco gigante às empresas espênicas. Agora, com as rusgas entre os dois países causadas pela Guerra Latente, só temos ainda mais motivos para preocupação.

Hami assentiu.

— O projeto de lei sobre a legalização do uso medicinal só foi bem-sucedido depois que os esforços foram diretamente a público. Pode levar muito tempo, mas continuar com essa abordagem pode atenuar os efeitos do preconceito racial e gerar apoio para a revogação total dessa proibição.

— Então devemos seguir em frente — disse Shae. — Terun, quem quer que assuma o seu cargo vai ter que cuidar de mais essa prioridade. Hami-jen, como Mandachuva, será importante que você se envolva também.

Os dois homens assentiram.

Ela colocou uma mão sobre a barriga. Que tipo de mundo era este em que seu filho iria nascer, onde publicitários espênicos poderiam definir o significado da jade? Será que isso lá seria mundo onde criar um Osso Verde?

É o mundo que nós temos. Pelo menos podia garantir que o Desponta estivesse envolvido.

— Kaul-jen, também deveríamos conversar a respeito das notícias de Resville — disse Terun. O Mestre da Sorte dispôs uma edição recente do *Diário de Resville* sobre a mesa. O jornal havia sido aberto e dobrado diversas vezes em

uma reportagem que afirmava que a inauguração do cassino Areias da Ilusão seria postergada pela segunda vez devido a atrasos custosos por dificuldades inexplicáveis para contratar e manter empreiteiros.

Hami leu o texto e bufou.

— Os Montanha devem estar furiosos. Que bom que esse tal de Jon Remi tá do nosso lado.

O cassino Areias da Ilusão não era o único estabelecimento dos Montanha em Resville que andava cheio de problemas. Diversas lojas e casas de aposta apoiadas por eles haviam acabado com misteriosos problemas administrativos ou se tornado vítimas de roubos ou incêndios criminosos. Os Montanha estavam tendo dificuldade para revidar e defender suas propriedades, já que tinham forças limitadas na Espênia. Os kekonésios e shotarianos que haviam levado para lá vinham achando difícil operar numa cidade como Resville, onde a miríade de gângsters locais conheciam e odiavam uns aos outros, mas odiavam forasteiros ainda mais.

— O Juen Nu já mandou um carregamento secreto de jade pro Remi, mas o sujeito também tá pedindo meio milhão de thalirs pro Desponta pra comprar armas e subornar os oficiais locais — informou Terun. — O dinheiro seria entregue em espécie sob cuidados do Chifre, mas primeiro precisaria entrar no país pelas empresas de fachada do Desponta.

— Nada do que acontece em Resville pode estar ligado ao lado administrativo do clã — comentou Hami com firmeza. — O Remi é um criminoso, mesmo que seus crimes nos beneficiem.

— Há um risco pequeno, mas vamos ser cuidadosos para encobrir os nossos rastros. — Terun rabiscou algumas anotações para si mesmo num bloco de notas. — Mas vai ser um ano caro pro clã.

Hami e Terun olharam para a Homem do Tempo, à espera de uma palavra final. Numa mesma tarde, ela estava autorizando que uma campanha publicitária promovesse os aspectos positivos da jade e facilitando a transferência de fundos secretos para um gângster de Resville. Tentar comandar um clã Osso Verde na Espênia era um enigma, repleto de contradições. Era o preço de trabalhar em territórios e culturas estrangeiras por meio de intermediários e aliados. De lutar guerras latentes.

— Tragam o dinheiro — disse ela. — Rápido e discretamente.




CAPÍTULO 22

Filhos do Clã

Kaul Rulinshin já havia ido à Machadinha antes, em viagens para fazer compras e para assistir jogos de releibol, acompanhado por um parente adulto e no mínimo dois seguranças Ossos Verdes. Normalmente a tia Lina, mãe de seu primo Maik Cam, ou tia Imrie, esposa do Chifre, ou de vez em quando o tio de Ru, Anden, acompanhavam as crianças pela cidade caso o passeio exigisse que saíssem dos distritos neutros e controlados pelo Desponta. O pai, a mãe e tia Shae eram importantes demais no Clã para adentrarem um território do Montanha sem um objetivo importante e permissão ou convite dos adversários. Era uma questão de etiqueta entre clãs. Ru compreendia as regras; afinal de contas, tinha 12 anos e era o filho do Pilar. Então sabia que o que ele e o irmão estavam fazendo (esgueirando-se desacompanhados num distrito inimigo para ver Ayt Atosho duelar contra um oponente) não era tecnicamente proibido de acordo com as leis do clã, mas algo que os pais jamais permitiriam.

Fora só na base da ameaça que convencera Niko a ir junto. Ru achava necessário que o irmão fizesse parte da excursão, porque aí se encrencariam juntos caso fossem descobertos. Além do mais, Niko, dentre todas as pessoas, era quem mais deveria ver Ayt Ato lutar, para que pudesse analisar o homem com quem um dia teria que competir como Pilares rivais. Era para seu próprio bem.

— Minhas provas tão chegando. Preciso estudar. — Niko tinha 15 anos, e era aluno do quinto ano da Academia. — Certeza que nossos Punhos colocaram espiões com câmeras pra filmar tudo. E, mesmo que não tenham colocado, vai ter um monte de informantes vendendo as gravações depois.

— Dá um tempo! Pensei que você era mais lapidado do que isso. — Ru manteve a voz baixa para que Jaya não os escutasse. A família inteira estava em casa para o jantar de sepdia, mas, depois da refeição, os mais novos haviam sido despachados para o lado de fora para que os adultos pudessem conversar como sempre na sala de jantar. Se a irmã de Ru soubesse o que os rapazes estavam tramando, iria exigir para que fosse incluída. Ela tinha apenas 11 anos, 14 meses a menos do que ele e novinha demais para participar, mas isso não a impediria de dendurá-los para os pais caso não conseguisse o que queria. — Ouvir falar de alguma coisa não chega nem perto de estar lá pessoalmente — insistiu Ru.

— É isso que você vai falar da surra que o pai vai te dar? — perguntou Niko num tom sarcástico e sério. O Pilar fazia Niko chamá-lo de *tio* em respeito ao seu verdadeiro pai, mas os meninos falavam de Hilo e Wen como irmãos falariam.

Já fazia um bom tempo que Ru descobrira que seu irmão não se abalava com provocações. Não como Jaya. Podiam dizer que Niko era um covarde, um idiota, um feioso com cara de cachorro, e ele só respondia com um semblante impassível e desdenhoso.

— Beleza então. Eu vou sozinho — disse Ru, usando a cartada final que sabia que ia funcionar contanto que falasse sério, porque, apesar de toda a sua aparente indiferença, Niko não permitiria que seu caçulinha pedrolho se ferrasse feio sozinho.

No dia seguinte, uma primidia, mataram aula ao mesmo tempo e se encontraram na estação de metrô da Rua Ba Baixo, onde acorrentaram as bicicletas e foram de trem até o destino. Não esperavam que alguém fosse reconhecê-los, mas Ru manteve o capuz do moletom sobre a cabeça. Niko vestia um boné e uma jaqueta de corrida com zíper que cobria a camisa de uniforme da Academia Kaul Dushuron. Tomaram o cuidado de não falar a respeito de nada que pudesse identificá-los como membros da família Kaul.

Para Ru, a questão não era que estavam em perigo por causa de Ossos Verdes inimigos. Os dois eram menores de idade, e Ru era pedrolho, então era duplamente protegido pelo aisho. No entanto, como a mãe de Ru frequentemente fazia questão de relembrar, o azar sempre podia aproveitar as oportunidades. No território de outro clã, uma palavra ou decisão errada era capaz de levar a

consequências terríveis. Todas as crianças da família Kaul haviam ouvido a história de quando tio Anden, aos 18 anos de idade, fora sequestrado por Gont Asch como uma forma de intimidar o Desponta porque acabara se distraindo e entrara sem querer no Parque de Verão.

Quanto Ru e Niko saíram da desconhecida estação de metrô em Machadinha, precisaram consultar um mapa para encontrar a praça onde o duelo deveria acontecer. Assim que chegaram mais perto, foi fácil seguir a multidão. Havia diversos Punhos e Dedos do Montanha por ali, mantendo o espaço aberto para os combatentes. Os irmãos Kaul arranjaram um lugarzinho discreto entre os espectadores de onde ainda conseguiam ver toda a movimentação com clareza.

— É ele — sussurrou Ru. Ayt Atosho, de 22 anos e Punho júnior do Montanha, vestia largas calças pretas e um tradicional colete de couro; do ombro, pendia uma espada da lua de 83 centímetros. Ele falava com um casal mais velho que devia ser seu tio e tia da família Koben, mas parava para sorrir e fazer poses para os partidários do Montanha que se aproximavam segurando câmeras. Como nunca tinha visto Ayt Ato pessoalmente antes, Ru era obrigado, mesmo que contra a própria vontade, a admitir que as fotografias não mentiam. O jovem herdeiro do Montanha era alto e bonito, com pele macia, cabelo arrepiado pintado de vermelho e desgrenhado na moda, e três piercings de jade em cima de cada sobrancelha. Se estava nervoso com a luta, não deixava transparecer.

Não muito longe dali, o desafiante de Ato andava para a frente e para trás. Tirando o fato de que era um Punho júnior vindo de uma família pobre, ninguém do Desponta sabia muito a respeito de Niru Von. Provavelmente tinha uma idade parecida com a de seu oponente, mas o rosto cheio de marcas de catapora o deixava mais velho. Segundos os rumores, ele e Ayt Ato haviam se desentendido por causa de tarefas dos Dedos. Ato zombara da forma com que ele comandava e de seu sotaque sulista. Niru propusera um expurgo por lâmina.

Em vez de acontecer naquela hora mesmo, como era o comum para a maioria dos duelos menos importantes, a disputa fora postergada em uma semana por nenhum outro motivo além de, ao que parecia, permitir que a família Koben espalhasse a notícia para a cidade inteira. Afinal de contas, Ayt Ato era uma subcelebridade, e seus parentes é que não iriam perder a oportunidade de fazer publicidade. Dentre os espectadores que lotavam a praça, havia fotógrafos de diversos jornais sensacionalistas.

Ru esticou o pescoço, torcendo para avistar os líderes do Clã da Montanha. Sentia uma adrenalina nervosa por estar tão perto de Ossos Verdes que só

conhecia pela reputação como inimigos de sua família, homens que assassinariam seu pai caso tivessem a chance. A sensação era de que estava se agachando num fosso cheio de cobras. O homem musculoso com a pesada corrente de jade no pescoço só podia ser Aben Soro, o Chifre do Montanha. Não estava tão longe, de braços cruzados e conversando com dois outros Punhos. Ayt Madashi não estava em lugar nenhum.

— Que circo — grunhiu Niko.

O duelo enfim começou, com quinze minutos de atraso devido às conversas demoradas de Ayt Ato. A multidão se aquietou quando os dois adversários levaram as espadas da lua à testa numa saudação. Niru atacou primeiro: um rompante repentino acompanhado de uma sequência clássica de golpes rápidos. Defletindo, Ato desviou da investida habilmente e, usando a Leveza, deu um salto para trás enquanto brandia a espada para se defender quando o inimigo o empurrou até o limite do espaço que tinham à disposição. Num momento cronometrado à perfeição, Ato se afastou com um giro e atirou um lance firme de Deflação que atingiu as omoplatas de Niru por trás, ao que o outro Punho cambaleou e quase caiu de joelhos.

Ato avançou para aproveitar a vantagem, mas então hesitou. Ru ficou se perguntando se ele teria sido instruído a não encerrar a luta tão rápido. Em vez disso, o jovem deixou o oponente recuperar o equilíbrio e esperou ser atacado de novo, dessa vez com rápidos, porém previsíveis, golpes giratórios. As lâminas brancas se encontravam e se afastavam, digladiavam, bloqueavam e contra-atacavam. Lutando, os dois Punhos do Montanha cruzaram a praça de volta, e Ato agora estava claramente na defensiva. Ambos sangravam devido a cortes nos braços e pernas onde o metal transpusera Aço e pele, mas os ferimentos pareciam superficiais, nada que encerraria o duelo.

A ponta da espada da lua de Niro começou a envergar para o chão de pavimento. Ele se recuperou com valentia, atirou uma rajada tripla de Deflações que Ato precisou se esforçar para dissipar, e então avançou com a Leveza, usando toda a sua Força num golpe que veio de cima da cabeça. Ato contra-atacou e, com o ângulo em que sua própria espada estava, direcionou o movimento do golpe para trás de seu ombro, rumo ao chão. Niru tropeçou para a frente e abriu bem os braços para se equilibrar. Ato deu um chute na perna dominante dele, o que o fez tombar.

Enquanto Niro caía, sua espada da lua tilintava pelo chão, para longe de suas mãos. O homem logo ficou de joelhos e olhou para o cumprimento da lâmina estendida de Ayt Ato.

— Eu me rendo, Ayt-jen — declarou. Ele soava resignado e não parecia estar surpreso, mais derrotado em espírito do que em carne. Com a cabeça baixa e os olhos no chão, retirou os anéis de jade e ergueu um pendente com três pedras do pescoço. Em renúncia, dispôs as joias no chão. — O clã é meu sangue, e o Pilar é seu mestre.

Invocar o juramento dos Ossos Verdes era um gesto honrável de submissão e aliança ao clã, mas havia quase trinta anos que Ayt Madashi era a única pessoa viva chamada de "Ayt-jen". Um silêncio presciente se assentou sobre os espectadores.

Ato limpou sua espada da lua ao longo da manga da roupa e a embainhou.

— Minha lâmina foi expurgada — declarou ele. — Você lutou bem, Niru-jen. Só venci porque minha família e meus amigos estavam aqui pra me apoiar.

Era um gesto educado com o qual reivindicar a vitória, e a tensão se dissipou. A multidão murmurava com apreço.

O irmão de Ru lhe deu um cutucão nas costas.

— Pronto, já vimos — disse Niko. — Agora vamos dar o fora daqui.

Relutante, Ru seguiu conforme Niko abria caminho em meio ao público que ia se dispersando sem pressa. Algumas pessoas ficaram lá para conversar. Decepcionado, um sujeito falou para os amigos:

— Não chegou nem perto da Kaul Shaelinsan contra a Ayt Madashi doze anos atrás. Aquele lá, *sim,* foi um duelo de verdade. Não vi um melhor desde então. — Ru sorriu de orgulho da tia e, quando tinham se afastado da praça, contou o que tinha escutado.

— Que comparação idiota — comentou Niko. — O Ayt Ato e o Niru Von não estavam lutando pra matar. Foi um teatrinho pro Clã da Montanha e pra todo mundo também. Por isso o Niru se esforçou, mas não deu seu máximo. Aposto que ele tirou um pouco de jade antes do duelo. Se tivesse ganhado, acabaria virando inimigo da família Koben. Já que perdeu com honra e fez o Ayt Ato ficar bonito na foto, não me surpreenderia se ele recebesse um envelope cheio de dinheiro logo mais.

Fosse manipulado ou não, Ru ainda assim achava que o duelo havia sido empolgante. Servira como desculpa para matar aula e dar uma escapulida para Machadinha; ele continuava eufórico com a ousadia. Deu um soco no braço do irmão.

— O Ayt Ato até que é bom, mas você é melhor. Certeza que você daria uma surra nele.

Surpreso, Niko olhou para o irmão mais novo. Depois, franziu o cenho e

semicerrou o olho esquerdo.

— Eu nunca vou lutar contra o Ayt Ato — exclamou. — A não ser que os nossos clãs tenham ruído e só tenha sobrado nós dois, então é melhor torcer pra que isso não aconteça.

— O importante é que você *conseguiria* derrotar ele — disse Ru. — Ele ficou, o que, em décimo quinto lugar na turma da Wie Lon? Não é muito ruim, mas, até agora, você tá entre os cinco primeiros, não tá?

Niko parou na calçada e encarou o irmão.

— Como é que você sabe a minha colocação na escola?

Ru ergueu as mãos.

— Como você acha, keke? Eu moro em casa e escuto o pai e a mãe falando dessas coisas. E a gente é praticamente primo dos gêmeos Juen. — Ritto e Din estavam um ano acima de Niko na Academia.

Niko franziu o cenho e enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta de corrida. Voltou a caminhar. Ru correu para ultrapassá-lo, então ficou de frente para o irmão mais velho, continuando a se movimentar dando pulinhos de costas.

— Quando você se formar, todo mundo vai saber que você é um Osso Verde melhor do que o bonitinho lá, e mais esperto também. Quando *você* tiver o seu primeiro duelo importante, vou fazer todo mundo da minha escola… — Ru deu uma olhada para trás para ver aonde estava indo, se virou e parou abruptamente. — O que é *aquilo*?

Três pessoas de máscaras pretas, dois homens e uma mulher, colavam cartazes na parede de tijolos do exterior da estação de metrô. O maior dizia "*Libertem Kekon da Jade e dos Tiranos!"*, e contava com uma longa lista de nomes. Ayt. Kaul. Maik. Koben. Juen. Iwe. E assim por diante… trinta das mais proeminentes famílias Ossos Verdes do país. O restante da parede estava sendo coberta com fotos em preto e branco de jornais que retratavam os acusados de tirania. As imagens estavam granulosas por terem sido ampliadas e fotocopiadas, mas Ru levou apenas um instante para encontrar o rosto de seu pai, de sua mãe, da tia Shae, do tio Papi e retratos de diversos outros líderes do Desponta, pais de seus primos e amigos.

Uma onda incrédula de revolta tomou conta de Ru.

— O que vocês tão fazendo? — gritou ele.

Os três vândalos pararam e, com os ombros e as pernas tensos, prontos para fugir correndo da polícia ou dos Ossos Verdes, o encararam com raiva. Ao ver que eram apenas dois adolescentes, relaxaram e voltaram à atividade. Ru olhou ao redor, em busca de qualquer sinal de um Dedo em patrulha, de alguém para

quem pudesse denunciar o crime… e então se lembrou de que estava em território dos Montanha. A maioria, quiçá todos, os Dedos e Punhos das redondezas haviam ido assistir ao duelo na praça.

— *Parem com isso!* Vocês não conhecem nenhuma dessas pessoas, como podem falar assim delas? — Ru nunca gritara com adultos, mas essa gente não merecia respeito algum. Eram marginais que escondiam as próprias identidades feito bandidos. Ele crescera ciente de que sua família tinha inimigos, mas sempre pensara no Clã da Montanha. Nunca imaginara que fosse se deparar com ódio vindo de desconhecidos.

Ru era um pedrolho, mas fazia parte de uma família Osso Verde e fora ensinado que ofensas sempre deveriam ser revidadas. Desembainhou a fala talon.

Niko o agarrou pelo braço.

— Deixa de ser idiota — disse baixinho.

Ru puxou o braço, mas seu irmão mais velho era maior e mais forte. Ele apontou a ponta da faca para os vagabundos, que tinham parado ao ver a arma e observavam os rapazes com um olhar incrédulo e ameaçador.

— A gente não pode deixar eles continuarem com isso — insistiu Ru.

Niko começou a se afastar, levando o caçula de arrasto.

Ru firmou os pés e se recusou a ser puxado. Era alto para a idade e levava jeito com a faca, e Niko era um futuro Osso Verdade treinado pela Academia. Por que deveriam fugir?

— A gente não vai fazer nada? — gritou. — O que o pai acharia disso?

— Pra começo de conversa, o pai nem iria querer que a gente estivesse aqui — vociferou Niko.

As pessoas que passavam pela rua agora estavam parando. A maioria encarava os cartazes sem acreditar no que estavam vendo e seguiam adiante, mas a cena de Ru ainda brandindo a fala talon estava causando um auê, e murmúrios indicando que estavam sendo reconhecidos começaram a se espalhar.

Um dos homens mascarados apontou um dedo acusador para os irmãos Kaul, e então para a parede de fotos. *Vocês deveriam estar ali com a sua família.*

Um Roewolf G8 preto encostou na calçada e freou com um chiado. As portas da frente se abriram com tudo. Juen Nu e Lott Jin saíram do carro. O Chifre do Desponta chegou chegando como se quisesse matar todos os envolvidos. Ru nunca o vira tão bravo. Os três vândalos mascarados largaram tudo e, empurrando o povo, fugiram dos Ossos Verdes por direções diferentes. Juen nem prestou atenção nos criminosos. Agarrou Ru e Niko e os empurrou para o

veículo.

— Entrem nessa bosta de carro — ordenou.

Um Victor GS prata encostou na frente do Roewolf. Três Ossos Verdes do Montanha (um Punho e dois Dedos) desembarcaram. O Punho observou a cena: Juen e Lott, Niko e Ru, os transeuntes que agora recuavam apressados.

— Juen-jen — disse o Punho, com cautela. — Você encontrou o que procurava.

— Fala pro seu Chifre que a gente já tá indo e que isso não foi nada — respondeu Juen, com calma, muito embora tenha apertado a parte de trás da camisa de Ru com mais força. — Somos todos verdejantes aqui. Estamos acostumados a lidar com probleminhas bobos que não precisam ser levados para nossos Pilares, não é?

Um momento tenso, que pareceu uma eternidade, se estendeu antes de o Punho do Montanha mover o queixo alguns centímetros para dar uma olhada nos cartazes colados há pouco na parece.

— Você viu pra onde aqueles vira-latas sem clã fugiram?

— Eles estavam em três, e se dividiram. — Lott Jin ofereceu uma descrição dos vândalos e do que estavam vestindo, então, apontou para as direções por onde haviam escapado.

O Punho do Montanha assentiu cautelosamente e tocou a testa numa saudação. Lott abriu a porta traseira do Roewolf, e Juen colocou Ru e Niko para dentro. O Chifre e o Primeiro Punho embarcaram. Lott começou a dirigir. Ru olhou pela janela e viu os Ossos Verdes do Montanha os observando enquanto partiam.

Juen se virou.

— Onde é que vocês dois *estavam com a cabeça*? — exclamou com tanta raiva que Ru se encolheu no assento. O Chifre ocupava o cargo mais temido de qualquer clã, mas Ru sempre vira Juen como o pai de Ritto e Din, que morava na casa do outro lado do jardim da propriedade Kaul. Como alguém sério e observador, mas não apavorante. Ru ouvira outros adultos chamarem Juen Nu de um Chifre moderno, um Chifre administrador. Diziam que ele comandava o lado militar do Desponta não com o carisma urbano de Kaul Hilo ou a seriedade estoica de Maik Kehn, mas com a proeza organizacional de um homem que joga três partidas de xadrez ao mesmo tempo. No momento, porém, Ru acreditou facilmente que Juen Nu, assim como qualquer um que alcançava o alto escalão do lado mais verdejante do clã, era um sujeito capaz de cometer violências consideráveis. — Tão tentando causar pânico? Uma guerra?

— A gente só queria ver o duelo — explicou Ru. — A gente ia voltar direto pra casa.

— O duelo do Ayt Ato? Vocês acharam que valia a pena matar aula e entrar escondido no território dos Montanha por *isso*? — O carro atravessou Machadinha e entrou na Cidade Velha, de volta ao território do Desponta. Juen apontou para o orelhão mais próximo, e Lott manobrou com brusquidão e estacionou. O Primeiro Punho desembarcou e correu até a cabine para fazer uma ligação. Juen se inclinou sobre o câmbio da marcha e desligou o motor.

— O que o Lott-jen tá fazendo? — perguntou Ru.

— O que acharam que ia acontecer quando a escola falasse que vocês faltaram? — quis saber Juen. — Tem uma linha telefônica de emergência pra esse tipo de situação. A notícia chega pra centenas dos nossos Punhos e Dedos em cada canto da cidade. Quando a Academia não conseguiu encontrar o Niko, tiraram a Jaya da aula e mantiveram ela sob vigilância. Ela ficou furiosa. E também adivinhou pra onde vocês dois tinham ido. Precisei mandar mensageiros correndo até o Aben Soro pra implorar que os nossos inimigos nos liberassem pra procurar dentro dos distritos deles. Era só um rumor falso, uma denúncia mentirosa, um indício de que um de vocês tivesse sido pego ou machucado, e alguma coisa terrível iria se desencadear. O Lott tá mandando pararem com as buscas agora, antes que algo assim aconteça. — Incrédulo, o Chifre aumentou o tom de voz. — E aí quando eu encontro os dois, vocês tão apontando uma fala talon como se estivessem tentando começar uma briga de rua no meio de Machadinha.

— Você viu aquelas pessoas? Viu o que elas estavam fazendo? — argumentou Ru.

— Tem anarquistas anti-clã dando esse showzinho pela cidade inteira — vociferou Juen. — Eles tão tentando chocar o povo, atrair cobertura da imprensa e empatia internacional. O que esses lunáticos mais querem é que membros da família Kaul os ameace com facas talon. Temos que pegar e punir essa gente, mas isso é trabalho meu nos nossos distritos e do Aben Soro no território do Montanha. Não *seu*, um moleque de 12 anos.

Aliviado, Lott voltou ao carro e falou:

— Tudo certo. É pra gente levar eles embora.

Níveis equivalentes de culpa e medo fizeram Ru afundar no assento.

— Por favor, tio Juen, não fala pra mãe e pro pai que a gente estava na Machadinha. Diz que você achou a gente no Sovaco ou algum lugar assim — implorou Ru. — Pelo menos não pra mãe.

Mesmo quando ficava furioso, Hilo perdoava as palhaçadas de Ru com mais facilidade. Não era possível esperar a mesma leniência de sua mãe.

— Não dá pra negar que a gente estava na Machadinha, ainda mais quando os Montanha nos viram lá — disse Niko, falando pela primeira vez desde que haviam entrado no carro. — Tio Juen, foi por minha causa que a gente foi no duelo. A gente correu o risco de entrar na Machadinha pra que eu pudesse ver o Ayt Ato lutar e aprender mais sobre ele e a família dele.

Depois de um instante de silêncio estupefato, Ru deixou escapar:

— Ei, essa ideia foi *minha*!

Niko aquietou o irmão mais novo com um olhar impassível e perigoso que era ou fruto do treinamento como Osso Verde na Academia ou uma ocorrência natural aos homens da família Kaul que começavam a adentrar a vida adulta, porque Ru não fazia ideia de como reproduzi-lo.

De olhos semicerrados, Juen os analisou pelo retrovisor; talvez estivesse tentando Perceber se Niko estava sendo sincero. O garoto retribuiu o olhar do Chifre com calma. Filhos de Ossos Verdes levavam jeito para omitir, e não para mentir de fato.

— Tio Juen, a gente devia levar o Ru de volta pra escola — disse Niko. — Ele tem aula de tarde e não deveria faltar. O irmão mais velho sou eu e foi por minha causa que fomos no duelo, então eu é que vou pra casa responder aos nossos pais.

Ru cerrou os punhos e abriu a boca para discutir de novo, mas não conseguiu pensar em mais nada para acrescentar. Ele sempre admirara o irmão mais velho. Niko não o provocava ou bancava o superior. Mesmo quando ficava irritado ou exasperado, não batia em Ru. E Niko era esperto, parecia sempre saber mais do que as outras crianças da família. Acontece que, às vezes, Ru não conseguia evitar e ficava pensando que era injusto Niko ter roubado seu lugar como primogênito.

E não porque Ru sentia pena de si mesmo por ser um pedrolho. Ele compreendia que não poderia usar jade e liderar o clã quando crescesse, e que isso não o diminuía ou o fazia ser menos amado. Claro, se sentia excluído das experiências dos irmãos e primos, mas o pai sempre o lembrava de que ele também tinha coisas que seu irmão e irmã não tinham (o cachorro Koko, um quarto próprio em casa com videogame, mais tempo para releibol).

Ainda assim, Ru sentia que entre ele e Niko, *ele* é quem tinha que assumir o comando. Era ele quem falava mais e bolava ideias do que deveriam fazer. Niko era quietinho e seguia o fluxo… até não seguir mais. Era só por vantagem

própria que Niko inexplicável e subitamente assumia o manto de primogênito e herdeiro do clã.

Juen Nu não recebia ordens de ninguém além do Pilar. Mas Ru conseguia perceber, pelo olhar admirado e pelo dar de ombros que Juen trocou com Lott, que os dois estavam impressionados pela forma com que Niko se fizera entender. Falar com sensatez, aceitar a responsabilidade, e, acima de tudo, assumir o risco para obter conhecimento e uma potencial vantagem sobre um inimigo… todas essas coisas eram um crédito à sua verdejância.

— Então tá bom, Niko-se — concordou Juen, que agora tinha voltado a soar como o tio tranquilo que Ru conhecia.

Dez minutos mais tarde, Ru foi deixado na escadaria da escola, aliviado e ressentido, enquanto via o Roewolfe sair do estacionamento e seguir para casa.




CAPÍTULO 23

Amigos de Amigos

décimo quarto ano, sexto mês

Wen foi ao Festival de Cinema de Janloon como convidada de Ren Jirhuya, o artista que conhecera sete meses antes no almoço de arrecadação de fundos. Também a convite dele, discursara na conferência anual da Sociedade Beneficente pela Não Reatividade de Jade e gravara uma curta entrevista que estava sendo usada em comerciais na televisão para trazer a questão à pauta e combater superstições. Wen passara a apreciar o artista abukiano; o sujeito lhe parecia genuíno, bem-apessoado e motivado. Ela ficou satisfeita ao vê-lo assumir o cargo de assistente de direção de arte num filme que estava sendo produzido pela Costa Filmes, um dos únicos grandes estúdios cinematográficos de Kekon.

Quando Wen lhe pediu para apresentá-la a seus conhecidos da indústria, Jirhuya aceitou, mas ressaltou:

— Eu gostaria de ajudar, Sra. Kaul, mas não tenho influência nenhuma com o estúdio — explicou.

— Não tô procurando nenhum tipo de influência — garantiu Wen. — Só quero aprender a respeito dos negócios, e prefiro conhecer outras pessoas como amiga de um amigo.

No festival, Jirhuya a apresentou a atores, diretores, roteiristas e a Sian Kugo, produtor e coproprietário da Costa Filmes.

— Sra. Kaul — exclamou Sian enquanto olhava, nervoso, para os seguranças de Wen. — Eu não fazia ideia de que a senhora estaria aqui.

No decorrer de seus seis anos de existência, o Festival de Cinema de Janloon vinha crescendo numa constante, mas não era amplamente conhecido. A indústria cinematográfica do país era pequena comparada à da vizinha Shotar.

— Eu gosto de sair e frequentar eventos culturais sempre que posso. — E agora era mais fácil fazer essas coisas, já que tinha mais confiança no próprio corpo e não dependia mais tanto da muleta. Nunca se curaria cem por cento, claro, mas se tornara adepta a esconder momentos de fraqueza ou desequilíbrio. Para a maioria das pessoas, ela parecia normal tanto na fala quanto no andar. — Sr. Sian, o senhor se sentaria comigo lá no bar? Eu gostaria de fazer algumas perguntas a respeito do setor, caso me permita.

O cineasta ficou feliz em conversar.

— A indústria do cinema é pequena em Kekon. É difícil competir contra os filmes estrangeiros de alto orçamento da Espênia e de Shotar. E aí tem a televisão também, claro… todo mundo tem uma tela em casa, e as pessoas esperam os filmes chegarem nas locadoras. Minha esperança é de que o Festival de Cinema de Janloon cresça e chame mais atenção.

Wen tomou um golinho de sua taça. Estava na primeira bebida, já o animado executivo do estúdio, na terceira.

— Por que você acha que os filmes shotarianos são tão populares?

Sr. Sian franziu o nariz.

— Porque as pessoas não sabem o que é bom! — Depois riu e continuou: — Sou obrigado a admitir que eles têm uma estética estilosa e única, um teor escrachado. E os dramas criminais são viciantes. Sempre falam de policiais shotarianos carrancudos, mas heroicos, que resolvem assassinatos e conspirações. Os estúdios shotarianos provavelmente empregam mais atores kekonésios do que nós, mas só pra interpretarem gângsters barukânes.

— Então na maioria das vezes em que os estrangeiros veem kekonésios na tela, estão vendo personagens criminosos em filmes shotarianos — disse Wen. — Isso te incomoda como um cineasta kekonésio?

Sian deu de ombros.

— Claro que incomoda, mas o capitalismo é assim. Shotar tem um mercado grande e, se os atores conseguem colocar o pão na mesa aceitando esses papéis engessados, o que é que eu posso dizer?

— Quando eu era pequena, lembro que os meus irmãos viviam lendo quadrinhos sobre Baijen, e também tinha filmes que se passavam durante a ocupação com Ossos Verdes heroicos lutando contra os shotarianos.

— Eu cresci vendo essas coisas também, mas filmes de guerra não tão na moda agora, e o público internacional não se interessa por mitologia kekonísia — opinou o produtor. — Meu foco na Costa Filmes são filmes de orçamento médio que tenham mais chances de ser distribuídos em outros países. Filmes de ação, suspenses de espionagem, drama, horror.

Wen sorriu e disse:

— Sr. Sian, eu não sou empresária e ainda não entendo muito da indústria do cinema, mas o que eu tenho é acesso direto ao Pilar e também à Homem do Tempo. — Uma pausa. Mesmo que o sujeito estivesse chegando ao quarto drink, dava para perceber que ela tinha a total atenção de Sian. — Como você faria para fomentar a indústria cinematográfica de Kekon?



Wen convenceu o marido de que deveriam tirar férias, só os dois. Niko e Jaya estavam na Academia e poderiam ligar para os tios ou tias caso precisassem de alguma coisa. Ru poderia ficar com sua tia Lina e primo Cam por alguns dias e, além do mais, estava proibido de sair com os amigos até o fim do mês como castigo pelo que tinha causado com o irmão. Hilo e Wen não tinham dúvida de quem aparecera com aquela ideia.

— Pra onde você quer ir? — perguntou Hilo. — Marenia? Toshon?

— Eu pensei num lugar mais longe — respondeu Wen. — Marcucuo.

— Marcucuo? — Hilo arqueou uma sobrancelha e, devagar, questionou: — Por que Marcucuo?

— A gente vive ouvindo falar de lá. Por que não vamos ver como é?

A minúscula cidade-estado de Marcucuo, na costa leste de Alusius, continha uma população oficial de apenas oitocentas mil pessoas, mas cinco vezes isso de visitantes, moradores sazonais e trabalhadores estrangeiros.

Tratava-se de um paraíso fiscal para os ricos e famosos, uma meca turística e tropical, com todo e qualquer tipo de entretenimento e jogatina. Ossos Verdes falavam de Marcucuo num tom desdenhoso de fascinação, porque era o único lugar em que jade era abertamente usada para esportes e entretenimento, em disputas individuais, truques ensaiados e corridas de obstáculos televisionadas. Muitos dos competidores tinham ascendência kekonísia (eram principalmente keko-shotarianos e keko-espênicos). Outros eram estrangeiros usuários de brilho,

autodidatas ou ex-militares. E alguns, para a desonra de Ossos Verdes decentes, eram kekonésios, gente que ganhara jade das famílias ou na escola, mas escolhera não fazer juramentos aos clãs e nem adentrar em uma das profissões nobres.

Wen sabia o que Hilo achava de toda essa indústria.

— É um desperdício colocar jade em macacos de circo — disse ele. — Pra que deixar nosso dinheiro naquele lugar?

— Não importa o que você acha ou deixa de achar, as pessoas de outras partes do mundo vão usar jade de formas diferentes de nós, e alguns kekonésios vão se atrair por esses costumes estrangeiros. Lutamos contra os Montanhas, a Ti Pasuiga, os barukânes da Matyos e os Tripulantes… todos faziam coisas para corromper o significado da jade. Mas talvez a gente não tenha parado pra pensar direito em como nós mesmos podemos moldar esse significado e usar a cultura dos dias de hoje em nossa vantagem.

Hilo a encarou por um longo instante.

— Nem é uma viagem de férias, né?

— Claro que é — respondeu Wen, com um olhar magoado para o marido. — Tem muito o que ver e fazer em Marcucuo, e o clima é agradável. Podemos ir pra praia, e eu quero fazer umas comprinhas também. Se a gente por acaso acabar aprendendo uma coisinha ou outra ou conversando com algumas pessoas que poderiam ser úteis pro clã, então seria muito melhor.

Foi uma surpresa agradável Hilo ter aceitado sem pressioná-la por mais detalhes. Ele tinha uma personalidade direta; Wen o ouvia falando rispidamente com seus homens, exigindo especificidades caso cometessem o erro de oferecê-lo generalizações ou possibilidades. Wen, por outro lado, segurava as ideias com firmeza e discrição até que chegassem mais perto de virar realidade. Às vezes, sentia inveja da aparentemente tranquila relação profissional de Shae e Woon, algo que ela ainda não tinha com o próprio marido. Apesar do alívio de poder falar abertamente de questões do clã, dava para perceber que Hilo se incomodava com a forma com que o papel de Wen como Encarregada do Pilar consumia o tempo do casal. Era mais fácil discutir as coisas quando ambos estavam satisfeitos como marido e mulher.

Então foi só na segunda manhã no Hotel & Cassino Pináculo de Ouro, depois de terem acordado e feito amor, quando estavam deitados, cansados e suados, o quarto com vista para a Praça da Graça em Marcucuo, que Wen falou:

— A gente vai numa festa hoje à noite. É na mansão do Sel Lucanito. É o magnata tomasciano da imprensa e das apostas que é dono da Espetáculo Único,

a maior empresa de divulgação de eventos jadesportivos.

Hilo rolou para o lado e se sentou.

— Então tá bom — disse ele, com firmeza. — Já faz tempo demais que você tá toda misteriosa quanto ao que a gente pode tirar de lucro desta viagem. Conta pro seu Pilar por que ele deveria se dar ao trabalho de ir nessa festa?

Wen olhou para o marido e foi percebendo o jeito que a luz do sol tropical que entrava pelas janelas iluminava a jade em seu corpo.

— Lembra que eu conversei com você e com a Shae sobre o Desponta investir na Costa Filmes e na indústria cinematográfica de Kekon?

— O que é que tem?

— A campanha de relações públicas que a Shae começou na Espênia me fez pensar no tipo diferente de guerra que acontece hoje em dia. Uma guerra para gente que pensa e sente. Os Koben já sabem disso. — Ela continuava se sentindo humilhada pela facilidade com que Koben Yiro a desbancara com aquela retórica fervorosa. — E o Movimento Futuro Sem Clã também, quando pintam os clãs e a jade com essa imagem datada e maligna. É isso que algumas pessoas são levadas a pensar quando veem notícias sobre jade sendo usada em guerras estrangeiras ou assistem a filmes com vilões barukânes. — Wen se levantou e caminhou pelada até a cômoda, onde fez um coque no cabelo. — A gente pode mudar isso.

Hilo acendeu um cigarro. Ela se virou e o encarou com um semblante sério (estava tentando encorajá-lo a largar o vício), mas, no fim das contas, estavam de férias.

— Não vamos investir em jadesportes — disse o Pilar num tom conclusivo.

— Não — concordou Wen. — Mas podemos nos aproveitar deles.

O telefone sobre a mesa tocou. Ela atendeu.

— Desculpa interromper as férias de vocês — exclamou a voz de Juen. — O Hilo-jen tá aí?

Wen entregou o aparelho para Hilo. Tomou banho e se arrumou enquanto o marido falava com o Chifre, fumando e andando para lá e para cá até onde o cabo do telefone permitia. Quando desligou, ela o encarou com um olhar ansioso e questionador.

— Cinco dos nossos Ossos Verdes sofreram uma emboscada e foram assassinados em Lukang ontem à noite — contou ele. — Ninguém que você conhecia — acresceu rapidamente, ao ver a inquietação da esposa. — Eram antigos membros do União das Seis Mãos que decidiram fazer juramentos ao Desponta. Os Montanhas descobriram e sussurraram os nomes deles.

Hilo apagou o cigarro com raiva ao amassá-lo no cinzeiro.

— Vamos ter que interromper a viagem? — perguntou Wen, preocupada.

Ele meneou a cabeça.

— O Juen já controlou a situação.

Ela se sentou na ponta da cama e viu o marido se vestir. Lá fora, o clima de Marcucuo estava ameno, e o céu, sem nuvens. O canto dos pássaros e a fragrância das flores que desabrochavam nos luxuosos jardins do Hotel Pináculo de Ouro saturavam o ar da manhã sob a sacada do quarto. No entanto, não importava onde estivessem no mundo: nunca se distanciavam da contenda e dos desígnios de seus inimigos.

Hilo terminou de abotoar a camisa. Se aproximou da esposa, segurou seu queixo e lhe deu um beijo no topo da cabeça.

— A Ayt Mada é que não vai estragar as nossas férias. Vou ter coisas pra resolver quando a gente voltar, mas vamos aproveitar enquanto estivermos aqui.



Oito horas mais tarde, foram recebidos no vestíbulo de uma mansão de três andares com paredes de estuque, construída no estilo alusiano, nas redondezas de Sel Lucanito. Como esposa do Pilar e sua Encarregada, Wen conhecera muita gente rica e importante, mas que normalmente eram afiliados ao Desponta e buscavam conversar com o Pilar. Era diferente entrar na casa de um desconhecido estrangeiro, sem nenhum dos Punhos ou Dedos do clã por perto. Ela não estava nervosa (afinal de contas, tinha Hilo ao seu lado), mas se sentia, sim, fora da zona de conforto, ciente de que por mais poderoso que o Desponta houvesse se tornado, Kekon continuava sendo uma nação pequena, e de que havia gente no mundo com mais dinheiro e influência do que caberia na ilha de onde vinham. Uma pequena parcela dessas pessoas vinham a Maracucuo para se divertir em alto estilo e confraternizar com camaradas milionários.

Sel Lucanito era um sujeito que ocupava espaço não apenas pelo tamanho (a maioria dos outros homens ali presentes ficavam na altura de seus ombros), mas por sua presença hiperenergética e expansiva. O multimilionário tinha residências em Tomascio, Espênia e Marcucuo, falava três idiomas e era proprietário de diversos cassinos, uma rede de televisão e da Espetáculo Único. Muito embora nunca tivesse cruzado pessoalmente com os Kaul, sabia quem eles eram. Era impossível estar num negócio que tivesse qualquer conexão à jade e não conhecer os clãs Ossos Verdes. Lucanito se dera ao trabalho de aprender “que os deuses brilhem a seu favor” em kekonês, para o claro objetivo de

recepcionar os Kaul. Com o cavalheirismo tomasciano, ele se abaixou numa saudação impressionante de tão graciosa devido à sua altura, depois cumprimentou-os de forma calorosa e entusiasmada e, em espênico, falou:

— É um prazer que vocês tenham vindo. Tenho tanto amor e respeito pelas artes de jade e pelas tradições do seu país. É por isso que tenho esse desejo tão forte de promover uma versão mais moderna delas pra uma audiência global. Eu adoraria ver mais competidores kekonésios envolvidos em jadesportes. Não há nada como a aura de mistério do guerreiro Osso Verde tradicional para atrair espectadores.

Hilo deu para o magnata do entretenimento o tipo de sorriso que Wen sabia que o marido reservava para homens que tratava com gentileza apesar da opinião pessoal sobre eles. Já o vira usando essa artimanha com vários políticos, burocratas e Lanternas que pediam demais. No geral, parecia aquele típico sorrisinho de canto. Só alguém que o conhecia bem era capaz de ver que seus olhos não sustentavam nada da cordialidade de seu verdadeiro sorriso. Ela deu um leve apertão na mão do marido para lembrá-lo de ser educado, até mesmo com esse estrangeiro cuja verdadeira paixão era lucrar em cima das habilidades de jade dos outros.

— Você sabe como dar uma festa — comentou Hilo num espênico atrapalhado, assentindo para a casa luxuosa do sujeito, o enxame de convidados bem-vestidos, o banquete abundante e o álcool incessante. — Minha esposa insistiu que não poderíamos vir para Marcucuo e perder um evento desses.

Sel Lucanito ficou radiante e abriu os braços na direção da folia.

— Por favor, aproveitem! Tem tanta coisa pra gente conversar, e espero que a gente converse mesmo, mas não vou monopolizar o tempo de vocês. São os primeiros líderes de clãs Ossos Verdes que tenho o prazer de receber, e todos vão querer conhecê-los.

Wen falou rápido, como se tivesse acabado de pensar em algo empolgante.

— Ouvi falar que o Danny Sinjo estaria aqui hoje. É verdade, Sr. Lucanito? Eu adoraria conhecê-lo.

Feliz da vida, Lucanito confirmou que, sim, Sinjo estava ali, e levou Hilo e Wen até a beira da piscina, onde os apresentou ao astro keko-espênico de jadesportes, à sua namorada e ao seu empresário. Danny Sinjo era, de fato, lindo feito um astro de cinema, com olhos arrebatadores e uma mandíbula perfeita, mas tinha o porte e a postura de um lutador de verdade. Assim como todos os keko-espênicos, não deixava a jade à vista, mas, tirando o cabelo comprido e repicado e o rosto um tanto bonito demais para ser crível, Wen conseguia

imaginá-lo se passando por um Punho nas ruas de Janloon.

Sinjo foi pego desprevenido. Depois de soltar a bebida e cumprimentá-los, disse:

— Nossa. Que coisa, viu.

— Parabéns pela sua grande vitória — disse Wen.

Sinjo havia pouco derrotado um lutador shotariano para manter o título como supercampeão do evento Guerreiro Mundial da Espetáculo Único. Anden fora a primeira pessoa através da qual ela ouvira falar de Danny Sinjo, que descrevera a subcultura dos jadesportes em Resville depois de ter viajado para lá pela primeira vez. Desde então, ela acompanhara com interesse e ascensão de Sinjo. Ele podia até não ser um Osso Verde de verdade aos olhos de Hilo, mas era impossível negar suas habilidades de jade. Ele viera de uma família de Ossos Verdes expatriados. Fora bem treinado e fizera viagens a Kekon para aprender com os melhores treinadores de lá. Agora era ator; já aparecera num lançamento shotariano e estava conversando a respeito de futuros papéis.

— Você fala kekonês, Sinjo-jen? — perguntou Hilo.

O homem pestanejou. Wen suspeitou que Sinjo, apesar da fama que vinha crescendo, nunca fora tratado com o respeitoso sufixo Osso Verde antes. Ficou surpresa também pelo marido tê-lo usado, e por vê-lo sorrindo com sinceridade dessa vez. Em kekonês, Sinjo disse:

— Meu kekonês não é ruim, mas também não é ótimo.

— Imagina — respondeu Hilo. — Você até que fala muito bem, e o que eu sei de espênico já dá conta do recado. Fiquei feliz de ver outro rosto kekonésio aqui. Meu primo te viu há alguns anos, em Resville. E agora minha esposa é sua fã e insistiu que eu precisava te conhecer.

Sinjo não parecia ser alguém modesto. Wen o vira posando e se exibindo para o público na televisão. Agora, olhando para os Kaul, ele parecia estar sem palavras.

— Pelas bolas do Profeta. Tô lisonjeado.

— Você já pensou em voltar pra Kekon? — perguntou Hilo.

— Sendo bem sincero, não — respondeu Sinjo. — Sem querer ofender, mas não tem nada lá pra mim.

— Talvez tenha mais do que você pensa. Não importa quantas lutas você vença pro Lucanito, ou quantos vilões interprete nos filmes shotarianos, o seu rosto sempre vai ser kekonésio. Ninguém vai te apreciar tanto quanto o seu próprio povo. — Hilo colocou uma mão amigável no ombro de Sinjo, pegou duas bebidas da bandeja de um garçom que ia passando, entregou uma a ele e

ficou com a outra. — Tá meio lotado aqui na piscina. Que tal a gente ir conversar mais pra lá, onde é mais sossegado? Traz o seu empresário, se você quiser.

Wen deu um sorriso encorajador e começou uma conversa com a namorada do ator (uma espênica magra e de cabelo claro) para que os homens pudessem sair tranquilos para falar de assuntos importantes. A festa estava ficando cada vez mais movimentada e barulhenta (uma banda começara a tocar e diversas pessoas, bêbadas, haviam caído na gigantesca piscina), mas Wen estava tranquila agora. Vira a expressão embasbacada no rosto de Sinjo. Quase todos que usavam jade, independentemente de sua criação, nacionalidade ou linhagem, viam os Ossos Verdes com uma certa reverência temerosa. O promissor astro juvenil Danny Sinjo não era tão distante de suas origens a ponto de não apreciar a importância de receber atenção em primeira mão do Pilar do Desponta.

Wen tinha plena confiança na habilidade do marido de persuadir qualquer homem de quem se tornasse amigo. Na manhã seguinte, ela ligaria para a cunhada no escritório da Homem do Tempo. No fim da semana, Sian Kugo seria um Lanterna do Desponta, a Costa Filmes pertenceria ao clã e Danny Sinjo estrelaria seus filmes.




CAPÍTULO 24

Finalmente Acontecendo

Bero ficou surpreso ao receber uma ligação numa noite e ouvir a voz de Ema do outro lado da linha. Nunca havia falado com ela pelo telefone antes, mesmo que tivesse pedido seu número várias vezes. Por insistência de Galo, tentara fazer amizade com a moça, e até pagara a conta quando a levara para comer macarrão, mas mesmo assim não tinha se dado bem. Assim como também não avançara na missão de descobrir detalhes dos planos de Vastik eya Molovni, o que muito desagradava seus dirigentes. Ainda estava pensando em pegar Ema à força, mas, caso ela estivesse dando pro Molovni, era bem capaz de aquele ygutaniano desgraçado e horroroso matá-lo, ou ao menos expulsá-lo do grupo, o que o faria perder o acordo lucrativo com os espênicos.

Então, quando Ema falou que não dava o telefone para os outros, ele passou o próprio número. Mas ela nunca tinha ligado. Até agora.

— É a Ema. Das reuniões dos sem clã.

— Ah, oi — respondeu Bero, franzindo o cenho, mas subitamente empolgado. — Você ligou.

— Olha, sei que não tenho sido lá muito gentil com você. É que… eu tenho dificuldade em deixar as pessoas se aproximarem de mim. Sei que devo parecer grossa às vezes. — Uma pausa. — Enfim… eu estava pensando se você não gostaria de fazer alguma coisa hoje à noite.

Bero pensou em dizer que não só para irritar essa vagabunda estúpida, mas o impulso não durou mais de meio segundo.

— Claro — respondeu ele, tentando parecer desinteressado. — Não tô fazendo nada mesmo. Pra onde você quer ir?

Depois de um instante de silêncio, Ema disse:

— Não tô a fim de sair. Hoje não. Tenho uma garrafa de hoji em casa. Quer vir aqui?

Bero foi. No caminho, parou para comprar um saco de pão frito de uma barraquinha e um pacote de camisinhas na farmácia. Ema morava num apartamento velho de três andares que ficava atrás de uma locadora de filmes adultos, no distrito da Moedavada. Bero subiu até o último andar e bateu no apartamento. Ela sorriu sem falar nada e segurou a porta para que ele entrasse. Ema vestia apenas um roupão branco, sem roupas por baixo. O ar ali dentro estava úmido e com cheiro de brotos de laranja; a impressão era de que ela tinha acabado de sair de um banho. Não esperara por Bero para abrir a garrafa de hoji.

— Pão frito, graças aos deuses — disse ela, e pegou um palitinho do saco.

Apesar de sua ansiedade para começar de uma vez, Bero fez uma pausa e, curioso, ficou andando pelo apartamento. Era minúsculo, menor até do que o seu, mas as coisas ali dentro eram caras. Ema tinha uma televisão LCD, um aparelho de som com entrada para fita cassete. O armário aberto estava cheio de roupas, bolsas e sapatos de marca, e as joias sobre a cômoda eram de ouro de verdade. Ele não conseguia entender por que alguém com dinheiro para comprar coisas tão boas moraria naquela região.

Deu um sorriso de escárnio. Devia ser tudo presente de homens ricos.

Com rancor, se lembrou de que os dirigentes espênicos iriam querer que aproveitasse a oportunidade para angariar informações. Ao que parecia, não havia muitas pistas óbvias a respeito da vida pessoal de Ema além de uma foto em família emoldurada sobre a cômoda. Um homem, uma mulher, três meninos e duas meninas de pé no deque de um barco, com o oceano ao fundo. Ema era adolescente na fotografia, a segunda filha mais velha. Estava ao lado do irmão mais velho, um Osso Verde.

— Vem cá — disse ela, dando tapinhas no sofá ao seu lado. Serviu um copo de hoji para Bero, que tirou a jaqueta, se sentou e aceitou a bebida.

— Por que você odeia tanto os clãs se o seu irmão é um Osso Verde?

Ema virou o drink, e sua garganta se mexeu ao engolir. A pele macia de seu peito e pescoço estava corada devido ao banho e ao álcool.

— Meu irmão morreu — respondeu ela, abaixando o copo para enchê-lo de

novo. — Foi executado. — Virou-se para Bero com olhos reluzentes e vítreos. — E você? Tem família?

— Não.

— Não tem ninguém de quem você seja próximo?

O hoji desceu queimando pela garganta dele, aquecendo-o. Bero pensou nas pessoas a quem havia se associado no decorrer dos anos, principalmente nos que talvez tivesse definido como amigos próximos. Sampa. Bochecha. Mudt. Todos mortos ou sumidos. As relações de Bero não duravam muito.

— Algo sempre interferia — respondeu ele. — *Jade.* Jade sempre interferia.

— Sinto muito. — Ela não parecia estar zombando, apenas sendo honesta. Se aproximou. Seu roupão se abriu e Bero viu seus seios e mamilos escuros. — Você acha que os deuses existem? — perguntou Ema, do nada. — Acha que eles veem e julgam a gente, como os penitentes dizem?

O pau de Bero forçava a calça de forma desconfortável. Ele franziu o cenho ao ouvir o questionamento. Era algo no qual não costumava pensar muito. Chegara tão perto da morte e tivera tantas viradas de sorte esquisitas na vida que, às vezes, achava que certamente havia alguma força maior pairando sobre ele, vigiando.

Em outros momentos, achava que não havia nada, que pessoas desesperadas se iludiam e se empenhavam em vão, que viam padrões e sinais onde não havia nada para ver. Em sua própria vida, nada que jamais fizera havia resultado em algo maior. Não havia um "olhar de fora"; seus lances de sorte e de fracasso cancelavam uns aos outros. Às vezes deslizava por cima da água e às vezes se debatia sob a superfície, mas continuava sendo apenas um peixe no indecifrável e impiedoso oceano.

— Acho que não importa se os deuses existem ou não — disse Bero. — Se me deram esta vida de merda, então tô pouco me fodendo pro que eles pensam.

Ema o encarou nos olhos com uma concordância calma.

— Eu também.

Ela tirou o pau dele de dentro da calça e abaixou a cabeça até seu colo. O cabelo molhado se espalhou sobre a barriga de Bero quando ela o engoliu. Quando ficou prestes a gozar, ele a empurrou para baixo e os dois transaram no sofá. Foram para a cama de solteiro e foderam de novo. Ema dava com os olhos fechados, com um desespero implacável, mecânico e raivoso. Não o fez nem mesmo colocar camisinha. Depois que Bero terminou, ela continuou montada e se esfregando nele com insistência até gozar. Sendo bem sincero, ele ficou perplexo. Depois de anos o rejeitando, Bero teria gostado se Ema tivesse feito

um teatrinho com aquela sua arrogância de sempre, talvez resistido um pouco, sido mais desafiadora. Como foi, o sexo até que foi bom, muito bom, afinal de contas, era sexo, mas meio anticlimático levando em conta o quanto ele havia esperado por isso.

Depois, Bero queria dormir, mas ela deu chacoalhão em seu ombro e disse:

— Você precisa ir embora.

Ele rolou para o lado e resmungou, mas Ema o chacoalhou de novo, e, irritado, Bero levantou a cabeça. Algumas horas antes, ela estava bêbada e carente, mas agora estava de pé, vestindo o roupão e estranhamente sóbria, determinada, com um olhar meio vazio.

— É amanhã — disse Ema. — Vai acontecer amanhã.

Para começo de conversa, Bero nem estava entendendo do que ela estava falando. Se sentou.

— O que vai acontecer amanhã? — Estava desperto agora. — É o que você, o Molovni e os outros andam planejando, não é? O grande golpe dos sem clã.

Ela escreveu algo num pedaço de papel e entregou para Bero.

— Vai pra esse endereço nas Docas às quatro da tarde amanhã. É onde a gente vai se encontrar depois. O Vastik vai tá lá por perto com um barco, pronto pra nos tirar do país.

— Do *país*? — repetiu ele, confuso e de cenho franzido para o papel. — Por que você tá me dando isso? O Molovni não quer ter ligação nenhuma comigo. Nunca fui incluído nos planos.

Ema se abaixou sobre Bero e deu um beijo esquisito de tão recatado em sua bochecha deformada devido ao incidente que acontecera tantos anos antes.

— Agora foi. Porque você é meu amigo. O Vastik não vai ter escolha.

Com um sorriso debochado de ciúmes, ele perguntou:

— Então você consegue tudo o que quer do *Vastik*?

Ema deu uma risada desanimada.

— O Molovni tem que fazer o que os mestres dele em Dramsk mandam. Não é porque eu odeio os clãs que tenho algum apreço pelos ygutanianos. — Ela recolheu a camisa e a calça jogadas de Bero e entregou as roupas para ele. Enquanto o rapaz se vestia relutantemente, ela vasculhou a bolsa e tirou um bolo de dinheiro. — Aqui — falou, dando as notas para ele. — Tá tarde. Pega um táxi.

— Não precisa de tudo isso pra uma viagem de táxi — disse Bero, que olhou o dinheiro, mas pegou tudo mesmo assim e enfiou no bolso. — Por que você não me conta o que vai fazer? Olha, talvez eu possa ajudar.

Ele sabia que soava manhoso. Com raiva.

Ema deu um sorriso desanimado e apertou o roupão com mais firmeza ao redor do corpo.

— Você ajudou. Eu precisava de uma boa transa hoje, e foi o que você me deu. — Ela abriu a porta para ele. — Sossega o facho amanhã. Só chega naquele endereço na hora certa.



Ao chegar em seu apartamento, Bero ligou para o número especial que recebera dos espênicos, o contato que fora instruído a usar apenas para emergências, caso sua posição como informante estivesse em perigo, se estivesse em risco de vida ou tivesse alguma informação urgente ou vital. Já passava da meia-noite. O telefone foi atendido depois do terceiro toque.

— Quem é? — vociferou a voz sonolenta de Galo.

— Bagre. — Bero estremeceu; ainda odiava esse codinome. — É amanhã. Seja lá o que o Molovni tá planejando com os líderes dos sem clã, vai acontecer amanhã.

Galo ficou em alerta na mesma hora.

— Como você sabe?

— A garota. Ema. Finalmente me dei bem com ela. Fui no apartamento dela e tudo.

— E o que foi que ela te contou exatamente?

— Nada — resmungou Bero. — Só sei que vai ser amanhã, e que o Molovni tem um plano pra tirar eles do país depois.

— Qual o endereço dessa garota? — exclamou Galo.

Bero hesitou. De repente, visualizou soldados espênicos cercando o prédio de Ema em Moedavada e arrombando a porta. Imaginou-a sendo arrastada do apartamento, jogada no porta-malas de um veículo sem placa e levada para uma instalação militar espênica. Imaginou que ela nunca mais seria vista.

Ele não sabia ao certo por que essa ideia o deixava perturbado. Mal a conhecia. Ter passado um tempão querendo levá-la para a cama e finalmente conseguido não significava que devia alguma coisa a ela. Ema passara anos agindo feito uma vagabunda, cheia de indiferença e, pensando bem, tinha sido grosseira no encontro quando o expulsou no meio da noite. Os espênicos, arrogantes e exigentes como eram, estavam pagando bem. Então a relutância o deixava confuso.

— O que vocês vão fazer com ela? — perguntou.

Galo também se surpreendeu com o questionamento.

— Por que você se importa?

— Só quero saber — exclamou ele. — Ela é só uma garota, tá? Uma garota que foi empurrada pra essa bagunça pelo barukâne e por aquele palhaço daquele ygutaniano. Se eu falar o endereço, o que vocês vão fazer com ela?

Houve um longo momento de silêncio do outro lado da linha. Então, Galo resmungou:

— Você me surpreende, Bagre. Justo agora é que você escolhe desenvolver um pouquinho de consciência? — Num timbre mais devagar e tranquilizador, o espênico continuou: — Não vamos machucar ela. Não vamos tirar as cartas da manga até que seja necessário. Sua garota é uma conexão ao Molovni, e o Molovni é uma conexão ao exército ygutaniano e ao programa de treinamento nekolva. Amanhã de manhã, vamos ficar de olho no apartamento da Ema, e vamos segui-la até que ela nos leve ao Molovni. Prometo que, por nós, ela não vai correr risco nenhum. — Quando Bero mesmo assim não respondeu de imediato, a voz de Galo ficou mordaz. — Passa o endereço, Bagre.

Bero passou. Uma preocupação estranha e nada familiar se revolvia em seu estômago, e ele não gostava disso.

— E eu? — perguntou. — O que é pra eu fazer? E se o Molovni e os sem clã descobrirem que eu entreguei todo mundo?

— Não faz nada — respondeu Galo. — Só não se mete. Se você ficar com a impressão de que tá em perigo, podemos te tirar daí. Fica com esse numero ao alcance e não fala nada pra ninguém. — Ele parou, e Bero o ouviu falar com alguém num espênico rápido antes de voltar para a chamada. — Tem mais alguma coisa que você possa contar pra gente?

Bero tirou o pedaço de papel do bolso e o alisou entre os dedos. Se seguir Ema não funcionasse para que os espênicos chegassem até Molovni e seus conspiradores, essa seria a garantia para que os encontrassem no dia seguinte, às quatro da tarde em ponto.

Mas um esconderijo com um barco de fuga… poderia ser algo muito útil para Bero. Caso alguma coisa desse errado. Caso os espênicos acabassem o deixando na mão.

— Não. Mais nada.

— Você fez uma coisa boa, Bagre — disse Galo antes de desligar.




CAPÍTULO 25

O Grande Golpe

décimo quarto ano, sétimo mês

As reuniões da AJK nunca eram algo pelo qual Hilo ficava ansioso, na verdade, ele costumava ser capaz de evitá-las. Quarenta anos antes, quando fora criada, o único objetivo da instituição era gerenciar a produção e distribuição do abastecimento de jade do país. As reuniões bimestrais eram tipicamente cheias de discussões a respeito de orçamentos, políticas econômicas, quotas de exportação e atribuição doméstica de jade. Não era incomum que os Pilares deixassem seus Homens do Tempo cuidarem dos encontros e, por vezes, chegassem apenas no fim para darem quaisquer votos que fossem necessários.

Nos últimos anos, no entanto, a AJK se expandira para muito além de seu propósito original de ser um cartel estatal para se transformar num grupo responsável pela formulação de políticas de grande abrangência a respeito de todas as questões que envolvessem jade. Sessões especiais haviam sido convocadas para resolver qual deveria ser o posicionamento oficial da AJK quanto à reforma militar, alunos não kekonésios nas escolas kekonísias de artes marciais e jadesportes em Marcucuo, dentre outros assuntos. Os clãs Ossos Verdes haviam usado a AJK para se manifestarem unificada e publicamente

contra a descriminalização de brilho, leis antiduelos e políticas extremistas. Por um lado, a função em constante evolução da instituição servia para que as discussões fossem menos enfadonhas. Por outro, Hilo era forçado a passar mais tempo do que queria numa sala com seus inimigos.

Quando chegou com Woon, ambos foram recebidos com calorosos e respeitosos parabéns pelo nascimento de uma criança saudável na família Kaul. Woon, sem dormir e com um sorriso fixo no rosto, era o homem mais feliz que Hilo já vira. Não havia dúvidas de que preferiria estar com Shae e sua filha recém-nascida no momento, mas ele atuaria como Homem do Tempo pelos próximos vários meses, assumindo o comando da Rua Caravela durante a ausência da esposa, como já acontecera outras vezes no passado.

Ayt Madashi chegou com Koben Yiro. Com o passar dos anos, o Montanha também fizera mudanças em sua organização interna. Até onde Hilo sabia, Ayt nunca tivera um Encarregado da Pilarisa, mas o insuportavelmente pedante Koben Yiro parecia ter se tornado seu assistente não oficial, além de agir como seu porta-voz com frequência. Hilo não sabia ao certo se Ayt mantinha Koben por perto para demonstrar unicidade com a popular família Koben ou para garantir que não pudessem traí-la.

O assunto debatido entre os líderes dos clãs no dia em questão era o que fazer a respeito da mineração costeira de jade pela empresa Anorco, que continuava acontecendo. Depois de repetidas sabotagens aos seus navios, Art Wyles instalara seguranças da firma militar privada de Jim Sunto, a Ganlu Soluções Internacionais. Agora, a embarcação, que ficava no litoral da Ilha Euman, era protegida dia e noite por uma equipe de ex-soldados espênicos equipados com jade que eram capazes de Perceber a aproximação de invasores e atingi-los com granadas de atordoamento, além de técnicos que podiam remover minas limpet.

— É invasão! É roubo! — declarou Koben Yiro, batendo na mesa. — Esses estrangeiros arrogantes não têm respeito nenhum pelo nosso país ou pelo significado da jade.

— Ninguém discorda de você quanto a isso, Koben-jen — disse o Homem do Tempo do União das Seis Mãos, com um toque de irritação por toda a teatralidade. Hilo não conseguia se lembrar do nome dele de cabeça, mas a cadeira ao lado do sujeito estava vazia. O familicida Jio Somu nunca deixava a segurança de seu próprio território em Lukang, mesmo com a garantia de que os penitentes estariam presentes. Seu Homem do Tempo prosseguiu: — Mas o Wyles, o CEO da Anorco, tem dinheiro e conexões políticas pra dar e vender. Tá evidente que ninguém vai fazer ele mudar de ideia. A empresa afirma que os

navios estão operando em águas internacionais.

— Mentira — exclamou Koben. — Eles vivem invadindo território kekonésio.

— As questões legais são ambíguas, mas o que o a gente pode fazer se o Conselho Real quer que cheguemos a um meio-termo? — perguntou o Pilar do clã Jo Sun.

Não era segredo nenhum entre os presentes que os Ossos Verdes do Montanha e do Desponta haviam se unido para danificar os navios. Os políticos da Casa da Sabedoria ficaram extremamente ansiosos com o agravamento da situação. Até então, ninguém havia sido assassinado, mas cidadãos espênicos ou Ossos Verdes mortos de qualquer clã poderiam dar início a uma catastrófica crise diplomática. O governo queria negociar um acordo no qual os clãs concordariam em parar de atacar a propriedade da empresa estrangeira se os espênicos concordassem em limitar a mineração costeira a determinadas áreas e quantidades.

— Só covardes de sangue ralo negociariam com ladrões e implorariam pra que roubassem só um *pouquinho* de algo que é completamente nosso! — declarou Koben.

Ayt Mada não segurava as rédeas da franqueza de Koben. A dinâmica fazia Hilo se lembrar de apresentações e shows em que um artista de menor qualidade subia ao palco primeiro para deixar o público animado para o evento principal. Ayt permitia que seu subordinado falador acordasse as pessoas para que ela pudesse chegar parecendo uma comandante muito mais equilibrada.

E foi o que fez agora, ao aquietar Koben com um único olhar antes de dizer:

— Não teríamos chegado a esse ponto se não fosse por certos clãs nesta sala que vem há anos bajulando os interesses espênicos. — Ela encarou Hilo com um olhar firme de desprezo que, a essa altura, já lhe era profundamente familiar. — Quem sabe o Kaul Hilo pudesse usar um pouco da influência que tem na empresa militar privada que protege os navios invasores, já que é amigo pessoal de seu fundador.

— Jim Sunto não é amigo meu coisa nenhuma — respondeu Hilo. — Se vocês tão procurando alguém pra culpar, lembrem-se de que os espênicos não estariam na nossa encolha se certos líderes de outro clã não tivessem transformado nosso país num paraíso para criminosos estrangeiros.

— Kaul-jen, Ayt-jen, por favor — interveio o Presidente Canto Pan com uma coragem admirável, ou simplesmente irritado com o fato de que nenhuma reunião da AJK terminava sem algum lembrete de que, mesmo depois de tantos

anos, Kaul e Ayt ainda queriam matar um ao outro. — As circunstâncias que nos trouxeram até aqui não importam, vamos focar a proposta do Conselho Real. Que limites estritos nós poderíamos aceitar para a mineração costeira?

Hilo divagava sobre como era impressionante a capacidade das pessoas de se acostumar a qualquer coisa. Jamais teria acreditado que seria capaz de ter estômago para dividir tantas reuniões com a pessoa responsável pela morte de seu irmão, de seu cunhado e de tantos de seus guerreiros de jade (e de até mesmo ficar *entediado* pelo ódio persistente que sentiam um pelo outro). Enquanto estavam ali sentados, o Desponta caçava e matava os líderes da gangue barukâne que fez o serviço sujo para os Montanha e orquestrara os assassinatos dos cinco Ossos Verdes em Lukang.

O que vai ser preciso pra vencer essa porra? Hilo fervilhava de raiva silenciosamente enquanto a reunião continuava. Será que este estado de guerra latente, quase férvido e disperso entre os clãs continuaria para sempre, até mesmo depois que ele morresse? A Pilarisa do Montanha já passava dos 50 anos… e não tinha marido ou filhos. Por quanto tempo seria capaz de sustentar o poder num clã cheio de Ossos Verdes mais novos e ambiciosos? *Por que*, pelo amor de todos os deuses, essa vagabunda não se cansava e *desistia* de uma vez?

Um assistente do escritório que Hilo não conhecia se aproximou por trás dele e, numa voz baixa e pesarosa, disse:

— Kaul-jen, esse envelope chegou pro senhor lá na recepção. O homem que entregou insistiu que era urgente e que deveria ser entregue agora mesmo.

O Pilar examinou o envelope selado, mas não havia nenhuma marca de identificação no grosso papel de carta. Ele rasgou a correspondência.

Dentro, havia um único pedaço de folha, sem saudação ou assinatura, apenas uma linha de texto digitado. *Sua vida está em perigo. Saia imediatamente.*

Hilo virou o papel e olhou dentro do envelope, mas não havia mais nada além do aviso agourento no bilhete. Sem dizer nada, Hilo entregou o papel para Woon, que estava ao seu lado. Woon era naturalmente adepto a manter um comportamento calmo e cauteloso, mas arregalou os olhos, e Hilo o viu olhar sorrateiramente de um lado para outro enquanto sua aura de jade se acentuava de desconfiança e alarme. Ele procurou o assistente que trouxera a mensagem, mas o jovem já havia se retirado.

Hilo sentiu seus olhos e Percepção se alastrando em volta da grande sala de reuniões. Sentiu apenas as pessoas que deveriam estar ali: executivos da Aliança Jade-Kekon, os líderes Ossos Verdes e seus respectivos Homens do Tempo, quatro penitentes deístas de pé nos cantos, duas secretárias servindo chá e

carregando notas entre os presentes. Hilo afinou sua Percepção para além das portas fechadas. Os corredores logo além da sala estavam vazios. Um segurança entediado comandava a antessala do elevador. Para além disso, era difícil discernir energias individuais: as pessoas que se movimentavam ao longo dos dois andares inferiores eram um borrão agitado.

Ele recolheu sua Percepção de volta para o ambiente em que estava e analisou as auras de jade que o cercavam. Não Percebeu nenhuma ameaça imediata; nenhum dos outros Ossos Verdes emanava intenções assassinas, nem mesmo Ayt Madashi. A Pilarisa do Montanha o encarava do outro lado da mesa. Ela era capaz de notar que algo havia acontecido para deixá-lo em alerta máximo. Anos de hostilidade mútua haviam deixado ambos os pilares sensíveis a quaisquer mudanças na aura de jade um do outro e, mesmo sem usar a Percepção, ela não podia deixar de notar que o foco dele havia se debandado da discussão e que fazia diversos segundos que Hilo estava sentado muito imóvel, olhando para o nada.

Hilo virou a cabeça levemente para Woon.

— Pega o bilhete e sai da sala. Agora.

Ele empalideceu.

— Não posso deixar o Pilar pra trás — insistiu Woon com tanta urgência, com um temor tão veemente, que Hilo se lembrou de que ele fora o melhor amigo e Encarregado do Pilar de Lan, que já vira um Pilar morrer sob seus cuidados. — Não vou, Kaul-jen.

— Me obedece — ordenou Hilo. — Espera no corredor. Vou logo atrás de você. Impeça qualquer um que saia antes de mim. Quero que você vá primeiro pra eu saber quem vai reagir quando você sair. Ou se tão nos fazendo de bobos. — Quando Woon mesmo assim não se mexeu, Hilo vociferou baixinho: — *Agora,* Woon-jen. Pensa na sua filha.

Woon engoliu em seco, então apanhou o papel misterioso, ergueu-se do assento e foi para a saída da sala. Hilo colocou as mãos sobre a mesa redonda e se levantou mais devagar, o que fez com que a conversa esmorecesse e parasse.

— Lamento dizer que tivemos uma emergência familiar — anunciou. Murmúrios curiosos e preocupados foram se espalhando. — Woon-jen e eu precisamos sair. Continuem a reunião sem nós.

Hilo caminhou decididamente, mas não tão rápido, para a porta pela qual Woon passara. Os políticos e legisladores sem jade ficaram apenas confusos, mas um frisson cada vez maior de desconfiança foi se instaurando pelas auras dos Ossos Verdes ali. Eram capazes de Perceber que Hilo não estava sendo cem

por cento honesto, que havia algum outro motivo para que sua aura de jade estivesse zunindo num tom tão estridente e violento. Com olhos semicerrados, Ayt Mada virou a cabeça para observar cada passo que Hilo dava pela sala. Ele estava com a Percepção tão tensionada que sua audição e visão se enevoaram. O ambiente parecia um espaço indistinto e silencioso cheio de energias individuais que ele capturava uma a uma com atenção, esperando que pelo menos uma delas reagisse com um repentino designo maléfico. *Revele-se*.

Uma delas se revelou. Numa sala cheia de auras de Ossos Verdes, passou despercebida até o último instante. Hilo se virou quando chegou às portas; Ayt Mada havia começado a se levantar da cadeira.

— Você tá mentindo. O que você tá realmente…

E, de trás da Pilarisa, a secretária, que tinha começado a reabastecer seu copo, derrubou a jarra, derramando água por toda a mesa e pelos papéis de Koben Yiro, e, no mesmo movimento, enfiou uma faca escondida na manga da blusa na lateral do pescoço de Ayt Madashi.

Ayt pressentiu o ataque, mas já era tarde demais. Em circunstâncias normais, ninguém jamais seria capaz de conceber um assassino chegando tão perto a ponto de cortar a garganta de uma Osso Verde como Ayt Mada. A jovem só havia conseguido porque toda a atenção da Pilarisa estava focada no comportamento suspeito de Kaul Hilo. No momento de silêncio estarrecido que o choque espalhou pela sala, todos ouviram as palavras da secretária, um grito agudo de medo e de triunfo.

— Olha pra mim, Ayt Madashi, sua carniceira, sua vagabunda. *Você sabe quem eu sou?* Ven Emashan, filha de Ven Sando, irmã de Ven Haku, a garota da família que…

A mão da Pilarisa se atracou na garganta da garota num movimento esmagador de Força. Num clamor quase inumano, ela se virou e aterrou a nuca da jovem na ponta da pesada mesa com tanta violência que a madeira escura envernizada se estatelou junto com o crânio da secretária. Ardendo com uma energia de jade explosiva, Ayt atirou o corpo inerte contra a janela mais próxima. O cadáver bateu no vidro com um baque carnudo e asqueroso, onde criou um padrão de rachaduras feito uma teia antes de cair no carpete como um saco pesado.

Dos cantos da sala, os penitentes ergueram os rostos.

— Os céus testemunharam! Os céus testemunharam! Os céus testemunharam! — entoaram os sacerdotes num coro arrepiante que fez todos estremecerem e apertaram os lóbulos das orelhas, cientes do terrível fato de que

Ven Ema havia eternamente condenado a própria alma e a alma de toda a sua família por ter derramado sangue sob os olhos dos deuses.

Ayt caiu de joelhos, com as mãos agarrando o ferimento no pescoço e torrentes vermelhas escorrendo dentre os dedos ao redor da lâmina saliente. Koben Yiro se levanto num rompante alarmado.

— Ayt-jen! — Ele correu na direção dela, então parou e se virou para encarar os rostos chocados de todos ali presentes. — A Pilarisa foi ferida. Tragam ajuda!

O Homem do Tempo do União das Seis mãos deu meia dúzia de passos rumo ao corredor antes de parar, hesitante. Hilo estava parado em frente à porta fechada. Ele não havia se mexido; estava tão chocado quanto todos por ver Ayt Mada de joelhos, fatalmente machucada, com os olhos arregalados de incredulidade e dor. A boca de Ayt se mexia em busca de ar. Sangue continuava a vazar de baixo de sua mão firme, deixando uma mancha exuberante em seu cardigã creme. Hilo a encarou e então, aos poucos, ergueu os olhos para as outras pessoas na sala, analisando friamente os participantes da reunião. Sem falar nada, deu dois passos ponderados para bloquear a saída.

Uma catarse sinistra se derramou sobre os membros da AJK. Se não fizessem nada, Ayt Mada morreria. Hilo não precisava sequer levantar um dedo para que isso acontecesse; tinha apenas que prevenir que saíssem dali. Havia diversas pessoas que não usavam jade. Dentre os Ossos Verdes, nenhum era tão munido de jade quanto Kaul Hilo, tampouco seria páreo individualmente num embate de habilidades marciais. Alguns deles juntos poderiam derrotá-lo, mas dificilmente conseguiriam fazer algo assim tão rápido. Woon estava no corredor e poderia vir para o lado de Hilo num piscar de olhos.

O Pilar do clã Taça de Pedra se recostou na cadeira e cruzou os braços, numa clara demonstração de que não faria nada contra o Desponta. Os líderes do Jo Sun e do Cauda Preta o acompanharam. Os líderes tributários do Montanha se entreolharam, incertos. Todos haviam feito juramentos de aliança à Ayt Mada, mas, com a mulher sangrando no chão e Kaul Hilo no caminho, será que valia a pena arriscar as próprias vidas para salvá-la?

Koben Yiro deu um passo ameaçador na direção de Hilo e gritou:

— Alguém faz alguma coisa antes que seja tarde demais!

Hilo fixou seu olhar predatório no sujeito.

— Já é tarde demais, Koben-jen — disse num sussurro perigoso. — É o fim das velhas coisas e o começo das novas.

Koben Yiro engoliu em seco. Se Ayt Mada morresse, ele ficaria pessoalmente atrelado à humilhação de ter falhado com sua Pilarisa. Por outro lado, seu

sobrinho era o herdeiro. Sua família se elevaria à liderança do Montanha.

Um impasse mórbido se assentou pela sala pelo que pareceu três batidas de um coração. Ayt tentava falar, mas, embora abrisse a boca, nenhuma palavra saía. No rosto pálido da Pilarisa, Hilo viu que ela estava entendendo o que iria acontecer. Estava morrendo, cercada de gente, mas sem ninguém para ajudá-la, nem mesmo aqueles aliados que haviam lhe prometido lealdade. Kaul Hiloshudon ficaria parado na frente da porta, triunfante, sem tomar atitude nenhuma, vendo-a morrer, e todos os outros ali fariam o mesmo. Ela fora a mais forte de todos, a mais astuta, a mais temida, mas, nesta sala, não tinha amigos de verdade. Hilo viu essa percepção tenebrosa nos olhos da Pilarisa, e por mais ávido que estivesse para que Ayt morresse, também sentiu pena dela naquele instante.

Revolta e inclemência fulguravam a aura de jade de Ayt Mada, turvando-a feito magma. Num rompante de esforço sobre-humano, ela se levantou e correu, mas não para a porta, onde Hilo estava, mas para a janela. Com a Leveza, saltou por cima do corpo de Ven Ema e se atirou com o ombro no vidro danificado, que se estilhaçou com toda a sua Força.

Com um grasnido desacreditado, Hilo correu adiante e viu Ayt cair três andares, para a calçada lá embaixo. Ferida como ela estava, conseguiu se ater à Leveza e ao Aço. Tombou em cima de uma van estacionada, afundou o teto de metal e foi parar no concreto em meio a uma chuva de cacos de vidro, o que causou gritos chocados das pessoas por perto. Ayt se levantou, tropeçou, caiu, se levantou de novo e, aos solavancos, começou a correr pela rua.

— Deuses, puta que pariu — exclamou Hilo, atônito. Se preparou para saltar com a Leveza atrás dela, pensando apenas em persegui-la e garantir que ainda assim morresse. Mas então seus olhos pairaram sobre a van lá embaixo. O veículo estava estacionado numa área de carga e descarga, mas estava desocupado. O corpo de Ayt, imbuído de Aço, havia envergado o teto e entortado uma das portas, que agora estava parcialmente aberta.

Hilo se lembrou do bilhete que recebera, do aviso que ficara tentando decifrar antes do ataque a Ayt o fazer esquecer da urgência de algum outro perigo. Deu vários passos para trás, e então a van sob a janela detonou numa explosão que demoliu o térreo do prédio e engolfou a lateral da estrutura numa bola de fogo crescente que viajou mais rápido do que os gritos das pessoas que iam sendo engolidas. Hilo teve tempo apenas de sentir incredulidade, de pensar na esposa e nos filhos, antes da rajada alcançá-lo e a sala de reuniões do terceiro andar desmoronar, derrubando centenas de quilos de detritos de concreto sobre ele.




CAPÍTULO 26

Nekolva

O endereço que Ema dera a Bero pertencia à última unidade de um velho conjunto de geminados na região norte das Docas, uma área que ainda não havia sido gentrificada por condomínios à beira-mar, lojas e atrações turísticas. Bero crescera não muito longe dali. Durante a infância, as ruas de habitações industriais eram populadas por estivadores e funcionários de empresas de conservas. Pelo visto, atualmente estavam cheias de imigrantes de Uwiwa e de Oortoko que eram prestadores de serviços ou empregados nas fábricas da cidade que pagavam mal. Bero conferiu de novo o pedaço de papel e se aproximou da porta com cuidado enquanto olhava para os dois lados da rua. A unidade vizinha parecia estar desocupada; as janelas continuavam vedadas contra a temporada de tufões do ano anterior, e a notificação de despejo amarela na porta estava tão desbotada que se tornara ilegível. Um barco a motor de oito metros de comprimento recoberto por uma lona estava atracado na água bem à frente do geminado.

Bero tentou abrir a porta. Trancada. Estava chacoalhando a maçaneta para ver quão difícil seria arrombá-la quando a porta se abriu com tudo. A silhueta de Vastik eya Molovni, com seus braços grossos e cabelo ruivo-escuro ondulado, parou na entrada feito um demônio. Bero deu um pulo para trás devido ao olhar apavorante do estrangeiro.

— O que você tá fazendo aqui, porra? — exclamou Molovni.

— Ela me mandou vir pra cá — respondeu Bero, bruscamente. Não tinha esperado que fosse encontrar esse sujeito. Eram apenas duas e meia da tarde. O ygutaniano não deveria estar desempenhando seu grande plano? Não era para os espênicos o estarem impedindo? — Ela mandou — repetiu Bero. — A Ema. Ela falou que você ia tirar a gente da cidade. Me deu este endereço.

O olhar incrédulo e o tremelique de sua mandíbula angulosa fizeram Bero suspeitar que o sujeito estava decidindo se iria fechar a porta na sua cara ou matá-lo. Ao decidir que, pelo visto, nenhuma das duas opções oferecia um risco aceitável (que Bero ficasse livre ou que virasse um cadáver), o estrangeiro xingou baixinho em ygutaniano, agarrou Bero pela frente da camisa, puxou-o para dentro da pequena residência e fechou a porta com força.

— Você falou pra alguém? — exigiu saber Molovni, empurrando Bero contra a parede com tanto afinco que deixou claro que o agente nekolva, embora não usasse jade, tinha Força o bastante para fazê-lo atravessar a parede. — Pra qualquer pessoa que seja? Qualquer outro daqueles tontos do movimento sem clã? — O homem falava num grunhido acelerado, e o sotaque intenso ia distorcendo tanto as palavras que Bero não as entendeu de imediato. Molovni sacou uma pistola Ankev. — *Falou*?

— Não! — respondeu Bero, atrapalhado. — Não falei pra ninguém.

O rosto brutal de Molovni se inclinou adiante, próximo e ameaçador. Bero ainda não sabia ao certo se o estrangeiro tinha algum senso de Percepção, mas, ao que parecia, crente de que o kekonésio estava falando a verdade, o ygutaniano o soltou e colocou a Ankelv no cós da calça.

— Você não pode vir — informou Molovni, com uma careta para Bero como se ele fosse um vira-lata no lixo. — Não importa o que ela te disse. Não tem espaço pra mais ninguém.

— Papo-furado — exclamou Bero. — Você tem um barco, não tem? Não dá de colocar só mais uma pessoa?

— Você é um idiota — respondeu Molovni. — Não tô falando do barco. Pra onde acha que a gente vai? Tem um navio esperando do outro lado da Ilha de Gosha pra nos levar como asilados pra Ygutan. Os homens naquele navio só vão aceitar as pessoas que eu falei que iriam. Você? Eles vão é te dar um tiro. — Ao longe, uma ambulância ressoou. E outra. O ygutaniano trancou e passou o ferrolho na porta atrás de Bero. — Dá o seu jeito pra sair da cidade caso você esteja tentando fugir dos clãs. Ou se esconde no geminado aqui do lado, tô nem aí. Mas, agora que você tá aqui, não pode sair. Não até eu dar no pé desta porra

de ilha.

Ele se virou e começou a subir por uma escadaria estreita.

Bero ficou ali parado, estupefato por um instante. Depois, seguiu Molovni. As cortinas nas janelas do segundo andar estavam abaixadas; apenas alguns filetes de luz se infiltravam pelas frestas. O cômodo era tão vazio quanto uma cela. Bero identificou uma cama de solteiro, uma cômoda, uma mesa e uma cadeira. Não havia nada nas paredes, nenhum bem pessoal à vista além de um rádio e alguns papéis na escrivaninha.

Molovni estava ajeitando a antena e mexendo no mostrador do rádio. A música clássica passou para um remix animado, depois para estática e então para a estação de notícias da ENK.

— Cadê a Ema? — perguntou Bero.

O ygutaniano não levantou a cabeça.

— Ela não vem.

— Não vem? — exclamou Bero. — Cadê a Ema? Não era pra ela te encontrar? — Se os espênicos estavam vigiando Ema, para onde foi que ela os levou se não para o agente nekolva e seu plano?

Molovni ergueu um dedo para que Bero fizesse silêncio e aumentou o volume do rádio. Toh Kita, o âncora da Emissora Nacional de Kekon, dava uma notícia extraordinária: havia ocorrido uma explosão gigantesca no Distrito Financeiro de Janloon que destruíra a sede da Aliança Jade-Kekon durante uma reunião do conselho. A suspeita era de que houvesse dezenas de representantes do governo e dos clãs entre os mortos e feridos. Policias, socorristas e Ossos Verdes de ambos os clãs estavam no local. Num timbre taciturno, Toh Kita prometeu aos ouvintes que, assim que possível, divulgaria mais informações.

— Pronto. — Molovni conferiu seu relógio. — Se o Guriho e o Otonyo escaparem, daqui a pouco vão chegar aqui.

— Você nem foi lá? — Para Bero, a sensação era de que sua compreensão da situação estava caindo por terra. — Os outros fizeram tudo e você ficou aqui, só esperando? Que tipo de espião ygutaniano você é?

O estrangeiro se virou rápido e o encarou com um olhar raivoso de desprezo.

— Eu não fiz *nada*? Passei oito anos nesta porra de cidade infestada de jade pra fazer isso aqui dar certo. Quem foi que organizou *tudo* pros sem clã? Dinheiro, armas, informação, explosivos, asilo político… você acha que é fácil arranjar essas coisas? — Molovni bufou. Começou a guardar os itens da mesa numa mochila preta. — A revolução tem que vir de dentro, mas não teria chegado a lugar nenhum não fosse por mim. Não fosse pelo nekolva.

Bero pensou em seus dirigentes espênicos e grunhiu:

— Mas por que foi que eles não impediram?

Percebeu o deslize num instante, mas era tarde demais. Molovni se virou para ele mais uma vez e soltou a mochila sobre a mesa. Seus olhos pequenos se semicerraram de desconfiança.

— De quem você tá falando?

Bero tentou encontrar uma mentira convincente, mas Molovni já vinha em sua direção com o semblante enevoado de suspeita. Se tivesse de fato algum senso de Percepção, então poderia ver os batimentos cardíacos de Bero acelerando.

— O que foi que você fez, sua criatura inútil? — vociferou o estrangeiro. — *Pra quem é que você trabalha?*

Bero não teve chance de responder. As janelas estilhaçaram ao mesmo tempo em que a porta foi derrubada das dobradiças. O pequeno quarto irrompeu numa tormenta de lascas de madeira, cacos de vidro e movimentos violentos. O choque de Bero durou um segundo inteiro. Depois, ele se jogou num canto quando meia dúzia de homens mascarados com equipamentos militares invadiram o geminado.

Molovni deu meia-volta com a Ankev nas mãos e atirou no intruso de preto mais próximo. A bala atingiu o colete à prova de balas do homem e o lançou contra a parede. Molovni disparou mais uma vez antes de outro mascarado o atingir nas costas com fios elétricos de pontas afiadas que invadiram suas roupas e adentraram sua pele. Molovni ficou tão rígido quanto uma tábua de madeira e tombou no chão, se debatendo e soltando barulhos engasgados e guturais conforme a eletricidade vertia em seu corpo. Estava com os olhos furiosos e alarmados, com a boca aberta e travada. Três homens foram para cima dele feito lobos.

Mesmo com os músculos em espasmos incontroláveis, Molovni conseguiu usar suas habilidades de jade. Lançou uma poderosa rajada de Deflação que debulhou o geminado numa onda concêntrica. Os invasores tropeçaram para trás e lascas de madeira e cacos de vidro apedrejaram os braços de Bero, que ele colocara sobre a cabeça. Os fios foram soltos das costas de Molovni. O ygutaniano rolou, se levantou num instante e pegou a Ankev caída. Bero vislumbrou o medo frenético em seu rosto enquanto ele apontava a arma para a própria cabeça.

Um pé de bota chutou o braço de Molovni, ao que a arma saiu voando de sua mão e foi parar embaixo do sofá.

Bero sabia que o estrangeiro era nekolva, e ouvira falar de agentes especiais da Espênia que usavam jade, mas nunca vira homens que não eram Ossos Verdes se moverem tão rápida ou brutalmente antes. Numa última tentativa desesperada de escapar pela janela estilhaçada do segundo andar, Molovni usou a Leveza para atravessar o geminado. Quase conseguiu, mas foi pego no ar e levado até o chão pela Força combinada de três soldados. Foi segurado feito um touro selvagem. Gritou profanidades em ygutaniano, e saliva escapava dos cantos de sua boca enquanto seus punhos eram puxados para trás e amarrados com apertadas algemas de plástico. Os calcanhares foram presos também, e um tecido preto recobriu sua cabeça. Um dos mascarados pegou uma seringa do bolso do colete tático, enfiou-a na coxa de Molovni e aplicou a droga. Alguns segundos mais tarde, ele passou a se debater de forma descoordenada e fraca, até parar por completo. Dois soldados corpulentos ergueram o ygutaniano inconsciente como se ele fosse um tapete pesado e o tiraram do apartamento e de vista.

Bero não havia nem se mexido ali no canto do cômodo. Os homens mascarados o ignoraram quando começaram a destruir o geminado. Abriram gavetas e jogaram todo o conteúdo em sacos amarelos de provas. Bateram nas paredes e no chão em busca de compartimentos secretos, olharam debaixo e atrás dos móveis, e levaram até mesmo a lata de lixo. Dedicaram uma atenção especial à mesa; Bero os viu colocar a mochila com papéis, uma secretária eletrônica e uma pequena pilha de correspondências fechadas numa caixa especial. As garrafas no armário de remédios do banheiro foram examinadas, fotografadas e, como era de se esperar, reunidas e levadas. As poucas palavras que os soldados trocavam eram em espênico.

Galo e Berglund entraram, vestidos em roupas comuns pretas, mas armados e com um ar oficial. Berglund olhou pelo geminado desmantelado com satisfação e começou a falar com um dos soldados. O sujeito que levara um tiro no peito, que estaria morto não fosse pelo colete à prova de balas, conseguiu se levantar com a ajuda de seus dois camaradas e foi levado para fora do recinto. Bero só percebeu que o rádio na mesa continuava ligado quando um dos espênicos o desligou, tirou da tomada e levou junto com o restante dos pertences de Vastik eya Molovni.

Galo caminhou até o canto em que Bero estava e meneou a cabeça com uma decepção nada surpresa.

— Você devia ter nos contado tudo, Bagre. Você não precisava tá aqui.

E ofereceu uma mão para ajudá-lo a se levantar. Bero encarou o gesto, mas não o aceitou.

— Vocês… *me seguiram* até aqui? — gritou.

— Você achou que a gente não iria estar te vigiando? E que bom que estávamos. Por mais que não pudéssemos confiar em você, é por sua causa que temos um dos nekolva sob custódia, junto com provas de que ele estava envolvido em incitar uma revolução em nome do governo ygutaniano. — Galo analisou o cômodo destruído e praticamente vazio com a expressão satisfeita de um leopardo devorando um osso. — A gente talvez vá finalmente conseguir desvendar os segredos do programa de treinamento militar ygutaniano.

Bero se levantou.

— E a Ema? Era *ela* que vocês iam seguir. Cadê ela?

Galo meneou a cabeça.

— Lamento dizer que ela estava dentro do prédio da AJK que desmoronou.

— Seus espeniquitos de merda, vocês não tentaram impedir o grande ataque dos sem clã coisa nenhuma. Só queriam o Molovni. Vocês sabiam que ela ia morrer. — Bero estava com os punhos cerrados enquanto gritava de novo.

O sujeito keko-espênico o encarou com seriedade.

— Agora, a marinha da RDE tá navegando pelas águas ao redor da Ilha de Gosha. Se tivermos sorte, vamos encontrar e capturar a embarcação ygutaniana que tá esperando pra ajudar o Molovni a escapar. É uma tragédia que tenhamos perdido vidas no ataque terrorista ao prédio da AJK hoje à tarde. Mas, se tivéssemos intervindo para prevenir a explosão, Molovni e seus superiores teriam ficado sabendo na mesma hora. Havia coisa demais em jogo. Os bens e as informações que angariamos dos nossos inimigos hoje são capazes de salvar milhares ou até mesmo milhões de vidas.

— Vidas de espeniquitos — vociferou Bero.

— Tentamos avisar nossos aliados kekonésios antes da explosão, mas temo que não tenha dado certo. — Galo semicerrou os olhos diante da incredulidade de Bero. — Você se juntou ao Movimento Futuro Sem Clã para acabar com os clãs. Trabalhou pra nós pra fazer um dinheiro a mais. Conseguiu as duas coisas e ainda saiu vivo. Tá chateado com o quê? Que a garota se sacrificou por uma causa agora que você finalmente tava comendo ela? Ou por descobrir que você não é tão esperto quanto achou que era? Claro, você foi manipulado. Mas o que esperava?

Ema dera este endereço não para que ele pudesse escapar com ela, mas para trair Molovni. *Não é porque eu odeio os clãs que tenho algum apreço pelos ygutanianos.* Essas haviam sido as palavras de Ema. Ela quisera derrubar os clãs, mas sem entregar a vitória para o agente estrangeiro e seus mandantes. Ela deve

ter suspeitado que Bero era um espião, ou simplesmente imaginara que ele iria vender a informação.

E agora estava morta, havia morrido por nada, igualzinho a Bochecha, Mudt, Soradiyo, aqueles burros do caralho, e muitos outros. E Bero continuava vivo. Houve uma época em que ele teria ficado todo cheio de si. Teria visto isso como um sinal de que a sorte estava do seu lado, mesmo quando o fazia de bobo. Agora, não sentia nada.

— Terminamos aqui. — Galo se virou e começou a sair. — Vamos, Bagre.

Bero continuou onde estava. Quando Galo percebeu que Bero não havia se mexido, ele deu meia-volta.

— Você não vai querer ficar aqui — disse o dirigente. — A gente pode te tirar de Kekon, pra sua própria segurança.

— Não quero mais nada de vocês, espeniquitos.

O semblante de Galo ficou um pouco mais gentil, quase simpático.

— Olha, a gente não é amigo. Você é um informante e eu sou o seu dirigente. Mas, só desta vez, tô te dando um conselho pro seu próprio bem. — Ele gesticulou para a janela. — Os líderes dos maiores clãs da cidade tão mortos. Janloon vai virar uma zona do caralho. Há uma oportunidade pra RDE desempenhar um papel na remodelagem do cenário político, mas também há uma grande probabilidade de que o país vire um caos. Os Ossos Verdes vão ir atrás de qualquer pessoa associada ao Movimento Futuro Sem Clã. Os ygutanianos ou os sem clã podem descobrir que foi você que nos levou até o Molovni. Que motivo você tem pra ficar aqui?

Bero odiou o fato de não ter resposta. Talvez ele não tivesse nada em Janloon, mas Janloon *o* tinha. Até mesmo os ratos tinham um esgoto para chamar de casa, e Janloon era *seu* esgoto.

— Você fez um trabalho valioso pra RDE e conquistou a chance de recomeçar a vida em outro lugar — disse Galo. — Talvez até de ser outra pessoa.

O geminado fora extirpado de tudo, tirando os móveis. Berglund e um dos outros soldados estavam à porta, esperando Galo. Lá fora, sirenes continuavam a aumentar e diminuir à distância. Bero ficou com a impressão de que estava sentindo cheiro de fumaça. Viu o soldado espênico mascarado passar a mão em uma arma extra que ele carregava e encarar Berglund com uma pergunta no olhar. Galo meneou levemente a cabeça e retribuiu o semblante impassível de seu parceiro. Uma breve discussão parecia transcorrer em silêncio entre os agentes espênicos.

Com a voz baixa, Galo falou para Bero:

— Ô, Bagre, eu tô te ajudando aqui.

Com uma limpidez que nunca tivera até então, Bero se perguntou se os espênicos iriam nocauteá-lo e sequestrá-lo, como haviam feito com Molovni, ou simplesmente lhe dar um tiro. Ele era uma ponta solta, tão dispensável quanto todos no prédio da AJK. Com um ódio bronco e resignado, ele disse:

— Mas pra onde é que eu devo ir?

Galo se virou para a porta.

— E isso importa?

— Acho que não — respondeu Bero num tom entorpecido.

Seguiu o dirigente para fora do geminado, e o soldado mascarado assumiu a retaguarda.




CAPÍTULO 27

Os Céus Testemunharam

Shae havia terminado de amamentar a bebê e estava colocando a pequena para dormir de novo quando sua mãe, que estava na sala assistindo à TV, deixou um grito lamurioso escapar.

— O que foi, mãe? — perguntou Shae, alto.

Quando ninguém respondeu, ela deitou Tia no berço e se apressou para lá. Encontrou Kaul Wan Ria com as mãos sobre a boca, encarando a tela. O jornal da ENK exibia uma cena que Shae a princípio não entendeu. Foi só quando leu a manchete (*Explosão no Centro de Janloon*) que se deu conta de que estava olhando para os destroços fumegantes da sede da Aliança Jade-Kekon.

Precisou de outros dois segundos para se lembrar de que houvera uma reunião da AJK naquela tarde, na qual o Pilar e o Homem do Tempo em voga estavam presentes. Sua mãe não sabia disso.

— Que horror, que horror! — exclamou Ria, meneando a cabeça e se sentando na ponta do sofá diante da TV. — Que tipo de gente faria uma coisa dessas? Tomara que ninguém que a gente conhece estivesse lá dentro na hora.

As pernas de Shae vacilaram. Ela estendeu uma mão para se equilibrar no encosto da cadeira mais próxima. Talvez fosse um pesadelo febril do pós-parto. Talvez tivesse se confundido com a data da reunião da AJK. Hoje era mesmo terdia, não segundia?

O telefone na cozinha tocou. Aos tropeços, ela foi até lá e atendeu. Era Juen Nu.

— Não consigo falar com o Pilar. — As palavras do Chifre e o tenebroso instante quieto que se seguiu espatifaram a negação de Shae. — Você sabe se ele estava naquele prédio?

Ela ouviu a própria respiração trôpega e a voz alarmante de tão fraca.

— Acho que estava.

Silêncio do outro lado da linha. O Chifre disse:

— Fica onde você tá, Shae-jen. Vou mandar mais Ossos Verdes pra casa, e todo o restante vou usar pra ajudar os socorristas. Ligo de novo assim que eu souber de mais alguma coisa. — Outra pausa horrorosa, pesada como chumbo. — Tem alguma coisa que você queira falar pro clã caso seja necessário?

— Ainda não — respondeu Shae. — Não até a gente saber quem tá por trás disso. — Não lhe sobravam dúvidas de que quem quer que estivesse por trás dessa explosão quisera matar todos os líderes Ossos Verdes de uma vez só, mas ela não estava pronta para pensar que o irmão e o marido tinham morrido, que agora era a Pilarisa do clã e uma mãe solo viúva. — Alguém precisa contar pra Wen — disse ela. — E pras crianças. Alguém tem que contar… — Perdeu o fio da meada, incapaz de completar a frase porque ficara difícil respirar. Apertou uma mão contra o peito. O coração batia forte e irregular.

— Vou mandar alguém procurar a Wen agora mesmo — exclamou Juen. — E instruir Dedos a pegarem o Niko e a Jaya na Academia, o Ru na escola e levar todos de volta pra casa.

Depois que Juen desligou, Shae falou para a mãe:

— Mamãe… — E não conseguiu dizer mais nada. Tia acordou e começou a se agitar. Shae foi até o quarto. Pegou a nenê e a embalou enquanto caminhava pelo cômodo; o doce rostinho alheio de sua filha de duas semanas de idade estava borrado através de um filtro de lágrimas. — Por que foi que você nasceu nesta família? — sussurrou. — Você é tão perfeita, e tem tanto sofrimento aqui.

Sua mãe chegou no quarto.

— Shae-se, deixa que eu pego ela — disse Ria, estendendo os braços. — É melhor você deitar e descansar, o médico falou que você não devia se esforçar demais.

O parto fora tranquilo, mas, depois, ela sofrera com falta de ar e fora diagnosticada com cardiomiopatia periparto. Estava usando uma quantidade reduzida de jade e devia evitar se exaurir até que se recuperasse, o que com sorte levaria de três a seis semanas.

Entregou a bebê à avó. Woon tinha certeza de que Tia lembrava Shae, mas ela não via nada disso. Enxergava apenas a tez e as orelhas de Woon.

— Preciso sair um pouco, mãe — disse ela. Começou a se vestir: um suéter e sua velha calça de gestante. — A senhora pode cuidar da Tia? Tem uma garrafa de leite na geladeira e fórmula na bancada caso eu não volte em algumas horas.

Sua mãe afinou os lábios e segurou a neta mais perto.

— É por causa do que aconteceu no centro, por causa daquela explosão — deduziu ela. — Você precisa ir trabalhar pro clã até mesmo agora. — Quando Shae assentiu sem dar mais detalhes, o rosto de sua mãe estremeceu. — É muito ruim pra nós?

— Ainda não sei. — Shae tentava falar com calma, tentava não deixar nada transparecer. — Só… espera aqui, e não acredite em nada do que a senhora ouvir até eu descobrir tudo com certeza.

Uma compreensão dormente surgiu nos olhos de Ria, uma expressão de impotência que teria quebrado o coração de Shae caso ela já não estivesse morrendo de medo. Kaul Wan Ria já passara por isso. Esperara sozinha para descobrir que o marido morrera. Depois, o filho mais velho. E agora o segundo filho também.

Shae sabia que devia seguir o que Juen dissera, que devia ficar em casa, em segurança, e esperar por notícias, assim como sua mãe estava resignada a fazer. Mas não conseguia. Precisava ir lá, ver por si mesma, para ter a certeza. Se realmente era a Pilarisa agora, precisava ser vista em meio ao clã. Não podia ser uma mulher deitada no quarto com uma criança.

Ordenou que um dos guardas da propriedade a levasse até o Distrito Financeiro. O trânsito estava extremamente devagar por toda a Rodovia do General. Ainda a diversos quarteirões de distância da cena do desastre, não conseguiram mais avançar. As estradas estavam fechadas e bloqueadas por viaturas e caminhões de bombeiro. Havia multidões nas calçadas, apontando e murmurando, segurando cachecóis e as barras das camisas por cima do nariz para bloquear o fedor penetrante de fumaça e o nevoeiro de cinzas no ar. Havia Ossos Verdes dos dois maiores clãs e de alguns menores por toda a parte, falando uns com os outros, tentando acalmar Lanternas preocupados e tirando pessoas às pressas da zona do desastre. As rivalidades estavam esquecidas por enquanto.

Shae falou para o motorista frear e deixá-la sair.

— Kaul-jen — protestou o sujeito —, a senhora tem certeza de que é uma boa ideia?

Ele tinha noção a ponto de saber que não deveria deixá-la entrar sozinha naquele cenário catastrófico, mas Shae abriu a porta e saiu antes que o funcionário pudesse pensar em alguma forma de impedi-la.

Ela foi empurrando a maré de pessoas, abrindo caminho rua abaixo rumo aos restos do prédio da Aliança Jade-Kekon. O caos estava instaurado ao redor dela: agitação, barulho, fumaça, energias de jade… tudo era um ataque contra seus sentidos. Os olhos e a garganta de Shae ardiam. Seguia adiante rápido demais para que alguém a parasse e a reconhecesse. De qualquer forma, não havia ninguém prestando atenção. Ela levou vinte minutos para chegar ao centro da movimentação, e já estava suada e ofegante, com o cabelo e as roupas recobertos por uma fina camada de cinzas. Metade do prédio continuava de pé, tão intacto que chegava a ser obsceno, com os corredores e salas expostos aos céus feito uma maquete arquitetônica aberta para mostrar a disposição de uma área interna. A metade sul da estrutura não passava de uma pilha arruinada de concreto e metal retorcido ao redor de uma cratera de destruição. Uma fileira de árvores e dois prédios do outro lado da rua estavam escurecidos, chamuscados pela detonação. Havia bombeiros trajados aos montes, e as ambulâncias iam estacionando uma atrás da outra. Shae viu uma fila de feridos (com machucados sangrentos na cabeça, queimaduras e membros quebrados ou torcidos) sentados ou deitados na calçada, passando por uma triagem e sendo atendidos por médicos. Ela girou num círculo, tonta e se sentindo sufocada.

Seguiu sua Percepção rumo a um conjunto de auras de jade familiares e encontrou Lott Jin, o Primeiro Punho de Janloon do clã, organizando um grupo de cerca de cinquenta Ossos Verdes do Desponta. Todos usavam luvas de proteção, tinham lenços amarrados ao redor do rosto e apitos vermelhos de plástico no pescoço.

— Vin e Tato vão liderar as duas equipes de busca começando um de cada lado da área caída até se alcançarem — gritou Lott. — Se sentir um sobrevivente, não gaste a sua Força; precisamos concentrar todos os nossos esforços na Percepção e tocar o barco. Usem o apito em longas sopradas de dez em dez segundos e fiquem parados até que os bombeiros ou alguém de uma das equipes de escavação cheguem. Batto, Yan e Toyi… vocês têm a melhor Leveza daqui. Vão levar água, suprimentos médicos e recados. Todo mundo entendeu? — Quanto os sorumbáticos Punhos e Dedos ali reunidos assentiram, Lott falou: — Os Montanha tão aqui também. Trabalhem com eles, mas não se esqueçam: nós mesmos vamos procurar cada metro quadrado deste lugar. Se captarem o Kaul-jen ou o Woon-jen com a Percepção, apitem três vezes seguidas e rápidas.

Só pra eles e pra mais ninguém.

Os homens de Lott levaram as mãos entrelaçadas às testas numa saudação, e então o grupo se separou para atuar com objetividade.

— Que os deuses brilhem em favor do Desponta — murmuram diversos deles numa prece.

Shae se aproximou de Lott, o que o fez dar meia-volta, pego desprevenido.

— Kaul-jen — exclamou o Punho numa surpresa raivosa, esquecendo o respeito no calor do momento. — O que você tá fazendo aqui?

— Eu não ia entender porra nenhuma sentada lá em casa vendo o noticiário. — Shae passou a mão pela testa, manchando a pele com poeira. — O que… — Colocou uma mão no peito e puxou o ar de forma tensa, com dificuldade. — O que você já sabe sobre o que aconteceu? Quem foi o responsável? Já tem algum… — Ela olhou para o prédio destruído e para as equipes de resgate que circundavam a estrutura em enxames. — Algum sinal de sobreviventes?

Lott meneou a cabeça.

— Agora tá tudo uma confusão, um caos. O Juen-jen tá falando com a polícia. Sabemos que a explosão veio de uma van cheia de explosivos de alta densidade que estava estacionada numa área exclusiva no lado sul do prédio, bem debaixo de onde a reunião da AJK estava acontecendo. Os terroristas conheciam os procedimentos internos. Tinham informações sobre a planta do prédio, as medidas de segurança e quando a reunião aconteceria. Há testemunhas que dizem ter visto dois homens na van hoje de manhã. E algumas pessoas juram que viram a Ayt Madashi cair da janela pouco antes da explosão. O pessoal do Montanha tá vasculhando a área, mas sabem tanto quanto a gente.

Shae tossiu e disse:

— O que eu posso fazer pra ajudar?

Lott olhou para ela com preocupação.

— Kaul-jen, a senhora não parece bem.

— Mas eu tô.

Lott não parecia convencido. Shae imaginou que impressão devia estar passando para ele (uma mulher de 41 anos, sem a maior parte de sua jade, fraca devido ao puerpério), e sofreu com um ímpeto de frustração e ressentimento, mais em relação a si mesma do que a Lott. Se sentia tola e indefesa, completamente distante de uma Osso Verde, uma Kaul ou uma Homem do Tempo. O que tinha imaginado que conseguiria ali?

— Eu preciso ficar aqui. Preciso saber. — A intenção tinha sido falar num tom assertivo, mas as palavras saíram lamentáveis. — Meu irmão e meu marido

tão naquela pilha de destroços.

Com convicção, Lott respondeu:

— Eu prometo pela minha jade que vamos encontrar eles. — O Primeiro Punho colocou uma mão no cotovelo dela e caminhou ao seu lado até um dos carros do Desponta, que estava estacionado ao longo de uma longa fila de veículos de emergência. — O clã precisa que a senhora preserve as suas forças. Só os deuses sabem o que vamos enfrentar depois disso. — Abriu a porta do passageiro e lhe entregou uma garrafa de água que tirou de um engradado no chão do automóvel, ao lado de uma pilha de cobertores. — Não tenho autoridade nenhuma pra pedir pra senhora ir embora, mas pelo menos senta aqui e descansa.

Lott a deixou sentada no carro com a porta aberta. Shae bebeu toda a água, então recostou a cabeça e colocou a parte de baixo das mãos empoeiradas sobre os olhos. Estava tonta, e o aperto no peito evoluíra para uma dor. Nem de longe estava apta a tomar decisões em nome do Desponta, mas talvez precisasse em breve. Observava os esforços de resgate com um medo nauseante na boca do estômago. Punhos e Dedos alarmados a saudavam quando passavam, mas Shae foi amplamente ignorada. Feridos foram atendidos, enquanto outros eram levados em ambulâncias. Sempre que alguém apitava, o coração dela se sobressaltava, mas era sempre um *único* longo assovio, não as três sopradas curtas que continuava esperando. Os corpos eram mais frequentes do que os sobreviventes, carregados para fora dos escombros e colocados no chão, em sacos pretos para cadáveres.

Saiu do carro e, atordoada, começou a caminhar pela rua. Não aguentava mais se sentir tão inútil, mesmo que Lott estivesse correto e ela não tivesse condição de ficar se esforçando fisicamente nos destroços pesados e no ar impregnado de fumaça. Ninguém percebeu a Homem do Tempo saindo da cena do desastre. Talvez ela devesse mesmo ter ficado em casa. A essa altura, Wen já teria ouvido a notícia. Niko, Ru e Jaya haviam sido buscados da escola e ela precisava estar lá para recebê-los. Seus seios estavam começando a ficar desconfortáveis de tão duros e inchados, e percebeu que havia se esquecido de contar para a mãe onde as fraldas ficavam.

Os pés de Shae a carregaram pelas sinistras ruas abandonadas do Distrito Financeiro e, mais por um hábito irracional do que por qualquer decisão consciente, percebeu que percorrera mais três quarteiros e estava diante do Templo do Divino Retorno. O pátio, com as árvores devocionais, estava vazio e silencioso. Até mesmo o vento parecia ter se aquietado. Shae atravessou as portas. A plataforma diante do mural Banimento e Retorno estava vazia. Parecia

que, logo após um ataque sem precedentes no coração de Janloon, todos os prédios próximos haviam sido evacuados, inclusive o templo. Era algo inquietante de se ver. No decorrer dos anos, ela havia vindo inúmeras vezes a esse lugar, às vezes de manhã cedo antes do trabalho, outras vezes de madrugada, mas, não importava o horário do dia, sempre houvera penitentes sentados, obedientes em meditação, de olhos fechados, com as mãos sobre orbes sagrados de jade e as auras num entoar pacífico, mas com uma energia vigilante que preenchia o santuário. Não havia essa energia agora, e ela estava sozinha.

Não era verdade. A Percepção de Shae estava nebulosa, longe de como costumava ser, mas, enquanto ela caminhava aos poucos pelo corredor entre as almofadas de oração, sentiu um puxão nos sentidos, o tremeluzir de uma aura inegavelmente familiar. Se virou devagar e incrédula. Seus olhos se moveram para as sombras nos fundos da câmara e acabaram por descansar numa silhueta caída contra a parede dos fundos, imóvel.

Shae foi até a figura encolhida. O ruído grosseiro de sua própria respiração e o passar de seus pés contra o chão pareciam incômodo, ensurdecedor. Aquela densa aura de jade vermelha… ela a reconheceria em qualquer lugar. Estava abafada, esmaecendo, como o calor de um carvão preto evaporando no frio. Ayt Mada estava deitada com as duas mãos aplicando pressão no ferimento do pescoço e com os braços e ombros empapados de sangue meio seco; o peito mal subia.

Quando Shae se aproximou, os olhos da Pilarisa se abriram numa fresta e foram focando gradualmente. Um longo instante surreal de espanto mútuo se estendeu entre as duas mulheres. E então um sorriso vagaroso e irônico ergueu os cantos da boca de Ayt Mada e foi rastejando sobre seus olhos vítreos, porém cintilantes.

— Os deuses realmente têm senso de humor. — Mal dava para ouvi-la. — Kaul Shae-jen. Mas que coincidência.

Shae ergueu o rosto para o teto do templo vazio, onde as duas haviam se encontrado anos antes, sob os olhos dos deuses nos Céus, e se colocado irrevogavelmente uma contra a outra. Ela voltou a encarar a mulher a seus pés e sussurrou:

— Talvez não seja tanta coincidência assim.

— Seu irmão morreu. Nem dentro do prédio eu estava e a explosão me jogou do outro lado da rua — grunhiu Ayt. A objetividade das palavras fez Shae gelar da cabeça até a sola dos pés. Era impressionante que a Pilarisa tivesse sobrevivido, que tivesse, de algum jeito, conseguido cambalear por toda a

distância até o templo, onde talvez fosse encontrar ajuda e refúgio. Shae se aproximou mais um pouco. Com os lábios azulando, o rosto de Ayt estava pálido feito giz. Os dedos rigidamente curvados de suas mãos estavam brancos. Ayt passara esse tempo Afluindo para dentro de si mesma, um feito difícil para qualquer Osso Verde. Havia redirecionado e usado sua própria energia de vida, extraído forças de algum outro lugar do corpo para desacelerar o sangramento e coagular o penoso ferimento no pescoço. Era uma tática insustentável, como um homem faminto comendo a própria carne. Alguma outra parte do corpo iria parar de funcionar, ela ficaria com as extremidades e os membros dormentes e apagaria conforme os órgãos fossem se desligando.

— Quem foi? — A curiosidade de Shae era genuína, quase chegava a ser uma admiração amargurada. Décadas de um ódio mortal entre o Desponta e os Montanha, e uma *outra* pessoa havia enfiado uma faca no pescoço de Ayt.

— Eu — respondeu a Pilarisa, que sorriu de novo frente ao silêncio confuso de Shae. — Executei o Ven Sando e os filhos dele por traição dez anos atrás. Mas deixei a esposa e as filhas dele vivas. — A voz de Ayt era um sussurro arrastado, seco e ácido. — Eu morrer no atentado não bastava para a filha do Ven. Ela queria que eu soubesse que foi ela. Cometi o erro de subestimar outra mulher. — A Pilarisa umedeceu os lábios e fixou o olhar em Shae. — Só fiz isso uma outra vez na vida.

A Homem do Tempo encarou a inimiga mortal de sua família, a mulher que era basicamente a responsável por grande parte da dor que definira a vida adulta de Shae. O assassinato de Lan, a guerra entre os clãs, a perda de muita de sua jade e sua quase morte num expurgo por lâmina, a bomba no carro que matara Maik Kehn, a traição e a execução de Tau Maro, a morte de Luto, que foi seu Chefe de Equipe por pouquíssimo tempo. A lista de tudo o que Ayt infligira ao Desponta não tinha fim, e cada ato era uma cicatriz feia na alma de Shae.

Ela deu uma olhada na plataforma vazia na frente do santuário. Hoje, dentre todos os dias, não havia penitentes aqui para presenciar o que acontecia no templo e relatar os atos aos Céus. Sua mão foi até a lombar, à faca talon que carregava ali. Ela a desembainhou com a plena certeza de que os deuses haviam virado o rosto de propósito, feito parentes sorrateiros que dão um presente que não deveriam para uma criança. A arma se acomodou em sua mão, quente e sólida em seu propósito. O clã, sua família e sua vida podiam até estar em ruínas — mas ela tinha *esse momento*. Terminar o que seus irmãos não haviam conseguido e finalmente colocar um fim na guerra entre os clãs estava nas mãos de Shae. Talvez Lan estivesse assistindo. Talvez Hilo também.

Shae se agachou com cautela. Ayt podia até estar fatalmente ferida e a um passo da morte, mas um tigre enjaulado era bem capaz de usar o último fôlego para estraçalhar a garganta de alguém. A Pilarisa usava muito mais jade do que Shae, e podia invocar um último rompante de força vingativa para levar um inimigo junto.

Ayt se mexeu dolorosamente.

— Eu te parabenizo, Kaul-jen. Quando a noite de hoje cair, você pode ser a única Pilarisa viva em Kekon. Não sinto inveja de você. — O sorriso desdenhoso havia sumido de seu rosto. Ela falava com uma voz abatida e raivosa. — Aqui vai um conselho: nunca cometa o mesmo erro que eu. Não tenha piedade.

Shae enrijeceu. As palavras de Ayt, carregadas de um sinistro mau agouro, pareceram acrescentar peso à faca em sua mão. *Você pode ser a única Pilarisa viva em Kekon.*

Os clãs haviam passado anos lutando um contra o outro e, ainda assim, fora um inimigo diferente que os atacara hoje, com a intenção de destruir todos os clãs Ossos Verdes de uma vez só. Os extremistas não se importavam com o aisho, não viam problemas em matar centenas de inocentes. Queriam virar toda a sociedade kekonísia de cabeça para baixo, semear caos e destruição, provar que até mesmo as instituições mais importantes do país eram vulneráveis e que até mesmo os mais fortes líderes Ossos Verdes poderiam ser mortos por gente que não tinha poder nenhum.

Ela vira os destroços deixados pelo bombardeio e, por mais que quisesse negar, sabia que as palavras de Ayt provavelmente eram verdade: as pessoas naquele prédio estavam mortas. Agora, Shae enxergava com muita clareza o que iria acontecer. Os clãs menores entrariam em crise com a perda de seus Pilares. Cidades e indústrias inteiras virariam um caos. O país iria buscar soluções com os dois maiores clãs. O sobrinho de 22 anos de Ayt Mada viraria Pilar, e o Clã da Montanha acabaria sob governo da imprudente família Koben. Os Koben culpariam os imigrantes e os estrangeiros pelo ataque terrorista. Levariam o povo à força rumo a um frenesi reacionário e exerceriam toda a influência dos Montanha no Conselho Real para incitar medidas isolacionistas que reverteriam as décadas de crescimento do país, ameaçariam as operações internacionais do Desponta e provocariam retaliações internacionais.

Quanto ao Desponta… Shae sentia uma apreensão gélida nas profundezas do âmago de seus ossos. Ela acabara de ter um filho, provavelmente se tornara viúva, estava fisicamente mal e sem a maior parte de sua jade. Não tinha a

menor condição de ser Pilarisa. Não queria ser Pilarisa. A ideia a enchia de pavor.

Será que Hilo tinha se sentido assim na noite em que Lan morreu? Ela nunca falara com ele de verdade sobre isso. Para ela, tentar liderar o Desponta, e talvez o país em si, seria ainda pior depois das consequências desse desastre nacional, com os outros clãs Ossos Verdes em caos e o povo vociferando por vingança, enquanto lá fora poderes se preparavam, prontos para se meterem na confusão.

Ela segurou a faca talon com mais força. Os olhos de Ayt estavam quase fechados; sua aura de jade pulsava com uma impaciência trôpega, mesmo enquanto sua respiração ficava cada vez mais penosa e ofegante.

Shae emitiu um ruído baixinho e embainhou a lâmina. Sem acreditar no que estava fazendo, foi até o lado de Ayt Mada, colocou um braço debaixo das costas dela para apoiá-la e a ajudou a se sentar. Fez mais pressão no ferimento sangrento do pescoço e começou a Afluir sua preciosa energia, forçando calor para o corpo da outra mulher.

Não tenha piedade.

— Seria piedade demais cortar a sua garganta, Ayt-jen — sibilou Shae —, e te poupar de ser a Pilarisa neste momento tenebroso em que mais precisam de você.




CAPÍTULO 28

Se Decida

Anden passou por eventos chocantes na vida, mas nem em seus maiores delírios poderia ter imaginado sua prima, Kaul Shae, emergindo dos fundos do Templo do Divino Retorno com o braço de Ayt Mada sobre seu ombro. Ambas mancavam, recobertas pelo sangue da Pilarisa.

Por diversos instantes, Anden ficou encarando com a boca aberta, horrorizado e chocado, incapaz de encontrar sentido naquela cena impossível. Quando se recuperou, saiu do carro e foi ajudar. Quando as alcançou, hesitou, e recuou de Ayt como se estivesse instintivamente evitando uma víbora. Depois, colocou uma mão sob o outro braço da mulher ferida, abriu a porta traseira do carro e ajudou a deitá-la lá atrás.

Shae se jogou no banco do carona. Anden voltou para trás do volante. Ele se virou para ela com olhos arregalados e questionadores. A Homem do Tempo estava com uma aparência péssima. Cinzas revestiam seu cabelo e escureciam a camada de suor em seu rosto, tanto que ela própria parecia um cadáver.

— Shae-jen — disse Anden devagar —, por que exatamente a gente tá salvando a vida da Ayt Madashi?

— Precisamos dela — respondeu Shae severamente. — A cidade precisa dela. Esse seria o pior momento possível pra que o maior clã do país virasse um caos, ou caísse nas mãos da família Koben, o que seria quase tão ruim quanto. —

Ela entendeu a pergunta que acometia os olhos de Anden e, baixinho, falou: — Não recebi nenhuma notícia. E você?

Ele meneou a cabeça.

— Conferi em todos os hospitais. — Shae o encontrara na clínica de Garrarra, onde Anden estava trabalhando, lidando com o fluxo de feridos que sobrecarregava as instituições médicas de Janloon. Em meio a pressa de cuidar dos pacientes, ele ficava ligando alternadamente para a casa principal da propriedade Kaul, para a residência de Shae, para a do Chifre e para o escritório da Homem do Tempo, tentando descobrir se o restante da família estava a salvo. As linhas telefônicas estavam congestionadas; foi por pura sorte que Shae conseguira contatá-lo de um orelhão perto do templo depois de apenas três tentativas. Ele ainda estava com o uniforme cirúrgico e usando jade, já que havia saído às pressas sem avisar ninguém.

Anden deu uma olhada para trás, para o banco traseiro de seu Ryuna 5T Wagon, um carro claramente prático pelo qual Hilo costumava provocá-lo, mas que agora oferecia uma discrição muito bem-vinda, já que seria o último veículo que qualquer pessoa pensaria em analisar caso estivesse procurando pela Pilarisa do Montanha. Ayt Mada estava respirando, mas não se mexia.

— O local da explosão fica a poucos quilômetros daqui e tem ambulâncias e Ossos Verdes do Montanha lá — disse Anden. — Ou será que a gente leva ela direto pro Hospital Geral de Janloon?

— Pra nenhum dos dois — respondeu Ayt, com tanta veemência que Anden chegou a se encolher ao ouvir a voz da inimiga mortal de sua família vindo bem de trás do seu ombro. — Ninguém do Montanha pode me ver assim. Vocês entendem? — Ayt inspirou num chiado e tentou se sentar. — Eu… eu preciso recuperar minhas forças primeiro…

— Você precisa de um médico, Ayt-jen — disse Anden. — Perdeu sangue demais.

— Tanto que pode ser que eu morra uma hora depois de ser encontrada. Me levem pra longe de todo mundo. — A autoridade na voz da Pilarisa estava entremeada com um sentimento que ele a princípio não reconheceu: medo. Anden levou um instante para entender. Talvez houvesse membros do Clã da Montanha, apoiadores fervorosos da família Koben, ou gente que nutria um antigo rancor por causa dos rivais que Ayt matara ao longo dos anos, que não lamentariam se a Pilarisa acabasse se tornando apenas outra casualidade do hediondo ataque daquele dia. Até mesmo num hospital, sob cuidado de seus próprios Ossos Verdes, Ayt não poderia ter certeza de que estaria em segurança

neste estado fraco e vulnerável.

Anden xingou baixinho, limpou a poeira dos óculos, ligou o carro e começou a dirigir. Felizmente, as estradas estavam vazias (era só porque era médico que tinha conseguido passar pelas faixas de segurança que cercavam a área do desastre), então levou menos de quinze minutos até o único lugar em que conseguiu pensar: seu apartamento na Cidade Velha. Quando chegaram, ele foi até a garagem do subsolo e estacionou perto do elevador. De lá, mandou que Shae fosse na frente para garantir que não encontrassem ninguém no corredor. Anden pegou uma capa de chuva do porta-malas, jogou-a sobre os ombros de Ayt e escondeu seu rosto com o capuz. A Pilarisa do Montanha mal estava consciente; sua aura estava fraca, e ela não conseguia ficar de pé sozinha. Anden a ergueu com facilidade e a carregou até o elevador, depois pelo corredor até o apartamento. Os braços da Pilarisa pendiam, e a multitude das joias que carregava no corpo brilhavam em contraste à pele pálida; a energia da jade ia criando uma pressão cada vez maior na cabeça e no peito dele. Era a coisa mais irreal que Anden poderia ter imaginado: a formidável Ayt Madashi, tão debilitada e indefesa em seus braços.

Assim que entraram, Anden a dispôs no sofá, recuou e limpou a própria testa coberta de suor, mais devido à ansiedade do que à exaustão. Shae trancou a porta, passou o ferrolho e então fechou as cortinas. Por um instante, os dois ficaram parados na sala escura, respirando fundo e encarando tanto Ayt quanto um ao outro, incrédulos. Então, Anden deu um suspiro tenso.

— Shae-jen, você me ajuda? Preciso do kit de primeiros socorros que tá embaixo da pia do banheiro, e você pode ferver uma panela d’água também?

Shae assentiu e começou a agir. Anden se ajoelhou ao lado da inconsciente Ayt, passou a Percepção ao longo do corpo dela e logo observou as piores lesões. Colocou as mãos sobre seu torso e começou a Afluir devagar e com firmeza, para não sobrecarregar seu organismo enfraquecido. O problema iminente era a perda de sangue; começou a trabalhar estancando o da horrorosa facada assim como a hemorragia interna causada por trauma físico, provavelmente devido a ter caído do prédio ou por ter sido atirada pela explosão. Quando Shae retornou com os curativos e água quente, ele estava com o pior sob controle, o que dificilmente significava que Ayt iria sobreviver. A pressão continuava alarmante de tão baixa; a circulação estava raquítica; desidratação e infecção eram possibilidades distintas. Não teria mais nada que pudesse fazer até arranjar equipamento e suprimentos da clínica sem levantar suspeitas.

Deu um necessário descanso para suas habilidades de jade enquanto limpava

e suturava o ferimento à faca. Já estava se esgotando antes na clínica e não tinha energia o suficiente para continuar Afluindo sem se exaurir. Shae ficou pairando por perto e então foi para a cozinha. Anden conseguiu ouvi-la ao telefone. Depois de alguns minutos, ela voltou para a sala de estar.

— Vou voltar um pouco pra casa — disse. — As crianças já chegaram, e a Wen tá a caminho. E preciso amamentar a Tia.

— Primeiro senta mais uns minutinhos, Shae-jen — insistiu Anden. — Você precisa comer e beber alguma coisa, e eu vou dar uma olhada no seu coração e nos seus pulmões antes de você ir. Você não pode se dar ao luxo de se machucar.

Shae deu uma olhada para Ayt no sofá.

— Você já tem muito com o que lidar. Poupa a sua energia.

— Você acha que eu me importo com a vida da Ayt Mada? — exclamou Anden, com mais severidade do que pretendia. — Vou cuidar dela sob suas ordens, mas não vou colocar a vida dela acima da sua.

Anden foi até a cozinha, fez duas cumbucas de sopa instantânea com o máximo de proteína que pôde encontrar no armário e na cozinha (macarrão de trigo, ovos cozidos, alga marinha e peixe desfiado desidratado) e fez sua prima se sentar e comer com ele. Shae ligou a televisão. Todo canal de notícias estava relatando a manchete de que dois homens suspeitos de terem estourado a bomba no prédio da Aliança Jade-Kekon haviam sido mortos num tiroteio com a polícia. Uma dica de uma fonte não identificada levou às Docas, onde Guriho e Otonyo (ex-presidiários de Oortoko e líderes do Movimento Futuro Sem Clã) foram encontrados tentando escapar da cidade a barco. Guriho perecera numa impetuosa troca de tiros, e Otonyo atirara em si mesmo antes que pudesse ser apreendido.

Os terroristas estavam sendo celebrados como heróis por apoiadores violentos que haviam incitado uma onda de ataques menores depois da explosão. Atiradores que hasteavam a bandeira preta dos sem clã e entoavam “O futuro é agora! O futuro não tem clã!” haviam atacado instituições do governo e proeminentes propriedades dos clãs pela cidade. Ossos Verdes do clã Escudo Haedo protegeram o Tesouro de Kekon e a Casa da Sabedoria, mas havia relatos de tiros, granadas de gás lacrimogêneo e bombas caseiras perto da Fábrica, na Rua do Pobre, e no Distrito Financeiro. Shae respirou fundo ao ver o térreo do arranha-céu do Desponta na Rua Caravela tomado pela fumaça.

O jornal voltou para Toh Kita, no estúdio da ENK, que relatou que o número atual de vítimas da explosão da AJK havia chegado a 87 mortos, 122 feridos e 64 desaparecidos, incluindo os Pilares tanto do Desponta quanto do Montanha.

As baixas confirmadas incluíam o presidente da AJK, os Pilares dos clãs Jo Sun e Cauda Preta e o conhecido Osso Verde do Montanha Koben Yiro.

Toh Kita leu uma declaração divulgada pelo jovem Ayt Atosho em nome do Clã da Montanha. O texto expressava choque e luto, elogiava o trabalho das equipes de resgate e declarava que qualquer um, fosse kekonésio ou estrangeiro, conectado aos inconcebíveis atos de terrorismo se tornara o maior inimigo do Clã da Montanha e de todo o país. O aisho não se aplicava a quem ousava atingir o cerne da sociedade kekonísia. Os Montanha iriam descer a floresta para destruir o Movimento Futuro Sem Clã e quaisquer pessoas que o apoiassem.

Toh Kita disse para os telespectadores que o Desponta ainda não oferecera nenhuma declaração. Anden lançou um olhar preocupado na direção de Shae. O anúncio dos Montanha foi surpreendente não pelo conteúdo, mas pela rapidez. O corpo de Ayt Mada não fora encontrado, mas a família Koben se apressara para garantir que o primeiro comunicado oficial do clã posicionasse Ayt Ato como o novo Pilar (sem sombra de dúvidas para dissuadir outras famílias influentes que talvez estivessem pensando em competir pela liderança). Agora que o Montanha havia se manifestado, no entanto, não demoraria para que esperassem que o Desponta fizesse o mesmo.

— É melhor eu ir — disse Shae.

Anden sugeriu que ela ligasse para casa e mandasse os seguranças virem buscá-la. Não gostava de pensar em sua prima saindo sozinha, dada a ameaça atual de violência, e nem da ideia de vê-la se cansando ainda mais, mas Shae argumentou que não poderiam correr o risco de algum Osso Verde do clã Perceber Ayt no apartamento. Mesmo assim, Anden franziu o cenho de preocupação, mas a respiração e os batimentos cardíacos de Shae estavam normais o bastante para que ele chamasse um táxi e lhe desse uma garrafa térmica de chá com uma tintura para ajudar seu sistema respiratório.

Assim que a Homem do Tempo partiu, Anden desligou a televisão. Não aguentava ver fotos de Kaul Hilo e de Ayt Mada na tela com as palavras DESAPARECIDOS abaixo, ainda mais quando a pessoa deitada em seu sofá, cuja vida ele talvez salvasse, era a errada. Observou o peito de Ayt se levantando superficialmente, os olhos que estremeciam sob as pálpebras. Sabia que deveria tirar um cochilo para recuperar as forças, mas achava que não iria conseguir pegar no sono. Estava agitado demais de nervosismo e preocupação, e parecia um absurdo dormir no mesmo lugar que a maior inimiga de sua família, não importava o quão indefesa ela parecesse estar. Anden suspirou, estendeu suas habilidades de jade mais uma vez e foi entrando com sua própria energia no

corpo de Ayt, encorajando-o a acelerar a produção de plasma e células vermelhas de sangue.

Ela o sentiu. Os olhos da Pilarisa se abriram parcialmente e pararam em Anden.

— Você se lembra de quando nos conhecemos, Emery Anden? — perguntou ela com a voz rouca. — O Gont Asch te levou pra me ver. Você era um adolescente apavorado, mas se portou feito um homem. Foi então que eu soube que você se tornaria um trunfo pros Kaul. — Os lábios pálidos de Ayt se levantaram num sorriso amarelo. — Por diversas vezes cheguei a pensar em mandar te matarem. Agora tô feliz que você nunca tenha me obrigado a fazer isso.

— Você deveria é poupar suas forças, Ayt-jen — disse Anden. — Não tem necessidade de ficar falando.



Shae passou a noite inteira fora. Durante esse tempo, Anden dirigiu rapidinho até a clínica em que trabalhava e surrupiou dois sacos de soro intravenoso com um tubo e um suporte, curativos e antibióticos. Foi o mais rápido possível e não falou com ninguém. Muito embora Ayt estivesse dormindo, a ideia de deixar a Pilarisa dos Montanha sozinha em seu apartamento era tão esquisita que Anden nem queria sair de casa, mas não havia escolha. Não importava o quanto de sua própria energia Afluísse para mitigar as lesões dela, nada disso importaria se não pudesse injetar fluídos em seu organismo e evitar uma infecção.

Ayt continuava inconsciente quando ele voltou. A pele não estava tão pálida quanto antes, e a impressão era de que a respiração havia melhorado. Anden achou que deveria limpá-la, tirar o sangue e dar uma nova camisa para que vestisse… mas pensar em despir Ayt fazia sua mente se recolher feito uma ostra quando cutucada. Instalou o tubo intravenoso e disse:

— Ayt-jen, preciso te colocar no soro e trocar os seus curativos também.

Ayt não abriu os olhos, mas a aura se remexeu a ponto de sugerir que ela havia escutado e compreendido. Anden não queria acordá-la no susto e nem que a Pilarisa lhe desse uma facada na garganta ao reagir à agulhada no braço. No mesmo instante, se sentiu tolo por ainda temê-la. Tratava-se de uma mulher de meia-idade gravemente ferida, e não de um demônio.

Ele voltou a ligar a televisão e assistiu ao jornal enquanto descansava e recuperava as forças entre sessões de Afluência. As filmagens continuavam retratando socorristas e Ossos Verdes cavando em meio aos escombros do prédio

desmoronado da AJK usando capacetes com iluminação e lanternas. Os números confirmados de vítimas fatais eram atualizados na parte inferior conforme iam sendo recebidos. Um repórter conseguiu chegar na frente de Juen Nu, que estava sujo e suado, para perguntá-lo se ainda havia esperanças de encontrar o Pilar com vida. O Chifre do Desponta, que costumava ser um sujeito direto, conhecido por sua objetividade e nada sentimental, encarou o jornalista e vociferou que, contanto que continuem agindo, os Ossos Verdes não dependem de esperanças, e que tudo se desenrolaria mais rápido se a impressa parasse de se meter e os deixasse trabalhar.

Anden pegou o telefone. Discou o número da residência principal, mas parou no último digito e ficou com o dedo pairando sobre o botão enquanto o barulho da linha zunia em seu ouvido. Imaginou o restante da família reunido na sala de estar, ou talvez na sala de oração que raramente era usada, à espera de notícias. Wen, mesmo envolta por um pavor inconcebível, ainda estaria, com calma, falando para as crianças que o pai delas não iria querer que entrassem em pânico. Ru e Jaya estariam assustados e fazendo perguntas, mas Niko estaria quieto, segurando o medo lá dentro. Anden não conseguia pensar em nada para dizer que fosse capaz de encorajá-los. Ligar só obstruiria a linha telefônica que precisava ficar desocupada. E como teria estômago de mentir para a própria família, de inventar uma desculpa para não estar lá com eles agora porque estava secretamente cuidando de Ayt Mada?

Com o coração pesado, devolveu o telefone ao gancho.

Seria de se esperar que, nessas circunstâncias, ele não conseguisse relaxar tanto a ponto de cair no sono, mas a completa exaustão trazida pela preocupação e pelo uso da energia de jade acabou se revelando intensa demais. Ele cochilou na poltrona ainda com sua jade e acordou num sobressalto pela súbita Percepção de dois Ossos Verdes se aproximando da porta do apartamento. Uma das auras pertencia a Shae. A outra era desconhecida… uma energia gélida e uniforme, parecida com o encarar de um falcão. Anden abriu a porta antes que Shae batesse. Atrás da Homem do Tempo, havia um homem mais velho alto, magro, grisalho e quase careca, mas que tinha olhos claros e penetrantes e usava jade em pulseiras de couro puídas ao redor do punho esquerdo.

— Desculpa ter demorado tanto pra voltar — disse ela. — Este é o Nau Suen.

Anden nunca conhecera o antigo Chifre dos Montanha pessoalmente. A maior parte do período que Nau passara como líder militar do clã inimigo fora quando Anden morava no exterior, na Espênia, e então enquanto estava envolvido na faculdade de medicina. No entanto, ele conhecia a reputação de

Nau como um assassino sorrateiro, alguém com um nível apavorante de Percepção e em quem Ayt Mada confiava de olhos fechados quando sussurrava nomes. Mesmo que o velho homem no corredor tivesse se aposentado do cargo anos antes e não estivesse em seu auge físico, Anden engoliu em seco e tocou a testa cautelosamente enquanto mantinha a porta aberta.

— Nau-jen — disse ele.

Nau entrou no apartamento sem falar nada e sem nem olhar direito para Anden. O sujeito se agachou ao lado do sofá onde Ayt Mada, agora acordada, tentava debilmente se levantar. O antigo Chifre colocou uma mão gentil na testa da Pilarisa, como se ela fosse uma criança febril.

— Olá, meu velho amigo — disse Ayt com um sorriso pesaroso. — Veio ao meu resgate de novo.

— A Kaul Shae é quem foi me procurar — admitiu Nau num grunhido. — Senão eu teria pensado que você ainda estava lá naquela pilha de escombros. É o que o povo anda falando, até mesmo os Koben.

Por cima do ombro do antigo Chifre, Ayt deu uma olhada de esguelha para Shae. Para Anden, o semblante da Pilarisa não era exatamente de gratidão, mas demonstrava um reconhecimento perplexo.

— Como tem gente que vai se decepcionar — disse ela, incluindo os dois clãs nas entrelinhas.

Nau tocou os grossos curativos que cobriam o pescoço de Ayt.

— Como foi que isso aconteceu?

— A filha do Ven — explicou ela num timbre amargurado. — Disfarçada de secretária. Atacou no momento certo.

Nau sibilou entredentes.

— Mada — disse ele num suspiro. — Você lembra que eu te falei pra não deixar nenhum membro daquela família vivo? Nós dois estamos ficando velhos, mas nossos inimigos continuam jovens.

— Pelo menos você se aposentou, Suen-jen — respondeu Ayt com uma leveza irônica na voz que Anden nunca teria imaginado vindo dela. Ayt tirou o intravenoso do braço, colocou os pés no chão e, numa tentativa de se levantar, fez força para sair do sofá. Vacilou alarmantemente e quase caiu. Nau a segurou ao redor dos ombros e deu apoio. Com o rosto suando, ela se recostou nele. O rosto enrugado do velho Chifre se retesou por um instante quando a ergueu, mas sua Força ainda era mais do que suficiente para dar conta do recado. Ayt colocou os braços adornados em jade ao redor do pescoço de Nau e, respirando fundo, recostou a cabeça em seu ombro.

— Me leva pra casa — murmurou ela.

Anden e Shae abriram caminho enquanto Nau caminhava até a porta. Antes que o antigo Chifre chegasse lá, Anden saiu do torpor e falou:

— Espera.

Pegou uma sacola plástica da cozinha e encheu com curativos extras e um frasco de comprimidos antibióticos. O telefone no balcão tocou. Shae atendeu.

Anden entregou a sacola para Nau, que a deixou pendurada meio sem jeito em um dos punhos enquanto carregava Ayt.

— Troca os curativos de quatro em quatro horas, e os comprimidos são dois por dia. — Ele encarou o homem mais velho nos olhos. — A sua Pilarisa precisa de uma transfusão de sangue e deveria estar no hospital. Arrume pelo menos um médico Osso Verde pra tratar e monitorar ela.

Nau não tirou os olhos do rosto de Anden.

— Que os deuses brilhem em seu favor pelo que você fez, Dr. Emery Anden. Mesmo que eu saiba que você nunca salvou uma vida com tanta má vontade.

Naquele instante, a aura de jade de Shae pulsou com uma emoção tão forte que os dois se viraram para a Homem do Tempo. O receptor do telefone escorregou de sua mão e ficou pendendo pelo cordão enquanto ela se equilibrava com as duas mãos na bancada. A sensação era de que o coração de Anden tinha parado de bater. Um segundo se estendeu numa eternidade.

Shae o encarou com os olhos úmidos de alívio.

— Encontraram eles — informou ela num suspiro. — Estão vivos.

Os olhos de Anden se voltaram para a televisão, que estava no mudo, mas a tela já não reciclava os mesmos vídeos. Agora estava mostrando macas sendo carregadas para uma ambulância. A câmera estava longe demais para que Anden conseguisse discernir rostos ou detalhes, mas a chamada na parte inferior da tela anunciava: PILAR E CARIMBEIRO DO DESPONTA SÃO ENCONTRADOS COM VIDA.

Anden ficou tonto. Seus joelhos titubearam e ele segurou o encosto do sofá. Nunca tinha se considerado lá muito religioso, mas, naquele instante, sussurrou devotamente:

— Yatto, Pai de Todos, Velho Tio Jenshu e todos os deuses nos Céus, obrigado.

Foi apenas porque continuava usando jade que percebeu a tensão que pesou o ambiente no instante seguinte. Os olhos de Nau Suen também estavam na TV. A aura de jade dele, normalmente indecifrável, ficou sombria e se expandiu na Percepção de Anden.

Assim que Shae proferira *estão vivos*, tudo mudara.

Seria uma crise nacional grande demais se Kekon perdesse os Pilares dos dois maiores clãs num golpe só. Shae salvara a vida de Ayt por medo de que, sem ela, o país inteiro acabasse se desestabilizando. No entanto, se Kaul Hilo continuava vivo, então o Desponta ainda tinha Pilar. Não havia dúvidas do que ele esperaria que Anden e Shae fizessem caso tivessem Ayt Mada indefesa e à sua mercê. Se a Pilarisa morresse agora, o Montanha viraria um caos enquanto o Desponta continuaria intacto. Os Kaul venceriam.

Lentamente, Nau voltou os olhos impávidos para Anden, que estava parado entre ele e a porta do apartamento. O antigo Chifre dos Montanha fora um homem temido, mas, mesmo em seu auge, nunca havia sido o guerreiro fisicamente mais intimidante de todos. Derrotava os outros com destreza e habilidade. Agora, Nau era um velho, e Ayt estava enfraquecida demais para caminhar, quem dirá lutar. Shae e Anden eram mais jovens e mais fortes que os outros dois Ossos Verdes. E Anden ainda estava usando jade.

Dava para notar a Percepção de Nau, afiada como uma faca, se dissipando sobre Anden, avaliando suas intenções, ao mesmo tempo em que Aden sentia a aura de jade de Nau amargamente preparada. O velho estava pronto para lutar, para morrer defendendo sua Pilarisa e levar ao menos um dos Kaul junto. Ninguém no prédio da AJK estivera disposto a fazer isso, nem mesmo o falecido Koben Yiro.

Anden continuou onde estava, parado na frente da mulher que era inimiga de sua família fazia vinte anos. Ele dava conta. Estava cansado, mas sua Força daria conta de um golpe mortal ou de Afluir uma rajada letal.

— Anden — sussurrou Shae, num timbre baixo e urgente. Ele não olhou para a prima.

Nau remexeu os braços, se preparando para colocar Ayt no chão. Em vez disso, a Pilarisa dos Montanha colocou os pés no chão e se ergueu sob o próprio poder. Usou o ombro de seu antigo Chifre para se equilibrar, mas se empoleirou em toda a sua altura. Olhou para o jornal na televisão e, com um humor ácido, comentou:

— Não sei nem contar a quantidade de vezes em que me perguntei o motivo do Kaul Hilo ainda não ter morrido, e parece que meu destino é continuar com essa dúvida. — Vertia suor de sua testa, mas, enquanto olhava para Anden, o semblante dela era de uma calma férrea. — Decida-se, Dr. Emery.

Anden conseguia Perceber cada batimento cardíaco do recinto, principalmente o próprio. Uma pressão ia se expandindo no peito pela energia de

jade comprimida ali. Tinha jurado para si mesmo que nunca mais usaria jade para ceivar vidas. Mas nunca teria sido capaz de imaginar este momento.

Sacrificaria sua carreira médica de bom grado se a recompensa fosse impedir o Montanha de voltar a machucar qualquer pessoa com quem ele se importava. Será que conseguiria isso ao matar a mulher que passara o dia anterior se esforçando para cuidar? Quantas outras vidas salvaria no futuro, se pudesse colocar um fim de uma vez por todas na guerra entre os clãs? Será que valia a pena romper o juramento que fizera consigo mesmo? Será que seria isso que Lan iria querer?

Segundos se passaram numa demora nada natural. Anden cerrou os punhos na lateral do corpo. Sem tirar os olhos de Ayt e de Nau, ele saiu da frente e abriu a porta. O olhar de Nau Suen bruxuleou e o rosto do antigo Chifre estremeceu. Ele se mexeu para apoiar a Pilarisa, e os dois saíram andando pela porta, percorreram o corredor e saíram de vista. Parado até que não fosse mais capaz de Percebê-los, Anden os observou partir.

— Será que eu fiz a escolha errada? — sussurrou para si mesmo.

Shae se recostou na parede.

— Não faço ideia.




CAPÍTULO 29

Despertares Bruscos

Kaul Hilo e Woon Papi foram levados às pressas ao Hospital Geral de Janloon, onde permaneceram por duas semanas sob guarda constante dos Punhos do clã. Hilo sofreu uma concussão, trincou a escápula, rompeu o baço e teve queimaduras e contusão. Woon ficou acamado com diversas costelas quebradas e uma fratura na pelve, além de ter perdido a audição de um ouvido. Quando foram encontrados e retirados dos escombros, os dois estavam seriamente desidratados. Terem sobrevivido sendo que muitas outras pessoas no prédio haviam morrido, incluindo outros líderes Ossos Verdes com muitíssima jade, foi algo amplamente comentado como um milagre, um sinal da proteção dos deuses.

Não houve milagre coisa nenhuma, explicou Hilo, assim que recuperou a lucidez a ponto de conseguir conversar. Anos antes, ele pedira ao ex-Anjo Naval Jim Suto para ensiná-lo, assim como a todos os principais Ossos Verdes do Desponta, as técnicas espênicas do SCBJ contra artefatos explosivos improvisados. As técnicas tradicionais de Aço se concentravam nos ossos e na superfície do corpo, para criar uma barreira contra golpes e lâminas. O efeito mais letal de uma explosão próxima, no entanto, era a pressurização exacerbada dos órgãos vitais, principalmente dos pulmões, intestinos, olhos e orelhas. No instante em que percebera o que estava acontecendo, Hilo se imbuíra de Aço

como se sua vida dependesse disso, e concentrou toda a sua formidável energia de jade internamente, para a própria cabeça e torso, reforçando as partes do organismo que eram sensíveis à pressão, e então expandiu a energia de jade para fora, para se proteger contra o trauma contuso enquanto era jogado para lá e para cá pelo ar como, segundo ele, “um gato atirado na porra de um tufão”. Woon também participara dos treinamentos do SCBJ que Sunto passara e, muito embora não fosse tão habilidoso em Aço quanto o Pilar, já estava fora da sala, no corredor, logo, mais longe da explosão. Os ferimentos foram resultado da queda do edifício.

Shae levou a filhinha para o quarto de hospital do marido. Woon estava grogue por causa dos analgésicos, mas seus olhos se suavizaram de alívio e felicidade ao ver as duas.

— Enquanto eu fiquei lá preso no escuro, pensava que eu nunca mais veria você ou a Tia de novo — disse ele para a esposa. — Eu sabia que o Hilo-jen estava vivo porque dava pra Perceber ele por perto, então não perdi toda a esperança, mas foi uma sensação terrível.

Shae ficou comovida ao ver as lesões dele.

— Pra mim era como se tudo de ruim que já te aconteceu fosse culpa minha.

Não pela primeira vez, ela se perguntou se era amaldiçoada a trazer desastre para a vida de qualquer um de quem se aproximasse demais.

Woon meneou a cabeça e esticou o braço para pegar sua mão.

— Eu já fui o Encarregado do Pilar, o Sombra da Homem do Tempo e o Carimbeiro… então o meu lugar sempre foi na sombra de alguém. Na verdade, é assim que eu me sinto mais útil. Sou grato aos deuses por terem me colocado exatamente onde eu precisava estar. Se fosse qualquer outro dia, teria sido você naquela sala.

Shae colocou Tia nos braços de Woon. A neném se remexeu, mas não acordou. Até então, era uma recém-nascida tranquila, tanto que famílias Ossos Verdes que fossem supersticiosas talvez ficassem meio preocupadas.

— Ela tá comendo bem e ganhando peso — falou ela —, mas chora pouco.

— Que bom — respondeu Woon, embalando a bebê. — A família Kaul já tem guerreiros impávidos demais. Como ela já é a sua cara, vou ficar feliz se ela puxar um pouco da minha personalidade.

Cheia de uma gratidão pesada e vagamente ansiosa, Shae ficou sentada ao lado de Woon até ele pegar no sono. Então, amamentou e trocou a fralda de Tia, e caminhou pelo curto corredor até o quarto de seu irmão.

Dias depois de ser retirado dos escombros, Hilo continuava horrível, com a

maior parte do corpo recoberta de curativos, mas estava sentado na cama, comendo uma cumbuca de purê de fruta e, num tom todo alegrinho, falando para Niko, Ru e Jaya:

— Pelo menos o meu rosto ainda tá bonito. Vocês não iam querer ver o pai de vocês parecendo um monstrengo, né? Não se preocupem que daqui a pouco eu volto pra casa. Não esqueçam de ajudar a mãe de vocês e não causem encrenca enquanto eu estiver aqui.

Os garotos assentiram solenemente, e Jaya atirou os braços ao redor do pescoço do pai. Ele estremeceu com o impacto e, com gentileza, afrouxou o aperto da menina antes de dizer:

— Agora tá bom, vocês já faltaram aula demais pra uma semana. O Lott-jen vai levar vocês de volta.

Seus filhos e filha saíram cercados de guarda-costas. Wen permaneceu na cadeira ao lado de Hilo. Juen Nu entrou e fechou a porta.

Agora que as crianças haviam saído, a fachada no rosto de Hilo sucumbiu e ele encarou a irmã com raiva.

— Ainda não dá pra acreditar que você salvou a Ayt. — Boatos haviam se espalhado de que Ayt Mada reaparecera em sua casa em Plano Alto e se isolara para se recuperar, cercada por seus lealistas, incluindo Nau Suen e seu Homem do Tempo, Iwe Kalundo. — Eu vi ela com uma faca no pescoço — exclamou Hilo, levantando o tom de voz. — Logo você, Shae. Era só ter *saído de lá, porra*.

Ainda embalando Tia adormecida nos braços, ela ocupou a única outra cadeira do quarto, do lado oposto à cama, na frente de Wen.

— Eu pensei que você tinha morrido, Hilo — disse ela, sem dar a mínima para a ira do irmão. — Junto com dezenas de outros líderes Ossos Verdes e oficiais do governo. Se a Ayt morresse também, o país teria virado um caos.

— Já quase virou mesmo assim — grunhiu Juen.

A impressão era de que havia dias que ele não tomava banho ou se barbeava. Assim que Hilo e Woon foram encontrados, sua atenção se voltara à violência dos protestos. Logo após o ataque, com os líderes dos clãs desaparecidos e tantos Ossos Verdes ocupados escavando os destroços em busca de sobreviventes, diversas células mal organizadas de extremistas armados haviam obedecido ao chamado à rebelião do Movimento Futuro Sem Clã e tomado as ruas.

O Conselho Real, com medo de que todos os Pilares estivessem mortos e os clãs, desamparados, convocara três mil tropas do exército nacional para Janloon, incluindo a Companhia Aranha de Prata, que era munida de jade. Juen falou:

— Odeio admitir, mas a gente teve sorte do governo ter chamado soldados pra cidade e nos dado tempo pra nos organizarmos. Ninguém esperava que o MFSC fosse tão bem armado. Suspeitávamos que eles tinham apoio estrangeiro, mas não nesse nível.

— Pelo menos todo o dinheiro e os recursos que demos pro General Ronu foram úteis, no fim das contas. — Hilo franziu o cenho numa carranca e reclinou a cabeça nos travesseiros por um instante, claramente exausto só de estar acordado e fazer coisas simples. — Agora tá sendo ainda pior do quando eu vim pra cá depois de levar uma surra do Gont Asch. Daquela vez eu pelo menos acordei no hospital e ouvi uma boa notícia.

— Todo mundo suspeita que Ygutan teve envolvimento — disse Shae. — A Base Naval de Euman tá em alerta máximo, o que sugere que a RDE também suspeita.

Hilo fez uma careta.

— Eu recebi um bilhete durante a reunião da AJK me avisando pra sair de lá. Não havia nenhum indício de quem mandou, mas agora meu palpite é de que foram os espênicos.

Wen apertou a mão do marido.

— E por que você não ouviu?

— Assim que eu me levantei, todo mundo na sala percebeu que tinha alguma coisa de errado. Mandei o Woon sair antes e dei a desculpa de que era alguma questão familiar. Eu achava que a ameaça tinha vindo lá de dentro, que talvez a Ayt estivesse envolvida. — Hilo reabriu os olhos, que cintilavam de fúria. — Se os espênicos mandaram aquele bilhete, então sabiam que o bombardeio iria acontecer. Podiam ter salvado todo mundo naquele prédio, mas não salvaram.

Juen vociferou um palavrão.

— Aqueles vira-latas estrangeiros duas caras provavelmente *queriam* que os anarquistas começassem uma rebelião. Assim teriam a desculpa perfeita pra mandar suas próprias tropas pra restaurar a ordem e tomar o controle de Kekon.

De cenho franzido num semblante pensativo, Shae disse:

— Certeza de que eles estavam preparados pra isso, mas acho que o objetivo era outro. Tirando pelos conflitos na base naval, a exportação de jade e a mineração costeira, não é de se surpreender que os espênicos não tenham muito apreço pelos clãs, e principalmente pelos Montanha. Mas, se avisaram o Hilo, então esperavam manter ele e o Desponta vivos. — Ela trocou Tia de braço e segurou a filha adormecida mais perto. — Não esqueçam que os espênicos resolvem os problemas primeiro com dinheiro e só depois com violência. Se

tiverem escolha, preferem controlar Kekon sem arriscar seus próprios soldados. Fazer com que o único clã sobrevivente estivesse em dívida e dependesse do apoio deles, acabaria nos pressionando a ceder nas questões que eles querem resolvidas em favor próprio.

Os lábios de Hilo se eriçaram num rosnar.

— Além de mim, do Woon e de vocês três, ninguém sabe que eu recebi aquela merda de bilhete. Não devemos nada praqueles espeniquitos de bosta.

Ele tocou o curativo no peito; parte de sua jade havia sido removida por enquanto, e sua aura estava incomumente arisca e irregular. Ficava tocando nos pontos vazios em que costumava haver jade, como um sujeito que, compulsivo, fica tentando localizar um membro amputado.

Wen segurou a mão dele e o impediu de desamarrar as bandagens.

— Todos nós queríamos que a Ayt tivesse morrido — disse ela —, mas o que a Homem do Tempo tá falando faz sentido. É menos provável que um país com dois clãs grandes seja controlado, manipulado e desestabilizado agora.

— Esses gringos egocêntricos e manipuladores que tomem no cu — grunhiu Hilo —, mas ainda não. Primeiro temos muita coisa pra arrumar. Os fanáticos anti-clã queriam tanto uma insurreição que deixaram o movimento ser sequestrado por forasteiros. Agora se foderam. O governo, a imprensa e o povo… todos vão querer que a gente derrame sangue.

Juen assentiu enquanto andava para lá e para cá perto da ponta da cama.

— Ontem tivemos só dois novos ataques. Matar você e a Ayt era bem o que os anarquistas mais precisavam, e descobrir que vocês dois continuavam vivos foi um golpe duro pra eles. Alguns já tão desistindo e tentando sumir. Depois que a situação nas ruas ficar sob controle, vamos precisar agir rápido pra acabar com o máximo possível dessa organização antes que essa gente se esconda de novo.

O Chifre parou de andar e, com um semblante arrependido e uma vergonha implacável, se virou para o Pilar.

— Não tratamos os anti-clã como uma ameaça tão séria quanto deveríamos. Ninguém tratou. Venho conversando com o Aben Soro pra coordenarmos nossas ações daqui em diante. Acho que ele não é tão ferrenho à Ayt quanto o Nau e o Gont eram. Com ele dá de trabalhar.

— Mete os clãs menores nessa também, qualquer um que ainda consiga funcionar. — Hilo levou um minuto para recuperar o fôlego e a energia. Apontou para o copo d’água na mesa de cabeceira, que Wen pegou. — Não acredito no que vou dizer, mas tragam uns jornalistas pra cá também. Os Koben já se

manifestaram, e eu não paro de ver a viúva chorona do Koben Yiro usando aquele velho canastrão de mártir. Quanto antes o povo ver com os próprios olhos que eu não tô morto ou em coma, melhor.

— O que você planeja dizer? — perguntou Shae, um tanto apreensiva.

— Só o que o Movimento Futuro Sem Clã logo, logo vai descobrir. — Hilo engoliu dois comprimidos com a água. — Qualquer um que ache que pode se livrar tão fácil assim da gente merece o que vai receber. Os clãs são a espinha do país. Daqui ninguém nos tira, porra.



Vastik eya Molovni acordou envolto pela esmagadora abstinência de jade e brilho não numa cela de concreto como esperara, mas numa sala estéril com luzes tão reluzentes que chegavam a agredir seus olhos inchados e sua cabeça latejante. Estava amarrado numa maca e havia dois homens parados ao lado.

— Bem-vindo de volta, Sr. Molovni — disse um deles. O tradutor, que estava fora de seu campo de visão, repetiu as palavras em ygutaniano. — Agora que você acordou, temos algumas perguntas pra te fazer a respeito do programa nekolva.

— Vão tomar no cu, seus porcos espênicos — respondeu Molovni, com a língua seca e pesada. Estava ali por causa daquele vermezinho, daquele sujeito de rosto torto. Ah, se tivesse quebrado o pescoço daquele x9 e depois se matado, como fora treinado para fazer.

Também fora treinado para resistir a interrogatórios.

— Vocês não vão arrancar nenhuma informação útil de mim — grunhiu. — Meus superiores jamais me contariam segredos militares importantes a ponto de prejudicar Ygutan mesmo que eu cedesse à tortura de vocês.

Apesar da provocação valente, começou a suar frio, e seus batimentos cardíacos aceleraram precipitadamente.

— Você não sabe de nada — disse o outro sequestrador. — O exército da RDE tem uma política contrária à tortura. É um negócio primitivo e duvidoso em relação às ferramentas farmacêuticas que temos à nossa disposição. Afinal de contas, foram os nossos laboratórios que inventaram o BL1 de que você precisa. — Uma agulha adentrou o braço do agente nekolva. — Seu corpo vai ficar ótimo, intacto, mas, com o incentivo certo, a sua mente vai se abrir feito um melão maduro. Você vai ter muito o que contar. O processo demora, mas tempo é o que não nos falta.




SEGUNDO INTERLÚDIO

Montanha Única

Segundo o que afirma o setor de matrículas, a Escola do Templo Wie Lon foi fundada há mais se seiscentos anos por três mestres Ossos Verdes, um dos quais descendia do próprio lendário herói Baijen. Naquela época, o país não contava com grandes clãs como hoje, apenas muitos clãs pequenos, locais e familiares pela ilha, que mantinham a própria jade, os próprios métodos de luta e protegiam suas próprias comunidades. Os visionários mestres fundadores estabeleceram Wie Lon para preparar os mais habilidosos e disciplinados guerreiros da ilha enquanto os ensinava artes, ciências e as tradições da fé deísta. Construíram a instituição na região montanhosa do interior de Kekon, onde os alunos poderiam treinar perto da natureza e dos deuses, longe das preocupações das pessoas comuns. Pupilos em potencial precisavam viajar três dias a pé para alcançar os portões, mas, quando chegavam lá, a escola aceitava qualquer um que passasse pelos testes de ingresso, independentemente do reino, clã ou família dos quais vinham.

Wie Lon uniu formandos de famílias Ossos Verdes de toda a ilha, assim como renomados mestres que iam para aprender com colegas e refinar suas habilidades para passá-las às próximas gerações. No decorrer dos séculos seguintes, guerreiros Ossos Verdes se desenvolveram numa classe social cada vez mais proeminente e influente, com membros conectados por métodos de treinamento

em comum e relações que, em ampla maioria, podem remontar à Escola do Templo Wie Lon original. Atualmente, Kekon ostenta mais de doze escolas de estudos marciais e, muito embora a mais recente Academia Kaul Dushuron tenha se demonstrado à altura de Wie Lon no que diz respeito a tamanho e prestígio, a aura de mistério do nome Wie Lon continua incomparável.

O atual campus da escola, que fica a 65 quilômetros a oeste de Janloon, foi instaurado depois da Guerra das Muitas Nações com a junção de três distintos locais de treinamento secreto que funcionavam durante a ocupação estrangeira de Kekon, após a Escola do Templo Wie Lon original ter sido incendiada por soldados shotarianos. Durante a destruição, aproximadamente cem mestres e aprendizes que tentaram defender a estrutura foram capturados, extirpados de sua jade, emprisionados, torturados e executados.

Dentre aqueles que escaparam do expurgo, havia um aprendiz de 16 anos chamado Ayt Yugontin, que liderou um grupo de alunos mais novos para a floresta, onde se esconderam do inimigo enquanto sua escola e seu lar queimavam noite adentro, lançando lufadas de fumaça às alturas. De manhã, seguiram rumo à selva para fugir dos batedores shotarianos, até que foram encontrados pela célula de resistência local da Sociedade da Montanha Única. Ayt Yu, que mais tarde ficaria conhecido como o Lança de Kekon, se pôs protetoramente em frente ao grupo de crianças exaustas que choravam e exigiu saber o nome e o clã do líder do grupo de busca.

— Meu nome é Kaul Seningtun — respondeu o batedor —, e o nome do meu clã já não importa mais. Todos os Ossos Verdes nessas montanhas são irmãos.




CAPÍTULO 30

O Keke do Mal

nono ano, terceiro mês

Dauk Losunyin morreu de falência cardíaca aos 76 anos e deixou para trás uma esposa, quatro filhos crescidos, seis netos e o posto não oficial de Pilar de Arapuca Sul, que lhe pertencera por tanto tempo. Anden e Hilo viajaram até Porto Massy para o funeral, para demonstrarem respeito como aliados da família Dauk da comunidade Osso Verde keko-espênica. Durante o longo voo, Hilo assistiu a um filme, depois tomou um copo de hoji e caiu no sono. Anden tentou seguir o exemplo de seu primo, mas não conseguia se concentrar para ler e nem acalmar a cabeça a ponto de tirar um cochilo. Se deu conta de que era difícil acreditar que Dauk tivesse partido. Não parecia fazer muito tempo desde que se sentara na sala de jantar do sujeito para comer as refeições caseiras de Dona Sana junto com Cory e Rohn Toro.

A tristeza de Anden se misturava à preocupação. Não havia clãs na Espênia; as pessoas chamavam Dauk de Pilar simplesmente por respeitarem sua influência pessoal. Sem nenhuma organização formal ou plano de sucessão, a morte de Dauk mudaria não apenas a figura de autoridade entre os Ossos Verdes da Espênia, mas possivelmente a própria natureza da comunidade keko-espênica de formas que certamente afetariam o Desponta.

As cerimônias fúnebres aconteceram numa rara manhã clara de inverno. Grama dura e congelada ruía sob os sapatos de Anden, e sua respiração virava vapor sob a luz do sol. Por sobre a vista da Baía de Whitting, os ângulos severos da Ponte do Olho de Ferro atravessavam o céu branco feito leite. Seguindo o desejo de Dauk, o enterro seguiu as tradições kekonísias, com certas modificações e adições de costume espênico. Não havia penitentes deístas em Porto Massy com a expertise necessária para serem ordenados como Eruditos, mas três penitentes seculares do templo da comunidade local, que vestiam chapéus e cachecóis verdes, guiaram os presentes nos cânticos que acompanhariam o espírito de Dauk para a vida após a morte, onde esperaria pelo Retorno. Depois, canções fúnebres espênicas foram entoadas e as pessoas fizeram discursos, muitas contando histórias do caráter do Pilar e de como ele as ajudara em momentos de necessidade. Anden se levantou para uma fala bilíngue que começou pessoal, recontando o carinho e a generosidade com que Dauk Losun o recebera na comunidade quando ele chegara ali como um estudante, mas terminou num tom mais formal, transmitindo as condolências e pesares da família Kaul.

— Falou muito bem, Andy — disse Hilo mais tarde.

Anden ficou perto de seu primo fazendo apresentações conforme os visitantes vinham conhecer o Pilar do Desponta e o saudavam ou cumprimentavam com um nervosismo impressionado e curiosidade antes de se retirarem para observar à distância, como se ele fosse uma celebridade sob disfarce. Hilo aceitou as demonstrações de respeito, mas manteve uma certa melancolia que era devida à ocasião e ficou perto dos fundos para não roubar a atenção da família em luto. Com a jade escondida sob um terno e gravata pretos e um sobretudo de lã, poderia ter se passado por um parente distante. O envelope branco que colocou na bandeja perto do caixão de Dauk tinha a estampa da insígnia do Desponta e cobriria com folga todas as despesas do funeral.

Depois que Dauk foi posto para descansar, uma recepção foi organizada no centro comunitário kekonésio, onde por décadas o Pilar de Arapuca Sul comandara o bairro no salão do rancor. Anden passara anos sem entrar lá, mas ficou tocado ao ver o quão pouco a essência do lugar havia mudado, apesar de estar muitíssimo bem decorado para o evento. As paredes estavam drapeadas com tecido branco e as mesas, que normalmente circundavam o ringue de luta no porão haviam sido levadas para cima, recobertas de toalhas e adornadas com vasos de azaleias brancas. As estantes puídas e as poltronas esburacadas, que costumavam ocupar a área de convivência, tinham sido empurradas para os

cantos e escondidas atrás de divisórias dobráveis pintadas. Velas de incenso acesas e tábuas de frutas atulhavam o espaço em frente ao pequeno santuário deísta.

— Ah, que saudade desse velho bairro — lamentou Seu Hian, que agora morava nos subúrbios com o filho mais novo. — Lá onde eu vivo agora não tem jornais kekonésios na biblioteca, e as mercearias mais parecem mercados.

Ele se sentou com Anden e passou mais de uma hora relembrando os velhos tempos, às vezes de forma desordenada, já que sua memória começara a vacilar devido à idade avançada. Anden não se importava; sabia que talvez fosse sua última chance de passar tempo com o senhorzinho.

Cory Dauk se aproximou para agradecê-lo pelo discurso.

— Meu pai teria gostado muito. Você sabe como ele era orgulhoso de ser um Osso Verde da velha nação.

— Acho que a única coisa que fazia ele sentir mais orgulho ainda eram os netos.

Anden nunca deixara de achar que as interações com seu antigo namorado eram manchadas por certa nostalgia e estranheza, mas já havia se passado tanto tempo que as conversas entre os dois eram amigáveis. Cory agora era casado, tinha um filho angelical de 2 anos e uma filha a caminho. Havia engordado um pouco, mas continuava em boa forma porque andava de bicicleta aos fins de semana. Tinha admitido, feliz da vida, que deixara a barba rala crescer para parecer mais intimidador quando estivesse discutindo em frente a um juiz. Sua esposa era keko-espênica de segunda geração, seis anos mais nova do que ele e trabalhava como assistente social. O casal havia se conhecido durante um dos casos. Pareciam felizes juntos.

As irmãs de Cory também estavam lá, é claro. Muito embora ele não tivesse esquecido da frieza com que ela rejeitara a proposta de amizade de sua família no passado, Anden cumprimentou Kelly Dauk educadamente e a apresentou a Hilo, que nem mencionou a grosseria e, num tom amigável, disse:

— Sra. Dauk, sua mãe me contou que você começou num novo trabalho recentemente.

A irmã mais velha de Cory fora removida do Departamento Industrial para liderar a Bancada Anticorrupção, cujo objetivo era investigar e arrancar ilicitudes e conexões ao crime organizado pela raiz.

— Não posso discutir meu trabalho, Sr. Kaul — respondeu a mulher. — Nem mesmo com minha família e amigos, quem dirá com o chefe de um clã kekonésio.

Ela fez uma fortuita rota social pelo evento e então foi embora pouco depois.

Hilo não pareceu se ofender, mas Cory ficou pesaroso pelo comportamento da irmã.

— É que, no fim das contas, a Kelly trabalha pro governo — disse ele com um suspiro. — Não quer que a vejam se associando a Ossos Verdes.

E havia, de fato, muitos Ossos Verdes ali presentes. O espaço ia ficando tão lotado que Anden mal conseguia se mexer. A impressão era de que metade da população kekonísia da cidade havia comparecido. Reconheceu Tod, Sammy e vários outros, mas havia muitos jovens de Arapuca que ele nunca vira, e alguns que tinham vindo de outras partes do país.

Uma hora mais tarde, uma limusine prateada parou na frente do centro comunitário. Jon Remi saiu com três de seus homens, todos de paletós esporte chiques de cores claras, sapatos lustrosos e grandes óculos de sol típicos dos gângsters do sul. A entrada do grupo chamou atenção. Anden sentiu um ímpeto de repugnância surgir amargamente no fundo da garganta. A insolência frívola de Remi, coisa da qual Anden se lembrava bem demais por causa daquela noite na Oliva Azul, parecia ainda mais nítida agora que o sujeito ostentava riqueza. O cabelo, penteado para trás por sobre o rosto bronzeado, destacava o cenho pronunciado e os lábios escuros, entreabertos num escárnio curioso.

Os Chefes Tripulantes e os grandes traficantes tomascianos em Resville chamavam Jon Remi de “o Keke do Mal”, um título que o sujeito acolhera. Depois de usar a jade e o dinheiro do Desponta para expulsar o Montanha da cidade, Remi construíra seu próprio mini-império. Havia assumido a academia do tio anos antes e se tornara um figurão das apostas que acompanhava a indústria não oficial jadesportiva de lá. Além de negociar em brilho e mulheres, ele expandira outros negócios que costumavam ser controlados pelas Tripulações, incluindo a agiotagem e a extorsão. Seus homens eram notoriamente cruéis. Remi os recompensava com jade por assassinarem seus rivais.

A opinião em Porto Massy era de que o Keke do Mal era um arruaceiro volátil, e não um Osso Verde de verdade. Mesmo sem a Percepção, Anden pôde sentir o desconforto palpável que crepitou pelo ambiente conforme as conversas iam esmaecendo e as pessoas iam abrindo caminho para os homens de Resville.

Remi, que foi a passos largos até Hilo, desacelerou e tirou os óculos de sol quando se aproximou.

— Então o velho Dauk finalmente foi pros Céus e nos deixou — falou ele em espênico —, mas aí o famoso Kaul Hiloshudon veio à terra pra nos visitar.

Remi parou e ficou analisando Hilo da mesma forma que um cachorro observa um desconhecido chegando à sua porta: tenso e pronto para ladrar. O Pilar retribuiu o olhar do homem mais jovem com uma expectativa firme e imóvel.

Diversos segundos se passaram antes de Remi levar as mãos entrelaçadas à testa e se abaixar numa curta saudação.

— Como é mesmo o ditado da velha nação? — perguntou ele num kekonês com sotaque. — Que os deuses brilhem em seu favor, Kaul-jen.

Anden foi para o lado do Pilar.

— Hilo-jen, este é Remi Jonjunin, nosso amigo de Resville. Não se importe com o kekonês ruim e com a falta de educação dele. Certeza de que deve ser só nervosismo, e não desrespeito.

Com um semblante sombrio e ofendido, o Keke do Mal começou a se virar para Anden, que estava torcendo para que o sujeito fizesse alguma idiotice. Iria gostar de ver Hilo o colocando em seu lugar ou, melhor ainda, quebrando sua mandíbula. Mas Hilo colocou uma mão no ombro do sujeito como se os dois fossem velhos amigos.

— Remi-jen, parece até que eu já te conheço de tanto que ouvi falar da sua reputação. Vai lá oferecer as suas condolências pra esposa e pros filhos do Dauk Losun, que os deuses o saúdem, e amanhã, quando for mais apropriado, a gente fala de negócios.

Com uma hospitalidade forçada, Tod apareceu e falou:

— Vou avisar pra Sana que você chegou, Jon. Vai querer beber o quê?

Por um instante, Remi pareceu ter ficado perplexo. Talvez o Kaul Hilo que tinha construído na cabeça, fruto dos tantos anos que passara ouvindo falar dele como um dos homens mais perigosos lá de Kekon, fosse diferente do que encontrara pessoalmente, e agora não sabia direito como responder a um encontro tranquilo. Remi bufou e, dando de ombros, respondeu:

— Hoji, mesmo que eu odeio esse troço. Pra honrar o velho, né?

E saiu sem nem olhar para Hilo ou Anden. Os homens o seguiram. Assim que se afastaram o bastante para não ouvirem e as conversas normais recomeçaram, Hilo se virou para Anden com um olhar sério.

— Qual é o problema, Andy?

— Ele é chucro, um gângster, Hilo-jen — respondeu ele, acalorado. — Estava claramente tentando te provocar, bem aqui no funeral do Dauk-jen, na frente de todo mundo. É um cara que não tem respeito por nada.

— Não demonstre o quanto você odeia um homem até que esteja pronto pra

tê-lo como inimigo — ralhou Hilo. — O Remi tá longe da cidade onde ficou poderoso, e é o tipo de homem que se comporta mal pra provar que é confiante. Mesmo que não seja uma boa pessoa, não esquece que ele fez tudo o que a gente queria contra o Montanha.

Jon Remi e sua gangue, os Cabeças de Cobra, tinham de fato sido inestimáveis para o Desponta. Depois de diversos contratempos, a entrada dos Montanha na Espênia nunca se restabeleceu. Iwe Kalundo, o Homem do Tempo de Ayt, decidira focar as prioridades de expansão em Shotar. Quase vinte anos depois de Anden ter chegado em Porto Massy, o Desponta continuava sendo o único clã kekonésio com algum poder substancial na República da Espênia.

Ainda assim, o clã ainda não alcançara a segurança legal de que precisava para preservar seus negócios, e agora, sem a amizade influente de Dauk Losun, conquistar qualquer coisa ali seria ainda mais difícil. Hilo ficou observando os Ossos Verdes de Resville com seus paletós pálidos, fáceis de distinguir no bar. Anden sentiu os confins suaves da aura de jade de Hilo se expandirem momentaneamente.

— Jon Remi é nosso aliado até que eu diga o contrário — falou o Pilar baixinho. — Se as coisas continuarão assim ou não depende dele. Vamos ver como será amanhã.



Depois de voltarem para o quarto no Hotel Cume Florestal, Hilo disse:

— Tá frio pra caralho aqui.

Então tirou o paletó e a gravata, vestiu um suéter e ligou o aquecedor. Anden já ouvira o primo reclamar que o frio fazia seu ombro doer, e às vezes o punho também. Anos lutando eram muito custosos ao corpo, mesmo sem levar em consideração os ferimentos que resultaram do ataque terrorista em Janloon. A cirurgia para suturar seu baço e reparar a escápula fora seguida de meses de fisioterapia antes que ele pudesse voltar a treinar. Cinco anos mais tarde, o Pilar parece completamente recuperado, um Osso Verde forte como sempre fora, mas Anden sabia que nem mesmo os melhores curandeiros e treinadores faziam milagre. As pessoas próximas a Hilo percebiam os momentos em que ele se movia sem aquela graciosidade que lhe era comum ou quando estremecia por causa de alguma dor insistente.

— Vou lá embaixo na lojinha de souvenirs comprar algo pros meus colegas da clínica — disse Anden. Era uma mentira de nada e, se Hilo Percebeu, não comentou.

Anden pegou o elevador até o térreo e usou um cartão telefônico para fazer uma ligação de longa distância de um dos orelhões aos fundos do lobby. Quando foi atendido, falou:

— Que bom que deu pra ligar antes de você sair pro trabalho.

O sol tinha acabado de nascer em Janloon, e Jirhuya acordava cedo.

— Não tô com pressa — respondeu Jirhu. — Tô esperando o diretor me responder a respeito do orçamento mesmo. Então vou aproveitar o café da manhã e depois ir pra academia. — A indústria cinematográfica de Kekon que, financiada pelo Desponta, estava em expansão, vinha oferecendo um fluxo constante de trabalho para o artista já havia diversos anos. Anden ouviu o chuveiro sendo desligado ao fundo e então uma pausa. Num tom malicioso e sugestivo: — Que pena que você não tá aqui comigo.

— Queria estar — respondeu Anden. — Vamos precisar ficar mais um pouco pra lidar com algumas coisas do clã. Volto na quardia. — Não pôde ouvir a resposta de Jirhu porque um grande grupo de pessoas passou na hora, e foi preciso tapar o outro ouvido para abafar a conversa alta. — Desculpa, tem muito barulho aqui. O que foi que você falou?

— Você vai ficar bem? — Era a única coisa que Jirhuya chegava a perguntar quando o assunto era as atividades de Anden em nome do Desponta. Jirhu não tinha a mínima vontade de se envolver com os clãs para além da vida cotidiana em Janloon. Sabia que o mundo de Anden envolvia dinheiro e jade, políticas e derramamento de sangue num nível que nem mesmo kekonésios comuns compreendiam, então quem dirá um artista abukiano. Sua única preocupação em relação aos negócios do clã era a segurança de Anden.

Wen os apresentara dez meses antes.

— Anden — dissera ela depois de um jantar na residência Kaul, ao pegar seu prato e levá-lo até a cozinha —, você tá com a agenda livre pra almoçar na segundia que vem? Queria que você conhecesse um amigo meu. Ele é um artista talentoso que trabalha na indústria cinematográfica. E além do mais, é um gato e tá solteiro. — Ergueu uma mão antes que ele pudesse sequer pensar no que responder. — E só pra te avisar, ele é abukiano, mas deixa pra julgar ele só depois de conhecer. Acho que vocês dois iriam se dar bem. Vou combinar tudo direitinho, então sem pressão.

Anden ficara quase sem palavras por causa da vergonha diante da ideia de imaginar Wen procurando parceiros para ele. Pessoalmente, já tinha praticamente desistido de encontrar alguém adequado. Seu relacionamento mais recente não durara mais do que alguns encontros, e a lista de pretendentes

parecia pequena. Lott Jin se casara com uma mulher que Anden não conhecia, e então se divorciara três anos depois. Ele não parecia interessado em outro compromisso — não que Anden tivesse alguma esperança quanto a ele. Na época, Anden fora a alguns eventos com os poucos amigos LGBT+ que conhecera na faculdade de medicina e no trabalho, mas ficava receoso de acabar se complicando profissionalmente. Não havia outros médicos Ossos Verdes de ascendência mista em Janloon. Mesmo se quisesse, era impossível esconder quem ele era ou onde era visto. E a maioria dos homens com o azar de desejar outros homens não queriam correr o risco de passar pelo escrutínio público que vinha com a associação à família Kaul.

— Como é que você sabe que ele teria interesse? — perguntara Anden.

— Só vai nesse almoço — garantira Wen.

Anden não ficara muito convencido. Não tinha nenhuma atração específica por abukianos, e nunca pensara em namorar alguém dessa nacionalidade. Então se surpreendeu naquele encontro e depois ficou levemente ressentido pela presunção de Wen. Jirhuya tinha maçãs do rosto proeminentes, uma pele macia cor de bronze e um porte magro e definido que fazia todas as roupas lhe caírem bem. E usava isso em vantagem própria: estava sempre bem-vestido, mesmo que fosse passar pouco tempo fora de casa. Muito embora não tivesse o físico de guerreiro, algo que Anden sempre associara com a beleza masculina, ele crescera nadando e fazendo escalada, e agora mantinha ambas as atividades na academia. Além da curiosidade genuína quanto aos outros, Jirhu tinha um sorriso fácil e facilitava a conversa porque não demorava a se abrir. Nesse quesito, o estrangeiro lembrava Cory. Acontece que Jirhu tinha uma vida e uma identidade muito exuberantes, uma existência inundada de cores, ideias e sentimentos, algo que Anden não entendia por completo. Além do mais, era devoto à sua vocação artística muito mais intensamente do que Cory jamais se dedicara a qualquer coisa. Foi um choque, depois dos primeiros encontros, quando Anden percebeu que era ele quem estava correndo atrás de Jirhu, ligando para convidá-lo para sair, fazendo jantar, alugando filmes.

Um clique na ligação avisou que os créditos do cartão telefônico estavam acabando.

— Vamos ter uma reunião amanhã e só. Não tem com o que se preocupar — garantiu Anden para o namorado. O que era mentira; reuniões eram capazes de decidir a vida ou a morte, guerra ou paz, mas não era isso o que Jirhu estava perguntando.

Os dois conversaram mais um pouco. Depois de desligar, Anden de fato foi

até a lojinha de souvenirs, onde comprou alguns pacotes de doce azedo e chaveiros no formato do Edifício Mastro. Poderia muito bem ter se poupado da singela incomodação de descer e simplesmente usado o telefone do quarto, mas ainda não havia mencionado o namorado para o Pilar. Muito embora Hilo provavelmente já soubesse do relacionamento, Anden não sabia ao certo como abordar o assunto. Um quarto de hotel numa cidade estrangeira depois de um dia que já havia sido difícil não parecia o lugar e nem a hora certa.



No dia seguinte, Dauk Sana organizou uma reunião em sua casa. Muito embora sempre tivessem vivido com modéstia, os Dauk haviam investido numa série de empresas kekonísias que, com o auxílio do Desponta, haviam se tornado bem-sucedidas. Cory e suas irmãs tinham estabilidade financeira, então os Dauk haviam se tornado razoavelmente ricos nos últimos tempos. Em vez de diminuírem o tamanho da residência, construíram uma casa muito melhor e maior, onde poderiam fazer recepções e hospedar os filhos e netos. Tecnicamente, não estavam mais em Arapuca Sul, mas nem precisavam, já que o bairro ia cada vez mais sendo tomado por espaços comerciais caríssimos. Além disso, a comunidade kekonísia tinha se espalhado ao longo dos anos. A antiga região dos kekonésios continuava sendo lá, mas, dentre outros lugares, bolsões culturais igualmente populosos vinham surgindo na Ilha Jons e em Marmelo.

A reunião aconteceu ao redor de uma comprida mesa de mogno na sala de jantar. O cômodo em nada se parecia com o aconchegante espaço do qual Anden se lembrava na velha casinha azul de dois andares dos Dauk. Serviram chá e aperitivos, o que deu ao encontro a incongruente sensação de que estavam num evento de família, muito embora houvesse gente ali que nunca se conhecera e outros que abertamente se odiavam. Dauk Sana, que vestia um suéter branco e usava pó no rosto, se sentou na ponta da mesa com o filho, Cory, o único Osso Verde dentre seus filhos, ao seu lado.

Depois de Cory, vinha Etto Samishun, que Anden conhecera como Sammy quando os dois eram jovens. Agora as pessoas o chamavam de Etto-jen e o reconheciam como o Osso Verde mais competente que restava em Arapuca Sul. Sammy e alguns outros protegidos do falecido Rohn Toro eram os líderes de uma rede informal de dezenas de Ossos Verdes que continuavam a proteger a vizinhança e tinham continuado fiéis a Dauk Losun como Pilar até sua morte.

Outro rosto familiar à mesa era Shun Todorho. Tod era um honrado cabo dispensado dos Anjos Navais e veterano da Guerra de Oortoko que batalhara

contra o vício às drogas e a depressão ao deixar o exército, perdera três trabalhos e um casamento antes de Dauk Losun ter aparecido e lhe oferecido um trabalho no salão do rancor sob a condição de que fosse à reabilitação e fizesse terapia. Desde então, Tod se tornara um deísta devoto, se casara de novo e voltara a usar jade, além de lecionar a Ossos Verdes mais novos. Amigo próximo dos Dauk, coordenava o novíssimo salão do rancor no subúrbio de Orslow, ao sul de Porto Massy, que ia rapidamente se tornando uma cidade por si só e ostentava uma população cada vez maior de novos e mais ricos imigrantes kekonésios.

O restante dos assentos à mesa era ocupado por homens que Anden não conhecia muito bem, muito embora Sana lhe contara a respeito de alguns deles: Migu Sun, um velho amigo de Rohn Toro que respondia pelos Ossos Verdes em Adamont Capita; Hasho Baku, um representante de Campigual, que ficava a cinco horas de distância; e, é claro, Remi Jon. Cada um deles contava com dois ou três de seus homens, que estavam de pé ou sentados em outras cadeiras contra a parede. No total, havia quase vinte pessoas ali; todos haviam viajado para o funeral de Dauk Losun e para descobrir como ficariam as questões dos Ossos Verdes após sua morte.

Anden também estava curioso e apreensivo. Sana sempre fora a parceira e conselheira do marido, sua verdadeira Homem do Tempo, mas agora era uma senhora. Anden não conseguia imaginar os homens naquela mesa respeitando a autoridade dela. Cory era filho de Dauk, mas não era como o pai. Espênico de nascença e despreocupado, seu melhor uso para a comunidade era como advogado, alguém que seguia os ditos sociais e fazia parte do padrão da sociedade de quase todas as formas. Os outros homens que usavam jade ali eram conhecidos como líderes em seus próprios distritos, mas nenhum com o prestígio nacional de Dauk Losun. E não tinham culpa disso; a população Osso Verde da Espênia não era mais a pequena comunidade concentrada em Arapuca Sul que costumava ser quando Dauk chegara ao país sessenta anos antes.

Todos ali sabiam muito bem que o Desponta certamente teria uma opinião a respeito do assunto. Kaul Hilo não vestia o terno e a gravata escuros de ontem, assim como também não estava mais com aquele semblante sorumbático. Estava sentado meio largado na cadeira, com um braço apoiado na mesa; ocupando espaço naquele jeito casual de sempre. Jade reluzia de seu colarinho aberto (mais do que qualquer outra pessoa possuía ali, talvez mais do que todos juntos). Não era ele quem comandava a reunião, e também não estava sentado em nenhum lugar especial à mesa, mas Hilo não fazia questão de esconder que era o homem mais rico e mais poderoso do recinto. Anden estava à direita do Pilar.

Sana começou agradecendo todo mundo pelas condolências no decorrer da semana anterior.

— Sei que meu marido tá lá de cima todo feliz com o tanto de amigos que tem. — Cory colocou a mão no braço da mãe para reconfortá-la, e a voz vacilante dela ficou firme. — Agradeço a quem viajou de Campigual, de Adamont Capita, de Resville e principalmente de Kekon. — A senhora se virou para Hilo e Anden. — É uma grande honra para toda a nossa comunidade que o próprio Pilar do Desponta tenha vindo de tão longe para compartilhar o pesar conosco, junto com nosso querido amigo Anden.

— Eu jamais deixaria de prestar minhas últimas homenagens a um amigo e colega Pilar — respondeu Hilo.

Sana enxugou os olhos e assentiu numa gratidão silenciosa antes de se recompor e continuar:

— Nossa comunidade kekonísia e nossas tradições Ossos Verdes eram as coisas mais importantes pro Losun. Ele passou a vida inteira fazendo o melhor que podia para protegê-las. Agora que ele se foi, temos que tomar algumas decisões quanto ao futuro.

Sana olhou para o filho, que se sentou mais para a frente quando todos os olhos o encararam.

— Ninguém pode preencher a lacuna deixada pelo meu pai como Pilar — disse Cory num tom objetivo, sem qualquer vergonha ou criticismo. — Mas minha mãe e eu, junto com o Sammy e o Tod, temos conversado com o máximo de Ossos Verdes da região de Porto Massy que conseguimos. Queremos envolver todos vocês na decisão quanto à direção que nossa comunidade deveria tomar no futuro.

Sana continuou:

— Losun e eu costumávamos conversar sobre a nossa esperança de que os kekonésios fossem capazes de conquistar as mesmas coisas que qualquer outra pessoa nascida neste país, que nossos filhos e netos pudessem se tornar gerentes de empresas, estrelas do cinema e deputados. Mas como é que isso vai acontecer enquanto formos associados à jade, que ainda é mal compreendida e tem uma reputação ruim na Espênia? — A viúva deu um suspiro profundo. — Será que o melhor seria desistirmos da nossa cultura, de algo que é nosso direito há milhares de anos, e simplesmente acabarmos igual aos imigrantes mais fracos, como os tuni ou os shotarianos? Ou será que desistimos da chance de sermos aceitos e de ter uma influência legítima? Nenhuma escolha é boa. Precisamos encontrar outro jeito. É o que nossos amigos do Desponta vêm tentando fazer.

Ela olhou para Hilo. Não estavam em Kekon, e estes Ossos Verdes não haviam feito juramentos de clã, então quando Hilo passou o olhar ao redor da mesa e falou, não foi com a autoridade despachada e tranquila à qual Anden estava acostumado, mas moderada e persuasivamente.

— Muitos de vocês sabem que o Desponta vem tentando mudar as leis anti-jade deste país. Meu primo Anden teve a primeira conquista quando convenceu os médicos e os políticos espênicos a legalizar jade medicinal. Hoje, existem médicos kekonésios que comandam clínicas bem aqui em Porto Massy. Andy, conta pra gente quantas são.

Anden respondeu:

— Há sessenta clínicas de medicina de jade e cerca de duzentos médicos licenciados na Espênia. Fui parte do painel de doutores da Faculdade de Medicina Bioenergética de Janloon que esboçou os requisitos internacionais que essas clínicas precisam ter para poderem funcionar. A Assembleia Nacional aprovou um visto especial pra permitir que médicos kekonésios se mudem pra atuar como médicos na Espênia, e ano passado doze keko-espênicos se inscreveram na faculdade em Janloon, o maior número de alunos internacionais que já tivemos.

— O que o Andy fez foi um grande passo, mas ainda não chegamos aonde queremos chegar — continuou Hilo. — O clã vem trabalhando com uma agência de publicidade pra mudar a postura dos espênicos quanto à jade. Pode ser que vocês tenham visto alguns dos comerciais. Pelo que parece, a melhor forma de garantir que algo aconteça neste país é aparecer na TV.

Algumas risadinhas ao redor da mesa.

Munidos de pesquisas feitas com grupos focais e estudos atitudinais, Rigly Hollin e seus parceiros da WBH Foco haviam ocupado anúncios de página inteira em revistas, outdoors e comerciais de televisão que representavam jade de forma positiva. Anden vira um na revista do avião da Espênia Air a caminho de Porto Massy: uma foto de um grupo de Anjos Navais segurando suas etiquetas de identificação com jade e o anúncio: APOIE NOSSOS GUERREIROS DE JADE. A imagem fizera Hilo franzir o cenho de desgosto, mas a estratégia de Shae era inegável. Os espênicos jamais aceitariam jade a menos que acreditassem que eram tão proprietários do minério quanto o resto do mundo, até mesmo quanto os kekonésios.

Sana disse:

— Se a jade fosse aceita pela sociedade, a gente poderia viver abertamente como Ossos Verdes, sem medo da lei. Nossas comunidades poderiam ter não só

clínicas de medicina de jade, mas templos deístas dignos e escolas que ensinassem as ordenações de jade. Claro, nunca seria o mesmo que em Kekon, mas seria muito melhor do que é agora. — Sana continuava com a voz forte, mas não era acostumada a ser o centro das atenções. Ela olhou ao redor da mesa de homens Ossos Verdes antes de entrelaçar as mãos e firmar os lábios. — E acima de tudo, não precisaríamos mais ter que escolher entre ser kekonésios ou espênicos. Poderíamos ser os dois. Esse é um sonho que eu sei que o Losun iria querer ver se tornando realidade.

Cory assentiu e ajeitou a postura.

— É por isso que propomos a formação de uma organização nacional: a Associação Kekonísia da Espênia, pra promover a tolerância cultural e cuidar de assuntos que afetem toda a comunidade keko-espênica. Vamos ajudar novos imigrantes, promover a cultura kekonísia e conexões entre negócios transamáricos e fazer pressão para que o governo revogue a proibição de jade. — Ele se virou para Hilo e Anden. — Não vai ser um clã. Não vai ter um Pilar. Serão Ossos Verdes trabalhando juntos pra proteger nossa comunidade, então, em relação ao que mais importa, será algo parecido.

Anden pensou que, no fim, Dauk Losun deve ter sentido orgulho do filho. Cory não tinha a alma verdejante da forma tradicional kekonísia, mas encontrara uma maneira própria de ser bem-sucedido no mundo do pai. Quando falava, era com uma autoconfiança envolvente.

O advogado ficou mais sério ao falar com todos de novo:

— Se queremos atingir nossos objetivos, no entanto, precisamos trabalhar juntos pra mudar certas questões culturais e mudar a forma com que o público vê os keko-espênicos. Se queremos que a proibição à jade seja revogada, então temos que demonstrar que os Osso Verdes são cidadãos que seguem a lei em todos os outros aspectos. O que significa tomar atitudes pra deixarmos atividades ilegais pra trás. — Um silêncio carregado de expectativa se assentou à mesa. — Olha os nossos salões do rancor, por exemplo. Antes do meu pai falecer, a gente falou de implementar novas regras: chega de rinhas de galo e de apostas ilegais, e também chega de expurgos por lâmina. Nada que dê pra polícia uma desculpa pra invadir nossas propriedades.

Um murmúrio de incredulidade se espalhou entre os Ossos Verdes de fora da cidade.

— Se não for pra ter essas coisas, então qual é o sentido de existir salões do rancor? — exclamou Hasho Baku, o líder Osso Verde de Campigual. — As pessoas vão fazer os expurgos de um jeito ou de outro. Só vai ser num outro

lugar em que as chances de serem pegos provavelmente serão maiores.

— Expurgos fatais é que são o maior problema — respondeu Cory. — A lei não reconhece expurgos por lâmina, então, se houver mortes ou ferimentos sérios, podemos acabar nos expondo ao escrutínio da polícia e a acusações criminais. Podemos achar um jeito de resolver questões de honra de uma forma que seja mais legalmente aceitável. Os salões do rancor podem continuar a ser centros de socialização, mas sem violência.

Sammy se manifestou:

— Num geral, temos conseguido segurar muito bem as pontas contra os Tripulantes. Tão bem, inclusive, que chegamos a expulsar eles de algumas regiões, só que, em vez de transformar essas vizinhanças em lugares seguros pra todo mundo, são gangues kekonísias que assumiram o tráfico de drogas, a prostituição, a extorsão e o crime organizado. — Ninguém estava olhando diretamente para Jon Remi, mas era óbvio de quem Sammy estava falando. — Cada prisão ou condenação de um kekonésio com jade serve para reforçar estereótipos negativos a nosso respeito. Como Ossos Verdes, precisamos impor padrões mais rígidos a respeito de quem a gente treina e permite ser verdejante, e quanto às atividades que não devemos tolerar.

Jon Remi bufou. O som foi alto a ponto de ser ouvido da outra ponta da mesa.

— E quem é que vai dizer o que é permitido ou não? Você? — Ele se virou para encarar Hilo e Anden e cruzou os braços tatuados. — Ou será que o grande Clã do Desponta vai decidir por nós?

— Como um advogado que trabalhou em dezenas desses casos — respondeu Cory —, posso te falar que uma pessoa acusada por posse de jade que não tenha envolvimento em outros delitos e nem tenha passagem pela polícia pode ser condenada por uma infração menor e acabar com uma sentença que vai de um a dois anos. Quase sempre conseguimos suspender o tempo de encarceramento em troca de uma multa e serviço comunitário. Por outro lado, se alguém estiver usando jade e for preso por venda de drogas, prática de milícia ou por cometer agressão ou assassinato, isso é considerado um fator agravante e aí as acusações são mais sérias e podem acarretar prisão perpétua.

Migu Sun, o Osso Verde mais velho que viera de Adamont Capita, pigarreou e começou a falar num timbre baixo e pensativo:

— Eu cresci numa família deísta e sempre fui ensinado que os deuses deixaram a jade na terra como um teste para nós, mortais. Se nos dessem de volta um pouco do poder dos Céus, como é que o usaríamos? Será que

subjugaríamos outras pessoas e o usaríamos para o mal? Ou será que trabalharíamos pelo bem comum e pra proteger os mais fracos? Cresci ouvindo falar de heróis guerreiros lendários e celebrando a resistência dos combatentes da Sociedade da Montanha Única. Acontece que, quando a jade chegou da velha nação a estas praias, foi corrompida pela cultura espênica. Agora os jovens veem jade simplesmente como um jeito de conseguirem o que querem. Muitos usam brilho e outros drogas e não treinam as ordenações de jade como costumavam treinar. O Dauk Losun foi um homem sábio e influente, e viveu modestamente a vida inteira, sempre contando com o aconselhamento da esposa e de amigos em quem confiava. Ele só queria que todos nós vivêssemos melhor neste país.

Migu se virou para Sana e Cory e acrescentou:

— Se for preciso mudar os salões do rancor, então que seja. Que os Tripulantes fiquem com os negócios ilegais. Se não impedirmos o nosso próprio povo de se meter com drogas e com crime, os Ossos Verdes vão acabar na prisão, nossa jade vai parar nas mãos do governo e, no fim das contas, vamos ser iguais aos barukânes em Shotar, sem perspectivas de verdade. — Migu se levantou, se virou para Hilo e fez uma profunda saudação. — Kaul-jen, o clã do senhor já conquistou muita coisa aqui. Se o senhor disser que vai nos apoiar, certamente qualquer coisa é possível. Que os deuses brilhem em favor do Desponta. Pelo bem de todos os kekonésios.

Remi deu uma gargalhada tão desagradável quanto um tiro.

— Seu velho tonto. Você acha que o Desponta tá promovendo comerciais e pressionando políticos pelo *nosso* bem? — Com um sorrisinho debochado para Migu Sun, ele meneou a cabeça. — Os clãs em Kekon tão cagando e andando pra nós. Os Kaul só querem fomentar o império deles, e querem que *nós*, os kespes que eles nem consideram Ossos Verdes de verdade, entrem na linha e se comportem pra que nada suje a imagem reluzente que eles mostram pro governo espênico e pras empresas com que trabalham. Esperam que a gente aceite ordens deles como se fôssemos Dedos. Depois, vão sugerir que a gente desista da nossa jade de uma vez por todas.

— Isso ninguém pode pedir de ninguém. — As palavras de Hilo cortaram o ar com o mesmo afinco da gargalhada de Remi. A atenção dos presentes se voltou para ele. — O Desponta tem muitos interesses empresariais na Espênia, isso é verdade, e queremos que eles cresçam e prosperem. Isso não é surpresa pra ninguém. Trazemos dinheiro, empregos e jade, então vocês se beneficiam tanto quanto nós. — O olhar firme de Hilo se assentou em Remi, e o aviso pairava entre os dois. — Muitos anos atrás, falei pro Dauk Losun que, se

trabalhássemos juntos, nós kekonésios nos tornaríamos mais poderosos neste país do que os Tripulantes. Agora tô te falando a mesma coisa. Os Dauk têm razão. A maior ameaça pra você não são mais os Tripulantes. A sua moral baixa por aqui que é o problema. Se quiser parar de usar jade escondido, então precisa parar de usá-la pra fazer coisas que precisam ser escondidas.

— Você espera que eu engula esse seu papinho furado hipócrita? — Remi apontou para Hilo. — Os clãs em Janloon coletam tributos. Por que eu não faria o mesmo em Resville?

— Tributo, mas olhe essa! — exclamou Sana, indignada. — Você tá achando que é um Punho? Você fez juramentos a um clã? Vai aceitar o filho de um empresário tributário numa escola marcial? Ou fazer um empréstimo pra ele expandir sua loja? Pagar se um tufão atingir a casa dele? Não, você pensa igual aos Tripulantes… em só receber, mas nunca oferecer. Não é assim que vamos ter sucesso neste país.

Remi se recostou na cadeira e, arrogante, abriu os braços para indicar as roupas caras e o trio de jovens guarda-costas com semblantes turrões parados atrás dele.

— Então acho que nossas definições de sucesso são diferentes.

Os homens de Remi riram. Deram tapinhas no ombro do chefe, e um chegou a mostrar a língua feito uma hiena para exibir os piercings de jade. Anden ficou chocado. Nunca, nem mesmo na Espênia, chegara a ver Ossos Verdes agirem de forma tão inapropriada na frente de guerreiros mais condecorados, muito menos do Pilar. Sammy e Tod ficaram tensos quando um murmúrio de aviso começou a se espalhar pelos outros homens ao longo das paredes. Hilo permaneceu imóvel.

Cory se levantou e abriu as mãos num gesto apaziguador.

— Vamos com calma, minha gente. Nada vai mudar da noite pro dia. Todos sabemos que a situação em Resville é diferente do cenário em Porto Massy. — Ele falava num tom tranquilo, como um pacificador em busca de um meio-termo. Anden se segurou para não franzir o cenho diante da fraqueza da atitude, da forma nada digna de um Osso Verde com que Cory recuou. — Olha, Jon, se você não tem interesse em se envolver na associação, então tudo bem. Mas estamos te pedindo, pro seu próprio bem tanto quanto pro nosso, pra você pensar no futuro. Começar a se mexer pra se afastar dos negócios e atividades mais arriscados. Se você precisar de algum aconselhamento jurídico pra legalizar…

Com as mãos na mesa, Remi se levantou da cadeira.

— Não preciso da sua ajuda, caco. Não devo satisfação à nenhuma associação comunitária, e meu cu que vou receber ordens do Desponta. — Ele

virou a cabeça para o Pilar. Não havia muitos homens capazes de rivalizar o olhar de Kaul Hilo, mas Jon Remi era um deles. — Quantas pessoas você matou ou ordenou que fossem mortas? E agora vem mandar *eu* me *comportar*? O seu clã tem arranha-céus administrativos, cofres de dinheiro e a porra de uma ilha cheia de jade, mas você tem a pachorra de mandar eu e os meus meninos passarmos fome. Vocês patrocinam gente pra vir lá de Janloon pra cá, paus-mandados do clã que roubam vagas de faculdade e empregos e mandam o dinheiro que fazem de volta pra Kekon, mas quer que a gente, que deu o sangue pelo nosso quinhão neste país, abandone o sustento que lutamos tanto pra conquistar e deixe os Tripulantes voltarem a tomar conta de tudo. — As narinas de Remi se dilataram, e seus traços, grosseiros e bonitos, se obscureceram com um despeito perigoso. — Você concordou que eu ficasse com Resville. Contanto que eu mantivesse nossos inimigos longe, você iria deixar eu comandar as coisas do meu jeito. Pois é, eu fiz o que você pediu, e agora você vem querendo pisar em cima de mim? Vocês, kekes da velha nação, acham que são melhores do que o resto de nós, né? Não. Você tem uma *dívida* comigo, Kaul.

Anden estava sentado perto o bastante de Hilo para sentir a aura de jade de seu primo crepitar e se aguçar feito a ponta de um chicote. Numa voz suave, o Pilar disse:

— Eu não te devo nada. Você não é um clã tributário, não é um Lanterna, nem um amigo você é, porque um amigo não falaria nesse seu tom, mesmo que não concordasse comigo. Nós tínhamos um acordo. E por causa disso você virou um homem rico e poderoso. É só por respeito à nossa antiga aliança que vou desconsiderar as suas ofensas. Vim prestar meu respeito a Dauk Losun, que os deuses o saúdem, e para apoiar a família e os sucessores dele. Eu não trouxe nenhum dos meus Punhos ou Dedos. Olhe ao redor. São os seus colegas Ossos Verdes que estão te pedindo pra mudar de uma forma que, a princípio, pode ser difícil, mas que todo mundo concorda que será melhor a longo prazo.

Remi se levantou, ereto. A tatuagem preta de uma caveira com cobras saindo dos olhos pareceu esticar seu sorrisinho mortal quando ele tirou o pálido paletó esporte chique do encosto da cadeira e o colocou sobre o ombro.

— Tô pouco me fodendo pra essa chance minúscula da jade ser legalizada, ou pros investimentos do Desponta. Eu respeitava o Dauk enquanto ele estava vivo, mas agora nós temos nossos próprios territórios e nossas próprias formas de resolver as coisas. Contanto que cada um cuide de seus próprios negócios e que ninguém se meta no ganha-pão um do outro, não tenho problema com ninguém que tá aqui. Em Porto Massy vocês fazem o que quiserem, mas

Resville quem comanda sou eu.

O Keke do Mal gesticulou com a cabeça para seus homens, e os Cabeças de Cobra saíram da reunião. Ninguém falou ou tentou impedi-los quando passaram pelos outros Ossos Verdes ali presentes, com sorrisinhos debochados sob os óculos de sol enquanto se retiravam da casa. Um silêncio desconfortável pairou após a partida dos sujeitos.

Com relutância, Hasho Baku também se levantou.

— O Jon foi descuidado e grosseiro, mas eu concordo com ele. Acho que as chances de reverter as leis contra jade são pequenas demais pra que valha a pena o esforço de criar essa associação, e as mudanças que vocês propõem só irão criar rixas entre Ossos Verdes — disse. Então saudou Sana e Kaul Hilo. — Respeito as intenções de vocês, e não vou atrapalhar, mas acho que seria melhor se todos voltássemos pras nossas próprias cidades e não tentássemos ditar o que outros Ossos Verdes fazem. Assim, podemos todos continuar amigos.

Assentiu para os convidados ao redor da mesa e então partiu com seus próprios homens.

Cory deixou um suspiro alto escapar. Passou uma mão pelo cabelo e se recostou na cadeira com o cenho franzido de pesar.

— Bom, poderia ter sido melhor.

— A gente sabia que teria resistência — comentou Tod. — O restante de nós tá contigo, Cory.

— Mais tarde eu falo em particular com o Hasho — disse Migu Sun. — Acho que ele vai voltar atrás se começar a ver que a gente pode conquistar o que queremos que aconteça. Pelo menos sabemos que ele não vai se opor ou causar encrenca, e que podemos contar com o povo dele lá em Campigual pra ser discreto com jade. Quanto ao Remi… — O velho Osso Verde suspirou. — Vou falar com algumas pessoas que eu conheço de Resville. Talvez possam convencê-lo a voltar a conversar.

Anden permanecera em silêncio durante a acalorada discussão, já que era o que Hilo esperaria dele, mas estava com um pouco de calor e se sentia enjoado, igual a como se sentira depois de sair da balada Oliva Azul naquela noite.

— Ninguém vai convencer o Jon Remi a abrir mão de poder.

— O Andy tem razão — comentou Hilo. — É uma pena que o Remi tenha nascido desse lado do oceano. Um homem desses, que se impõe e tem a capacidade de comandar os outros… talvez, se tivesse sido criado e treinado como um Osso Verde legítimo, pudesse ter sido um bom Punho. Mas o destino nos faz quem somos e não pode ser mudado.

Com o tom definitivo na voz de Hilo, Dauk Sana respirou fundo. Se levantou e se abaixou ao lado da cadeira do Pilar.

— Kaul-jen — disse ela, ansiosa —, a grosseria de Remi com o senhor como convidado já é imperdoável, agora imagine como Pilar! Ninguém poderia te culpar se o senhor tivesse se ofendido e sentido a necessidade de responder. Mas, pelo bem da paz e, em nome da amizade que o senhor tem demonstrado pela nossa família, por favor deixa que a gente aqui na Espênia cuide disso, já que é um problema nosso. — Ela apertou a mão de Hilo. — E, se não conseguirmos, então vamos rejeitar todos os Ossos Verdes de Resville e trabalhar com a polícia pra impedi-los.

Migu Sun assentiu de forma solene, mas os Ossos Verdes mais jovens pareciam um tanto estarrecidos. Não tinham percebido tão rápido quanto Dauk Sana que Hilo talvez retaliasse imediatamente aos insultos de Remi. A viúva estava implorando para que o Pilar não fizesse nada. Se o Desponta mandasse Punhos para matar Remi em Resville e entrasse em guerra com a gangue dele, isso certamente atrairia mais atenção negativa da polícia e do público. Um poderoso clã de Janloon assassinar cidadãos espênicos, mesmo que se tratasse de criminosos feito os Cabeças de Cobra, iria minar a influência da Associação Kekonísia da Espênia em seus cruciais estágios de formação. Para Anden, Remi talvez até estivesse esperando um ataque agora. Era capaz de estar ávido por uma chance de encarar Ossos Verdes da velha nação e fomentar sua reputação.

Hilo ficou em silêncio por um instante. Depois, pegou as mãos de Dauk Sana e puxou-a junto quando se levantou sorrindo.

— O Desponta tem gente e negócios na Espênia, mas este não é o nosso país. Como convidado, eu jamais faria qualquer coisa que fosse criar problemas para meus amigos ou atrapalhar as metas que compartilhamos — falou Hilo para todos ali. — O Desponta vai ficar longe de Resville, assim como temos feito até agora. Dou a minha palavra a vocês como Pilar.

Os ombros de Sana relaxaram de alívio.

— Obrigada, Kaul-jen. — Ela levou as mãos entrelaçadas à testa. — Só queria que Losun-se estivesse aqui para agradecer ao senhor também.

A reunião se encerrou nesse clima pesado. Os outros Ossos Verdes se dividiram em grupos menores para conversar no vestíbulo e na cozinha. Hilo e Anden ofereceram suas últimas condolências a Sana e Cory, aceitaram saudações respeitosas e votos de boa viagem, e foram embora.

No táxi a caminho do Hotel Cume Florestal, Hilo se recostou no assento, tirou o último cigarro do maço e ficou rolando-o entre os dedos, mas sem

acender.

— Você ficou quieto lá, Andy. E tá quieto agora.

— Ontem você me falou pra não deixar minhas opiniões tão na cara — respondeu Anden.

— Você tá incomodado com o Remi — deduziu Hilo. — O que aconteceu hoje foi uma surpresa pra você?

— Não, mas não é porque não foi uma surpresa que deixa de ser um problema.

O Pilar deu um sorrisinho e esticou o braço até o outro lado do banco para dar um empurrão afetuoso no ombro do primo.

— Você teria sido um ótimo Punho, Andy. Sei que isso ficou no passado, então não me leve a mal, tô só te elogiando. — Ele ficou sério de novo e continuou: — O Remi Jonjunin é tipo um Chefe de Tripulação com uma cara kekonísia. Pensei que houvesse uma chance de ele se comprometer a manter uma boa relação com as pessoas naquela sala, mas ficou evidente que ele acha que não precisa mais de nós ou de qualquer um de Porto Massy. Por que você tá levando as ofensas dele pro lado pessoal desse jeito?

— Ele é fruto *nosso* — exclamou Anden. — Nós que demos o dinheiro e a jade que ele usou pra virar o Keke do Mal de Resville. Foi eu que falei em nome do clã e dei carta branca pra ele naquela cidade. Então é minha culpa esse cara agora ser um problema pra gente.

Hilo colocou o cigarro apagado na boca.

— Eu confiei em você para tomar a decisão certa naquela época, e você tomou. O que foi bom pra nós no passado agora não é mais, mas às vezes é assim que a banda toca. Os seus amigos de Porto Massy estão nos pedindo pra confiar neles, pra acreditar que eles vão cuidar do Keke do Mal. E ainda bem. Precisamos manter a nossa atenção lá em casa pra combater os anti-clã.

Anden encarou o Pilar com ceticismo e disse:

— Hilo-jen, o Cory, o Tod e o Sammy… eu gosto de todos eles. São boa gente, pessoas que se importam com a comunidade e com o significado de se usar jade. Quero que a associação deles dê certo. Mas eles não são um clã. São verdejantes de um jeito próprio, mas não da forma necessária para enfrentar alguém sem escrúpulos como Jon Remi.

O táxi parou em frente ao hotel e os dois desembarcaram. Hilo puxou o sobretudo para cobrir o pescoço e parou antes das portas giratórias.

— Dê um pouco de tempo ao tempo, Andy. Ontem, te falei que o Remi era nosso aliado até que eu falasse o contrário. — Ele acendeu o isqueiro e então,

relutante, guardou o cigarro solitário de volta no maço. — Agora tô falando o contrário.




CAPÍTULO 31

Decepção

Kaul Nikoyan estava deitado de costas no apartamento da garota, observando a luz da televisão muda tremeluzir no teto. A moça, Mera, continuava bravamente chupando seu pau, mas os dois já tinham transado e ele estava com a cabeça em outro lugar. O sol havia se posto. Niko deu uma olhada no relógio da mesa de cabeceira. Dali a uma hora, deveria se apresentar para Lott Jin, que distribuiria suas obrigações para a noite.

Sabia que seu tio não aprovaria a forma que havia passado a tarde. *Nada de transar antes do trabalho, não no lado mais verdejante do clã*, diria Hilo, repetindo o senso comum dos guerreiros de jade em que muitos acreditavam. Bons Punhos e Dedos não iam para as ruas relaxados e desavisados. Tinham que chegar astutos feito lobos que ainda não haviam comido.

Niko não acreditava em máximas velhas, e seu tio já enxergava defeitos em inúmeros frontes dele, então que diferença um errinho a mais faria? Além disso, muito embora talvez houvesse possibilidade de empregar força naquela noite, talvez até mesmo de confiscar um pouco de jade ilegal, ele não esperava enfrentar nada perigoso demais. Nunca houvera dúvidas de que Niko se tornaria um Dedo do clã, mas o Pilar instruíra Juen Nu a não pegar leve. Era para que recebesse o mesmo tanto de trabalho, que corresse os mesmos riscos e que fosse tão disciplinado quanto qualquer outro novo Osso Verde. Juen Nu, no entanto, se

aposentaria naquele ano. O Pilar já autorizara. Lott Jin era o principal candidato para ser o próximo Chifre, mas até que a promoção se oficializasse, Niko duvidava que o Primeiro Punho fosse correr o risco de prejudicar sua relação com a família Kaul ao permitir que o herdeiro do clã corresse algum perigo real sob sua supervisão.

— Quer pedir alguma coisa pra comer? — perguntou Niko, como uma forma de fazer a garota desistir de tentar excitá-lo de novo. Mera levantou a cabeça e, com o batom borrado, se jogou ao lado dele. Era bonita, mas outras garotas bonitas já tinham tentado atrair sua atenção antes. Tinha 16 anos quando uma menina se oferecera pela primeira vez num canto escuro do jardim da propriedade Kaul durante uma festa de Ano-novo do clã. Não se sentira confortável de aproveitar a oportunidade daquela vez, nem na próxima, mas a curiosidade finalmente levara a melhor e, desde então, ele havia ficado com algumas garotas, sempre com graus variados de satisfação.

— A gente pode pedir pra comer em casa, se você quiser — respondeu Mera —, mas eu prefiro sair, você não?

— Não tô com tanta fome assim e posso comer mais tarde. É que eu pensei que você pudesse querer alguma coisa.

— Meu único apetite é por *você*.

Mera suspirou, passou um braço pelo peito dele e deitou a cabeça em seu ombro.

Ela soava tão sonhadora que Niko precisou se segurar para não se retrair. Aos 20 anos, já era um cínico no que dizia respeito a relacionamentos. Mera era só a mais recente das jovens esperançosas em conquistar o coração do primogênito da família Kaul e adentrar a liderança do Desponta pelo casamento.

Isso Niko colocava na conta dos pais. Todo mundo conhecia a história romântica do jovem Kaul Hiloshudon, que se apaixonou por uma pedrolha e elevou a outrora desonrada família Maik ao topo do clã. Alguns anos antes, um canal de TV a cabo tentara fazer um filme televisivo piegas sobre a história, mas então o escritório da Homem do Tempo intervira e interrompera a produção. Até mesmo o trágico destino dos tios de Niko, Kehn e Tar, não havia esmorecido a narrativa, talvez porque Kaul Maik Wen cumpria um papel muito mais visível como esposa do Pilar do qualquer uma de suas antecessoras.

— Eu gosto de passar um tempo com você. Você é uma querida — falou Niko.

Mera enrijeceu com a gentileza condescendente.

— Eu não sou *querida*. Sou a mais nova de quatro filhos e meus pais não

tinham dinheiro pra mandar uma garota pra Academia, mas isso não quer dizer que eu seja uma florzinha delicada. Meus irmãos já duelaram. Minha irmã mais velha é uma Lanterna. Minha família é de classe média, mas somos verdejantes.

— Eu jamais falaria alguma coisa contra a sua família. — Niko se virou e deitou de barriga para baixo; a pressão da cama contra suas costas estava ficando desconfortável na pele, que coçava durante a cicatrização. Mera se sentou e desligou a TV. Puxou as pernas e olhou para ele com uma frustração silenciosa e intensa, como se tivesse descoberto que faltava uma peça no quebra-cabeças que estava montando. As meninas tinham certeza de que, por baixo daquele comportamento reservado, havia um ardente Chifre de sangue quente em formação, e ficavam sem saber o que fazer quando não conseguiam encontrar essa pessoa.

Com a ponta dos dedos, Mera tocou os vergões nas costas e nos ombros dele.

— O que aconteceu?

— Apanhei com uma vara, o que você acha? — murmurou ele com o rosto no travesseiro.

— O seu pai te bateu? — Ela parecia surpresa, quase contente, que o filho mais velho do Pilar pudesse apanhar por falta de educação igual a qualquer outro jovem comum.

— Ele é meu tio, não meu pai — corrigiu Niko. — E me chicoteou por não me comportar como um Osso Verde que se preze.

Mera tracejou os dedos ao longo da nuca dele.

— Pra mim você parece um Osso Verde que se preze — disse ela baixinho, enquanto tocava o colar que descansava sobre a pele de Niko.

Foi um gesto ousado e íntimo; havia homens Ossos Verdes que não deixavam nem as esposas encostarem em sua jade. O colar dele havia pertencido ao pai (seu pai de verdade, Kaul Lan, um homem de quem Niko muito ouvira falar, mas nunca conhecera). Havia cinco pedrinhas de jade na corrente. As outras haviam sido removidas e guardadas em segurança. Seus pais diziam que seriam devolvidas à joia quando ele merecesse.

Niko apoiou o queixo nos braços cruzados.

— E afinal de contas *o que é* um Osso Verde que se preze? Todo mundo sabe o que *não é*, mas, ainda assim, é algo que ninguém se dá ao trabalho de explicar. A gente confia muito nesse negócio de que somos capaz de reconhecer verdejância quando a vemos. Mas será que somos, mesmo? O povo olha uma vez pra minha cara, pro meu nome, pra minha jade e já sai achando que me conhece. — Niko deu uma risadinha avoada e pouco humorada, então ficou em

silêncio por um instante. — Sabe o que eu acho? — divagou em voz alta. — Acho que tudo o que as pessoas veem é uma casca. Uma casca verde, brilhante e vazia.

Niko estava basicamente falando sozinho, e não esperava que a garota fosse responder, mas, depois de alguns minutos, percebeu que ela havia ficado quieta. Mera não se afastara dele na cama, mas aquele ardor evaporara. A garota agora parecia fechada, distante.

Niko sentiu uma pontada de irritação, e então de alívio. Rolou para se afastar dela na cama e se levantou. Começou a se vestir; colocou as calças, abotoou a camisa, embainhou a faca talon no cinto e prendeu a pistola no coldre do ombro. Antes de sair do quarto, se sentou na ponta da cama e deixou um beijo gentil na bochecha de Mera. Ela não recuara, mas não inclinara o rosto em sua direção com a expectativa de algo a mais.

— Eu falei sério. Gostei de passar um tempo com você — disse Niko. — Desculpa se eu acabei te decepcionando.

Ele se levantou e foi embora.



O incidente que fizera o tio de Niko puni-lo de forma tão severa começara de forma até bem inócua na semana anterior no bar Porco&Porco, como uma aposta entre Dedos por algo desimportante, talvez releibol. O perdedor, um jovem chamado Kitu, se ofendeu com alguma coisa que Niko falara e ofereceu uma disputa física para resolver a questão. Niko, que vinha a semana inteira tratando uma gripe, recusou mais grosseiramente do que pretendera ao dizer que não valeria a pena, que o outro rapaz seria um desperdício de tempo. Kitu ofereceu um expurgo por lâmina.

No quesito duelos, este foi bem atípico, sem nenhum rancor pessoal. Ninguém esperava que um fosse tentar matar o outro, muito embora os riscos fossem altos porque, é claro, o vencedor tomaria a jade do derrotado. Todos os clientes do bar começaram a abrir espaço entre as mesas para que que a disputa acontecesse.

Niko permanecera sentado.

— Kitu, você não vai querer duelar comigo. Você vai perder.

Na realidade, o resultado não era tão óbvio assim. A família de Kitu não era abastada, mas o rapaz tinha uma reputação respeitável como lutador, e a jade que usava como Dedo de segundo ranque fora conquistada, não herdada. Kaul Niko, em comparação, era naturalmente talentoso e sua família empregava um grupo

de treinadores pessoais, mas, nas internas do clã, dizia-se à boca miúda que o rapaz não se esforçara para chegar ao nível esperado de um Kaul.

Mesmo que Kitu perdesse o duelo, angariaria respeito pelo simples fato de ter tido a coragem de desafiar o primogênito da família Kaul e, caso tivesse uma performance particularmente boa, seria levado mais a sério, e outros poderiam considerá-lo um adversário apto no futuro.

— Vai se levantar ou não? — perguntou Kinu, impaciente.

— Lutei num duelo mês passado, keke. — Que fora mais acirrado do que Niko gostaria de admitir e quase lhe rendera uma mandíbula quebrada. — Hoje não tô a fim.

A recusa surpreendera e decepcionara a todos, principalmente Kitu. Jovens Ossos Verdes com intenções de irem mais adiante no lado militar do clã ansiavam por oportunidades para duelar, e recusar um expurgo por lâmina, quando oferecido com sinceridade e sem circunstâncias extenuantes, era algo malvisto.

— Se você tá bêbado ou com preguiça demais agora, amanhã ao meio-dia eu te encontro — dissera Kitu, e esperou que o outro rapaz escolhesse um lugar e uma arma.

— Você tá tão empolgado assim pra levar uma sova e perder a sua jade? — respondera Niko num tom indiferente, mas preenchido por um ressentimento repentino e feroz.

A questão não tinha nada a ver com desdém pelas habilidades de Kitu ou medo de encará-lo. Ele fora ao Porco&Porco para relaxar e não via motivo para acabar com a noite simplesmente porque alguém queria uma chance de fazer o próprio nome. E ficara ofendido pela rapidez com que até mesmo seus amigos haviam se levantado num pulo para afastar mesas e cadeiras, esperando que ele duelasse num piscar de olhos.

Niko tirara as chaves do carro do bolso e as levantara. Estava, de fato, levemente embriagado, mas não a ponto de ser incapaz de pensar com clareza ou de ter uma desculpa aceitável para recusar o desafio.

— Kitu, sabe do que você precisa mais do que de um rosto torto? Um carro novo. Aquela tralha que você dirige deve ter uns 20 anos de idade. Não é o Tezzo de duas portas velho da sua mãe? — Niko balançara as chaves. — Vou te falar o seguinte, você pode escolher um expurgo por lâmina ou pode ficar com o meu carro. É um Roewolfe SX Coupe, tem só 2 anos. Ganhei dos meus pais quando eu me formei na Academia. Tá lá no estacionamento agora. — Jogara as chaves do carro sobre a mesa, que derraparam um pouco e acabaram parando

entre os dois jovens.

O bar inteiro ficara em silêncio. Kitu olhara de Niko para as chaves e então para Niko de novo.

— Você tá brincando.

Niko dera de ombros e apontara para as chaves.

— Pega. A gente concorda que eu paguei por ter te insultado e você fica com um bem dos Kaul sem perder sangue ou quebrar nenhum osso.

Desconfortável, um dos amigos de Niko falara:

— Hum, Niko-jen, tem certeza? É que, assim, não me parece certo. Não é melhor vocês esperarem até amanhã pra ver se vão estar prontos pra lutar?

Diversos outros murmuraram em concordância. Ninguém sabia ao certo se Niko estava indo contra o aisho propriamente dito, mas era algo que certamente destoava de qualquer costume relacionado aos duelos.

— O que você escolhe, Kitu? — perguntara Niko.

O rosto do rapaz se contorceu de uma série de formas diferentes. As sobrancelhas se uniram, o nariz se franzira, os lábios tremeram e se torceram. Ele pegara as chaves do carro e ficara lá, tenso por vários segundos, esperando que Niko fosse rir por ter levado a piada a sério e então exigir tudo de volta. Quando isso não acontecera, o rapaz parecera incapaz de devolver as chaves à mesa.

O que Niko dissera era verdade, que o carro velho da mãe de Kitu estava nas últimas e que ele não tinha dinheiro para comprar um novo. E também era verdade que o resultado de qualquer duelo era incerto; ele poderia se machucar, perder jade ou até mesmo ser morto. Estivera disposto a correr o risco, mas agora nem tanto. A sensação havia sido de que estava sendo feito de bobo, mas ele não sabia o que fazer a respeito.

Kito fora recuando aos poucos, sempre com os olhos em Niko e com a aura de jade tensa de incredulidade. De costas, seguira até a porta do bar e saíra do estabelecimento. Um minuto mais tarde, todos no ambiente anormalmente silencioso ouviram a ignição do Roewolfe de Niko e então o veículo saindo.

Foi então que um surto de riso se espalhara, mais de descrença e desconforto do que de alegria e diversão. A impressão geral de que Niko, de algum jeito, espancara e humilhara Kitu mesmo tendo lhe dado um carro caro. Mas o caso também refletira mal para o próprio Niko, mostrara que ele era cruel de um jeito esquisitíssimo. Como se um homem tivesse parado ao lado de um desabrigado e lhe oferecido mil dien para latir feito um cachorro, e o pobre coitado latira.

Quando chegara em casa naquela noite, seu tio já tinha ouvido falar do

acontecido. A notícia devia ter alcançado um dos Punhos do clã, que contara para o Chifre, que, por sua vez, informara o Pilar.

— Caramba, qual é o seu problema? — exclamara Hilo. — Aquele garoto te desafiou de forma justa. Já foi feio ter recusado um duelo, mas você deixou ele *e* você com cara de trouxa. — Talvez esperasse que Niko fosse dizer alguma coisa, que fosse se defender, que agisse de forma pesarosa ou desafiadora, mas o rapaz apenas ficara lá, quieto. Hilo perdera completamente as estribeiras. — Você é um Kaul. O filho do Pilar! Seu pai e seu avô tão se encolhendo de vergonha na bosta do túmulo deles agora. Eu e a sua mãe não te criamos pra você virar alguém sem dignidade alguma.

— Eu não estava a fim de lutar hoje à noite — murmurara Niko. — Tô gripado.

— Se você estava doente demais pra defender a sua própria jade, talvez, pra começo de conversa, não devesse nem ter saído de casa — gritara Hilo. Estavam os dois no escritório do Pilar, mas todos na casa, e possivelmente a propriedade Kaul inteira, conseguia ouvir. — Ninguém vai te culpar por postergar um duelo por alguns dias caso você esteja mal. Só que agora tá todo mundo falando de como você deu um carro pra evitar um desafio. Como é que você tem coragem de se chamar de Osso Verde?

Niko observara o tio tendo trabalho para definir que tipo de punição seria adequada para uma falha tão grave de bom senso. No fim das contas, ele fizera Niko tirar a camisa e se ajoelhar para receber doze golpes com uma vara de madeira. Dali em diante, Niko precisaria fazer dois treinamentos a mais por semana com instrutores particulares, e Hilo o assistiria uma vez por mês para avaliar por si mesmo o avanço marcial de seu sobrinho. Além do mais, Niko estava proibido de usar o dinheiro da família até conquistar mais jade por si próprio de forma respeitosa, e, é claro, não ganharia um carro novo.

O rapaz saíra do escritório tremendo devido aos golpes nas costas e fervendo de raiva sob uma nuvem obscura e amargurada. Ru tinha ficado esperando fora do cômodo para pedir algo para o pai, mas, depois de ouvir a punição tão severa do irmão, decidira não entrar mais ali e fora até a geladeira pegar um pouco de gelo para as feridas de Niko. Jaya, que estava em casa devido ao recesso prolongado de primavera da Academia, erguera os olhos brevemente do jogo que estava jogando para dizer:

— Então você se fodeu mesmo, né?

Na opinião de Niko, fodido mesmo era o fato de ninguém ter achado sua decisão preferível ou até mesmo aceitável. Kitu *de fato* precisava de um novo

carro. Niko, de bom grado, dera o próprio carro como compensação por não oferecer ao outro garoto o duelo que ele queria no momento. Enraivecido, Niko se perguntava qual era o problema. De que valia todo o poder e dinheiro da família se não servia para lhe dar a liberdade de fazer o que queria com seu próprio tempo e bens? De todas as pessoas no mundo que usavam jade, era só dos Ossos Verdes que esperavam obediência a regras rigorosas que nem faziam sentido.

O pai de Kitu levara o Roewolfe SX Coupe de volta à propriedade Kaul no dia seguinte, e trouxera o filho envergonhado a tiracolo. O Pilar lhes garantira que as profundas desculpas não eram necessárias e explicara que Niko, bêbado, levara uma piada longe demais. Que o objetivo de forma alguma fora humilhar Kitu ou sua família.

— Jovens às vezes agem feito idiotas — comentara Hilo num suspiro com o pai de Kitu.



Depois de sair do apartamento de Mera, Niko se apresentara para Lott Jin na *Pão & Ameixa*, uma padaria de um Lanterna do clã, localizada na Forja. Entre o horário em que fechava para clientes na tarde e quando os padeiros chegavam para trabalhar no início da manhã seguinte, o estabelecimento era um local usado para reuniões, um de dezenas espalhados pela cidade onde Punhos se reuniam com seus Dedos. No fim das contas, Niko queria ter comido alguma coisa na casa de Mera; o cheiro pervasivo de pão e dos bolos lhe deixou com água na boca. Dois dos outros Ossos Verdes de Lott já estavam lá quando Niko chegou. Kenjo tinha uma tez escura, era atarracado e um especialista no que dizia respeito a armas e carros. Como Niko, era um Dedo de primeiro ranque e logo poderia ser promovido a Punho. Sim havia saído da Academia fazia dois meses e meio, com três pedras de jade que ganhara na formatura e a energia extravagante e crepitante de um galo em sua primeira rinha.

Niko esperava que os três fossem incumbidos de patrulhar a Forja, houvera uma recente onda de violência entre gangues de rua uwiwanas e barukânes. Para sua surpresa, Lott Jin falou:

— Espero que vocês todos estejam ávidos pra sujar as espadas hoje. Vamos seguir uma pista sobre alguns traficantes de armas que venderam cem rifles Ankev de calibre militar pro Movimento Futuro Sem Clã antes do ataque terrorista de Janloon. A informação veio de um dos nossos Ratos Brancos, mas leva lá pro Cepo, e temos mandados de prisão incríveis. Então é um ringue a

três.

Todos grunhiram. Um “ringue a três” se tornara o termo coloquial no lado militar do clã para uma situação que exigia o envolvimento tanto do Desponta quanto do Montanha junto à polícia de Janloon. Na campanha incansável para destruir e arrancar pela raiz os elementos anti-clã, operações ringue a três haviam se tornado comuns. Ossos Verdes as odiavam. Tradicionalmente, os clãs exerciam controle sobre seus próprios distritos e se mantinham fora dos territórios uns dos outros. Passar pelas fronteiras era uma tática antiga de criminosos para fugir de Ossos Verdes, e Punhos e Dedos tinham uma tradição tão antiga quanto de trocar informações e favores entre clãs rivais, mesmo durante guerras, mesmo quando seus líderes eram inimigos mortais. Incendiários que ateavam fogo numa propriedade do Montanha eram pegos pelo Desponta e entregues em troca de um traficante de brilho que trabalhava em Moedavada, mas havia escapado para Cidade do Peixe. A polícia de Janloon cuidava de tudo que passava despercebido pelos clãs (crimes menores, o assassinato e o assalto à mão armada “irrelevantes”, infrações de trânsito) e, mesmo que a contragosto, estavam acostumados a trabalhar sob a influência dos dois maiores clãs, assim como também a limpar a bagunça que deixavam para trás. Todos gostavam das coisas assim, até mesmo os criminosos.

Depois do ataque terrorista em Janloon, no entanto, a erradicação do extremismo anti-clã se tornou a maior prioridade nacional. A insurgência armada do Movimento Futuro Sem Clã fora dramática e assustadora, mas rapidamente resolvida. O Conselho Real prontamente proibiu o grupo terrorista e incitou os clãs e a polícia a coordenarem os esforços de forma muito mais abrangente do que antes. A família de Niko jamais veria Ayt Mada como nada além de uma arqui-inimiga, e, no âmbito nacional e internacional, a disputa por jade, negócios e poder político continuava inabalada entre o Montanha e o Desponta. Mas as ruas de Janloon eram domínio dos Chifres. Juen Nu e Aben Soro eram homens pragmáticos e fiéis a seus clãs, mas não faziam parte das famílias Kaul e Ayt. Embora não ficassem de lado, as décadas de rivalidade entre clãs eram consideradas menos importantes do que a necessidade de cooperação cotidiana contra a ameaça dos militantes anti-clã.

Os esforços estavam valendo a pena. Nos últimos anos, milhares de membros e apoiadores do MFSC foram presos ou mortos. Ninguém gostava dos ringue a três, mas, pelo visto, eram operações que haviam vindo para ficar. Lott Jin distribuiu diversas fotos em preto e branco de dois traficantes de armas caminhando pelas ruas, entrando ou saindo de prédios e conversando com

pessoas.

— Deem uma boa olhada. Hoje eles vão fechar um negócio num esconderijo da Rua Banya. Vamos entrar com três pessoas do Montanha.

Niko foi o último a analisar as fotos. Um dos traficantes era kekonésio e o outro era uwiwano. A Rua Banya ficava no meio de uma movimentada vizinhança de imigrantes uwiwanos no Cepo. Como se estivesse lendo os pensamentos de Niko, ou talvez meramente Percebendo seu desconforto, Lott avisou a todos:

— Não estamos familiarizados com essa região, e vai ter muita gente em volta. Se a gente fizer merda, vai ter encrenca entre o Juen-jen e o Aben-jen. O que significa que vai dar problema pra mim, o que significa problema pra vocês. Se virar um caos, deixem que os Montanha cuidem da situação; o território é deles.

Lott abriu um isqueiro e queimou as fotografias. Teriam que identificar os alvos de memória e garantir que fossem capturados ou mortos. Simplesmente entregar as fotos para os Montanha e confiar que fariam o necessário era algo fora de cogitação. Dados que poderiam ser obtidos a partir das imagens (quando e onde foram capturadas, os ângulos, a distância) talvez comprometessem a identidade de um valioso Rato Branco, uma pessoa que os Montanha encontrariam e matariam de bom grado, já que o espião estava, sem sombra de dúvidas, fornecendo informações para o Desponta a respeito das atividades do Montanha.

Foram no belo Lumezza FT Scorpion vermelho de Lott e estacionaram perto da cabeça do peixe (o cruzamento esquisito da Rua da Passagem com a Avenida Magnólia, que ficava na fronteira do clã entre os bairros periféricos de Moedavada e Cidade do Peixe). Saíram do carro e esperaram. O Suor do Norte vinha deixando a cidade úmida já fazia uma semana, mas, um pouco mais cedo naquela noite, as nuvens noturnas tinham se dissolvido e não parecia que choveria mais. Niko coçou as costas ardidas.

Sim se aproximou.

— Niko-jen, eu estava pensando aqui… — O rapaz, nervoso, coçou uma bochecha cheia de cicatrizes de acne. — Minha sobrinha, aquela que tá internada… É que ela vai fazer aniversário. Ela é muito fã de releibol e é fascinada pelo Espíritos de Janloon, e eu sei que o clã tem camarotes no estádio. Me falaram que a gente tem que ser Punho de segundo ranque ou acima pra entrar na lista de espera, mas você acha que tem *alguma* chance, se não for nenhum incômodo…

Niko deu de ombros.

— Posso perguntar pro meu tio. Talvez tenha espaço pra colocar mais umas pessoas no camarote do próximo jogo.

O rosto de Sim se abriu num sorrisão.

— Seria os Céus e a terra pra ela. Eu ficaria eternamente grato se o Pilar abrisse uma exceção. Claro, vou entender se não for possível. — Ele tocou a testa. — Obrigado, Niko-jen.

Minutos mais tarde, Niko se deu conta de que deveria ter perguntado o nome da sobrinha de Sim, a idade da garotinha, há quanto tempo ela era fã de releibol. Que deveria conhecer seus camaradas Dedos, os homens com quem lutava, que talvez um dia salvem sua vida ou se tornem seus mais confiáveis Punhos quando ele se tornar o Pilar.

Seu tio nem precisaria pensar a respeito. Era o grande talento de Kaul Hilo. O homem era capaz de, com uma simples conversa com um sujeito, garantir sua fidelidade por toda uma vida. A mãe de Niko não apenas perguntaria o nome da sobrinha de Sim, como também se lembraria do aniversário da pequena e lhe mandaria uma camiseta dos Espíritos de Janloon no ano seguinte. Tanto Ru quanto Jaya teriam facilmente pensando em *alguma coisa* a mais para dizer.

Esse tipo de comportamento não vinha naturalmente a Niko. Essa tendência a criar relações, a exercer influência, a liderar homens. Na maior parte do tempo, preferia ficar sozinho, e ser forçado ao holofote social era algo do qual especialmente desgostava. Não confiava e nem aceitava ser confiado com facilidade. Tinha amigos próximos, como os gêmeos Juen e seu primo Maik Cam, e não se considerava antipático, mas muitos de seus colegas de turma e companheiros Dedos que tentaram se aproximar dele no decorrer dos anos haviam se dado conta de como era difícil. Mera era apenas o último dos exemplos.

Alguns dias depois de ter sido punido por ter falhado em aceitar o duelo de Kitu, o Pilar o levara para tomar café da manhã; apenas os dois. Àquela altura, Hilo havia se acalmado e queria conversar.

— Niko-se — dissera ele num suspiro. — É só porque eu te amo que pego pesado com você. Quando chegar a sua hora de liderar o clã, quero que esteja preparado, muito mais do que eu. Tudo o que você faz agora, mesmo como Dedo, já faz parte de quem você vai se tornar e de quem será para a família.

Niko respondera que a impressão era de que tudo já estava muito bem definido para ele, e que seu trabalho era apenas se encaixar nas expectativas. Às vezes, mesmo que sentisse vergonha disso, tinha inveja de Ru, por ser um

pedrolho, e de Jaya, por ser uma garota (porque os dois *tinham* outras opções, pelo menos). Não ousava admitir estes sentimentos para o tio.

Lott Jin deu uma olhada no relógio e franziu o cenho. Qualquer um que trabalhasse sob ordens de Juen Nu era acostumado à pontualidade. Niko analisou o Primeiro Punho, tentando, de forma egoísta, entender o que o fazia excepcional, o que o permitira deixar centenas de outros guerreiros do clã comendo poeira. Ordenações de jade eram apenas uma parte da equação. Lott certamente era um Osso Verde forte, e sua habilidade como atirador de facas era lendária, mas havia outros que possuíam poderio marcial igual ou ainda maior. E Lott também não era o Punho sênior mais amado. Às vezes, tendia a ser pessimista e afrontoso, sarcástico quando tecia críticas e raramente elogioso. Ainda assim, algo nele havia atraído a atenção do Pilar anos antes. Niko tentou encontrar a palavra certa. *Decidido*. Lott Jin parecia ter se moldado em torno da ideia de ser um Osso Verde do clã. Algumas pessoas simplesmente viviam a vida seguindo suas aptidões naturais, enquanto outras decidiam o que queriam ser e então assim se tornavam.

Três motos Torroyo RP800 verde metálicas passaram pelo cruzamento na cabeça de peixe e pararam em torno do Lumezza. O principal Punho dos Montanha desmontou e marchou até Lott Jin. Um rompante desagradável de reconhecimento deixou Niko tenso enquanto ele se afastava do carro. Vários anos haviam se passado desde que encontrara Ayt Atosho pessoalmente, muito embora o tivesse visto algumas poucas vezes na televisão. Nos últimos anos, a boa aparência do sujeito havia se estabilizado, como uma escultura de cerâmica depois da queima. Fileiras de pequenas pedras de jade que cobriam ambas suas sobrancelhas chamavam a atenção para seus olhos de pálpebras bem caídas. Ele vestia um colete de couro tradicional, ajustado sobre uma audaciosa camisa vermelha com abotoaduras de jade. Ayt Ato era um retrato do estilo urbano dos Ossos Verdes.

Niko ouvira piadinhas de que toda mulher no Clã da Montanha era apaixonada por Ayt Ato. Infelizmente para elas, Ayt Mada havia supostamente proibido seu sobrinho de 27 anos de namorar até se formar na faculdade, que ele vinha cursando em meio período no decorrer dos últimos seis anos.

— Lott-jen — chamou Ayt Ato enquanto se aproximava. — Me falaram que você logo vai ser o Chifre do Desponta.

— Isso quem decide é o Pilar — respondeu o Primeiro Punho, curto e grosso.

O pai de Lott havia sido assassinado e decapitado pelos Montanha anos antes. Era apenas por necessidade que trabalhava com os Ossos Verdes do outro lado, e

nunca se mostrava simpático com ninguém de lá.

O olhar de Ayt Ato passou de Lott e repousou em Niko.

— Kaul-jen.

A aura de Ayt Ato não combinava com sua autoconfiança física; era tensa e cautelosa, feito uma capa sobre os ombros.

— Ayt-jen — respondeu Niko.

Era a primeira vez que os dois ficavam frente a frente e conversavam. Uma hesitação esquisita se expandiu na interação. Niko ficou extremamente consciente das outras auras de jade ao redor, da pressão delas contra sua Percepção. Achava que deveria fazer ou dizer alguma coisa sutil, mas poderosa, para mostrar que estava à altura deste rival pelo qual não pedira e com quem nunca se encontrara antes. Talvez fosse mais fácil se conseguisse juntar algum ódio pessoal pelo rapaz em vez de um mero e vago ressentimento quanto à sua existência. Em vez disso, Niko só conseguia pensar no quanto era óbvio que ele era o Osso Verde mais novo, com menos jade e menos fashion, apenas um Dedo subordinado, não um líder com guerreiros próprios.

Ayt Ato rompeu a estranheza do momento ao apresentar os outros Ossos Verdes do Montanha que haviam chegado.

— Este é o Koben Ashi — falou, indicando o mais alto, filho do falecido Koben Yiro. — E este é o Sando Kin. — Outro de seus primos, por casamento, pelo lado da irmã de sua mãe.

No automático, Lott apresentou os Osso Verdes do Desponta, depois confirmou os detalhes da missão e pediu oficialmente a autorização para entrar no território do Montanha. Ayt Ato a cedeu. Ele deu uma olhada para Niko.

— Vamos, então?

Os Ossos Verdes do Montanha voltaram para a as motos e escoltaram o Lumezza para dentro do Cepo. Lott olhou para Niko enquanto dirigia, talvez por sentir a agitação de sua aura.

— Eu não sabia que seria o Ayt Ato e os Koben — disse o Primeiro Punho.

— Não faz diferença — respondeu Niko rápido demais.

Lott franziu o cenho, mas com certa empatia.

— Você tem razão, não faz. Então não deixa isso te afetar. Todo mundo aqui tá do mesmo lado hoje.

Niko decidiu que a culpa era de seu tio. Não quanto ao encontro com Ayt Ato, mas o fato de Niko sequer estar nessa situação. O Pilar mandara Juen e Lott lhe darem mais oportunidades de conquistar jade e de se provar. Niko tocou a pistola, a faca talon e depois as pedras de jade ao redor do pescoço. Odiava

surpresas que o obrigavam a reagir rápido. Gostava de pensar nas coisas sozinho, às vezes por um longo período de tempo antes de tomar decisões.

O endereço na Rua Banya pertencia a uma casa de sinuca, alojada entre uma barbearia e uma locadora de filmes adultos. O nome Noites de Tialuhiya piscava em neon vermelho sobre vitrines escuras.

— Se preparem — disse Lott.

Lott parou o motor rosnante do carro esportivo na entrada enquanto Ayt Ato e seus primos desviaram com as motos até a viela estreita atrás das portas dos fundos. Na mesma hora, dois vigilantes que estavam parados na calçada dispararam para dentro do estabelecimento feito coelhos fugindo para a toca. No instante em que os homens do Desponta saíram do carro, uma saraivada de tiros irrompeu do lugar e estilhaçou as vitrines que davam para a rua, o que fez os transeuntes saírem correndo e gritando para se protegerem.

Niko se agachou e, por instinto, ergueu um muro de Deflação que se sobrepôs ao de Kenjo, e a interferência lançou uma rajada de força que atirou as balas para cima e arrancou roupas dos varais estendidos entre sacadas nos confins estreitos da avenida. Uma bala perdida quebrou uma das lanternas traseiras do Lumezza.

— Filhos da puta de uma cadela. — Lott Jin atirou uma fortíssima Deflação que entrou com tudo pelas vitrines quebradas e jogou vidro de volta para o bar de sinuca num turbilhão. Ambos os atiradores visíveis lá dentro cambalearam até serem derrubados. O Primeiro Punho trotou pela calçada enquanto jogava uma faca atrás da outra, seis no total, até esvaziar o estojo amarrado em sua lombar.

Niko e os outros Dedos correram pela entrada arruinada no encalço de Lott. Um atirador já estava morto, com uma faca na garganta e uma no olho esquerdo. O outro estava caído no chão, gorgolejando e com as mãos fechadas ao redor da lâmina fina em seu peito. Com o pé, Kenjo virou a cabeça do sujeito para ver seu rosto mais de perto e então meteu uma bala entre os olhos dele. Nenhum dos dois eram os traficantes de armas das fotos.

Havia cerca de doze pessoas encolhidas contra as paredes ou debaixo de mesas de sinuca, incluindo o bartender e dois funcionários. O medo espesso e amargo inebriou a Percepção de Niko e fez disparar sua adrenalina crescente, mas nenhum ímpeto assassino perpassava o denso torpor. Sim gritou:

— Ninguém se mexe! É só não se mexer que ninguém vai se machucar.

Kenjo inclinou a cabeça.

— Lá atrás.

— Niko, vai na frente — ordenou Lott.

Niko engoliu em seco enquanto sacava sua faca talon e seguia rápido, mas

com cautela, em direção aos fundos do estabelecimento. Seus sapatos trituravam cacos de vidro. Lott estava logo atrás e Kenjo e Sim o flanqueavam, mas ele ainda se sentia como um aluno do fundo da sala sendo subitamente chamado ao quadro para responder sozinho a uma questão. As joias encrustadas no punho de sua faca talon transmitiam uma energia quente e tensa de jade para seu corpo. Dava para sentir as correntes cintilantes rodopiando em suas entranhas, subindo e descendo por seus braços e pernas, nadando em sua cabeça. Ele mantinha o poder pronto para o ataque, a postos para usar o Aço ou a Deflação, para entrar em ação com a Força e a Leveza. A Percepção era a ordenação mais fraca de Niko, mas ele a instigou adiante e sentiu quatro homens esperando atrás da porta fechada, com energias queimando num carmesim alarmante e assassino.

Ficou tenso. Era a hora. *Vai*.

Um tremendo barulho explodiu à frente. Niko irrompeu adiante e, com um chute, espatifou a porta, que sucumbiu sob sua Força. A princípio, tudo o que compreendeu foi um borrão de luta; tiros, gritos, auras de jade revoltadas. Um homem armado correu de olhos arregalados em sua direção. Antes que Niko pudesse reagir, uma bala abriu um buraco na testa do sujeito, levando-o ao chão.

Lott empurrou Niko para o lado com um braço (para protegê-lo ou simplesmente para tirá-lo do caminho). O Primeiro Punho examinou o cômodo com o outro braço estendido, a pistola Ankev em riste e a aura de jade ardendo feito fogo acendido em gasolina.

Então, ele abaixou a arma e entrou.

Niko se afastou da parede. Os tiros haviam cessado. O único outro barulho era um gemido animalesco que vinha de um homem que estava no chão segurando a barriga. Havia outros três caídos, dois já mortos. Ayt Ato e seus primos caminhavam decididamente pelo recinto. Sando Kin fazia uma careta enquanto segurava um braço ensanguentado, mas o ferimento não parecia sério. Pela porta dos fundos que os Koben haviam arrancado das dobradiças, uma brisa da viela lá fora fluiu e começou a dissipar o cheiro de pólvora.

Koben Ashi caminhou pela cena medonha, deu de ombros e abriu um sorrisinho debochado para os Ossos Verdes do Desponta.

— Na próxima a gente tenta deixar uns pra vocês.

— A gente que resolveu a merda lá na frente, seu convencido de merda — retrucou Sim. Mas falou sem maldade, e os dois riram.

Niko permanecia travado no lugar, com a faca talon ainda em mãos.

O cômodo continha caixotes de plástico empilhados, um resfriador de água, uma máquina de fax e uma mesa com uma maleta aberta e diversos bolos de

dinheiro, sem contar as notas espalhadas em torno dos corpos. Havia três malotes de metal no chão. Lott colocou um sobre a mesa e arrancou a tranca. Kenjo olhou sobre o ombro dele e emitiu um barulho de apreciação. Acomodadas ali dentro havia duas carabinas Fullerton P1 com carregadores e munições extras.

Ayt Ato chamou a atenção de Niko.

— Kaul-jen — disse ele, gesticulando para os sujeitos abatidos. — Você faria a gentileza de nos contar quais desses homens viemos procurar?

Lott semicerrou os olhos frente ao tom educado e condescendente na voz de Ayt Ato, coisa que Niko só ignorou. Ele olhou mais de perto, comparando os rostos ao que vira nas fotos.

— Aqueles dois — respondeu. Um dos alvos já estava morto. A princípio, fora difícil reconhecê-lo devido à cabeça raspada e também pelo fato de que parte de sua mandíbula havia sido explodida. O outro contrabandista, o uwiwano, era o que levara o tiro na barriga e estava se debatendo no chão, com o rosto de tez escura contorcido de agonia.

— Que vocês morram gritando, seus filhos da puta miseráveis, malditos do caralho — chiou o sujeito enquanto tentava se sentar. — Vão tomar no cu cada um vocês. Vão pro *inferno*. — Ele xingava em uwiwano e kekonês, vociferando cada profanidade que conhecia em ambos os idiomas enquanto o sangue empapava sua camisa e calça.

Ayt Ato afastou os sapatos pretos reluzentes da poça de sangue que ia se expandindo sobre o concreto e gesticulou para seu primo, Koben Ashi, que se agachou e abriu a garganta do estrangeiro por trás com uma faca talon.

Ayt Ato se virou para Niko.

— No fim das contas, nem é tão difícil pra gente trabalhar junto. Quem foi que falou que temos que seguir o exemplo dos mais velhos?

Os olhos arrebatadores do rapaz eram ingênuos, muito embora um toque de curiosidade precavida erguesse os cantos de sua boca carnuda.

Niko o viu sair do estabelecimento para encontrar a polícia, que havia chegado como instruído, no momento exato para evitar que atrapalhassem durante o confronto, mas rápido o bastante para salvaguardar a área, limpar a cena e prender quaisquer cúmplices que sobrevivessem. Repórteres em vans dos jornais chegaram segundos depois. Fecharam um cerco ao redor dos Ossos Verdes do Montanha, tirando fotos e filmando o dinheiro confiscado e as armas sendo entregues à polícia.

Alguns membros da imprensa avistaram os homens do Desponta saindo do

bar de sinuca e se apressaram, ávidos a serem os primeiros a fotografarem Kaul Niko e Ayt Ato na mesma imagem. Lott Jin os encarou com um olhar de advertência.

— Sem chance — vociferou —, a menos que queiram se resolver com o Pilar do Desponta.

Os jornalistas recuaram. Kaul Hilo era conhecidíssimo por não tolerar que repórteres seguissem qualquer membro da família, em especial Wen e Ru, por questões de segurança, mas principalmente porque os considerava sanguessugas e desdenhava dos Koben por apelar para a imprensa.

— Vamos — ordenou Lott aos Dedos. — Terminamos aqui.

— A gente que achou os bandidos e os Montanha que levam todo o crédito? — grunhiu Kenjo. — Acho que o Ayt Ato nem sacou a arma. E o que é que *a gente* ganha?

Lott se virou para o Dedo com um olhar sombrio.

— Evitamos que aqueles traficantes de armas colocassem metralhadores Fullerton nas mãos da escória anti-clã, *é isso* que a gente ganha. Esqueceu que os extremistas quase mataram o Pilar e ainda querem destruir o país? A gente ajudou os Montanha no Cepo hoje pro Aben Soro fazer o mesmo pela gente nos nossos territórios no futuro. Você por acaso se lembra do que significa ser um Osso Verde ou acha que só ficamos zanzando por aí pra aparecer na televisão?

Kenjo abaixou a cabeça.

— Me perdoe por ter sido tão egoísta, Lott-jen.

Lott falou com Niko num tom brusco de reafirmação:

— Não se preocupa com o que aconteceu lá atrás. Você vai ter muitas outras chances, Niko.

Niko queria que Lott não tivesse falado nada. Mas agora ele sabia que era real, que não era só coisa de sua cabeça. Todos *realmente* estavam esperando que ele se destacasse, que causasse uma grande impressão como Ayt Ato. Essa poderia ter sido a noite, o momento de reparar a reputação depois do incidente com Kitu, mas, no fim das contas, não fora.

Três outros Ossos Verdes do Montanha haviam chegado para ajudar os Koben, que estavam cercando seis civis. Havia quatro homens e duas mulheres ajoelhados na calçada coberta de vidro em frente ao arruinado bar de sinuca Noites de Tialuhiya, incluindo o bartender e dois funcionários. Alguns deles choravam e imploravam aos Ossos Verdes, outros estavam quietos e de cabeça baixa, resignados. Sando Kin, com o braço machucado envolvido por curativos grosseiros, saiu da barbearia vizinha e colocou o barbeiro revoltado no chão ao

lado dos outros.

Ayt Ato parou de falar com a imprensa, mas olhou para trás para garantir que continuavam de olho enquanto ele caminhava pela fileira de uwiwanos ajoelhados. Ato olhou para cada rosto apavorado com preocupação e decepção. Por fim, parou e declarou numa voz alta e clara:

— Vocês todos trabalhavam no bar de sinuca ou nos estabelecimentos vizinhos. Sabiam que os homens que iam e vinham daqui eram criminosos e inimigos do clã. Se negarem, cada Osso Verde daqui vai Perceber suas mentiras.

Um intérprete oferecido pelo departamento de polícia traduziu as palavras do Punho para uwiwano em um alto-falante para que todos os moradores e transeuntes ali perto pudessem ouvir.

— Vocês poderiam ter procurado qualquer Dedo e dado a informação, mas escolheram abrigar esses vira-latas anti-clã no seu bairro. Vocês não estão mais na terra sem lei das Ilhas Uwiwa, onde as suas ações não têm consequências.

— E lá vem o showzinho — murmurou Lott.

Ele caminhou de volta para o Lumezza, examinou a lanterna traseira quebrada e, irritado, cuspiu no chão. Entrou no carro. Sim e Kenjo o seguiram.

— Extremistas são como células de câncer no corpo. Precisam ser identificadas e arrancadas, e quem alimenta o câncer tem que ser responsabilizado.

Ato deve ter recebido um intenso treinamento de oratória, porque falava quase tão bem quanto sua tia Mada. Seu rosto macio estava sério e determinado. Cada olho e câmera o seguia avidamente. Mais cedo naquela noite, Niko desejara ser capaz de acumular mais antipatia pessoal pelo sujeito. Agora estava sendo fácil.

— Se eu cometesse uma ofensa contra meu clã, cortaria minha orelha fora e carregaria a infame cicatriz comigo pelo resto da vida — continuou Ato. — Qualquer um que apoie atividades anti-clã, seja por ações ou por omissão, deve encarar os vizinhos todos os dias com a vergonha pelo que fez, para que nunca se esqueçam da necessidade de serem pessoas melhores.

Koben Ashi segurava um curto tubo de aço. Enquanto o tradutor da polícia repetia as palavras de Ayt Ato em uwiwano, Koben ativou um maçarico e segurou a ponta do tubo na chama até deixá-lo brilhando num tom avermelhado. Sando Kin segurou o dono da barbearia, que se debatia com os olhos arregalados, enquanto Koben pressionava o metal quente na bochecha do homem. O grito agudo do barbeiro poderia acordar os mortos de tão alto. O cheiro enjoativo de pele queimada chegou às narinas de Niko. Quando Sando

soltou o homem, ele caiu na calçada, encolhido de dor, com um círculo perfeito na lateral do rosto. Koben Ashi esquentou a ponta do tubo de novo e seguiu para a próxima pessoa.

Niko abriu a porta do passageiro e entrou no Lumezza. Os nós dos dedos de Lott Jin estavam brancos em volta do volante, e seu rosto parecia uma máscara tensa. O Primeiro Punho era um guerreiro feroz, mas ver criaturas indefesas sofrendo crueldades era algo capaz de tirá-lo do prumo. Niko ouvira um rumor que dizia que Lott uma vez batera num parceiro Punho por ter chutado um cachorro. Lott ligou o carro, engatou a marcha e então xingou enquanto era obrigado a, lentamente, dar a volta em todos os outros veículos estacionados na rua.

Alguns repórteres saíram atrás do Lumezza.

— Kaul-jen — um deles chamou Niko —, a família do senhor vai seguir a deixa dos Montanha e marcar simpatizantes do movimento anti-clã que forem pegos no território do Desponta?

— Não responde — ordenou Lott, finalmente se livrando do congestionamento e saindo da Rua Banya. Pisou fundo no acelerador, e então seguiram para fora do Cepo, de volta à zona do Desponta. — E isso vale pra todos vocês. Tem quatro pessoas que podem dar declarações públicas em nome do clã: o Pilar, a Homem do Tempo, o Chifre e o Carimbeiro. Vocês não são nada disso.

— Nem o Ayt Ato — apontou Niko, que estava com raiva, mas o sentimento era indistinto e amorfo, repousado na boca do estômago, naquele casulo verdejante dentro dele, agora preenchido por uma dúvida sombria.

Lott Jin bufou.

— O Ayt Ato usa o sobrenome como se fosse uma coroa, mas ele é o príncipe da família Koben. Príncipe de uma trupe de macacos.

Niko não falou mais nada, mas, numa catarse perturbadora, pensou: *pois é, é isso mesmo. O Ayt Ato sabe que é um príncipe*. Lott Jin e Ayt Ato tinham uma coisa importante em comum: entendiam quem deveriam ser.

Niko não se sentia assim a respeito de si mesmo. Tinha questões demais; via coisas demais que o deixavam incerto. Não enxergava como era possível que fosse qualificado para ser o futuro Pilar do Desponta por nenhum outro motivo além do sangue, e nem por que deveria se sentir obrigado a aceitar esse destino sendo que qualquer pessoa com um pingo de lógica saberia que a hereditariedade não bastava. Vivia se perguntando o que será que estava perdendo, o que não sabia, quais outras possibilidades jaziam atrás de portas que haviam sido

sucintamente fechadas quando ele ainda era novo demais para saber que elas existiam.

Niko descansou a cabeça na janela e ficou observando as ruas de Janloon passarem, preenchido por uma curiosidade vaga, mas intensa, e um desespero silencioso e taciturno.




CAPÍTULO 32

Passagens

décimo nono ano, oitavo mês

O Templo do Divino Retorno estava cheio de gente, quase todos Ossos Verdes do Montanha. Todas as almofadas já haviam sido ocupadas; Shae chegou discretamente na última fileira e se ajoelhou no chão. Usava um largo chapéu veranil e óculos de sol para que os membros de menor escalão do clã prostrados mais perto dela nos fundos do santuário não a reconhecessem, e havia tantas auras de jade ali que a expectativa era de que umazinha a mais passasse despercebida. Mesmo assim, através de diversas fileiras de cabeças, avistou Ayt Madashi bem na frente. Quando seu olhar se assentou nas costas de Ayt, a Pilarisa se virou devagar para olhar os rostos atrás dela. Talvez Shae tivesse apenas imaginado que Ayt havia Percebido sua chegada, que, com olhos semicerrados, estava tentando avistar Shae no canto escuro desse recinto onde já haviam se encarado de formas tão emblemáticas no passado. O rosto de Ayt estava recoberto de pó branco e havia uma echarpe branca de seda amarrada ao redor de seu pescoço, escondendo a cicatriz feia que Shae sabia muito bem que existia ali.

Ayt Mada se virou de volta para a frente e acompanhou o cântico dos penitentes.

Shae sussurrou junto de todos os outros no templo, recitando a promessa da Escritura do Retorno de que almas virtuosas um dia ascenderiam à piedade e se reuniriam com sua família nos Céus.

Talvez não devesse estar ali. Não era membro do Desponta e nem mesmo uma forasteira respeitosa. Nunca conhecera ou amara Nau Suenzen. Fora inimiga dele e o teria mandado pessoalmente para a vida após a morte caso houvesse tido a chance durante sua época de Chifre. Nau Suen não era a exemplificação das Virtudes Divinas da humildade, compaixão, coragem e bondade. Fora o mais leal e astuto assassino da família Ayt por cinquenta anos; rasgara gargantas de generais shotarianos, do irmão de Ayt Mada, Eodo, e de todos os homens da família Ven. E Shae tinha certeza de que ele matara o Chanceler Son Tomarho. Depois de tudo isso, havia se aposentado e sucumbido não para o gume de uma lâmina, mas para uma doença respiratória aos 70 anos, e morrera em paz durante o sono apesar de todas as vidas que ceifara tão violentamente.

Shae não sabia ao certo se ele merecia alguma prece, mas, pensando bem, ela não conhecia ninguém que merecesse. Orou pelas almas de homens como seu avô, Yun Dorupon e Maik Kehn. Certamente se fosse ela ou Hilo no caixão, haveria gente que os jugaria tão indignos de serem saudados pelos deuses quanto Nau Suen. Muito embora Nau houvesse sido seu inimigo, Shae não conseguia esquecer aqueles olhos envelhecidos na tarde em que ele segurara Ayt Mada em seus braços finos no apartamento de Anden. Shae nunca antes tinha visto Ayt Mada se prostrar no templo, mas a Pilarisa do Montanha agora levou a testa ao chão e a deixou ali enquanto os penitentes aumentavam o tom de voz.

Tomara que você esteja sofrendo. Shae sentia um certo prazer animalesco ao pensar que Ayt era capaz de sentir a perda, de que podia ficar em luto pela morte de um amigo. Fora isso, não era justo; a balança nunca estaria nem de longe equilibrada entre as duas.

— Que os deuses o saúdem — repetiu ela num murmúrio. E por que não saudariam? No dia do Retorno, os deuses jamais seriam capazes de separar os merecedores dos indignos sem apartar famílias. Deveriam saudar todos independentemente de seus defeitos e de serem imperfeitos nas Virtudes Divinas… ou não saudar ninguém.

Shae se levantou e saiu do velório à frente da multidão que também ia embora. Dezenas de carros enchiam o estacionamento e cada vaga disponível ao longo das ruas. Motoristas particulares e taxistas paravam à entrada. Shae se afastou de lá, parou na esquina e ficou observando. A morte de Nau Suen, apesar

de não ter sido dramática, ainda era midiática. Jornalistas e operadores de câmera esperavam ali fora, se abanando sob o calor escaldante enquanto tentavam fotografar membros veteranos do clã que saíam.

Um rompante de agitação e conversas surgiu quando Ayt Ato deixou o templo em meio a um pequeno amontoado de parentes. Membros do clã o saudaram e se aproximaram para oferecer condolências mesmo que o jovem não tivesse relação alguma com Nau Suenzen e fosse aluno da Wie Lon, nem um Dedo ainda, quando Nau se aposentara. *Ele é tão novinho,* pensou Shae. E então se lembrou num sobressalto de que fora com essa mesma idade que virara a Homem do Tempo do Desponta.

Um repórter fez uma pergunta para Ato, e o cinegrafista focou a lente no belo rosto do Punho.

— Nau Suenzen foi um exemplo pra mim, quase um segundo avô — declarou o rapaz. — Ele tinha muita energia e boa vontade, e teve até os últimos momentos, tão verdejante de corpo e de alma quanto o próprio Baijen.

Ayt Mada emergiu do templo. A Pilarisa dos Montanha estava posturada e dominante como sempre, mas caminhava mais devagar do que no passado. Será que era por causa do luto ou será que a faca que a filha de Ven enfiara em seu pescoço causara algum dano irreversível que ela jamais traria a público? Não que fosse conter a habilidade de Ayt em Percebê-la, mas Shae abaixou a aba do chapéu. A Pilarisa nem ao menos olhou na direção da Homem do Tempo. Também ignorou todos os partidários do clã que vinham para desejar pêsames e oferecer condolências. O que fez foi dar uma ligeira olhada de desprezo para a cena ao redor de Ayt Ato, e então falou algo breve e baixinho demais para que Shae conseguisse escutar.

O jovem ficou tenso. Shae não conseguia ver seu semblante conforme ele se virava para longe dos últimos repórteres e seguia obedientemente sua tia rumo aos carros que os esperavam. Aben Soro fez um movimento de cabeça para dois de seus Ossos Verdes, que partiram para, com educação, mas firmeza, dispersar a imprensa e evitar que seguissem a Pilarisa. Ayt Mada entrou no banco da frente de seu Stravaconi Primus S6 prateado. Ayt Ato, atrás. Em minutos, a multidão restante em frente ao templo se dissipou, deixando para trás o rotineiro alvoroço de uma tarde de verão para preencher as ruas que continuavam lotadas de lixo dos desfiles e fogos de artifício da semana anterior. Dia dos Heróis. De fato, um momento adequado para um velho veterano de guerra como Nau Suen sair deste mundo.

Shae chamou um táxi e pediu que o motorista a levasse de volta à

propriedade Kaul. Será que Ayt Mada chamara a atenção do sobrinho porque considerara as atitudes dele rasas e impróprias para um futuro Pilar? Ayt sabia como usar a imprensa, como fornecer informações que elevavam o Montanha e prejudicavam seus inimigos, mas não bajulava jornalistas ou oferecia frases de efeito vãs.

Os Koben, por outro lado, não demonstravam escrúpulos quanto a aparecer em programas de auditório e fabricar oportunidades para serem fotografados. Quem acreditara que a estrela da família se apagaria depois da morte do franco Koben Yiro não considerara que a viúva iria usar o mártir do marido para ascender publicamente e garantir uma vaga no Conselho Real.

— É reconfortante pensar que a Ayt Mada provavelmente acha a Koben Tin Bett tão irritante quanto eu acho — comentara Wen com uma surpreendente acidez quando ouvira a notícia da vitória política. Parecia improvável para ela que Ayt Mada pudesse ficar com inveja ou se sentir ameaçada pela popularidade da família Koben, já que nenhum deles tinha sequer uma fração de sua habilidade ou fama como líder Osso Verde. Só que, pensando bem, ela certamente não esquecera que, quando a cidade a considerara morta, os Koben haviam se apressado para dar uma declaração antes mesmo que seu corpo tivesse sido encontrado.

O táxi chegou aos portões da propriedade Kaul. Quando Shae entrou na casa da Homem do Tempo, Tia correu para seus braços, espalhando tinta guache sobre toda a sua blusa e saia.

— Mamãe, a senhora chegou! Tô desenhando com o papai.

Shae deixou a filha guiá-la até a cozinha, onde cartolinas haviam sido abertas e coladas à mesa. Marcas de mãos coloridas — algumas de criança e outras muito maiores — haviam sido transformadas em borboletas, pássaros e outros animais.

— As pequenas são minhas e as grandes do papai — declarou a pequena.

— Eu estava mesmo aqui pensando como é que as suas mãos tinham ficado tão grandes — provocou Shae.

— Que doidice, mamãe — respondeu Tia com uma risada. — A Jaya diz que a senhora não é divertida, mas eu te acho divertida.

Woon chegou e, pesaroso, meneou a cabeça ao ver as roupas manchadas de Shae.

— A tinta é lavável — falou ele. — Eu já tinha imaginado que a porquinha aqui iria precisar tomar um banho antes do jantar de qualquer jeito.

Quando Woon se aposentara no ano anterior de seu cargo como Carimbeiro

do clã e passara a posição para Terun Bin, Shae se preocupara, achara que o marido poderia estar cometendo um erro. Não acreditara muito que um homem que havia sido um dos principais Ossos Verdes da Rua Caravela poderia ser feliz fazendo pintura manual com uma criança de 5 anos de idade e montando lanchinhos. Mas Woon parecera certo de sua decisão.

— Passei anos sendo capacho de uma mulherzinha porreta e cuidando de um monte de tarefas ingratas — dissera ele. — Tô mais do que preparada pra esse serviço.

— Que injustiça — reclamara Shae. — De *zinha* eu não tenho quase nada.

Na verdade, ela tinha inveja de todo o tempo que o marido e a filha passavam juntos. Woon esperara tanto tempo para ter filhos que sentia muita satisfação em ser pai, e a realidade era que não se recuperara tão bem quanto Hilo do ataque terrorista. Era surdo de um lado e mancava um pouco. Shae sabia que, por mais estoico e humilde que seu marido parecesse ser, essas coisas afetavam seu orgulho e haviam pesado na decisão de se aposentar mais cedo das demandas da vida no clã.

Woon não tinha, entretanto, parado de prestar atenção nas questões que afetavam o clã, e costumava discuti-las com a esposa.

— Viu as notícias do Acordo de Lybon? — Sem esperar por uma resposta, ele pegou o controle remoto e ligou a televisão da sala de estar. Comentaristas da ENK discorriam a respeito da aprovação de um acordo internacional sem precedentes que estabelecia diretrizes éticas para o uso militar de jade bioenergética. Oitenta e cinco nações, lideradas pela República da Espênia e incluindo Kekon, haviam se encontrado numa convenção na Stepênia para condenar e banir programas de reprodução, campos militares infantis, adicção forçada e ingestão de jade moída.

Shae molhou um pano de prato e esfregou a tinta das mãos de Tia enquanto assistia ao jornal. O Acordo de Lybon vinha depois de um relatório divulgado no ano anterior pelo exército espênico a respeito do problema nekolva de Ygutan, baseado principalmente em relatos de desertores ygutanianos, em especial de um ex-agente nekolva ao qual se referiam apenas como Agente M.

— Então a RDE convenceu a maior parte do mundo a sancionar os inimigos deles — disse Shae.

Com cuidado, Woon tirou a obra de arte da filha de cima da mesa da cozinha e deixou de lado para que secasse.

— Acabar com o programa nekolva é uma coisa boa. — Fazia anos que histórias vinham circulando em Kekon a respeito de mulheres de tribos

abukianas ou de áreas de baixa renda que eram ludibriadas ou traficadas e viravam barrigas de aluguel à força no continente de Orius. — Mas os espênicos tão negando justiça pra Kekon.

— E nunca vão reconhecer isso — apontou Shae num tom amargo. — E não temos evidências concretas pra provar que eles estão errados.

Muito embora acreditassem amplamente que o ataque terrorista em Janloon fora orquestrado com apoio estrangeiro, ninguém dos clãs ou da polícia fora capaz de encontrar nem os responsáveis e nem provas do envolvimento de Ygutan. Diversos membros do Movimento Futuro Sem Clã haviam revelado sob interrogatório que um estrangeiro chamado Molovni era uma peça-chave do MFSC, mas esse tal de Molovni, caso existisse, era um fantasma.

Shae tinha certeza de que ele não havia simplesmente desaparecido. A RDE tinha ou o capturado ou oferecido exílio em troca de deserção. Molovni, ou "Agente M", como o mundo lhe conhecia, mesmo sem saber qual era seu rosto, estava sob custódia espênica e jamais enfrentaria a justiça por ter assassinado centenas de cidadãos kekonésios.

A redação da ENK relatara que o diretório ygutaniano havia emitido uma declaração caracterizando o Acordo de Lybon como uma tática dissimulada por parte da Espênia para causar pânico. A intimação para que Ygutan submetesse o programa nekolva à inspeção internacional era uma descarada tentativa de violar sua soberania, disseram os oficiais de Dramsk. Um comercial começou e Woon desligou a TV.

Shae enxaguou o pano na pia e ficou encarando a água salobra rodopiando ralo abaixo.

— Papi, eu cometi um erro quando decidi negociar com os espênicos? — Ele era a pessoa para quem a Homem do Tempo vocalizava suas piores dúvidas. — Fui tão atacada por isso no decorrer dos anos, mas sempre achei que eu estava fazendo a coisa certa para o clã a longo prazo. Agora já não tenho mais tanta certeza.

Por tantos anos tentara levar o Desponta por uma corda bamba, se beneficiando dos estrangeiros, mas sem acabar presa deles. No entanto, desde o ataque terrorista, a sensação para ela era de que o país estava girando numa tormenta, sendo manipulado por forças internas e externas.

Woon tirou o pano das mãos da esposa e molhou a maior mancha na camisa dela.

— Os estrangeiros sempre vieram atrás de Kekon e da nossa jade — relembrou ele com a voz solene. — Estariam aqui quer você fosse a Homem do

Tempo ou não. Ninguém teria conseguido lidar com eles enquanto levava os interesses do Desponta no coração melhor do que você.

— Mamãe, olha, mamãe! — interrompeu Tia, agarrando a mão de Shae e tentando arrastá-la até a festa do chá que havia organizado para suas bonecas.

— Desculpa, filha, mas a mãe não pode brincar agora.

— A senhora tem que ir trabalhar *de novo?* — reclamou a pequena, fazendo biquinho.

— Só por uma horinha mais ou menos. — Apesar de ansiar por mais tempo com a família, Shae às vezes se perguntava se era sequer competente o bastante para ser a mãe de Tia. Tinha a confiança de que era capaz de lidar com praticamente qualquer situação na Rua Caravela, mas não conseguia de forma alguma atender às exigências da filha por historinhas sobre cada uma de suas bonecas. — Você e o papai vão lá pra casa grande mais tarde, e vamos todos jantar com alguns convidados.

— Com quem? Vai ter outras crianças?

— Só o Ru e a Jaya — respondeu Shae, muito embora os dois praticamente não contassem para isso. Jaya, já aos 16, estava quase no sétimo ano da Academia. Ru era um ano mais velho, e às vezes Shae se perguntava se Niko algum dia chegara a ser criança. Tia não tinha irmãos ou primos de idades próximas.

— Eles são crianças grandes! — reclamou Tia.

— Você tá ficando grandona também.

De olhos arregalados, Tia meneou a cabeça.

— Eu *nunca* quero ser uma criança grande.

— Não quer? — exclamou Shae, curiosa. — Por quê?

Ansiosa, a garotinha abraçou as pernas da mãe.

— As crianças têm que aprender a lutar. Quando eu caí e meu nariz sangrou e aí eu chorei, a Jaya falou que eu tinha que me acostumar com o sangue. Ela fala que as crianças grandes não choram quando se machucam.

Talvez não tenha sido uma boa pedir para a sobrinha ser babá, pensou ela. Jaya era completamente sem noção. Shae se agachou e puxou a filha em seus braços.

— As crianças grandes não são todas iguais. Mas se você tá preocupada com isso, você pode ficar sendo uma criança pequena pelo tempo que quiser. Pra mim não tem problema.



Shae vestiu roupas limpas e caminhou até a casa principal. Ru estava fazendo a tarefa na mesa de jantar e mordendo a ponta do lápis. Koko, esparramada sob a mesa aos pés do garoto, roía um brinquedo de borracha.

— Oi, tia Shae — disse Ru, levantando a cabeça por um instante antes de voltar a prestar atenção nos livros didáticos.

Ele estava no último ano do ensino médio e há poucos meses das provas finais.

Wen saiu da cozinha e tirou o lápis da boca do filho.

— Não faz isso — ralhou ela. — É um hábito ruim que te faz parecer fraco e ansioso.

Com uma olhadela para a cozinha, onde sua mãe e as cozinheiras estavam em ação, Shae pôde ver alguns dos pratos sendo preparados: peixe em caldo de leite, carne de porco fria e fatiada com molho de pimenta, feijão com alho e macarrão frito.

— Os deuses que nos livrem dos nossos convidados acharem que não somos anfitriões bons dignos de oferecer uma mesa farta — disse Wen.

Shae, que não sabia o que era uma casa limpa desde o nascimento de Tia, percebeu com certa inveja que a casa principal parecia imaculada. Lírios estrela-dançantes recém-cortados, que simbolizavam amizade, aromatizavam o vestíbulo em vasos elegantes e altos. Wen afirmava que nunca quisera ou esperara cumprir o papel público de esposa do Pilar, mas, mesmo assim, se tornara numa excelente anfitriã.

— O Pilar e o Chifre tão no escritório — informou ela.

Shae entrou lá e encontrou Hilo e Juen tendo uma conversa séria.

— O Lott Jin mudou muito desde que era um Dedo — dizia o Chifre. — Ele é diligente e justo com todos, talvez tenha o coração mole demais em certos momentos e seja temperamental em outros, mas ninguém duvida da verdejância dele. Cuida muito bem da mãe e dos irmãos. Tem só uma coisinha que me preocupa: ele não tem esposa ou filhos, o que parece meio agourento na idade dele. — Juen soltou um suspiro pensativo. — Mas, como Primeiro Punho, ele é excelente e, no que diz respeito ao trabalho como Chifre, ele é o melhor candidato. A decisão é sua, Hilo-jen, mas é nele que eu confio.

Promover uma pessoa ao mais elevado círculo de liderança do clã era equivalente a transformá-la em uma Kaul honorária. Ela moraria ali, jantaria na casa e seria trazida para a intimidade da família. Tratava-se de uma decisão que precisava ser feita com muita consideração, e o caráter era uma característica tão importante quanto a capacidade.

— Se você decidir que no fim das contas não tá pronto pra se aposentar, é só me avisar — falou Hilo para Juen. — Você tem só 45 anos.

— Quarenta e cinco já é velho pra um Chifre — respondeu Juen pesarosamente. — Fazer parte do lado mais verdejante do clã é como viver em anos de cachorro. Você sabe disso, Hilo-jen. Minha esposa e eu mal tivemos tempo pra nós mesmos quando éramos jovens, ainda mais com quatro filhos e uma vida de Punho, então eu sempre dizia que iria recompensá-la depois.

— Então é claro que você precisa manter a promessa — respondeu Hilo com um sorriso simpático. — Tenho observado Lott Jin há anos e concordo com tudo o que você falou. Vou nomear ele como o novo Chifre na sua festa de aposentadoria. — O Pilar olhou para Shae quando ela entrou. — Por que você demorou tanto?

Ela hesitou quanto a dizer que havia ido ao funeral de Nau. Quando Hilo ouvira que Nau morrera, ele bufara e dissera:

— Já foi tarde, essa cobra velha. Nunca conheci um Chifre que eu gostasse menos do que dele. Nem mesmo o Gont Asch. Aquele filho da puta matou um monte de Punhos e Dedos meus e quase me mandou pra cova, mas pelo menos era um homem sincero sempre. O Nau Suen era esquisito pra caralho.

Em vez de responder, Shae abriu a bolsa, pegou um envelope quadrado e acolchoado e entregou para Juen Nu.

— O presente mais recente dos nossos amigos espênicos.

Juen abriu o envelope e tirou um disquete.

— Amizades com espênicos — disse Hilo com uma careta — duram tanto quanto uma punheta vagabunda. Sempre que tentamos falar da mineração costeira eles mandam a gente ir tomar no cu. Depois ficam por aí com um sorriso no rosto falando que querem nos ajudar.

Seis meses depois do ataque terrorista em Janloon, dois oficiais da inteligência militar da RDE haviam entrado no escritório da Homem do Tempo. Tinham se apresentado como agentes Berglund e Galo, e se sentaram à mesa de Shae. O sujeito de cabelo claro chamado Berglund falara:

— Sra. Kaul-jen, a República da Espênia apoia com firmeza a luta de Kekon contra o terrorismo político radical.

Seu parceiro keko-espênico, Galo, havia tirado um envelope de uma maleta e o colocado sobre a mesa.

— Os clãs Ossos Verdes vêm combatendo essa ameaça com uma destreza e rapidez impressionantes, e queremos compartilhar nossas informações a respeito do Movimento Futuro Sem Clã. Nossos superiores esperam que estes

conhecimentos ajudem vocês a desmantelarem o MFSC.

— Por que vocês não mostraram isso pro Conselho Real ou pro exército kekonésio? — perguntara ela aos estrangeiros.

Galo se inclinara adiante.

— Já temos uma relação com o seu clã. Com o cormorão. — Ela enrijecera à menção do codinome que o exército espênico havia lhe dado mais de vinte anos antes. — Confiamos que o *seu* clã não tem ligações com interesses ygutanianos.

O que já não podia ser dito do Montanha, que tinha interesses em negócios tanto legais quanto ilegais naquele país. Os dois homens se levantaram para ir embora.

Shae colocara as mãos na mesa e se levantara.

— É uma pena — dissera, com a voz tão impassível quanto uma chapa de gelo — que a gente não tenha recebido essa informação *antes* de centenas terem morrido.

Os estrangeiros pararam à porta. Berglund olhou por cima do ombro com um olhar inexpressivo.

— O ataque terrorista de Janloon foi uma tragédia terrível. Todos nós queríamos ter evitado que aquilo acontecesse, mas não tem necessidade de ficar jogando a culpa nos outros. O importante é evitar que algo assim aconteça de novo, não concorda?

Depois daquilo, informações chegavam de vez em quando ao escritório da Homem do Tempo. Os disquetes continham nomes de membros e afiliados do Movimento Futuro Sem Clã, endereços de esconderijos ou pontos de encontro, e a identidade de indivíduos e grupos criminosos suspeitos de terem provido ou ajudado o MFSC. No entanto, os espênicos não eram cem por cento francos. Os arquivos continham algumas partes editadas, sem dúvida porque nomeavam agentes espênicos. E também nunca havia menções do nekolva ygutaniano, ou de um homem chamado Molovni.

Ela passava tudo para Juen Nu, que aliava os dados às informações que haviam angariado com sua própria e impressionante rede de espiões. Quando Juen se tornara o Chifre, Shae não o considerara um líder com muita presença se comparado a Hilo ou Kehn. No fim das contas, um gênio operacional às vezes resultava no Chifre perfeito. Mais de dezesseis anos no cargo depois (mais do que qualquer outro Chifre na história do Desponta), Juen Nu deixara o lado militar do clã mais ágil e operante. Havia distribuído responsabilidades, expandido as capacidades técnicas do clã e amplamente melhorado a rede de informantes. Ele era o principal motivo de os esforços para trucidar os anti-clã

estarem indo tão bem. Prudente e objetivo, coordenava operações com os Montanha, mas nunca confiava no outro clã e fazia questão de conferir tudo por conta própria. Aben Soro, dos Montanha, comandava mais pessoas e era um Chifre com mais visibilidade, mas o Desponta era coordenado com mais firmeza. Lott Jin teria expectativas altas a suprir.

Juen devolveu o disquete ao envelope.

— Ultimamente, os espênicos não estão oferecendo grandes coisas que a gente já não saiba. No começo, as informações eram detalhadas e úteis. Devem ter vindo de espiões infiltrados no MFSC. Agora são basicamente conjecturas e conexões bem fracas.

— Ainda tô recebendo telefonemas de dentro do clã — disse Shae —, da imprensa e dos nossos parceiros no Conselho Real, perguntando do nosso posicionamento quanto a marcar os culpados com ferro quente.

Juen bufou.

— É algo que não resolve nada. Tá mais pra um truque publicitário barato do que qualquer outra coisa.

Muito embora fosse popular, Shae pessoalmente considerava a prática cruel, inútil e sabia que costumava ser direcionada a imigrantes, mas era seu trabalho como Homem do Tempo apontar as ramificações de cada decisão.

— Tem gente dizendo que não estamos seguindo a política dos Montanha porque somos orgulhosos ou fracos.

— E essa gente é um bando de otários. Marcar simpatizantes dos anti-clã a ferro quente só faz com que seja mais fácil pra eles se encontrem e dá ainda mais motivo pra se unirem com toda a hostilidade que sentem em relação à sociedade. E quem for marcado por engano vai acabar se motivando a entrar no Movimento Futuro Sem Clã mesmo que nunca tenha pensado nisso.

Hilo entrelaçou as mãos atrás da cabeça e relaxou a postura na poltrona enquanto pensava no assunto.

— O Chifre é o Juen. Confio no discernimento dele. Quem ajuda os anti-clã tem que ser punido, mas não tem motivo pros nossos Punhos seguirem exatamente o que os Koben fazem no território dos Montanha.

Juen assentiu, satisfeito com o veredito.

Shae se sentou na poltrona que permanecia desocupada. Pensou no que havia visto mais cedo, à tarde lá na rua do Templo do Divino Retorno.

— Eu duvido que até a Ayt Mada confie cem por cento nos métodos dos Koben — divagou a Homem do Tempo. — Ela já firmou parcerias com barukânes, uwiwanos e ygutanianos no passado. Tá disposta a trabalhar com

estrangeiros, contanto que eles sirvam aos propósitos dela. Acontece que a família Koben mira e se opõe fundamentalmente a esses propósitos.

— Ato é um tradicionalista jovem e popular — disse Juen. — A Ayt Mada vai entrar na casa dos sessenta daqui a alguns anos, e o povo vai começar a se perguntar quando é que ela vai se aposentar. Se o plano é nomear o Ato como sucessor, ela tem que deixá-lo demonstrar um pouco de sua própria força. — O Chifre cerrou os lábios. — Talvez esteja disposta a deixar os Koben fazer o que quiserem em relação a certos assuntos, mesmo que isso gere resistência em algumas partes do clã, contanto que eles continuem a apoiá-la enquanto esperam ela passar o bastão.

— Até mesmo os maiores tigres envelhecem. — Hilo pegou seu isqueiro prateado e o rolou entre um dedo e outro. — Mas se os Koben acham que falta pouco pra Ayt Mada entregar a liderança pro bonitinho, então são delirantes. Aquela velha maldita vai ser pior que o vovô, que os deuses o saúdem. Vai se agarrar ao poder até ele ser arrancado de suas garras murchas. — Ele ignorou o olhar revoltado de Shae pelo desrespeito ao avô. — A Ayt tá usando os Koben do mesmo jeito que usa todo mundo. Acabar com os anti-clã é a única coisa em que todos nós concordamos agora. Mas ela não vai deixar o entusiasmo dos Koben colocar os negócios estrangeiros do Montanha ou as alianças com os barukânes em perigo. Contanto que mantenha o sobrinho esperando, ela tá com eles na coleira.

E graças aos deuses. Shae alimentava o medo de que chegaria um dia em que se arrependeria profundamente por ter salvado a vida de Ayt Mada; por enquanto, sentia uma alegria rancorosa por sua velha inimiga ter sobrevivido e continuado a comandar o Montanha. Acabar com o MFSC era uma coisa, mas os Koben vinham dando corpo a um movimento reacionário que, se não controlado, levaria a políticas igualmente extremas, como o fechamento do mercado, expulsão de estrangeiros, mais medidas draconianas contra qualquer pensamento visto como anti-clã.

Alguém bateu na porta do escritório. Wen entrou com o cabelo amarrado num coque elegante e num vestido verde-floresta de colarinho alto que, na mesma hora, deixou Shae constrangida por não ter colocado uma roupa melhor ou dado uma renovada na maquiagem.

— Nossos convidados de Toshon chegaram — avisou Wen.

Hilo, Juen e Shae se levantaram para cumprimentar Icho Dan, o Pilar do clã Jo Sun, que entrou no recinto com seu Homem do Tempo e Chifre. O Pilar e o Homem do Tempo anteriores do Jo Sun haviam sido assassinados no ataque

terrorista de Janloon. Desde então, Icho vinha bravamente tentando dar o seu melhor para preencher a lacuna deixada por seu cunhado. Mas, muito embora fosse um líder competente, tinha problemas de saúde que dificultavam o uso de jade, e ninguém era capaz de gerenciar tão bem o lado administrativo de seu clã quanto o antigo Homem do Tempo. Essa era a fraqueza dos clãs menores. Muitos não tinham uma grande disponibilidade de Ossos Verdes talentosos, e perder líderes importantes era como uma sentença de morte. Nos anos seguintes ao bombardeio de Janloon, alguns dos clãs pequenos haviam se fundido ou sido absorvidos pelos maiores. O clã Cauda Preta, de Gohei, havia sido pacificamente anexado ao Montanha no ano anterior. Icho Dan havia começado as conversas com o Desponta seis meses antes. Hoje, o clã Jo Sun deixaria de existir.

Os grandes clãs iam ficando maiores. *Ainda somos dois tigres*, pensou Shae severamente, *comendo tudo o que podemos antes de precisarmos encarar um ao outro de novo.*

Icho vestia seu melhor terno e gravata, e estava com a voz resoluta, mas pesarosa quando disse:

— Kaul-jen, isso é algo que venho temendo desde a morte do meu cunhado, mas também estou repleto de alívio e gratidão por este dia finalmente ter chegado. — Ele se ajoelhou e levou as mãos entrelaçadas à testa. Seu Homem do Tempo e Chifre se prostraram de ambos os seus lados, espelhando o posicionamento de Shae e Juen ao lado de Hilo. — O clã Jo Sun agora pertence ao senhor, Kaul Hiloshudon. Nossa jade é a sua jade. Nossos negócios responderão à sua Homem do Tempo, e nossos guerreiros morrerão pelo seu Chifre. Seus inimigos são meus inimigos, seus amigos são meus amigos. Eu entrego o título de Pilar e juro fidelidade apenas e unicamente ao Desponta. O clã é meu sangue, e o Pilar é seu mestre. Pela minha honra, pela minha vida e pela minha jade.

Havia lágrimas nos olhos de Icho enquanto ele levava a cabeça ao carpete do escritório dos Kaul. Os outros líderes do Jo Sun fizeram o mesmo, com dignidade e resignação. Quando Icho, ainda ajoelhado, ergueu o tronco, Hilo o puxo para que ficasse de pé e o abraçou calorosamente.

— O que você fez não é fácil, talvez seja a coisa mais difícil que um homem possa fazer. Sacrificar o próprio orgulho, mesmo que apenas pelos motivos certos, mesmo quando não há outra escolha. Os Ossos Verdes do clã Jo Sun agora são Ossos Verdes do Desponta. Vou tratá-los de igual para igual, como os meus próprios guerreiros. E a cidade de Toshon agora é território do Desponta. Vamos fazê-la prosperar e defendê-la com a mesma bravura com que

defendemos qualquer distrito aqui de Janloon.

Shae conseguiu ver que o coitado não acreditava totalmente nas palavras de Hilo, mas ele assentiu, grato.

— Obrigado, Kaul-jen.

— Agora que a parte difícil já passou, vamos todos comer um belo jantar juntos — disse o Pilar, com a mão no ombro do sujeito. — Amanhã talvez você ainda esteja triste quando acordar, mas talvez também se sinta melhor por saber que finalmente é um homem livre de um trabalho difícil que nunca pediu, e orgulhoso por ter feito tudo o que o seu irmão teria esperado.




CAPÍTULO 33

Baluartes da Verdade

Art Wyles, CEO da Recursos Globais Anorco, passava duas semanas, um mês sim e um mês não, em sua casa de Kekon. Wyles tinha seis casas ao redor do mundo. Em Porto Massy, possuía a mansão na Ilha Jons, onde moravam sua esposa e dois filhos, e a cobertura em Marmelo, onde mantinha a amante. Tinha uma casa de campo para a família na costa sul da Espênia, nos arredores de Resville, assim como um pequeno, porém luxuoso, apartamento de férias em Marcucuo, e uma casa de campo e vinícola nas cadeias montanhosas e verdejantes de Karandi. Em comparação, sua residência na Ilha Euman era relativamente modesta (uma reformada estrutura de tijolo à vista, da época colonial shotariana, em um penhasco rochoso que dava para o Oceano Amárico), mas era onde ultimamente preferia passar os dias.

Havia dois motivos para isso. O primeiro era seu negócio, que ele ficava admirando de seu solário com um par de binóculos. Essa manhã, o oceano estava cinza feito calcário e plano feito uma folha de papel, sem uma única nuvem ou onda na paisagem. Condições perfeitas.

O esperado era que a mineração costeira de jade lhe fizesse um bocado de dinheiro, mas era uma empreitada arriscada. O capital inicial investido fora gigantesco, e os kekonésios (mais especificamente, os clãs de Janloon que concentravam o verdadeiro poder do país) eram cheios de não-me-toque quando

o assunto era jade bioenergética sendo extraída ou usada por estrangeiros. *Cheios de não-me-toque* era uma expressão amena demais, admitiu Wyles. *Homicidas* era mais apropriado.

Os clãs haviam repetidamente sabotado os navios, o que causou atrasos sérios e milhões de thalirs em danos materiais. Os kekonésios eram um povo brutal; Wyles não descartava a possibilidade de tentarem assassiná-lo. Mas ele não se deixava intimidar. Ninguém emergia de um perigoso bairro operário de Porto Massy para os mais altos níveis da plutocracia espênica sem uma determinação teimosa e um apetite nada saudável por correr riscos. Ele possuía uma riqueza vasta, amigos poderosos e, o mais importante, uma fé inabalável em Deus e na Verdade. Juntas, essas grandes armas não apenas o protegeriam, mas, no fim das contas, garantiriam seu sucesso.

Jade bioenergética de qualidade era tão rara e valiosa que, mesmo uma quantidade modesta, poderia trazer um retorno dos altos custos operacionais. Depois de anos de pesquisa e desenvolvimento, de falhas e refinamento, seus navios estavam finalmente remexendo e peneirando água marinha, areia e cascalho o suficiente para extrair um rendimento rentável. Anorco era a única e legítima processadora de jade bioenergética não kekonísia no mundo. Só de pensar nisso Wyles já ficava com o coração acelerado.

Havia outro motivo para Wyles passar tanto tempo em Kekon, algo que fazia seu coração acelerar de um jeito bem diferente. O nome dela era Lula. Quando ele tirou os binóculos e se afastou da janela, uma vista ainda mais adorável apareceu, saindo do quarto num roupão lavanda de seda amarrado frouxamente ao redor da cintura, deixando à mostra a pele pálida feito leite dos seios e da barriga. Ela colocou uma bandeja de café da tarde sobre a mesa. Uma cesta de pãezinhos amarelos recém-assados, macios feito almofadas, soltavam vapor de forma tentadora. As frutas em cima das cumbucas de creme de ovos haviam sido dispostas no formato de flores.

— Vem — persuadiu ela. — Vamos comer.

— Assim você me deixa mal-acostumado — disse Wyles com um sorriso. Ele abriu a frente do roupão de Lula e trilhou as mãos sobre seus seios, beliscando o bico de seus mamilos. Ela era a mais encantadora espécime de uma mulher kekonísia que Wyles já vira, e ele se considerava um *conoisseur* de belezas internacionais. O centro da cidade da Ilha Euman era cheio de bordéis que atendiam os militares espênicos, mas, muito embora passasse muitas semanas longe de casa, Wyles nunca nem pensara em mergulhar no poço comunal com os marinheirinhos. Era um homem rico, de gosto refinado, 52 anos

de idade, um viajante global que provara o que o mundo tinha de melhor a oferecer no que dizia respeito à comida, arte e mulheres. Sua esposa era uma elegante mulher de alta sociedade que tinha tudo do bom e do melhor. Sua amante era uma antiga modelo de passarela que agraciara capas de todas as revistas de moda. Então apenas uma mulher especial seria capaz de capturar e manter a atenção de Art Wyles.

Ele a conhecera num jantar particular feito para o embaixador da Espênia. Ela e quatro outras cortesãs haviam sido trazidas para o evento, mas Lula se destacava das outras mulheres feito um cisne entre gansos. O modesto vestido preto de lantejoulas que vestira mostrava cada curva de seu corpo teso e jovem. Seu rosto tinha o radiante cintilar de um lago iluminado pela luz da lua, emoldurado por reluzentes cachoeiras do mais escuro dos tons. Ela cantava e dançava com uma graça e uma beleza que pareciam de outro mundo. Wyles soubera de imediato que precisava possui-la, mas ficou com medo de que suas expectativas não pudessem ser atendidas. Nem precisara se preocupar. O sexo com esse anjo ilhéu era transcendental, prazer de uma outra dimensão.

Wyles foi rápido para organizar um acordo exclusivo com Lula. Sempre que vinha a Kekon, ele telefonava três dias antes para que ela pudesse se preparar para sua chegada. A moça morava com ele na casa da Ilha Euman, preparava suas refeições e dividia sua cama toda noite. Quando Wyles voltava para Porto Massy, ela ficava desimpedida para visitar a família em Janloon ou fazer compras com a mesada que ele dava. Sabia falar um pouco de espênico e estava aprendendo mais sem demora. Era perfeitamente agradável e atenciosa, antecipava as necessidades de Wyles, e nunca exigia nada. Ele suspirou. Era impossível encontrar uma mulher como Lula na Espênia.

Se sentaram para aproveitar a comida e, depois, Wyles falou:

— Meu bem, tô esperando visitas hoje à tarde. Sinto muito, mas vamos passar horas falando de negócios. Por que você não vai pra academia ou fazer umas compras?

Lula se levantou e se inclinou adiante para lhe dar um beijo.

— Eu te espero, Arto-se.

Ele amava a forma como ela dizia seu nome, no estilo kekonésio. Na boca de Lula, era tão arrebatador. A moça pegou a bandeja vazia e saiu do quarto sem fazer barulho.

Wyles entrou na biblioteca com uma caneca de café fresquinho e um jornal enquanto esperava o convidado chegar. O telefone à mesa tocou. Quando pegou o receptor, a voz de Joren Gasson disse:

— Ouvi falar que alguém merece um parabéns, hein, Artie.

Ele se remexeu, desconfortável, feliz que o homem do outro lado da linha não conseguia ver seu semblante.

— As notícias viajam rápido mesmo.

Claro que Gasson, com todas as suas conexões, e sempre especulando tudo, estaria entre os primeiros a ouvir falar de algo que poderia afetá-lo, mesmo que a informação ainda não fosse de conhecimento público. Wyles tinha esperado pelo menos contar à esposa e filhos antes de encarar esse telefonema inevitável. Jozão Gasson era um amigo, mas o tipo de amigo com quem Wyles preferia não conversar muito frequentemente.

— Presidente eleito da Sociedade de Armamentos — disse Gasson, com orgulho na voz. — Não é uma forma nada mal de fazer a sua entrada triunfal no mundo da política. Nada mal mesmo. — Tratava-se de uma das maiores e mais poderosas Entidades Comerciais da Espênia. Como seu presidente, Wyles teria acesso garantido ao primeiro-ministro e influência sobre políticas da Assembleia Nacional. — Que longo caminho a gente percorreu, hein?

— Pois então.

Wyles conferiu o relógio; queria desligar de uma vez.

— Faz o que… uns vinte e cinco anos que somos amigos? Às vezes, fico impressionado de pensar que eu estava lá no começo, que fui o primeiro a falar “esse tal de Art Wyles vai longe”. Sempre tive talento pra apostar dinheiro em coisas certeiras.

— Você sabe que eu nunca vou esquecer o que você fez por mim no decorrer dos anos. Olha, tenho uma reunião importante daqui a uns minutinhos. Tem a ver com o negócio de jade. Que tal a gente conversar depois?

— Claro, Artie — respondeu Gasson. — Só liguei pra falar do quanto eu tô orgulhoso.

— Obrigado, Jozão. Ouvir isso é muito importante.

Depois de desligar, Wyles soltou um suspiro de alívio. Sabia que era apenas uma das muitas pessoas na folha de pagamentos da Tripulação da Rua do Padeiro, assim como Joren Grasson, que, sem esforço algum, comandava as esferas legais e ilegais de negócios e da política, era um de seus muitos investidores (o que era tanto um benefício quanto um risco). Wyles tentava manter Gasson o mais distante possível. No momento, tinha coisas mais importantes com que lidar.

Com uma característica precisão militar, Jim Sunto chegou bem na hora. Os guardas armados que protegiam a casa o deixaram passar; eram, afinal de contas,

funcionários da empresa dele. Wyles fizera um investimento considerável na Ganlu Soluções Internacionais durante os estágios iniciais da empresa e se tornara o primeiro grande cliente da companhia. A GSI oferecia segurança para todas as operações de mineração costeira da Anorco, assim como segurança pessoal para o próprio Wyles.

Ele se levantou para cumprimentar seu convidado.

— Jim, que bom ver você. Obrigado por ter vindo aqui em casa. Achei que seria melhor a gente ter essa conversa num lugar privado, onde ninguém vai poder ouvir. — Gesticulou para que o ex-Anjo se sentasse numa cadeira. — Quer beber alguma coisa?

— Um pouquinho de uísque, caso você tenha alguma marca do norte.

— Claro que tenho — respondeu Wyles, e pegou uma garrafa de uma de suas destilarias favoritas em Cape Glosset, na costa da Baía de Whitting. — Depois de todo esse tempo você ainda não se converteu ao hoji?

Sunto pegou o copo oferecido e deu um gole apreciativo.

— Imagino que isso faça de mim um fracasso como repatriado. No que você tá pensando, Art? — Sunto era assim, sempre direto ao ponto. — As coisas andam tranquilas ultimamente. As tentativas de sabotagem fracassaram feio.

Desde o ataque terrorista de Janloon, os clãs Ossos Verdes estavam ocupados demais reprimindo elementos anti-clã para manter os ataques aos bens e instalações da Anorco.

Com um gesto de “deixa isso pra lá”, Wyles serviu uísque para si mesmo.

— Aqueles valentõezinhos de espada na mão são um problema local. — Se acomodou na poltrona de couro em frente ao visitante. — A proliferação da influência ygutaniana e a blasfêmia do Entregantismo, por outro lado… isso sim é uma ameaça global.

— Que o Profeta impeça as mentiras do inVerdadeiro — disse Sunto, com firmeza.

— Que todos vejamos e arquemos com a Verdade — acrescentou Wyles.

Ambos ergueram os pingentes do Raiar de Icana que carregavam pendurados no pescoço e os levaram até os lábios. Baluartes da Verdade devotos inferiam que a Guerra Latente com Ygutan era um conflito não apenas econômico ou militar, mas espiritual. Os Entregantistas, comandados pela ygutaniana ordem religiosa dos Proteques, mandavam missionários para todos os cantos do mundo a fim de professar sua religião de austeridade, clamando que a Verdade conhecida era incompleta e seria revelada pelos visionários Ygut, junto de outras crenças hereges.

Os missionários não viajavam sozinhos. De acordo com informações obtidas pela inteligência militar da RDE, agentes nekolva vinham avançando a ideologia inVerdadeira da nação para muito além de suas fronteiras. Os agentes, que recebiam treinamento especial e eram otimizados com jade, espionavam para seus mestres em Dramsk, assassinavam, apoiavam e forneciam bens necessários para levantes pró-ygutanianos.

— Ando tendo umas discussões interessantíssimas com os oficiais do Departamento de Guerra — disse Wyles. — O que você sabe a respeito da Operação Corta-Fogo?

Sunto arqueou as sobrancelhas. Se recostou no assento e cruzou os braços.

— Só uns rumores que ouvi quando estava de saída dos Anjos — respondeu ele devagar. — Supostamente, era um programa secreto aprovado pelo Primeiro-ministro Galtz durante a Guerra de Oortoko para combater a expansão ygutaniana em qualquer lugar do mundo.

Wyles deu uma risadinha.

— Pelo visto a essa altura é o segredo mais conhecido do exército. A Operação Corta-Fogo começou operações secretas em lugares distantes um do outro feito o norte de Tun, Krenia e Sutaq. E firmou parcerias com aliados locais para repelir o Entregantismo e a influência ygutaniana.

Ainda de braços cruzados, Sunto assentiu.

— E o que isso tem a ver com a gente?

Wyles sorriu. Gostava de Jim Sunto. Conhecia pessoas no alto escalão da Marinha da RDE e dos corredores da Assembleia Nacional que jamais aceitaram ou confiariam totalmente em Sunto devido à sua ancestralidade kekonísia, mas eram racistas. Wyles acreditava que a fé na Verdade supera tudo, incluindo a cor de pele e o sangue nas veias de alguém.

— O Primeiro-ministro Roburg tá cortando o investimento e os recursos da Operação Corta-Fogo — continuou Wyles.

Era uma decisão muito decepcionante para o exército da RDE e para a Igreja da Verdade Única, mas nada surpreendente. A cobertura negativa da imprensa quanto aos números de transtornos mentais e adicção a drogas entre os veteranos da Guerra de Oortoko gerara um movimento que visava reduzir a ênfase em equipar soldados com jade e treiná-los em SCBJ. Devido ao declínio financeiro, os eleitores se opunham à ideia de se comprometerem com mais guerras internacionais, e a Assembleia Nacional vinha pressionando a administração Roburg a trazer as tropas de volta para casa.

— Como você pode imaginar — acrescentou Wyles, remexendo o copo de

uísque debaixo do nariz com um semblante tranquilíssimo —, isso deixa o Departamento de Guerra numa sinuca de bico.

— Em outras palavras, não vai comprar tanta jade bioenergética da Anorco quanto você esperava. — Sunto deu uma olhada astuta em Wyles. — Mas, se eu te conheço, Art, você já descobriu um jeito de fazer os ventos da mudança política soprarem algumas centenas de milhões de thalirs pros seus bolsos.

— E pros seus também. A Operação Corta-Fogo será reduzida, pelo menos oficialmente. Mas, mesmo que a Assembleia Nacional e o povo espênico não tenham a força de vontade para lutar contra o proselitismo dos Proteques ygutanianos, há Baluartes da Verdade no Departamento de Guerra e na Sociedade de Armamentos e, cá entre nós, no gabinete do Primeiro-ministro também. Homens sensatos que não vão deixar a falta de visão colocar o mundo sob o risco de ser devastado pelos costumes inVerdadeiros.

Wyles lhe entregou um envelope. Curioso, o antigo soldado removeu as folhas de dentro e começou a ler. O rosto do sujeito permaneceu contido enquanto ele absorvia o significado do conteúdo, mas o rápido farfalhar do papel logo entregou sua empolgação.

— Isto aqui é…

— Um memorando confidencial do secretário do Departamento de Guerra, autorizando o envolvimento de empresas militares privadas na Operação Corta-Fogo.

Com um sorriso, Wyles bebericou a bebida.

Sunto ergueu os olhos das folhas, chocado.

— Art, isso aqui é um passo enorme. Talvez enorme demais.

— É a nossa grande chance, Jim. Há apenas uma empresa militar privada que tenha funcionários equipados com jade e treinamento de SCBJ capaz de preencher os requisitos do governo. A GSI.

Devagar, Sunto dobrou a folha, devolveu-a ao envelope e então ficou encarando o papel como se fosse as escrituras originais do Profeta.

— Eu sempre soube que, quando eu desse o pontapé inicial, haveria demanda pros serviços da GSI. — Ele se levantou e ficou andando para lá e para cá em frente às estantes de Wyles, com o cenho franzido enquanto internalizava o significado de tudo aquilo. — Isso é tudo que sempre esperei, mas tá acontecendo rápido demais. Eu fui construindo a GSI e aceitando clientes aos poucos. Não tenho tanta gente qualificada assim, nem equipamentos, ou jade bioenergética pra uma operação nessa escala.

Wyles juntou as pontas dos dedos.

— Tô preparado pra colocar mais trezentos milhões de thalirs na GSI.

Sunto teve um acesso de tosse. Quando se recuperou, exclamou:

— Isso faria…

— Da GSI uma subsidiária da Recursos Globais Anorco. A minha oferta aqui é pra comprar a sua parte, Jim. Você continuaria sendo o presidente e CEO, é claro. — Ele gesticulou para a janela com vista para o Oceano Amárico, onde seus navios reviravam o solo marítimo. — A Anorco tem o capital e a jade. A GSI tem a expertise e a mão de obra. Juntos, temos um exército particular verticalmente integrado. Uma empreitada que vai nos deixar ricos, mas, acima de tudo, dar um basta na inVerdade que se espalha pelo mundo.

Jozão Gasson não era o único que levava jeito para investir dinheiro em algo certeiro. Com a aquisição da GSI, o conglomerado de Wyles seria dono dos meios de obtenção de jade assim como dos soldados com a habilidade de usá-la. E, como presidente da Sociedade de Armamentos, Wyles possuía as conexões políticas e a influência em Adamont Capita para fazer guerras acontecerem.

— Eu entendo que seja muita coisa pra digerir — disse ele. — Mas meu conselho é que você comece a aumentar o nível dos seus sistemas de recrutamento.

— Em nome de Deus, do Profeta e da Verdade — murmurou Sunto, e estendeu o copo de uísque. — Vamos beber mais um pouco.




CAPÍTULO 34

Insensato

vigésimo ano, segundo mês

Nosso universitário pode escolher primeiro — anunciou Hilo, afastando o braço de Jaya que, ligeira, já estava indo para o prato de bolinhos de fruta molhadinhos que Wen colocou no centro da mesa de jantar. — Hoje a comemoração é pelo Ru. Vai lá, filho, pega o que você quiser.

Com uma cotovelada, Ru tirou a irmã do caminho e escolheu o bolinho de pêssego.

— Boa escolha — disse Hilo, colocando um braço ao redor dos ombros do filho. — Sempre mire no melhor.

O adolescente deu um sorriso cansado. Sua formatura do ensino médio fora no dia anterior, e ele acordara quase ao meio-dia depois de ter passado a noite inteira festejando com os colegas. O jantar de hoje havia sido uma refeição de celebração com todas as comidas favoritas do rapaz (acém com osso e molho de pimentão vermelho, bolinho de camarão, vagem frita crocante) e agora o recém-formado estava cheio demais para sequer terminar a sobremesa. Koko estava todo ansioso, sentado enquanto abanava o rabo e comia pedacinhos que Ru surrupiava para baixo da mesa.

Depois do recesso de Ano-novo que estava por vir, Ru entraria na

Universidade Real de Jan. O campus ficava a menos de trinta minutos de metrô, mas ele decidira morar no alojamento estudantil para passar por toda a experiência da faculdade. Hilo entendeu. Aos 18 anos, o jovem precisava se apartar dos pais. Era o único dos irmãos e primos que não tinha morado na Academia Kaul Du. Mesmo assim, pensar na mudança entristecia Hilo. Ru era o mais agradável de seus filhos. Não tinha o mau humor de Niko nem o temperamento de Jaya. Se dava bem com todo mundo e só se envolvia em problemas quando entrava de cabeça em alguma ideia sem analisá-la direito, o que era natural para um adolescente. De vez em quando tinha conflitos com a mãe, mas, para Hilo, era apenas porque Wen pegava muito pesado com ele. Num geral, era uma grande satisfação tê-lo por perto; a casa ficaria muito quieta sem o rapaz.

— Ma, a senhora quer sobremesa? — perguntou Wen para a sogra.

— Não, dá mais pras crianças. Vou ver TV e depois ir pra cama. — Kaul Wan Ria se levantou cheia de estalos da cadeira, e Sulima a ajudou a sair do cômodo. A mãe de Hilo continuava saudável aos 78 anos, mas estava com o cabelo completamente branco e parecia estar encolhendo e se mitigando, esmaecendo ainda mais no segundo plano que sempre ocupara. Seu avô havia envelhecido e se tornado uma áspera cobra-cuspideira, mas sua mãe não causava problemas para ninguém.

Wen perguntou para Ru:

— Você parou pra pensar no que vai estudar?

— A tia Shae sugeriu fazer administração. Diz ela que isso vai me abrir várias opções de trabalho no escritório da Homem do Tempo e nas nossas empresas tributárias.

— Sua tia é muito espera e pragmática — comentou Wen.

— Mas é que esse curso tem muita matéria obrigatória que parece um saco — respondeu Ru. — A área de ciências sociais parece bem mais interessante pra mim. Sociologia ou políticas públicas, por exemplo. Não é que eu não queira trabalhar no clã — acrescentou ele, rápido —, mas quero fazer algo que ajuda as pessoas fora do clã também… tipo outros pedrolhos.

Ru tendia a ser um tanto otimista e altruísta demais para seu próprio bem, mas Hilo respondeu num tom encorajador.

— Tenho certeza de que você vai se sair bem estudando política, direito ou seja lá o que decidir. Você tem tempo pra escolher, é pra isso que serve a faculdade. E o seu plano B pode ser virar um astro do cinema feito o Danny Sinjo, já que você puxou a sua mãe e é um cara boa pinta.

Jaya caiu na gargalhada, e segurou um jato de farelo de bolo com a mão.

Sorrindo, Wen meneou a cabeça.

— Todo mundo sabe a quem o Ru puxou.

— Ai, pai, faz o favor — disse o garoto.

— Nem vem revirar o olho pra mim — provocou Hilo, com um subtom sério. — E nunca deixa nenhum imbecil supersticioso atrapalhar a sua vida. Você é meu filho. É um Kaul. Se não é um Osso Verde, então significa que nasceu para fazer outra coisa, algo grandioso.

— Aham, pai, tá bom — respondeu Ru, dispensando o pai, muito embora todos pudessem ver o quanto as palavras de Hilo o deixavam radiante. Ele cutucou Niko. — Ó, ano que vem quem sabe a gente vai tá no campus junto.

Niko deu uma olhada no irmão, e então voltou a encarar o guardanapo que estava retorcendo num nó.

— Acho que o universitário da família é você, Ru.

— Como assim? Você ainda tá planejando ir pra Jan depois de passar um ano como Punho, não tá?

Com um gesto de alerta, Jaya tentou chamar a atenção de Ru para que ele mudasse de assunto, mas era tarde demais. A conversa de repente parou abruptamente. Ru olhou em volta, confuso. Não tinha muitas conexões com o lado militar do clã, e andava tão ocupado com as provas finais e com a formatura que não ouvira a notícia de que o Chifre havia feito promoções nos ranques e distribuído jade uma semana antes.

— Não vou ser um Punho — disse Niko. — E também não vou pra faculdade.

— Claro que vai — irritou-se Hilo. — Lott Jin falou que você tá se saindo bem até, que empunha jade melhor do que qualquer um do seu ranque. Você só precisa se esforçar mais. A essa altura, devia estar tomando mais iniciativa, dando exemplo pros Dedos juniores. Não pode esperar virar um Punho se não sair da média.

— Ir pra faculdade é importante hoje em dia, é claro — acrescentou Wen —, mas é algo que pode esperar mais um ou dois anos até você ter conquistado mais jade. Mesmo que esteja um pouco pra trás comparado com a posição que você esperava que fosse ocupar, ainda dá tempo de se recuperar caso se concentre nisso.

Niko permaneceu mudo, como era seu costume quando ficava chateado. Quando era criticado ou disciplinado, Ru discutia e tentava convencer a outra pessoa do contrário; Jaya saía chorando. Niko se diminuía, como estava fazendo

agora, e ficava encarando a mesa com um semblante mal-humorado enquanto sua aura de jade se retraía feito uma nuvem escura. Hilo sentiu a raiva chegando.

— Você acha que deveria ganhar tudo de mão beijada só porque é o filho do Pilar? Que não precisa se esforçar tanto pra provar o seu valor? Que pode se safar com truquezinhos vergonhosos como aquela história do carro?

Hilo caiu em si; já havia punido o sobrinho por aquele incidente e prometera a si mesmo que não mencionaria mais o assunto.

Então, numa voz mais calma, continuou:

— Sabia que eu não coloquei muita fé no Lott Jin quando o conheci pela primeira vez? Agora é difícil de acreditar, mas quando era mais novo, ele tinha um péssimo comportamento, fechava a cara e retrucava. Ele era filho de um Osso Verde de alto escalão e odiava obedecer ao pai. Felizmente, ele tomou jeito. Mudou de postura e se esforçou mais do que qualquer outra pessoa. Agora é o Chifre do clã. O que eu quero dizer é que mesmo que não tenha o melhor começo, mesmo que cometa alguns erros, não é tarde demais pra dar a volta por cima. Você só precisa se comprometer.

Niko ergueu o olhar. Vinha evitando encarar seu tio nos olhos, mas agora respondeu:

— Eu tô falando sério. Não vou ser um Punho e também não vou pra faculdade. Recebi uma proposta de emprego fora do clã e vou aceitar.

Um silêncio absoluto se assentou sobre a mesa de jantar. Até mesmo Jaya ficou chocada demais para comentar. Hilo pestanejou como se Niko tivesse falado numa língua estrangeira.

— E você tomou essa decisão sem contar pra ninguém? — perguntou, incrédulo. — Sem conversar com a sua própria família? E aí você decide largar a informação assim do nada?

— Mas o que tem pra conversar? Eu sabia que você não iria concordar.

A vontade de Hilo era estapeá-lo, mas Wen colocou uma mão em seu braço e o forçou a respirar fundo.

— Apesar do que você parece acreditar — disse o Pilar devagar —, eu não sou insensato, Niko. Se você queria trabalhar fora do Desponta, deveria ter falado sobre o assunto comigo e com a sua mãe.

Niko não respondeu, mas sua aura de jade fervia feito uma tempestade numa garrafa. Ele uma vez fora uma criança tranquila; calma, pensativa e curiosa, um rapazinho que aprendia rápido e que cuidava dos irmãos mais novos, que não era de incomodar. Infeliz, Hilo se perguntou onde foi que havia errado como pai, como seu sobrinho cheio de potencial havia se tornado um jovem tão incerto,

sem objetivos. Reuniu cada fragmento que ainda restava de sua paciência paternal.

— Por ter crescido como um Kaul, talvez seja natural mesmo que você tenha ficado insatisfeito, que quisesse explorar outras coisas, e eu não fui atento o bastante quanto a isso. Um trabalho fora do clã poderia ser bom pra você por alguns anos, poderia te dar uma perspectiva a mais. Afinal de contas, o seu tio Andy é médico. Mesmo assim, não é uma decisão que você deve tomar sem conversar com os seus pais. Mas, enfim, que emprego é esse?

Niko soltou o guardanapo amassado sobre o prato e se afastou da mesa.

— Vou entrar na Ganlu Soluções Internacionais.

Wen deu uma respirada curta e aguda, o único som que alguém fez antes de o braço de Hilo irromper do outro lado da mesa, agarrar o cabelo do filho mais velho e puxar seu corpo para fora do assento. Um prato se quebrou no chão; todos se sobressaltaram nas cadeiras. Hilo estava de pé. Empurrou Niko para longe, para a parede mais próxima, derrubando um retrato emoldurado da família.

— Você se candidatou pra trabalhar como *mercenário?* — Hilo deixou um ruído gutural escapar. — Vai ficar andando por aí, em lugares que não são a sua casa, com estrangeiros de sangue fraco e viciados em brilho, prostituindo as suas habilidades de jade pra quem pagar melhor? — Deu um tapa na lateral da cabeça de Niko, empurrou-o de novo e então se agigantou por sobre o rapaz mesmo que os dois tivessem a mesma altura. Seus olhos e sua aura se dilatavam com os gritos. — Que tipo de Osso Verde é você? Que tipo de *filho?*

Ru se levantou num impulso. Koko o acompanhou, latindo.

— Já deu, pai — implorou Ru, tentando defender o irmão. — Ele cometeu um erro, foi um deslize.

— Foi nada — grunhiu Niko, esfregando a região dolorida de seu couro cabeludo e ajeitando a postura para encarar Hilo com a coluna ereta, os ombros para trás e as mãos cerradas na lateral do corpo. Uma provocação gélida fumegava em seu olhar. — Por que a gente tem que fingir que somos diferentes ou melhores do que qualquer outra pessoa que usa jade, mesmo se forem estrangeiros? Só por causa da nossa ancestralidade? Por genética? Eu conversei com alguns recrutadores da GSI, e o trabalho parece interessante. Tão fazendo algo que nunca foi feito antes. O clã é única coisa que eu já conheci, e a única que eu sou qualificado pra fazer é ser um guerreiro de jade. Qual o problema de eu explorar outras possibilidades? Eu poderia viajar o mundo enquanto me pagam pelas minhas habilidades de jade.

Com a voz trêmula, Wen falou:

— É isso o que você faz com a sua família depois da formatura do seu próprio irmão?

Niko estremeceu, mas manteve o olhar firme.

— Me desculpa, mãe — respondeu. — Me desculpa, Ru. Eu não ia contar nada hoje à noite.

Com a boca fechada numa linha reta, Wen se levantou.

— Até você parar com essa insanidade, não temos nada para conversar.

Ela virou as costas e saiu da sala de jantar.

Jaya era a única que continuava na cadeira. Deu um assovio baixinho.

— Caramba, keke, dessa vez você conseguiu mesmo. — Nenhum dos três queria encarar o pai quando ele ficava irritado, mas ver a mãe se retirando assim era algo inédito.

O tom de voz de Hilo teria acovardado qualquer um de seus homens.

— Amanhã de manhã você vai ligar pro Jim Sunto, ou seja lá com quem você anda conversando, e dizer que agiu sem pensar. Você não vai virar um soldado sob demanda e derramar essa humilhação sobre você mesmo e sobre todos nós. Você vai trabalhar diretamente sob comando do Chifre. Vai ir em todos os treinamentos marcados e ano que vem vai virar Punho. *Se* você fizer tudo isso, *aí* a gente conversa e vê se podemos te encontrar alguma nova oportunidade, dentro ou fora do clã, porque já ficou evidente que Pilar você não vai ser.

O rosto de Niko se contraiu antes de enrijecer.

— Já me decidi.

— Niko — sibilou Ru, estressado, encarando-o com olhos arregalados. — Você não acha que tá levando isso longe demais? Você já deixou claro que não tá feliz. O pai tá te dando uma saída. Você não se importa com o que os nossos pais pensam?

Com um semblante pesaroso, Niko deu uma olhada em seu irmão mais novo.

— Você tem 18 anos, Ru. Tem a sua própria vida e tá indo pra faculdade. Não precisa de mim por perto. — Quando se virou de volta para Hilo, sua voz ficou mais baixa e trêmula de ressentimento, mas ele manteve o queixo em riste e a aura de jade ardente de convicção. — Já o que os meus pais pensam, eu não tenho como saber. Meu pai foi assassinado numa guerra do clã e nunca nem soube que eu existia. Você executou a minha mãe por traição, e eu não tenho nada dela, nem mesmo fotos. De verdade, o que eu deveria acreditar a respeito de qualquer um dos dois? — Niko se virou por um instante e, irritado, esfregou o rosto. — O que *você* acha, tio? Você acha que os meus pais iriam querer isso pra

mim? Ou será que mandariam eu fugir enquanto ainda há tempo?

Um espasmo apanhou o coração de Hilo. Ele estendeu uma mão, que se fechou com força no encosto de uma cadeira. Por um agonizante segundo, por causa de algum traço *mínimo* na voz ou na postura de Niko, ou algum aspecto sutil de sua aura de jade, Hilo teve a impressão de que o jovem que considerava seu filho mais velho tinha sumido, e de que seu irmão, Lan, estava ali na sala de jantar no lugar de Niko. Lan, no auge de seu apego aos princípios. Lan que, em determinado momento, foi o único homem que Hilo obedecia. E então o momento passou, deixando para trás apenas a lancinante dor da confusão e do arrependimento.

— O seu pai sabia o que significava ser um Osso Verde. — A voz de Hilo estava tão tensa que nem ele a reconheceu. — Ele jamais fugiria. Ele deu tudo para liderar o clã, incluindo a própria vida.

— E por causa disso eu nunca o conheci. Por que eu deveria seguir o exemplo dele?

O rosto de Niko estava avermelhado com a comoção. Ele se retirou da sala de jantar e caminhou até a porta da frente.

— Se você não parar — exclamou Hilo para as costas do rapaz —, se passar por aquela porta e quebrar o coração da sua mãe, nem se dá ao trabalho de voltar.

Jaya e Ru trocaram olhares boquiabertos, apavorados.

— Pai… — A garota começou a dizer. Mas se calou.

Por um instante Niko hesitou, como se estivesse sendo contido por amarras invisíveis. Ele deu o passo seguinte com firmeza; a sensação foi de estar fazendo força para sair de areia movediça. E então o próximo, e o próximo. A porta se fechou atrás dele, tirando-o de vista, mas, por diversos minutos arrastados, Hilo conseguiu Perceber o pesar silencioso na turbulenta aura de seu sobrinho, que ia se debandando da casa.



Jim Sunto estava em seu escritório, numa ligação matutina com dois gerentes de recursos humanos do Departamento de Guerra, quando uma violenta comoção irrompeu aos portões do complexo da GSI. A princípio, achou que o barulho vinha de um exercício de treinamento. Então ouviu os guardas gritando: “*Parem! Parem ou vamos atirar!”* e nem precisou das habilidades de jade para pressentir o alerta dos funcionários.

Sunto largou o telefone e, desembainhando a arma que carregava na lateral do corpo, correu escritório afora. Ao sair num rompante pelas portas do prédio,

entendeu o caso num instante. A cerca de arame atrás da guarita estava aberta; o portão automático, que fora arrancado do mecanismo, jazia entortado. Dois homens com uniforme da GSI estavam caídos no chão (ainda se mexiam, graças a Deus) e quatro outros estavam numa disputa armada, gritando, dois deles com rifles R5 e os outros dois mirando com pistolas Corta 9mm.

Kaul Hiloshudon, flanqueado por quatro de seus guerreiros Ossos Verdes, atravessou a cerca rompida a passos firmes e avançou rumo ao prédio com a implacabilidade imprudente de um demônio. O guarda da GSI que estava mais perto atirou várias vezes no peito de Kaul. Sunto poderia ter falado para o sujeito que ele não iria atingir um Osso Verde habilidoso com uma arma de pequeno calibre a cem metros de distância. Com uma rosnadela irritada, Kaul Defletiu as balas, e, num farfalhar letal, seus Punhos sacaram suas próprias armas (metralhadoras Ankev 600 e lâminas da lua feitas de aço-carbono).

— Não atirem! — vociferou Sunto para seus funcionários. Ele correu na frente deles, agitando os braços. — Pela porra do Profeta, não atirem, caralho! — Mudando para kekonês, gritou para os invasores: — Puta que pariu, Kaul, você quer a merda de um massacre? Fala pros seus homens abaixarem as armas.

Kaul parou e encarou Sunto com um olhar aterrorizante. A jade cintilava ao longo de clavícula, jade que daria conta de equipar um pelotão.

— Seu *lixo* bebe-mijo de merda. Você recrutou o meu próprio *filho!*

— Não fiz nada disso. Ele que apareceu em uma das nossas reuniões informativas. — Com movimentos vagarosos, Sunto guardou sua Corta no coldre e abriu as mãos. — Abaixem as armas — disse em espênico para os guardas da GSI.

— Senhor… — começou a dizer um deles.

— Eu mandei abaixar! — Sunto havia treinado com os melhores homens do Desponta e sabia do que eram capazes. Se um tiroteio começasse, os Ossos Verdes uniriam suas Deflações e causariam um verdadeiro furacão que estilhaçaria os guardas com lâminas e facas em segundos. — Pensa bem — disse ele para Kaul. — Quer ser responsabilizado por um ataque gratuito e fatal a uma empresa espênica e seus funcionários? Mande seus homens sossegarem. Vamos entrar no meu escritório e conversar como gente civilizada.

Nos anos em que Sunto conhecera o líder do clã, nunca tivera certeza de que as histórias a respeito de Kaul Hilo eram verdade. Agora, achava que deveriam ser mesmo. Ele reconhecia os Punhos que acompanhavam o Pilar (Lott, Vin, Suyo e Toyi). Havia passado tempo com todos, ensinando e aprendendo, mas os Ossos Verdes assassinariam Sunto e seus funcionários com uma única ordem de

Kaul. Com um incômodo rancoroso, Sunto pensou que não era de se admirar que os kekonésios fossem estereotipados como selvagens.

Kaul Hilo semicerrou os olhos até transformá-los em fendas. Se virou para trás e disse para Lott:

— Fiquem aqui.

Sunto suspirou baixinho quando a tensão esmaeceu um pouco e as armas, com relutância, foram abaixadas de ambos os lados. Desde que os dois haviam encerrado a amizade que tinham, Kaul nunca contatara o ex-Anjo ou fora às instalações de treinamento da GSI na Ilha Euman, mas agora entrou no prédio sozinho, como se fosse o proprietário da terra que alicerçava a empresa.

Sunto o seguiu. Abriu a porta do escritório. Kaul entrou, mas não se sentou. Deu uma breve olhada de desprezo na mobília utilitária e no ambiente institucional, claramente tão (não) impressionado quanto havia achado que ficaria.

— Te avisei pra manter o seu negócio fora de Kekon — falou ele, com a gélida decepção de um homem prestes a levar uma ameaça até o fim. — Você não me deu ouvidos.

Sunto caminhou para trás da mesa, abrindo uma distância entre os dois.

— A única coisa que fiz foi dar palestras pra possíveis funcionários. É normal pra qualquer empresa. — Poderia ter deduzido que até isso geraria ira nos clãs, mas não podia se dar ao luxo de tocar os recrutamentos com timidez. Para honrar o contrato da Operação Corta-Fogo, a GSI precisava ser capaz de recrutar quantos soldados fossem necessários. — Temos interesse em contratar ex-militares ou gente com treinamento particular adequado. Não movemos um fio de cabelo pra atrair Ossos Verdes dos clãs, mas estamos abertos a conversar com qualquer um que esteja interessado e seja qualificado a se candidatar.

— Qualquer que tenha sido o seu acordo com o Niko, você vai rompê-lo — exigiu Kaul. — Ele não vai gastar a jade trabalhando no seu exército de milicos de sangue ralo.

— Sangue ralo — entoou Sunto. — É o que você sempre pensou sobre quem não abaixa a cabeça pra você ou pro sistema paroquial dos clãs, né? Bom, sangue ralo ou não, eu não sou um dos seus subalternos, Kaul. E a GSI não é uma das suas empresas tributárias. O seu filho é um adulto. Perguntei várias vezes se ele tinha certeza do que estava fazendo, e ele disse que sim. Já assinou o contrato e recebeu o bônus inicial.

Kaul colocou as mãos sobre a mesa de Sunto, se inclinou adiante, atravessando o espaço que os separava e, com a voz mais baixa, falou:

— Por trás desse seu rosto kekonésio, você tem uma alma espênica imunda. É a língua do dinheiro que você entende, né? Eu pago dez vezes o que você já pagou pra ele se você cancelar a proposta.

Sunto franziu o cenho.

— Subornar um executivo para demitir um funcionário é ilegal.

— Anos atrás, você me falou que não estava aqui pra causar encrenca, mas agora os seus soldados tão protegendo navios de mineração que roubam jade kekonísia. Então não me venha com esse papo furado de moralidade. — O olhar de Kaul era tão firme e arrepiante quanto sua voz. — Quando contratou o Niko, você sabia que estava se metendo no Desponta e destruindo a minha família. E contratou mesmo assim. Eu mataria qualquer outra pessoa que tentasse fazer isso. Mas, em respeito a nossa velha amizade, tô te dando uma escolha. Aceitar o dinheiro ou não é você quem sabe, mas estou te pedindo pra resolver essa situação como um favor pessoal a mim. Se isso não te comover nem um pouco, então pelo menos seja egoísta e pense se você realmente quer me ter como um inimigo.

Sunto não queria. Havia nascido em Kekon e passado a maior parte dos últimos quinze anos no país. Compreendia o tamanho do poder dos clãs e o quanto eram capazes de ser implacáveis. De forma alguma se considerava um sujeito orgulhoso ou descuidado que brincava cegamente com o perigo.

A realidade nua e crua, porém, era que apenas três países possuíam militares treinados e equipados com jade: a República da Espênia, Ygutan e Kekon. A maioria dos funcionários da GSI eram ex-agentes das forças especiais da RDE, mas ainda assim os números não bastavam. Infelizmente, não fora tão fácil quanto esperado contratar atuais e antigos soldados da Companhia Aranha Dourada, alguns dos quais ele própria havia treinado durante os anos em que trabalhara com o General Ronu para reformar o exército de Kekon. Ossos Verdes, inclusive os que não tinham compromisso com clã algum, ficavam desconfiados quanto a aceitar emprego de uma empresa estrangeira, e costumes rigorosos quanto às profissões aceitáveis ligada à jade ainda persistiam em Kekon.

Kaul Nikoyan trabalhar para GSI poderia ser um ponto de virada, algo que influenciaria outros Ossos Verdes. O que candidatos como ele não tinham de experiência militar institucional, sobrava em puro talento nas habilidades de jade, e um afluxo de recrutas elevaria as capacidades da GSI em pouco tempo. O Desponta não poderia condenar ou punir a GSI ou quem escolhesse trabalhar na empresa, não se o filho do próprio Pilar estava lá.

— Tô comandando uma empresa espênica. — Sunto sustentou o olhar de Kaul sem titubear. — Pra mim, seu filho é um funcionário até decidir sair por livre e espontânea vontade.

A voz de Hilo ressoou impassiva.

— Acho que você não sabe direito o que tá fazendo.

Sunto sabia, sim. Todas as fortunas da GSI, sua reputação pessoal e talvez até mesmo o destino do Baluarte da Verdade dependiam da Operação Corta-Fogo. Art Wyles era um oligarca insuportável de tão presunçoso, amplamente odiado, mas dera a Sunto a maior oportunidade de sua vida e estava fazendo seu lado junto ao Departamento de Guerra, a Sociedade de Armamentos, e todos os acionistas da Anorco, incluindo, caso os rumores fossem verdadeiros, certas pessoas em Porto Massy cuja desaprovação Sunto não tinha a menor vontade de cortejar.

Ele também sabia que, por ser um cidadão espênico e ter sido um Anjo Naval veterano de guerra que trabalhou para o governo da RDE, tinha uma certa proteção especial. Kaul poderia ainda assim ser inconsequente o bastante para tentar assassiná-lo, mas não sem correr o risco de passar por um escrutínio implacável e encarar consequentes sanções, e nem mesmo assim derrubaria a GSI. Wyles poderia contratar alguma outra pessoa para comandar a empresa. Levando tudo isso em consideração, Sunto decidiu que era mais vantagem tentar a sorte contra Kaul do que frustrar seus acionistas espênicos, contra quem não tinha vantagem alguma.

— Eu preferiria não ser seu inimigo, Kaul — respondeu ele, sem se mexer nem um centímetro. — Mas também não tenho medo de você.

O Pilar ajeitou a postura. Sunto se lembrou de quando o conhecera, na academia Sétima Ordenação. À época, achou que fosse parar no hospital, e ficara confuso ao encontrar um sujeito amigável, que exalava uma arrogância casual e sorria mais do que Sunto teria esperado de um homem com tamanha reputação. Agora não havia nada disso. Sunto pensou na pistola Corta perto de sua mão direita.

— Talvez você tenha razão em sentir que não tem nada a temer — disse Kaul. — Não posso obrigar uma empresa estrangeira a fazer o que eu peço, e sei que você não é homem de se acovardar ou de matar fácil. Então, a curto prazo, essa escolha talvez até seja boa pra você. Mas não vou esquecer que você jogou nossa amizade no lixo e pegou meu próprio filho para benefício próprio. — A energia de jade que emanava do Osso Verde parecia brilhante demais para ser humana, mesmo que ele estivesse completamente imóvel. — Eu te prometo que,

mais cedo ou mais tarde, a sua conta vai chegar.

— Pra começo de conversa, você devia parar pra pensar no porquê do seu filho querer trabalhar pra GSI em vez de permanecer no clã. Os clãs Ossos Verdes tão ficando obsoletos. Até a sua própria família consegue enxergar isso. — Sunto ergueu o queixo. — Agora você pegue os seus homens e saia da minha propriedade.

Por um instante assustador, a expressão no rosto de Kaul sugeria que o kekonésio iria recorrer à violência com que havia chegado ali. Sunto se preparou para alcançar sua própria energia de jade. Segundos se passaram, mais demorados e infinitamente mais tensos do que o tempo que costumava passar quando os dois se enfrentavam para treinar no gramado da propriedade Kaul.

As labaredas no olho do Pilar minguaram por trás de carvões pretos.

— É óbvio que você não é pai, tenente. — Kaul se virou para a porta. — Porque se fosse, não se sentiria tão invencível assim.

Sunto seguiu a uma distância cautelosa e observou o Pilar reunir seus homens com um gesto e sair pelo portão de segurança quebrado por onde havia entrado.




CAPÍTULO 35

Os Que Têm Escolha

Enquanto as rodas do avião tocavam o asfalto do Aeroporto Internacional de Janloon, Anden esfregava os olhos e, grogue, olhava pela janela para o céu invernoso do meio de tarde. Sua cabeça continuava do outro lado do Oceano Amárico. Como um dos diretores do Conselho Internacional de Certificação de Medicina Bioenergética, ia para a Espênia pelo menos duas vezes por ano para inspecionar se as clínicas estavam atendendo aos padrões de exigência, o que significava que acumulava ainda mais milhas aéreas do que a Homem do Tempo. Pelo menos não era mais permitido fumar em aviões e, pelo status de cliente Prata que tinha na Kekon Air, ele viajava com muito mais conforto do que antes.

A boa notícia na Espênia era que o uso médico de jade vinha sendo cada vez mais aceito, com o apoio dos esforços da WBH Foco e da Associação Kekonísia da Espênia. A má notícia era que para cada menção positiva à jade kekonísia, havia outras espetacularmente negativas. Jon Remi, o Keke do Mal de Resville, continuava ficando cada vez mais poderoso naquela cidade, ainda fugindo da morte pelas mãos de rivais ou de ser preso pela polícia.

— Foram várias as vezes em que tentamos ser racionais com Remi, em que tentamos convencer ele a sossegar o facho — explicara Migu Sun na última reunião do conselho da AKE em que Anden estivera presente —, mas ele não se

dá por vencido.

Cory estava para lá de frustrado.

— Os Ossos Verdes de todas as outras cidades cortaram ligações com o Remi e com a gangue Cabeças de Cobra dele. Estamos cooperando com agentes federais, dando qualquer informação que possa ajudar a polícia a pegar esse cara. Talvez seja horrível o que eu vou dizer — grunhiu Cory num timbre sombrio —, mas se ele não for preso de uma vez, tomara que um dos Tripulantes finalmente resolva a situação.

O problema na Espênia, refletia Anden enquanto recolhia a bagagem, era que não havia lealdade maior do que o dinheiro. Em Kekon, sempre houvera duas fontes de poder: ouro e jade. Nem todo o dinheiro do mundo poderia formar um guerreiro de jade caso ele não tivesse o sangue e o treinamento certos. Até mesmo o mais rico dos homens poderia acabar morto. Se alguém não usava jade, precisava da amizade daqueles que o faziam. Então sempre havia uma força que equilibrava as coisas.

No resto do mundo, não é assim. A Associação Kekonísia da Espênia não era um clã com poder de impor o que quisesse no país. Anden tinha a desoladora sensação de que Jon Remi era o novo modelo de como ter sucesso sendo um Osso Verde na Espênia. Conforme fosse cada vez mais longe no que dizia respeito à riqueza e poder, ganharia seguidores, outras pessoas que almejassem ser como ele.

O táxi que Anden pegou no aeroporto foi até seu apartamento batalhando contra o trânsito das festas de fim de ano. Durante o longo trajeto, Anden tentou desviar a mente desses pensamentos pessimistas e voltar a atenção para o presente. Já tinha feito tudo o que podia para ajudar seus amigos em Porto Massy e para levar adiante as prioridades do Desponta naquele país. O resto fugia de seu controle.

Quando entrou pela porta do apartamento, encontrou Jirhuya sentado no sofá da sala de estar, examinando artes conceituais.

— Mas quem é vivo sempre aparece — disse Jirhu num suspiro enquanto largava o trabalho e levantava o corpo gracioso das almofadas. Foi até a porta e deu um beijo em Anden.

Jirhu cheirava a sabonete e loção pós-barba… Tinha acabado de sair do banho e de se barbear, e seu cabelo grosso e ondulado continuava úmido.

— O voo atrasou e o trânsito estava péssimo.

— Desculpa eu não ser um namorado tão bom daqueles que faz janta, miyan. — Era o apelido que usava com Anden, um termo carinhoso em abukiano que

significava *meu*. — Não tinha muita coisa na geladeira, e não deu tempo de ir no mercado.

— Não tem problema. A gente pode sair pra jantar. — Ainda não estava com fome de verdade; era cedo no fuso horário de Porto Massy. — Ou podemos pedir daquele restaurante tuni.

— Vamos ficar em casa. — Jirhu passou um braço ao redor da cintura de Anden. Com o outro, pegou a mão dele e a colocou na própria bunda. — Foram dez longos dias com você do outro lado do mundo.

Deu outro beijo, agora mais intenso.

Anden sentiu os ombros irem relaxando, e o torpor da viagem foi relegado pela agitação entre suas pernas. Ele soltou a mala que ainda segurava, inclinou a cabeça de Jirhu para trás e beijou-lhe a mandíbula e a garganta, respirou fundo e apertou os lábios na reconfortante cavidade do pescoço do abukiano. Jirhu o puxou para o quarto, e Anden foi, muito embora não fosse capaz de evitar uma singela relutância. Estava sempre mais do que disposto a dar o que Jirhu queria, mas também estava cansado do voo e, naquela noite, teria preferido receber do que ser obrigado a performar, ou então simplesmente aproveitar o corpo um do outro de forma mais relaxada, com bocas e mãos.

Como se sentisse um indício de hesitação, Jirhu sentou Anden na ponta da cama, desabotoou sua camisa e foi tracejando a ponta dos dedos ao longo de seu peito e sua barriga. Depois, se ajoelhou na frente de Anden e abriu-lhe a calça.

— Só relaxa. Deixa o esforço comigo.

Anden reclinou para trás, apoiando-se nos braços, e, satisfeito, fechou os olhos enquanto ia sentindo o restante do estresse se derreter em prazer conforme Jirhun habilmente o levava à excitação completa. Quando o calor da boca do parceiro se afastou e ele ouviu o som da tampa de uma embalagem de lubrificante, Anden abriu os olhos e foi mais para cima na cama. Jirhu já estava de quatro, pronto, respirando fundo de avidez. Era uma coisa linda de se ver: seu longo corpo marrom-claro, as costas lisinhas, o arco de seus ombros que desbocavam naqueles braços elegantes, a bunda firme. Muito tempo antes, Cory ensinara Anden a ir com calma, a usar os dedos e a boca primeiro, a entrar devagar, com gentileza, a pensar na forma como gostaria de ser tratado (mas, às vezes, Jirhu era surpreendentemente impaciente). Ele recuou contra Anden, engolfando-o; agarrou a cabeceira da cama e empinou o quadril, sarrando e contraindo ritmicamente. Jirhu falava muito — Anden ficava chocado com o quanto, mesmo que achasse extremamente erótico. Ele ordenou que Anden mordesse seu ombro, que agarrasse sua cintura, que batesse em sua bunda, que o

masturbasse. Quando chegou ao clímax, foi com uma série de profanidades catárticas e gemidos. A essa altura, a sensação para Anden era de que estava preso, indefeso, num assento de montanha-russa. Jirhu se movimentava ao redor dele com voracidade e habilidade, apertando-o. Anden despencou e caiu em cima do namorado com um tremor.

Ficaram deitados juntos por um instante, aproveitando o resplendor do reencontro.

— Eu fui meio egoísta, né — admitiu Jirhu, acanhado, mas sem pedir desculpas.

— Eu gosto quando você é insistente — garantiu Anden.

Talvez fosse porque tivera mais parceiros, ou talvez, por ser abukiano, não tivesse as mesmas inibições culturais, mas Jirhu parecia saber o que queria. Era motivado, confortável na própria pele, e não apenas na cama, mas também no trabalho, na visão artística e em suas opiniões.

Anden se levantou e tomou um banho tranquilo, aproveitando a água quente nas costas. Depois de ter saído e se vestido, Jirhu já havia feito um pedido no Gosto de Tun; as embalagens para viagem de cozido de ovelha e lentilha, batatas fritas com ervas e bolinhos de legumes chegaram alguns minutos depois. Comeram à mesa da cozinha, com os joelhos se tocando, usando uma colher para servir a comida das caixinhas de papel no prato um do outro.

— Vai ser bom ter mais espaço daqui a pouco — disse Anden. Ele encontrara um apartamento maior a três quarteirões dali, no mesmo bairro da Cidade Velha, e iriam se mudar juntos no mês seguinte. Fazia um ano e meio que os dois vinham saindo. Jirhu tinha uma chave e, já que o local ficava mais perto de seu trabalho, passava tanto tempo ali quanto em sua própria casa. Ainda assim, houve algumas coisas com as quais não concordaram. Anden fazia um bom dinheiro como médico e era uma pessoa simples por natureza, então, mesmo com os elevados custos de moradia em Janloon, poderia ter bancado uma casa pequena, mas Jirhu não queria nem falar de comprar um imóvel próprio até que pudesse contribuir com metade do valor da entrada. Suas economias como artista eram insignificantes, mas com todo o trabalho que agora fazia no catálogo cada vez maior de filmes da Costa Filmes, talvez não demorasse muito para que se mudassem de novo.

— Pessoalmente, vou sentir saudade daqui — disse Jirhu com um sorriso provocador. — Tem muito a sua cara.

Ele gesticulou para o espaço minúsculo e decorado com simplicidade, para as estantes e prateleiras que Anden fizera usando tábuas e pintara sozinho, para o

pesado saco de pancadas pendurado no meio da sala, para os pequenos objetos e desenhos de criança da época em que suas sobrinhas e sobrinhos eram muito mais novos. No novo apartamento, a expectativa de Anden era que Jirhu e Wen entrassem em cena e melhorassem tudo, que trouxessem móveis mais interessantes, que fizessem as cortinas e almofadas complementarem umas às outras.

— A festa de Ano-novo do clã tá chegando — disse Anden. — Este ano vai ser no Hotel Estrela Universal, e todas as pessoas importantes do Desponta estarão lá. Você quer ir? Perguntei pro Pilar se eu podia te levar e não tem problema.

Ele falou casualmente; não queria que parecesse grande coisa. Mas a verdade é que havia perguntado a Hilo algum tempo antes e esperara até depois da viagem para a Espênia pelo momento certo para contar. Uma coisa era Anden estar dormindo ou até se mudando com ele. Outra bem diferente era levá-lo para o maior evento do ano do Desponta, uma festa cujo anfitrião era o próprio Pilar.

Depois de postergar por semanas, Anden reunira a coragem para entrar no escritório do Pilar.

— Hilo-jen — dissera, tentando evitar que todo o desconforto que sentia transparecesse na voz. — Faz mais de um ano que venho saindo com uma pessoa. Ele não é um Osso Verde e nem membro do clã, mas a gente se dá bem e vamos nos mudar pra morar juntos. Eu gostaria de levar ele na festa de Ano-novo.

— O abukiano — respondera Hilo. — Traz ele, se quiser.

Anden pestanejara. Tinha esperado mais perguntas.

— Não… não tem problema pra você, então.

Hilo erguera o olhar da enorme pilha de cartões que Wen deixara na mesa de centro para serem assinados. Ele pegara o controle remoto e mutara a televisão que tocava baixinho.

— Se tivesse problema, eu já teria falado, não acha? Faz um tempão que a Wen me falou desse rapaz e pediu permissão por você. Ela sabia que você levaria séculos pra vir falar comigo. — Ele rabiscara o próprio nome, carimbara um cartão com o emblema do clã em tinta vermelha, e seguira para o próximo. — Da sua vida pessoal é você quem cuida, Andy, a menos que afete o clã.

Pensando bem, Anden não sabia ao certo porque ficara tão surpreso com o desprendimento de seu primo. O preconceito da sociedade contra os abukianos o fizera esperar a desaprovação do Pilar. Mas o relacionamento não geraria criança alguma para a família Kaul, e um abukiano jamais poderia fazer parte dos

ranques ou assumir uma posição num clã Osso Verde. Era um povo do qual todos suspeitavam, então eram praticamente inúteis como Ratos Brancos, e, tirando isso, eram indefesos e protegidos pelo aisho. Nenhum inimigo acharia que valeria a pena tentar comprá-los ou atingi-los. Jirhuya era um parceiro seguro para Anden. Pensar nisso era um alívio, mas também o deixava ressentido.

Lá fora, uma garoa começou a tamborilar contra as janelas do apartamento; uma rara chuva de inverno que deixaria as estradas escorregadias, mas não duraria muito. Jirhuya estava empurrando o resto do jantar de um lado para outro no prato.

— Por favor, não fica ofendido, mas… eu prefiro não ir na festa. — Ele encarou Anden nos olhos, e então abaixou a cabeça, pesaroso. — Me esforcei demais construindo o meu nome pra agora começar a ser visto como um pobre coitado que a família Kaul tá ajudando.

Anden foi pego desprevenido.

— Como assim?

— Os únicos outros abukianos lá vão ser os zeladores e os garçons. Como é que você vai me apresentar? Como seu "amigo"? Ainda vai parecer que me levaram pra demonstrar a generosidade do Desponta.

— Também não é assim. Eu perguntei pro Pilar se podia te levar. A ideia foi minha, não dele. — Essa resistência quanto a algo que Anden achara que seria bem-vindo foi inesperada, e ele ficou ofendido por Jirhu atribuir um comportamento tão superficial à sua família. — Você não é o único que não se encaixa — argumentou ele. — Eu sou um órfão de ascendência mista que foi adotado pela família Kaul quando era criança. Isso também faz de mim um *pobre coitado* que os Kaul *tão ajudando?*

Jirhu meneou a cabeça.

— A sua mãe e os seus tios eram guerreiros de jade famosos; você foi pra Academia; foi criado pelos Kaul. Mesmo que seja um médico agora, ainda é um Osso Verde do clã. Isso te faz mais kekonésio do que eu, porque não importa qual seja a cor da pele, o *verde* é tudo o que as pessoas veem. — Jirhu se levantou da mesa, pegou o prato e colocou-o audivelmente na pia. — Quem é abukiano não pode ser verdejante. Então nunca pode ser nada além de abukiano.

Até então, Anden não tinha se dado conta do quanto estava empolgado para aparecer com Jirhuya na frente de todo o clã, ciente de que ninguém teria a audácia de apertar o lóbulo da orelha para ele na presença do Pilar e da família Kaul inteira. Sempre deduzira que um parceiro que realmente se importasse com

ele ficaria feliz de ser bem recebido por seus primos. Num ímpeto de mágoa, deixou escapar:

— Pensei que o que a gente tem fosse sério. É um evento importante do Desponta e eu esperava que você estivesse lá.

Jirhu se virou; estava agarrando a borda da bancada atrás dele com as mãos.

— Me desculpa. Só não quero dever nada pra sua família. Ou que alguém pense que eu devo.

— E quem é que não deve alguma coisa pros clãs? — exclamou Anden. — Você acha que a indústria cinematográfica seria o que é, que você teria feito a carreira que tem agora, se a minha cunhada não tivesse investido na Costa Filmes?

— Aí é que tá. Os clãs tão em tudo. Fazem e destroem indústrias, empresas e pessoas. Já tenho mais sorte do que a maioria dos abukianos. — O pai de Jirhuya morrera mergulhando atrás de rejeitos de mineração, mas ele fora criado pela mãe de ascendência mista e pelo avô kekonésio, então recebera uma educação e vantagens às quais a maioria dos abukianos não tinha acesso. Jirhu abaixou o tom de voz e pareceu estranhamente vulnerável. — Não quero que as pessoas fiquem falando que é tudo por causa do Desponta, tudo porque tô dormindo com você. Por favor, miyan, tenta entender.

Anden sentia que não entendia coisa *nenhuma*, e abriu a boca para se pronunciar, mas, naquele instante, houve uma batida à porta. Anden e Jirhu interromperam a discussão e se entreolharam surpresos. Não estavam esperando ninguém. A batida ressoou de novo, agora mais forte, desesperada.

Anden abriu a porta e ficou surpreso ao ver seu sobrinho. O rapaz estava com um semblante desamparado e aflito e com o cabelo molhado de água da chuva, que também pingava em seus olhos.

— Niko — exclamou Anden, puxando-o para dentro. — O que houve? O que aconteceu?

Niko esfregou a manga sobre o rosto molhado.

— Tio Anden, posso passar um tempo aqui?



Anden foi à residência Kaul na tarde seguinte. A primeira pessoa que viu foi Jaya, rondando pelo portão junto com dois colegas da Academia. Todos seguravam skates debaixo dos braços.

— Você não vai querer falar com ele agora — avisou a garota. Sempre que o via, Jaya costumava ter algo espirituoso para falar, então ele soube que a

sobrinha não ter aberto nem um sorriso era o sinal de que a situação estava feia mesmo. — Ele tá num humor péssimo.

Anden entrou na casa. A grossa porta de madeira do escritório estava fechada e, por trás dela, era possível ouvir a voz exasperada do Pilar e as respostas de Lott Jin, mas impossível discernir o que estavam falando. Ele foi até a cozinha, abriu o armário, pegou um copo e uma garrafa de hoji e serviu-se de uma grande dose da bebida para fortalecer sua determinação. Parado na porta para a rua, olhou para o pátio e para os jardins e viu que, no gramado, uma pilha de blocos de concreto havia sido destroçada. Agora, os pedaços dos detritos estavam ali espalhados, alguns a diversos metros de distância, claramente arremessados num acesso de raiva.

A porta do escritório se abriu e Lott Jin saiu. O novo Chifre parecia ter levado uma séria reprimenda. Estava com uma carranca de desgosto e ressentimento, misturada ao alívio pela provação ter terminado e por ter se safado sem consequências piores. Anden o interceptou.

— O que tá acontecendo?

— O Niko tá fora — respondeu Lott. — Sem ranque, contas bloqueadas, sem ajuda nenhuma do clã. O Pilar ficou a um triz de mandar que ele fosse trazido à força pra cá e extirpado de jade. — Frente ao semblante chocado de Anden, Lott disse: — Talvez você tenha mais sorte do que eu pra conversar com ele. Na opinião dele, eu estraguei tudo com o menino, não fui um mentor que preste, não dei as oportunidades certas e não fiz ele se esforçar o bastante.

— Você não tem nada a ver com isso — disse Anden para o Chifre.

— Você sabe como ele é — respondeu Lott, e saiu da casa.

Anden entrou no escritório. Hilo estava de pé atrás da mesa, com o telefone na mão e uma caderneta de endereços aberta, procurando um número. Os nós de seus dedos estavam porcamente envoltos em gaze. Com a entrada de Anden, ele olhou para cima com impaciência e falou:

— O que você quer, Andy?

Ele encontrou o número que procurava e começou a digitar com raiva no telefone.

— Não faz isso.

— Isso o quê? — vociferou seu primo.

Anden caminhou até a mesa, forçando o Pilar a prestar atenção nele.

— *Isso*. Jogar a sua raiva e culpa nos ombros do Niko porque ele não tá seguindo o plano que você traçou pra ele. Afastá-lo porque você se sente rejeitado e ofendido pelas escolhas que ele tá fazendo pra própria vida. Você já

fez isso antes… comigo, com a Shae e até mesmo com a Wen. Pelos deuses do céu, não faz isso com o seu próprio filho.

Hilo abaixou o descanso do telefone e o devolveu ao gancho com tanta força que o aparelho inteiro chegou a saltar sobre a mesa.

— Ele não é meu filho — grunhiu. — Esse garoto nunca teve nada a ver comigo, nem de longe. Ele é tão melancólico quanto o Lan e tão raso e desleal quanto a Eyni.

— Que os deuses os saúdem — acrescentou Anden num murmúrio.

— Eu aguentei muita merda daquele menino. — Sob o olhar enraivecido, Anden conseguia ver o desnorteamento e a mágoa de seu primo. — Eu sei que ele é novo, que precisa de um pouco de liberdade pra se rebelar. Eu deixei ele bem soltinho até onde era sensato. Mas agora ele foi longe demais, porra. Desperdiçar a jade e o treinamento que ele deve à família e ao clã… pra lutar por estrangeiros, por desconhecidos, por nada além de *dinheiro*. Até mesmo os barukânes são melhores do que isso. Você é médico, Andy. Não me diz que concorda com o que ele tá fazendo.

Anden olhou para o chão, e então de volta para o Pilar.

— Não concordo com a escolha dele, mas concordo menos com o que você tá fazendo, rompendo os laços com ele.

— Não tenta me fazer mudar de ideia, Andy.

Havia um aviso na voz do Pilar, uma camada de ameaça que, em outra época, teria silenciado Anden da mesma forma que silenciava a maioria dos homens.

— Eu sei que não adianta tentar te fazer raciocinar quando você tá com raiva assim.

— Pelo menos alguém tem esse bom senso — disse Hilo, se virando e abrindo uma gaveta da mesa. — Então me deixa em paz. Não tô no clima pra conversar.

Ele pegou um pacote de cigarros abertos e xingou selvagemente ao encontrar o maço vazio. Tinha esquecido que Wen os jogara fora para tentar ajudá-lo a parar de fumar.

Anden não se mexeu, continuou na frente da mesa do Pilar.

— Deixa o Niko aceitar o emprego — disse. — Deixa ele manter o ranque, o dinheiro e a jade. Fala que, mesmo que você não concorde com essa escolha, ele ainda vai ser seu filho, que ele pode voltar pra casa quando estiver pronto.

Hilo tossiu com tudo, como se tivesse se afogado com a própria saliva.

— Você não acabou de falar que não ia tentar? Você tá indo longe demais, primo, se tá me falando como ser um pai.

— Eu não faço a mínima ideia de como criar alguém. Tudo o que sei é o que eu precisei que você me oferecesse quando eu tinha a idade do Niko. Não tô tentando discutir com você. Tô *falando* o que você deveria fazer como um pai e como Pilar. Se você deserdar o Niko, vai perder o seu filho e o Desponta vai perder seu herdeiro.

— Ele não está à altura de ser Pilar.

— É o que falavam de você antigamente — relembrou Anden. — O Niko não tem nada a ver com você, assim como você não tinha nada a ver com o Lan. Ele é esperto, Hilo-jen. Observador. Tá sempre tentando entender as coisas na profundidade, mas precisa fazer do próprio jeito, mesmo que pra isso precise pender completamente pro outro lado. Você diz que ele é frio e egoísta, mas é porque ele guarda o que sente pra si mesmo. Ele se importa, sim. Se importa com o que você pensa dele. E acho que ele precisa se libertar disso também.

O rosto de Hilo se contorceu levemente, mas ele respondeu sem piedade alguma:

— Que mensagem isso manda pro clã se eu deixar o Niko se safar dessa? Um Kaul se juntando a um exército estrangeiro privado? Os Montanha vão dar a porra de uma festa. Vão fazer a farra aliciando nossos Lanternas, nossos políticos e o povo que nos apoia. Nós vamos ser eviscerados pela imprensa. Até a Shae concorda comigo. E outros Dedos vão pensar que, se o filho do Pilar pode dar as costas ao clã e usar sua jade para encher o próprio bolso, então o que os impede de fazer a mesma coisa?

— Então na esfera pública você faz o que achar que deve fazer. Condene a decisão do Niko. Fale pra todo mundo que as ações dele não representam o Desponta, e que, enquanto trabalhar pro Sunto, ele não terá status ou privilégios do clã. Como Pilar, você fala o que for preciso. Mas pelo menos *conversa* com o Niko. Não vire as costas pra ele.

— Por que isso importa tanto pra você? — retrucou Hilo, com a paciência já visivelmente por um triz.

— Porque é o que o Lan teria feito! — Anden não tivera a intenção de gritar. Seu objetivo fora chegar e defender seu caso com calma e uma firmeza inabalável. Ele cerrou os punhos trêmulos e os apoiou contra a madeira da mesa de Hilo, pressionando os nós dos dedos contra a madeira. — O Lan jamais teria virado as costas pra qualquer um de nós. Você executou a mãe do Niko quando ele era um bebê. Todos do clã sabem, mesmo que a gente não fale a respeito. Ele merece a chance de te odiar e de abandonar o Desponta, caso seja isso o que precise fazer. Você deve isso a ele. — Anden inspirou fundo e expirou de novo.

Ajeitou a postura. — Se você deserdar o Niko, então eu vou sumir também. Vou embora, Hilo.

Hilo o encarou como se Anden estivesse segurando um fósforo sobre querosene.

— Você não faria uma coisa dessas.

— Eu tô mentindo?

O Pilar era capaz de Perceber a determinação de Anden, e saberia se fosse um blefe. Hilo não falou nada.

— Desde o instante em que o Lan me trouxe pra esta casa, tudo o que eu sempre quis foi ser um Kaul — disse Anden, com a voz brusca. — Eu odiava o lado espênico do meu sangue, e tinha medo de ser o filho da Bruxa Louca por causa do outro. Mas teve uma coisa que aprendi com o passar dos anos. Não preciso ser um Kaul se eu não quiser. Você e a Shae sempre serão Kaul. Niko, Ru e Jaya… eles também não têm escolha. Mas eu tenho.

Sua voz saía com firmeza, mesmo que a sensação fosse de que um buraco havia se aberto na boca de estômago.

— Faz anos que sou o representante do Desponta na Espênia, como você mesmo já falou. Fiz as alianças de que precisávamos em Porto Massy e em Resville. Sou eu que estou cuidando dos interesses do clã na área da saúde, treinando médicos Ossos Verdes e autorizando o funcionamento de clínicas. Se eu for embora, vocês vão perder tudo isso. Talvez possam me substituir, mas não será a mesma coisa e você sabe disso.

— Você tá me *ameaçando*, primo? — As palavras de Hilo eram mais perplexas do que raivosas.

— Tô te *pedindo*, Hilo-jen — respondeu Anden —, pra me provar que essa é a família da qual eu ainda quero fazer parte. — Ele se virou e foi até a porta. — Se no fim das contas você decidir que quer falar com o seu filho, ele tá ficando no quarto de hóspedes lá em casa. Daqui a duas semanas, vou dar uma carona pra ele até o aeroporto.




CAPÍTULO 36

Um Recomeço

Jon Remi fazia todas as refeições em um dos três restaurantes kekonésios no centro de Resville. Seu favorito era o Festim de Janloon, não porque oferecia a melhor comida (o Delícias de Kekon, a dois quarteirões dali, era mais gostoso), mas porque era o mais seguro. O restaurante ocupava dois andares de um prédio estreito. Remi sempre comia numa mesa reservada nos fundos do segundo andar. Antes de chegar, mandava dois de seus homens na frente para garantir que não houvesse nenhuma ameaça o esperando. Enquanto ele comia, guarda-costas vigiavam a escadaria, que era o único caminho para o andar de cima. As cortinas ficavam sempre fechadas sobre o único janelão, que levava a uma saída de incêndio que poderia ser usada em caso de emergência.

Muito embora o Keke do Mal usasse tanta jade a ponto de se sentir apto a dar conta da maioria das ameaças rotineiras, ele tinha um número impressionante de inimigos, e não era assim tão burro para chegar a achar que, só porque tinha habilidades de jade, não poderia ser morto numa emboscada bem planejada. Cada Tripulante do país se ultrajava por um kekonésio ter ascendido tão meteoricamente no submundo de Resville e agora controlar uma parte tão grande daquela cidade lucrativa. Alguns já haviam tentando eliminá-lo para retomar as fatias dos mercados de apostas e de prostituição que viam como algo que era deles por direito. Um dos carros de Remi fora arruinado num tiroteio de rua e,

recentemente, dois homens haviam conseguido se aproximar o bastante para tentar assassiná-lo em sua balada favorita, a Oliva Azul. Só estava vivo porque, anos antes, havia sido treinado por Ossos Verdes diretamente de Janloon. Os Tripulantes que haviam tentado abatê-lo foram devolvidos para o Chefe em sacos de cadáver.

Além dos Tripulantes, era necessário levar os magnatas das drogas de Tomascio em consideração… aqueles wianos perversos e desgraçados. Remi também não podia esquecer que havia causado revolta em muitos de seus camaradas Ossos Verdes de Porto Massy. Eles próprios poderiam vir querer atingi-lo, muito embora fosse bem mais provável que aqueles hipócritas do pau oco estivessem ocupados cobrindo os próprios rastros e o delatando para a polícia a cada oportunidade que tivessem.

Então, quando Jon Remi ouviu o rumor de que um sujeito novo na cidade vinha frequentando os ringues de luta locais e perguntando sem discrição nenhuma a respeito do Keke do Mal, sua primeira suspeita foi de que o desconhecido enxerido se tratasse de um informante da polícia. Quando mandou seus próprios subalternos investigarem, suas suspeitas mudaram e ganharam força. Por fim, ficou extremamente curioso.

— Peguem esse cara — ordenou. — Quero conhecer ele.

Naquela noite, as únicas pessoas no segundo andar do Festim de Janloon eram três dos homens de confiança de Remi — Cabeças de Cobra que haviam sido recompensados com jade por mataram tripulantes. Um deles olhou pelas frestas da cortina ao ouvir um veículo se aproximando e portas de carro se fechando na rua lá embaixo.

— Chegaram, chefe.

Remi deu uma bela olhada no desconhecido enquanto o sujeito era guiado escada acima e até o outro lado do salão. O homem tirou o boné quando se aproximou. Vestia calças marrons básicas e uma camisa preta solta debaixo de uma jaqueta desbotada de veludo cotelê. Remi deduzira que o forasteiro tivesse quase 50 anos, mas parecia mais velho, com o rosto sisudo e marcado, o cabelo escuro polvilhado de cinza e falhando nas têmporas. Ele caminhava com um cuidado um tanto cauteloso, sem pressa, mas com um estado de alerta em seu comportamento, uma arrogância predatória na forma como se portava, que indicava que se tratava de um homem que os kekonésios chamariam de verdejante na alma.

— Remi-jen — disse Maik Tar ponderadamente. Levou as mãos à testa e se abaixou numa curta saudação.

Jon Remi gesticulou para que o sujeito mais velho se sentasse à mesa. Maik obedeceu, se serviu de um copo de água e se recostou na cadeira. Não estava à vontade (parecia ser o tipo de pessoa que nunca ficava cem por cento à vontade), mas não demonstrava ansiedade alguma por estar sentado à frente de um dos mais notórios chefes do crime da cidade. Remi o analisou com interesse. Gesticulou para o garçom.

— O que vai beber?

— Só água — respondeu Maik em kekonês.

— Nem mesmo hoji? — perguntou Remi. — Este lugar importa o hoji bom lá de Kekon, nada daquele lixo barato.

— Eu não bebo. Não mais.

Remi deu de ombros e pediu uma cerveja para si mesmo. Os outros três Cabeças de Cobra à mesa semicerraram os olhos para Maik numa decepção fascinada, como se ele fosse um personagem fictício que ganhou vida.

— Mas me conta — começou Remi —, o que traz um homem que já foi um Osso Verde de alto escalão do Desponta aqui pra Resville?

Maik fechou a cara e se remexeu no assento.

— Se você me trouxe aqui pra falar do Desponta, então pegou a pessoa errada — respondeu ele, num tom amargurado. — Faz doze anos que deixei de ser um Osso Verde. Nunca mais toquei em jade, nunca mais voltei pra Janloon, nunca mais vi minha família nem uma vez. Não sou ninguém em Kekon.

As palavras vinham carregadas de uma resignação tão acre, que Remi não duvidou de que fossem verdade. Além do mais, já havia ido fundo no passado de Maik. As conexões de Remi em Porto Massy haviam corroborado com as histórias: Maik Tar fora um dos mais temidos Ossos Verdes de ambos os lados do Oceano Amárico. Era a mão direita de Kaul Hiloshudon. Havia jogado os pedacinhos do notório Willum “Canela Seca” Reams no fundo da Baía de Whitting. Então, doze anos antes, matara a própria noiva num acesso de raiva e fora exilado do clã. Cada uma das investigações de Remi confirmara que Maik não tinha contatos com Janloon. Nada de visitas à ilha, nada de telefonemas, nada de dinheiro vindo de lá. Pelo que lhe contaram, Maik Tar não tinha jade e estava no fundo do poço, mas não era alguém com quem se devia mexer.

— E ainda assim, depois de todos esses anos, as pessoas ainda sabem quem você é — disse Remi, mexendo pensativamente nos dentes com a ponta de um palito de dente. — É uma reputação e tanto, velhote. Então acho que eu querer saber o que te trouxe à minha cidade não seja uma grande surpresa.

Maik abaixou os ombros e soltou um suspiro audível.

— Porto Massy é um lugar grande, tão grande que até alguém como eu conseguiria desaparecer. Mas tá ficando caro demais viver lá. E tem muita gente com conexões com o Desponta, que sabem quem eu costumava ser. Nunca dá pra escapar de verdade. Então é hora de uma mudança. De um recomeço. Resville é mais quente, e tem gente kekonísia aqui.

Curioso, Maik inclinou a cabeça e encarou Remi, algo que poucos homens ousavam fazer.

— Além do mais, ouvi falar de um sujeito em Resville que o povo chama de Remi, o Keke do Mal. E não pude deixar de ficar pensando se ele talvez tivesse serviço pra alguém como eu.

Remi arqueou as sobrancelhas, satisfeito por sua reputação ter chegado aos ouvidos de uma pessoa como Maik Tar.

— Serviço sempre tem — respondeu ele com indiferença. — Mas por que eu confiaria em alguém que já trabalhou pros Kaul?

— Você mesmo trabalhava pros Kaul — apontou Maik. — Há menos tempo do que eu. E agora não deve mais nada a ninguém. — O antigo Osso Verde virou a cabeça, olhando em volta para os Cabeças de Cobra, mas Remi viu que os olhos de Maik não se demoravam nos ternos ou sapatos caros e nem mesmo nas armas. Ele buscava o cintilar verde nos dedos e nos punhos. Maik voltou a prestar atenção em Remi. — Ouvi dizer que você dá jade pra quem trabalha bem pra você — falou ele devagar. — Isso é algo que os Kaul jamais vão me devolver.

Remi não tinha um grande treinamento em Percepção, mas ainda assim podia ver que Maik não estava mentindo.

— Como é que eu vou saber que não foi o povo de Porto Massy que te mandou vir aqui?

Maik piscou, e então abriu um sorrisinho debochado.

— *Aquelas* mocinhas? Você só pode tá de brincadeira. — Dois dos homens de Remi não conseguiram segurar a risada. Maik meneou a cabeça. — O pessoal de lá costumava ter sangue forte, na época em que o Rohn Toro e o velho Dauk estavam vivos, mas isso já faz muito tempo.

Assim que soubera que Maik Tar estava na cidade perguntando a seu respeito, Remi soubera que teria que ou matá-lo ou trazê-lo para seu lado. Agora, admitiu para si mesmo que ter alguém do calibre e da aptidão à violência de Maik Tar à disposição realmente poderia ser útil. Precisava de gente com capacidade para coordenar as ruas. Dois de seus melhores tenentes haviam sido presos nos últimos três meses, e ele estava secretamente preocupado que os

Tripulantes fossem se aproveitar dessa fraqueza.

O Keke do Mal usava jade, mas era espênico. Não importava que tipo de reputação construísse em Resville, seria sempre incomparável à notoriedade e ao misticismo dos clãs Ossos Verdes. Keko-espênicos, independentemente de como se sentiam a respeito da velha nação, entendiam que os melhores guerreiros de jade vinham da ilha, que cresciam com jade e começavam a usá-la na infância, eram treinados em excruciantes academias marciais, e a usavam abertamente numa cultura que reverenciava a verdejância. Era simples: não havia como competir com essas vantagens. Maik Tar poderia ser um trunfo incomparável.

Ainda assim, Remi tinha suas dúvidas.

— Faz muito tempo que você deixou de ser um Punho.

Uma sombra de ferocidade perpassou o rosto de Maik.

— Eu era o Encarregado do Pilar do Kaul Hiloshudon — disse ele com um tom inalterado de orgulho. — Ele confiava os trabalhos mais difíceis do clã a mim, os serviços em que sangue precisava ser derramado com cuidado, na hora certa e do jeito certo. Eu era bom no que fazia, e não só porque era jovem e verdejante. Eu tinha o tipo de cabeça certa pro serviço. — O arrependimento se assentou feito uma máscara sobre seu rosto. — Eu cometi *um erro*, um erro terrível, e agora nunca mais posso ir pra casa. Quero trabalhar de novo com o que eu sou bom, só isso. Mas se você tá desconfiado demais de mim, tudo bem, eu entendo.

Maik vestiu o boné e começou a se levantar.

— Espera um pouco aí — respondeu Remi. Enquanto mordiscava a ponta do palito de dente, gesticulou para que um dos Cabeças de Cobra lhe trouxesse sua maleta. — Muitos homens fazem parecer que são maiores do que realmente são. Agora que te conheci pessoalmente, sou obrigado a dizer que… que você não parece ser assim.

Remi abriu a maleta e tirou uma arma, um bolo de dinheiro e um molho de chaves de carro. Colocou tudo em cima da mesa na frente dele.

— Você quer trabalhar, então toma serviço. A arma, o dinheiro e o carro atrás do restaurante são seus. Pode considerar isso um bônus de contratação. De agora em diante, você trabalha pra mim. Conversa com o Teto que ele vai te deixar a par de tudo.

Maik assentiu singela e impassivelmente, como se Remi tivesse lhe comprado um prato de comida e não lhe dado uma vida nova como o mais novo membro da gangue Cabeças de Cobra de Resville.

— Alguma pergunta? — quis saber Remi.

Maik pegou o dinheiro e guardou no bolso sem contar. Talvez contar as notas fosse contra seus modos kekonésios. Pegou a arma e as chaves, enfiou-as na jaqueta e se levantou.

— Só me diz o que você quer que eu faça.




CAPÍTULO 37

Saindo de Casa

vigésimo ano, terceiro mês

Quando o anúncio de embarque para o voo ressoou pelos alto-falantes do portão, Niko pensou: *ainda dá tempo*. Ainda poderia sair do aeroporto e ir embora, admitir que havia cometido um erro, pedir perdão para seu tio e seu lugar de volta no clã. Havia reunido toda a sua determinação raivosa e rebeldia justiceira para encarar os pais com a decisão que tomara. Agora, no entanto, uma inquietação perpassava seu estômago, e o medo era maior do que a empolgação.

Pegou o passaporte e o cartão de embarque.

— Acho que é isso, então — falou.

Seu tio Anden caminhou com ele até o portão. Nenhum dos dois disse nada. Anden era o único membro da família com quem Niko sempre podia ficar num silêncio confortável. Durante sua infância, fora comum que, na época em que sua mãe estava sofrendo com a longa recuperação das lesões cerebrais, Niko e seus irmãos ficassem sob os cuidados de tias e tios. Anden era o parente favorito de Niko. Tio Anden o deixava ler por horas, levava-o para alimentar os patos no parque ou alugava filmes para assistirem juntos. Fazia poucas perguntas e ouvia as respostas sem dar sermão. Ao contrário dos outros adultos, não ficava apenas

o levando de um lado ao outro para seguir um cronograma e nem começava conversas com “quando você crescer e tiver jade…”. Não havia mais ninguém no clã como o tio Anden, então a expectativa de Niko era zero de que houvesse alguma outra pessoa como ele.

Quando se abraçaram, Anden falou:

— Promete que vai se cuidar. Você não tá saindo de Kekon como estudante, que foi o que eu fiz. Você vai usar jade e se meter em situações perigosas, e longe de casa.

O semblante de preocupação no rosto de Anden fazia Niko sentir mais culpa do que qualquer gritaria ou reprovação ardente de seus pais.

— Prometo, tio. Obrigado por ter me deixado ficar na sua casa. Tomara que eu não tenha incomodado muito você e o Jirhuya.

— Claro que não — respondeu Anden.

Olhava em volta enquanto, esperançoso, analisava os viajantes que passavam. Esfregou o pulso desnudo como se quisesse ter jade e acesso à Percepção. Niko sabia que seu tio havia ido até a propriedade Kaul e discutido com o Pilar. Anden não comentara nada, mas Ru contara. Na noite anterior, Ru fora ao apartamento e falara muita coisa; derramara os próprios sentimentos feito bolinhas de gude enquanto implorava para que Niko mudasse de ideia.

— Mas *por quê*, Niko? *Por que* você desperdiçaria a sua posição desse jeito? — Ru estava fora de si, desnorteado. — Sei que deve ser muita pressão agora, mas *todo mundo* no clã tá torcendo pra você se tornar Pilar.

Como sempre, seu irmão exagerava, certo de que o indiscutível para ele só poderia ser verdade.

Niko desviara o olhar da expressão suplicante.

— Eu nunca estive no controle da minha própria vida, Ru. O pai te falou pra estudar o que você quiser na faculdade, pra virar o que quer que você queira ser. Eu nunca ouvi nada assim. O que faz todo mundo achar que eu *quero* ser o Pilar?

Ru agarrou-o pelos ombros e o fez encará-lo outra vez. Quando estava motivado por algo em que acreditava fortemente, era sem disputa o que se enfurecia com mais legitimidade.

— Se eu não tivesse nascido pedrolho, faria o meu melhor para virar o Pilar, independentemente do quanto fosse difícil ou até mesmo se eu achasse que fosse preferir fazer outra coisa. — Seus olhos encararam intensamente os de Niko. — Pensa na diferença que você poderia fazer, em todo o bem que você poderia fazer pra tanta gente. O clã afeta milhões de vidas. Precisa de um Pilar que seja forte e esperto. Como é que você pode simplesmente… *fugir* desse tipo de

responsabilidade?

Niko deu um passo para trás e se desenrolou bruscamente das mãos do irmão.

— Não tô fugindo.

— Então volta pra casa agora comigo — exclamou Ru. — A gente conversa junto com o pai. Eu te apoio. A Jaya também, e você sabe como ela é boa em conseguir o que quer. A gente convence o pai a te deixar fazer faculdade enquanto você se esforça pra virar um Punho. Que nem o que o Ayt Ato estava fazendo… se ele consegue, você, que é muito mais esperto, consegue também. Você só precisa de uma mudança de ares, e aí vai se sentir melhor com tudo, eu sei que vai. A gente pode ir pra Real de Jan juntos, como tínhamos planejado.

Quando Niko o encarou, indiferente, Ru partiu do elogio à acusação.

— Como é que você foi capaz de nem me contar o que estava pensando? O que aconteceu com aquela história de os irmãos ficarem juntos?

Niko meneou a cabeça, entristecido.

— Não somos mais crianças, Ru.

A decepção e a mágoa desamparada que haviam tomado conta do rosto de seu irmão fizeram Niko se sentir desconcertado de vergonha, mas ele não deixara transparecer. Ru era o único que poderia tê-lo feito mudar de ideia, que poderia ter espatifado sua firmeza. Então precisara endurecer o coração.

Niko pegou sua maleta. Não havia trazido muita bagagem. Não esperava que fosse ter muito espaço para bens pessoais quando chegasse em seu destino. Duas semanas de orientação na matriz da GSI, que ficava numa cidade chamada Forte Jonsrock, no nordeste da Espênia, seguida por três meses em um dos complexos de treinamento da empresa. Depois, entraria num contrato de trabalho com duração de dois anos e poderia ser mandado para qualquer lugar do mundo.

Anden parou de ficar olhando para lá e para cá inutilmente e se virou para Niko com um olhar pesaroso.

— Eu tentei, Niko. — Seus ombros cederam sob o peso da conformação. — Eu…

O inconfundível calor tranquilo da aura de jade do Pilar se materializou na Percepção de Niko dois segundos antes de Hilo se aproximar por trás deles com as mãos nos bolsos da jaqueta. Embora estivesse com olhos cansados, a expressão em seu rosto era indecifrável.

— Andy, deixa eu falar com meu filho a sós.

Anden olhou do Pilar para Niko. Sem dizer nada, colocou uma mão no ombro do sobrinho e deu um apertãozinho para demonstrar apoio. Depois, tocou a testa em respeito ao Pilar e saiu, de volta ao terminal do aeroporto.

— Caminha comigo — disse Hilo.

— Vou pegar um avião já, já.

— Vai levar só um minuto — disse seu tio, com uma autoridade parental tão familiar que Niko obedeceu. Seguiram para mais adiante. O rapaz queria agir com raiva, ser grosseiro. O Pilar sabia que ele vinha ficando na casa de Anden. Se quisesse ter conversado, era só ter aparecido a qualquer momento antes, e não no último instante, quando o voo estava prestes a sair.

Mas, no fim das contas, ele aparecera.

— A mãe sabe que o senhor tá aqui?

— Sabe.

Então ela continuava furiosa. Caso contrário, estaria ali também. Todos conheciam a reputação vingativa de Kaul Hilo, mas Niko entendia que era sua mãe quem tinha mais dificuldade em perdoar, que carregava rancores por mais tempo.

— Você não vai me fazer mudar de ideia — declarou o jovem. — Agora é tarde demais.

— É tarde demais pra muita coisa. — Hilo parou e se virou para encarar o sobrinho. Entregou-lhe um envelope. — Te devolvi o acesso às suas contas. Tem um cartão telefônico no envelope e uma lista de números. Todas as filiais do escritório da Homem do Tempo em outros países, e o contato de Ossos Verdes no estrangeiro que ou fazem parte do clã ou são nossos aliados, gente que vai te ajudar caso você precise de ajuda. Caso precise de ajuda de verdade. Tirando isso, você vai ficar por sua própria conta e risco.

Diversos impulsos conflitantes irromperam pela mente de Niko, mas ele não conseguia moldá-los numa palavra sequer. Queria rejeitar o gesto de seu tio com desdém e se apegar à vantagem emocional, mas isso parecia uma atitude infantil. Queria se compadecer, falar algo que corrigisse as coisas antes de partir, mas isso o faria sentir que estava admitindo a derrota. Niko nunca levara jeito para reagir aos sentimentos em tempo real, então ficou em silêncio.

O último chamado de embarque ressoou. Ele guardou o envelope no bolso da jaqueta e murmurou:

— É melhor eu ir.

Com a mão em concha, Hilo segurou bruscamente a cabeça de Niko, puxou o sobrinho para mais perto e declarou baixinho:

— Eu cortaria a garganta do Jim Sunto e incendiaria a empresa dele até virar cinzas se eu achasse que isso fosse te impedir. — Ele segurou a nuca do sobrinho com muita força. — Mas sei que a questão não é essa. Eu te amo tanto que

consigo enxergar que você tem o direito de me odiar. Mas não esquece que eu só tomei as decisões que pensei serem o melhor pra você.

Seu tio o soltou. Sua aura de jade recuou enquanto ele se afastava em meio à torrente de pessoas.



Hilo saiu do aeroporto e, quando o Lumezza FT Scorpion de Lott encostou, entrou no banco do passageiro. Dirigiram até um hotel ali por perto e subiram para uma suíte no quinto andar. Vin Solu, o novo Primeiro Punho de Janloon, estava no quarto junto com Hejo, o Primeiro Punho dos Ratos Brancos, e um dos especialistas em tecnologia de Hejo. Havia três jovens sentados ao redor de uma mesa coberta com pequenos aparelhos, atentos enquanto Hejo e seu técnico explicavam cada um dos itens. Quando Hilo e Lott entraram, os homens se levantaram às pressas e saudaram o Pilar.

— Kaul-jen — murmuraram em uníssono.

Hilo os analisou. Dois dos jovens eram Aranhas Douradas do exército kekonésio: um chamado Dasho, que Hilo não conhecia, e Teije Inno, um primo distante da família Kaul. O terceiro era um Dedo iniciante chamado Sim. Todos haviam sido ligeira, mas cuidadosamente, escolhidos pelo Chifre. Usavam pouca jade, cinco peças no máximo, e se encaixavam no perfil de Ossos Verdes de baixo escalão em busca de fomentar suas fortunas. Cada um havia se inscrito separadamente e recebido uma proposta de emprego da GSI. As malas feitas e mochilas estavam no chão, perto de seus pés.

— O Niko embarcou — disse Hilo. — Todos vocês vão partir em voos diferentes ao longo de amanhã.

Lott tirou um envelope do bolso e entregou passagens para cada um, junto com cartões de crédito e dinheiro em espécie. Hilo analisou os itens sobre a mesa, diversos dos quais haviam sido abertos para que vissem como funcionavam: câmeras escondidas embutidas em despertadores portáteis e canetas, gravadores de áudio dentro de isqueiros, escutas que poderiam ser instaladas dentro de quartos e, o mais engenhoso de tudo, gravadores escondidos no interior ou atrás de relógios, brincos e pingentes de jade. Esses haviam sido os mais caros e mais difíceis de criar, mas também provavelmente passariam mais despercebidos. Recrutas da GSI podiam carregar consigo a própria jade e usá-la como bem entendessem, e ninguém ousava tocar ou examinar a jade de outro homem.

— Aprenderam a usar tudo isso? — perguntou Hilo.

O especialista de Hejo, um dos três que haviam se especializado em equipar os Ratos Brancos do clã, respondeu:

— É tudo bem intuitivo. Podem ser facilmente descartados, caso seja necessário, e tirando a jade, nada disso pode ser ligado ao Desponta. Assim que vocês chegarem a qualquer novo lugar, usem os cartões de crédito que fornecemos em qualquer banco ou caixa eletrônico, ou liguem para um dos contatos. Vamos saber na mesma hora onde vocês estão. Se forem pegos, temos histórias consistentes já a postos pra provar que vocês estão recebendo pra angariar informações pra jornalistas investigativos do *Diário de Janloon*.

— Não se preocupem — disse Hilo para os três homens. — Vocês estão se infiltrando numa empresa espênica, não no Clã da Montanha. Se forem pegos, eles não vão matar vocês. Provavelmente não vão nem espancar ou deixar vocês aleijados. Só vão demitir e processar, e isso é fácil de resolver. Vai dar tudo certo contanto que não hajam de forma suspeita ou contem mentiras deslavadas. A Percepção do Sun não chega nem perto da do Vin.

— Ele não vai estar preocupado com Ratos Brancos? — perguntou Sim, tenso.

O Pilar franziu o cenho.

— O Sunto tá certo de que os Ossos Verdes não veem a hora de abandonar os clãs pra entrar na empresa dele. Depois da conversa que tivemos no escritório dele nas Ilha Euman, ele espera que eu vá sussurrar seu nome e que qualquer ataque do Desponta seja direto. Depois que vocês partirem, serão todos condenados oficialmente pelo clã como traidores vergonhosos. Lembrem-se de que as suas famílias saberão a verdade. Mandem qualquer informação a que tiverem acesso, mas o mais importante é ficar de olho no Niko. — Seu sobrinho era um maldito de um idiota, mas, pelos Céus, Hilo jamais iria perdê-lo em alguma guerra estrangeira estúpida. — Contanto que o meu filho esteja vivo e bem, e que vocês nos informem qualquer coisa que descobrirem, o dinheiro vai continuar chegando pras suas famílias.

Estavam recebendo mais do que a GSI estava pagando e, acima de tudo, coisas que a empresa de Sunto não tinha como oferecer: o perdão de um empréstimo dos pais de Dasho, faculdade para a irmã de Teije e um transplante de coração urgente para a sobrinha de Sim.

— Todos vocês entendem o que está sendo pedido? — perguntou Lott. — Se entendem, então se ajoelhem e façam um juramento ao Pilar.

Juntos, os três se abaixaram no carpete do quarto de hotel e ergueram as mãos entrelaçadas numa saudação para Hilo.




CAPÍTULO 38

Temos Algo a Fazer

Bero voltou para Janloon na surdina, feito um gato a uma lixeira (discreta e vorazmente). Quase seis anos haviam se passado desde que os espênicos o arrancaram da cidade de uma hora para outra. Seis anos! Um tempo que parecia ter magicamente desaparecido. Galo e Berglund haviam feito os preparativos para que ele fosse realocado, não para a RDE, mas para Iwansa, um território espênico ao sul do arquipélago uwiwano. Bero nunca nem soubera que os espênicos possuíam uma minúscula ilha nas Uwiwas, um lugar desagradável de tão seco e monótono, que servia para atrair turistas espênicos.

Os espênicos haviam lhe dado uma nova identidade e um apartamento de um quarto. Bero não fora idiota de gastar todos os thalirs espênicos que recebera pelos anos como informante com uma vida luxuosa e chamativa em Janloon, então teve dinheiro o bastante para durar um bom tempo nas Uwiwa, onde tudo era barato.

O principal problema era que odiava Iwansa. Ninguém falava kekonês. Bero não sabia nada de uwiwano, então precisava se virar com o pouco de espênico que entendia aqui e acolá. A comida local era tudo uma mistureba sem gosto enrolada em folhas de palmeira e esse tipo de desgraça. Fazia um dinheiro quando esperava perto dos lugares onde os cruzeiros atracavam e encontrava

turistas kekonésios ou espênicos que lhe pagavam para levá-los pela ilha.

Não havia nada para fazer. Tudo o que queria era voltar para Kekon, mas a última coisa que seus dirigentes do exército espênico haviam feito fora avisá-lo que *não* deveria seguir com essa ideia. Não conseguia esquecer a desconcertante lembrança dos militares da RDE, vestidos todos de preto, pegando Molovni e o carregando para fora do apartamento com um capuz sobre sua cabeça. Um ano depois do ataque terrorista em Janloon, Bero ouvira falar de um desertor ygutaniano chamado Agente M que cedera todos os segredos do programa nekolva para o exército da RDE. Só podia ser Molovni, mas o Vastik eya Molovni que Bero conhecia havia tentado meter uma bala na própria cabeça para não ser capturado. Podia apenas imaginar o que os espênicos deviam ter feito para transformar o sujeito em uma mera ferramenta. O que será que fariam com Bero se soubessem que ele ia fugir?

Com o passar do tempo, no entanto, pararam de prestar atenção nele. Bero parou de receber as ocasionais e desconcertantes ligações dos representantes do governo da RDE para ver como ele estava. Talvez com a Guerra Latente seguindo algum outro rumo, o que Bero fazia ou deixava de fazer já não interessava ou preocupava mais. Ou talvez Galo e Berglund tivessem simplesmente se esquecido dele. Bero ainda detestava Iwansa, mas era obrigado a admitir que havia se acostumado. Em quais perigos se meteria caso voltasse para Kekon?

Você virou uma baita de uma bichinha agora.

Assim que voltou a Janloon, no entanto, Bero se sentiu melhor, como se houvesse passado anos sendo assado num espeto e agora finalmente o tivessem jogado numa banheira fria cheia de bálsamo. No primeiro dia de volta, se sentou num banco de praça em Garrarra e ficou absorvendo a cidade em seus poros; a gordura da comida de rua, o som dos vendedores ambulantes e dos taxistas gritando em kekonês, a umidade da primavera em sua pele ressecada. Até mesmo o lixo em Janloon tinha um cheiro melhor do que em qualquer outro lugar, os ratos eram mais elegantes.

A maioria das pessoas que Bero conhecera haviam partido. Por curiosidade, voltou ao salão do Caquizinho e, para sua grande surpresa, encontrou Tadino trabalhando no bar. O sujeito parecia diferente; estava com o cabelo mais comprido e havia perdido aquela bravata zombeteira e a língua afiada. O que havia agora era um semblante assombrado em seus olhos e, na bochecha esquerda, uma cicatriz circular vermelha em alto relevo que distorcia a pele de seu rosto.

— Puta merda, é você, keke? — exclamou Tadino. — Por onde andou?

— Em lugar nenhum — respondeu Bero. — Longe de todos esses filhos da puta.

— Saiu da cidade? Mandou bem. Pensei que talvez tivessem te pegado nas operações policiais que nem todo mundo. — Tadino secou as mãos numa toalha e, nervoso, olhou em volta antes de se inclinar para a frente e, em voz baixa, dizer: — Eles tinham a porra de uma lista com os nossos nomes, keke. Sabia que o Molovni desapareceu? Deve ter dedurado a gente. Que bom que você se safou.

— O que aconteceu com o seu rosto? — perguntou Bero.

Tadino estremeceu e, involuntariamente, tocou a cicatriz na bochecha.

— Você estava sumido mesmo, hein? O Clã da Montanha veio aqui, falando que era onde os anti-clã se reuniam. Eu me safei porque acharam que eu fosse só o bartender.

— Não parece tão ruim — respondeu Bero.

— Essa porra doeu tanto que eu me mijei. — Tadino sentiu um calafrio ao se lembrar e, agitado, passou uma mão pelo cabelo bagunçado. Encarou Bero com um estranho olhar de desespero. — Mas vou te contar que eu tô feliz em te ver, keke. Não sobraram muitos de nós, sabe. Mas, afinal de contas, por que você voltou?

— Preciso de trabalho.

Era verdade. Havia usado toda a grana espênica e precisava fazer dinheiro de novo. O óbvio a fazer seria voltar a roubar ou a traficar drogas, mas, depois de conversar com Tadino, não teve escolha a não ser concluir que era arriscado demais. Os clãs sempre toleraram um certo nível de crime urbano, mas, nos últimos tempos, qualquer um que fosse pego envolvido em atividades anti-clã (roubo ou depredação de empresas dos clãs, contrabando de brilho, tráfico de jade, associação ao Movimento Futuro Sem Clã ou a causas radicais, ou simplesmente ter conexões suspeitas demais com estrangeiros) poderia receber qualquer punição, desde uma marca no rosto até uma cova, dependendo da gravidade da transgressão. Em diferentes momentos da vida, Bero já cometera cada um desses delitos, e agora que havia finalmente retornado a Janloon, tudo o que menos precisava era chamar a atenção dos Ossos Verdes.

Bero tinha poucas habilidades que lhe ajudassem a arrumar um emprego legal, mas sabia dirigir e conhecia bem as ruas, então arranjou serviço como entregador de encomendas. Só que o pagamento era um lixo, então, depois de seis meses, ele bolou um plano com dois dos amigos de Tadino e começou a usar a van da distribuidora para transportar fitas de vídeo e de música pirateadas para

comerciantes de rua que as vendiam para turistas nas Docas e nos distritos do Templo e do Monumento. Contanto que estivessem se aproveitando de estrangeiros, ele imaginava que não teria problema, muito embora o dinheiro fosse mediano. Nada perto do que já havia feito como peixe-pedra equipado com jade, como contrabandista de brilho ou informante. Bero decidiu que era capaz de conviver com isso. Era menos dinheiro, mas menos perigo. Então tudo bem. Tinha 36 anos agora, velho pra caralho.

— Temos que fazer alguma coisa. — Tadino começava a dizer sempre que Bero aparecia para beber no Caquizinho. Ao que parecia, a cicatriz no rosto do sujeito não repelia os clientes. Inclusive, o tipo de gente que frequentava o estabelecimento parecia tratá-la como um distintivo de honra, ou uma marca de credibilidade, como uma tatuagem feita na prisão. — Temos que salvar o Movimento Futuro Sem Clã antes que seja tarde demais. Caso contrário, quem vence são os clãs.

— Os clãs sempre vencem — murmurou Bero com desdém. — O Guriho e o Otonyo explodiram um prédio onde estavam todos os líderes Ossos Verdes e onde foram parar? Viraram comida de minhoca.

— Porque eles entenderam tudo errado — insistiu Tadino. — Tô te falando, eu já pensei muito nisso. Foi idiotice tentar se livrar dos clãs daquele jeito. Só serviu pra eles se unirem e nos pisotearem juntos. Agora tão nos caçando que nem cachorros. — Tadino estava limpando a bancada do bar com passadas violentas de pano, colocando todo o ódio na madeira polida. — E o que aconteceu com aqueles “amigos” gringos que o desgraçado do Molovni prometeu que iam apoiar a causa? Cadê esses filhos da puta agora? Deixaram a gente aqui, sendo massacrado. Nós temos que nos salvar, porque ninguém mais vai vir nos resgatar.

Com isso Bero não tinha como discutir, então não falou nada, o que só encorajou Tadino. O sujeito recostou um cotovelo no bar e aproximou o rosto anguloso do de Bero.

— Não me diz que pra você deu, keke. Você não vai só ficar aí sentado bebendo igual a um inválido, né? Você e eu, a gente ainda dá conta. Você ainda quer ferrar os clãs tanto quanto eu.

Com uma careta, Bero bebeu seu hoji. Só porque ainda odiava os Ossos Verdes não significava que iria arriscar o próprio pescoço pelos lamentáveis resquícios do Movimento Futuro Sem Clã. Sem o dinheiro e as armas que Molovni trazia de Ygutan, o que poderiam fazer? Era melhor seguir em frente, deixar esse velho papo-furado no passado.

Tá vendo? Você virou mesmo uma bichinha.

Bero virou o restante da bebida num rompante de ódio dele mesmo. Havia amolecido e virado um inútil durante o tempo que passara em Iwansa. Costumava ser ousado, cheio de sangue forte. Havia feito coisas que ninguém mais fizera. A conversa de Tadino podia até ser papo-furado de um sujeito amargurado, mas pelo menos ele ainda estava *pensando*, continuava tentando fazer o que Bero também costumava fazer: inventar um plano capaz de mudar *tudo*. Talvez esse desgraçado com cara de rato tivesse razão. Talvez ainda houvesse mais coisas para Bero fazer.

Ele semicerrou os olhos com um interesse cauteloso pela primeira vez.

— No que você tá pensando?

— O negócio é o seguinte. — Tadino lambeu os lábios. — O único jeito de derrubar um clã Osso Verde é com *outro* clã Osso Verde.

— Onde você quer chegar com isso?

— Qual é a melhor época pra gente como a gente? — Tadino respondeu à própria pergunta com um brilho no olhar. — Quando tem *guerra*, keke. O caminho pra derrubar os clãs é fazer eles entrarem em guerra um contra o outro de novo.




CAPÍTULO 39

O Clube dos Pedrolhos

No primeiro dia de aulas na Universidade Real de Jan, Kaul Rulinshin parou na principal praça do campus, tomado de uma empolgação nervosa enquanto via os estudantes passeando pelos jardins entre os amplos gramados e prédios de tijolo à vista. Ru não se considerava uma pessoa lá muito acadêmica, mas, por ter crescido numa família que governava um clã e na qual praticamente todo mundo era ou guerreiro de jade ou tinha algum cargo administrativo, a mera riqueza de possibilidades da faculdade já bastava para deixá-lo zonzo.

Uma densa nuvem de tristeza manchava o céu límpido de seu humor. *Era pro Niko estar aqui*. Niko sempre fora o inteligente, o que gostava de ler e que ia bem na escola, que surpreendia os adultos com o tipo de coisas que aprendia e das quais se lembrava. Agora, Ru não fazia ideia do paradeiro de seu irmão. Havia recebido uma carta de Niko dizendo que ele havia terminado as duas semanas de orientação na sede da GSI, em Forte Jonsrock, na Espênia. Ru tivera que procurar esse lugar numa enciclopédia para descobrir onde ficava. Niko não falou para onde estava indo agora, nem mencionou a dolorosa conversa que tiveram antes dele partir. Na carta, não comentou nem se estava gostando do trabalho ou até se estava feliz ou não. Como o envelope não contava com endereço de remetente, Ru não tinha como responder.

O rapaz colocou a mochila nos ombros e foi para a primeira aula, Introdução ao Governo e Sociedade. É uma matéria introdutória que acontece num enorme auditório com assentos duros e iluminação fraca. Ninguém o reconheceu ali ou nas outras duas a que foi naquele dia, o que não era surpresa. Seu pai cuidava para que a imprensa mantivesse distância dele e, comparado aos seus irmãos, sempre passara despercebido dentro do clã.

Quando pegou livros na biblioteca no dia seguinte, no entanto, a bibliotecária que checou sua carteirinha o encarou com certa curiosidade e então olhou para o nome.

— Ah! Kaul Rulinshin? Você é o filho do Pilar, o… — Ela não terminou a frase com *pedrolho*. Corando de vergonha, tocou a testa numa saudação encurtada. — Meu marido e os pais dele são Lanternas do Desponta. São donos da Carruagem de Wan, a franquia de mecânicas automotivas. Todos os principais Ossos Verdes do clã levam os carros lá. Meu marido trabalhou no Lumezza do Chifre, no Cabriola da Homem do Tempo e, é claro, no Duchesse do seu pai. — Ela conferiu os livros de Ru com vigor. — Estávamos na festa de Ano-novo do clã, aquela grandona no Hotel Estrela Universal mês passado. Imagino que você tenha ido, não é? Foi um evento enorme! Certeza de que o seu pai não deve se lembrar de nós, já que conversou com tanta gente aquela noite, mas, se tiver uma chance, poderia dizer que os Wan da Carruagem de Wan, mandam suas mais leais saudações?

— Nessa quindia quando eu for jantar em casa eu falo pra ele — prometeu Ru.

A bibliotecária ficou reluzente.

— É uma honra te conhecer. Volte sempre. Se algum dia quiser reservar um dos cubículos particulares de estudo ou as estações de computador, é só me avisar. Vou arranjar o melhor pra você. O tempo máximo é duas horas, mas consigo dar um jeitinho nisso.

Ru agradeceu. Quando voltou à biblioteca para pegar mais livros, falou para a Sra. Wan que seu pai havia dito que não confiaria seu Duchesse a nenhuma outra mecânica automotiva, o que a deixou tão feliz que ela lhe deu uma senha dos funcionários para que Ru pudesse usar qualquer uma das máquinas de fotocópia da biblioteca sem precisar pagar pelas impressões. Ele teve alguns outros encontros com membros ou associados do clã no campus. O monitor de sua aula de economia era irmão mais novo de um Punho de alto escalão. Uma de suas colegas de Literatura Kekonísia Avançada era filha de um partidário do Desponta no Conselho Real. Vez ou outra era reconhecido no campus por

estranhos que o paravam para prestar respeito à sua família.

Esse tipo de atenção teria irritado Niko. Ele teria começado a andar às pressas de um lugar a outro para evitar que as pessoas o abordassem. Ru não se importava. Sempre sorria e respondia de forma amigável. Sem Niko, ele precisava começar a se considerar o primeiro filho da família. Muito embora não pudesse ser um líder do clã, ainda assim poderia fazer a diferença. Afinal de contas, sua mãe também era pedrolha e ajudava seu pai a ser o Pilar. Ru achava que, se seu irmão ao menos acreditasse em si mesmo, ele poderia tê-lo ajudado.

Ele vai voltar, dizia Ru para si mesmo. *Tem que voltar.* Fora de partir o coração ver seu irmão não apenas ser condenado pelo pai, mas injuriado pela imprensa, usado como prova da moralidade em declínio de uma geração mais nova que era menos verdejante e não respeitava mais o aisho. Esses pseudoespecialistas não sabiam nada a respeito de Niko, e essa caracterização ofensiva certamente não se aplicava a Jaya, ou Cam, ou aos gêmeos Juen. Ru ficava revoltado em ouvir o povo falando coisas ignorantes e negativas baseadas em impressões rasas ou disse me disse. Então sentia uma responsabilidade de representar a família e o Desponta da melhor forma possível. Além do mais, gostava de conhecer pessoas e de aprender todas as variadas formas com que o clã influenciava a vida dos kekonésios comuns.

Mesmo assim, Ru se sentia sozinho no enorme campus da Universidade Real de Jan. O status de sua família sempre o separara de seus colegas e acrescentava uma camada de dificuldade no que dizia respeito a fazer e manter amigos. Colegas de sala deduziam que ele não iria querer passar horas de pé numa fila para ver o novo filme de Danny Sinjo, já que os pais poderiam levá-lo na estreia. Ficavam hesitantes de convidá-lo para uma festa na piscina no Parque do Verão, que era um território controlado pelos Montanha, pois sabiam que ele precisaria ir com guarda-costas. Era grato pelo time de releibol que tivera no ensino médio, e por seus melhores amigos, Tian e Shin, que o tratavam de igual para igual. Mas Tian fora fazer faculdade no Instituto de Tecnologia de Lukang e Shin entrara no exército kekonésio. Ru não tinha nem mesmo Koko para lhe fazer companhia, já que animais de estimação eram proibidos nos alojamentos estudantis.

Ele analisou o quadro de avisos do centro de convivência com anúncios de diferentes clubes no campus e decidiu tentar a sorte. Numa tarde de quardia, seis semanas após o início de seu primeiro semestre, seguiu para uma sala de aula no portão do edifício das ciências sociais para participar de uma reunião do braço estudantil da Sociedade Beneficente pela Não Reatividade de Jade. Ele sabia a respeito da SBNRJ porque sua mãe havia discursado em alguns eventos da

organização e fora entrevistada para um perfil na revista que publicavam. Ru estava com a boca seca de nervoso quando entrou. Como será que os outros membros reagiriam à intromissão do filho do Pilar? Afinal de contas, a família de Ru se assentava no topo da estrutura de poder cultural que reverenciava habilidades de jade e estigmatizava pedrolhos e toda a etnia abukiana.

Sobre algumas mesas amontoadas contra a parede havia uma variedade de garrafas de refrigerante e uma porção de aperitivos (as esperadas cumbucas de nozes e bolachas, bolinhos de tâmara, doces de gergelim e fruta, as besteiras de sempre). Havia catorze pessoas na sala; nove pedrolhos kekonésios e cinco alunos abukianos. Uma jovem abukiana cumprimentou Ru com empolgação e o instruiu a escrever o nome num crachá. Ele obedeceu com receio, e depois pegou uma garrafa de refrigerante antes de se sentar em uma das cadeiras vazias que haviam sido arranjadas num círculo no meio do espaço.

Um dos alunos kekonésios se levantou e se apresentou como Dano, do terceiro ano do curso de políticas sociais e líder do braço estudantil da SBNRJ. Muito embora fosse o meio da tarde, o rapaz parecia ter acabado de acordar. O cabelo espetado apontava para várias direções, sua barba não estava feita e a camiseta e calça jeans amassadas poderiam muito bem ter sido pegas do fundo de um cesto de roupa suja. Mesmo assim, o sujeito estava extravasando de entusiasmo.

— O importante do nosso clube é a gente apoiar uns aos outros — declarou o jovem ao pequeno grupo. — Aposto que cada um de nós aqui já esteve numa situação em que se sentiu sozinho. O azarado, alguém com quem os deuses não se importavam. Bom, não é bem assim. Vocês não estão sozinhos. E quanto mais trabalharmos juntos pra educar o povo quanto à não reatividade e nos abrirmos em relação a quem somos, menos sozinhos vamos ficar.

Dano então explicou o cronograma de reuniões, eventos do clube, a afiliação com a SBNRJ nacional e a parceria no campus com a Aliança Estudantil Abukiana, e falou de vagas de voluntariado que precisavam ser preenchidas.

— Tô vendo que temos alguns membros novos — disse Dano —, então vamos todos nos apresentar.

Ele se recostou na cadeira.

Ru não se lembrava do nome de nenhum outro aluno. Quando chegou sua vez de falar, estava com as mãos suadas. Enxugou-as na calça jeans e disse:

— Meu nome é Kaul Rulinshin. Este é meu primeiro ano na Jan. — Pigarreou. — Minha família é… bom, minha família é cheia de Ossos Verdes. Passei a vida inteira cercado pela cultura do clã e de jade, então… tudo isso é

bem novo pra mim. Tô feliz por ter achado esse clube, e não vejo a hora de conhecer todo mundo.

Não conseguia entender as expressões ao seu redor. Se tivesse ao menos Percepção, iria saber se deveria se levantar e ir embora. Mas, claro, se tivesse Percepção, nem estaria ali.

Dano começou a bater os pés no chão em aplauso. O restante dos membros seguiu a deixa com sorrisos receptivos, e Ru relaxou os ombros, aliviado.

— Bem-vindo ao clube dos pedrolhos, keke. A propósito, sou contra tudo o que o seu clã defende. — Dano deu um sorriso tão grande que suas bochechas se esticaram, e então se inclinou para dar um tapinha no ombro de Ru. — Vamos nos tornar grandes amigos!



E se tornaram mesmo. Dano tinha um talento inato para fazer conexões. Conhecia pessoas de todos os meios e vivia ou indo ou voltando de alguma festa maluca. Ao que parecia, passar uma quantidade considerável de suas horas acordado bêbado ou de ressaca não abalava sua energia. Além de ser o líder do braço estudantil da SBNRJ no campus, ele tinha envolvimentos com a Liga Independente, uma organização de base que militava pela eleição de candidatos políticos sem filiação aos clãs, a Vigília pelos Direitos dos Imigrantes, que oferecia assistência legal e econômica a refugiados, e do *Crença Real*, o jornal do campus. Às vezes, Ru se perguntava se Dano sequer frequentava as aulas.

Tinham debates acalorados depois de toda reunião do clube dos pedrolhos. Dano amava argumentar quase tanto quanto amava beber. Depois de Ru mencionar que provavelmente trabalharia no Desponta quando se formasse, o sujeito falou:

— Vai dedicar a sua carreira a sustentar o próprio sistema que estigmatiza a não reatividade. Não acha que é meio como um porco construindo o próprio braseiro?

Ru ficou boquiaberto. Nunca conhecera alguém que ousasse lhe falar algo assim.

— Não dá de culpar o meu clã por centenas de anos de superstição. Meu pai sempre me apoiou e nunca me diminuiu. Ele nomeou minha mãe como sua Encarregada do Pilar. Talvez o fato de eu e ela sermos pedrolhos que fazem parte do clã seja um dos motivos pro preconceito contra a não reatividade estar *diminuindo*.

Saíram do porão das ciências sociais e, atrasados para a aula, porém ainda

discutindo, seguiram apressados pelo campus.

— Mesmo que os seus parentes sejam queridos com você em específico — falou Dano —, os clãs continuam existindo pra proteger os interesses dos Ossos Verdes e para mantê-los no poder em detrimento de todas as outras pessoas.

— A sociedade não é um concurso de Ossos Verdes versus civis! — argumentou Ru. — Toda família Osso Verde tem membros e amigos que não usam jade, e os clãs protegem toda Kekon. Se você estudasse história — um golpe baixo deslavado, porque era para Dano estar a caminho da aula de história —, saberia que, se não fosse pelos Ossos Verdes, nosso país seria uma zona pós-colonial toda saqueada como as Uwiwa, e não uma economia próspera e moderna.

Dano deu de ombros, claramente gostando de provocar o parceiro de duelos verbais.

— Eu admito que a Sociedade da Montanha Única foi muito importante na derrubada da ocupação shotariana, mas isso já faz quase cinquenta anos. Não existem clãs em outros países. São instituições obsoletas e paroquiais.

— Você precisa mesmo ficar tirando tanta opinião do rabo assim? — Ru quase gritou. — Claro, o clanismo não é perfeito… nenhum sistema é. É por isso que todo mundo deveria estar trabalhando junto pra melhorar as coisas, não jogando tudo pelo ralo como os estrangeiros e os anarquistas querem. Pensa no comércio internacional, na reforma militar, até mesmo no crescimento da indústria do entretenimento… foram os clãs Ossos Verdes que *lideraram* essas mudanças. Meus próprios *parentes* que fizeram elas acontecerem. Você não sabe merda nenhuma! — Chegaram ao prédio de estudos internacionais, onde seria a próxima aula de Ru. — Então, a gente se vê na quindia?

— Aham — respondeu Dano. — Leva dinheiro; ouvi falar que vai ter strippers.

Ru não tinha certeza se gostava mesmo desse sujeito ou não. Ele sabia como ser moralmente presunçoso, ignorante e irritante, mas Ru nunca conhecera ninguém que desafiasse sua visão de mundo com tanta frequência. Era revigorante.

Cometeu o erro de falar de seu novo amigo para Jaya.

— Ele parece um merdinha linguarudo e burro — declarou sua irmã. — Ele falou essas coisas mesmo? Me surpreende que os Koben não tenham pegado esse garoto e queimado a bochecha dele ainda.

Preocupada, ela semicerrou os olhos para o irmão.

Jaya sempre tivera o insuportável hábito de agir como se os dois fossem da

mesma idade, como se ter nascido destinada a se tornar uma Osso Verde de alguma forma a elevasse na ordem natural dos irmãos. Quando estavam no primário, Jaya derrubara outra menina com um chute durante o recreio e jogara todos os seus livros numa poça enlameada porque a garota havia apontado para Ru e apertado o lóbulo da orelha.

— Se fizer isso de novo, eu vou na sua casa e mato todos os seus animais de estimação — prometera Jaya, como se *ela* fosse a filha mais velha e precisasse proteger Ru dos valentões do parquinho.

A outra garota havia chorado, o que deixara Ru apavorado e morrendo de vergonha. Ele teria ignorado a provocação insossa, e de forma alguma precisava que Jaya o defendesse.

Por seu semblante agora, era óbvio que ela suspeitava que Ru não estava andando em boas companhias.

— Será que alguma dessas pessoas da faculdade que você anda conhecendo estão nas listas do Lott-jen? Qual era o nome dele mesmo?

— Deixa pra lá — respondeu Ru rápido. — Ele só gosta de provocar; não é ninguém com quem se preocupar.

Algumas das coisas que Dano falava poderiam de fato ser interpretadas como opiniões radicais anti-clã, o que tinha potencial de levantar suspeitas de conexões com o Movimento Futuro Sem Clã. Ru tinha 12 anos na época do ataque em Janloon. Jamais se esqueceria de ser tirado da escola e de ter esperado mais de um dia para descobrir se o pai ainda estava vivo. Odiava os anarquistas violentos e entendia melhor do que ninguém as motivações para a baixa tolerância a atitudes anti-clã.

Dano, no entanto, era um universitário como ele, não um terrorista do MFSC. Ru estava começando a achar que a ameaça dos extremistas anti-clã havia infelizmente reprimido discussões válidas a respeito de como os clãs poderiam ou deveriam mudar de formas que beneficiassem mais kekonésios, incluindo pessoas que jamais usariam jade ou que não haviam nascido em famílias Ossos Verdes. Dano não enxergava os bastidores como Ru. O Montanha e o Desponta eram entidades rígidas vagamente malevolentes para ele. Não conseguia compreender que os pais de Ru, que sua tia Shae e que seu tio Anden eram pessoas reais. Pessoas do bem. Que eram as pessoas que faziam o clã ser o que era.

Ru discordava do amigo em muitas coisas, mas não queria que nada de ruim lhe acontecesse. Decidiu que, a partir de então, ficaria de boca fechada perto de Jaya. Sua irmã estava no oitavo ano da Academia, mas não tinha dúvidas de que

iria prestar juramentos como Dedo quando se formasse. Se Jaya considerava Dano uma ameaça à sociedade, ou no mínimo uma má influência para o irmão, vai saber o que ela poderia fazer.




CAPÍTULO 40

Filhas Difíceis

vigésimo primeiro ano, primeiro mês

A Academia Kaul Dushuron havia mudado de forma notável desde que Shae estudara ali. Havia novos prédios e instalações dedicados a aulas de armas de fogo, vigilância, programação e outras áreas. Havia agora um dormitório separado para alunos adultos estrangeiros, e mais campos de treinamento para acomodar aprendizes no programa semipresencial, que fora fundado apesar de uma certa preocupação de ex-alunos de que isso pudesse enfraquecer a marca da escola e desviar o foco do programa integral. Uma coisa que não mudara em mais de vinte anos, no entanto, era a tradição das Pré-provações.

As Pré-provações do oitavo ano de Jaya aconteceram no fim de um gélido, porém ensolarado, dia de outono, e toda a família Kaul compareceu ao evento para apoiá-la. Até mesmo Anden e Jirhuya foram, depois de decidirem juntos que iriam suportar seus respectivos desconfortos ao irem ali. Para Anden, qualquer visita à Academia reavivava a lembrança da humilhação de sua cerimônia de formatura. Jirhuya talvez fosse um dos poucos abukianos a adentrar o território da escola.

Numa rara demonstração de apoio fraternal, Ru torceu alto pela irmã, e Hilo

reluziu de orgulho quando o nome de Jaya disparou para o topo do ranque depois do evento da Deflação. À tarde, a pontuação em Leveza a derrubara para o sexto lugar, mas Hilo falou que não fazia diferença se a filha fosse a Melhor da Turma ou não; só queria vê-la feliz com seu rendimento.

— Foi aqui que todos os Ossos Verdes da nossa família estudaram — disse Hilo para Tia, segurando a filha de Shae no colo enquanto Woon comprava refrigerante para todos. — Você vai vir pra cá também quando for mais velha.

No Massacre dos Ratos, Jaya assumiu a posição, estralou o pescoço para a frente e para trás e trocou um cumprimento com a garota ao seu lado. Mostrou a língua para um dos meninos no fim da fileira e soprou um beijo para um dos alunos do sétimo ano na plateia, o que fez Hilo semicerrar os olhos, desconfiado. Os ratos nas gaiolas corriam em círculos, e suas patinhas arranhavam a tela de arame. O sino dobrou. Jaya extinguiu dois ratos em um canto ao mesmo tempo com sua primeira rajada de Afluência. Xingou alto ao errar o próximo golpe, que, embora tivesse atordoado o bicho, não o matara, mas conseguiu ao tentar de novo, então matou os dois restantes com estalos de energia sucessivos, superando, assim, o melhor tempo (do garoto no fim da fileira) em 0,85 segundo. A plateia comemorou, mas Hilo foi o que celebrou mais alto, e Jaya ergueu os punhos no ar e dançou, vitoriosa.

Tia começou a chorar.

Shae e Woon tentaram reconfortá-la.

— São só ratos — disse Woon. — Precisam morrer pros alunos treinarem Afluência.

— Por que as pessoas comemoram quando eles morrem? — choramingou Tia.

— A gente não tá comemorando porque eles morreram, mas porque a Jaya ganhou — explicou Shae.

— Ela ganhou matando eles! Todo mundo na escola tem que matar rato? Vocês mataram também?

Quando os dois admitiram que sim, Tia chorou ainda mais.

Shae e Woon foram embora antes da cerimônia de premiação e refrearam as lágrimas de Tia ao comprarem pão frito no drive-thru de uma Ponto Quente a caminho de casa. Mais tarde naquela noite, enquanto Woon colocava a pequena na cama, Shae foi até a casa principal.

— Ela já tem 6 anos e meio — disse para Hilo, preocupada. — Será que eu fiz algo de errado? Não acho que eu tenha protegido ou mimado ela demais.

Não havia sido a primeira vez que Tia se chateara com tanta facilidade. A

menininha se recusava a assistir rinhas de galo. Até mesmo treinos de luta no gramado a deixavam ansiosa. Claro, a compaixão era uma das Virtudes Divinas, mas a violência também fazia parte da vida numa família Osso Verde. De onde será que Tia tirara tanta brandura?

— Talvez seja porque eu não dou atenção e tempo o suficiente para ela.

Shae e Hilo estavam sozinhos na sala de estar, e o resto da casa estava silenciosa. Ru havia retornado ao campus, Jaya estava com os colegas numa festa pós Pré-provações e Wen, cansada do longo dia, já havia ido dormir. Jaya ficara em terceiro no ranque final, um ótimo resultado.

Hilo tirou dois copos e uma garrafa de hoji do armário e serviu as doses. Pegou um copo e, sorrindo, estendeu o outro para ela.

— Por dentro, tô morrendo de rir que a minha irmãzinha durona tá sentada aqui se lamentando e pedindo conselhos de paternidade.

— Não tô me lamentando *nem* pedindo conselhos de paternidade — retrucou Shae por instinto antes de admitir para si mesma que talvez estivesse, sim.

Agarrou o copo de hoji.

— Shae — disse Hilo, agora sério —, se tem uma coisa que eu aprendi nesta vida, é que, não importa o quanto a gente tente, não temos como fazer os outros serem de um determinado jeito, nem mesmo nossos filhos. Principalmente nossos filhos.

Shae sabia que ele estava pensando em Niko, onde quer que o rapaz estivesse. Ela não podia condenar o sobrinho por ter dado as costas à família e ao clã, afinal, havia feito a mesma coisa no passado, mas agora compreendia, de um jeito que não compreendera antes, como era para quem ficava para trás sentir o peso da cadeira vazia à mesa. Esperava que Niko estivesse fazendo o que quisesse fazer, encontrando o que quer que quisesse encontrar. Tudo o que podia fazer era rogar para que os deuses mantivessem o filho de Lan em segurança.

Hilo passou um longo instante encarando morosamente o copo de hoji, então girou o líquido e bebeu.

— Nem todo mundo nasceu pra essa vida. E não tô falando de usar jade. Tô falando de tudo.

Shae puxou os pés para cima do sofá e se acomodou sobre as pernas. Bebericou o hoji e recostou a cabeça nas almofadas.

— Não é que eu queira que a minha filha siga meus passos. — Ela cometera muitos erros na vida, mas, quando analisava as próprias decisões, era incapaz de discernir quais haviam sido certas ou erradas. — Mas hoje doeu um pouco quando a Tia olhou pra mim com os olhos marejados. Deu pra ver ela chegando

à conclusão de que talvez a mãe não fosse uma pessoa tão boa.

A aura de jade de Hilo se expandiu e então se recolheu na Percepção de Shae, um profundo suspiro mental.

— Só crianças e deuses são tão arrogantes a ponto de julgarem o que não entendem. É inútil ter medo das opiniões deles. Não se preocupa com a Tia. Ela só tem 6 anos e meio, como você falou. Ainda é nova demais pra te gerar preocupação.

Ficaram sentados em silêncio por alguns minutos. Lá fora, Shae podia ouvir os funcionários pintando a casa do Chifre e aumentando a garagem para comportar seu novo ocupante. Os Juen haviam se mudado da propriedade e estavam passando um ano viajando pelo mundo. Shae estava feliz por eles. Nem todo mundo do alto escalão do clã precisava ser como ela e Hilo. Nem todo mundo precisava ser um Kaul.

Shae parou para pensar em todas as motivações que haviam instigado seus esforços como Homem do Tempo ao longo dos anos. Compromisso, vingança, rivalidade, orgulho e realização pessoal, a esperança e a fé de que poderia fazer o Desponta se tornar um clã mais forte, melhor e mais moderno do que aquele em que havia crescido e desejado deixar para trás na juventude. Maior do que todos esses desejos agora era a avassaladora e fundamental necessidade de manter Tia em segurança, de garantir para sua doce e querida filha um futuro no qual ela não precisaria lutar como sua mãe precisara.

— Quero montar uma filial do Desponta em Shotar — falou Shae.

Hilo a princípio não disse nada, aguardando que sua Homem do Tempo continuasse.

— Nosso crescimento desacelerou na Espênia — explicou ela. — O mercado imobiliário lá tá se retraindo e a economia vai ficar fraca por um tempo. Anos de campanhas publicitárias e lobby político valeram a pena em diversas frentes. Prevenimos que o governo espênico criminalizasse as operações do clã e reduzimos as penalidades já existentes para porte de jade por civis. Mas ainda não há nenhum indício de que a jade vai ser legalizada de verdade.

Hilo passou uma mão pela testa e suspirou, resignado. Shae suspeitava que era menos pelo que ela dissera e mais porque percebera que não conseguiria aproveitar o restante da noite sem discutir assuntos do clã.

A Homem do Tempo continuou:

— Em Kekon, assumimos o clã Jo Sun e agora comandamos Toshon, mas os Montanha assumiram o Cauda Preta, então ficaram com Gohei, além de ainda estarem na vantagem em Lukang. Não há espaço pra nenhum de nós tomar a

dianteira. Precisamos de outros mercados.

— O Hami abriu uma filial em Tun — apontou Hilo. — Você pode fomentar o crescimento lá.

— Faz anos que estamos tentando, mas Tun é um lugar difícil pros negócios. É instável politicamente e está prestes a sofrer um colapso monetário. A infraestrutura é insalubre, o idioma é difícil de aprender e as leis e os mercados financeiros são subdesenvolvidos. — Já passara incontáveis horas pensando a respeito de todas as possíveis empreitadas. — Ygutan, obviamente, não é uma opção para nós. O embargo nas Ilhas Uwiwa continua ativo. Então nos sobra Shotar.

Hilo tamborilou os dedos no braço do sofá.

— O Hami acha que não é uma boa ideia.

Com o passar dos anos, Shae parara de se surpreender quando Hilo sabia algo a respeito do lado administrativo do clã que ela achava que não havia chegado aos ouvidos do Pilar. Ele ainda não conseguia entender um relatório financeiro sem ajuda da irmã, mas conhecia quem precisava conhecer. Tinha um mapa mental completo dos Lanternas do clã de acordo com riqueza, influência e lealdade. Sabia quem dentre os subordinados de Shae no escritório da Homem do Tempo tinha alguma expertise ou habilidade específica, e conversava diretamente com essas pessoas quando achava necessário. Claro, era seu direito como Pilar, mas isso a deixava um tanto irritada. Fazia com que desconfiasse que, mesmo depois de todos esses anos, ele ainda não confiava inteiramente que ela não iria agir pelas suas costas.

De cenho franzido, Shae admitiu:

— O Hami tá certo de que o Montanha tem uma vantagem insuperável lá por causa da aliança da Ayt Mada com a Matyos. O Iyilo fazia parte da Matyos antes de tomar a Ti Pasuiga do Zapunyo, e a maioria dos refugiados barukânes que a Ayt trouxe de Oortoko eram da Matyos. É a maior das gangues barukânes. Eles controlam sindicatos poderosos e têm influência em diversos mercados.

— Então pra gente ir pra Shotar seria tão difícil quanto chegar em Resville foi pros Montanha. O raciocínio do seu Mandachuva me parece razoável — disse Hilo, mas ela conseguia perceber pela textura de sua aura de jade que ele continuava indeciso.

— A grande diferença é que temos uma arma em Shotar que os Montanha não tinham na Espênia, graças ao grande estrategista que foi o seu antigo Chifre. O Juen construiu uma rede de Ratos Brancos naquele país que podemos usar pra abrir uma brecha pra nós.

Depois de Shae ter detalhado seu plano, Hilo terminou o hoji em seu copo.

— Vou dar minha permissão se o Lott aceitar usar os Ratos Brancos dele da forma que você sugeriu, e você que convença o Hami a concordar com essa ideia. Só vai funcionar se conseguirmos proteger nossos bens sem mandarmos muitos Punhos e Dedos. Entre Janloon, Lukang e agora Toshon, já estamos usando ao máximo o lado verdejante do clã, e os Montanha ainda tem a vantagem dos números comparado com a gente. — O rancor na voz de Hilo era evidente. *Ainda.* Depois de todos esses anos, continuavam presos nesse mesmo impasse irritante. A cada passo que o Desponta dava, o Montanha dava outro.

— Faz um tempinho que não tentam nada contra nós — apontou Shae.

Os seis anos anteriores haviam se passado num necessário estado de conluio com seus rivais, focando aniquilar o Movimento Futuro Sem Clã e consolidar poder dentre os clãs menores que estivessem enfraquecidos e em cidades secundárias. Ambos os clãs também vinham sofrendo com problemas internos. Shae suspeitava que Ayt Mada estava ocupadíssima tentando segurar as pontas entre os extremos de seu clã, com os Koben tradicionalistas de um lado e os elementos barukânes do outro. No Desponta, a partida de Niko criara um escândalo público e escancarara a questão da sucessão.

O único lado positivo de toda a provação era que o Montanha não tinha tentado mandar nenhum membro da família Kaul para debaixo da terra recentemente.

Hilo tateou os bolsos vazios, claramente ansiando por um cigarro.

— A Ayt anda quieta — concordou, virando olhos pensativos para Shae. — Talvez ela realmente tenha algum sentido humano, no fim das contas.

Ela sabia que ele estava pensando que até mesmo Ayt Mada deve se sentir um tanto em dívida, na obrigação de segurar a mão contra a família da mulher que salvara sua vida quando ninguém mais salvaria.

Quando embainhara a faca talon no santuário do Templo do Divino Retorno, Shae mudara alguma coisa; pelo menos por um tempo, cravara um dique na rixa de sangue, contivera o rio vermelho da vingança pessoal. Agora, havia momentos em que era tentador esquecer que a maior meta de Ayt Mada, formar um único clã que dominasse Kekon, significava que Shae e Hilo nunca podiam sossegar. O fato imutável continuava sendo que, mesmo sem Ayt sussurrar seus nomes, jamais poderiam parar de considerar os Montanha como um inimigo contra o qual estavam disputando. Assim que o Desponta ficasse para trás, assim que perdesse força ou enfraquecesse, cairia e seria pisoteado.

Shae olhou pela janela que escurecia e mordeu a bochecha por dentro.

— O Montanha não tá parado. O Iwe Kalundo anda se livrando de ativos e negócios em Ygutan.

Hilo deu de ombros, nada surpreso.

— Aquele país deixou de ser bom pra eles.

A economia ygutaniana havia sofrido muito com a recessão global, o programa nekolva passara por intenso escrutínio e sofrera sanções internacionais, e o Diretório em Dramsk passava por seu próprio conflito interno. A difundida ideia de que os ygutanianos haviam apoiado o MFSC antes dos ataques em Janloon os transformara nos estrangeiros mais odiados, então os antigos investimentos de Ayt Mada naquele país certamente não estavam sendo bem-vindos por muitos de seu clã.

— Deixou — divagou Shae —, mas o Montanha não iria recuar sem um plano. Eles tão mexendo peças de xadrez, mas não consigo ver o formato do jogo. Se a Ayt anda quieta, é porque tá planejando alguma coisa.

O telefone da cozinha tocou. Hilo foi atender. Segundos depois, Shae Percebeu o rompante explosivo de sua aura de jade lá do outro cômodo. Ela se levantou num sobressalto. Hilo apertava o receptor com tanta força que a impressão era de que iria esmagar o aparelho sem querer.

— O que é? — sibilou ela. — O que houve?

Hilo falava no telefone com os dentes cerrados.

— Chego aí daqui a pouco. — Ele desligou, então pegou a jaqueta e a chave do carro. — A Jaya foi presa.



O chefe de polícia explicou para Hilo que Jaya se envolvera numa altercação violenta numa festa na casa de alguém e que um jovem estava no hospital em condições gravíssimas, mas que felizmente iria sobreviver. A festa consistia basicamente de alunos da Academia Kaul Du, e todas as famílias afetadas eram do Desponta; era claramente um assunto do clã. Jaya foi liberada com a companhia do pai, que a levou embora, mandou que entrasse no escritório e fechou a porta. Ela se jogou em uma das poltronas.

Hilo parou na frente da filha.

— Se explique.

Jaya escorregou mais para baixo no assento. Estava de jeans preto e com uma jaqueta de couro sobre um top vermelho que deixava o umbigo à mostra. Colocou os pés em cima da mesinha de centro e, dando de ombros, olhou para o pai.

— O que você quer que eu diga? Ele fez por merecer.

— Você estava transando com ele?

— Pai! — Jaya parecia morta de vergonha. — Você quer mesmo saber isso da sua própria filha? — Quando o olhar raivoso de Hilo não mudou, ela admitiu: — A gente namorou por um tempinho, mas eu terminei mês passado. Ele é um gato, mas estava ficando pegajoso demais, e também sabia ser *muito* pretensioso. Enfim, eu não queria dar margem pra que ele ou a família dele ficassem imaginando coisas.

Hilo fez uma careta diante da explicação curta e direta. Agora que Niko havia ido embora, Jaya se tornara o foco das especulações do clã. Como o filho do Pilar era um pedrolho, um genro notável poderia se tornar um herdeiro do Desponta, pelo menos era o que o povo andava pensando. No mínimo umas doze famílias proeminentes do clã haviam abordado Hilo e falado de apresentarem seus filhos elegíveis (com idades que iam de 14 até 40) à sua filha. Ele ou ignorava ou respondia:

— Quando ela tiver idade, vou sediar um torneio até a morte para os pretendentes da Jaya.

Se viesse de qualquer pai protetor comum, a piada teria gerado risadas, mas como se tratava de Kaul Hiloshudon, a risada era tão nervosa que fazia as pessoas calarem a boca.

— Se acabou entre vocês, então por que essa bagunça toda aconteceu?

— Ele passou a noite inteira seguindo a Hana e eu — reclamou Jaya. — Sempre tentando chamar a atenção da Hana. Pode ser que ele *realmante* estivesse a fim dela, ou talvez só quisesse me deixar com ciúmes. Não sei e não me importo. Enfim, os dois acabaram indo pro segundo andar em algum momento. Eu estava lá embaixo jogando sinuca com todo mundo quando a Hana começou a surtar. Sério, pai! Dava para Perceber tipo… — Jaya fez um gesto de explosão ao redor da própria cabeça.

— E o que você estava fazendo usando jade fora da Academia? — exclamou Hilo. Ainda faltavam três meses para a formatura, e ela não tinha permissão de usar jade sem a supervisão de um Osso Verde adulto. — E usando *escondida*, ainda por cima, que nem uma bandidinha — acrescentou, cada vez mais irritado. — Passa pra cá.

Jaya resmungou, enrolou a barra da calça e tirou a pulseira de treino provida pela Academia, que ela havia amarrado no tornozelo. Fez uma careta de desconforto ao tirar a jade, e então, ressentida, enfiou a pulseira de couro e as três pedras na mão estendida de seu pai.

— Que bom pra Hana que *eu* estava com jade — apontou a garota. — E se ele tivesse tentado passar dos limites comigo?

— Ele não teria ousado — respondeu Hilo. — Mal Ging é o único filho do Conselheiro Mal Joon. Você tem sorte de ele não ter sangrado até a morte. Teria sido uma incomodação gigantesca, isso sem falar que você teria sido expulsa.

Jaya revirou os olhos.

— Pai, ninguém vai me expulsar da Academia. Por que você tá tão chateado assim? Você acha que esse foi o primeiro menino com quem eu fiquei? Ou o primeiro que eu esfaqueei?

Ela riu para a expressão dele, que a encarava.

A ideia de que sua filha merecia uma bela de uma surra lhe passou pela cabeça, mas, com o coração que tinha, jamais conseguiria tratá-la de forma tão dura. Ela era uma menina, e a mais nova de seus filhos. “Ela anseia pela sua atenção, e sabe como consegui-la”, dissera Wen, irritada, em mais de uma ocasião.

— O que é que eu faço com você, hein, Jaya-se? — grunhiu Hilo, mais para si mesmo do que para a menina. — Precisamos nos redimir com os Mal.

— Eu é que não vou dar minha orelha pra eles — insistiu Jaya, cruzando os braços e fazendo beicinho com o lábio inferior. — Eles não merecem e, além do mais, eu não me sinto culpada pelo que fiz com aquele otário. Não entendo por que a gente deve alguma coisa pros Mal. *Eles* é quem deveriam no mínimo se redimir com a Noyu Hana e a família dela. *Você* por acaso pediria desculpa por simplesmente defender uma amiga? Faz o favor, pai, já ouvi todas as histórias a seu respeito.

— Pelo menos eu nunca esfaqueei um colega de turma na virilha com uma faca talon! — Hilo semicerrou os olhos. — E que histórias são essas?

Jaya olhou para o pai com aquela expressão penetrante específica que é a especialidade das adolescentes.

— O senhor sabe, as histórias de quando você era Punho. Tipo o que você fez com o Tanku Din. Ou de quando era o Chifre. Ou aquelas sobre a guerra com os Montanha.

— Não me venha com exemplos que você nem conhece.

Jaya se levantou e, desanimada, vagou pelo escritório.

— Sabe, ninguém nunca duela comigo. Mesmo que eu ofereça um expurgo por lâmina, eles têm medo de me arranharem e aí você estraçalhar eles membro por membro. Foi por isso que o Ging não tentou me estuprar e foi atrás da Hana, aquele covarde. Como é que eu vou ganhar *qualquer jade que seja* depois da

formatura? Virar uma Punho, então? Já é difícil para caramba ser uma mulher verdejante, até mesmo pra alguém que faz parte do lado *chato* do clã, como a tia Shae.

Hilo estava tão chocado que esqueceu a raiva quanto ao ferimento do garoto Mal. Para ele, Jaya sempre fora a filha mais fácil de entender e de amar. Se lembrava que, quando era pequenininha, ela podia ser exaustiva; era raro que cochilasse ou que parasse quieta, e sempre queria que ele a perseguisse ou a empurrasse no balanço por muito mais tempo do que qualquer um dos meninos, até que estivesse prestes a vomitar. Sempre fora transparente quanto a seus sentimentos, e parecia viver no momento. Hilo nunca imaginara que houvesse tantos pensamentos ansiosos quanto a ser uma mulher Osso Verde na cabeça da filha, mesmo que, agora, entendesse que não deveria ter sido uma surpresa. Ele se sentou um tanto pesadamente em uma das cadeiras.

— Jaya-se, você deveria passar o resto do ano concentrada nas Provações finais e em conquistar sua jade de formatura sem se meter em mais encrenca. E você tá completamente proibida de ir em quaisquer outras festas, de usar jade fora do campus e de se envolver com qualquer outro garoto ou, que os deuses me ajudem, vou destroçar esses meninos membro por membro, como você falou. Eu resolvo as coisas com os Mal, mas da próxima vez que você for parar na cadeia, e é melhor que *não tenha* uma próxima vez, eu não vou lá te buscar. Você que fique uma semana cozinhando numa cela igual a um bandidinho normal.

Fazendo beicinho, Jaya se acomodou na cadeira em frente a do pai.

— Já depois da formatura, acho melhor falarmos disso com a sua mãe e com a sua tia Shae — continuou Hilo. — Não devíamos ter deixado que demorasse tanto, e a culpa é minha, mas ando ocupado e ainda temos bastante tempo, então não se preocupa. Há muitas coisas que você pode fazer. Pode ir pra faculdade. Estudar na Espênia, se quiser. Passar um ano ou dois como Dedo. Ou então tem um monte de empresas afiliadas ao clã em que você pode estagiar.

Jaya se empertigou.

— Vou fazer juramentos pro lado verde do clã, pai. Vou virar uma Punho de primeiro ranque. Um dia vou ser a Chifre do Desponta.

Hilo odiava desencorajar qualquer um de seus filhos, mas agora falou:

— O Chifre é o cargo mais verdejante e perigoso. Nunca existiu uma Chifre mulher.

— Nunca existiu uma Pilarisa antes da Ayt Mada — retrucou ela. — Você tá querendo dizer que nossos inimigos são mais capazes do que nós? Eu sou sua filha! Você não acredita em mim?

De repente, a garota estava quase perturbada.

— Claro que acredito — vociferou Hilo. — Mas é que ser Chifre… A questão não é só ser um bom guerreiro, um Kaul ou usar mais jade. É… — Ele franziu o cenho; estava encontrando dificuldades para explicar porque a ideia de sua filha almejar a posição que uma vez lhe pertencera o deixava tão incomodado. O Chifre precisava ser um guerreiro de marca maior, astuto e calculista, um líder de *homens*. Até mesmo dentre os Ossos Verdes mais capazes e fortemente munidos de jade, poucos dariam conta das demandas do cargo. Acima de tudo, estava temeroso pela ambição tão grandiosa e perigosa de Jaya, ambição essa que poderia resultar numa morte prematura, e seu instinto como pai era guiá-la para uma parte do clã que fosse menos violenta. — Você não tem nem 18 anos ainda — lembrou ele, num timbre ponderado. — Deveria pensar em todas as suas opções e não firmar a cabeça em uma única coisa tão cedo.

Jaya se levantou num sobressalto, com uma fúria e uma indignação que fulguravam em seus olhos.

— O senhor não me fale isso! Não vem me fazer parecer uma garotinha boba com ideias bobas. Pensei que, de todas as pessoas, meu pai fosse entender!

Ela começou a disparar rumo à porta.

— *Senta*. — O tom de comando na voz de Hilo fazia até o mais obstinado de seus filhos estremecer e dar meia-volta. Ele apontou para a cadeira e, com rancor, Jaya obedeceu. Sentou-se de volta e encarou o chão com uma carranca.

Hilo passou as mãos pelo rosto. Dava para ter deduzido que Jaya cresceria e se tornaria irremediavelmente verdejante, e, como falara para Shae mais cedo naquela mesma noite, era um erro tentar forçar as pessoas a tomar direções para as quais não haviam nascido, ou afastá-las à força do que mais queriam.

— Tudo bem — disse ele. — Se você tem certeza dessa história de Punho, vou falar com o Lott Jin. Vamos pensar em quem poderiam ser bons mentores, em como você pode ter mais oportunidades pra conquistar jade. No meio-tempo entre agora e o fim do ano, você deve conversar com Punhos mais experientes, entender quais você mais respeita e talvez queira como líder. Fala com mulheres Dedos, principalmente, para descobrir as opiniões delas. — Hilo cortou o sorriso da filha com um resmungo. — Tudo isso vai acontecer *apenas* se você tiver um comportamento perfeito pelo resto do ano e se formar na Academia com quatro pedras de jade e nenhum outro problema, porque senão juro pelos Céus que eu mesmo tiro as suas jades e te faço virar a Agente da Sorte mais mequetrefe no emprego mais chato que eu consiga encontrar em alguma propriedade tributária minúscula.

Jaya se aproximou, colocou os braços ao redor do pescoço do pai e lhe deu um beijo tenro na bochecha; toda a impavidez e o dramalhão adolescente havia sumido.

— Prometo que não vou te decepcionar, pai. — *Não vou ser como o Niko*. Ela não falou, mas ele sabia que foi isso o que Jaya quis dizer.

Apesar do receio, Hilo a abraçou de volta e disse:

— Tá tarde. Você devia ir pra cama. Amanhã eu te levo pra Academia.

Um dos Dedos que guarnecia a propriedade bateu à porta.

— Kaul-jen — disse ele quando Hilo abriu o cômodo —, a família Noyu veio ver o senhor.

Hilo saiu do escritório e encontrou quatro pessoas aguardando ansiosamente no hall de entrada. Uma trêmula adolescente da idade de Jaya, seus pais e um jovem Osso Verde que devia ser seu irmão. Ao vê-los, todos se abaixaram em saudações profundas e respeitosas. A mãe estava com os olhos marejados, e o rosto do pai estava pálido quando, com o olhar baixo, ele deu um passo adiante.

— Kaul-jen — disse o sujeito —, viemos demonstrar nossa gratidão pelo que sua filha fez ao defender a Hana do perigo, isso sem mencionar a honra e a reputação da nossa família. Ouvimos falar que a Jaya passou horas na cadeia, o que deve certamente ter arruinado a noite do senhor. — Ele engoliu em seco audivelmente. — Nossa família é pequena, mas meu filho é um Dedo do clã, e nossa filha almeja se tornar uma Agente da Sorte. Se algum dia houver uma forma mais grandiosa de servirmos o Desponta e a sua família, aceitaremos de bom grado.

Noyu se ajoelhou e levou a cabeça ao chão de madeira. Sua família inteira seguiu a deixa. A garota, Hana, falou com um choro entalado:

— A culpa foi minha! Eu dei trela para o Ging porque sabia que ele e a Jaya tinham terminado, e achei que agora pudesse fazer ele gostar de mim. Nós dois tínhamos bebido demais e eu não…

— Quieta, menina — sibilou a mãe de Hana. — Você já não causou problema demais?

Jaya foi até sua amiga e puxou para que se levantasse.

— Como é que você pode achar que foi tudo culpa sua? — exclamou ela, irritada. — O Ging foi um merdinha imprestável. Por que você acha que eu terminei com ele pra começo de conversa? E mesmo que seja muita gentileza de toda a sua família vir aqui demonstrar gratidão, não precisa, por que, se a gente não defender uns aos outros, então pra que servem os amigos? — Jaya deu um abraço apertado na colega de turma. — Não me importo nem um pouco com o

tempo que passei na cadeia, só estou feliz por você estar bem.

Hana começou a chorar de verdade, e teria ficado ali, enleada à Jaya, se os pais e o irmão não a tivessem puxado enquanto diziam que já haviam tomado tempo demais da família do Pilar. Hilo ficou um tanto perplexo pela sensação de que não tinha absolutamente nada para acrescentar ali, além de colocar uma mão no ombro de Noyu e agradecê-lo por ter vindo.

Os lábios do homem tremiam de emoção.

— Kaul-jen, o senhor não apenas é o Pilar, como também tá conseguindo criar filhos que são tão verdejantes e que tem um coração tão bom quanto o seu. Ao olhar pro senhor, percebo a minha pequeneza como pai.




CAPÍTULO 41

Segunda Chance

Havia três homens parados e empolgados, cheios de expectativa na frente de Remi, o Keke do Mal, e seus dois guarda-costas. Já passava da meia-noite e o restaurante Festim de Janloon fechara uma hora antes; os seis homens eram as únicas pessoas restantes no segundo andar. Uma única janela estava aberta para dispersar o inconcebível calor primaveril de Resville, mas as cortinas estavam abaixadas, e as luzes, difusas, para criar uma atmosfera de solenidade.

— Por séculos, nossos antepassados reivindicavam a jade do corpo de seus inimigos. — Jon Remi falava com um ar cerimonioso enquanto desenrolava um tecido preto sobre a mesa. Havia dado esse discurso muitas vezes antes e já estava com o ritual na palma da mão. — Apenas os mais fortes podiam usar jade. E, quem a conquistava, precisava lutar para não a perder. Era matar ou ser morto. Faz parte da nossa cultura. Tá no nosso sangue. Nesta noite, damos continuidade à tradição que nos foi passada por gerações de guerreiros de jade.

Remi dispôs três correntes de ouro idênticas, cada uma com um medalhão de jade. Um reverencial recaiu sobre os Cabeças de Cobra.

Jade era algo difícil de se obter (graças aos desgraçados gananciosos dos clãs kekonésios), então Remi era extremamente criterioso quanto a quem promovia a Víbora. Todos os três homens à sua frente estavam na gangue fazia um ano e

haviam provado seu valor ao cumprirem pelo menos dois assassinatos mandados.

— Vocês todos merecem — disse Remi. — Assim que as vestirem, não há mais volta. — Ele levantou os braços tatuados. — Quem nós somos?

— Os Cabeças de Cobra!

Os capangas bifurcaram os dedos no gesto da gangue.

Remi chamou o primeiro homem adiante, que havia demonstrado ter sangue forte ao executar dois membros do cartel de Copa. No momento, os Cabeça de Cobra estavam se metendo na guerra entre os Copa e os Tripulantes aliados do Resville do Leste e de Cranston. Remi odiava ambos os lados e já se envolvera em confrontos violentos com ambos, mas inimizades e alianças viviam mudando em Resville.

Ele passou a corrente com o medalhão de jade sobre a cabeça abaixada de seu mais recente Víbora. Um semblante maravilhado tomou o rosto do sujeito, e sua energia mudou, se expandiu conforme começou a zunir com poder de jade. Dali em diante, precisaria treinar todo dia com os outros Víboras para controlar e usar suas novas habilidades, e precisaria de injeções diárias de BL2. Remi ouvira falar que, em Kekon, Ossos Verdes nunca usavam brilho porque eram expostos à jade desde a infância (outro privilégio da velha nação). Felizmente, Remi tinha brilho para dar e vender, e a droga era mais segura do que costumava ser. Houvera apenas três mortes por overdose entre os Cabeças de Cobra no ano anterior, o que já era melhor do que até mesmo um único caso de Prurido. O único homem que Remi vira morrer de Prurido se fora de um jeito nada agradável, matando a própria esposa e filhos com um cutelo antes de se entregar.

Com um olhar atordoado no rosto, o primeiro homem recuou e Remi assentiu para o segundo Cabeça de Cobra da fila, um ex-detento meio kekonésio que havia deixado o grupo de Migu Sun em Adamont Capita e provado seu valor ao sequestrar um carregamento de droga dos Copa e matar três traficantes. No decorrer dos anos, os Copa haviam tomado conta de praticamente todo o comércio de drogas da região ao trazerem narcóticos (a princípio anfetaminas como farinha azeda e zunir) pela fronteira com Tomascio. Tinham uma reputação de selvageria indiscriminada; em seu próprio país, era comum que os magnatas da droga deixassem corpos desmembrados pregados em cercas como um aviso para inimigos.

Os Chefes de Tripulação de Resville é que não seriam superados pelos wianos, mas também tinham receio de incitar um rompante de violência prolongada em uma grande cidade turística da Espênia, então, relutantemente,

haviam contratado o Keke do Mal para fazer o trabalho sujo por eles. Os Cabeças de Cobra não eram a gangue mais numerosa de Resville, mas todos do submundo espênico concordavam que, comparando bem, era impossível encontrar assassinos mais eficientes do que aqueles kekonésios com jade. Em troca do serviço, as Tripulações de Resville do Leste e de Cranston haviam concordado em ceder todo o mercado de apostas e prostituição na chamativa Rua Laholla para os Cabeças de Cobra. Uma troca que, para Remi, valia a pena.

O segundo homem aceitou sua nova jade e, segurando-a no punho, recuou.

Enfrentar os Copas não foi brincadeira e, mesmo que tenha feito os Tripulantes largarem do seu pé, Remi teria hesitado em aceitar tamanho desafio não fosse pelos trunfos que ninguém mais tinha na cidade. Um eram seus Víboras com jade. O outro era o terceiro e último homem na fileira, agora à sua frente.

Maik Tar tinha pelo menos vinte e cinco anos a mais do que os outros dois sujeitos promovidos naquele dia, e isso era perceptível. Mas era o mais confiável dentre os Cabeças de Cobra. A princípio, como tinha feito com todos os novos membros, Remi lhe dera tarefas simples (fazer uma entrega, dar um susto em alguém, dar propina ou uma surra, caso fosse necessário). Maik fez tudo perfeitamente, sem nem pestanejar. Remi o mandara assassinar um homem, um ex-Cabeça de Cobra que havia ido à polícia. O informante desapareceu no dia seguinte; a polícia nunca encontrou nem vestígio do sujeito.

Remi ficou maravilhado e um tanto estarrecido. Mandou Maik realizar outros serviços, e o kekonésio nunca fracassou. Era um assassino de aço. Um gênio selvagem. No mês anterior, três Copas haviam roubado um dos corretores de apostas de Remi, espancado-o até a morte e fugido da cidade. Remi dera dois homens para Maik e o mandara ir atrás dos ladrões. Ele deixou o trio de corpos esturricados queimando dentro de um carro num posto de gasolina a oito quilômetros da fronteira de Tomascio.

Diferente de outros membros da gangue Cabeças de Cobra, Maik Tar não bebia ou usava drogas, não começava brigas injustificadas, não tinha mulher ou amante e nunca retrucava ou questionava os trabalhos oferecidos por Remi. Estava muito acima dos outros no que dizia respeito a seu excepcional instinto para operações e violência urbana. Percebia e se lembrava de detalhes cruciais, emanava uma autoridade perigosa e era sempre bom quando lutava. Remi só podia imaginar como Maik deveria ter sido quando jovem. Então *esse*, divagava Remi com um ressentimento invejoso, era o tipo de ética e disciplina profissional que se podia encontrar nos clãs da velha nação. Esse era o tipo de

gente que os Kaul tinham. Nada como os filhos da puta desleixados com quem ele tinha de lidar.

E Maik fizera tudo isso *sem jade*. Quanto mais seria capaz de concretizar depois desta noite? Os outros dois homens nunca haviam usado jade, e levaria meses até que conseguissem fazer qualquer coisa de útil. Antes do exílio, Maik passara décadas usando grandes quantidades de jade. Remi ergueu a última corrente e, sob o olhar de todos, abriu o fecho e colocou mais dois preciosos medalhões de jade ao lado do primeiro. Nunca havia entregado tanta jade assim de uma vez só, mas Maik daria conta. De fato, se tornaria uma força irrefreável. Com Maik no comando de seus Víboras, Remi poderia trazer abaixo o cartel dos Copa e qualquer um que ousasse ser seu inimigo.

Maik arregalou os olhos. Dava para sentir a expectativa quase insuportável do kekonésio.

— Mais uma, e daqui em diante, um guerreiro Osso Verde — disse Remi com um sorriso feroz. — Maik-jen.

Maik abaixou a cabeça, e Remi colocou a corrente sobre seu pescoço. Depois, Maik levantou a mão e pressionou os medalhões verdes contra a pele nua, tremendo quando o rompante de energia de jade atingiu seu cérebro de novo pela primeira vez em quase catorze anos. Seu rosto áspero se iluminou de puro deleite e triunfo quando ele o ergueu ao teto, como se estivesse numa comunhão transcendente com os deuses.

— Obrigado — sussurrou ele com a voz rouca. — Obrigado por essa segunda chance.

Com a incrível velocidade e Força de um Punho de alto escalão treinado pela Academia, Maik Tar atravessou os dedos imbuídos de Aço pela garganta de Remi, destruindo sua traqueia.

Os seguranças e os outros Cabeças de Cobra no recinto ficaram imóveis, em choque, por dois segundos inteiros antes de sacarem as armas. Nesse meio-tempo, Tar agarrou o homem mais perto e Afluiu em seu cérebro, estourando os vasos e matando-o instantaneamente. Jogou o corpo no segundo guarda, derrubou-o e saiu correndo quando os Cabeças de Cobra restantes abriram fogo.

As Deflações que Tar atirava para trás desviaram a maioria dos tiros, mas não todos. Estava usando suas habilidades de jade pela primeira vez depois de um longo período sem elas, e a dificuldade era como alguém lidando com um membro adormecido. Também estava muito mais velho do que quando fora um Osso Verde em Janloon.

Uma bala o atingiu no ombro e outra na coxa, ao que ele tropeçou e caiu. Os

membros enraivecidos da gangue se atiraram sobre o kekonésio com facas. Não faziam ideia de como usar a jade que haviam recebido, mas, ainda assim, estavam mais rápidos e fortes do que estariam sem ela. Tar talhou o rosto do ex-presidiário e, com o sujeito aos berros, jogou-o no chão, mas foi devagar demais com o Aço e levou um corte feio nas costelas. No entanto, era tão feroz e apavorante com a faca talon, rosnando feito um animal raivoso, que os dois homens restantes hesitaram em ser os próximos a atacar. Esses poucos segundos foram o que Tar precisava para estraçalhar o vidro com seu corpo reforçado de Aço e se atirar da única janela do segundo andar do restaurante.

Bateu no corrimão da saída de incêndio e dali tombou para a rua. Controlando a queda com a Leveza, pousou de pé em meio a uma chuva de vidros e aos berros de transeuntes, e torceu o tornozelo. Mancando e deixando uma trilha de sangue por onde passava, Tar correu para a rua e avançou um quarteirão e meio até duas viaturas da polícia de Resville aparecerem e ele se render sem resistência.



No hospital, sob severa vigilância policial, Tar teve direito a um telefonema para entrar em contato com a família. Usou para fazer uma chamada de longa distância para Hilo, num número oculto que apenas os membros mais íntimos da família Kaul conheciam na época em que ele era Encarregado do Pilar. Ficou aliviado ao descobrir que a linha continuava ativa.

— Hilo-jen — disse Tar, ainda com muita dor devido aos ferimentos. — Tô no hospital, mas não se preocupa. Vou ficar bem.

Ele parou, sobrecarregado de emoções, e não continuou. Era a primeira vez que os dois se falavam desde aquela terrível noite tantos anos antes.

— Não fala nada pra polícia — respondeu Hilo. — Estamos te mandando um advogado. Vamos te tirar daí, Tar.

Quando ficara sabendo da morte de Jon Remi, e que o assassino não era ninguém mais ninguém menos que seu antigo Encarregado, Hilo foi tomado de assalto pela surreal sensação de ficar chocado e, ao mesmo tempo, nada surpreso. Agora, parecia que havia sido jogado de volta no passado, naquele terrível momento debaixo das árvores nos fundos da propriedade Kaul, com uma faca talon na mão, e Tar prostrado à sua frente. Segurando o telefone, suas mãos tremiam tanto quanto haviam tremido com aquela faca.

— Vamos tentar pelo lado legal e, se não der certo, vamos pensar em alguma outra coisa. Lembra de não falar nada, e não se preocupa. Agora é só se

recuperar e ter paciência. — O Pilar parou para se recompor. — Você fez bem, Tar.

Depois de um longo momento, Tar disse:

— É bom ouvir a sua voz, Hilo-jen.

— Você sabe que eu sempre contei com você mais do que com qualquer outra pessoa — disse Hilo. — Me liga de novo daqui a uns dias, depois de ter falado com o advogado. Você vai ficar bem.

Tar não voltou a telefonar para a residência Kaul. Enquanto ainda se recuperava no hospital, foi interrogado por detetives policiais e, com um intérprete presente para ajudá-lo a responder às perguntas, explicou que era um membro da gangue Cabeças de Cobra. Falou que havia sido convocado até o restaurante para ser assassinado porque Jon Remi desconfiava que ele fosse um espião dos clãs kekonésios, que se opunham ao uso de jade por grupos criminosos. Tar afirmou que havia matado Remi em legítima defesa. Foi perfeitamente cooperativo com as autoridades, nomeou todos os membros conhecidos da Cabeças de Cobra, contou os locais que usavam de esconderijo e deu provas detalhadas dos crimes em que havia se envolvido.



Cory Dauk chegou pouco depois para visitar Maik Tar na cadeia e oferecê-lo aconselhamento jurídico. O advogado lembrava de Maik desde aquela primeira visita que Kaul Hilo fizera à Espênia tantos anos antes. Cory era apenas um jovem estudante de direito na época, e Maik Tar, o ajudante do Pilar, um homem tão intimidador quanto Rohn Toro havia sido. Agora, estava grisalho, cansado e pálido devido ao tempo que passara no hospital antes de ter sido transferido para a prisão. Havia recuperado jade por alguns poucos minutos, gastado uma quantidade gigantesca de energia e então perdido tudo de novo ao ser levado sob custódia pela polícia. Todo o esforço de sua mente e corpo estavam evidentes nas cavidades profundas de seus olhos. Os ferimentos não haviam causado risco de vida, mas a bala na perna trincara o fêmur e havia chances de que fosse mancar pelo resto da vida.

Maik questionou se poderia fumar um cigarro e, muito embora Cory não fumasse, perguntou aos guardas se algum deles estaria disposto a oferecer um fumo para o prisioneiro. Tar aceitou, grato, acendeu o cigarro e, fechando os olhos, se esparramou sobre a cadeira de metal com um semblante de contentamento.

— Você não deveria ter contado tudo pros policiais antes de eu ter chegado

aqui — disse Cory. — Perdemos muito da vantagem que poderíamos ter usado para barganhar.

Maik não respondeu. De olhos fechados, se limitou a meramente dar outra tragada no cigarro.

— Você provavelmente vai pegar de quinze a vinte anos numa prisão de segurança máxima — explicou Cory, irritado, mas mantendo o profissionalismo. — Por ter cooperado tanto com a polícia, podemos dar uma diminuída na sentença, talvez pra dez anos. Quando sair, você vai receber uma nova identidade e será colocado num programa de proteção a testemunhas em outra cidade, onde ninguém poderá te achar e você vai poder começar uma vida nova de novo.

— Já fiz isso antes. — Tar entreabriu os olhos, nada impressionado. — Vou ter quase 60 anos quando eu sair. Velho demais.

Cory olhou para Maik por um longo instante.

— Eles estão tentando te livrar, sabe. O Desponta. — Os dois estavam falando em kekonês, e nenhum dos guardas por perto entendia o que diziam. — O seu antigo chefe, Kaul Hilo, tá querendo saber todos os jeitos de passar por cima do processo jurídico, de molhar a mão de policiais e juízes. Ele quer detalhes a respeito da segurança da prisão. Se você acabar atrás das grades, eles vão fazer tudo o que for possível pra te libertar.

Tar sorriu com satisfação, mas tristeza também.

— Não deveriam.

— Não — concordou Cory. — Envolveria infringir muitas leis, e chamaria a atenção para as suas antigas conexões com o clã. Venho tentando falar isso pra eles, mas não sei se o seu Pilar vai me dar ouvidos. A longo prazo, seria melhor pra todo mundo, inclusive pra você, se você conseguisse convencer a sua família de que eles não deveriam interferir no processo legal.

— Obrigado pelo conselho — disse Tar. — Vou tentar convencer eles.

Cory o analisava com apreensão.

— Por que foi que você fez isso?

Maik deu um sorrisinho.

— Tá me perguntando como meu advogado?

Cory meneou a cabeça devagar.

— O Anden veio te ver, não veio? Pediu pra você dar um jeito no Jon Remi.

Tar estava se entretendo com o tom impassível na voz do advogado, que sugeria que o sujeito estava se esforçando para reprimir uma sensação de horror. Ele terminou o cigarro e o arrastou sobre a superfície de metal da mesa que os

separava.

— O Remi fez uma péssima jogada. — Foi tudo o que disse. — Ninguém se mete no caminho do Desponta.

— Você não é mais um Osso Verde do Desponta. Não pode voltar nunca pra Kekon. Então por quê? O que você ganha nessa história?

Tar deu de ombros.

— Uma morte por consequência. — Ficou perceptível que Cory Dauk não era familiarizado com o termo. — Deixa pra lá. É coisa dos Ossos Verdes da velha nação. Algo que não fazem por aqui.




CAPÍTULO 42

Morte por Consequência

Dezoito meses antes, Anden viajara para Orslow, um subúrbio ao sul de Porto Massy com uma crescente população kekonísia. Quando chegou no bangalô marrom da esquina, viu um homem cortando a grama da frente da casa, mas não o reconheceu de primeira. Pensar em Maik Tar suando debaixo do sol, empurrando um cortador de grama no exterior de sua humilde morada feito um vizinho qualquer numa tarde de sepdia, ia muito além do que Anden jamais poderia ter imaginado. Quando saiu do carro e atravessou a rua, Tar semicerrou os olhos em sua direção. O sujeito desligou a máquina e ficou observando, com os olhos cada vez mais arregalados, em choque, enquanto Anden se aproximava. Então abriu um sorriso largo e foi cumprimentar o jovem.

— Oi, Tar — disse Anden.

— Puta merda. Que bom te ver, garoto.

Os dois se abraçaram e Tar guiou o caminho pela curta caminhada até a casa. Lá dentro, se virou, colocou as mãos nos ombros de Anden e apertou, como se quisesse garantir que era real, que ele estava mesmo ali.

— Puta merda — repetiu. — Você me pegou de surpresa. — Ele deu meia-volta, subitamente agitado, e abriu a geladeira. — Quer alguma bebida? Só tenho refrigerante, mas posso ir rapidinho comprar outra coisa.

Ele olhou pela cozinha e um semblante envergonhado surgiu em seu rosto ao

se dar conta de como o espaço devia parecer pequeno e humilde para um homem que já fora um dos mais poderosos e temidos Ossos Verdes de Janloon, a mão direita do Pilar.

— Refrigerante tá ótimo — respondeu Anden. Tar trouxe duas garrafas e os dois se sentaram à mesa. — Como andam as coisas? — perguntou com cuidado.

A última vez que o vira havia sido naquela trágica noite quando tratara os ferimentos do Encarregado do Pilar e ajudara a limpar o sangue de suas mãos e de seu rosto. Anden não sabia o que sentir ao olhar para ele agora. Considerara Maik Tar como um cunhado, mas nunca tivera muita proximidade e nunca ficara cem por cento à vontade perto dele. Tar sempre parecera tão astuto e perigoso, um lobo que apenas Hilo e Kehn eram capazes de controlar. Ainda assim, Anden o conhecia há tanto tempo, jantara tantas vezes com ele na casa dos Kaul, que era difícil pensar nele como o homem que assassinara Iyn Ro. Nem passava pela cabeça de Anden levar as outras vidas que Tar ceifara em consideração. Aquelas mortes haviam acontecido sob ordens do Pilar e feitas pelo bem do clã.

Tar deu de ombros.

— Não posso reclamar — disse ele. — Tô bem, sabe. Melhor do que já estive. Levei anos para deixar de odiar tudo, inclusive a mim mesmo. Sem jade, sem clã, sem família, sem *nada*. A única coisa que fez eu não me matar foi o fato de que o Hilo-jen tinha salvado a minha vida, e eu achava que talvez, algum dia, houvesse uma chance minúscula de que eu pudesse ser perdoado e voltar. — Os olhos de Tar ficaram um tanto distantes, e ele meneou a cabeça. — Sei que não é possível — concluiu, mas havia uma singela pincelada de dúvida que permanecia em sua voz e a ligeira olhada de esguelha que deu ao visitante demonstrava que, quando vira Anden atravessando a rua, ele ainda sentira um rebuliço de esperança.

— Que bom que, no fim, você conseguiu se sentir em casa aqui — disse Anden.

Precisou esconder a empatia que sentiu ao ver a pequena faísca de possibilidade se apagar nos olhos de Tar, que se foi e junto afrouxou os músculos ao redor da boca do sujeito. Ele tinha a mesma idade de Hilo, mas, no exílio, envelhecera mal. Seus dedos, punhos e pescoço pareciam até indecentes de tão despidos, desprovidos da jade que usara durante toda a sua vida adulta em Janloon.

— Pois é. — Tar perdeu um pouco da postura ereta. — Perdi minha jade, mas deu para viver com o dinheiro que eu tinha quando cheguei. Tinha uns caras, Ossos Verdes sob o comando do velho Dauk, que vez ou outra vinham conferir

se eu estava bem, mas também falavam que iam me matar igual a um cachorro com raiva se precisassem.

Tar deu um sorriso singelo.

— Quando foi que você se mudou pra Orslow? — perguntou Anden. Jamais imaginaria vê-lo num lugar quieto e residencial como esse. Lá em Janloon, pelo menos, sempre passara a impressão de ser uma criatura da cidade.

— Faz alguns anos. — Tar olhou pela janela, como se estivesse surpreso ao se dar conta de que de fato estivera ali durante todo esse tempo. — É… é diferente aqui. Mais barato, claro, o que é bom, mas também… — Ele coçou o queixo, tentando encontrar uma forma de explicar. — Arapuca Sul agora tem clínicas de medicina de jade. E escolas de jade que passam despercebidas. Quinze anos atrás, a gente começou a trazer Punhos pra treinar os homens do Dauk, e agora alguns deles vão e voltam de Janloon. Aqui em Orslow não tem tantos Ossos Verdes.

Anden entendia. Seria doloroso viver cercado de jade e de Ossos Verdes, ser constantemente relembrado de quem ele costumava ser. E, ainda assim, quando falava de como o Desponta mandava Punhos para Porto Massy, Tar dizia *a gente*, como se ainda fosse um líder do clã.

— E trabalho? Você tem emprego aqui? — perguntou Anden.

— Comecei como segurança numa balada no centro. Um serviço idiota e chato, mas era fácil. Depois de um tempo, me dei conta de que o que eu estava fazendo não era lá tão diferente do que os Dedos de patente mais baixa fazem. Ficar parado em pé, fechar a cara e resolver quando acontecer algum problema. Eu não tinha mais jade, mas sabia como ser mais do que um Dedo iniciante. Eu tinha sido o Segundo Punho do clã, tinha sido o Encarregado do Pilar. — O bruxulear de uma luz feroz adentrou os olhos de Tar por um mero segundo. — Então comecei a trabalhar por conta. Eu vinha evitando os salões do rancor, que, pelo amor de deus, como são cafonas, nunca que teria algo assim em Janloon, mas aí comecei a frequentar e a espalhar meu nome por aí. Depois de alguns serviços, apareceram umas pessoas querendo me contratar. Em grande parte é pra encontrar algum cara que deve dinheiro ou um sujeito que fugiu com a esposa do cliente, descobrir podres de alguém, esse tipo de coisa. Às vezes fica mais interessante. Os trabalhos vêm e vão, mas serve pra pagar as contas.

Sentado, Tar permaneceu num silêncio acanhado por alguns segundos, e então, numa voz muito mais animada, disse:

— Mas e você, garoto? — Como se Anden ainda fosse o primo adolescente de Hilo-jen e não um bem-sucedido médico de 38 anos de idade. — Tá com uma

cara boa. O que anda acontecendo lá em casa nos últimos tempos? Veio pra Espênia a trabalho pelo clã?

Sem entrar em muitos detalhes, Anden preencheu as lacunas que Tar tinha em relação aos acontecimentos do Desponta e da família. Ele ouviu ávido, faminto, perguntando a respeito de cada uma das crianças, principalmente a respeito de Cam, que estava no sexto ano da Academia, um ano abaixo de Jaya. À época, Niko era um Dedo sênior e Ru estava terminando o ensino médio. Anden levara fotos, ciente de que Tar ficaria feliz em tê-las. O antigo Encarregado do Pilar olhou todas com cuidado e em silêncio, exceto pelos momentos em que dava gargalhadas anasaladas com alguma foto engraçada ou expressão boba de um de seus sobrinhos.

Ele parou por um longo instante numa foto carinhosa de Hilo e Wen sentados juntos nas arquibancadas de um dos jogos de releibol do ensino médio de Ru. O retrato fora feito por alguém que estava sentado ao lado do casal, talvez por Shae. Os dois sorriam para câmera e pareciam felizes.

Tar terminou de olhar as fotografias, então se virou e, furtivamente, esfregou os olhos num movimento ligeiro.

— Obrigado por ter me trazido isso aqui.

— São suas. — Anden desviou o olhar; não queria soar preocupado demais e ferir o orgulho do sujeito. — Você conheceu pessoas aqui? Fez amigos?

A residência era claramente uma casa de solteirão, com móveis apenas necessários, pouquíssima decoração e um conjunto de louças usadas na pia.

— Alguns — respondeu Tar. — Comecei a jogar baralho com uns caras que conheci na academia. Entrei no clube do livro do Clube de Conversação de Espênico como Segunda Língua na biblioteca. Umas paqueras aqui e acolá, nada sério. Mas nunca me casei. Não consegui depois de… você sabe.

Ele ajeitou a pilha de fotos.

Anden foi tomado por uma estranha mistura de pena e admiração. Se lembrava de como aquele primeiro ano em Porto Massy havia sido difícil (e isso que tivera o apoio do clã, uma família que o hospedou e cuidou dele, e a ciência de que seu exílio era muito provavelmente temporário e que, mais cedo ou mais tarde, voltaria para casa). Tar não contara com nenhuma dessas coisas. Era mais velho e passou dificuldades para aprender um novo idioma. Tivera que passar pela abstinência de jade, encontrar serviço, reconstruir toda a sua vida. O fato de não apenas estar vivo, como também de ter um casa modesta no subúrbio, um trabalho que combinava com ele e algumas conexões sociais… era basicamente um milagre. A uma década e um oceano de distância da vida de Osso Verde que

o definira como pessoa, Maik Tar estava tanto destroçado quanto mais inteiro.

— É bom te ver, Tar — disse Anden, e estava sendo sincero.

O sujeito pigarreou e tocou mais uma vez a pilha de fotos antes de erguer os olhos e encarar Anden com um entendimento cheio de expectativa.

— E como vão os negócios do clã?

Apesar da felicidade em ver um membro da família e da chance de ouvir como tudo andava indo, Tar certamente sabia que a visita de Anden não poderia, de forma alguma, partir de um mero ato de bondade ou de carinho. Muito embora Hilo não tivesse expressamente proibido que se comunicassem com Tar, o senso geral era de que o antigo Encarregado do Pilar estava morto para o clã. O próprio Pilar não falara com o cunhado desde que o exilara. E Anden sabia que isso não era fruto de maldade, mas de gentileza. Seria errado oferecê-lo qualquer migalha de esperança. Ele precisava ser isolado para que pudesse aceitar a situação e criar alguma espécie de vida nova para si mesmo. E Hilo não confiava em si mesmo pois sabia que, em algum momento, poderia amolecer o coração em relação a Tar, e isso era algo que o Pilar não poderia se dar ao luxo de fazer. Mas Maik Tar conhecia os Ossos Verdes da Espênia a ponto de ter aprendido que, quando Emery Anden estava no país, falava em nome do líder do Desponta.

— Agora que o Dauk Losun partiu, que os deuses o saúdem, tem sido mais desafiador fazer negócios aqui na Espênia — começou Anden.

Contou dos esforços do clã para mudar a percepção da jade aos olhos dos espênicos e para remover as barreiras judiciais que atrapalhavam a expansão do Desponta. Explicou que alguns Ossos Verdes vinham desafiando os apelos de seus colegas e, no fim das contas, se tornando notórios criminosos.

— Tem um cara específico — disse Anden, de cenho franzido. — Remi Jonjunin, ou Jon Remi, que é apelidado de Keke do Mal, igualzinho a um Chefe de Tripulação. E o pior de tudo é que o sucesso que ele tem hoje foi construído graças ao Desponta. — Contou a história da aliança de Remi com o clã, de sua ascensão em Resville e de como, agora que era rico e poderoso, se recusava a mudar. — Ninguém consegue fazer esse sujeito criar juízo. Mês passado, dois dos homens dele, um com jade, inclusive, foram pegos comandando um laboratório de brilho. Os Cabeças de Cobra do Remi atrapalham tudo o que o Desponta tá tentando concretizar neste país.

Sem mais delongas, Tar perguntou:

— Alguém já tentou matar ele?

— As Tripulações tentaram. Mas o Remi é cuidadoso demais. Tem pelo

menos três apartamentos e vive indo de um pro outro. Só come em restaurantes kekonésios e, antes de ir pra qualquer lugar que seja, manda subalternos vasculharem o espaço primeiro. Fica o tempo todo com guarda-costas que usam jade. Nenhum assassino Tripulante consegue nem chegar perto.

Tar assentiu.

— E outros Ossos Verdes?

— Os Ossos Verdes de Porto Massy e de Adamont Capita tentaram negociar e segurar as rédeas do Remi, mas não sussurram o nome dele. Não querem criar mais encrenca com a justiça e piorar tudo para a comunidade ou então virarem alvo da vingança dos seguidores do Remi. Então andam trabalhando com a polícia para fechar os negócios dele e levá-lo em cana, torcendo pra que isso resolva o problema, ou que os Tripulantes acabem conseguindo o que querem.

Tar meneou a cabeça.

— Nunca que esse tipo de coisa aconteceria em Janloon.

— Eles não tem o que fazer — disse Anden, compelido a defender Cory Dauk e seus amigos keko-espênicos. — Sem um clã ou um Pilar, sem gente como o Dauk Losun ou o Rohn Toro, ninguém sabe como agir feito Osso Verde de verdade. Mas ainda assim são nossos aliados e parceiros de negócio. Mesmo depois do Remi ter nos insultado diretamente, o Hilo-jen prometeu pra viúva do Dauk que iria manter o Desponta fora de Resville e que não faria nada que trouxesse atenção negativa. — Anden parou por um instante e encarou Tar com um olhar cheio de significado. — O Keke do Mal é um inimigo do clã e o Pilar quer que ele desapareça. Como ninguém tem mais familiaridade com a Espênia do que eu, caiu pra mim a responsabilidade de resolver essa questão, mas do jeito certo, sem deixar nenhum rastro que leve ao Desponta.

— Vai por mim, eu já estive nessa situação, já recebi ordens difíceis que vieram diretamente do Pilar, e eu não confiaria um serviço desses a qualquer um.

— O Hilo não sabe que eu tô aqui.

Tar arqueou as sobrancelhas e se recostou na cadeira. Anden pôde perceber que o antigo Encarregado do Pilar estava decepcionado. Com certeza esperara que a visita tivesse sido algo sugerido, ou ao menos tolerado, pelo Pilar. Mas, ainda assim, e mesmo depois de tantos anos, Tar ficou lisonjeado por ter sido procurado por Anden, que estava disposto a arriscar sua própria situação com o Pilar ao ir atrás de um pária do clã sem o conhecimento ou a benção de Hilo.

Ele se levantou e trouxe mais garrafas de refrigerante. Quando se sentou de novo, o franzir de seu cenho deixou evidente que estava pensando em tudo o que Anden havia dito.

— Você jura que matar esse sujeito vai ser bom pro clã? Que será útil pro Hilo-jen?

— Juro. Se esse não fosse o caso, eu não estaria aqui.

— Esse tal de Jon Remi. Ele merece morrer?

O questionamento pegou Anden desprevenido. Não parecia algo no qual Maik Tar pararia para pensar, algo que já chegara a se perguntar no passado. Mas Tar o encarava com um olhar firme, à espera de uma resposta, e com uma expressão no rosto que lhe parecia destoante, o semblante de um homem que passara a última década de sua vida fazendo muitas perguntas para as quais ainda esperava esclarecimentos.

Anden passou um minuto pensando antes de responder.

— O Remi é o que é. De certa forma, é de se admirar, porque ele quer ser senhor do próprio destino, e exige respeito mesmo quando tudo parece estar contra ele. Mas usa jade pra se aproveitar dos outros. Extorque até mesmo os negócios kekonésios. Já matou muita gente, mas sempre por dinheiro ou drogas, nunca em um expurgo por lâmina. Os Cabeças de Cobra são tão ruins quanto os Tripulantes. — Uma breve pausa. — Esse tipo de Osso Verde não deveria poder existir. Então ele merece morrer tanto quanto qualquer outra pessoa no nosso mundo.

Tar ficou em silêncio por um instante. A resposta fora mais elaborada e sincera do que tinha esperado, e ele estava grato por Anden ter demonstrado (mesmo para um assassino desonrado e exilado) o respeito de não mentir ou de dar uma resposta ensaiada. Tar se levantou e os dois caminharam juntos até a porta.

— Sempre vou fazer o que o Hilo-jen precisa que seja feito. Não se preocupa com nada, garoto.

Enquanto Anden saia da pequena casa, Tar perguntou:

— Será que você pode falar pros meninos, pro Cam, principalmente, que o tio Tar tá com saudade e ama eles? Sei que alguns erros não têm conserto, mas a gente precisa seguir em frente, né? E tentar fazer o melhor possível com o que nos resta. Fala isso por mim, pode ser?



A ruína dos Cabeças de Cobra aconteceu tão rápido que foi um choque até mesmo para os padrões do submundo de Resville. A polícia civil e as autoridades federais nunca antes tinham recebido tantas informações internas a respeito da gangue keko-espênica mais notória do país. Menos de uma semana

depois da morte de Remi, tinham prendido e acusado de uma diversidade de crimes quase todos os subordinados diretos do Keke do Mal.

Os Cabeças de Cobra que sobraram não conseguiram se reorganizar rápido o bastante para sobreviver à investida da lei e aos ataques oportunistas do cartel dos Copa e dos Tripulantes da região. Os seguidores de Remi que deram um jeito de fugir da prisão saíram da cidade ou abandonaram suas atividades e sociedades. Alguns chegaram até a parar de usar jade. Algumas gangues dissidentes e menores apareceram, mas, além de enfrentarem o desdém e serem considerados bandidinhos fajutos, nenhuma foi muito longe. Tinham pouca ou nenhuma jade, e agora nenhum dos líderes Ossos Verdes que apoiavam a família Dauk em Porto Massy concederia jade para pessoas que tivessem antecedentes criminais.

Os Tripulantes logo se apressaram para ocupar a lacuna deixada pela remoção dos Cabeças de Cobra. Em pouco tempo, intermediaram um tênue acordo com os Copas no qual deixaram os rivais com o domínio do tráfico de drogas, mas reassumiram o controle das apostas, prostituição e extorsão na maior parte de Resville, tirando áreas que fossem predominantemente kekonísias, onde havia chances de que acabassem sendo silenciosa e forçadamente escorraçados.

Na comunidade Osso Verde de keko-espênicos, o aviso fora dado. A mensagem se espalhou: treinem em segredo, usam jade, protejam suas vizinhanças. Quem ficasse ganancioso demais e se transformasse num Chefe de Tripulação, teria o mesmo fim de Jon Remi, que pagou pela desobediência e pelo desrespeito com a família Kaul do Desponta.

Dois meses depois da prisão, enquanto esperava pelo julgamento, Maik Tar foi encontrado morto em sua cela; tinha se enforcado com um lençol rasgado. Mais cedo naquele dia, caminhara pelo pátio da prisão aparentemente de bom humor, quase cem por cento recuperado dos ferimentos. Tinha jantado e rido com os guardas; não parecera em risco de cometer suicídio. Não deixara nenhum bilhete, mas, naquela noite, falara muito do irmão mais velho, que havia morrido dezoito anos antes, e tinha revelado que esperava que realmente houvesse uma vida após a morte, como algumas pessoas diziam.

O corpo de Maik Tar foi enviado de volta para sua família, em Janloon, e enterrado ao lado de Kehn no terreno da família Kaul no Cemitério Céus à Espera. O funeral foi pouco difundido até mesmo dentro do Desponta; muitos amigos e familiares de Iyn Ro ficariam ensandecidos pelo Pilar ter encerrado o exílio de Tar, mesmo dessa única forma derradeira. Apenas os membros mais

íntimos da família Kaul estiveram presentes. Depois, Hilo passou um bom tempo encarando o espaço onde três de seus irmãos estavam sepultados: Lan, Kehn e agora Tar. Wen ficou ao lado dele, sem emitir um ruído sequer, mas com o rosto tomado de lágrimas que escorriam silenciosamente, e era apenas por ela estar chorando que Hilo não conseguia. O luto que pesava em seu peito não era mais aquela raiva flamejante que o instigara quando Lan e Kehn foram assassinados. À morte de Tar, a sensação era de que havia chegado ao fim uma tragédia que acontecera muito tempo antes.

Anden veio para o outro lado de Hilo e olhou para o caixão lá embaixo. Estava com o rosto tomado de arrependimento. Com a voz abafada e incerta, falou:

— Eu entendo se você me culpar, Hilo-jen.

A princípio, o Pilar não respondeu.

— O Tar era o melhor, o único que teria conseguido — disse, por fim, baixinho. — Não te culpo nem um pouco mais do que culpo a mim mesmo.

Ele colocou uma mão no ombro de Anden e se apoiou tão pesadamente que quase desmoronou sobre seu primo.

— Fiquei muito tempo com raiva de você por ter se recusado a usar jade. Claro que você se lembra. Só que agora… Eu agradeço por você não ser um Punho, Andy. Eu preciso… — Hilo ficou com a voz embargada. — Preciso que um dos meus irmãos viva.




CAPÍTULO 43

Liberdade

Niko estava de barriga para baixo na neve, com o rifle R5 apontado para a estrada que levava à cidade. Fazia mais de três horas que estava deitado, escondido com trajes de camuflagem branca e marrom. O frio em Udain era agressivamente seco; sua garganta e língua estavam ásperas feito lixa, não importava quanto gelo chupasse enquanto esperava. E, conforme o sol começou a se pôr, a temperatura caiu ainda mais. O vento acelerou, fazendo seus olhos arderem e assando seu rosto. Não conseguia mais sentir as extremidades do corpo, o que era um problema, já que contava com os dedos rígidos e encurvados para puxar o gatilho quando chegasse a hora. Na época em que estudava na Academia Kaul Du, Niko fora a viagens de treinamento dentro das densas montanhas florestais de Kekon, onde ficava frio à noite, mas nunca desse jeito.

Para desviar a mente do desconforto, imaginou como Janloon estaria. Um dia agradável de outono, o sol esquentando ruas movimentadas, o cheiro levemente doce e apimentado da cidade pairando sobre a brisa fresca que soprava do porto. Com o clima agradável, sua avó estaria do lado de fora, limpando os canteiros de flores. A mãe estaria redecorando. O Pilar, fazendo reuniões no pátio ou supervisionando os Punhos que treinavam no gramado. Ru, atravessando o pátio da Universidade Real de Jan, a caminho da próxima aula. Jaya já teria se

formado na Academia; será que era uma Dedo do clã a essa altura?

Foi você que escolheu isso, Niko relembrou a si mesmo. Na maior parte do tempo, quando não estava congelando e com saudade de casa, ficava satisfeito por ter tomado a decisão que mudou sua vida. Ainda era obrigado a ir para onde o mandavam e fazer o que lhe ordenavam, igual a quando fora um Dedo, mas ninguém o tratava diferente por causa de seu sobrenome. Ninguém pedia favores à sua família, ou esperava algum desempenho melhor do que o habitual. Ele tinha as mesmas roupas, as mesmas armas, a mesma comida de merda que qualquer outro cara. O anonimato era algo que nunca havia tido antes, e era uma liberdade gloriosa que lhe convinha. Era finalmente dono de si mesmo.

E também vira com os próprios olhos o quanto havia no mundo para além de Kekon e dos clãs. Durante toda a sua vida, a rixa de família entre o Montanha e o Desponta havia permeado a sociedade kekonísia e cada aspecto da vida dele. Fora da ilha, no entanto, poucas pessoas conheciam ou se importavam com essa realidade. A maioria dos estrangeiros que usavam jade nunca se questionava de onde ela vinha, assim como também nunca se perguntavam de onde vinha a comida que comiam e as roupas que usavam. Os clãs Ossos Verdes pareciam tão irrelevantes quanto Jim Sunto dissera que eram: uma anomalia cultural isolada. Isso foi uma revelação para Niko, o tipo de catarse pela qual esperara quando saíra de Janloon. E confirmou suspeitas que ele fomentara por certo tempo de que o clã o fornecera apenas uma visão limitada da realidade.

Ao lado dele, Teije Inno se remexeu, tentando encontrar uma posição menos desconfortável. Niko conhecera ele e doze outros recrutas kekonésios na semana de instruções da GSI, no começo do ano anterior. Embora não tivesse reconhecido o rosto do sujeito, reconhecera o nome. Muito embora os Teije fossem parentes dos Kaul e fizessem parte do Desponta, as famílias raramente interagiam. Em Kekon, a diferença de status entre Niko e Teije Inno teria dificultado muito que se tornassem amigos, mas ali, os dois kekonésios estavam longe de casa e cercados de estrangeiros; Niko era grato pela presença de Teije.

Teije o cutucou e tocou a cabeça num gesto discreto. *Percebeu aquilo lá?* Ele apontou o queixo para a esquerda. Niko não conseguia ver nada vindo pela estrada. O céu continuava reluzindo num tom índigo de azul, mas, sob a copa dos pinheiros, já estava escuro. Niko deixou os olhos desfocarem e, desejando que ela fosse mais forte, expandiu a Percepção. A princípio, tudo o que conseguiu captar foram energias próximas (a aura de Teije bem ao lado, vislumbres minúsculos de roedores debaixo da neve, pássaros nos galhos e os dois soldados da GSI do outro lado da rua). Depois de mais dois segundos de

concentração, porém, discerniu a sutil impressão de várias pessoas, aglomeradas demais para que suas energias individuais pudessem ser distinguidas, mas que vinham se aproximando rápido. Um único veículo.

Niko se apoiou sobre os cotovelos só para conseguir fazer um sinal com as mãos para onde Falston e Hicks estavam escondidos. Torceu para que os espênicos o vissem em meio à penumbra, ou para que pelo menos pressentissem o alerta nas auras de jade dos colegas kekonésios. Niko não chegaria a dizer que era amigo dos outros dois sujeitos, mas, depois de três meses juntos no desolado interior de Udain, tinha acabado se acostumando com eles. Falston era grosseiro e cínico, e Hicks, mal-humorado, mas costumavam ser decentes num geral e menos condescendentes do que outros estrangeiros com quem Niko interagira. Ex-militares espênicos eram de longe a maioria na GSI. Muito embora usassem menos jade dentre todos ali, eram os mais irritantes de tão dogmáticos quanto ao modo com que faziam as coisas. Viviam juntando kekonésios, keko-espênicos e keko-shotarianos no mesmo balaio mesmo que os três grupos não falassem o mesmo idioma e se evitassem.

O veículo ficou visível: uma caminhonete marrom-lama de quatro portas com uma lona preta cobrindo a parte de trás, que vinha devagar pela rua de mão única. Os pneus para neve trituravam o gelo compactado conforme o carro seguia rumo à cidade de Hansill, um insípido povoado de duzentos mil habitantes que a inteligência espênica identificara como ponto de abrigo para membros de uma rebelião Entregantista contra o autocrático governo udaínico.

Niko semicerrou os olhos para o cano de seu R5. Lembrou de Vin Solunu, um dos Punhos mais importantes do Desponta, que tinha uma Percepção de longo alcance tão precisa e uma mira tão extraordinária que, de olho fechado, era capaz de acertar uma criatura viva a duzentos metros de distância. Houve uma vez em que Niko o vira, vendado, atirar num esquilo em uma árvore. Niko não tinha tanta confiança assim na própria pontaria, mesmo com a visão noturna. Mudando de ideia, pendurou o R5 no ombro, puxou os joelhos e os pés para cima, se agachou e, com gestos, explicou para o colega o que pretendia fazer.

Teije arregalou os olhos, mas assentiu, guardou o próprio rifle e então se preparou ao lado de Niko. Os dois respiraram juntos e foram acumulando a energia de jade que tinham. Falston e Hicks não faziam as coisas desse jeito, mas Niko e Teije eram Ossos Verdes kekonésios, e seguiam o modo kekonésio de fazer as coisas… de forma próxima e pessoal.

Niko irrompeu esconderijo afora. Seus músculos rígidos gritaram, revoltados com a repentina mudança de sossego para movimentos explosivos quando a

Força se derramou em seus músculos, transformando-o num borrão de velocidade quando ele se lançou pela estrada e atravessou a neve e a vegetação rasteira em dois pulos de Leveza.

Foi na hora perfeita. Enquanto a caminhonete barulhenta passava, Niko, feito um touro em debandada tirando um obstáculo da frente, se jogou de ombro na porta do passageiro com toda Força. Ninguém além de um Osso Verde com o mais alto nível de Aço tentaria algo tão perigoso. O impacto o arremessou para fora da estrada. Ele voou diversos metros e caiu em meio às árvores. Enquanto o mundo girava, Niko vislumbrou o veículo ziguezagueando loucamente depois de o motorista pisar fundo no freio (talvez achando que tivesse atropelado um veado).

Teije pousou na estrada e, em frente à caminhonete, soltou um poderoso e baixo golpe de Deflação que atingiu os oscilantes pneus da frente do veículo e fez com que capotasse num dramático giro em 360 graus antes de se chocar no monte de neve mais próximo e parar feito uma vaca atolada.

Com a cabeça zunindo, Niko fez esforço para se levantar. Ficou com as pernas bambas quando deixou o intenso arroubo de Aço se esvair de seu corpo, mas não quebrou nada. O rifle tinha ido parar perto dali, na neve. Pegou a arma e correu para a caminhonete, usando um pouco de Leveza para evitar que afundasse, mas correndo baixo e encurvado. Pela Percepção, notou que a inquietação das pessoas lá dentro disparou, feito uma repentina erupção denticulada de vermelho. Niko avistou o motorista levantando uma espingarda.

Balas atravessaram o para-brisa e arremessaram o corpo do motorista para trás. Falston e Hicks tinham chegado à caminhonete e estavam disparando rajadas de munição automática que cintilavam aos olhos de Niko feito fogos de artifício de Ano-novo. A porta traseira do veículo se abriu e um homem, que segurava uma pistola, tropeçou para fora. Ele deu um passo e desmoronou no meio da estrada; um amontoado imóvel sobre o gelo.

Quando Niko os alcançou segundos depois, o penetrante estrondo dos tiros de rifle ia esmaecendo pela floresta. Cartuchos usados se acumulavam no chão.

— Pelas bolas do Profeta! — comemorou Hicks, com um tapinha nas costas de Niko. — Seu keke maluco do caralho. Você *atropelou uma caminhonete!*

Niko estava ofegante, com o coração ainda disparado de adrenalina e júbilo por sua ousadia bem-sucedida. Uma voz lá no fundo de seu cérebro exclamava: *ah, se o Chifre tivesse visto!* Quando abriu a boca para falar, um barulho emergiu de dentro do veículo: um grito agudo de dor.

Os homens congelaram ao ouvirem o som apavorante. Niko foi o primeiro a

se mexer. Passou por Hicks e se aproximou da cabine aberta. Viu o motorista de meia-idade e outro sujeito mais novo, ambos mortos e estatelados no banco da frente em seus casacos de inverno. Atrás, havia um garoto que devia der uns 12 anos, caído no colo de uma criança ainda menor, uma menina, talvez sua irmã. Tinha 9 ou 10 anos, estava coberta de sangue, mas viva e choramingando baixinho.

— Porra, meus deuses — ofegou Teije ao lado de Niko.

As fontes de inteligência no governo udaínico haviam dito que o alvo era uma comitiva insurgente de reconhecimento, que os homens no veículo eram os líderes de uma célula radical Entregantista. Os mortos não pareciam soldados treinados e calejados. Pareciam gente comum da cidade.

Teije arrancou a lona de cima da carroceria.

— Não tem nada aqui.

Nada de armas, nada de explosivos. Apenas fardos de lenha para fogueira, um rolo de corda e um trenó vermelho de plástico.

Niko não conseguia parar de olhar para a garota. Seu cabelo debaixo do gorro rosa de lã era claro, e ela tinha sardas escuras. A menina abria e fechava a boca enquanto o encarava, confusa e aterrorizada. Ele estendeu o braço para dentro e tentou abrir seu cinto para tirá-la dali.

Falston agarrou o braço de Niko. Por um instante, as palavras espênicas do sujeito não fizeram sentido para Niko.

— A gente tem que dar o fora daqui. Antes que os reforços cheguem.

Niko puxou o braço de volta.

— Não tem nada de reforços. *A gente fez merda.* — Então, ao perceber que, em meio ao choque e à raiva, havia falado kekonês, disse num espênico rudimentar: — A menina. Temos que ajudar ela.

— Você não tem como ajudar ela — respondeu Falston, com uma certeza impassível na voz. — Ela não vai sobreviver.

Era verdade. Niko conseguia Perceber a vida se esvaindo da criança feito fumaça branca vertendo na escuridão. Empurrou o irmão morto da menina para o lado e começou a Afluir nela, mas era como tentar segurar água dentro de um coador. A energia vazava por diversas direções, e ele não tinha o nível de Percepção e o treinamento médico para saber onde focar.

Ah, se o tio Anden estivesse aqui. Ele saberia o que fazer. Ele conseguiria salvar ela. Ele trouxe até mesmo a minha mãe de volta à vida.

O peito da garota parou de se mexer. Niko percebeu o momento em que começou a Afluir para um cadáver; a sensação era de que estava tentando

empurrar sua própria energia para dentro de uma esponja seca. Ela continuava de olhos abertos, encarando o nada sem piscar.

Niko se virou. Teije estava atrás dele, olhando por cima de seu ombro. Seus dedos se moviam agitadamente pela jade que usava ao redor do pescoço. Ele recuou ao ver a expressão no rosto de Niko e, com a voz fraca, falou:

— Não tinha nada que a gente pudesse fazer.

Niko avançou contra Falston.

— Por que foi que você atirou? — gritou, agarrando o colete tático do outro homem. — Eu parei a caminhonete. Você deveria ter olhado o lado de dentro. Deveria ter… — Não conseguia juntar as palavras em espênico para se expressar do jeito certo, para gritar que qualquer otário tinha a capacidade de atirar com um rifle de assalto, mas que havia um motivo pelo qual Ossos Verdes treinavam as habilidades de jade. Qualquer Dedo descuidado a ponto de abrir fogo contra inocentes seria extirpado de jade pelo próprio clã e depois exilado ou executado por ter rompido o aisho.

Falston era um sujeito grande e forte. Ele empurrou Niko, com força, e o fez tropeçar para trás. Hicks se meteu entre os dois, e Teije agarrou Niko. Auras de jade flamejaram, cortantes e lívidas de agressividade e pânico.

— Acorda pra vida, porra! — gritou Hicks para Niko. — Ninguém tem culpa, a gente tá fazendo o nosso trabalho. Deve ter sido alguma confusão. Nós obviamente recebemos informações erradas, tá bom?

Teije olhou para a caminhonete lá atrás e empalideceu.

— Será que a gente coloca isso no relatório?

De acordo com as políticas da GSI, todas as mortes causadas fora de combate deveriam ser levadas a um comitê de avaliação ética.

— Porra, claro que *não* — exclamou Hicks, chocado com a pergunta de Teije. — A gente não é soldado do exército da RDE! Somos terceirizados; não recebemos nenhuma proteção do governo. Se decidirem que usamos força excessiva, seremos responsabilizados.

— Existem… *regras* — disse Niko, com a voz embargada. — Nós temos jade, essas pessoas, não.

— Nós também temos tanques blindados, lança-foguetes e imagens de satélite — retrucou Hicks. — Onde você quer chegar com isso?

Com uma razoabilidade brusca, Falston falou:

— Olha, se os bandidos não se escondessem no meio dos civis, isso não iria acontecer, mas às vezes acontece. Aconteceu quando eu estava em Oortoko também, mais do que eu gosto de me lembrar. Você não pode deixar isso te

consumir, caco. Estamos numa guerra. Por motivos judiciais, a empresa é obrigada a ter políticas e essas merdas escritas no papel, mas, vai por mim, *ninguém* lá de cima vai querer que a gente coloque isso aqui num relatório.

— Eliminamos o alvo, é isso o que vamos relatar — disse Hicks. — Os três homens na caminhonete provavelmente *eram* rebeldes Entregantistas mesmo. — Quando Niko abriu a boca de novo, Hicks colocou o rosto bem na sua frente, tão perto que Niko pôde sentir o hálito e ver os pelos daquelas finas narinas arreganhadas. — *Chega*, seu keke cabeça-dura. Isso que aconteceu foi uma loucura do caralho e tá todo mundo abalado, mas o líder desta equipe aqui sou *eu*, e a gente vai fazer o que *eu* mandar. Algum problema?

Ninguém nunca tinha falado com Niko num tom tão desrespeitoso e agressivo antes e, por diversos segundos, ele ficou com o cérebro tão em branco quanto seu rosto deveria estar. Então, uma série de respostas lhe vieram à cabeça, mas ele não tinha um vocabulário profano o bastante em espênico para expressar nenhuma delas. A sensação que essa vergonha inarticulada trouxe era tão escaldante quanto uma febre repentina. Se fosse possível oferecer um expurgo por lâmina, ele o teria feito ali mesmo.

Poderia desafiar seus colegas espênicos e ir até os ranques maiores de comando, chegar até Jim Sunto, ou então à mantenedora da GSI, a Recursos Globais Anorco. Mas e depois? Sua mente se dispersou para uma variedade de direções que não levariam a nada. Será que os superiores acreditariam na sua palavra e não na de Falston e Hicks? Será que seriam todos disciplinados, ou ele e Teije levariam a maior parte da culpa? Será que Falston estava certo? Que qualquer relatório seria mal recebido, geraria recriminações e, no fim das contas, o incidente acabaria sendo considerado um efeito colateral inevitável?

De qualquer forma, a garota na caminhonete continuaria morta.

Os olhos de Hicks continuavam perfurando os de Niko. As auras de jade dos outros homens zuniam de forma estridente em sua mente. Ele vislumbrou os dedos de Falston cada vez mais firmes na R5 quando Teije, com a ansiedade lá em cima, colocou a cabeça entre os dois.

— Niko-jen…

Niko deu um passo para trás e olhou para o chão. Se odiou por isso, por ter abaixado a cabeça para um homem que ele acabara de ver descarregar um rifle de assalto numa caminhonete com crianças, um homem que estaria morto se falasse com ele desse jeito em Kekon.

Acontece que não estavam em Kekon. Niko não tinha o apoio de nenhum dos Dedos do clã, nem uma migalha do poder de sua família e, além de Teije, não

havia ninguém vendo.

— Tudo certo — murmurou.

Hicks grunhiu em resposta.

— Que bom — vociferou. Depois, com menos intensidade, acrescentou: — Não era a minha intenção te chamar de keke. Todo mundo ficou nervoso demais, só isso.

— É melhor a gente sair daqui — incitou Falston.

Então se virou e, determinado, começou a árdua caminhada pela floresta rumo ao ponto de encontro a dois quilômetros dali, onde um veículo blindado da GSI os pegaria. Hicks foi em seguida. Depois de um instante, Teije também. Niko fechou a fila. E não voltou a olhar para a estrada lá atrás.

Uma vez, quando era criança, ele perguntara à tia Shae o motivo de sua fé nos deuses. Ela o encarara com um olhar estranho, mas lúcido.

— Porque já senti eles me observando.

Niko ficara decepcionado. Tinha esperado uma explicação mais racional da Homem do Tempo. Agora, enfim, entendia aquela resposta. A cada passo que dava na neve, Niko afundava sob a sensação de que havia alguma atenção terrível voltando-se para ele, alcançando-o do outro lado do mundo feito uma maldição.




CAPÍTULO 44

Aqui Não É Kekon

vigésimo segundo ano, quarto mês

Dez meses depois do clã ter estabelecido a filial administrativa em Shotar, Wen acompanhou sua cunhada numa viagem de negócios para a cidade de Leyolo. Nunca havia ido lá antes e estava ávida para ver alguns dos pontos turísticos, mas, acima de tudo, tinha negócios próprios com os quais queria lidar pessoalmente.

O marido e a filha de Shae as levaram ao aeroporto na manhã do embarque.

— A senhora vai trazer alguma coisa pra mim? — perguntou Tia à mãe.

— O que você quer?

A criança de 7 anos pensou a respeito.

— Um vestido bonito!

— Eu trago — prometeu Shae. — A tia Wen vai me ajudar a escolher.

— Vou mesmo — concordou Wen com um sorriso.

Gostava de comprar roupas para a sobrinha. Os esforços de emperiquitar Jaya haviam sempre sido rejeitados, e resultavam em dinheiro desperdiçado ou roupas arruinadas. Tia, por outro lado, era uma criança artística e delicada, que amava animais, coisas cintilantes, dançar e inventar histórias. Wen se divertia ao ver que, por mais que amasse a filha, Shae também parecia ficar perplexa com a

pequena, sem saber ao certo como uma criança tão sonhadora e gentil havia nascido na família Kaul.

Shae abraçou Tia, deu um beijo de despedida em Woon e passou meia dúzia de lembretes que o marido aceitou com a mesma paciência sagaz com que uma vez encarara as questões da Homem do Tempo na Rua Caravela e na Casa da Sabedoria. Enquanto os observava, Wen foi tomada de nostalgia e tristeza. Seus filhos tinham crescido; até mesmo Jaya saíra de casa. Com relutância, Hilo concordara em mandá-la para Toshon, no extremo sul do país, onde ela poderia sair do holofote de ser a filha do Pilar e ter espaço para provar sua destreza como Osso Verde. Muito tempo antes, Wen secretamente torcera para que um dia tivesse o tipo de relação idílica entre mãe e filha que incluía passatempos femininos como brunches e spa, sair para fazer compras e passar o dia conversando pelo telefone. Jaya só ligava quando precisava de alguma coisa, normalmente de conselhos do pai para lidar com algum problema. A contragosto, Wen tinha orgulho da filha, mas se lamentava por ser tão capaz de interagir com Jaya quanto Shae era de compreender Tia por completo.

Muito embora não externalizasse tanto quanto deveria, Wen também tinha orgulho de Ru, que, ao que tudo indicava, estava indo bem na faculdade. Se preocupara tanto na infância do filho, com medo de que ele fosse rejeitado e desrespeitado, que acabasse nas amarras do estigma, que acabasse sem perspectivas significativas (o destino que ela certamente teria encarado não fosse pelo casamento com Hilo). Mas Ru crescera de uma forma muito diferente. Era cheio de grandes ideias e autoconfiança, talvez até demais.

— Ele fica falando de se tornar o chanceler do país. E aí teremos ouro e jade juntos na mesma família — dizia Hilo de brincadeira, mesmo que, por vezes, Wen tivesse a impressão de que o Pilar talvez acreditasse nessa possibilidade.

Quanto a Niko… o coração de Wen doía sempre que pensava nele. Com o mais velho, sentia que havia falhado como mãe. Convencera Hilo a trazê-lo de volta para Janloon quando era bebê, criara-o e o amara como se fosse seu próprio filho, acreditando com a mais forte das certezas que o garoto se tratava de um presente do destino, uma compensação dos deuses por Ru ter herdado sua insuficiência. No entanto, ele odiara o peso dessa expectativa, fugira e levara junto as esperanças da família. Agora, Wen nem mesmo sabia onde ele estava. Hilo talvez soubesse. Ela sabia que o marido tinha pessoas que ficavam de olho em Niko, relatando seu paradeiro, mas, por consideração, ele não oferecia informações a menos que ela pedisse. Ela não pedia.

Durante o voo de três horas e meia, Wen e Shae conferiram uma revista de

viagens e fizeram planos de ir a uma casa de banho shotariana e assistir a um musical na mundialmente famosa ópera da cidade de Leyolo. Fazia um bocado de tempo que as duas não tinham a oportunidade de aproveitar juntas sem as demandas imediatas da família. Wen conseguia ver a empolgação crescente de sua cunhada, e, quando o café da manhã foi servido na cabine executiva, Shae perguntou, com um inesperado sorrisinho malandro:

— Não é cedo demais pra um drink, né?

— Shae-jen — exclamou Wen — Eu jamais iria contrariar a lógica da Homem do Tempo.

A aeromoça fez coquetéis de suco de lichia com vinho frisante em copos compridos e finos.

— Vamos ter que fazer reservas pro jantar de hoje, igual a pessoas normais — acrescentou Shae com uma empolgação radiante.

Até mesmo o fato de saberem que não receberiam prioridade era uma novidade pela qual ansiar, algo que fazia a viagem parecer uma aventura.

Não estavam sozinhas, é claro; Dudo e Tako, os dois guarda-costas de longa data de Wen, estavam sentados ali perto e a seguiriam para onde quer que fosse. Os dois antigos Punhos eram quase parte da família. Com o passar dos anos, passara a conhecê-los bem, assim como suas esposas e filhos. Os homens haviam se tornado hábeis em se camuflar em qualquer ocasião a que Wen fosse, de encontros do clã a aparições públicas e eventos beneficentes.

Por vezes, os dias de Wen eram tão ocupados quanto os de seu marido, muito embora ela tentasse não lotar demais a própria agenda. Precisava levar suas limitações físicas em consideração, e sua primeira responsabilidade era sempre apoiar o Pilar. Nenhum outro líder Osso Verde tomara a questionável decisão de apontar a própria esposa como Encarregada. Wen sabia que a aceitação indiferente do clã à sua posição incomumente elevada exigia que ela encontrasse o delicado equilíbrio entre ser participava e não se exceder. Acolhia um papel visível como esposa e anfitriã, promovia causas como as artes e o meio ambiente, e fazia campanhas de conscientização a respeito da não reatividade e deficiências. Tomava cuidado para nunca falar publicamente de assuntos do clã e nem de chamar atenção para si mesma de quaisquer formas que pudessem depreciar a autoridade de Hilo.

Era só no particular, com a família, que discutia as questões importantes em voga no Desponta.

— O escritório de Leyolo teve algum problema com os Montanha ou seus aliados barukânes? — perguntou.

Sua cunhada fechou a janela enquanto voavam para o leste, rumo ao sol da manhã.

— Felizmente, apenas alguns poucos, graças às nossas relações com a polícia.

Os órgãos de segurança pública shotarianos nunca haviam tido muito sucesso em se infiltrar nas gangues insulares de kekonésios. O Desponta, no entanto, possuía uma eficaz rede de Ratos Brancos no submundo shotariano. Durante sua época como Chifre, Juen Nu estimara que as gangues barukânes eram um elo fraco na estrutura de poder de Ayt Mada. Keko-shotarianos eram uma subclasse em Shotar: geralmente pobres, perseguidos judicialmente e acostumados a viver entre o medo e a traição. Não foi preciso muito esforço no que dizia respeito a propinas ou ameaças para induzi-los a fornecer informações.

Muito embora os espiões internacionais do Desponta conseguissem poucas informações úteis a respeito do Montanha em si, já que Ayt Mada não era tão descuidada a ponto de compartilhar seus planos com forasteiros, os dados que angariavam costumavam revelar a movimentação de dinheiro e de pessoal, o que o Desponta usou como vantagem para neutralizar a superioridade numérica de Ayt. Num impressionante exemplo de cooperação entre as partes militar e administrativa do clã, essa aptidão se tornara a arma da Homem do Tempo em Shotar.

Shae estava repassando informações do lado do Chifre a respeito de atividades barukânes (grandes negociações de drogas, vendas de arma, redes de prostituição e aí por diante) para os policiais shotarianos, que estavam mais do que dispostos a aceitar dicas dos espiões do Desponta e receber todo o crédito da imprensa, do governo e do público pelas apreensões decorrentes. Claro, isso não vinha a troco de nada. Alvarás comerciais, vistos de trabalho e reuniões importantes eram facilitadas, e os escritórios do Desponta receberam uma atenção especial e proteção do Departamento de Polícia da Cidade de Leyolo. A permuta possibilitara a expansão do clã em Shotar, e até mesmo Hami Tumashon, antes cético, acabara por apoiar o plano.

Wen ergueu o copo e brindou com Shae.

— Quem poderia ter imaginado a ironia de um clã Osso Verde trabalhando com o governo shotariano?

Pousaram em Leyolo pouco depois do meio-dia e se separaram. Um carro já reservado esperava para levar Shae direto para a filial da Homem do Tempo. Wen esperou pelas bagagens, que Tako carregou até o estacionamento enquanto Dudo inspecionava cada centímetro da SUV preto que haviam alugado.

Satisfeito com a segurança, os guarda-costas de Wen a levaram até o Oasis Sulliya, que não era um típico hotel central, mas um resort levemente mais ao sul, perto da área de Rubrágua, que era o coração da indústria cinematográfica de Shotar.

Wen entrou no quarto, trocou de roupa, pediu um almoço leve do cardápio de serviço de quarto e ligou para o marido a fim de avisá-lo que tinha chegado.

— A cidade é tão glamurosa quanto nos filmes — contou para ele, que estava no escritório, entre uma reunião e outra.

No percurso pela metrópole, Wen admirara as torres de aço da capital, que figuravam entre as mais altas do mundo, as vias rápidas suspensas e os bondes de alta velocidade, os gigantescos outdoors de neon rotatórios que flamejavam com luz mesmo no meio do dia. Leyolo fora tão destruída cinquenta anos antes, na Guerra das Muitas Nações, que, quando foi reconstruída, irrompeu das cinzas feito uma fênix.

— Mas, pra primavera, faz mais frio do que eu esperava.

— Não gasta demais, a menos que vá comprar uma empresa — cutucou Hilo.

— E se eu for mesmo? — perguntou Wen, incapaz de resistir a provocá-lo.

— Vou deduzir que foi a Shae que te incentivou. Vocês duas são uma péssima influencia uma pra outra — respondeu ele, de um jeito tranquilo que fazia graça com o passado, mas ainda assim servia como um sério lembrete. *Nada de segredos*. — Preciso ir. Se divirta. Te amo.

À tarde, os guarda-costas de Wen a levaram até a sede da Filmes Luz de Diamante. Uma intérprete, verificada e contratada pelo escritório da Homem do Tempo, estava a espera e a acompanhou quando ela foi recebida na recepção e levada até um gigantesco escritório em um dos cantos. De pé atrás da mesa, havia um homem de óculos escuros de aro de metal, um pequeno cavanhaque e vestindo uma cara camisa azul com as mangas enroladas até a metade dos antebraços grossos. Devia ter apenas 40 anos, mas era careca feito um ovo. Wen não compreendia o shotariano ligeiro que o sujeito gritava num fone de ouvido, mas ele estava ou muito empolgado ou verbalmente destruindo a pessoa do outro lado da linha. O desconhecido desligou a chamada, jogou o fone de lado e olhou para Wen.

— Pas Guttano — disse ela, usando o honorífico respeitoso e falando as poucas palavras em shotariano que ensaiara cuidadosamente. — É meu privilégio conhecê-lo.

Uniu as mãos e levou-as ao coração.

Guttano retribuiu o cumprimento, embora tenha ficado com um semblante

cauteloso. Deu um sorriso contido enquanto lhe indicava onde sentar.

— A senhora deve ser a Sra. Kaul.

Wen se sentou na poltrona confortável em frente à ampla mesa do executivo. A intérprete, uma jovem recatada com mãos compridas e finas, se empoleirou, alerta, no lugar ao seu lado. Dudo e Tako ficaram rentes à parede da porta do escritório. Ambos os Ossos Verdes usavam jade escondida, mas Guttano os analisou com um singelo desconforto antes de se virar de volta para Wen.

— Eu sei quem você é — disse ele —, mas não consigo pensar em nenhum motivo para que uma representante de um clã Osso Verde me visite. A Luz de Diamante não tem nenhum projeto sendo rodado em Kekon no momento.

A intérprete repetiu as palavras em kekonês para Wen, que respondeu:

— Vim em nome do Desponta pedir um favor. Não é um pedido qualquer e, como não nos conhecemos, acreditei que seria importante vir até Leyolo para discutir o assunto pessoalmente. — Esperou que a intérprete a alcançasse. — O Desponta é um grande investidor na Costa Filmes, um estúdio de cinema kekonésio que não é muito importante no panorama global da indústria cinematográfica, mas é a maior produtora que temos na nossa ilha. Desfrutou de alguns sucessos comerciais recentes, principalmente uma série de filmes de ação protagonizados pelo Danny Sinjo.

— *Os Punhos Rápidos* — disse Guttano, empolgado, enquanto se sentava mais para a frente e perdia parte de seu comedimento inicial. — Já assisti todos os três! É um ótimo entretenimento. O segundo ainda é o melhor, mas gosto do que fizeram com o personagem do Danny no terceiro.

— Sou suspeita pra falar do primeiro — disse Wen com um sorriso. — A série *Os Punhos Rápidos* foi um sucesso nacional, com vendas consistentes para *home video* tanto em Kekon quanto fora do país. Mas foram feitos num orçamento apertado pro público kekonésio. O próximo projeto da Costa Filmes é mais ambicioso. É uma empreitada em conjunto com um grande estúdio espênico, um filme de ação com um orçamento grande, a primeira produção kekonésia planejada para fazer sucesso dos dois lados do Amárico. Mas, pra que o projeto siga adiante, precisamos do Danny Sinjo.

Guttano estava meneando a cabeça antes mesmo da intérprete ter terminado de verter a frase de Wen.

— Sinto muito, já conversamos com o agente do Danny duas ou três vezes sobre isso. Danny Sinjo tem um contrato de vários anos com a Luz de Diamante, e liberá-lo dessa obrigação é simplesmente impossível para nós. Conheço o Sian Kugo da Costa Filmes e gosto do sujeito, mas ele vai precisar encontrar outra

pessoa para o projeto.

— Danny Sinjo é o único astro de cinema kekonésio com reconhecimento internacional pra sustentar esse filme, e o único grande ator com treinamento de Osso Verde para dar conta das acrobacias. O roteiro inteiro foi escrito pensando nele como protagonista.

Guttano abriu as mãos, pesaroso.

— Então será necessário reescrever o roteiro. A Luz de Diamante tem um cronograma de filmagens que também depende do Sinjo.

Wen cerrou os punhos sobre os joelhos e deu o mais calmo de seus sorrisos persuasivos para o executivo.

— Eu entendo mesmo que liberá-lo do contrato não seja do seu interesse. Estou aqui para mudar isso. Seja lá o que você tenha discutido com o agente do Sinjo, deixe pra lá. O Desponta vai pagar vinte milhões de sepas para a Luz de Diamante liberar o Danny Sinjo das obrigações legais com o seu estúdio. Até onde sei, isso é três vezes o valor que vocês planejavam pagá-lo para interpretar o subchefe no próximo filme da série *Ruas de Sangue*, que ainda não começou a ser rodado. Mesmo levando em consideração o custo de possíveis atrasos e a incomodação de encontrar um novo ator para interpretar o vilão, você há de admitir que é um reembolso generoso para a perda.

Guttano tinha começado a parecer extremamente desconfortável. Balançou-se para a frente e para trás na cadeira e cruzou os braços, ainda meneando a cabeça.

— Lamento que seja simplesmente impossível — insistiu ele de novo.

Wen sentiu a raiva se inflamando aos poucos por dentro, mas continuou falando no mesmo timbre convincente. Pensou na persuasão casual e ainda assim intimidadora que Hilo teria nessa situação e tentou projetar um pouco da energia do marido nas palavras.

— Antes de recusar com tanta veemência, leve em consideração o fato de que minha família não esqueceria desse favor. Meu marido é um homem poderoso em Kekon e nosso clã tem força em muitas outras partes do mundo também. Não sei o quanto você é familiarizado com a cultura kekonísia, mas levamos nossas amizades muito a sério. Vamos supor que você precise de apoio de um aliado influente em algum momento futuramente… e quem não precisa, ainda mais um homem na sua posição? Pense em como isso valeria muito mais do que escalar um ator coadjuvante nesse único filme.

— Sra. Kaul, receio que a senhora não esteja entendendo. — Agitado, Guttano começou a remexer alguns objetos pela mesa, sem encará-la, mas olhando de soslaio para a intérprete e para os dois guarda-costas, para qualquer

lugar, exceto para ela. — Não é que eu esteja tentando hostilizar você ou o seu marido. Se dependesse só de mim, eu estaria disposto a negociar. Mas a questão não é o dinheiro. Danny Sinjo fechou um acordo com a Luz de Diamante antes de esse outro filme ser aprovado. Ele não pode abandonar o *Ruas de Sangue* para ir trabalhar pros kekonésios, num projeto financiado por um clã Osso Verde. Isso pegaria… muito mal. Seria inaceitável, vergonhoso para certos acionistas do estúdio.

Wen estava quase de saco cheio da evasividade desse sujeito. Deixou parte da cordialidade esmorecer da voz, e então um forte traço de decepção surgir.

— Eu tinha a impressão de que *você* era a autoridade final nesse quesito, Pas Guttano. Caso eu tenha me enganado, caso haja alguma outra pessoa na Luz de Diamante com quem eu deveria estar conversando, peço que me fale, pois aí discutirei esse assunto com ela.

Guttano empurrou a cadeira para trás, como se quisesse abrir espaço entre os dois.

— Como eu disse, dinheiro não é a principal questão. A amizade com o clã pode até ter algum valor no seu país natal, mas é algo que geraria inimigos em Shotar. — Em vez de olhar para Wen, ele olhou para a intérprete e falou uma frase em shotariano.

A jovem hesitou. Wen ficou surpresa. Até aquele momento, a interpretação havia sido rápida e impecável.

— O que foi que ele disse? — perguntou.

Nervosa, a intérprete respondeu:

— Peço desculpas, Sra. Kaul, mas não sei ao certo como traduzir isso para o kekonês. Em shotariano, as palavras são: “case com o diabo, receba a mãe do diabo”. Significa… é um ditado usado para descrever um acordo ou relação do qual não se pode escapar.

Wen processou esta informação.

— Você está dizendo que ele já casou com o diabo.

— Acho que é que o ele está tentando dizer, sim.

Ela enfim compreendeu a obstinação de Guttano. Tinha ouvido falar que a grandiosamente rentável indústria cinematográfica shotariana era cheia de envolvimentos com o crime organizado. Gangues barukânes controlavam diversos sindicatos, bancavam filmes e exigiam que fossem consultados a respeito da representação glorificada de gângsters keko-shotarianos na cultura pop; chegavam até a ditar escolhas de elenco. Guttano e a Filmes Luz de Diamante devem ter conexões com pessoas com quem não estão dispostos a

rivalizar.

Não conseguiria contornar esse obstáculo com dinheiro ou charme, não se uma das gangues barukânes tivesse algum controle sobre a Luz de Diamante. Teria que procurar Shae, pensar no que poderia ser feito.

Apesar do quanto ficara desanimada, Wen manteve o rosto neutro enquanto alisava a saia e se levantava.

— Estou decepcionada que não tenhamos chegado a um acordo — disse para Guttano. — Agora precisarei voltar para Janloon e decepcionar meu marido também. Não é algo que quero fazer. Ele não é um homem acostumado a receber não como resposta, então não sei como vai reagir.

Wen sabia muito bem como Hilo reagiria. Ele iria dar de ombros e dizer que era uma pena, mas que não importava muito; a Costa Filmes já tinha feito valer o investimento que ela convencera o Pilar e a Homem do Tempo a oferecer, e a indústria cinematográfica era apenas uma pequena peça no vasto portfólio de tributários do Desponta. Para consolá-la, ele a envolveria nos braços e diria que negócios eram assim e que nem tudo acontecia de acordo com o esperado, e perguntaria se ela por acaso havia se divertido em Leyolo.

O Pilar não enviaria Punhos para Shotar para forçar Guttano a obedecer, para matá-lo ou para destruir a Luz de Diamante, ainda mais se uma reação tão drástica pudesse colocar em risco os planos de expansão da Homem do Tempo. Qualquer líder Osso Verde que prestasse conhecia o poder da violência e a usava sem hesitar quando necessário, mas tratava-se de uma ferramenta potente, que não deveria ser desembainhada sem zelo algum por aí devido a algo como o contrato de um astro do cinema.

Guttano, no entanto, não sabia disso. Pelo estereótipo dos shotarianos, kekonésios eram cruéis e bárbaros, e alguns acreditavam que a jade era uma substância corruptora que, a cada uso, drenava parte da alma. Wen viu o medo tremeluzir por trás dos óculos escuros do executivo do estúdio. Tudo o que ele conhecia de Kaul Hiloshudon era sua reputação como um homem de muita jade e muitíssimo capaz de derramar sangue. Aí estava algo que Wen poderia usar como vantagem.

Num tom simpático, ela disse:

— Pense um pouco mais a respeito. Estarei na cidade por mais alguns dias. Caso decida que respondeu de forma abrupta demais, pode me encontrar no Resort Oasis Sulliya.

Wen se virou. Dudo e Tako se moverem em silêncio para abrir a porta do escritório. Ela saiu infeliz do prédio da Luz de Diamante, mas esperava que suas

palavras atingissem Guttano e que a apreensão na qual o deixou o motivasse a reconsiderar.



No banco traseiro da SUV, Shae suspirou e chutou os sapatos para fora do pé enquanto os guarda-costas de Wen as levavam de volta para o hotel mais tarde naquela noite.

— Você deveria vir em mais viagens a trabalho comigo — disse para Wen num suspiro. — Daria até pra isso virar um costume nosso.

Depois de uma refeição deliciosa de *oshoys (*pratos pequenos servidos junto com poesia) e uma apresentação de *A Echarpe da Dama*, um musical romântico que Shae vira pela primeira vez quando era universitária na Espênia e que, décadas depois e mesmo em shotariano, ainda gostava, ela estava se sentindo excepcionalmente relaxada, com as preocupações do clã gentilmente varridas de sua mente. Duvidava que, se estivesse sozinha, estaria sendo tão autoindulgente.

— É bom passar um tempinho longe dos homens e das crianças, né? — comentou Wen, concordando. Mas parecia preocupada, e o sorriso esmoreceu de seu rosto enquanto ela cutucava um pedaço de esmalte lascado. — Shae-jen — disse, depois de outro momento —, tem alguma coisa que a gente possa fazer quanto à Luz de Diamante? Será que podemos encontrar quem está nos atrapalhando? A pessoa de quem Guttano tem medo?

Shae esfregou as almofadas dos pés.

— Posso tentar — respondeu Shae com ambivalência. A informação que Wen queria seria fácil de descobrir; esse não era o problema. — Sei que esse acordo é importante pra você — falou ela —, mas não queremos que o Desponta chegue chegando com afinco demais em Shotar.

O escritório da Homem do Tempo ali era pequeno, e Shae estava tendo o cuidado de manter a discrição, mas o Montanha certamente tinha ciência de que o Desponta estava em Leyolo, e estaria atento a qualquer passo em falso. Tentar se impor contra os barukânes pela indústria cinematográfica parecia arriscado, mesmo que Shae concordasse com a cunhada; não deveriam subestimar o poder da cultura popular e do entretenimento quando o assunto era expandir a influência do clã. Matrículas em escolas de artes marciais e pedidos de patronagem pelo clã disparavam sempre que um dos filmes da série *Punhos Rápidos* era lançado.

Wen passou o xale de seda por sobre os ombros.

— Você tem razão — concordou ela, pesarosa. — Acho que posso ter me

investido demais nesse projeto porque queria provar algo pro Hilo.

O Pilar apoiava as atividades da esposa e reconhecia o valor do que fazia pelo clã, mas eram projetos secundários, periféricos quanto às questões essenciais de território, jade, dinheiro e guerreiros. Um filme kekonésio despontando na cena internacional de forma grandiosa talvez mudasse essa visão, e a vitória seria apenas de Wen e de mais ninguém.

Às vezes, quando ficava sobrecarregada pelas demandas de ser a Homem do Tempo do clã enquanto também conciliava a vida como esposa e mãe, Shae parava para pensar em cada obstáculo que sua cunhada havia superado com uma determinação discreta, mas imensurável. Era sempre obrigada a concluir que, em comparação, não tinha motivos para reclamar e nem desculpas para fracassar.

— Wen, você não tem que provar mais nada pra ninguém.

Wen lhe ofereceu um sorriso triste.

— Shae-jen, não esquece que a maioria do clã diria que eu tinha apenas uma função importante de verdade.

Dar um herdeiro à família. Não era de se admirar que ela tivesse reagido ainda pior do que Hilo à partida de Niko.

Luzes vermelhas pulsaram atrás da SUV, o que fez as duas se virarem. Dudo, que acabara de pegar a saída da via expressa rumo ao hotel, olhou pelo retrovisor para a viatura da Polícia de Leyolo que os seguia. Xingou, incrédulo.

— Encosta — disse Shae. — É só um policial shotariano.

Shae viu o pé do segurança pairar, indeciso, entre o acelerador e o freio. Então ele a obedeceu, encostou no acostamento e desligou o motor. A viatura estacionou logo atrás. Um policial uniformizado emergiu e caminhou até a SUV. A Percepção de Shae não estava tão afiada quanto uma vez fora, quando costumava usar mais jade, mas, ainda assim, era capaz de sentir a cautela errática do agente, que vinha se aproximando do lado do motorista. Wen a encarou com um olhar questionador.

— Não tem nada com que se preocupar — respondeu ela.

Os policiais de Leyolo portavam apenas um revólver de dupla ação e um cassetete. Um único agente não representaria ameaça para um, e muito menos três, Ossos Verdes treinados. Mesmo assim, as auras de jade de Dudo e Tako zuniam, atentas, e Tako, no banco do passageiro, tirou a pistola de dentro da jaqueta e a escondeu debaixo da perna, onde ficaria de fácil acesso.

— Se acalmem e sejam respeitosos — ordenou Shae. Que os deuses impedissem o policial de ser tão tolo a ponto de detê-los, ou de os Punhos lhe darem motivo para sacar a arma. Ninguém ali sabia falar shotariano muito bem,

e a última coisa que o Desponta precisava era que um policial idiota fosse assassinado acidentalmente por membros do Desponta por causa de algum mal-entendido.

Dudo abaixou a janela. O policial mirou a lanterna para o banco da frente e fez uma pergunta em shotariano, que Shae deduziu ser uma exigência de identificação. Ela falou para Dudo:

— Entrega a carteira de motorista e a papelada do carro alugado.

O agente virou a lanterna para a voz de Shae, que vinha do banco de trás, e iluminou as duas mulheres vestidas para o teatro com o feixe brilhante. Shae usava um curto casaco branco e saia preta, e Wen, um vestido bordô e um xale de seda.

— Somos visitantes. Não falamos shotariano — respondeu a Homem do Tempo, usando algumas das poucas frases que sabia do idioma. O policial analisou a carteira de motorista kekonísia de Dudo e os documentos da locadora de carros. Devolveu tudo, deu um passo para trás e ordenou em shotariano e com um gesto que Dudo saísse do veículo.

— Mas que porra — murmurou Dudo.

— Talvez ele queira procurar drogas no carro — disse Wen, preocupada.

— Ou armas. Ou jade. E nós temos as duas coisas — respondeu Tako.

Em Janloon, um policial que parasse um carro cheio de Ossos Verdes iria se desculpar e mandar que seguissem viagem. Se houvesse alguma questão de comportamento, levaria o problema até o Chifre. Tiras não policiavam os clãs. Os clãs policiavam os próprios clãs. Dudo nunca havia obedecido a um policial na vida, e não se mexeu.

O escritório da Homem do Tempo exigia que qualquer Ossos Verde do Desponta que viajasse a serviço do clã fosse obrigado a passar por uma aula explicando o que fazer em caso de confrontos com as autoridades locais. Não machucar ou matar ninguém caso seja possível evitar, cooperar em tudo e, se preciso for, ir para a cadeia. Os advogados do Desponta vão resolver e o clã devolverá qualquer jade que tenha sido confiscada por policiais internacionais, além de oferecer mais compensações pela incomodação (*se* o indivíduo seguir as regras). Mas os guarda-costas de Wen não iriam aderir a tais editos se, para isso, fossem algemados ou separados da pessoa que haviam jurado ao Pilar que protegeriam com as próprias vidas. Esse pobre agente estaria morto antes que algo assim viesse a acontecer.

Shae Percebeu a apreensão cada vez maior do policial, que ia colocando a mão no cinto, perto da pistola.

— Obedeça — ordenou. — Sai do carro.

— Kaul-jen…

Com mais insistência, o policial repetiu a ordem em shotariano. Ele levou a mão até o cabo da arma, enquanto seus olhos ricocheteavam entre os ocupantes do carro. Dudo xingou baixinho, abriu a porta e saiu. O agente gesticulou para que ele se virasse. Dudo obedeceu e colocou as mãos na lateral da SUV. Os carros que passavam na estrada lançavam raios de luz na cena. Bruscamente, o policial revistou Dudo, encontrou a arma no cós da calça e a faca talon no coldre do ombro, e removeu as duas com algumas palavras declarativas em shotariano que nenhum dos kekonésios compreendeu. Dudo não se mexeu, mas Shae pôde Perceber a aura de jade do Punho se expandindo. E se o policial tentasse pegar a jade dele também? A mente da Homem do Tempo estava num turbilhão, tentando pensar num jeito de prevenir que a situação escalonasse.

Os ombros de Tako se remexeram, em alerta.

— Tem alguma coisa…

Três carros pretos chegaram cantando pneu e cercaram a SUV. Antes que os veículos sequer tivessem parado, havia homens mascarados saindo abruptamente de todas as portas. O agente se jogou estirado no chão, já protegendo a cabeça com os braços, e foi então, numa catarse apavorante, que Shae compreendeu que tudo se tratara de uma armação. O policial suado, isso se fosse mesmo um policial, mantivera-os no lugar e distraíra seus sensos de Percepção.

Mesmo pegos de surpresa, Dudo e Tako reagiram com uma rapidez impressionante. Dudo lançou um poderoso golpe de Deflação nos homens que pulavam para fora do carro mais perto, derrubando vários no asfalto. Ele se abaixou e procurou suas armas (a pistola e a faca que o policial havia confiscado), mas, antes que conseguisse se levantar, três agressores o atacaram com a chocante velocidade e força que só poderiam vir da Força de jade. Tako saltou para fora do banco do passageiro e atirou por cima do capô da SUV.

Barukânes. Shae abriu a porta de trás já desembainhando sua faca talon. Wen deixou um grito escapar quando a silhueta de um homem tentando alcançá-las preencheu o espaço agora aberto. Shae golpeou o rosto mascarado. Quando o sujeito recuou, ela o chutou no peito com o pé descalço e, em seguida, usou a Deflação para fazê-lo cambalear para trás.

Tako abriu a porta do outro lado, puxou Wen para fora e a protegeu com o corpo enquanto continuava a atirar ao redor da SUV, mirando nos agressores. Uma das balas derrubou um homem. Outras duas foram desviadas com folga por Deflação, e atingiram as laterais dos carros pretos.

— Kaul-jen — gritou Tako.

Dudo havia matado um dos que o atacavam, que agora jazia na estrada com o pescoço evidentemente quebrado. Havia um outro rolando pelo chão enquanto segurava a perna e gemia de agonia. Com uma barra de ferro, um homem acertou primeiro os ombros largos de Dudo, e então sua nuca em cheio. O Aço do Osso Verde impediu que o crânio se partisse, mas ele desmoronou, inerte.

Adrenalina e raiva inundavam o cérebro de Shae. Ela não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Uma parte de sua mente esperava que mais Punhos do Desponta fossem aparecer a qualquer momento, que voassem para protegê-las e para massacrar esses homens. Mas não estavam em Janloon. Esses marginais barukânes eram toscos e atrapalhados. Suas auras de jade, inflamadas com uma agitação violenta, eram tão bravias e instáveis quanto as auras de adolescentes sem treinamento (a questão é que havia mais de doze deles).

Shae pulou para fora do carro com um grito e sentiu um rompante fervoroso de satisfação quando sua Força a carregou até o barukâne mais próximo e, num segundo, sua faca talon já estava enfincada na lateral do pescoço dele. Os olhos eram a única parte visível do rosto do sujeito, e se arregalaram, chocados. Por um instante, Shae ficou apenas atônita. Anos haviam se passado (mais de uma década) desde a última vez em que desembainhara a faca para matar um inimigo, e ela ficou desorientada, tanto pelo sangue quanto pela Percepção da dor do homem. Mas então o instinto assumiu o controle; com um ímpeto de Força, Shae empurrou a faca para a frente, rompendo a artéria carótida.

— Tira a Wen daqui — gritou para Tako.

Outro homem a agarrou por trás. Ela se virou e jogou uma lança de Afluência no peito dele. Percebeu na mesma hora que nem de longe havia sido tão forte ou precisa quanto necessário. Que aquela outra morte havia sido um golpe de sorte. Shae era uma Osso Verde cujo auge em batalha passara havia vinte anos. Não tinha tanta jade e estava velha e lenta demais. A rajada de Afluência, que deveria ter estourado o coração do sujeito, só o fez arquejar e tossir violentamente.

Pelo menos ele a soltou. Shae se afastou e foi sentindo cascalhos afiados perfurando as solas do pé enquanto recuava com a faca talon estendida. Outros homens foram se aproximando, encorajados pelo golpe falho dela.

Tako continuava atirando e lançando Deflações por trás da cobertura da SUV enquanto protegia Wen com a própria vida. Shae pensou ter ouvido a cunhada gritando seu nome, mas, caso tenha gritado mesmo, os tiros e o estrondo do sangue em seus ouvidos abafaram sua voz. Ela olhou para o rosto de Tako, contorcido com uma incerteza frenética. Dudo estava inconsciente, e Shae, longe

demais para ajudá-lo sem expor Wen. Abandonar a Homem do Tempo era inimaginável, mas o principal dever do Punho era proteger a esposa do Pilar. Grunhindo, o guarda-costas deu uma última saraivada de tiros que fez os barukânes se esconderem atrás dos carros. Ele então ergueu Wen, que gritava e reclamava em seus braços, e correu.

O carro estava encurralado, mas havia uma ravina íngreme ao lado da estrada. Mesmo carregando Wen, Tako atravessou a ravina com um único salto imbuído de Leveza. Meia dúzia de mascarados o perseguiu, pulando atrás dele e atirando em sua silhueta em fuga; estavam o alcançando rápido, já que era difícil continuar com Wen nos braços. Tako soltou Wen e os dois correram; o Punho ia instigando-a adiante à sua frente.

Shae tentou segui-los. Como se estivesse inspirando com o corpo inteiro, reuniu sua energia de jade e usou a Leveza para saltar por cima de quem estivesse no caminho. Com mais três passos, alcançou o limite da ravina e, cambaleando, parou abruptamente quando, após ouvir outro tiro, viu Tako cair. O Punho se esforçou para voltar a ficar de pé, mas Wen havia se virado e corrido até ele. Shae deu um berro gutural em negação quando um dos homens mascarados agarrou Wen, segurou seus braços e, perto demais para que fosse possível usar Deflação, outro barukâne descarregou duas balas no torso de Tako. Mesmo de longe, Shae Percebeu a ofuscante agonia rubra do guarda-costas quando seu corpo praticamente se dobrou ao meio e desmoronou na grama quebradiça.

Shae se virou. Havia quatro mascarados armados atrás dela, e mais quatro na ravina ao redor de Wen e Tako. O homem com o braço ao redor do pescoço de Wen caminhou para trás, em sua direção, forçando Wen a ir tropeçando na frente. Shae conseguia ver a parte branca dos olhos de sua cunhada, reluzindo com lágrimas de medo e raiva. Num kekonês com sotaque, o sujeito gritou para a Homem do Tempo:

— Kaul Shaelinsan! Você acha que é a vagabunda mais durona de Janloon. Então vamos ver. Você acha que consegue se mexer mais rápido do que a bala dessa arma?

Ele pressionou o cano da arma na têmpora de Wen.

— Se puxar o gatilho, cada um de vocês vai morrer — disse Shae.

Ficou grata por sua voz não ter titubeado, mas a impressão era de que o mundo estava cedendo sob seus pés. Esses homens sabiam quem ela era. Certamente sabiam quem Wen era também. Tinham se dado ao trabalho de armar a encenação com o policial e haviam atacado com uma força avassaladora,

claramente preparados para sofrer baixas. Já esperavam mortes, então ameaças não fariam a menor diferença.

— Solta a faca — ordenou o homem. — E depois tira a sua jade.

Se a questão fosse apenas sua própria segurança, Shae, sob nenhuma circunstância, teria se permitido ser desarmada e extirpada de sua jade. Mesmo em menor número, teria se virado e lutado até acabar morta ou dominada (o que certamente estava prestes a acontecer, tendo em vista como Dudo e Tako, Punhos treinados muito mais novos do que ela, haviam sido subjugados). Mas, nesse caso, deixaria Wen à mercê dos inimigos, coisa que não poderia fazer. Os barukânes não haviam atirado nas mulheres. Queriam-nas vivas.

O que significava que queriam alguma coisa do Desponta.

Shae deixou a faca talon escorregar de seus dedos e cair no chão. Incitou os dedos a não tremerem enquanto removia os brincos e os braceletes. Uma sensação nauseante de degradação lhe subiu pela garganta e fez seu rosto pegar fogo de vergonha e nojo. Se sentiu tão violada quanto se estivesse sendo obrigada a se despir diante dos agressores. Depois de ter tirado a jade, o sujeito disse:

— Coloca tudo no chão e anda pra trás.

Shae fechou as mãos com força ao redor das joias. *A jade não vai adiantar pra te tirar dessa*, falou para si mesma. *E também não vai adiantar pra ajudar a Wen*. Flexionou os joelhos e jogou as pedras no chão à frente. O primeiro sobressalto desnorteante da abstinência chegou alguns segundos depois. Ela fechou as mãos nas dobras da saia. Oscilou, com a cabeça leve. Parecia que uma camada de gaze havia caído sobre seus olhos e ouvidos, deixando a noite ainda mais surreal.

Devagar, se levantou e deu dois passos para trás. Mãos ásperas pressionaram seus ombros e a fizeram se ajoelhar, ralando sua pele no asfalto. A Homem do Tempo teve um vislumbre do rosto apavorado de Wen, tentando dizer alguma coisa… e então um capuz preto cobriu a cabeça de Shae, seus punhos foram amarrados às costas, e ela foi meio empurrada e meio arrastada até um carro que começou a se mover.



Hilo estava no salão de treinamento com Maik Cam, seu sobrinho de 18 anos, quando a governanta, Sulima, saiu correndo da casa principal e abriu a porta sem nem bater.

— O senhor me perdoe, Kaul-jen — disse ela, ofegante e com o rosto pálido

de alarde —, mas alguém… no telefone…

O Pilar atravessou rápido o pátio escuro, pegou o gancho do aparelho do escritório e apertou o botão que abria a linha principal. Uma voz com sotaque falou:

— Kaul Hiloshudon. Se queria invadir Shotar, deveria ter vindo você mesmo em vez de mandar as suas vagabundas. Você tem o costume de estar no comando, mas, a partir de agora, não está mais. Se quiser que a sua esposa e a sua irmã sejam devolvidas vivas e intactas, vai fazer exatamente o que mandarmos. — Silêncio. — Está ouvindo com atenção, Kaul Hilo?

— Estou — respondeu ele. — Me prove que elas tão vivas e ilesas.

Ouviu-se um farfalhar de movimento no fundo conforme o telefone era passado para outra pessoa. Havia uma quantidade considerável de estática, como se a conexão fosse ruim. O coração de Hilo errou o compasso quando a voz de Wen surgiu, rouca e assustada.

— Hilo?

Ele conseguiu manter a própria voz inalterada.

— Te machucaram?

— Não — respondeu ela, fraca.

— E a Shae?

— Pegaram a jade dela, mas não machucaram. Dudo e Tako estão com ferimentos sérios.

— Fica calma — disse Hilo. — Vou resolver.

— Hilo, eu…

O telefone foi puxado com tudo e o timbre do sequestrador voltou.

— Aí está a prova que você pediu. Agora o que você vai fazer é o seguinte. Vai entregar quarenta quilogramas de jade lapidada e dois milhões de thalirs espênicos em dinheiro amanhã à meia-noite, num local que eu escolher, em troca da sua esposa. Se essa transação acontecer sem problemas, você terá sete dias para encerrar as operações que montou em Leyolo, tirar cada membro do seu clã do nosso país e anunciar publicamente que o Desponta não tentará mais, nem agora e nem futuramente, se inserir em Shotar. Então, e só depois disso, sua irmã será devolvida, junto com os outros dois homens, caso eles ainda estejam vivos.

— Vou fazer o que você mandou — respondeu Hilo. — Você vai receber o dinheiro e a jade que quer. Vou tirar o Desponta de Shotar. Perder coisas materiais é algo que eu posso até deixar passar. Agora, se vocês ferirem quem for importante pra mim, aí a conversa muda. — Havia uma febre engolfando seu cérebro. A sensação era de que as extremidades de sua visão iam se afunilando.

Todas as piores possibilidades que ele conseguia imaginar estavam se chocando contra um paredão ardente de raiva.

O que falasse em seguida tinha que ser perfeito. Hilo não poderia ser nem provocativo e nem submisso. Se fosse agressivo demais, iriam abandonar os planos e matar os reféns. Se soasse desesperado, não o temeriam o bastante para se comprometerem a cumprir sua parte da barganha. Essa maldita premeditação aconteceu subconscientemente.

Baixinho, falou:

— Não sei com quem estou falando, mas você claramente tem sangue forte, já que está disposto a fazer coisas que nem mesmo os meus maiores inimigos fariam. Já comandei operações perigosas antes, então deixa eu te falar uma coisa: não é *comigo* que você tem que se preocupar no momento. Vou cooperar direitinho. Já os seus próprios homens… eu sei como homens podem ser cruéis, como pode ser difícil mantê-los na linha. Prisioneiras seguras e bem-cuidadas agora são a sua única moeda de troca. Se elas forem maltratadas de qualquer forma que seja, nenhum de vocês vai ter chance de aproveitar a jade ou o dinheiro que se deram ao trabalho de tirar de mim, porque vão todos morrer de um jeito muito ruim.

— Você é bem como as pessoas dizem, Kaul Hilo — respondeu a voz entretida do sujeito que ele iria matar. — Você pode estar queimando no inferno e ainda assim ter alguma coisa arrogante para falar para o diabo. Só para esclarecer: se virmos qualquer polícia, a sua esposa e a sua irmã morrem. Se virmos qualquer jornalista, elas morrem. Se virmos qualquer Punho ou Dedo seu, elas morrem. Você pode até comandar Kekon, mas isso aqui não é Kekon.

E desligou.




CAPÍTULO 45

Pessoas Muito Malvadas

Os captores de Wen a mantiveram sozinha numa sala vazia e a fizeram se sentar contra uma parede com as mãos amarradas com fita adesiva à frente do corpo. Estavam numa casa, mas onde, ela não fazia ideia. Quando tinham jogado o capuz sobre sua cabeça e a empurrado para dentro do carro, ela foi transportada no tempo de volta à garagem em Porto Massy e à agonia de sufocar até a morte. Passou o trajeto interminável tremendo e suando de pânico, certa de que iria engasgar ou vomitar, até que, enfim, um dos homens a percebeu hiperventilando e puxou o capuz para cima, para que apenas seus olhos ficassem cobertos, e ela pôde finalmente sentir o ar no rosto e não desmaiar.

Horas mais tarde, Wen continuava tomada por rompantes intermitentes de tremedeira, e seu coração acelerava como se estivesse tentando matá-la antes que qualquer outra pessoa tivesse essa chance. Ela puxou os joelhos para perto do corpo e tentou respirar fundo, imaginando-se no jardim de casa, sentada ao açude em meio às magnólias e madressilvas em floração. Falou para si mesma que essa situação era diferente do que vivera com os Tripulantes. Se não fosse, já teria sido estuprada ou assassinada. Esses homens queriam alguma coisa de seu

marido, caso contrário, não a teriam colocado no telefone com ele durante aqueles dois segundos. Hilo moveria os próprios Céus. Iria impor todo o poder do clã para encontrá-la e tirá-la dali em segurança. Enquanto isso, Wen precisava manter a calma como ele instruíra, para pensar com clareza e não se render ao pavor cego.

O que, por conseguir ouvir Tako gemendo de dor em algum lugar ao fim do corredor, não era fácil. O Punho fora atingido diversas vezes enquanto tentava defendê-la. Aço não bastava para impedir balas, mas desacelerava a passagem da munição pelo corpo, o que teria servido apenas para aumentar o sofrimento do Osso Verde. Wen odiava ouvir aqueles ruídos, mas ao menos sabia que ele ainda estava vivo. Não tinha visto ou escutado sinal algum de Shae desde que o barukâne a extirpara de sua jade e a empurrara para um dos outros carros.

Wen apoiou a cabeça na parede e fechou os olhos. Não dormiu, mas ficou oscilando enquanto entrava e saía de um estado exausto de semiconsciência até que feixes de luz começaram a se infiltrar para o cômodo, vindos das margens do plástico preto usado para tapar a janela. A porta se abriu, e um homem entrou com uma bandeja de comida e um copo descartável de água. Com uma faca de bolso, o sujeito cortou a fita que prendia os pulsos dela e ficou ali parado enquanto Wen comia. Era uma refeição xoxa de arroz instantâneo e legumes congelados requentados. O apetite era zero, mas ela comeu; precisava manter a energia. A ironia de ter jantado com Shae num restaurante cinco estrelas na noite anterior quase fez com que caísse na gargalhada.

Quando terminou, o guarda gesticulou, mandando que juntasse os punhos para que ele pudesse amarrá-la de novo.

— Preciso ir no banheiro — informou ela.

O sujeito hesitou. Era jovem (devia ter a mesma idade dos filhos da própria Wen), com uma tatuagem indecifrável na lateral do pescoço e o olhar levemente hostil de um cachorro nervoso, incerto quanto a seu lugar na matilha. Na noite anterior, o chefe o havia alocado no corredor, apontado para Wen e dado ordens num tom que sugeria que o garoto era responsável por ela e que ele se arrependeria profundamente caso fracassasse.

— Por favor — disse Wen. — O banheiro.

O jovem (ela decidiu que o chamaria de Junior) a escoltou até o banheiro no fim do corredor. Pelo caminho, passou por uma porta aberta e viu Tako deitado em cima de um lençol de plástico, numa poça de seu próprio sangue craquelado, encolhido ao redor do ferimento na barriga. Ele estava de olhos fechados e movia o rosto de dor a cada fôlego raso que dava. Conforme as horas passaram,

os gemidos do Osso Verde haviam ficado mais fracos, porém mais contínuos. Seus dedos e pescoço estavam despidos. Mesmo nesse estado de desamparo, os barukânes haviam lhe extirpado de jade.

Wen tentou ir até ele, mas Junior não deixou; cutucou-a para que fosse reto até o banheiro e só permitiu que fechasse parcialmente a porta enquanto ela se aliviava. O vestido bordô, que fora comprado no dia anterior mesmo em uma das lojas do momento na região de Rubrágua, estava rasgado no ombro e na barra. Na pia, ela jogou água gelada no rosto na esperança de que o choque a fizesse voltar a ficar em alerta.

Enquanto voltavam pelo corredor, ela parou na porta ao lado de Tako, encarou Junior no rosto e insistiu:

— Você não pode deixar ele assim.

Junior a agarrou pelo braço e começou a puxá-la para o quarto. Wen se agarrou ao batente, resistindo e gritando que só iria quando tratassem os ferimentos de Tako. O garoto ficou nervoso.

— Vagabunda — sibilou ele enquanto desvencilhava os dedos de Wen, quebrando duas unhas. Dois outros barukânes apareceram para ver qual era o problema. Um dos dois era o líder que ligara para Hilo e lhe passara o telefone na noite anterior; um sujeito esguio e inesperadamente baixo que vestia calça cargo camuflada, uma camiseta preta e um pendente de caveira esculpido em jade falsa no pescoço. Fisicamente, não parecia assim tão formidável, mas os anéis de jade em seus dedos eram de verdade, e ele tinha um rosto franzido e feroz, com olhos esbugalhados e um olhar selvagem. Wen o batizou de Líder da Matilha.

— Mas que porra é essa? — vociferou Líder da Matilha para Junior, que começou a se defender em shotariano. Os barukânes misturavam as línguas com facilidade enquanto falavam.

Wen se intrometeu e se dirigiu direto ao mandachuva.

— Aquele homem ferido é um Punho do Desponta — disse ela. — Ele não tem serventia nenhuma como moeda de troca se estiver morto. Você precisa ajudar ele. Chama um médico. Se ajudar ele, meu marido será mais indulgente com você.

Líder da Matilha deu um sorriso de escárnio.

— Você acha que ainda pode ficar mandando e desmandando nos outros como se fosse uma rainha?

— Ela tem razão — disse o sujeito de ascendência mista com a argola de jade no nariz, que parecia ser o segundo na linha de comando. — Temos que fazer

alguma coisa pra resolver esses gemidos malditos.

Líder da Matilha sacou a pistola e, antes que Wen pudesse sequer gritar, silenciou Tako com um tiro na cabeça.

— Pronto, resolvido — disse ele.

O Vice-líder da Matilha irrompeu numa gargalhada estupefata, mas Junior empalideceu. A visão de Wen ficou turva. Fazia anos que Tako era seu guarda-costas. Ele tinha uma esposa e duas filhas. O medo que sentia dos barukânes se desfez sob a raiva e a repugnância. Nunca tiveram a intenção de deixar Tako viver. Só quiseram fazê-lo sofrer.

— Seus… seus… *cachorros* — sussurrou Wen. — O Tako era… era um amigo… da mi-minha família. — Foram necessários anos de esforço para recuperar a habilidade de falar bem, mas agora o estresse e as emoções estavam fazendo as palavras se embolarem em sua garganta de novo. Ela odiou o som de sua fraqueza renovada agora que precisava ser forte para resistir a esses animais. — Vocês… estão… mortos.

Líder da Matilha a empurrou contra a parede e levou o rosto brutal para perto do dela. Wen estremeceu sob a ameaça naqueles olhos.

— Você acha que temos medo do seu marido? Só porque você tá acostumada a ver todo mundo abaixando a cabeça e rastejando diante dele, acha que é por causa das ameaças dele que estamos te tratando tão bem? Ele não tem poder nenhum aqui. Não tem como nos achar, não tem como colocar um dedo em nós. Pensa nisso antes de decidir abrir a boca de novo.

Vice-líder da Matilha e Junior a arrastaram de volta para o quarto e fecharam a porta com tudo.



A residência Kaul era uma sala de guerra. Diversos telefones e computadores foram instalados no escritório do Pilar. Lott e Hejo tinham mandado os especialistas em tecnologia tentarem rastrear a origem do pedido de resgate. Os sequestradores não haviam sido imprudentes; os analistas de Hejo suspeitavam que tinham acoplado um telefone móvel a um rádio bidirecional, então não havia como cravar a localização da chamada. Tudo o que sabiam de certeza era que viera de Leyolo, então Wen e Shae não tinham sido levadas para muito longe.

A polícia federal talvez tivesse equipamentos superiores para limitar mais o raio de busca, mas Hilo logo decidiu que não queria o envolvimento das autoridades kekonísias e nem shotarianas. Não podia correr o risco de a polícia de Leyolo se envolver e acabar colocando Wen e Shae numa situação ainda mais

perigosa, e queria evitar, ou pelo menos postergar o máximo possível, que a notícia de que a Encarregada do Pilar e a Homem do Tempo do Desponta estavam sendo feitas de reféns por criminosos estrangeiros de baixo escalão se espalhasse. Já havia murmúrios preocupados circulando pelo clã quanto aos compromissos subitamente cancelados do Pilar.

Hilo queria era embarcar num avião com um exército de seus melhores Punhos e partir pessoalmente para Leyolo. Deixaria claro que ele mesmo estava envolvido. Ofereceria uma recompensa estonteante para qualquer um que os levassem aos sequestradores, e espalharia que, se Shae e Wen não voltassem incólumes dentro de vinte e quatro horas, iria destruir a cidade, assassinar cada membro barukâne em que conseguisse colocar as mãos até encontrar os responsáveis, e que eles e suas famílias iriam morrer.

Expressou esse sentimento a Lott, que, com certa preocupação, falou:

— Kaul-jen, é claro que cada Punho e Dedo tá disposto a seguir o senhor e a dar nossas vidas caso isso vá trazer Shae-jen e Wen de volta, mas não tenho certeza se essa é a melhor maneira de…

— Eu sei — vociferou Hilo.

Leyolo não era Janloon. Não podia pousar um avião cheio de Ossos Verdes lá. Não controlava as ruas, a polícia, o governo ou o povo. Wen e Shae estariam mortas assim que os barukânes descobrissem que ele estava no país, e os responsáveis, cientes de que o Pilar não teria como encontrá-los facilmente, iriam fugir.

Muito embora estivesse preocupado demais para dormir, também estava entediado. Depois de distribuir ordens, não havia muito o que pudesse fazer enquanto esperava por notícias. Já havia instruído Jaya a não voltar de imediato para Janloon, mas a manter a calma e continuar em casa, em Toshon, até que tivessem mais informações. Coisa que ele mesmo estava achando difícil de fazer. Lott, com toda a educação, mas pulso firme, falou para Hilo que o estresse em sua aura de jade e o impulso de ficar andando para lá e para cá estavam causando muita distração, então o Pilar saiu para fumar no pátio. Essa história de largar o cigarro que se lascasse.

De manhã, um dos contatos secretos do clã na polícia de Leyolo contou que a SUV preta que Tako e Dudo haviam alugado fora encontrada aparentemente abandonada no acostamento de uma rodovia a cinco quilômetros do hotel. Não havia marcas de pneu, nenhum sinal de perseguição ou colisão e zero indícios de falha mecânica. Se desconfiassem que estavam sendo seguidos, os guarda-costas de Wen teriam dirigido para um lugar mais seguro, onde pudessem se defender

melhor. A única explicação plausível para que tivessem parado com tanta calma numa localização aleatória era terem recebido ordens para encostar. Se os sequestradores tinham policiais de Leyolo, fossem falsos ou de verdade, a seu serviço, então eram criminosos de alto nível.

— Não foram os Matyos — anunciou Lott, ao desligar o telefone.

Nenhum dos Ratos Brancos do clã, infiltrados nas maiores gangues barukânes de Shotar, sabiam coisa alguma a respeito do sequestro. Se os Matyos fossem responsáveis, algo teria vazado internamente. As pessoas saberiam que havia algo importante acontecendo. Preparativos teriam sido feitos, esconderijos teriam sido preparados e atiradores teriam sido organizados. Ou os Matyos não tinham envolvimento, ou o serviço, de conhecimento exclusivo da mais alta cúpula, havia sido terceirizado. O que, pela rapidez com que a operação fora planejada, parecia improvável.

Se os Matyos não estavam metidos nessa história, então Ayt Mada muito provavelmente também não estava. Hilo ficou quase decepcionado, mesmo ciente de que sua maior e mais antiga rival não teria nenhum motivo razoável para elaborar um rudimentar sequestro por resgate com chances tão altas de dar errado. Mas, se os culpados não eram os inimigos costumeiros do clã, então quem eram? A resposta chegou poucas horas mais tarde. Membros do clã na filial do escritório de Leyolo haviam analisado todas as atividades de Shae e Wen desde o instante em que chegaram em Shotar. Depois de terem considerado todas as pessoas com quem a Homem do Tempo havia se encontrado naquele dia, a suspeita recaiu sobre a reunião de Wen na Filmes Luz de Diamante.

Hami Tumashon, que estava alocado em Shotar, pegou dois Dedos da filial e foi até a casa de Guttano. Apanharam o executivo do estúdio na entrada de sua residência na região de Rubrágua, enfiaram-no no porta-malas do carro e dirigiram vinte quilômetros para fora da cidade até um local seguro. Com a ajuda de um intérprete, o sujeito apavorado confessou. Depois de Wen ter ido ao seu escritório exigir que liberasse Danny Sinjo das obrigações contratuais, Guttano temera pela própria vida. Telefonara para um chefe barukâne chamado Choyulo para implorar por proteção, e revelara que a esposa de Kaul Hiloshudon, hospedada no Resort Oasis Sulliya, havia lhe visitado.

No telefonema, Hami explicou que Choyulo era um membro da Faltas. Uma gangue barukâne menor do que Matyos, muito embora as duas organizações mantivessem uma certa aliança. Os Faltas agiam como peões para a gangue maior, mas também eram conhecidos por suas próprias atividades, principalmente extorsão e sequestros corporativos. Tinham tentáculos na

indústria do esporte, da música e do cinema, e a maioria dos filmes shotarianos que glorificavam gângsters eram sobre os Faltas.

— O que devo fazer com Guttano? — perguntou Hami.

Fazia anos que o Mandachuva do clã trabalhava no lado administrativo do Desponta, mas já havia sido um Punho.

Lott apertou o botão para silenciar o telefone e disse:

— A gente não deveria matar esse sujeito agora, Kaul-jen. O desaparecimento de um executivo rico do cinema shotariano vai atrair a polícia local. E, de qualquer forma, precisamos perguntar outras coisas a respeito dos Faltas.

Hilo tirou a ligação do mudo e instruiu Hami.

— Coloca o Guttano num hotel. Manda ele ligar para a esposa e dizer que precisou sair da cidade para resolver negócios urgentes. Um problema num set de filmagem ou algo do tipo. Coloque guardas para garantir que ele não fale com mais ninguém e que não fuja. Se recuperarmos Wen e Shae em segurança, libertamos ele. Se não, fim da linha. Então, se tiver qualquer outra coisa que ele possa nos contar a respeito dos Faltas, é melhor que conte se quiser voltar a ver a própria família.

Hilo desabou numa poltrona e ansiou por outro cigarro. Woon Papidonwa estava sentado na cadeira à frente do Pilar, com a cabeça nas mãos; parecia acabado. Hilo queria que o sujeito voltasse para sua própria casa, já que não havia nada que pudesse fazer ali, mas não era tão cruel a ponto de enxotar o marido de Shae.

— Eu deveria ter ido com ela — lamentou Woon num sussurro.

Hilo o repreendeu com mais dureza do que era merecido.

— Se tivesse ido, a Tia correria o risco de perder os dois pais, e não só um. Você acha que teria conseguido mudar alguma coisa? — No entanto, o Pilar compreendia como era difícil para um guerreiro de jade aceitar que chegava um momento em que não havia mais como travar suas próprias batalhas, que sua própria força e habilidades já não bastavam para proteger as pessoas que amava. — A Shae é bem inteligente, e vai continuar viva até descobrirmos um jeito de trazer ela e a Wen de volta, e já estamos fazendo tudo o que tá ao nosso alcance — continuou, agora com mais gentileza.

— O que posso fazer para ajudar, Kaul-jen? — implorou seu cunhado.

— Pode cuidar da sua filha — respondeu Hilo, saindo dali a passos firmes.

Tia claramente estava ciente de que havia algo errado. Como Woon não saía da sala de guerra, Anden levara a garota para a escola naquela manhã e a pegara

à tarde. Agora, Tia, aflita, ficava puxando o braço do pai a cada poucos minutos para perguntar quando iriam embora e por que havia tanta gente na casa do tio Hilo.

Woon abraçou a filha, mas não conseguiu ter forças para contar a verdade. Em vez disso, falou:

— Que tal você terminar o lanche e ir pra casa da vovó?

Tia saiu correndo do escritório atrás do tio.

— Algo ruim aconteceu, não foi?

Hilo se agachou ao lado da sobrinha, mas hesitou em responder. Não concordava em mentir para crianças, e nunca protegera os próprios filhos da realidade. Mas Tia era diferente.

— Aconteceu — respondeu ele. — Vamos resolver, então não precisa ficar assustada.

— Tem a ver com a minha mãe? — Quando Hilo assentiu, Tia ficou com os olhos marejados de medo. — Eu quero saber.

— Algumas pessoas muito malvadas pegaram a sua mãe, a sua tia Wen e dois dos nossos Punhos que estavam de viagem em Leyolo. Querem algumas coisas do nosso clã… jade, dinheiro e outras coisas importantes, antes de devolverem todo mundo.

Lágrimas escorreram pelo rosto da pequena enquanto ela agarrava o braço dele.

— Tio Hilo, você precisa trazer a minha mãe de volta, não importa o que aconteça. Só dá o que eles querem!

— Vou fazer tudo o que eu posso, Tia-se, eu juro — prometeu Hilo. — Mas nossa família tem inimigos terríveis, e às vezes o que eles mais querem é nos machucar.

— Por que alguém odiaria tanto a gente? — lamentou Tia. — Nada disso faz sentido!

Ru, depois de matar as aulas do dia para voltar logo para casa, havia entrado pela porta poucos minutos antes. Todos conseguiam ouvir Koko pulando e latindo, apesar da idade. Ru se aproximou e se agachou também.

— Tia, todos os adultos tão ocupados agora, e é melhor a gente não distrair eles. A sua mãe iria querer que você fosse forte e deixasse todo mundo trabalhar pra encontrá-la e trazê-la de volta. — Por mais assustado que estivesse pela própria mãe, Ru falava com a priminha como se tudo fosse ficar bem. — Que tal a gente ir lá pra outra sala jogar videogame? Vou te mostrar um jogo novo que eu comprei semana passada.

E pegou a mão da garotinha.

— Obrigado, filho. — Hilo colocou a mão no ombro de Ru, grato por ter um filho perto de casa com quem podia contar. Desde que foi para a faculdade, Ru se tornara ainda mais expressivo e dogmático. Havia pintado mechas acobreadas no cabelo e vestia uma camiseta que dizia *Sou não reativo à papo-furado*. Vivia falando dessa ou daquela caridade ou causa social que achava que o Desponta deveria apoiar, mas também ajudava muito os pais.

A luz da tarde estava começando a esmaecer, e Hilo não pregara o olho desde a noite anterior. Fazia dezoito horas que Wen e Shae haviam sido tomadas pelos barukânes. Dois milhões de thalirs em dinheiro vivo haviam sido sacados das contas do clã, e quarenta quilos de jade tirados dos cofres. Trancados em quatro maletas de aço, estavam agora sendo embarcados num avião fretado. Dali a três horas e meia, um pequeno grupo com os Punhos mais confiáveis do clã chegaria em Leyolo com o dinheiro e a jade. Em oito horas, fariam a entrega combinada para os Faltas.

Oito horas. Seriam as mais demoradas de sua vida. Em oito horas, Wen ou estaria em segurança ou Hilo estaria procurando seu cadáver.

Hilo não tinha a mesma fé inabalável nos deuses que Shae, mas não via problema algum em fazer uma prece. No momento, todo o seu poder como Pilar de um grande clã Osso Verde não lhe garantia nada além da promessa de vingança, e isso já o confortava bem menos do que antigamente.




CAPÍTULO 46

Coisas Valiosas

Wen estava sentada com a orelha na porta, ouvindo os homens conversando no corredor. Conseguiu ouvir a voz preocupada de Junior, mesmo que fosse incapaz de discernir as palavras, e então a resposta afiada de Vice-líder da Matilha:

— Claro que ela sabe! Depois desta noite, teremos tempo. Se atenha ao plano que não vamos mais ter que nos preocupar com os Matyos.

Seus passos se aproximaram. Wen saiu aos trancos e barrancos de perto da porta e se recostou de volta no chão do canto, fechando os olhos e fingindo dormir. A porta se abriu, derramando a luz do corredor sobre seu rosto.

— Levanta — ordenou Vice-líder da Matilha.

Wen se sentou devagar, sem nem precisar fingir que estava grogue. Junior veio em sua direção com um saco de tecido, e ela recuou com um medo renovado.

— Eu… não consigo… respirar nesse troço. Só coloca uma venda em mim. Por favor.

Odiava a forma como estava falando, mas Junior cedeu. Dobrou o tecido e o apertou ao redor dos olhos dela, deixando o nariz e a boca descobertos. Levantaram-na e mandaram que andasse. Já fraca e sem enxergar, seu senso de equilibro, reconquistado a duras penas, falhou. Ela titubeou, tropeçou e se bateu

na parede.

— Qual é o seu problema? — vociferou Vice-líder.

Os dois a agarraram pelos cotovelos e a guiaram pela casa como uma ovelha manca. Uma porta se abriu. Por alguns segundos gloriosos, o gélido vento noturno estapeou-lhe o rosto. E então ela foi conduzida para a parte de trás de um carro e trancada lá dentro.

O veículo estava cheio. Dois homens de cada lado a prendiam no meio do assento. Ouviu Vice-líder da Matilha falando do banco do passageiro.

— Vamos lá. Temos que resolver isso de uma vez.

O motorista deu partida e o automóvel começou a se mover.

Wen juntou as mãos trêmulas e as apertou entre os joelhos. Estava com medo, mas o pânico havia passado. Já tinha sido morta antes. Teoricamente, era para ter morrido dezoito anos antes, em Porto Massy. Mas não, recebera a chance de ver os filhos crescerem e de passar mais anos com Hilo, alguns dos quais haviam sido difíceis, mas muitos dos quais haviam sido felizes. Superara as lesões para se dispor diante de multidões e dezenas de câmeras, para falar em nome do clã. Era a única esposa de um Pilar a já ter se tornado Encarregada. Não tinha nenhum arrependimento quanto ao modo como havia passado o tempo extra de vida com o qual fora presenteada, e prometeu a si mesma que ao menos não iria implorar, independentemente do que lhe fizessem. Estava, no entanto, desesperada de tão preocupada com Shae e Dudo.

— Cadê a Kaul Shae? — perguntou. — O que vão fazer com ela?

Não responderam. A viagem durou um bom tempo, talvez uma hora, muito embora Wen não tivesse como saber ao certo. Enfim, o carro parou. Os homens ali dentro conversavam em shotariano. Dois deles (Vice-líder da Matilha e o sujeito à esquerda dela) saíram do veículo enquanto os outros permaneceram à espera. Longos minutos se passaram, durante os quais Wen ficou se perguntando para onde tinham ido, se estavam cavando uma cova rasa para seu cadáver.

Um rádio bidirecional crepitou no banco do motorista. Outra breve conversa aconteceu pelo comunicador, e então o barukâne à direita de Wen abriu a porta, desceu e ordenou:

— Sai.

Ela reconheceu a voz de Junior. Wen colocou o pé com firmeza no chão, e se segurou à lateral do automóvel enquanto se levantava. Ouviu e sentiu o cheiro de água, então removeram a venda de sua cabeça, ela viu que estavam na ponta de uma ponte tomada por neblina que se estendia sobre o Rio Gondi. Junior cortou a fita ao redor de seus punhos e apontou para a passagem de pedestres da ponte.

— Caminhe — ordenou o rapaz, e a empurrou adiante.

Wen começou a atravessar a ponte, com Junior logo atrás. O ar frio e úmido preenchia seus pulmões necessitados. A neblina ia ficando mais espessa conforme avançavam mais para o meio do rio. Ela não conseguia ver o fim da ponte; as vigas prateadas sumiam em meio à névoa branca. Alguns carros passavam de ambos os lados da estrada, e os faróis borravam o pavimento antes de sumirem, mas a plataforma continuava completamente deserta. Wen se segurou no parapeito para firmar os passos, mas se arrependeu de olhar para baixo pela lateral. Era uma longa queda rumo à água escura e veloz lá embaixo.

— Para — disse Junior. — Não se mexe.

Wen o ouviu sacar a pistola, e então sentiu o gélido tambor de metal da arma encostar em sua nuca. Permaneceu imóvel e manteve as pálpebras abertas. Sabia muito bem que não deveria esperar que a vida passasse como um flash diante dos olhos. Era um mito. Quando a morte chegava, era com terror, dor e nada mais.

— O seu trabalho é me matar pra provar o seu valor pros outros? — perguntou a Junior. Quando o jovem não respondeu, ela continuou: — Você realmente quer fazer parte de algo tão cruel?

— Cala a boca — sussurrou Junior, mas Wen ouviu uma singela pontada de culpa em sua voz. — Você não tem direito de falar de crueldade. *Nós* é que estamos cuidando da nossa própria vida, mas aí os clãs têm que chegar aqui, onde não são bem-vindos, e sacanear todo mundo que não abaixa a porra da cabeça pra vocês. Se dependesse de mim — sibilou o rapaz, raivoso —, eu não deixaria nenhum membro da sua família vivo.

Wen tinha bastante experiência com filhos adolescentes para saber que garotos jovens normalmente nem entendiam os próprios sentimentos, mesmo quando insistiam que entendiam, sim. Dava para sentir a arma tremendo de leve na sua nuca.

— Então tá esperando o quê?

Duas silhuetas apareceram na passarela, vindo rápido em sua direção. Conforme se aproximavam, Wen viu que era Vice-líder da Matilha e o outro barukâne que havia saído do carro mais cedo. Cada um carregava dois malotes de metal, e estavam com os braços enrijecidos pela Força. Passaram rápido por Wen e Junior sem nem os encarar direito. Wen não ousou se virar, mas ouviu o porta-malas de um veículo sendo aberto e o baque pesado das maletas sendo alocadas lá dentro.

— Você deu sorte hoje, vagabunda — disse Junior. A arma se afastou de sua

nuca. O coração de Wen voltou a bater. — Continua andando.

Ela deu um passo adiante, e depois outro. Continuou em frente, cada vez mais rápido ao perceber que os barukânes não estavam lhe seguindo. Agora ia aos tropeços, usando o parapeito de metal para se sustentar ao longo do caminho. A princípio, não havia nada à frente além da neblina, mas então silhuetas emergiram da escuridão. Dois homens. Mais alguns passos, e reconheceu seu sobrinho, Cam, parado ao lado de Hami Tumashon.

Com um choro engasgado, Wen correu para os dois. Cam se aproximou rápido, segurou-a e a abraçou apertado.

— Tia Wen, graças aos deuses — disse ele, com a voz embargada.

Hami cobriu os ombros dela com a própria jaqueta, e então, enquanto tremia de alívio, foi guiada pelos dois até o outro lado da ponte, onde um carro esperava. Vin, um dos Primeiros Punhos do clã, estava ao volante, e, assim que todos embarcaram, ele começou a dirigir. Cam se sentou atrás com Wen, colocou uma garrafa térmica em suas mãos e a cobriu com cobertores quentes até que a tremedeira intensa passasse.

— Daqui a vinte minutos chegaremos à pista de pouso — garantiu Hami.

Wen sentiu que estava aos poucos recobrando a compostura.

— E a Shae?

Viu a mandíbula de Hami se retesar.

— Continuam com ela — disse ele. — Exigiram dinheiro e jade pra soltar você. E falaram que vão libertar a Homem do Tempo quando desmantelarmos a filial do Desponta e evacuarmos Shotar de vez.

— E quanto tempo isso vai levar?

— Uma semana — respondeu Hami, olhando por sobre o ombro para ela. — Destruir tudo o que passamos o último ano construindo aqui vai ser um baque forte para os nossos negócios, mas é o que precisamos fazer agora pra atender às exigências deles. Já começamos a nos organizar para tirar nosso pessoal do país. Depois que recuperarmos a Kaul Shae-jen, vamos pensar se existe alguma forma de recuperar a situação e contra-atacar esses cachorros barukânes.

Uma semana. As palavras que Wen ouvira mais cedo pelo corredor lhe voltaram à cabeça. Na hora, não soubera do que estavam falando. *Depois desta noite, teremos tempo.* Wen irrompeu para a frente e agarrou o ombro de Hami.

— Ainda não podemos embarcar naquele avião — lamentou-se ela. — Precisamos parar e ligar pro Hilo.

— Não se preocupa, eu aloquei Punhos para ficarem de vigia na ponte — contou Vin. — Tão ligando pro Pilar agora pra avisar que a entrega aconteceu

tranquilamente e que a senhora tá em segurança.

— Com sorte, isso significa que também vamos trazer os outros de volta são e salvos — disse Cam.

Wen meneou a cabeça vigorosamente. Tinha se safado fácil demais. Vira o ódio inconsequente daqueles homens (Líder da Matilha, Vice-líder e até mesmo Junior). Ficariam mais do que satisfeitos em mandar o cadáver violado dela para Hilo. Para a terem libertado ilesa, só podem ter tido uma bela motivação. Não temiam a vingança do Desponta, então esse não era o motivo. Ela não os ouvira empolgados, entusiasmados com o dinheiro e a jade.

Não, entregar uma refém sem demora em troca de um resgate era um sinal de cooperação. Um engodo, com o objetivo de ludibriar o Pilar a retirar seu pessoal dali acreditando que os sequestradores estavam sendo sinceros com suas demandas.

— Eu mesma preciso falar com o Hilo — insistiu Wen, cada vez mais frenética. — Não podemos acreditar nessa gente. Não devemos tirar ninguém daqui. Precisamos de todos que temos neste país procurando pela Shae, porque eles não vão devolvê-la.



Shae havia avaliado as chances de conseguir fugir e determinado que eram mínimas. Sem nada de jade, não tinha esperança alguma de subjugar seus sequestradores barukânes, mesmo se não estivesse amarrada numa cadeira, amordaçada e sofrendo de abstinência de jade. Já passara por esses efeitos colaterais duas vezes na vida, e sempre tinham sido desagradáveis, mas, à época, recebera cuidados ou pudera cuidar de si mesma, o que era diferente de estar presa e passando fome na mão de inimigos. A dor de cabeça incessante que se afixara na frente do crânio latejava até a parte de trás das córneas, e seu rosto e pescoço estavam recobertos por uma camada de suor que a fazia estremecer com calafrios. Por algum motivo, percebeu que estava pensando em Yun Dorupon, um homem que odiara e que morrera havia muito, mas por quem sentia agora uma repentina proximidade, já que, como Homem do Tempo, ele havia sido capturado por shotarianos, extirpado de sua jade e torturado.

Houve um momento em que teve a impressão de ouvir Wen gritando, e sua cabeça se encheu com as piores possibilidades possíveis. Então, escutara passos e um tiro. Agora, sem nenhum senso de Percepção, não fazia ideia se sua cunhada continuava viva. Deduzira que os barukânes os haviam sequestrado como moeda de troca contra o Desponta. Havia contado com a possibilidade de

que poderia usar o cargo como Homem do Tempo para negociar pela vida de Wen, mas fazia muitas horas que ninguém vinha ao cômodo vazio.

Foi ficando com a cabeça pesada, e perdia a consciência por períodos indeterminados de tempo. Depois do que suspeitava ser um dia inteiro, a porta se abriu e dois homens entraram: um sujeito baixinho e de aparência cruel com calças cargo e um pingente de jade falsa em formato de caveira, e um jovem com uma tatuagem na lateral do pescoço. O baixinho, que parecia ser o líder, disse num tom escarnecedor:

— Você deve tá ficando entediada, Kaul Shaelinsan.

O mais jovem foi para trás da cadeira e desfez a mordaça. Shae movimentou a mandíbula dolorida e tentou forçar um pouco de saliva para dentro da garganta seca.

— Vocês mataram minha cunhada?

O líder barukâne deu um sorriso debochado frente ao tormento que sabia que ela devia estar passando.

— Muito pelo contrário, ela tá indo pra casa agora — respondeu. — Seu irmão ama muito a esposa e pagou o resgate para que ela voltasse em segurança.

Shae desejou ardentemente que tivesse jade e Percepção para discernir se era mentira. Não conseguiu evitar e se agarrou à esperança de que fosse verdade, de que Wen estivesse mesmo livre. Tomou o cuidado de manter a voz neutra.

— Se isso for verdade, então tem muito mais sobre o que podemos conversar. Vocês sabem quem eu sou e quanta jade e dinheiro eu controlo. Tenho certeza de que podemos chegar a alguma espécie de acordo.

— Certamente podemos — disse o líder barukâne com seu kekonês marcado pelo sotaque; seus lábios se ergueram de um jeito que deixou Shae distintamente apreensiva. — Afinal, a coisa mais valiosa que o Homem do Tempo de um clã possui não é jade ou dinheiro. É *informação*.

Ele se aproximou, parou bem na frente de Shae e a encarou com seus olhos arregalados.

— Seu clã foi fazendo amizade com a polícia e o governo para entrar em Shotar. Você forneceu informações dos seus espiões para eles. Dois meses atrás, agentes federais apreenderam uma carga de farinha doce avaliada em dois milhões e meio de sepas. A menos que houvesse um rato na Matyos, é impossível que soubessem daquela negociação.

Shae meneou a cabeça devagar.

— Vocês não são da Matyos. — Devido à rede de espionagem do Desponta em Shotar e à cooperação com as autoridades policiais shotarianas, ela sabia

quem eram os principais líderes da Matyos, e esses homens não estavam entre eles.

— Os Matyos que se fodam — vociferou o sujeito. — Eles trazem os carregamentos por Oortoko, mas dependem de *nós* pra movimentar e proteger os produtos, então é o pessoal da Faltas que acaba morto ou preso, e os Matyos *nos* culpam pelas drogas perdidas, sendo que a culpa é dos ratos do Desponta. — Ele se inclinou para tão perto que Shae pôde sentir seu perfume estranhamente doce misturado ao hálito azedo. — Duas semanas depois daquela apreensão, o Desponta recebeu alvarás comerciais e licenças para vender bebida para quatro propriedades que tinham acabado de adquirir em Leyolo. Talvez seja uma coincidência, mas eu não acredito em coincidências. Quem era o rato de vocês?

— Eu sou a Homem do Tempo — respondeu Shae. — Não me envolvo com a coordenação dos Ratos Brancos. É o setor do Chifre que cuida dos informantes. — Normalmente, seria uma negação plausível, mas ela se envolvera pessoalmente em todos os aspectos da arriscada expansão do clã para Shotar. Havia trabalhado com Lott e Hejo. Tinha visto os nomes.

— Você deve achar que a gente não sabe usar a nossa jade, que não conseguimos perceber que você está mentindo — disse o capitão dos Faltas, que parecia ofendido. — Talvez você não esteja entendendo: ninguém virá te resgatar. Seu irmão recuperou a esposa sã e salva e está removendo todos os Ossos Verdes do clã do país. Se nos der o que queremos, você poderá ter uma estadia agradável conosco e então ir embora também. Se não, vai levar mais de uma semana para começarem a procurar o seu cadáver. Não quero ter que fazer isso com uma mulher.

Enquanto o líder falava, outro homem entrou no cômodo com rolos de corda e correntes. A boca de Shae ficou mais seca do que a terra. Ataram seus tornozelos e pulsos, então a desamarraram da cadeira, envolveram corda e correntes ao redor de suas pernas e torso e prenderam com cadeados até a deixarem completamente imobilizada, como um artista de fuga prestes a ser colocado dentro de um compartimento fechado, só para depois surpreender a todos com uma façanha de magia. A questão era que Shae não tinha truque nenhum na manga. Seu coração batia feito britadeira.

O mais jovem a ergueu por cima do ombro como se ela fosse um saco pesado de arroz e a carregou até um banheiro com uma banheira de imersão de estilo shotariano grande o bastante para três ou quatro pessoas. Dudo estava sentado na banheira vazia, também fortemente amarrado e mantido no lugar pelo peso de correntes. Quando o barukâne a depositou ali em frente a ele, o Punho levantou a

cabeça abaixada. O rosto de Dudo estava repleto de hematomas horríveis, e seus olhos tinham dificuldade para focar. O golpe em sua nuca havia gerado uma concussão.

— Kaul-jen — grunhiu ele. — Desculpa por ter falhado em proteger a senhora.

Shae não conseguiu responder. A culpa não era de Dudo, mas dela mesma. Fora ela quem tomara a decisão de expandir para Shotar e se tornar inimiga dos barukânes. Fora ela quem trouxera Wen na viagem, e ela quem ordenara Dudo a parar o carro para o policial de mentira. Como tantas escolhas que tomara na vida, estas tinham parecido sensatas no momento.

— Você, sua vagabunda, pode até ser uma Osso Verde durona — disse o líder barukâne —, mas será que é tão desalmada assim a ponto de ver outra pessoa sofrer e morrer por causa da sua teimosia?

Shae sentiu um ímpeto esquisito de falar que já estava acostumada a ver os outros pagarem por seus erros. Lan, com quem ela falhara como irmã. Maro, que morrera pela sua mão. Luto, que fora seu Chefe de Equipe por apenas alguns meses. Wen e Anden, emboscados na Espênia. O filho que abortara. A primeira esposa de Woon, Kiya. Dudo seria o próximo. Quase alheia ao medo que inflava em seu peito, Shae se perguntava: será que era esse o verdadeiro significado de ter poder? Repassar as piores consequências de seus fracassos para os outros, fosse por vontade própria ou não? As correntes se enfincavam na pele de seus pulsos. A cerâmica fria gelava suas pernas desnudas.

— Me fale os nomes — disse o baixinho. — Os nomes dos seus ratos.

Se entregasse as identidades das fontes do Desponta, essas pessoas certamente estariam condenadas a mortes tenebrosas. Ela causaria morte e sofrimento de um jeito ou de outro.

— Não? Vou até te dar uma escolha — continuou o sujeito, num timbre ponderado. — Que tal os nomes dos policiais e dos funcionários do governo que estão na folha de pagamento do Desponta?

Com uma mina de ouro de informações vitais para o submundo shotariano, os sequestradores nem precisariam temer a vingança do Desponta. Poderiam contar com a proteção dos Matyos. Poderiam até vender o que descobrissem para os Montanha, para expurgar o Desponta de Shotar, independentemente do que Hilo decidisse.

Dudo recobrou a consciência o bastante para balbuciar:

— Vocês tão todos mortos, seus cachorros barukânes.

O líder gesticulou para que duas maletas de metal fossem trazidas ao

banheiro e as dispôs sobre o chão de linóleo. Abriu os trincos e revelou pilhas de jade bruta e lapidada. Pedras de vários tamanhos e pesos, prontas para serem montadas e usadas, todas reluzindo com um intenso brilho translúcido até mesmo na penumbra amarelada da arandela do banheiro.

Shae respirou fundo. Era uma fortuna estonteante, um tesouro de proporções quase mitológicas. Os barukânes no recinto encaravam numa admiração profunda. Alguns começaram a tatear os próprios adornos esquálidos, certamente se imaginando como Baijen renascido, usando mais jade do qualquer Osso Verde. O líder deu um assovio baixo.

— Lindo, não é? Lindo e mortal.

Dois homens pegaram espessas luvas forradas de chumbo, levantaram a primeira maleta por cima da borda da banheira e viraram todo o conteúdo ali dentro. A jade tilintou contra as laterais de cerâmica como moedinhas sendo jogadas num balde, derramando-se sobre as pernas de Shae e Dudo. Os barukânes ergueram a segunda maleta também, amontoando dezenas de milhões de dien em jade numa grossa camada que cobriu o fundo da banheira como cascalho verde forrando um aquário. Shae estremeceu e, por instinto, tentou se afastar da cascata, mas não adiantava. Milhares de pedaços de jade (mais do que qualquer humano sem imunidade à jade deveria tocar de uma vez só), caíram sobre suas coxas e panturrilhas, prenderam-se entre os dedos de seu pé descalço, se prenderam sob suas roupas enquanto ela se debatia num pânico crescente.

Muitos anos antes, Shae visitara uma mina de jade lá no interior montanhoso de Kekon. Vira rochas de jade bruta abertas e dispostas na carroceria de caminhões e, morbidamente, se perguntara o que aconteceria se espalmasse a mão contra toda aquela quantidade sedutora de verde. Imaginara uma morte instantânea, e um adoecimento vagaroso também, mas o que sentia agora era o seguinte: um rompante familiar e desorientador de poder conforme seus sentidos de jade ricocheteavam de volta à vida; era capaz de Perceber cada pessoa dentro e nos arredores do prédio, de sentir a energia fluindo por seu corpo com cada pulsar de seu coração cavernoso, de notar o tempo desacelerando enquanto sua mente sobressaltava para fora dos confins de sua carne. Naquele instante, buscou suas habilidades; com um grito desesperado, tentou incutir cada partícula de seu formidável treinamento numa Força capaz de quebrar as correntes. As cordas e os elos metálicos se retesaram, mas resistiram… e então a dor começou. Escalonou rápido, como se ela tivesse se jogado, se debatido, contra uma enorme porta de metal, e então descoberto que a porta estava em vermelho vivo de tão quente, e que ela agora estava soldada à superfície, incapaz de se libertar

enquanto o calor começava a reluzir num tom carmesim e a queimá-la viva.

Tinha toda a tolerância à jade de um Osso Verde de alto escalão, desenvolvida ao longo de uma vida inteira de exposição e treinamento. Seu corpo tinha uma intimidade familiar com a jade. Então se tratava de uma perversão violenta que, o que fora natural durante toda sua vida adulta, de repente se transformou em pura agonia. Com um desespero ensandecido, tentou recorrer às técnicas de controle que conhecia desde a infância (a consciência da respiração, o alívio da tensão no corpo, a visualização), mas nada adiantava. Estava se afogando num dilúvio flamejante. Mesmo se não estivesse amarrada e imobilizada, não conseguiria usar a Força, Afluir ou fazer qualquer coisa que pudesse ajudá-la a escapar; era como alguém tentar controlar uma pipa dentro de um ciclone. Mergulhou de volta nas sensações físicas: seus músculos começaram a tremer incontrolavelmente, suor brotava por todo o corpo e os batimentos cardíacos, a temperatura e a pressão sanguínea dispararam.

Ela viu os tendões do pescoço de Dudo se retesarem enquanto ele gritava.

— Essa jade veio dos cofres do próprio Desponta. — Shae ouviu o líder barukâne dizer num tom pensativo que parecia vir de muito longe. — Não é poético?




CAPÍTULO 47

O Que Precisa Ser Feito

Hilo estava sentado na beira da cama, vendo os lençóis irem para cima e para baixo, sincronizados com a respiração de Wen. Depois do emocionante alívio de chegar em casa, houvera a extrema exaustão; ela finalmente caíra num sono profundo. Ele levou o verso da mão à bochecha da esposa, reassegurando a si mesmo de que ela estava realmente ali, de que não se tratava de nenhum sonho esperançoso do qual ele acordaria para o pesadelo de Wen continuar desaparecida e em perigo. Devagar, o Pilar se abaixou e deixou um beijo em sua testa, com cuidado para não a acordar.

Se levantou, colocou uma roupa rapidamente e desceu as escadas. Anden estava sentado no último degrau, já calçado, esperando por ele.

— Vamos — disse Hilo.

Anden levou o novo Duchesse Imperia do Pilar para o sul, rumo à Rua Ba Baixa. O sol ainda não havia nascido, e as ruas de Janloon fervilhavam com a troca de turno entre os habitantes noturnos e os primeiros a acordar — pinguços, prostitutas e trabalhadores da madrugada que cambaleavam para casa enquanto ambulantes, donos de bancas de jornal e comerciantes começavam o dia.

Hilo rompeu o silêncio.

— Isso tá me lembrando daquela vez que você nos levou de carro pro Sorte em Dobro no Ano-novo.

— Faz tanto tempo — respondeu Anden.

— Faz mesmo — concordou Hilo. — Você dirige muito melhor agora.

Quando Anden o encarou de cenho franzido, Hilo abriu aquele famoso sorriso de canto.

— Fico feliz que você não esteja contando comigo pra matar alguém hoje — disse Anden. Depois de atravessar o túnel, pegou o entroncamento para a Rua Patriota, virou para Plano Alto e foi conduzindo o veículo pesado morro acima pelas estradas residenciais. Os cantos da boca de Anden se eriçaram um pouquinho. — Nunca pensei que a gente fosse fazer piada daquele dia.

— Vamos torcer pra, daqui a vinte anos, a gente achar a mesma coisa do dia de hoje. — Hilo colocou o braço para fora da janela e olhou para o nascer do sol, que vinha aos poucos surgindo por sobre as árvores podadas. — Deuses. Nós éramos jovens naquela época, Andy — disse ele, abandonando a leveza da voz. — Naquele dia, eu estava pronto pra morrer nas mãos do Gont Asch se fosse preciso. Agora… eu também estaria disposto, mas acho que seria muito mais difícil. A impressão é de deve ser mais fácil encarar a morte conforme vamos envelhecendo, mas não é bem assim. A gente se apega mais à vida, às pessoas que amamos e às coisas pelas quais vale a pena viver.

Hilo viu o sobrinho o encarando com preocupação, e falou:

— Não precisa fazer essa cara de preocupação, Andy. Por mais que eu não quisesse ouvir, você estava certo no que me disse ontem à noite. Vamos sair perdendo de um jeito ou de outro, então essa é a única saída. Se preciso for, você sabe o que fazer.

— Eu sei, Hilo-jen.

— Quando algo precisa ser feito, sempre existe um jeito — disse Hilo baixinho. Encostaram em frente aos enormes portões de aço da mansão Ayt. As câmeras de segurança instaladas ao longo da estrada haviam alertado os guardas. Quatro Ossos Verdes do Montanha, armados com espadas da lua e pistolas, recepcionaram o Duchesse. Anden parou o carro, desligou o motor e então tirou as mãos do volante, deixando-as abertas para que os guardas vissem.

Hilo abriu a porta e saiu. Sua Percepção zunia com a hostilidade do alerta dos quatro Ossos Verdes à sua frente, e dos outros dois que ele não conseguia ver dentro do portão. Levantou a voz para os guardas:

— Vim ver a Pilarisa.



Numa certa manhã, quando tinha 22 anos, Hilo encontrou Lan, seu irmão mais

velho, para tomar café no restaurante Sorte em Dobro. Foi a primeira vez em que comera lá, e teve uma surpresa agradável ao se dar conta de que, muito embora fosse um estabelecimento mais velho, barulhento e um tanto abafado, a comida era melhor do que qualquer outra opção das Docas. Lan, no entanto, não pareceu prestar atenção nem na comida e nem na conversa. Parecia estar incomodado, e não sorria para nada que o irmão dizia.

Na opinião de Hilo, Lan tinha pouco do que reclamar. Seu irmão mais velho usava muita jade, tinha recém-casado e vinha recebendo cada vez mais responsabilidades do avô no que dizia respeito à coordenação do cotidiano do clã. Hilo, enfim, largou o guardanapo e perguntou:

— Qual é o seu problema, afinal de contas? Com essa sua cara parece que você tá constipado faz dias.

O semblante de Lan estremeceu, surpreso, e então se fechou.

— Tem coisas na minha cabeça, Hilo — respondeu ele. — Eu só não fico compartilhando cada problema que me incomoda.

Hilo coçou o queixo enquanto pensava a respeito, um tanto magoado pelo chega para lá. Claro, era verdade que os jovens não eram tão íntimos como irmãos de idades próximas. Não haviam crescido como rivais ou confidentes. Ainda assim, havia uma compreensão silenciosa entre os dois, porque, um dia, Lan seria o Pilar, e Hilo, seu Chifre. Faria juramentos ao irmão mais velho, de que o obedeceria, mataria e morreria por ele se necessário fosse. Logo, tinha a impressão de que seria justo que Lan confiasse a ponto de explicar por que estava estragando um ótimo café da manhã com tanta melancolia.

— Tem alguma coisa a ver com aquela reunião do vovô semana passada?

Lan semicerrou o olho esquerdo.

— Como você sabe disso?

Hilo deu de ombros.

— Tem ou não tem?

Lan soltou o ar pelo nariz, como se estivesse cedendo, mas relaxou levemente; parecia aliviado em finalmente falar do que o incomodava.

— Você sabe que o vovô e o tio Doru tão preocupados com o sucessor do Ayt Yu como Pilar dos Montanha.

— O Ayt não é tão velho assim — respondeu Hilo. — Ele poderia ser o Pilar por mais dez anos.

— Tem rumores de que ele tirou um pouco de jade por causa da pressão alta. O Lança de Kekon pode até ser uma lenda viva, mas se sua tolerância à jade começar a enfraquecer, não vai demorar muito pra ele ter que se aposentar.

Talvez uns cinco anos, talvez menos. O Ayt Eodo é filho adotivo dele, mas não de sangue, e o cara é uma piada. Ninguém o respeita como Osso Verde.

Hilo partiu um dos doces de nozes.

— A filha dele é a Homem do Tempo.

— Uma Pilarisa? — Lan meneou a cabeça. — Ayt não iria assim tão longe. Então a porta tá aberta pra que alguma outra família nos Montanha ascenda à liderança.

— E o que a gente tem a ver com essa história? — perguntou Hilo. — O Montanha que resolva os próprios problemas.

Como Punho júnior, Hilo não tinha apreço algum pelo outro clã. Ele e os colegas haviam tido confrontos violentos com os Punhos do Montanha por território e comércios, principalmente em distritos que estavam sendo disputados, e alguns desses embates haviam deixado ressentimentos de ambos os lados.

— O vovô e o tio Doru tiveram uma reunião semana passada com o Tanku Ushijan — contou Lan. — O Chifre dos Montanha propôs que a gente unisse nossas famílias por casamento.

Hilo parou em plena mastigada. Wen lampejou em sua mente. Não era muito de manter segredos, mas ainda não havia contado para o avô ou para o irmão que estava apaixonado por uma garota da família Maik, por uma *pedrolha*. Seu rosto ou sua aura de jade devem ter exposto o pânico repentino, porque Lan, com um sorriso amarelo, disse:

— Acho que eu nunca consegui te assustar assim antes. A possibilidade de sossegar o facho é tão apavorante assim? De qualquer forma, você tá seguro. Din, o filho do Tanku, é um Punho de primeiro ranque. O povo vem dizendo que ele poderia seguir os passos do pai e se tornar o Chifre. Um casamento entre a Shae e o Tanku Din iria unir as lideranças de ambos os clãs.

Hilo foi tomado de alívio e voltou a respirar. Terminou de mastigar e engoliu.

— O vovô não vai aceitar — disse ele, confiante. — A Shae é a favorita dele.

A princípio, Lan não respondeu, mas a textura de sua aura de jade foi ficando mais rugosa enquanto ele remexia a comida no prato.

— Quando o assunto são decisões quanto ao que é melhor pro clã, às vezes não sobra espaço pra sentimentos pessoais, nem mesmo pro Pilar. O Doru acha que é uma boa ideia, e você sabe o quanto ele influencia o vovô.

Hilo fez uma careta.

— O Doru devia é voltar pra era das Três Coroas de onde ele veio.

O velho Homem do Tempo carrancudo certamente teria sido um daqueles

cortesãos conspiradores do palácio.

Lan olhou para o irmão mais novo com uma aquiescência que Hilo só foi entender dali a muitos e muitos anos, só quando se tornou Pilar também.

— O vovô e o Ayt Yu tiveram suas diferenças ao longo dos anos, mas agora que estão ficando velhos, querem garantir que, depois que se forem, ainda haja respeito entre os clãs. E isso tá ficando cada vez mais difícil, agora que temos negócios, territórios e escolas diferentes. — Sem nem perceber, Lan mexia nos braceletes cravejados de jade; a incerteza estava estampada em seu rosto. — A família Tanku diz que, se nos aliarmos a eles, Ayt Yu irá ignorar aquele mimado do Eodo e nomear Tanku Ushi como o próximo Pilar do Montanha. O que evitaria conflitos internos pela sucessão e garantiria relações pacíficas entre todos. Shae seria nora do Pilar e, se o Tanku mais novo for promovido, seriamos cunhados do Chifre deles.

Quanto mais ouvia, menos Hilo gostava dessa prospecção do futuro. Não tinha nenhum rancor pessoal contra os Tanku, mas de forma alguma os queria como parentes. O Tanku mais velho tinha cinquenta e poucos anos; seu filho era dois anos mais velho do que Lan. Se as famílias se unissem, os Tanku acabariam sendo dominantes. Como é que Lan iria manter sua própria firmeza como Pilar contra um homem que era basicamente seu sogro? E, se Hilo se tornasse o Chifre do Desponta, certamente teria que encarar o próprio cunhado como um rival e ser forçado a recuar para proteger o casamento da irmã. Uma união talvez até preservasse a paz pelo futuro próximo, mas, a longo prazo, não havia dúvidas de que o Desponta acabaria enfraquecido. Talvez chegasse a se tornar um tributário do Montanha.

Como conhecia a irmã que tinha, ainda não estava preocupado.

— A Shae jamais vai concordar com uma coisa dessas — disse, debochado.

Lan pegou um cigarro e ofereceu o maço para o irmão mais novo, que aceitou um, mesmo que não fosse sua marca favorita.

— Nós dois sabemos disso — comentou Lan. — Acho que quem não sabe é o vovô. Ele mimou a Shae, então acredita que ela vai obedecer. Caso contrário, ficaremos desmoralizados com o Ayt Yu e com os Tanku. Independentemente do que aconteça, a família não vai ser a mesma depois disso. — Frente ao silêncio de Hilo, Lan resmungou: — Então tá aí o motivo de eu não estar tão animado hoje. E agora dá pra perceber que eu estraguei a sua manhã também. Se bem que a culpa é sua de ter perguntado.

Hilo acendeu o cigarro, mas percebeu que não apreciava o gosto.

— O velho ainda não deu nenhuma resposta pros Tanku não, né? Quem sabe

você ainda consiga fazer ele mudar de ideia.

— Talvez — respondeu Lan, mas não parecia esperançoso. — Quanto mais velho, mais teimoso o vovô fica. Você entende a minha posição. No fim das contas, quem decide é ele.

O dono do restaurante veio à mesa para se apresentar como Seu Une e perguntar se havia algo de insatisfatório com o pedido, já que Lan não havia comido muito. Quando garantiram que a refeição estava excelente, o empresário fez uma saudação profunda, disse que era um prazer servir os netos do Pilar e que torcia para que recomendassem seu humilde estabelecimento ao próprio Tocha.

Lan conversou com Seu Une usando toda aquela seriedade cortês que Hilo o vira desenvolver ao longo dos últimos poucos anos, mas o sorriso em seu rosto era amarelo. O vovô já tinha 76 anos, muito mais velho do que Ayt Yugontin, e, apesar de ter preparado Lan para a liderança, ainda não havia anunciado a própria aposentadoria. A situação de Lan como o Pilar à espera era complicada. Não importava o quanto discordasse de Kaul Sen, desafiá-lo ou desobedecê-lo poderia postergar ainda mais sua nomeação como Pilar.

Quando Seu Une saiu, ele disse para Hilo:

— Nem um pio dessa nossa conversa pra Shae, entendeu? Se a gente puder evitar, não quero começar nenhuma briga entre ela e o vovô.

Dois anos mais tarde, Shae teria uma briga feroz com o vovô por conta própria, mas, à época, nem Lan e nem Hilo sabiam o que estava por vir.

— Tô confiando em você, Hilo. Jura pra que mim que vai manter segredo.

Inocente, Hilo arregalou os olhos e espalmou as mãos com uma indiferença afável.

— Pela minha jade, irmão — disse ele, muito embora se perguntasse se Lan havia contado para alguma outra pessoa. Duvidava que o irmão confidenciasse questões do clã para aquela esposa arrogante que tinha. — Enfim, não sou burro assim pra assumir a responsabilidade de dar as más notícias. Se a Shae descobrir por mim, é capaz de me jogar de cima de um telhado.

Ficaram sentados juntos em silêncio por alguns minutos, terminando os cigarros. Hilo disse:

— Que bom que eu sou só um Punho e não preciso me envolver com essa baboseira de política do clã como você.

Mas não parou de pensar no que Lan lhe contara. O avô dos dois era um velho tolo, concluiu, por tentar voltar atrás em uma decisão que *ele mesmo* tomara. A Sociedade da Montanha Única havia se divido uma geração antes.

Buscar unir o Montanha e o Desponta fazia tanto sentido quanto tentar colar um ovo quebrado. Em vez de arranjar um casamento político para Shae e agir feito um ancestral senhor da guerra, o avô deveria simplesmente *se aposentar*. Assim que Lan estivesse à frente do clã, poderia nomear Hilo como seu Chifre e Shae como sua Homem do Tempo. Juntos, seriam mais fortes do que os Tanku ou qualquer um dos possíveis sucessores de Ayt Yu, e não acabariam atrelados ao outro lado feito algum tributário feudal. Quanto antes Lan assumisse como Pilar, melhor.

Quanto mais Hilo pensava a respeito, com mais raiva ficava das pessoas mais velhas de sua vida. Além do mais, também estava egoistamente preocupado com suas próprias perspectivas. Na opinião de todos, era jovem demais para ascender ao cargo de Chifre, e seria por vários anos. Quando Lan se tornasse Pilar, esperariam que ele escolhesse um guerreiro mais condecorado para comandar o lado militar do clã, alguém com muita jade e experiência.

Hilo não podia se dar ao luxo de ir subindo gradualmente na hierarquia, esperando sua vez. Mesmo aposentado, a opinião do avô certamente pesaria sobre todas as questões. Lan ficaria cercado de velhos. A menos que se tornasse o Chifre, Hilo não tinha como ter certeza de que exerceria influência com seu irmão mais velho ou de que teria autoridade no clã, nem de que chegaria a um status no Desponta que faria todos aceitarem seu relacionamento com Wen.

Para grande deleite de Seu Une, Hilo voltou ao Sorte em Dobro dois dias mais tarde para experimentar o cardápio de jantar. Dessa vez, levara Maik Kehn e Maik Tar junto. Lan o instruíra a não falar com Shae, mas Hilo decidiu que poderia tranquilamente discutir a situação com os companheiros Punhos de quem era mais próximo e em quem mais confiava.

— Preciso matar o Tanku Din — exclamou depois de as entradas chegarem.

Tar parou com um bolinho crocante de lula a meio caminho da boca.

— O filho do Chifre dos Montanha? O grandalhão malvado com o nariz achatado e uma montoeira de jade?

— Esse mesmo — respondeu Hilo. — E tem que ser logo, e com um expurgo por lâmina.

— Foi um prazer te conhecer, keke — brincou Tar. — Vou pedir que os deuses te saúdem. — Quando viu que Hilo não estava brincando, o sorrisinho debochado de Tar sumiu. Ele continuou: — Você é bom, Hilo-jen, e todo mundo sabe disso. Mas você não é a reencarnação do Baijen. A gente não tá no nível do Tanku Din, pelo menos por enquanto.

Tanku Din era um Punho de alto escalão do Montanha. Duelos entre Ossos

Verdes normalmente aconteciam entre pessoas que tinham mais ou menos o mesmo status. Lutar com uma pessoa de nível inferior era malvisto, e era simplesmente burrice desafiar alguém que tivesse muito mais jade. Até era possível vencer de alguém com uma significativa vantagem no que diz respeito à jade, assim como era possível prevalecer contra um oponente que tivesse o dobro do tamanho. *Possível*, mas *pouco provável*.

— Que rusga é essa com o Tanku que não pode esperar? — perguntou Kehn.

— Não é nada pessoal. Mal conheço o sujeito, mas também não tenho muito interesse em conhecer. — Tanku Din angariara uma reputação por ser um excelente lutador e um Punho organizado, mas também por ser uma pessoa mesquinha, alguém que se irritava fácil com críticas, que punia subordinados ou abandonava Lanternas por ofensas insignificantes.

Hilo explicou a situação aos Maik e seu raciocínio por trás da necessidade de agir urgentemente.

— O vovô não vai ter como obrigar a Shae a se casar com um morto.

Até mesmo Kehn e Tar pareceram meio estarrecidos com o que ouviram, mesmo que não conseguissem argumentar contra a lógica do argumento. Kehn esfregou a nuca e deu um suspiro contemplativo.

— Um duelo direto é arriscado demais. Talvez a gente possa pegar ele juntos numa emboscada.

Hilo meneou a cabeça.

— Não podemos deixar ninguém achar que o Lan sussurrou o nome dele pra mim. O Lan tem que ficar nas graças do vovô até o velho finalmente se aposentar. Então tem que parecer que não foi planejado. — Quando os irmãos Maik se entreolharam com um ceticismo evidente, Hilo se irritou: — Nunca mais se sentem na minha frente com essa cara de que já vão desistindo de primeira. Pensem no Levante dos Vinte. Meu próprio pai deu um jeito de fazer o impossível ao custo da própria vida porque fracassar não era uma opção. Quando algo precisa ser feito, sempre existe um jeito.

Ficaria conhecido por repetir essa frase para seus muitos Punhos nos anos vindouros.

À tarde na terdia seguinte, Hilo e os irmãos Maik dirigiram para o território dos Montanha e visitaram um bar nas redondezas que sabiam que era controlado por Tanku Din e seus Dedos. Hilo entrou confiante no Ganso Preto, colocou sua espada da lua embainhada sobre uma mesa e declarou para o bartender:

— Meus amigos e eu não viemos causar encrenca. Só queremos tomar um trago ou dois.

Então se sentaram e pediram uma cerveja. Beberam, conversaram e pediram mais cervejas, seguidas por uma garrafa de hoji. Depois de duas horas, o bartender foi para os fundos do estabelecimento e ligou para Tanku Din, que chegou em quinze minutos para averiguar qual era o problema com esses Ossos Verdes do Desponta que não arredavam o pé de uma propriedade dos Montanha. Quando Tanku chegou, o rosto de Hilo se iluminou e ele gesticulou para que o Punho do outro clã viesse à mesa.

— Tanku-jen, vem beber com a gente!

Tanku olhou para as diversas garrafas vazias de cerveja e os copos de hoji e falou:

— Acho que pra você já deu, Kaul. Você sabe que tá no Cepo, né? Tá na hora de ir embora. — E, casualmente, apoiou a mão no cabo de sua espada da lua.

— Isso não é lá uma coisa muito hospitaleira pra se dizer pra família — respondeu Hilo. — Você vai casar com a minha irmãzinha, não vai? A gente vai ser irmãos, então minha casa vai ser a sua casa, e a sua casa — ele gesticulou pelo bar — vai ser a minha.

Tanku pestanejou, surpreso, então apoiou as mãos sobre a mesa e olhou de relance para os Maik antes de abaixar o tom de voz e perguntar para Hilo:

— Como você sabe disso?

— Tanku-jen, você não sabe no que tá se metendo. Minha irmã é mimada. Meu avô deu as boas-novas pra Shae e ela veio me procurar soluçando de tanto chorar, dizendo que não quer ser a esposa de um brutamontes com cara de porco. —Pensar em Shae lhe procurando com qualquer problema que fosse, ainda mais chorando, era tão engraçado para Hilo que seu sorriso era genuíno. Se Tanku tivesse um senso particularmente bom de Percepção, talvez sentisse que Hilo estava falando lorota, mas, na realidade, isso nem importava.

O rosto de Tanku se tornou sombrio com o insulto. Ainda assim, pareceu reconsiderar o tom com que falava com Hilo. Empurrando um amontoado de copos vazios, abriu espaço na mesa e se sentou. Nenhum dos Maik se mexeu para acomodá-lo. Com as pálpebras semicerradas, Kehn olhou feio para o recém-chegado. Tar descansava a cabeça sobre o tampo, e usava o braço como travesseiro. Tanku franziu o nariz e disse para Hilo:

— Olha, Kaul, nenhum de nós tem escolha nessa história, então não vamos começar nossa relação com o pé esquerdo. Vou tratar a sua irmã bem. Ela vai ter dinheiro, uma casa bacana, tudo o que quiser.

— Foi bem o que eu falei pra ela — exclamou Hilo com vigor. — E também garanti que você não é nem de longe tão ignorante ou feio quanto o povo diz. Ela

mesmo assim não ficou feliz, então prometi que ia conversar pessoalmente com você pra dar uma esclarecida nas coisas. — Hilo tomou todo o hoji em seu copo, então se inclinou adiante, levantou um dedo, e levou um tempão para organizar os pensamentos. — Primeiro de tudo, eu sinceramente tô aliviado que ela agora vai ser problema seu, e não meu. Mas, se você algum dia bater nela, eu te mato. Segundo, seus dias de vagabundagem acabaram. Não quero a minha irmãzinha pegue nenhuma doença imunda desse seu pau nômade e nem que seja tratada como mais uma das suas putas qualquer. Terceiro… — Semicerrou bem os olhos para o rosto de Tanku, que ia ficando cada vez mais vermelho de raiva. — Não lembro qual era a terceira coisa. Mas, enfim, o que eu tinha pra falar era isso. Vamos brindar pela nossa irmandade iminente, seu idiota. — Roubou o copo de Tar, serviu hoji para Tanku e então para si mesmo, derramando metade da dose sobre a mesa grudenta.

Tanku se levantou.

— Você bebeu tanto que perdeu a noção — disse ele, enojado. — Sai daqui, e volta com a sua orelha numa caixa quando estiver sóbrio.

Quando ninguém se mexeu, Tanku agarrou Hilo pela parte de cima do braço e começou a puxá-lo da cadeira.

Hilo se desvencilhou.

— Não encosta em mim, porra — gritou, cuspindo e com os olhos injetados flamejantes. — Vocês dessa familiazinha Tanku eram sulistas que transavam com cabras e agora acham que tão no mesmo nível dos Kaul? Acham que podem ficar fazendo meu avô de gato e sapato e tirar o que querem de nós? Vocês não nos merecem.

Os cerca de doze outros fregueses do Ganso Preto estavam nervosos, de olho nos Ossos Verdes, e agora muitos pegaram sua comida e bebidas e foram para mesas mais afastadas do confronto. O bartender pigarreou e disse:

— Tanku-jen, o senhor quer que eu ligue pra alguém?

Tanku respondeu sem nem se virar.

— Não, nem se dê ao trabalho. — Ele era mais alto e maior do que Hilo, e agora pairava sobre o Punho mais jovem como se estivesse prestes a esganar seu futuro cunhado. — Eu tinha mesmo ouvido falar que você era um filho da mãe arrogante e sem noção, mas não esperava que fosse tão *patético*. Pensei que você seria mais como o seu irmão, mas você é um cachorrinho idiota e, pelo que me falaram, a sua irmãzinha é uma puta que fica pra e pra lá com estrangeiros. Aposto que nenhum outro homem vai querer ela. É a *sua* família que não merece a *nossa*. Não fosse pelo seu avô, vocês não serviriam nem pra ser lixo.

Cambaleando, Hilo se levantou.

— Tanku Din, eu te ofereço um expurgo por lâmina.

O Punho dos Montanha bufou, debochado.

— Eu não duelo com pivetes bêbados.

— Covarde — vociferou Hilo. — Bebe-mijo. Pega-cachorro. Aceite meu expurgo por lâmina ou eu acabo com esse prédio, seu maricas. — Levou o rosto bem para perto do de Tanku. — Faca ou espada?

Ele viu a decisão inevitável ser tomada. Os olhos de Tanku ficaram obscuros, cheios de más intenções. A espessa aura de jade do sujeito estava estridente de avidez para mandar esse jovem Punho do Desponta para o hospital.

— Espada — respondeu. — Agora.

Não era o ideal. A expectativa tinha sido de que Tanku é quem fosse *oferecer* o embate, para que Hilo pudesse escolher a faca talon. Apesar de sua reputação de temperamental, Tanku resistira melhor do que o esperado à isca. Hilo pegou sua espada da lua e deu um chute nas cadeiras dos Maik.

— Venham — disse. — Vou duelar.

Acenou a caminho da porta dos fundos, rumo a um beco atrás do Ganso Preto.

Tanku Din o seguiu, desembainhando a própria arma. Só agora, prestes a encará-lo em combate, é que Hilo se deu conta de que havia uma boa chance de que acabasse morto ou mutilado, que a jade fosse arrancada de seu corpo. Expurgos por lâmina eram imprevisíveis e, mesmo se Tanku Din não pretendesse matá-lo, talvez esteja irritado o bastante para fazê-lo no calor do momento. O Punho dos Montanha tinha o dobro da jade de Hilo: um fileira de pedras na cartilagem de ambas as orelhas e braceletes cravejados nos punhos. Só pela forma com que ele se movia e a confiança com que empunhava a espada da lua, Hilo já sabia que aquele era um oponente a ser temido.

Hilo não havia revelado o plano maluco para ninguém além de Kehn e Tar. Mas agora se arrependia de não ter dito algumas coisinhas para Wen antes de sair. De repente, se perguntou se o próprio pai havia falado algo para ele e para os irmãos antes de ter saído para batalhar pela última vez. Hilo estendeu a espada da lua para os irmãos Maik, que cuspiram na lâmina para dar boa sorte.

— Se eu morrer, digam pra minha família que eu lutei bem — declarou para Tanku e para os fregueses mais ousados que assistiam da entrada do beco.

Os combatentes levaram as espadas à testa numa saudação. Hilo atacou de imediato, irrompendo com Leveza num turbilhão de golpes ofuscantes de tão rápidos. Tanku se defendeu com habilidade e revidou com movimentos precisos

e poderosos, tosquiando a arma de Hilo com uma força constante e esmagadora. Ele levou um total de três segundos para, rancoroso, admitir que Tanku era mais habilidoso do que ele com a espada da lua. Não ficou surpreso, mas isso não fazia com que fosse algo mais fácil de engolir dadas as circunstâncias.

Recuando da Força do sujeito, Hilo se reposicionou e tentou criar um espaço defensivo ao atirar um rápido lance de Deflação. Tanku contorceu o corpo e dissipou a energia com uma Deflação cruzada perpendicular antes que a onda de Hilo pudesse sequer chegar perto de seu corpo. Hilo invocou sua energia de jade para outra tentativa, mas, quando a ponta de sua espada avançou, a lâmina de Tanku instantaneamente invadiu a abertura momentânea e abriu um corte ao longo da parte de cima do braço com que Hilo segurava a espada. Hilo ativou o Aço bem a tempo de evitar um rasgo tenebroso, mas a dor era absurda.

— Cadê aquela sua língua afiada agora, hein, Kaul? — perguntou Tanku com um sorrisinho debochado.

Num rosnado, Hilo avançou contra Tanku com a fúria de um touro, cortando e retalhando. O homem mais velho manteve o Aço em voga, flexionando e o movimentando a cada ataque do oponente. Quando a energia de Hilo começou a esmorecer e seus braços passaram a tremer, Tanku irrompeu adiante e invadiu com facilidade suas defesas, cortando o Punho mais novo ao longo das costelas e então acertando-o no rosto com o pomo da espada da lua.

Hilo cambaleou e caiu contra a parede, ainda empunhando a arma, mas segurando a lateral machucada do corpo e piscando em meio às lágrimas de dor enquanto sangue escorria de seu nariz. Ele pigarreou e cuspiu. Kehn gritou num tom convincente:

— Hilo-jen! Conceda a vitória antes que ele te machuque de verdade.

— Escuta o seu amigo, Kaul — sugeriu Tanku, abaixando a arma. A fúria na aura de jade do sujeito estava abrandando com a satisfação de ver seu oponente arrogante com muita dor e tão superado. A energia de Tanku zunia, confiante e firme. Poderia ficar lutando assim para sempre.

Hilo inspirou um fôlego debilitado junto com sua energia de jade e usou a Leveza para pular até Tanku, que atirou um lance de Deflação que o jogou contra a parede de tijolos. De algum jeito, Hilo conseguiu se imbuir de Aço para absorver o impacto, e continuou segurando a arma quando caiu no chão do beco.

— Você quer mesmo que eu te mate? — perguntou Tanku.

Pelos cantos de sua visão turva, ele avistou Tar dando um passo alarmado adiante antes de Kehn impedi-lo. Hilo meneou a cabeça, como se estivesse removendo as teias de aranha da frente dos olhos. Dissera para os Maik que não

tinha nenhum rancor pessoal contra Tanku. Agora, dava para ver os pensamentos escarnecedores claramente estampados no rosto e nos ombros relaxados do Punho mais velho: *você é um pirralho estúpido, um marginal e nada mais.* E foi fácil invocar um ódio verdadeiro.

Hilo cambaleou até se levantar e avançou de novo como uma mula teimosa. Tanku suspirou. Segurou o vagaroso golpe para baixo de Hilo, e os dois se aproximaram; as lâminas travaram uma contra a outra. O sujeito estremeceu e Hilo, que tinha propositalmente Afluído apenas uma vez durante toda a luta, mandou um chumaço de energia destrutiva bem no esterno do sujeito.

O poder e a surpresa repentina do ataque pegaram Tanku desprevenido. Todo o seu Aço se acumulou em seu peito como uma porta se fechando e, com uma precisão lúcida e gélida, Hilo se abaixou e talhou sua artéria femoral.

Num susto abjeto, Tanku abriu os olhos com tudo quando o sangue se esvaiu de sua perna e se derramou sobre o asfalto. Sem lentidão ou hesitação alguma, Hilo agarrou Tanku por um tufo de cabelo e usou toda a Força que tinha para trazer sua garganta até a ponta de sua faca ascendente com um barulho terrível.

Por diversos segundos depois de o corpo de Tanku desmoronar, Hilo ficou ali parado, ofegando numa névoa de adrenalina, sem nem conseguir acreditar direito no que havia feito. O pequeno grupo de espectadores do Ganso Preto encaravam a cena, boquiabertos. Hilo recobrou a compostura. Ergueu a espada da lua e a limpou na parte interna da manga.

— Minha lâmina foi expurgada.

Expurgo por lâmina ou não, precisava voltar para o território do Desponta o mais rápido possível. O bartender já havia corrido de volta para o estabelecimento, certamente para alertar outros membros do Clã da Montanha, que chegariam em poucos minutos. Hilo não tinha como contar com muita ajuda dos Maik. Estavam extremamente embriagados, depois de terem sorrateiramente consumido álcool por ele ao longo das horas. Uma espremida de suco de limão deixara Hilo com olhos injetados e uma pimenta inteira o fizera suar e acelerara seu coração para que, quando confrontasse Tanku, parecesse estar como o Punho mais velho esperava: bêbado, estouvado e indigno de uma luta de verdade.

Mais tarde, Hilo se lembraria, como se tivesse sido um sonho desarticulado, da pressa frenética para recolher a jade de Tanku e dos três voltarem para o carro, seguida de uma viagem insana enquanto dirigia com uma mão e, com a outra, estancava os ferimentos com trapos de tecido que Tar arrancara da camisa e lhe entregara do banco de trás. A quantidade de jade que conquistara naquele dia o transformara no Punho júnior mais equipado de toda Janloon.

Kaul Sen ficou apoplético. Ralhou o neto mais novo por ser um lunático impulsivo e o chicoteara tanto que Hilo passara três dias de cama. Mas, mesmo deitado e dolorido, o jovem estava para lá de satisfeito consigo mesmo. O avô poderia até espancá-lo o quanto quisesse, mas seria incapaz de voltar para aqueles planos; não tinha como trazer Tanku Din de volta à vida.

O único problema, como Kehn sabiamente o relembrou, era que agora havia se tornado um inimigo mortal de Tanku Ushijan, o pai do Punho assassinado e Chifre do Clã da Montanha. Apesar de ter sido por um expurgo por lâmina, o sujeito não perdoaria a morte dissimulada de seu único filho e certamente encontraria alguma justificativa e meios de matar Hilo no futuro.

Em segredo, Hilo ficou profundamente aliviado um ano e meio mais tarde, quando Ayt Yugontin morreu de infarto e sua filha adotiva, Ayt Madashi, chocou a todos quando imediatamente matou Tanku Ushijan e seus Punhos mais próximos. Hilo não sabia muito a respeito de Ayt Mada, mas, mesmo sem querer, ela o fizera um grande favor ao eliminar justo o homem que Hilo temia ser seu inimigo mais dedicado.

Naquela época, a esposa de Kaul Sen falecera, e Shae tinha se afastado da família e ido para a Espênia. Alguns meses mais tarde, cansado e abatido, o Tocha de Kekon enfim se aposentou. Em menos de um ano, Lan indicou o irmão mais novo como seu Chifre. Aos 25 anos, Hilo era o Chifre mais novo de que qualquer um se lembrava.

Às vezes, quando enfrentava decisões difíceis, voltava a pensar naquele duelo, pelo qual conquistara de forma dramática sua jade e reputação, e lembrava a si mesmo de que havia momentos em que a solução mais óbvia exigia apenas disposição para tomar as mais insensatas das atitudes.



Dois guardas Ossos Verdes do Montanha escoltaram Hilo pelas portas da frente da mansão de Ayt. Era um lugar que o Pilar nunca esperara visitar, e não conseguiu evitar as olhadas curiosas para o amplo hall de entrada, com o piso de madeira entalhada, as armas antigas expostas e os quadros de paisagem. Era exatamente o tipo de casa que Hilo esperava de uma magnata rica, poderosa, solteira e sem filhos: majestosa e bem projetada, com cada coisinha em seu lugar, mas sem nenhum calor humano.

Os dois Punhos gesticularam para que Hilo parasse no hall de entrada, onde ele esperou, Percebendo a aproximação daquela densa aura de jade vermelha que odiava havia tanto tempo. Dois outros homens abriram um par de portas de

deslizar de madeira e Ayt Madashi chegou do jardim. As portas se fecharam atrás dela. Hilo olhou para a esquerda e para a direita quando mais dois Ossos Verdes apareceram silenciosamente dos corredores que se alongavam para ambos os lados; agora, eram seis guarda-costas.

— Um tanto exagerado — comentou, irônico. Tinha vindo completamente desarmado, sem espada, faca ou revólver.

— Aprendi com a experiência — respondeu Ayt — que, para lidar com você, nenhuma medida é exagero, Kaul Hiloshudon.

Ayt estava mais paranoica do que costumava ser. Hilo se lembrava que ela costumava sair por aí sem nenhum guarda-costas, como se quisesse demonstrar ao público a confiança que tinha nas próprias habilidades de jade. Algo que havia ficado no passado.

— Gostaria de conversar a sós — disse Hilo. — De Pilar pra Pilarisa.

Quando ela o encarou com uma intensa incredulidade, ele levantou as mãos espalmadas.

— Não vim até aqui sozinho pra cometer suicídio. E acho que você vai preferir que o que eu diga se mantenha no particular.

A boca de Ayt se franziu numa linha estreita.

— Seria de se esperar que a sua arrogância em algum momento parasse de me surpreender. — Ela falou para os Punhos: — Esperem lá fora, vocês todos.

Com as auras de jade zunindo de desconfiança, os outros Ossos Verdes ali presentes se retiraram relutantemente. Mesmo assim, Hilo tinha certeza de que estavam à espreita e retornariam em menos de um segundo se o Percebessem sequer espirrando de forma agressiva.

A Pilarisa dos Montanha cruzou os braços, impaciente. Vestia um vestido cinza de lã e um comprido cachecol preto que cobria a cicatriz enrugada no pescoço. Ayt nunca escondia o desfiguramento na orelha esquerda, que adquirira em batalha contra Shae, mas, desde o bombardeio de Janloon, havia ocultado a recordação de como um segundo de descuido quase havia lhe custado a vida.

Hilo foi direto ao ponto.

— Shae está cativa dos barukânes da Faltas. Capturaram ela, minha esposa e dois dos meus Punhos em Leyolo.

Ayt não demonstrou surpresa. Fazia tanto tempo que os clãs ficavam de olho nas atividades um do outro, que, a essa altura, os Montanha certamente sabiam que havia algo acontecendo no Desponta

— Não tive nada a ver com essa história — respondeu Ayt. — A sua Homem do Tempo assumiu um risco quando se meteu em Shotar e criou inimizades com

os barukânes. O que vocês esperavam? Se bem que, pelo que ouvi falar, sua esposa já voltou em segurança pra Janloon. Você deve ter pagado um preço alto pra trazer ela de volta, mas certamente tem ainda mais jade e dinheiro pra oferecer aos Faltas, pra garantir que soltem a sua Homem do Tempo.

— As exigências deles são um truque. Soltaram a Wen pra que eu achasse que tão sendo honestos, mas é mentira. Já mataram um dos meus Punhos. Depois de conseguirem tudo o que querem, não vão ter nenhum motivo pra devolver a Shae viva.

— Porque você com certeza vai massacrar todos eles, não importa se devolverem ela ou não — apontou Ayt. — Não que eu não concorde. Eu faria a mesma coisa.

Hilo caminhou devagar até sua velha inimiga.

— Mas eu fico me perguntando… — começou o Pilar, pensativo. — Por que esses barukânes, esses porcos malditos, iriam se arriscar tanto? Por que não tão com medo do que vou fazer com eles? Devem ter algum motivo pra acreditar que serão protegidos. E esse motivo, Ayt-jen, só pode ser você.

— Já falei que não tenho nada a ver com essa história — respondeu Ayt, impaciente. Seu olhar raivoso alertou Hilo a não se aproximar mais. — Você é capaz de Perceber que não estou mentindo.

— Você pode até não ter planejado ou dado as ordens — disse ele, parando abruptamente —, mas ainda é o motivo. Os Faltas trabalham pros seus aliados, os Matyos, mas meu palpite é que tão de saco cheio de ficar em segundo lugar e querem evoluir. Se arrancarem da Shae informações valiosas que beneficiem todos os barukânes, vão poder contar com a proteção dos Matyos. — Hilo trincou os dentes, tensionando sua mandíbula. — Vão enviar a cabeça da Shae numa caixa pra você, esperando a sua aprovação e que você os proteja também. Então, se eu for abrindo camada por camada dessa história, você ainda é o motivo pelo qual a minha irmã estará morta em alguns dias.

Ayt soltou uma risadinha singela, como se tivesse resolvido um quebra-cabeça fácil.

— Então você veio aqui me dizer que, se a sua Homem do Tempo morrer nas mãos de uns criminosos barukânes oportunistas de Leyolo, vai me culpar e partir pra guerra contra o Montanha?

— Não. Vim pedir a sua ajuda.

Pela primeira vez desde que Hilo se lembrava, Ayt Mada ficou surpresa demais para responder de imediato. Ela o encarou por alguns instantes.

— E por que, sobre a terra e sob os Ceús — perguntou a Pilarisa num timbre

áspero, vagaroso e calculado, como o desembainhar de uma espada enferrujada —, eu ajudaria um homem que ficou parado do meu lado, alegremente me vendo morrer enquanto eu estava com uma faca no pescoço?

— Você teria feito exatamente a mesma coisa.

— Eu deveria era te matar bem aqui e agora — declarou Ayt. — Depois que você morrer, os barukânes vão assassinar a sua irmã, e este será o fim dos Kaul. O fim dessa longa e odiosa guerra entre os clãs, da qual o Montanha sairá vencedor.

— Você bem que poderia — admitiu Hilo. — Quero dizer, poderia tentar. Vamos ser sinceros, não somos mais os guerreiros que costumávamos ser, Ayt-jen, mas ainda renderíamos uma briga das boas. Eu tô na sua casa, desarmado e cercado pelos seus Punhos e Dedos, então não seria lá uma grande luta, mas prefiro pensar que eu mesmo assim conseguiria causar um estrago antes de partir dessa pra uma melhor.

A voz de Hilo não se elevou ou abaixou, mas se intensificou e se afiou.

— Se eu não sair da sua casa, meu primo Anden, que tá lá fora no carro, vai entrar na redação do *Diário de Janloon* e na frente das câmeras da ENK pra explicar exatamente o que aconteceu no dia do bombardeio de Janloon. O país inteiro irá saber que Kaul Shaelinsan salvou a sua vida quando ninguém mais quis… e que, em retribuição, você me assassinou e deixou ela morrer num país estrangeiro, nas mãos da escória barukâne.

— Ah, claro. A imprensa irá me achincalhar e condenar — zombou Ayt. — Vão me ofender com insultos vis. Vou sofrer nas mãos do público por um tempo. Só coisas que eu já passei antes, e um preço baixo a pagar pela imensurável satisfação da sua morte.

— Mesmo atualmente? — perguntou Hilo baixinho. — Quando o povo pode passar a olhar pra família Koben?

O semblante de Ayt perdeu apenas um pouco do escárnio confiante, mas sua aura de jade se expandiu e se eriçou, o que já provava que havia certa verdade no que ele falara. Dentre os círculos sociais dos Ossos Verdes, já era amplamente difundido que Ayt Mada e a família de seu sobrinho adotivo nem sempre concordavam. No momento, a Conselheira Koben Tin Bett vinha apoiando um projeto de lei no Conselho Real que proibiria novas ondas de imigração vindas de Shotar, mesmo que sua Pilarisa tivesse mantido o silêncio quanto ao assunto para não comprometer a aliança dos Montanha com os Matyos.

Os tempos haviam mudado. Ayt Madashi estava com sessenta e poucos anos e já não era mais considerada indispensável para o Clã da Montanha. Com um

forte e popular homem de 30 anos esperando para sucedê-la como Pilar, se quisesse permanecer no poder, ela precisava da total confiança do clã. Faria concessões que talvez nunca nem considerasse antes em seu reinado para preservar a liderança e postergar a inevitável ascensão de seu próprio herdeiro.

Igualzinho ao vovô, pensou Hilo.

Ainda assim, ele conseguia reconhecer o raciocínio sombrio nos olhos de Ayt, uma lógica que lhe era completamente compreensível: talvez *qualquer* risco valesse a pena para, enfim, *vencer*.

— Depois de todos esses anos — entoou ela, com todo aquele escárnio gélido de sempre —, tem alguma coisa que você acha que eu não faria se precisasse?

—Não — respondeu Hilo. — Achei que tinha cinquenta por cento de chance de você me matar assim que eu entrasse por essa porta. Mas não matou, o que significa que minhas suspeitas tão certas. — Seu olhar era firme e sincero. — No fim das contas, você não é uma máquina. Por mais que fosse gostar de me ver virando comida de minhoca, você iria sentir *alguma coisa* depois que os Faltas torturassem Shae até a morte pra arrancar informações que acabariam vendendo pra você. Não sei que tipo de ser humano seria capaz de encarar os deuses com algo assim na alma… e todos nós somos humanos, até mesmo você.

Ele viu a quase imperceptível mudança na postura de Ayt; um repentino enrijecer defensivo dos ombros e do pescoço, um espectro de dúvida. Com a voz mais baixa, ele disse:

— Você tem muito mais homens alocados em Shotar do que eu. Tem poder para intervir. Pode condenar os Faltas. Se os homens que levaram a Shae perceberem que não tem ninguém pra protegê-los, que vamos caçar eles feito animais, aí a situação muda de figura pra eles.

Com passos longos, Ayt caminhou até a janela e olhou para o jardim lá fora, com os salgueiros que se derramavam sobre o gazebo.

— Eu não controlo os Matyos — disse ela, de costas para Hilo. — Me aliei a eles quando foi vantajoso, mas não são um clã. Não são kekonésios. São barukânes. Podem acabar decidindo que não se importam se eu aprovo ou não o que tão fazendo e escolhendo ficar no lado dos Faltas.

Hilo se aproximou por trás da Pilarisa, e parou onde suas auras de jade resvalavam uma na outra como placas de granito ao longo de uma falha geológica.

— A Ayt Mada que eu conheço não aceita não como resposta, de ninguém. Quem se intromete no caminho dela — ele abriu as mãos para indicar a si mesmo, ali parado no hall de entrada — precisa estar disposto a morrer. É por

isso que você é a única pessoa no mundo que pode me ajudar agora. Os deuses sempre tiveram um sendo de humor doentio.

Ayt deixou uma risada branda e zombeteira escapar, e tocou o cachecol ao redor do pescoço. Se virou para encará-lo:

— Quanto a isso, Kaul-jen, você e eu concordamos em gênero, número e grau.

— Depois de todos esses anos — disse Hilo, repetindo as palavras da própria Ayt —, tem alguma coisa que você acha que eu não faria se precisasse? — Com a dignidade lúgubre de um homem subindo para encarar a espada de um carrasco, Hilo se prostou de joelhos diante da adversária que passara anos de sua vida tentando destruir. — Me ajuda a encontrar minha irmã e a trazer ela viva pra Janloon. Sua dívida será paga, uma vida por uma vida. O que quer que aconteça entre você e eu no futuro, consideraremos justo. Shotar será completamente seu. Vou retirar o Desponta daquele país e, enquanto eu for o Pilar, vou deixá-lo nas mãos do Montanha. — Hilo levou as mãos entrelaçadas à testa numa saudação. — É o que juro pra você, Ayt Madashi, Pilarisa do Montanha. Pela minha honra, pela minha vida e pela minha jade.




CAPÍTULO 48

Dívidas e Perdas

Os captores de Shae a arrastaram para fora da banheira cheia de jade e a largaram sobre o piso de linóleo do banheiro. A superfície lisa e fria sob sua face trouxe um alívio leve e desesperador, como um cubo de gelo no inferno. Uma agulha entrou em uma veia de seu braço e, em segundos, um bem-aventurado líquido foi se espalhando por seu corpo quando o BL2 chegou ao cérebro. Nunca bastava, é claro; eram sempre doses pequenas, que refreavam apenas por um certo tempo o pior da agonia física, mantinham-na lúcida e impediam que mergulhasse de cabeça na loucura do Prurido. O líder barukâne, o baixinho com pingente de caveira verde, se inclinou sobre ela e retirou a mordaça que abafava seus gritos. Shae nunca odiara ninguém no mundo tanto quanto o odiava. Nem Ayt Mada, nem Zapunyo, ninguém.

— Me fale os nomes — repetiu ele. — Os nomes dos seus Ratos Brancos.

— Os que eu sei eu já falei — respondeu Shae com a voz rouca. Até a língua parecia quente e inchada. A vontade era de se contorcer no chão, de arranhar o próprio rosto, de fazer qualquer coisa para aliviar o calor que fervilhava sob sua pele. Dentro da banheira, havia ao menos o delírio quase transcendental da energia da jade. Acorrentada no chão, ela mal tinha forças para erguer a cabeça.

— Você só deu nomes dos policiais e agentes do governo que já sabemos que estão comendo na sua mão. Vai ter que se esforçar muito mais — disse o

torturador, com pesar.

Quando Shae não respondeu, o barukâne suspirou e gesticulou para que os homens com luvas de chumbo a erguessem de volta para a banheira. Shae se debateu e arquejou:

— Espera, por favor! Se vocês derem um pouco de brilho pra ele, eu conto.

Ela olhou para Dudo. O Punho estava morrendo. Depois de ter sofrido uma lesão na cabeça, de forma alguma estava em condições de tolerar aquele nível letal de superexposição à jade. Quando Shae estava na banheira, mesmo em meio à própria agonia, pôde Perceber o coração descompassado de Dudo acelerando, saindo de controle, e então desacelerando até ficar perigosamente vagaroso. Fora obrigada a vê-lo gritar e se debater, vomitar e convulsionar, mas, depois disso, ele ficou mortalmente inerte, sem mal respirar.

— Esse filho da puta quebrou o pescoço do meu amigo. — O líder barukâne deu um cutucão exploratório em Dudo. O Punho nem se mexeu. — Se você realmente quiser que eu use meu brilho caro nele, então vai ter que contar algo que valha *alguma coisa*.

Já morreriam de qualquer jeito. Ela já tinha o sangue de tanta gente nas mãos, que diferença mais alguns faria?

— O segundo capitão da Matyos… — começou.

— Hannito? — exclamou um dos homens ali presentes. — Não acredito.

— Ele não — respondeu Shae. — Mas seu irmão mais novo, o entregador.

Alguém ali perto soltou um palavrão.

— Aquele filho da puta tá fodido.

O líder barukâne se inclinou adiante, ávido.

— É verdade mesmo? Quem mais?

— Você sabe que eu não tô mentindo — exclamou ela, com sinceridade. — Dá brilho pro Dudo.

O sujeito olhou para um de seus subordinados e deu ombros, como se quisesse dizer *"por que não? Esse aí vai morrer mesmo"*. O segundo em comando pegou uma seringa e esvaziou o conteúdo no braço do Punho. Shae não fazia ideia se ainda havia alguma salvação para Dudo, mas imaginou que isso iria ao menos amenizar seu sofrimento. Alguns segundos depois de a droga entrar na corrente sanguínea, o Osso Verde estremeceu e começou a respirar com mais firmeza… ao menos um sinal de vida.

— Outros nomes — exigiu o barukâne.

Shae revelou outro Rato Branco (a esposa de um líder da gangue) e não conseguiu nem ter forças para se perguntar o que aconteceria com aquela mulher.

Contudo, quando não entregou nenhum outro nome, foi devolvida à banheira. Depois de um certo tempo, tiraram-na de lá de novo, deram outra dose de BL2 e fizeram mais perguntas. O processo acabou assumindo uma certa previsibilidade familiar. Até quando conseguiria ficar dosando as informações em troca de brilho para continuar lúcida e viva?

Sempre que voltava para a banheira, a vontade era de desistir. Ela ia se afogando na energia de jade da mesma forma que alguém se afoga no próprio sangue. Era algo impossível de se descrever. Cada partícula de seu ser borbulhava e transbordava, e a única forma que seu primitivo sistema nervoso conseguia interpretar a sensação era por meio de *coceiras*. Coceira na sola dos pés e na palma das mãos, na parte interna das pernas, ao longo dos braços e até o couro cabeludo, coceira na *boca*, nos *globos oculares*. Agora ela entendia por que essa doença deixava as pessoas malucas, porque se mutilavam e se jogavam no mar. Shae se esqueceu de quem era; a única vontade era morrer.

Mas, quando lhe davam brilho, ela voltava a si mesma e assim ficava por tempo o suficiente para pensar *"preciso dar tempo pro Hilo"*. Hilo os encontraria. Não seria enganado pelos engodos dos barukânes. Se existia algo no qual Shae acreditava além dos deuses, era no astuto espírito vingativo de seu irmão. Então, a cada momento em que ficava lúcida o bastante para pensar, rogava silenciosa e fervorosamente, *Yatto, Pai de Todos, me ajuda, ajuda o meu irmão.*

Ela precisava viver. Não deixaria Woon criando Tia sozinho. Se recusava a fracassar com sua amável filha justo da forma que Ossos Verdes tanto fracassavam com sua prole, da forma que seu pai fracassara antes mesmo de ela nascer, da forma que Lan fracassara com Niko e a mãe de Anden fracassara com ele… com a morte. Com um afogamento em sangue e jade.

— O que é o Acordo de Euman? Nos conta do Acordo de Euman.

Essa era novidade. Não tinha ouvido essa pergunta antes, pelo menos achava que não; por outro lado, estava ficando cada vez mais e mais difícil de se lembrar. Em algum momento, haviam se realocado na sala de estar e a jogado numa poltrona, onde amarraram seus membros com firmeza. Devia ser de noite, já que nenhuma partícula de luz cintilava nos contornos das janelas cobertas. Os rostos à frente nadavam em sua visão retorcida. Bocas em movimento que pareciam se alargar em câmera lenta como sorrisos demoníacos, derretendo feito cera quente, grotescas e abstratas. Alguém lhe estapeou no rosto. Sua cabeça foi com tudo para trás e sua língua se projetou para fora.

— Dá mais um pouco pra ela — ordenou o líder barukâne.

Mais brilho. De forma alguma teriam conseguido fazer isso com ela dez anos antes. Graças aos avanços médicos espênicos, era muito mais difícil morrer por overdose de BL2. Shae achou isso terrivelmente engraçado e se desatou num acesso descontrolado de riso.

— Que vagabunda mais maluca — grunhiu o barukâne. Jogaram água em Shae e, quando a Osso Verde parou de balbuciar coisas sem sentido, o sujeito repetiu: — O Acordo de Euman. O que é? Qual é o grande plano dos Montanha? Sabemos que tão se envolvendo com os Matyos de algum jeito.

— Não faço ideia do que você tá falando — respondeu Shae, com a fala arrastada. Uma pequena parte ainda funcional de seu cérebro se agitou debilmente. Do *que* estavam falando?

— Os Matyos tão movimentando dinheiro pro Montanha — disse o líder barukâne devagar e sem paciência, como se ela fosse uma imbecil. — O que eles tão ganhando em troca? Você é a porra da Homem do Tempo do Desponta, sabe o que a Ayt tá aprontando, não sabe?

Será? Ela sabia… sabia que o que estavam dizendo deveria ter alguma coisa a ver com… com o quê? Com algo que já parecera evidente e importante, mas que agora estava inconcebivelmente fora de alcance.

— Eu não sei. — Lágrimas surgiram de seus olhos e escorreram pelo rosto. Estava tão cansada. — Eu não sei. Não sei. *Não sei, caralho*.

— Joguem ela de volta na banheira — ordenou o barukâne com uma raiva fatigada.

Mãos começaram a erguê-la de novo, e o que restava de sua força de vontade se esvaiu rápido, desfiando-se como um fio num carretel.

— Não — exclamou, às lágrimas. — Não não não não não…

Em algum lugar da casa, um telefone tocou.



De um quarto no terceiro andar de um prédio residencial no fim da rua, a quatrocentos metros dali, Vin Solunu posicionou seu rifle de precisão Fullerton TAC-50 bem afastado da janela aberta e fechou os olhos enquanto calibrava a mira. As janelas da casa que tinha como alvo estavam completamente bloqueadas. De vez em quando, alguém espiava pelas frestas das cortinas frontais fechadas. Todas as outras janelas estavam cobertas com plástico preto. A essa distância, estava no limite extremo do alcance de sua Percepção, o que significava que acreditava que ninguém lá dentro conseguiria Percebê-lo; acontece que ele também nunca havia usado a Percepção para acertar um tiro de

tão longe, e tão importante.

A voz de Lott ressoou no fone de ouvido.

— Vin, o que tá acontecendo na casa? — O Chifre esperava num veículo na outra rua, com vários Punhos prontos para atacar sob a cobertura da escuridão.

— Tem seis pessoas lá dentro no momento — respondeu Vin no microfone do rádio. — Duas não tão se mexendo. Acho que as outras quatro são os imundos dos barukânes que a gente tá procurando, junto com mais três que tão do lado de fora ou ficam andando pra lá e pra cá de vigia.

Vin ouviu o Osso Verde do Montanha, atrás dele no apartamento, murmurar:

— Sério que ele consegue Perceber isso tudo daqui? Eu não tô Percebendo merda nenhuma.

E ouviu Kenjo responder:

— Fica quieto. Deixa ele se concentrar.

Vin achava um tanto desconcertante que um dos dois homens que lhe davam cobertura fosse um membro do Clã da Montanha, um sujeito cujo nome ele nem sabia, mas esse nem de longe era o aspecto mais desconcertante da situação.

O Pilar fechara um acordo com Ayt Mada que, por sua vez, fechara um acordo com os barukânes da Matyos para traírem os sequestradores da gangue Faltas. Sem demora alguma, os Matyos haviam fornecido uma lista com todos os esconderijos conhecidos dos Faltas em Leyolo que ficassem até uma hora de carro do local onde Shae e Wen foram sequestradas. Quando o avião particular, que trazia o Chifre e uma dúzia de outros Ossos Verdes do Desponta cuidadosamente selecionados, pousara em Leyolo, a informação já estava à mão, junto com um contingente de Ossos Verdes do Montanha incumbidos para ajudar na busca.

A verificação em todos os sete endereços foi conduzida via passagens rápidas de carro a uma distância cautelosa. Vin duvidava que qualquer barukâne keko-shotariano teria o treinamento para Perceber qualquer coisa para além do comprimento de uma quadra de releibol, mas certamente teriam sentinelas patrulhando os arredores. Tato, cujo talento para Percepção ficava aquém apenas do de Vin, pensou ter sentido a Homem do Tempo dentro de uma das casas. Vin confirmou que de fato sentia a aura de Kaul Shae, muito embora estivesse fulgurando erraticamente e não fosse possível ter cem por cento de certeza de que se tratava dela. Fotos das construções foram tiradas à distância e as imagens foram enviadas via fax para Janloon. Wen não tinha visto o exterior da casa, mas foi capaz de descrever o tamanho e a disposição do andar térreo com base no que conseguia se lembrar. As descrições se alinhavam ao formato da residência na

qual Vin agora se concentrava.

Todas as evidências diziam a Vin que estavam no lugar certo. De olhos fechados, com os dedos no gatilho e respirando com a maior leveza e firmeza possível, ele conseguia sentir as diferentes auras de jade lá dentro vibrando com emoções fortes: medo, dor, raiva, urgência. Dessa distância, eram como pequenas velas coloridas que dançavam em sua Percepção. Felizmente, as paredes eram apenas de estuque e drywall, e não tijolos e concreto, mas ele não tinha como saber a grossura das janelas, ou se havia alguma mobília capaz de refrear ou mudar a trajetória de uma bala de rifle. O ideal seria que seu alvo ficasse diretamente na frente de uma parede ou janela. E o *timing* de toda a operação precisava ser perfeito. Assim que o primeiro tiro fosse disparado, os homens lá dentro saberiam que haviam sido encontrados. Matariam os prisioneiros a menos que Lott e os outros Ossos Verdes no carro chegassem em segundos.

As mãos de Vin estavam firmes, mas gotas de suor escorriam pela testa e por cima de suas pálpebras fechadas. Ele abafou a energia de todas as outras coisas vivas ao seu redor e foi afunilando a Percepção até parecer que estava estendendo seus sentidos por um túnel muito longo. *Não faça cagada.*

Pelo fone, a voz do Chifre falou para todo mundo:

— Com o sinal do Vin, entramos em ação.

— Alguma coisa mudou — sussurrou Vin. A essa altura, uma das auras de jade enfraquecera tanto que ele tinha quase certeza de que estava à beira da morte. Havia outra que não estava muito melhor, tremeluzindo e vacilando como uma lâmpada estragada. As quatro outras, no entanto, que já vibravam com um estresse incomum, agora começaram a fulgurar com agitação e hostilidade extremas. As pessoas estavam se movimentando para lá e para cá, entrando e saindo do estreito campo de tiro de Vin. O Punho travou a mira na aura de jade mais poderosa e energética que conseguia Perceber. Quando seu dedo se curvou sobre o gatilho, sentiu a energia do alvo se tornar sombria, homicida.

— Vão agora! — sibilou Vin no rádio.

Ele expirou, prendeu a respiração e atirou.



Quando o telefone tocou, os barukânes ficaram chocados. Se entreolharam, como se estivessem se questionando quem esperava um telefonema.

— Porra, mas quem… — O homem com a argola de jade no nariz entrou irritado no outro cômodo e atendeu.

Os outros esperaram. Deixaram Shae jogada e ofegante na cadeira da sala de estar onde a interrogavam. Quando o aparelho voltou ao gancho e o sujeito retornou, o sangue havia se esvaído de seu rosto.

— Era o Choyulo — disse, num torpor. — Ele falou que os Matyos se voltaram contra nós. Que temos que soltar esses Ossos Verdes e dar o fora daqui.

Um silêncio estarrecido. E então o líder baixinho explodiu.

— Ele acha que isso aqui é a merda de um videogame? Que é só apertar "apagar" e começar de novo? O Choyulo falou que os Matyos iriam nos proteger caso Janloon caísse matando em cima de nós, e agora vem com essa de que vão passar a perna na gente? Depois de termos perdido quatro caras? Que *porra* é essa?

Os barukânes irromperam numa discussão acalorada, pontuada com gritos e profanidades shotarianas. Shae se esforçava debilmente para entender o que estava acontecendo.

— Se os Matyos nos entregaram de bandeja pro Desponta, então estamos piores do que mortos. — O jovem com a tatuagem no pescoço engoliu em seco audivelmente. — É melhor a gente fazer o que o Choyulo falou.

— O Choyulo que se foda — gritou o líder, com os olhos esbugalhando. — E os Matyos que vão tomar no cu! Tô de saco cheio de ficar na sombra desses viadinhos de Oortoko. Nenhum deles teria culhão pra fazer algo assim. Quando descobrirem as informações que a gente conseguiu, teriam que ser malucos pra não nos dar apoio. Caso contrário, vamos direto atrás da Ayt Mada e dos Montanha.

— E se a Ayt estiver envolvida nessa história também? E se ela nos entregar pros Kaul? — murmurou o sujeito com a argola do nariz; seus olhos iam começando a disparar para lá e para cá, assustado.

— Ela não faria isso. Ela *odeia* os Kaul. — O líder barukâne foi até a janela fechada e abaixou as lâminas da cortina de alumínio, criando uma fenda minúscula por onde, de olhos semicerrados, espiou a rua vazia e iluminada pela luz da lua. Satisfeito ao ver que todos os guardas continuavam em posição, se virou de volta para seus homens com um semblante assustador. — Estamos todos juntos nessa, então ninguém pode amarelar agora, entenderam? Vão lá, empacotem o dinheiro e a jade e matem o cara na banheira, caso ele ainda não tenha morrido. Primeiro a gente sai da cidade. E depois barganhamos com os Matyos.

— E ela? — perguntou o jovem com a tatuagem no pescoço, olhando para Shae.

O líder a encarou. Ela viu o cálculo desumano ser feito em poucos segundos. Mesmo que a deixasse partir, ele não poderia esperar que fosse receber misericórdia. Shae agora era mais um fardo do que uma vantagem, e os atrasaria.

— A gente não conseguiu tirar tudo o que queríamos dessa vagabunda, mas até que deu pro gasto — decidiu ele, e então sacou uma faca para cortar a garganta dela.

O corpo de Shae pareceu se mover por conta própria. Num último ímpeto instintivo pela sobrevivência, se lançou adiante feito um peixe sufocando e se debatendo no deque de um barco rumo à água e à minúscula chance de se agarrar à vida. Ela se jogou no chão, ciente de que seu último rompante de desobediência era inútil, apenas a resposta de um animal enclausurado. Se contorceu de lado e olhou para cima com um ódio silencioso. O sujeito com a faca bufou, entretido com a resistência dela, e deu um passo em sua direção… mas então estremeceu e tombou, como se tivesse levado uma pancada nas costas. A faca caiu de seus dedos sobre o carpete. Shae seguiu o movimento de sua mão vazia enquanto ele a erguia ao peito, e então viu os dois ferimentos de bala que tinham perfurado seu corpo, um par de flores que iam ficando cada vez mais escuros na frente da camiseta preta.

Os outros membros da Faltas ficaram encarando, incrédulos, o corpo de seu líder retumbar no chão. E então entraram em pânico, sacando pistolas e mirando para a janela quebrada enquanto se jogavam atrás de móveis e se espremiam contra as paredes.

— Atiraram no Batiyo! — berrou um deles. — Porra, como foi que atiraram nele?

As cortinas e o plástico preto agora trabalhavam contra eles, já que obscureciam os atiradores.

— Olha pela janela — ordenou o sujeito com a argola no nariz.

— Olha *você* — sibilou outro, mas se aproximando pela parede até o vidro. Dois outros tiros atravessaram a lateral da casa. Todos se abaixaram quando o homem caiu no chão se debatendo e segurando o ombro.

As portas da frente e dos fundos da casa foram arrancadas das dobradiças com um barulho estrondoso. As janelas maiores se estilhaçaram para dentro pela força de corpos imbuídos de Aço. Tiros eclodiram enquanto os Faltas descarregavam as pistolas nos Ossos Verdes que entravam sem nem fingir decoro. Tudo ao redor de Shae irrompeu numa violência ensurdecedora.

Ela piscou para o caos, como se estivesse sonhando. O gângster mais novo, com a tatuagem no pescoço, tentou agarrá-la para que servisse como um escudo

para protegê-lo. Pegou as cordas às costas dela e começou a arrastá-la pelo chão enquanto apontava a arma e gritava por sobre o tumulto.

— *Fiquem longe ou eu mato ela, eu juro que…*

Shae se debatia freneticamente, e atingiu o rapaz no queixo com um chute desvairado que o fez gritar de dor. Ele a deixou escapar por um instante e se abaixou para agarrá-la de novo, mas então a mão com que segurava caiu do braço e saiu girando. A espada da lua que a cortara reluziu ao voltar e se enfincar no espaço entre o pescoço e o ombro do jovem, abrindo seu torso numa carnuda fenda diagonal. Shae soltou um barulho abafado quando o sangue dele esborrifou por seu cabelo.

Um último tiro reverberou em algum outro ponto da casa, e então a briga terminou abruptamente. O rosto de Lott Jin apareceu sobre Shae, ofegante. Ele vestia um colete à prova de balas e estava com a espada da lua manchada e reluzindo em vermelho. O suor grudava seu cabelo à testa. O Chifre se ajoelhou e quebrou o cadeado das amarras dela.

— Shae-jen — disse ele, rouco enquanto desatava as correntes. — Graças aos deuses nos Céus.

Ao ver o rosto de Lott, lágrimas preencheram os olhos de Shae. Com braços enfraquecidos, ela tentou se sentar, mas não conseguiu; seu corpo inteiro tremia com um alívio violento.

— Eles morreram? — perguntou. — Todos?

Estava pensando na segurança de todos os Ratos Brancos cujos nomes havia revelado.

— Todos — garantiu Lott. — Vamos pegar todos os responsáveis.

Dois Ossos Verdes que Shae não reconhecia apareceram ao lado de Lott e o ajudaram a cortar as cordas que envolviam seus punhos feridos e em carne viva, e então os braços e pernas. Trouxeram uma maca e a ergueram com cuidado para deitá-la ali. Shae estava fraca demais para protestar contra o tratamento gentil enquanto a tiravam da casa que servira de prisão por dias. Arquejou ao sentir o choque do ar gelado e ao ver tantos Ossos Verdes se movimentando sob as alaranjadas luzes da rua. De onde toda essa gente tinha vindo? Alguns ela conhecia, mas outros rostos eram desconhecidos.

— Kaul-jen — disse um dos estranhos, inclinando o queixo e tocando a testa enquanto ajudava a colocá-la no banco traseiro de um carro. — Ayt Madashi manda lembranças.



Um mês depois do acontecido, Shae ainda não conseguia usar jade. Semanas sendo tratada com altas doses de BL2 medicinal haviam curado o Prurido, mas, na primeira vez em que Woon a abraçara, a mera proximidade à jade do marido já a fizera estremecer. Anden garantira que os exames mostravam que ela estava recuperada fisicamente, mas, com lágrimas nos olhos, lhe dissera que seu corpo talvez nunca mais tolerasse usar verde como no passado. Como o único membro da família que sabia melhor do que ninguém como era ter sequelas da superexposição à jade, ele explicou que se tratava mais de uma questão psicológica do que física. Shae sabia que ele estava certo. Suspeitava que passaria anos tendo pesadelos.

Lembrou a si mesma que, comparativamente, tivera muita sorte. Tako estava enterrado no Parque da Viúva. Por um milagre e desafiando todas as probabilidades, Dudo sobrevivera, mas estava profundamente danificado; era provável que fosse precisar de antipsicóticos e terapia por anos, talvez até pelo resto da vida, e nunca mais usaria jade de novo. Wen visitava o coitado e sua família toda semana.

A incursão do Desponta em Shotar fora um desastre, um desperdício de anos de trabalho no decorrer de três dias. Mesmo assim, conseguiram extrair algumas satisfações derradeiras. Com apoio do Montanha, os Punhos do Desponta permaneceram em Leyolo por mais duas semanas, tempo o bastante para encontrar e matar outros trinta e dois membros dos Faltas, exterminando toda a alta cúpula do segundo maior grupo barukâne do país numa onda de violência desenfreada que a polícia ignorou como um surto de conflitos étnicos entre gangues. Pouco depois, Wen recebera a notícia de que a Filmes Luz de Diamante concordara em liberar Danny Sinjo do contrato para que ele pudesse estrelar o longa-metragem carro-chefe da Costa Filmes, *Preto & Verde.*

Um dia à noite, quando Shae estava sentada com Hilo no pátio da propriedade Kaul depois do sol ter se posto, ela perguntou:

— Você por acaso já ouviu falar do Acordo de Euman?

Ele meneou a cabeça.

— O que é?

Shae franziu o cenho.

— Algo que eu ouvi. Talvez não seja nada. Ainda não sei.

Sem os sentidos de jade, o jardim parecia estranhamente abafado, como uma pintura desbotada, e era esquisito estar perto de Hilo e não conseguir Perceber sua aura. Ela analisou o rosto dele. Será que a ver de novo sem jade depois de tantos anos era ainda mais peculiar para ele? Pela primeira vez, percebeu as

mechas prateadas no cabelo do irmão.

— O que foi que a Ayt prometeu pros Matyos pra fazê-los cooperar?

— Ela acabou com a proposta de banir a imigração. — Hilo colocou os pés em cima de uma cadeira vazia. — Mandou avisar os lealistas do Montanha no Conselho Real que era pra garantirem que o projeto de lei fosse vetado.

Shae assentiu. A queda da legislação garantia que a fronteira iria continuar porosa entre Kekon e Shotar. Os barukânes poderiam continuar a viajar livremente entre os países, mandando parentes para trabalhar legal e ilegalmente em Kekon. Era algo que os Matyos valorizariam muito mais do que qualquer aliança com a gangue Faltas.

— Os Koben devem ter ficado furiosos.

A Conselheira Koben Tin Bett era uma das proponentes mais convictas da amplamente popular visão de que os refugiados de Oortoko haviam aumentado o crime em Kekon e de que os imigrantes barukânes corroíam valores tradicionais dos Ossos Verdes. Agora, sua própria Pilarisa havia minado a legislação que ela vinha promovendo no Conselho Real. Shea ficou contente pelo fracasso da isolacionista, mas, mesmo contra a vontade, ficou com um pouco de pena ao ver a velha viúva ser colocada tão abertamente em seu devido lugar.

— O que os Koben podem fazer? — perguntou Hilo, dando de ombros. — Enquanto o rapaz estiver esperando pra virar Pilar, não podem se dar ao luxo de se indispor demais com a Ayt. Foi a mesma coisa com o vovô e o Lan. Você não acompanhou de perto como eu. — Shae esperou receber uma encarada acusatória, mas não foi o que aconteceu. Hilo estava olhando para longe. — Enquanto tiver outras opções, a Ayt pode controlar os Koben. Tenho certeza de que a família Iwe ainda não perdeu a esperança de que ela vá passar a liderança pro Homem do Tempo.

— A Ayt Mada não vai fazer uma transição discreta pra aposentadoria.

— Não — concordou Hilo, voltando o olhar devagar para ela. — Num geral, acho que ela até gostou de como as coisas acabaram ficando.

A aliança com os Matyos fora renovada, os Koben voltaram para debaixo de suas asas e o mercado shotariano ficou sob controle exclusivo dos Montanha.

E a dívida de Ayt com a família Kaul fora consumada. Shae sabia o quanto salvar sua vida tinha custado à alma de Hilo. Ela nunca duvidara da capacidade do irmão de tirar vidas ou de dar a sua própria para o clã. Nunca imaginara que ele fosse se ajoelhar diante de sua maior inimiga em busca de ajuda. Na cabeça de Hilo, seria uma traição a todos os Punhos e Dedos que haviam lutado por ele e dado suas vidas sob sua liderança. Ela pensou em dizer alguma coisa, em

verbalizar um reconhecimento quanto ao que ele fizera… mas a ideia de expressar tais sentimentos entre os dois parecia trivial, distanciadora e até mesmo insultuosa. Ficaram sentados em silêncio.

— O que você vai fazer se não puder mais usar jade? — perguntou Hilo, depois de um certo tempo.

Shae tocou os pulsos nus, sem saber direito como responder. Pensou em Tia, adormecida na cama, e na profunda e simples alegria que existia ao ver o rosto da filha, ao abraçá-la apertado. Depois de quase ter sido privada disso, Shae era incapaz de conjurar um grande arrependimento pela perda da jade. Durante sua vida, conquistara bastante verde, tomara-o, reclamara-o e perdera muito em combate. A jade era sua armadura e sua arma, mas, ao contrário de Hilo, não fazia parte de quem ela era. Sentia saudade de suas habilidades, mas não estava vazia, não era menos do que teria sido se tivesse perdido um braço, uma perna ou um olho.

Era estranho, pensou Shae… Ossos Verdes veneravam jade, mas não eram as pedras em si que mereciam a adoração. A jade tinha significado por causa do tipo de pessoa que era necessário se tornar para usá-la. Jade era a prova visível de que alguém havia dedicado a vida para a disciplina de empunhar poder, para os perigos e custos de ser um Osso Verde.

Ela não precisava provar mais nada. Já havia superado a necessidade de empunhar verde como uma cobiçada marca de status e credibilidade, como algo que declarava para todo mundo que ela estava no mesmo nível dos irmãos, que era merecedora de ser uma Kaul. Suas duas décadas no topo da Rua Caravela já serviam para isso. Tinha trabalho a fazer agora, tinha que reconstruir o que haviam perdido, guiar o clã e o país rumo ao crescimento e ao progresso, mantê-lo seguro das ameaças externas, mas também dos perigos de seus próprios piores impulsos.

— O que eu vou fazer? — perguntou ela baixinho, virando-se para o irmão e levando as mãos à testa numa saudação ao Pilar. — Meu trabalho. Como a Homem do Tempo do Desponta.




CAPÍTULO 49

A Postura do Príncipe

vigésimo segundo ano, décimo segundo mês

Para o aniversário de Ru, seu amigo Dano o convidou para uma festa no distrito da Cabeça de Cão.

— É num lugar chamado Caquizinho, e vai estar cheio de gente boa — disse ele a Ru enquanto caminhavam para a aula. — Você devia ir. Uns caras que eu conheço estão loucos para te conhecer.

— Sério? — Ru não estava acostumado a receber atenção por conta própria, mas supôs que, com Niko e Jaya fora de Janloon, agora era o único dos Kaul mais jovens a despertar algum interesse.

— Claro! — insistiu Dano. — Além do mais, keke, você anda precisando relaxar um pouco.

Ru achou que o amigo tinha razão. As provas do meio do semestre estavam chegando, e ele vinha estudando até tarde havia semanas para recuperar o atraso. As disciplinas do terceiro ano eram mais difíceis, e o último ano fora muito estressante. O sequestro apavorante de sua mãe e de sua tia o fizera perder aulas logo no começo do período letivo. No verão, o tufão Kitt (o pior a atingir a região do Leste Amárico em trinta anos) castigara Janloon por três dias, causando danos enormes. O campus da universidade ficara fechado por uma

semana e, mesmo depois da reabertura, Ru passara todo o tempo livre ajudando o Desponta a limpar e a dar assistência à população. O problema mais recente era que seu cachorro, Koko, estava ficando surdo e cego com a idade, e no mês anterior, tivera vários dentes extraídos por dificuldades para comer. Ru tentava ir para casa todo fim de semana visitá-lo.

Para completar, Ru estava indeciso quanto ao que fazer após se formar no ano seguinte. Decidira cursar políticas públicas. O tempo que vivera no campus, afastado do clã, e convivera com outros estudantes da Sociedade Beneficente Pela Não Reatividade de Jade haviam solidificado a percepção de que ele nascera como o pedrolho mais sortudo do país. Às vezes, se sentia um paradoxo ambulante: apesar de sua deficiência, desfrutava de todos os privilégios de ser filho de uma família governante de Ossos Verdes, e sofria poucas das humilhações enfrentadas por outros não reativos, sobretudo os abukianos. Parecia justo que pensasse em como poderia usar seus privilégios para ajudar os demais.

Ru achava que talvez fosse gostar de trabalhar numa organização sem fins lucrativos, com o objetivo de se envolver em advocacia política, mas não tinha certeza de que o pai aprovaria. Quando estava de bom humor, o Pilar se mostrava receptivo às ideias de Ru; em outros momentos, respondia com impaciência.

— Você é idealista demais, filho. O Desponta é um clã de Ossos Verdes, não uma instituição de caridade.

Depois da perda desastrosa da filial em Shotar, a maior carência era no lado administrativo do clã. A melhor forma de Ru contribuir para a família seria trabalhar para a tia Shae após a formatura. A Homem do Tempo já dera a entender que ficaria mais do que feliz em recebê-lo na Rua Caravela, e a mãe de Ru o lembrara com seriedade:

— Antes de pensar em ajudar estranhos, você precisa colocar a família em primeiro lugar.

Ru decidiu aceitar a sugestão de Dano e extravasar um pouco. O fato de o Caquizinho ficar em território dos Montanha fez Ru hesitar um pouco, mas ele já tinha 21 anos, e não ia ficar informando os pais sobre cada risco minúsculo que assumia ao cruzar fronteiras de distritos entre os clãs como qualquer adulto comum. Ao chegar no endereço que Dano lhe dera, subiu ao segundo andar e encontrou um salão decadente, com iluminação fraca, bancos vermelhos ao redor de uma pequena pista de dança, mesas de madeira arranhadas e um balcão preto com miniluzes penduradas atrás de um espelho.

Animado, Dano o levou até um homem magro e de rosto anguloso que trabalhava atrás do bar.

— O Tadino aqui não acreditou quando eu disse que te conhecia. — Dano bateu com os dedos no tampo do balcão. — Paga a aposta aí, keke!

O tal Tadino se inclinou adiante.

— Você é mesmo Kaul Rulinshin?

Ele tinha sotaque (shotariano, será?) e, para surpresa de Ru, uma cicatriz circular de queimadura na bochecha esquerda.

Ru tirou a carteira de motorista e mostrou o documento. O homem riu.

— Mas caramba. Certo, Dano, a bebida fica por minha conta.

Serviu a cada um uma dose generosa de hoji e tocou a testa em saudação a Ru. Quando sorria, a cicatriz repuxava o canto de seu olho.

— Sempre quis conhecer um Kaul pessoalmente. Dá até pra dizer que sou meio viciado nos folhetins dos clãs.

O comentário fez Ru antipatizar com o sujeito. As revistas baratas e sensacionalistas que publicavam fofocas e fotos de clãs haviam sido cruéis com Niko. Se bem que, sendo sincero, eram desagradáveis com todo mundo, até com Ayt Ato. Fotógrafos de folhetins dos clãs já tiveram equipamentos destruídos, veículos incendiados e até ossos quebrados por Ossos Verdes revoltados, mas aparentemente o dinheiro era bom o bastante para que continuassem. Tadino não percebeu a careta de Ru. Cutucou outro homem sentado ao balcão, um cara pálido, carrancudo e de rosto torto, provavelmente freguês do Caquizinho, já que estava sozinho, encarando o copo quase vazio.

— Ô, ouviu isso? — disse Tadino. — Este aqui é o filho do Pilar, vê se mostra um pouco de respeito.

O homem sisudo deu uma olhada em Ru e, cauteloso, tocou a testa antes de voltar à bebida. Tadino não se deu por satisfeito; gritou por cima da música e chamou uma jovem até o balcão.

— Juni, adivinha quem é esse — exclamou.

As sobrancelhas finas e tatuadas da mulher se arquearam sob a franja lisa, e seus lábios vermelhos e cheios se entreabriram em apreciação.

— Tadino, esse barzinho de merda é mais moderno do que eu pensava. Não sabia que Kaul Ru vinha aqui se misturar.

Ela se aproximou de Ru e o cutucou com o quadril; depois abaixou a voz num sussurro lânguido e sugestivo:

— Me procura na pista quando estiver pronto pra mostrar seus passos.

Pegou a bebida e voltou rebolando para a multidão.

Ru sentiu vontade de segui-la, mas puxou Dano para longe do balcão do bar e sussurrou:

— Como você conhece o Tadino?

Ele sabia que o amigo levava uma vida sem impedimentos e que nem sempre andava com as companhias mais respeitáveis.

— A gente se conheceu na Vigília pelos Direitos dos Imigrantes. — Uma das organizações das quais Dano participava, voltada a oferecer ajuda a refugiados. — Tadino é de Oortoko. Ele já fez parte de uma gangue barukâne e passou por poucas e boas.

— Você sabe por que ele foi marcado? — perguntou Ru.

— Não me diz que você acredita naquela política animalesca — exclamou Dano. — Ossos Verdes marcaram milhares de pessoas inocentes por terem sangue estrangeiro, sotaque ou simplesmente por estarem no lugar errado, na hora errada. É hediondo.

— Não tô falando que concordo com isso — respondeu Ru.

Quis apontar que Dano, como sempre, generalizava ao falar dos Ossos Verdes. O entusiasmo por marcar pessoas suspeitas de atividades anti-clã era impulsionado por uma grande facção do Clã da Montanha, e não era seguido de forma uniforme nem mesmo por todos os Punhos do próprio Montanha. Mas essa não era a questão. Dano era tão veemente, tão convicto, tão ligeiro em enxergar todo marcado como alguém injustiçado, que Ru temia que o amigo acabasse envolvido com verdadeiros criminosos realmente anti-clã e, mesmo sem culpa, terminasse com um cano em brasa contra o rosto… ou pior.

— Você precisa pensar em si mesmo — insistiu Ru. — Você também pode acabar no lugar errado, na hora errada… e com o tipo errado de gente.

Ru não havia esquecido que a própria irmã suspeitara de Dano logo de cara, a ponto de levar o nome do rapaz a Lott Jin.

— Não se preocupa comigo, keke. Só se diverte, tá bom? — disse Dano, tirando do bolso um pequeno saco plástico com pó preto. — E aí, quer cheirar um pouco de areia? — Quando Ru meneou a cabeça, Dano deu de ombros e falou: — Então vamos te arrumar outra bebida.

A contragosto, Ru deixou o assunto de lado, embora estivesse decidido a tocar no tópico de novo outra hora. Naquela noite, só acabaria estragando o clima; afinal, estavam ali para se divertir. Pediu outro hoji, desta vez com gelo e um toque de anis.

Na pista de dança, havia muitas garotas bonitas, mas Juni, de minissaia preta e botas altas de nylon, era a mais chamativa. O decote profundo de sua blusa de

paetê deixava à mostra uma tatuagem no peito: uma flecha preta apontando direto para o meio dos seios. Ela sorriu para Ru, num convite, e dançou na frente dele, movendo-se de maneira provocante ao som da música. Depois da segunda bebida, Ru estava relaxado e ousado. Pôs as mãos nos quadris de Juni, e os dois dançaram juntos, aproximando-se mais a cada retumbar das caixas de som. Ela deslizou a perna entre as dele, pressionando o alto da coxa contra a virilha que começava a aquecer, enquanto esfregavam os corpos no escuro.

Ru ficou um pouco envergonhado com o quanto estava excitado por aquela mulher linda estar se jogando em cima dele. Suspeitava que Niko e Jaya transavam com mais frequência do que ele e, embora nunca tivesse invejado as investidas dos alpinistas sociais que os irmãos precisavam tolerar, ainda assim se perguntava, às vezes com um certo ciúme, como seria desfrutar de *todas* as vantagens do nome da família. Ter status assim que entrava num recinto. Ter mulheres desejando você. Carregar a verdejância de um clã inteiro e, por isso, ser sempre *mais* do que apenas você mesmo. Era isso, decidiu, que significava ser um verdadeiro príncipe do Desponta.

Niko e Jaya nem se importavam mais com esses privilégios, mas esse não era o caso de Ru. Quando os benefícios vez ou outra apareciam em seu caminho, por que não aproveitá-los ao máximo? Os seios de Juni se pressionavam contra ele, e o cheiro de suor perfumado enchia suas narinas e subia até o cérebro. Ru deslizou as mãos pelas costas dela e foi passando pela cintura, até a bunda. O desejo crescente era como um calor líquido que se espalhava da virilha até as pontas dos dedos. Ela era o que ele precisava esta noite, um meio de se esquecer das preocupações, parar de pensar tanto em tudo. Juni envolveu o pescoço dele com os braços, e o calor da bochecha dela formigou contra a sua. Os lábios roçaram sua orelha.

— Vem cá, quero te mostrar uma coisa.

Ela o puxou pela mão para fora da pista. Ru olhou ao redor em busca de Dano e vislumbrou o amigo em um dos bancos vermelhos, com mais duas pessoas, cheirando areia de uma bandeja. Rindo, Juni o conduziu para o outro lado do bar, onde, para surpresa de Ru, atrás de uma cortina roxa, havia outro cômodo, com alguns sofás e espelhos pendurados por todas as paredes, de modo que, para onde quer que se virasse, ele via reflexos seus, corados e de olhos brilhantes.

— Nossa, uma sala secreta — disse Ru, com um sorrisinho. — Pra que será que esse lugar serve?

— Quem se importa? — Juni o agarrou, e eles se beijaram; suas bocas

quentes e famintas colidiram. Ela tinha gosto de gloss de baunilha e refrigerante de rum com lichia. — Aqui ninguém vai incomodar a gente.



— Fica aqui perto do bar e cuida pra que eles não saiam — sibilou Tadino para Bero. — Vou lá fora fazer a ligação. Só fica de olho.

— Não vou ficar aqui ouvindo esses moleques se comerem — respondeu Bero, azedo. A maior parte da juventude presente no Caquizinho naquela noite estava alegremente bêbada ou drogada. Alguns haviam desmaiado nos bancos; outros saíam do salão aos pares. Mas Tadino deixara Bero tomar apenas uma bebida.

— Temos que ficar lúcidos — insistiu. — Hoje à noite vamos começar a próxima guerra de clãs e virar o jogo.

Tadino saiu apressado até o orelhão da rua para ligar para Koben Ashi e informá-lo de que sua namorada estava no salão do Caquizinho e que algum estranho estava passando as mãos imundas nela. Koben Ashi, um Punho de escalão médio do Montanha, filho de uma conselheira proeminente e primo próximo de Ayt Ato, era um ciumento desgraçado que espancaria qualquer um que sequer olhasse para sua mulher por tempo demais. Segundo Juni, ela e Ashi estavam separados no momento, mas, ao que parecia, Ashi nunca ficava sabendo disso. Todo homem do Montanha sabia que Juni não era flor que se cheirasse e, portanto, nem encostavam nela, e era por isso que ela ficava procurando outros lugares para se divertir. Não parecia se importar com o fato de Ashi mandar seus paqueras para o hospital; na verdade, pouco depois, sempre acabavam reatando o namoro.

Bero era obrigado a admitir: o plano de Tadino era improvável demais, mas também engenhoso; o tipo de empreitada arriscada que ele próprio teria concebido quando mais jovem. Como bartender, Tadino conhecia muita gente e ouvia muita fofoca de ambos os clãs. Já tinha visto Juni no Caquizinho antes e, quando se dera conta de que conhecia um universitário que era amigo pessoal de Kaul Ru, bolara uma trama para encaixar as peças.

— Já chega de ficarem pisando em nós como se a gente fosse bosta — disse Tadino.

Era preciso revidar, fazer algo contra a perseguição implacável imposta pelos Ossos Verdes. Iniciar um rompante de violência entre os clãs aliviaria a pressão. Permitiria que o MFSC se reagrupasse e se recuperasse.

Bero aprovava o esquema, mas ainda tinha dúvidas. Ao longo dos anos,

investira contra os Ossos Verdes de todas as formas possíveis. Fora assassino e ladrão, saqueador de túmulos, contrabandista, espião e terrorista. Era um milagre que ainda estivesse vivo. Será que lhe restavam forças para tentar outra vez? Queria acreditar que sim, que a brasa que ainda ardia dentro dele poderia ser atiçada de novo.

Por outro lado, seria muito mais fácil se afastar de tudo e beber.

— Você não precisa fazer nada — ressaltou Tadino. — É só manter aqueles dois aqui e garantir que ninguém interrompa. E ficar de testemunha. Que tal? Dá pra ferrar os clãs sem nem levantar um dedo direito.

A possibilidade agradou Bero o suficiente para fazê-lo concordar. Koben Ashi chegaria ao Caquizinho e, sem saber, daria uma surra brutal no filho pedrolho do Pilar. Kaul Hilo certamente responderia com uma retaliação feroz, e a frágil cooperação mantida desde o atentado de Janloon se esfarelaria.

Como Tadino fechara o bar e o deixara sem nenhum garçom, Bero se serviu de outro copo de hoji. Por uma fresta entre as cortinas roxas, via e ouvia Juni e o filho do Pilar se agarrando. A saia dela estava erguida até os quadris; os botões da camisa de Kaul Ru, abertos. Estavam se pegando firme, alheios ao fato de estarem sendo usados por pessoas que nem conheciam. Bero estava acostumado a sentir pena de si mesmo, mas ali, sentado ao bar abandonado, ouvindo os estalos úmidos e gemidos de desejo, sentiu uma afinidade patética com o jovem no cômodo ao lado (cujo tio ele próprio alvejara com uma metralhadora Fullerton num píer escuro, uma vida atrás).

Aos 40 anos, Bero chegara à cínica conclusão de que sempre fora um pedaço de detrito lançado para lá e para cá, à mercê das marés do destino. Sorte e azar eram duas faces da mesma ficha de aposta, arremessada de qualquer jeito sobre uma mesa cósmica de jogos para prolongar o entretenimento inescrutável dos deuses. Ainda assim, ele não era o único alvo do abuso divino. Até o filho do Pilar era um peão do acaso.

— Você deixe de ser pervertido — ralhou Juni para Bero. — Fecha a cortina, vai.

O cabelo curto e provocante de Juni, assim como o rosto em formato de coração, faziam Bero se lembrar de Ema. Ou talvez se parecessem porque ela também estava fazendo um homem alheio pensar com a cabeça de baixo. Ema morrera havia muito tempo, destroçada por uma explosão, mas Bero ainda guardava ressentimento. Agora, só de olhar para a garota, passou a detestar Juni também. Ema havia sido uma vagabunda com ele, mas fora gentil às vezes. Deixara ele a comer, mesmo que só porque estava planejando morrer. Quando

ficava muito bêbado, Bero tinha a impressão de que talvez sentisse saudade dela. Talvez sentisse saudade até de Sampa, Bochecha e Mudt.

Como Bero não se mexeu, Kaul Ru se levantou, segurando o cós da calça com uma das mãos, e foi fechar a cortina por conta própria.

— Ela tá te usando, keke — disse Bero.

O jovem estava com um sorriso corado e idiota no rosto.

— Por mim, tudo bem.

— Seu moleque burro, você acha que tá no controle da situação? — O desprezo amargurado escorreu sem filtro da boca de Bero. Toda essa confiança pueril, ingênua e imprudente era algo que ele próprio já achara que o tornava especial, que o tornava capaz de conquistar tudo. — Essa aí tem namorado. Koben Ashi. Um Punho do Montanha.

Kaul Ru parou com a cortina na mão. Olhou de volta para Juni e então de novo para Bero enquanto a incredulidade e, em seguida, a catarse tardia iam lhe deixando boquiaberto. Bero abriu um sorrisinho com um deleite animalesco.

— Você caiu numa armadilha, keke.

Passos trovejantes subiram a escada e invadiram o salão. Koben Ashi irrompeu pelo meio dos poucos fregueses que continuavam ali, girando a cabeça de um lado a outro e com os olhos arregalados tomados por uma fúria desmedida. Dois de seus Dedos vinham logo atrás, assim como Tadino, que gritou:

— Lá atrás, Koben-jen! — E apontou para o cômodo atrás da cortina junto ao bar.

O Punho empurrou Bero para passar, arrancou a cortina e viu Ru recuando com a calça aberta e Juni largada meio nua no sofá. Com um palavrão feroz, agarrou Kaul Ru pela garganta e o arremessou para fora do cômodo contra o balcão.



Ru bateu no tampo e, ao cair, acertou a cabeça num banco. Faíscas explodiram em sua visão, e um zunido irrompeu em seus ouvidos. Atordoado e estirado no chão pegajoso, a primeira coisa em que pensou foi ridícula: fechar a calça antes de tentar se levantar. Se atrapalhou feito um idiota e conseguiu subir o zíper antes que Koben Ashi o agarrasse pelo colarinho, o puxasse do chão e o arremessasse contra outra parede. Gritos de surpresa e alarde irromperam. A maior parte do público minguado que restava no Caquizinho pegou seus pertences e saiu correndo para a escada de saída. Sabiam como era imprudente

ficar perto de um Osso Verde enfurecido.

— Quem você pensa que é pra tocar na minha mulher, seu ratinho mijado? — grunhiu Koben. — Depois que eu der um jeito nessa sua cara, você nunca mais vai comer ninguém, seu filho da puta.

Puxando a saia para baixo e chorando, mas sem lágrimas, Juni saiu aos tropeços para fora da cortina roxa e exclamou:

— Ashi, ele é só um garoto, não sabia de nada. Não mata ele!

Ru cambaleou e ergueu as mãos para se defender, mas não tinha como igualar a velocidade imbuída de jade de um Osso Verde. Koben o atingiu no estômago, fazendo-o se curvar, e depois o chutou ao chão. Ru arfou de dor, agarrando o abdômen. Pelo canto do olho, viu Dano bêbado, gritando e tentando avançar em sua defesa, mas o bartender, Tadino, o segurava pelo braço.

Sou tão idiota, pensou Ru, em agonia. *Idiota, idiota, idiota*. Idiota por confiar em Dano, idiota por vir a essa festa em território do Montanha e por baixar a guarda, idiota por achar, mesmo por apenas um segundo, que só por ser um pedrolho e o menos importante dos filhos do pai, estaria a salvo de inimigos.

Koben agarrou uma banqueta próxima e quebrou uma das pernas para usá-la como cassetete, com o qual pretendia espancar Ru até deixá-lo inconsciente. Os dois Dedos que o acompanhavam observavam com expressões levemente aflitas, porém nada surpresas. Um deles disse:

— Ashi-jen, esse garoto nem é Osso Verde. Não vale a pena.

Ru se atirou desesperadamente para fora do alcance quando a perna da banqueta desceu cortando o ar. Errou sua cabeça por pouco e lhe atingiu no ombro. O braço inteiro ficou dormente. *Eles não sabem quem eu sou*, percebeu. A família sempre o mantivera fora dos holofotes, e seu rosto não aparecia nos folhetins do clã. Era pouco conhecido fora dos círculos sociais do Desponta, e ainda menos no Clã da Montanha. O homem de rosto torto estava certo: Ru caíra numa armadilha. Mas a família Koben também.

Ru se jogou atrás de uma mesa. O Punho enfurecido a chutou para o lado e ergueu a perna da banqueta outra vez, mas o obstáculo dera a Ru os dois segundos de que precisava para arrancar a faca talon compacta que carregava presa na parte de trás da cintura. Os olhos de Koben baixaram para a súbita aparição da lâmina e, naquele instante de distração, Ru gritou:

— Um expurgo por lâmina!

Atrapalhado, se aprumou numa postura agachada de combate, com a faca talon erguida à frente do corpo e sangue escorrendo do nariz.

— Meu nome é Kaul Rulinshin, filho do Pilar do Desponta, e eu te ofereço

um expurgo por lâmina!

Koben Ashi parou com a perna da banqueta ainda em riste. Seus olhos oscilaram da faca talon para o rosto de Ru. Um tique repuxou a bochecha do Punho enquanto trocava olhares com os dois Dedos, que encaravam Ru com semblantes atônitos e desconfiados.

Com um grunhido, Koben se virou de volta para Ru.

— Não vem querendo bancar o palhaço pra cima de mim. O filho do Pilar do Desponta num lugar destes?

— É verdade! — balbuciou Dano, finalmente se soltando de Tadino e tropeçando adiante. — Ele é mesmo o Kaul Ru. A gente só veio se divertir! Ele não fez nada de errado, não sabia quem ela era. Ele é só um pedrolho universitário!

Os nós dos dedos de Koben embranqueceram ao redor da perna da banqueta. Ele se virou para Juni.

— Sua putinha, você descobriu que ele era um Kaul e não conseguiu manter as pernas fechadas? Tá tentando me complicar com o Desponta, sua vagabunda?

O rosto da mulher empalideceu completamente.

— Não, não, Ashi, eu nunca… — Ela caiu de joelhos, chorando de verdade agora. — Foi ele que deu em cima de mim, e eu fiquei com medo de dizer não.

— Mentira — disse Ru, com os olhos reluzindo de indignação. — Koben-jen, eu não fazia ideia de quem ela era. Espero que você consiga Perceber que não tô mentindo, que eu que não tive a menor intenção de te ofender. Mas você me atacou sem nem tentar apurar os fatos, então também me ofendeu. A única forma de resolver isso é com um expurgo por lâmina.

Koben franziu o cenho.

— Mesmo que você seja um Kaul, não é verdejante. Não pode duelar comigo.

Ru balançou a cabeça.

— Com você não. Com *ele*. — Se virou e apontou para Tadino com a ponta da faca talon. — Foi *você* que armou tudo isso. Pediu pro Dano me trazer aqui, me apresentou à namorada do Koben sem dizer quem ela era e chamou os Montanha para me dar uma surra. — A expressão de Ru era tão ameaçadora que todos os que continuavam no salão agora enxergaram, sem dúvida alguma, que ele era de fato filho de Kaul Hiloshudon. — Nunca te vi antes, então não sei por que me odeia. Você queria me usar para atingir a minha família. E isso eu levo pro lado pessoal. Então você pode lutar comigo agora ou se resolver com o meu pai depois.

Tadino disparou em direção à escada, mas não chegou longe. Os dois Dedos de Koben se moveram com a velocidade excepcional dos Ossos Verdes, agarraram-no pelos braços e o arrastaram de volta ao salão, onde o obrigaram a encarar Ru. Os lábios do bartender estavam repuxados numa careta apavorada; parecia atônito com a forma como seu plano degringolara de forma tão abrupta e inesperadamente se recompusera para, no fim das contas, fazê-lo de alvo. Seus olhos percorreram o recinto, mas não encontraram ajuda alguma. Dano parecia tão assustado quanto uma lebre presa na toca de uma raposa, e o desconhecido de rosto torto se manteve afastado.

— Escolha sua arma — exigiu Ru.

Segundo Dano, Tadino já fora membro de uma gangue barukâne. Não parecia fraco nem covarde; pelo contrário, tinha o aspecto de alguém acostumado a brigar por aí (o tipo de pessoa com quem a maioria não iria querer se meter). Era bem maior que Ru. Ainda assim, hesitou diante da faca talon na mão do Kaul, da maneira confiante com que o jovem, treinado desde cedo pelo pai, empunhava a lâmina.

— S-sem armas — respondeu Tadino. Desarmado, teria vantagem física.

Ru se dirigiu a Koben Ashi.

— Koben-jen, se eu enfrentar esse sujeito num expurgo por lâmina pra resolver nosso problema com ele, você concorda que não deve restar nenhuma rusga entre nós dois? E que nossas famílias não precisam se envolver?

Ele prendeu a respiração, à espera de uma resposta. No pânico do momento, lançara o desafio do expurgo por ser a única forma de retomar o controle da situação, de defender a própria honra numa situação em que, ao que parecia, não teria chance alguma para tal. Agora, porém, o que queria mesmo era punir Tadino. Se tivesse que encarar o pai depois daquele fiasco, queria dizer que lutara num duelo legítimo para preservar sua reputação, não que fora espancado por apalpar a mulher errada em território dos Montanha. Niko já tinha quebrado demais o coração do pai; o que o Pilar pensaria de Ru, e o que talvez fizesse aos Koben, diante de um incidente tão humilhante?

Koben Ashi parecia ponderar o mesmo.

— Sim — disse. — Concordo.

Ru embainhou a faca talon e limpou o sangue do nariz na manga. Num geral, tinha a tendência a sempre ver os outros com bons olhos; por isso, quando se deparava com pessoas genuinamente maliciosas, ficava furioso.

— Faça qualquer prece que tiver aos deuses, porque um duelo de mãos vazias não vai doer menos, isso eu te garanto.

Tomado de cólera, tocou a testa em saudação ao oponente sem oferecer sequer um assentir de respeito.

— Por que você fez isso?

As feições de Tadino se contorceram quando ele mostrou os dentes. Tocou a cicatriz circular e inflamada na bochecha.

— *Por quê?* Por que um rato tenta morder o cachorro que tá matando ele? Você faz ideia de quantas pessoas eu já vi sendo espancadas, marcadas ou levadas? Olha pra minha cara, *porra*. — Ele escarrou no chão. — Era pra ter acontecido uma revolução. Era pro atentado de Janloon ter matado todos os líderes dos clãs, e pro Movimento Futuro Sem Clã ter construído uma nova sociedade.

As palavras vinham carregadas de veneno, mas ele parecia à beira das lágrimas.

— Sabe por que eu leio aquelas porcarias de folhetins dos clãs? Porque eu vivo torcendo pra ver vocês, cães Ossos Verdes, finalmente matarem uns aos outros.

— Eu não sou um Osso Verde — disse Ru.

E atacou com quatro golpes rápidos na cabeça: dois jabs, um cruzado de esquerda e um direto de direita que resvalou na bochecha de Tadino quando o sujeito se esquivou por instinto, protegendo o rosto. Em seguida, Ru desferiu um chute seco de canela na coxa do oponente.

Tadino sibilou de dor e revidou com um soco no rosto de Ru, depois no corpo, acertando-o repetidas vezes antes de projetar o ombro contra o peito dele e tentar espremê-lo contra a parede mais próxima. Se embolaram corpo a corpo enquanto cada um tentava imobilizar os membros do outro. Ru levou uma joelhada forte na barriga, e todo o ar se esvaiu de seu corpo num grunhido quando se curvou para a frente. Os olhos se encheram de lágrimas. Já estava machucado em uma dezena de lugares por ter sido arremessado tão agressivamente de um lado para o outro por Koben, e cada golpe de Tadino só piorava tudo.

Mas Ru estava acostumado a ser fraco, e a lutar mesmo assim. Nunca frequentara a Academia Kaul Du, mas o Pilar não permitiria que o filho crescesse sem uma formação marcial, então recebera um belo treinamento do pai, dos tios e da amálgama de treinadores particulares da família. Fizera exercícios de combate com faca, prática de tiro e combate contra Ossos Verdes com habilidades que jamais poderia igualar. Embora não fosse páreo para um Punho como Koben Ashi, contra outro homem sem jade ele tinha todas as

vantagens proporcionadas pela preparação. Além disso, era vinte anos mais jovem e tinha muito mais condicionamento físico do que Tadino, que já arfava após poucos minutos e alguns golpes.

Enroscado de perto com o adversário, Ru manteve a lucidez. Enfiou a cabeça entre os braços fechados e usou a ponta do cotovelo para repetidamente acertar o esterno e as costelas do homem maior com força. O aperto de Tadino afrouxou. Quando se desvencilharam, Ru desferiu um golpe com o verso da mão que acertou Tadino no maxilar, fazendo-o cambalear para trás enquanto segurava o rosto e xingava.

— Seu vira-lata sem clã — exclamou Ru, com desprezo. — Você merece coisa pior do que uma marca.

Tadino avançou para tentar derrubá-lo usando a vantagem que tinha em tamanho e peso. Ru deu um pulo para trás e agarrou Tadino pelo pescoço num mata-leão. Os dois desabaram juntos no chão. Dano soltou um som abafado de alarme, e os Ossos Verdes do Montanha recuaram, empurrando cadeiras para fora do caminho.

Com o rosto vermelho, Tadino tentou envolver a cintura de Ru com os braços grossos e esmagá-lo contra o chão, mas Ru era rápido demais. Girou o corpo inteiro e lançou uma perna sobre as costas do oponente. Montado sobre ele e com um braço ao redor de seu pescoço, passou a golpear furiosamente com socos na orelha e no maxilar e, grunhindo, a cravar a ponta do cotovelo na nuca do homem sem parar.

Cobrindo a cabeça com as mãos para se proteger, Tadino desabou de bruços. Ru mudou a estratégia e passou a enterrar socos no rim do sujeito. Desesperado, Tadino tentou enxotar o Kaul, empurrá-lo para longe. Ru apoiou os pés no chão e afrouxou as pernas só para que o bartender conseguisse se virar para cima, então se atirou sobre o oponente outra vez, enfincando o peso do joelho no peito dele e continuando a golpeá-lo repetidamente no rosto.

Tadino cuspiu sangue e gritou:

— Para, eu desisto!

Ru não parou. Ninguém no recinto se mexeu para detê-lo também.

— Eu me rendo! — gorgolejou Tadino. — Eu disse que desisto! Para, para, para!

— Você achou que podia mexer comigo só porque eu não tenho jade, é? — Ru socou Tadino outra vez, esfolando os próprios nós dos dedos nos dentes do homem. — Quer se meter com a minha família, com o Desponta?

Não pretendia matar Tadino de fato, mas estava tomado pelo torpor da

adrenalina e por uma fúria justiceira, decidido a garantir que o homem recebesse tudo o que bem merecia, que servisse como um aviso impossível de ser mal interpretado, até mesmo pelos Koben. Ru podia ser um pedrolho, mas *não* seria o elo fraco da família. Era filho do pai; não recuaria de luta alguma e nem seria usado por ninguém. Ninguém mexia com *nenhum* Kaul.

Bero já tinha visto muitas coisas terríveis na vida, mas jamais se esqueceria do que aconteceu a seguir. Tadino, em pânico e crente de que seria espancado até a morte, tentou desesperadamente se livrar de Ru, empurrando-lhe o peito e os quadris. A mão do bartender encontrou o compartimento aberto da faca talon no cós do rapaz. Num instante caótico e fatídico, agarrou o punho da arma e golpeou às cegas o homem que estava por cima dele. A faca talon atingiu Ru no pescoço, e o aço fino abriu a lateral de sua garganta.

Por um segundo, ninguém compreendeu o que havia acontecido. Os dois se encararam, atônitos, enquanto o sangue encharcava a camisa de Ru e escorria sobre o corpo do homem abaixo dele. Espantado, Ru levou a mão ao pescoço e tombou de lado, abrindo e fechando a boca, mas sem emitir som algum. Juni soltou um grito engasgado. Dano desabou no chão, em choque.

— Caralho — murmurou Koben Ashi. — *Puta que pariu*.

O Punho do Montanha caiu de joelhos e pressionou as mãos contra o pescoço do Kaul, tentando Afluir no jovem, mas não adiantava. O corte fora certeiro e profundo demais, e Koben não era um médico Osso Verde. Bero encarou aqueles olhos apavorados e viu a vida se apagar dali.

Ainda segurando a faca talon, Tadino rastejou de quatro para trás. Seu rosto, com o nariz esmagado e os lábios cortados, era uma maçaroca vermelha arruinada, mas o branco dos olhos machucados perscrutava pelo salão em busca de segurança. Pararam em Bero, suplicantes. A boca se abriu para implorar, mas nenhum som saiu.

Com as mãos e as mangas pegajosas e vermelhas, Koben sentou-se sobre os calcanhares. O sangue ia se esvaindo de seu rosto quase tão rápido quanto do corpo do Kaul. Com a voz trêmula, um dos Dedos do Montanha disse:

— O que a gente faz, Koben-jen? Se o Pilar do Desponta nos culpar…

— Kaul Hilo vai matar todo mundo aqui — disse Koben.

Tadino tentou fugir de novo. Estava ferido demais para avançar além de alguns metros. Koben lançou uma Deflação que o derrubou, depois o agarrou pela garganta com o braço estendido, como quem leva um ganso ao cepo.

— Você escolheu um duelo de mãos vazias, mas sacou uma faca talon — falou Koben. — Maculou um expurgo por lâmina. Sua vida vale menos do que

nada.

— Ele ia me matar — soluçou Tadino entre os dentes quebrados.

— Eu sou um *Koben* — arfou o Punho. — Meu primo é a porra do herdeiro do clã! Não vou assumir a culpa por isso. Não *posso*.

Ele lançou outro olhar para o corpo de Kaul Ru e depois para seus Dedos. Bero jamais imaginara que Ossos Verdes poderosos pudessem assumir semblantes tão aterrorizados e desesperados.

Dano estava no chão, chorando e com ânsia de vômito. Com a maquiagem borrada de lágrimas, Juni tropeçou até o namorado e se agarrou ao braço dele em desespero.

— Ashi, eu não quero morrer. Por favor, vamos fugir juntos, agora. Ashi, eu te amo…

Koben a acertou com um tapa cruel no rosto. Juni caiu no chão, atordoada.

— Se a gente fugir, estamos fodidos — disse Koben, passando a mão trêmula pelos cabelos. — Minha família vai nos ajudar. Minha mãe faz parte do Conselho Real. Temos que provar aos Kaul que não tivemos nada a ver com essa merda, ouviu? *Nada*.

Bero devia ter ido embora com todo mundo quando ainda tivera chance. Nunca tivera bom senso ou o instinto humano de sair de cena na hora certa. Agora, os Dedos de Koben bloqueavam a única saída, então não lhe restava alternativa senão assistir enquanto Koben largava Tadino no chão e começava a quebrar seus braços e pernas.

Considerando o quanto Tadino já estava ferido pelo expurgo, seria de se imaginar que não ele não fosse durar tanto tempo quanto durou. O homem gritava, se debatia e implorava pela própria vida, mas, no fim, não conseguia mais se mexer. Era um saco de ossos quebrados e membros retorcidos, olhando para o nada quando Koben enfim lhe quebrou o pescoço.

Juni se encolheu de terror quando o namorado se afastou do corpo destruído de Tadino e veio em sua direção.

— Ashi, por favor, não — choramingou, com lágrimas e manchas de rímel escorrendo pelo rosto. — Eu só queria te deixar com ciúme porque eu te amo. Você ainda me ama, não ama?

Koben envolveu o pescoço da namorada com as mãos e apertou com toda a sua Força, estrangulando-a até a morte em poucos minutos.

— E eles? — perguntou um dos Dedos, olhando para Dano e Bero.

Dano estava encolhido no chão, quase catatônico de medo. Tinha se mijado. Koben cutucou-o com o pé.

— Você era amigo do Kaul, não era? Vamos te entregar pro Desponta, e eles decidem o que fazer com você. — Ele puxou Dano parcialmente para cima e se inclinou sobre o rapaz. — Mas você vai ter que contar pra eles. Você viu tudo e vai dizer exatamente o que aconteceu aqui, entendeu?

Koben olhou para Bero pela primeira vez.

— E quem é você, porra?

Bero virou a cabeça, absorvendo a carnificina do Caquizinho; o sangue e os cadáveres, os móveis quebrados e espalhados, o cheiro de mijo e medo. Um vasto e profundo vazio ia se revolvendo dentro dele como um vento seco que perpassa uivando por uma cidade abandonada. O rosto jovem e imóvel de Kaul Ru parecia encará-lo com tristeza e com uma séria acusação. *Azar*, parecia dizer. *Sempre azar.*

— Eu sou só um freguês do bar — disse Bero. — Não sou ninguém.

— Ninguém — repetiu Koben, depois deu uma risada com contornos maníacos. — Então beleza, Sr. Ninguém, se você quiser continuar vivo, vai fazer o seguinte. Vai sair lá fora e contar a verdade, entendeu? Pra todo Lanterna, policial e repórter. Vai dizer o que viu. Eu nunca levantei um dedo sequer pro filho do Kaul Hilo depois que descobri quem ele era. A culpa foi dessa escória sem clã. O mesmo tipo de gente que fez o atentado de Janloon e matou meu próprio pai, foi um *deles*. Eu fiz o sujeito sofrer antes de morrer, e matei minha própria mulher pelo envolvimento dela nisso. Você vai contar tudo, entendeu? Eles vão acreditar. Vão acreditar num ninguém.

Mais uma última vez, pensou Bero. *É o azar virando sorte, mais uma última vez*.

— Claro — respondeu. — Eu entendi.

E entendia mesmo, com uma clareza incomum que o fazia querer rir até morrer e cuspir no rosto dos deuses a caminho do inferno. Não fora uma sina intencional e poderosa que sempre o levara de arrasto em suas correntes inexplicáveis, que o aprisionara no sofrimento e mesmo assim, nos momentos mais estranhos, o protegera. Fora a insignificância.

Bero entrelaçou as mãos e tocou a testa numa saudação.

— Eu vou contar. Foi um azar pra todo mundo. Foi o destino.

Saiu ileso do Caquizinho, desceu a escada estreita e seguiu noite adentro.




CAPÍTULO 50

Verdades Terríveis

Hilo despertou de supetão com a vaga percepção de que algo (um ruído ou uma energia estranha) acionara seus sentidos enquanto dormia. A sensação de inquietação se intensificou enquanto permanecia imóvel no escuro, estendendo a Percepção o mais longe que conseguia. No entanto, não foram suas habilidades de jade que o convenceram de que havia algo errado, mas o brilho intermitente de uma luz contra as janelas do quarto. Faróis de um carro, atravessando os portões da propriedade e subindo a alameda em direção à casa.

Saiu da cama sem acordar Wen. Fechou a porta com cuidado e desceu a escada. Quando chegou ao último degrau, o carro já estacionava na rotatória, e sua Percepção hiperalerta identificou quatro homens no veículo. Um era seu primo Anden. Quando Hilo abriu a porta da frente, viu dois Dedos do clã desembarcarem. Não se aproximaram da casa, mas permaneceram junto ao veículo, guarnecendo uma silhueta caída no banco traseiro, enquanto deixavam Anden caminhar sozinho até o Pilar. Esse detalhe logo deixou claro para Hilo, antes mesmo de ele ver o rosto do primo, que algo terrível havia acontecido.

Ao longo dos anos, todo o clã e seus observadores passaram a saber que o Dr. Emery Anden tinha a confiança do Pilar, que Kaul Hilo confiava no primo talvez mais do que em qualquer outra pessoa. Se havia um assunto especialmente

delicado ou difícil de ser tratado com o Pilar, Anden era sempre a melhor escolha. Então, nos poucos segundos que Anden levou para atravessar o pátio, Hilo teve um breve intervalo para se preparar para o motivo daquela visita na calada da noite. Quando viu a expressão assombrosa do primo, iluminada pela penumbra amarelada da casa, não disse nada, apenas deu um passo para o lado e o deixou entrar em silêncio. Fechou a porta e se virou.

Anden não se sentou nem tirou os sapatos. Ficou de pé no hall de entrada diante do Pilar. Seu rosto estava abatido, os olhos, inchados, e, embora tivesse sido enviado para dar a notícia, parecia incapaz de falar.

— Hilo-jen — começou, mas estava visivelmente com dificuldade para prosseguir.

Uma onda de luto presciente tomou Hilo de assalto como uma maré que avança sobre a praia.

— Tudo bem, Andy. Só diga o que precisa ser dito.

A gentileza inesperada das palavras atingiu Anden como um golpe violento, fazendo-o cambalear, mas rompeu a represa em sua garganta.

— Ru foi morto num duelo esta noite.

Hilo piscou. Quando a bomba dos terroristas explodira e o prédio da Aliança Jade-Kekon desabara sobre ele, a sensação fora diferente de tudo o que já vivera ou sequer conseguia descrever. Era o chão se partindo sob seus pés. A momentânea ausência de peso, seguida da escuridão abafada que o engolira, junto de uma pressão tão intensa que mal conseguia se mover, respirar ou pensar.

O que sentia agora era parecido, embora tenha acontecido de forma invisível e silenciosa, uma desintegração estilhaçante que era quieta e íntima, sem ruído algum, mas total. A única coisa que o manteve ancorado ao presente foi Anden, parado diante dele. O pesar do primo era palpável, mas ele fazia o possível para controlá-lo e escondê-lo, para não piorar ainda mais as coisas para o Pilar.

Hilo deu três passos até a sala de estar, se agarrou ao encosto do sofá e se apoiou ali até recuperar controle suficiente para erguer o olhar e falar.

— Me conta o que aconteceu.

Anden se sentou na beirada de uma poltrona, de frente para Hilo, e contou tudo o que sabia. Estivera de sobreaviso, mas cochilando em seu apartamento, quando o pager tocara e o chamara ao hospital. O choque de esperar um atendimento comum e descobrir que, na verdade, o corpo do sobrinho fora levado por Punhos do Montanha devia ter sido extremo. Ainda assim, Anden se preparara para falar da forma mais calma e objetiva possível. Quando terminou, se levantou e, com as mãos trêmulas, serviu-se de uma dose do hoji mais forte

do armário.

Durante todo o relato, Hilo escutara sem dizer uma palavra sequer. A agonia que ia se instaurando era mais intensa do que qualquer coisa para a qual pudesse ter se preparado, mesmo depois das mortes do irmão e dos cunhados. Ainda assim, uma parte pequena, porém consciente, de sua mente se lembrava de que Wen estava dormindo no andar de cima, no quarto deles, e esse simples fato foi o que o impediu de desabar no chão uivando feito um animal.

Por fim, questionou:

— Você acredita nessa história?

Hilo, mais do que ninguém, sabia que, com motivo e planejamento suficientes, um expurgo por lâmina podia ser manipulado, que um assassinato podia ter sido arranjado. Ainda assim, mesmo enquanto se perguntava febrilmente *quem precisa morrer?*, ele não conseguia enxergar a lógica de um inimigo em ação. A morte de Ru não trazia benefício algum ao Montanha, muito menos às gangues barukânes, aos Tripulantes ou a qualquer outra pessoa. Ru não era Osso Verde ou herdeiro da liderança do clã. Não era uma ameaça ou um obstáculo para ninguém. Tudo o que havia sido… fora filho de Hilo.

— O homem no carro lá fora é amigo do Ru da faculdade — começou Anden. — Eu estava usando jade quando falei com ele e com os Koben separadamente, e não Percebi mentira nenhuma. Não tô dizendo que não possa ter sido uma armação, Hilo-jen. Os homens de Lott Jin vão conduzir os próprios interrogatórios e investigações, e, se houver algo suspeito, com certeza vão encontrar. Tudo o que posso dizer é que, pelo que sabemos até agora, parece que… — Anden engoliu em seco antes de encarar o Pilar. — Neste momento, parece um acidente. Que eu implore pela morte se estiver errado.

Do lado de fora, parecia que o mundo tinha parado de se mover. Hilo contornou o sofá e passou por Anden em direção à escada. Ao passar, pousou uma mão pesada no ombro do primo.

— Obrigado, Andy — conseguiu dizer, em voz baixa.

Em seguida, subiu para acordar a esposa e dizer a ela que o filho deles estava morto.



A cidade de Janloon aguardava a carnificina. Ninguém era mais previsível do que Kaul Hiloshudon quando se tratava de retaliação, e, pela morte de seu filho, certamente haveria *alguma* vingança terrível a ser cobrada em *algum lugar*. Jaya deu voz às expectativas de muitos guerreiros do Desponta quando chegou em

casa vinda de Toshon com uma dúzia de seus Dedos e se atirou aos pés do pai, implorando em lágrimas:

— Pai, me diga quem a gente tem que matar, que eu mesma mato!

Ninguém tinha resposta para ela. Ru oferecera um expurgo por lâmina. Os homens do Chifre não encontraram nenhuma evidência de que os Montanha ou qualquer outra pessoa tivesse tramado sua morte. De tanto ser interrogado, o universitário que estivera com Ru no bar beirava um surto psicótico, e sua versão fora corroborada por outra testemunha ocular que falou anonimamente com a polícia. Por insistência de Shae, Hilo poupou Dano, cujo único crime fora ser um amigo desprezível. Embora pudessem ser tangencialmente culpados pelo que acontecera no Caquizinho, não havia indícios de um plano mais amplo do Movimento Futuro Sem Clã. Após anos de perseguição implacável e a perda de apoio estrangeiro, o MFSC já se encontrava nos últimos suspiros. A tentativa de Tadino de incitar uma guerra entre os clãs fora um derradeiro suspiro desesperado.

No dia seguinte à tragédia, o Pilar se recolhera ao escritório com sua Homem do Tempo, seu Chifre e seu primo Anden. Horas depois, emergiram de olhos vermelhos e semblantes carregados, e Hilo dera ordens ao clã. Até que as circunstâncias da morte de Ru fossem plenamente compreendidas, não haveria ataques retaliatórios contra o Montanha, nem nomes sussurrados, nem derramamento de sangue sem autorização. Deixou claro que suas ordens ainda poderiam mudar, mas que, por ora, deveriam ser obedecidas. Todos no clã sabiam que a decisão fora tomada com o peso conjunto de seus conselheiros, todos ponderados e lúcidos, mesmo num momento como aquele.

Na manhã do funeral de Ru, a Conselheira Koben Tin Bett chegou à propriedade Kaul com vários membros de sua família. A viúva corpulenta e de aparência maternal, agora com sessenta e poucos anos e ainda em ascensão na carreira política apesar das fricções recentes com sua própria Pilarisa, vestia um xale branco e estava com o rosto coberto de pó branco de luto. Com ela vinha Ayt Ato, finalmente formado na faculdade e recém-noivo de uma integrante da família Tem. Hilo concordou em sair da casa para encontrá-los no pátio, com o Chifre e a Homem do Tempo presentes.

— Kaul-jen — disse a Conselheira Koben, com uma longa saudação e sem nenhum traço de sua habitual condescendência maternal. A mulher parecia genuinamente nervosa, umedecendo os lábios e mexendo no xale. — Meu coração dói pela sua perda. Nossos clãs e famílias já se opuseram no passado, mas perder alguém amado é um sofrimento universal. Por favor, aceite as mais

profundas condolências da família Koben.

Ayt Ato seguiu o exemplo, saudando Hilo com solenidade. Ele pigarreou. Sem câmeras por perto, parecia inseguro quanto a onde se posicionar e para que lado se virar. Lançou um olhar cauteloso aos guardas do Desponta antes de falar:

— Kaul-jen, eu desejava que estivéssemos nos encontrando em outras circunstâncias. Minha tia, Ayt Mada, pediu que eu transmitisse sua garantia, como Pilarisa, de que interrogou meu primo e os amigos dele e os considerou inocentes de quaisquer más intenções nessa tragédia.

Os três homens em questão (Koben Ashi e seus dois Dedos) avançaram e se ajoelharam diante de Hilo. Tinham a cabeça envolta em gaze e ataduras. De olhos baixos, cada um ofereceu uma pequena caixa de madeira preta nas mãos erguidas.

— Kaul-jen — disse Koben Ashi. — Imploro perdão por não ter conseguido salvar seu filho das maquinações de vira-latas sem clã que tentaram derrubar nossas duas famílias. Espero que lhe traga algum pequeno conforto saber que o assassino de seu filho sofreu muito antes de eu pôr fim à vida dele. Ainda assim, mereço morrer. Mas se, em sua grande misericórdia, o senhor poupar a minha vida e a dos meus Dedos inocentes, serei implacável contra os inimigos que temos em comum.

As palavras saíram rígidas, pouco moduladas; claramente ensaiadas.

O lampejo de uma emoção conhecida perpassou o rosto de Hilo; a luz da ira nos olhos, um tique na boca. Por um instante, todos os presentes, de ambos os lados, acharam que ele sacaria a faca talon e mataria os três ali mesmo, ajoelhados sobre o pavimento. E por que não aproveitar o ensejo e matar Ayt Ato também? O pátio ficou imóvel, sem respirar. Koben Ashi empalideceu, mas manteve os olhos no chão. A caixa preta tremia levemente.

Então a sombra da violência se dissipou do olhar de Hilo. Os Koben não haviam vindo com proteção alguma, mas haviam apostado com precisão no fato de que o Pilar do Desponta não macularia o funeral do filho com mau agouro. Hilo estendeu a mão e tomou a caixa preta que continha a orelha decepada de Koben Ashi. Aceitou também as orelhas dos dois Dedos. Fez isso sem dizer uma única palavra.

— Que os deuses brilhem em seu favor por tamanha misericórdia, Kaul-jen — murmurou a Conselheira Koben.

Com um alívio palpável, os Koben se retiraram com toda a rapidez que a etiqueta permitia. Não era apenas o medo de uma retaliação do Desponta que os levara a se afastar tão firmemente do incidente e a dar o passo extraordinário de

se humilharem diante do maior inimigo dos Montanha. Ru fora um pedrolho sem jade, mal saído da adolescência. Os Koben eram uma família de Ossos Verdes orgulhosamente tradicional, com influência política e ambições de liderar o clã. Qualquer insinuação (ou até mesmo qualquer suspeita persistente) de que tivessem desrespeitado o aisho poderia manchar gravemente sua reputação. A aceitação do gesto por Kaul Hilo era uma absolvição. Uma declaração para todos de que não haveria guerra.

Todos na família Kaul sabiam que não era a decisão que Hilo queria tomar. Mas era a decisão que Ru teria desejado. Ru sempre defendera causas compassivas, sempre argumentara para que o Desponta beneficiasse não apenas seus próprios Ossos Verdes, mas toda Kekon. Sua fé fora absoluta. Nunca duvidara de que o pai fosse capaz de fazer qualquer coisa acontecer. Após sua morte, Ru jamais desejaria que as ações da família ferissem pessoas comuns ou manchassem o nome do clã.



Wen permaneceu em silêncio ao lado do marido durante o funeral, e aceitou as condolências da longa fila de enlutados. Apoiada pesadamente na bengala, já não se importava em parecer fraca. *Estava* fraca. Após dois dias e noites velando o filho, mal conseguia se manter de pé. Mas se manteria mesmo assim; cumpriria aquele dever miserável ao lado de Hilo.

Ru sempre soubera que o pai o amava. Hilo pelo menos pode contar com isso. Wen não podia dizer o mesmo de si mesma. Se pudesse ter um último minuto com o filho, pediria perdão por ter sido tão dura com ele durante todos aqueles anos. Diria que cada crítica, cada impaciência, fora culpa dela, não dele. Preocupara-se com ele por ser um pedrolho. Vira a si mesma nele e acabara ressentida com Ru por não ser o herdeiro que esperara gerar. Agora o filho se fora, e ela jamais teria a chance de dizer que se orgulhava dele. Ru sempre se vira como alguém inteiro, mesmo quando ela não conseguia. Fora confiante, generoso, e jamais permitira que o desgosto com sua deficiência o definisse, como acontecera com ela.

Wen se odiava por deixar que o luto a fizesse ressentir até do próprio marido, sobretudo porque mal conseguia reconhecer Hilo. O calor em seus olhos, o sorrisinho torto e juvenil, a energia magnética, como de uma estrela que ardia no céu… tudo isso fora apagado como uma vela. Ele parecia tão inumano quanto uma estátua de mármore. Reconhecia os lealistas do clã com acenos, às vezes uma palavra rouca, e nada mais.

Numa vagarosa dissociação, o olhar de Wen vagou pelo restante da família, vestidos de branco e tomados pela dor, até pousar na silhueta de sua sogra de 81 anos, curvada sob grossos cobertores numa cadeira dobrável de plástico. Kaul Wan Ria parecia completamente perdida num mundo próprio, murmurando baixinho para si mesma. Não estava claro se compreendia o que estava acontecendo. Diante daquela visão de dar dó, Wen sentiu uma afinidade profunda que a entorpecia até os ossos. Por que não escapar dessa realidade que era tão insuportavelmente cruel com esposas, irmãs e mães?

Por fim, todos os convidados se foram, e apenas a família Kaul permaneceu no Cemitério Céus à Espera. A temperatura da tarde caía. Um vento invernal puxava chapéus e xales enquanto gemia entre as árvores do Parque da Viúva. Wen pensou em descer para dentro da cova aberta do filho, para se juntar a ele lá no fundo.

Shae se abaixou e escolheu algumas das flores deixadas para trás. Entregou-as a Tia, que as lançou sobre o caixão fechado. Shae abaixou a cabeça e murmurou:

— Lan vai ficar feliz em conhecer o sobrinho. Vai cuidar dele.

As mãos de Hilo se fecharam em punhos trêmulos ao lado do corpo. Quando falou, a voz saiu áspera, pouco usada:

— No minuto em que aquele menino nasceu, eu devia ter dado ele pra outra família.

Só Wen e Shae, ao lado dele, ouviram o sussurro selvagem.

— Uma família boa, sem jade, de nome desconhecido. Onde é que eu estava com a cabeça quando decidi criar um pedrolho pra essa vida?

Wen sabia que Hilo estava apenas tentando afugentar o pesar, mas as palavras lhe atravessaram o coração.

— Você não tá falando sério — disse ela, num arquejo.

Percebeu, então, que ainda era capaz de sentir medo. Medo de perder Hilo também, de que ele se tornasse irreconhecível para ela.

A morte de Ru fora um acidente evitável e sem sentido. Essa era a verdade terrível que encarava a família. Guerreiros Ossos Verdes contavam com mortes que significassem algo. Davam suas vidas por honra, por jade, pela irmandade do clã. Ru fora imerso na cultura dos Ossos Verdes desde o nascimento. Seus valores moldaram toda a sua existência e tornaram-no tão verde de alma quanto qualquer outro. Mas ele não era um Osso Verde. E agora estava morto porque agira como um. Wen, mais do que ninguém, compreendia essa tolice.

— Eu fiz tudo errado — continuou Hilo, numa angústia silenciosa. — Eu

incentivei ele, dei toda a liberdade que pude, fiz ele acreditar que podia fazer grandes coisas, conquistar tudo o que quisesse. — Hilo fechou os olhos. — *Tudo mentira*. Com ou sem jade, não existe liberdade pra quem vive cercado de verde. Eu queria… — A voz do Pilar se partiu como um galho seco. — Queria que ele não tivesse duelado. Se ao menos tivesse sido covarde, só uma vez.

Wen estendeu a mão para o marido através do que parecia um abismo vasto e sem luz. Colocou a mão na dele. A princípio, permaneceu frouxa; depois, aos poucos, os dedos de Hilo foram se fechando em torno dos dela. As lágrimas roubaram a visão de Wen e traçaram vincos no pó branco de seu rosto. Ru havia idolatrado o pai. Jamais poderia ser covarde. Lutara sem Aço, sem Percepção, sem habilidade alguma que pudesse ter salvado sua vida naquela noite. E vencera. Talvez essa fosse a grande tragédia dos guerreiros de jade e de suas famílias. *Mesmo quando vencemos, sofremos.*

Por fim, Woon disse com suavidade:

— Está ficando tarde. A gente devia ir.

Enquanto se afastavam do memorial da família, uma figura solitária surgiu. Wen ouviu Anden puxar o ar. O sol estava atrás do homem que se aproximava e, por alguns segundos, Wen não conseguiu ver seu rosto sombreado, embora reconhecesse a silhueta, o modo de andar, o porte dos ombros.

Niko vestia um terno preto e um cachecol branco. O cabelo estava mais comprido, e o rosto também havia mudado. Mais magro, com barba por fazer, e havia algo em seus olhos que não estivera ali antes… uma suavidade vagarosa e atormentada. Tinha 20 anos quando deixara Kekon, mas parecia ter envelhecido uma década nos quase três anos que passara fora dali.

Niko passou por todos e parou à beira da cova do irmão. As lágrimas brotaram em seus olhos, e ele as deixou escorrer pelo rosto sem enxugá-las. Wen se lembrou de que, quando criança, Niko raramente chorava e costumava se esconder no quarto quando isso acontecia.

— Me desculpa, Ru — sussurrou. — Eu devia ter estado aqui com você. A gente devia ter ido pra faculdade juntos. Eu estava errado sobre tanta coisa. Eu só… sinto muito. *Me desculpa.* De verdade.

Niko se virou para encarar a família silenciosa e atônita. Com passos lentos, foi até Hilo e se ajoelhou diante dele.

— Tio, eu nunca vou ser um filho tão bom quanto o Ru. Eu fiz coisas… coisas imperdoáveis. Mas voltei pra casa.

Wen não via o filho mais velho desde o jantar em família na noite após a formatura de Ru. O luto abafado que a tomara por uma semana inteira se rompeu

sob a súbita torrente de sentimentos. Sem pensar, seus pés se moveram, levando-a até ele em passos rápidos. Quando Niko ergueu a cabeça para ela com aqueles olhos grandes e atentos, o coração de Wen subiu à garganta.

— Mãe — disse ele.

Wen puxou a mão para trás e deu um tapa forte no rosto de Niko. O estalo ecoou como um tiro. Niko virou o rosto, mas não se esquivou, enquanto a marca vermelha da mão de Wen ia surgindo em sua bochecha. Shae olhou para Wen, chocada, e até mesmo Jaya soltou um ruído de exclamação.

— Três anos — disse Wen. — Três anos sem visitas, sem ligações, sem cartas, sem *nada*.

Desde o término do contrato inicial de trabalho com a GSI dez meses antes, ninguém da família tivera notícias dele. Vai saber o que estivera fazendo durante todo aquele tempo.

— Eu mereço — murmurou Niko. — Só pensei em mim quando fugi. Ru tentou me dizer, mas eu…

O rosto dele se desfez em emoção, e não terminou a frase. Com esforço, se recompôs e ergueu os olhos para Hilo, que encarava o sobrinho com um turbilhão ilegível de sentimentos irrompendo em seu semblante. Niko entrelaçou as mãos e as levou à testa numa saudação.

— O clã é meu sangue, e o Pilar é seu mestre. O senhor me perdoaria e me aceitaria como seu filho outra vez?

Sem esperar resposta, Niko desembainhou a faca talon do compartimento à cintura. Inspirou fundo para criar coragem, agarrou a parte superior da orelha esquerda e deslizou a lâmina para baixo, cortando a cavidade entre a orelha e o crânio.

A mão de Hilo disparou adiante e agarrou o pulso de Niko. Os olhos dos dois se encontraram sobre a faca. Por um instante, nenhum deles se moveu. O sangue que escorria pelo lado do rosto de Niko descia pelo pescoço e ia encharcando o colarinho da camisa. Ele tremia de dor. Lentamente, o Pilar afrouxou os dedos do sobrinho em torno do cabo e tomou a faca talon.

— Você nunca deixou de ser meu filho.

Hilo fechou a mão com força nos cabelos de Niko e beijou sua testa, depois ergueu o cachecol do sobrinho e o pressionou contra a orelha ferida, mantendo-o no lugar enquanto uma mancha vermelha se espalhava pelo tecido branco.

— Todos cometemos erros. Às vezes, erros terríveis, com os quais mal conseguimos viver. Mas a gente aprende com eles. E talvez… — A voz desabou. — Talvez a gente consiga se perdoar.




TERCEIRO INTERLÚDIO

O Levante dos Vinte

No último ano da Guerra das Muitas Nações, o Império de Shotar contou muito com o controle que tinha sobre o Oceano Amárico Oriental, onde seu bem mais significativo era a ilha de Kekon, que estava ocupada. Por esse motivo, o Levante dos Vinte, um famoso evento na história kekonísia que raramente é estudado por forasteiros, é considerado por alguns especialistas como um importantíssimo ponto de virada no conflito global que devia ser muito mais valorizado do que é.

O ataque da Sociedade da Montanha Única na fortemente protegida base militar shotariana perto do que hoje é Lukang foi quase um desastre completo. Espiões shotarianos alertaram de antemão a respeito da ofensiva, então o elemento surpresa foi perdido. Por conta disso, os guerreiros Ossos Verdes foram recebidos com artilharia pesada e o dobro de oponentes que esperavam. Depois de deixar um pequeno batalhão dentro da base, os shotarianos se retiraram com números maiores para as áreas ao redor, criando um cerco em torno dos rebeldes.

Quando Kaul Dushuron percebeu que ele e seus homens estavam encurralados, à mercê de um massacre, reuniu vinte de seus mais fortes Ossos Verdes, incluindo a si mesmo, e sessenta de seus seguidores mais fracos e menos experientes.

— Este é o verdadeiro teste de nossa irmandade — disse. — É apenas juntos,

em nosso momento mais lúgubre, que podemos alcançar o poder dos Céus e conquistar o favor dos deuses.

Os sessenta homens menos poderosos cederam de bom grado a jade que tinham para seus comandantes e colegas mais habilidosos. Usar muito mais jade do que seus corpos eram normalmente capazes de aguentar era pedir para morrer de Prurido, mas não era com os efeitos colaterais que estavam preocupados.

Naquela noite, os vinte Ossos Verdes escolhidos cortaram as línguas com suas facas para firmar o comprometimento. Juntos, atacaram a fracamente guarnecida base shotariana com tanta selvageria e extraordinária habilidade de jade que as testemunhas sobreviventes afirmavam que eles pulavam por cima de paredes e se moviam tão rápido que os inimigos nem conseguiam ver, que balas fugiam de seus corpos e que eles matavam soldados com um mero toque. Vinte Ossos Verdes derrubaram os portões e massacraram quase trezentos homens antes de enfim serem mortos. O corpo dilacerado de Kaul Dushuron foi pendurado na torre de vigia.

Diversos contingentes de soldados shotarianos voltaram às pressas para ajudar a defender a base. Quando o dia amanheceu, as tropas exaustas viram toda a força da Sociedade da Montanha Única investindo contra eles. Crentes de que cada Osso Verde seria tão terrível e praticamente imortal como os vinte Ossos Verdes que haviam sido enviados antes, os defensores entraram em pânico. Muitos dos soldados nem eram shotarianos, mas tunis, uwiwanos e outros recrutas mal treinados trazidos de outras partes do império. Na primeira onda do ataque, fugiram ou se renderam.

A Sociedade da Montanha Única espalhou a notícia do heroico Levante dos Vinte pelo país por meio de transmissões secretas de rádios, jornais e no boca a boca, que atravessou a nação pela rede de Lanternas. Em poucos dias, Kekon inteira estava em plena rebelião contra as forças de ocupação que ali restavam. Duas semanas mais tarde, o exército shotariano, agora sitiado, oficialmente se retirou de Kekon.

Na tardia cerimônia pública para o sepultamento de Kaul Du, seu pai, tomado pelo luto, se recusou a se manifestar, e pediu para Ayt Yugontin falar em seu lugar.

— Homens bons são lembrados com amor por seus amigos — declarou o Lança de Kekon. — Grandes guerreiros são lembrados com temor por seus inimigos.

Ayt trouxe os dois filhos pequenos e a esposa grávida do herói ao palco e declarou que os descendentes de Kaul Du seriam para sempre abençoados pelos

deuses. Uma nova escola marcial seria construída e batizada em sua homenagem a fim de treinar futuras gerações de Ossos Verdes para proteger Kekon e carregar seu legado.




CAPÍTULO 51

Basta

Lula manteve os olhos baixos enquanto era conduzida à presença de Ayt Madashi. *Por favor, que seja hoje*, rogou em silêncio. *Eu não aguento mais*. Atravessou o calor crescente do meio-dia, entrou na sombra do gazebo e se sentou em seu lugar de sempre, com as mãos dobradas no colo. Arriscou um olhar rápido para cima. A Pilarisa do Montanha usava um lenço de seda verde-claro que realçava a jade ao redor de seus braços nus. Para uma mulher de quase setenta anos, Ayt ainda se mantinha numa forma admirável. A pele estava enrugada, mas não flácida, e o grisalho dos cabelos se mesclava a mechas prateadas. Porém, quando as marcas de expressão ao redor dos olhos se cerravam, Lula achava que ela parecia antiga e apavorante.

A Pilarisa descruzou as pernas e alisou um vinco da calça de linho. Ergueu uma jarra, serviu chá de hortelã gelado num copo e colocou-o à frente de Lula antes de servir um para si mesma. O gesto de consideração por uma hóspede honrada deixou Lula ofegante de esperança. Ela lançou um olhar para a pilha espessa de papéis que Ayt examinava momentos antes e percebeu que eram transcrições. Páginas e mais páginas de texto denso, com apenas alguns trechos destacados e marcados com fitas vermelhas. Representavam centenas de horas de conversas gravadas em reuniões e ligações de Art Wyles, CEO da Recursos Globais Anorco, reunidas por meio de escutas e dispositivos que Lula escondera

nas casas do executivo espênico.

— Como vai a sua família, Lula? — perguntou a Pilarisa.

— Vão muito bem, Ayt-jen — respondeu ela baixinho. — Os novos remédios da minha mãe estão ajudando e, agora que temos uma enfermeira vindo regularmente, minha irmã conseguiu voltar a trabalhar. Estão felizes na casa nova. — Era apropriado que, a cada encontro, a Pilarisa lhe lembrasse da drástica melhora da situação de sua família. — Como sempre, eles rogam para que os deuses brilhem em favor do Montanha, e agradecem sua generosidade.

— Elas deviam agradecer é a *você* — disse Ayt sem rodeios, recostando-se e tomando um gole do chá. — É o seu trabalho para o clã que as recompensou. — Então, num timbre cortante: — Olhe para mim quando falo com você. Sabe que eu detesto essa expressão submissa que você faz.

Lula firmou os lábios e forçou o olhar para cima.

— Desculpa, Ayt-jen, virou um mau hábito.

Aprendera que os estrangeiros gostavam quando ela fingia estar deslumbrada em sua presença, mas, naquele momento, não estava fingindo. Como não ficar nervosa diante da mulher intimidadora que controlava toda a sua vida?

— O que você descobriu desde a última vez que conversamos?

— O Primeiro-ministro Waltor aprovou oficialmente a nomeação ministerial — disse Lula. — O Sr. Wyles vai assumir como secretário de Comércio Exterior no fim do mês.

— E vai deixar o cargo de presidente e CEO da Anorco?

— É uma exigência da lei espênica pra evitar conflito de interesses. Mas ele vai manter sua participação majoritária no conglomerado e continuar como presidente emérito da Sociedade de Armamentos. Quanto à Operação Corta-Fogo, ele colocou o sócio comercial keko-espênico, Jim Sunto, o líder da GSI, no comando do contrato com o Departamento de Guerra.

A Pilarisa assentiu.

— E o acordo dele com os Tripulantes?

— Ele vai continuar lavando dinheiro para a Tripulação da Rua do Padeiro pelo percentual de sempre. As Tripulações ainda vão comprar jade da Anorco por um preço fixo pra repassar ao mercado clandestino. Além disso, o Sr. Wyles receberá pagamentos mensais cada vez maiores por ser o amigo influente de Joren Gasson em Adamont Capita.

Wyles nunca lhe contara nada disso diretamente, mas Lula fora juntando as peças com o tempo: escutando ligações com “Jozão”, perguntando sobre amigos de infância de Wyles em Porto Massy, notando que, quando viajavam a

Marcucuo, ele se reunia com homens espênicos de terno escuro que deixavam para trás pastas cheias de thalirs.

— Wyles tá tomando mais precauções agora pra manter a associação em segredo. Não vai mais se encontrar nem se comunicar diretamente com Gasson e não será visto perto dele.

A imprensa espênica retratava Art Wyles como um devoto Baluarte da Verdade, um sujeito que se dera bem por conta própria, vindo de uma família pobre de um bairro perigoso de Porto Massy, que ascendera à riqueza e ao poder por astúcia empresarial e investimentos sagazes. Lula, que, por necessidade fizera o dever de casa sobre o homem, se surpreendera com o quanto os espênicos queriam acreditar nessa fábula, ou ao menos ignorar convenientemente os rumores e as provas que a contrariavam.

Os kekonésios sabiam que nenhum homem cresce na vida sem patronagem e proteção. O oligarca Wyles devia seu sucesso inicial à Tripulação da Rua do Padeiro (a maior, mais rica e politicamente bem relacionada organização criminosa da República da Espênia). Ayt Mada não tinha certeza disso quando encontrara Lula pela primeira vez e a colocara no caminho do estrangeiro, mas as descobertas da cortesã não a surpreenderam. Obter provas gravadas suficientes para que esse conhecimento acabasse sendo útil, no entanto, levara anos.

A mão de Lula tremeu, fazendo os cubos de gelo tilintarem no copo enquanto ela engolia o chá gelado, tentando afogar a ansiedade que se enroscava em seu estômago. Toda vez que vinha à mansão de Ayt para prestar relatório, saía com as palavras da Pilarisa pesando em seus passos: “Ainda não temos o que precisamos. Você vai ter que voltar e nos trazer mais.”

E ela voltava. Vez após vez, para ser a amante do estrangeiro. Levava o pau dele à boca, à boceta, ao cu. Fingia gostar, fingia amá-lo. Aprendera a mentir com fluência em espênico, a sussurrar que ele era o melhor homem que ela já tivera, que era sortuda e grata por ele tê-la notado e feito dela sua mulher, por ter lhe dado coisas tão boas e a tratado tão bem. Acompanhava um homem quarenta anos mais velho em viagens de negócios e se hospedava com ele em hotéis cinco estrelas. Plantava escutas em suas casas em Marcucuo e Karandi, mas não na Espênia, porque lá ele tinha esposa e família, além de outra amante, e ela não podia ser vista naquele país. Fingira ter se convertido à Igreja da Verdade Única, e ia aos cultos com Wyles, murmurando palavras estrangeiras de adoração a um Deus e a um Profeta estrangeiro. Instigava-o a falar sobre amigos, negócios, ambições políticas. Fingia ter dificuldade com o espênico, como se não

entendesse tudo o que ele dizia, para que ele falasse livremente, com a sensação de segurança que alguém tem perto do próprio gato.

Quando Wyles estava fora de Kekon, Lula conseguia fingir que era livre. Podia fazer aulas de canto e sonhar em cursar faculdade e, um dia, ter uma carreira de verdade como professora de música. Podia ficar com Sumi e imaginar um futuro juntas. Sumi chorava pela armadilha em que estavam presas e jurava que esperaria, mas Lula sabia que ninguém tinha determinação infinita. Cada vez que o telefone tocava e o estrangeiro a chamava de volta à casa dele, as frágeis ilusões de felicidade se apagavam.

Ela fez a pergunta que vinha temendo:

— A senhora já conseguiu tudo de que precisa, Ayt-jen?

Ayt Mada considerou a pilha de provas à sua frente, uma entre tantas que Lula lhe fornecera ao longo dos anos.

— Será que consegui? — Com um semblante pensativo e distante, a Pilarisa encarou as piscinas perfeitamente imóveis e as pedras dispostas com esmero do jardim. — Será que algum dia terei conseguido? — Seus olhos se voltaram para Lula e pousaram nela como se fosse uma escultura apenas medianamente interessante. — Quantos anos você tem?

— Tenho 24, Ayt-jen.

Ela tinha 17 quando Wyles a descobrira.

Uma expressão que Lula não compreendeu muito bem perpassou o rosto da Pilarisa como uma sombra. Nostalgia? Piedade?

— Você ainda é uma mulher jovem — disse Ayt. — Aproveite enquanto há tempo.

Era o mais perto que a Pilarisa já chegara de reconhecer o sacrifício da moça. Lula entregara sete anos da juventude para ser a puta de um estrangeiro, uma Rata Branca do Clã da Montanha. Suspeitava ser a única entre as muitas ratas do clã que respondia diretamente a Ayt, o que era uma grande honra, sem dúvida. Era grata pelo que o clã proporcionara à sua família. E detestava a Pilarisa com o ódio silencioso e aquiescido que um coelho sente por seus captores.

Ayt Mada chamou um de seus guarda-costas Ossos Verdes e pediu que trouxesse um telefone.

— Você foi muito bem, Lula — disse ela. — Consegui o que preciso. Vá pra casa, pra sua família. Você não vai mais precisar se preocupar com o estrangeiro te chamando de novo.

Lula deslizou do banco até cair de joelhos e pressionou a testa contra o piso de madeira do gazebo.

— Obrigada, Ayt-jen — conseguiu dizer, engasgada com as lágrimas. Sentou-se de novo e, com as mãos trêmulas, fez uma saudação. — Que os deuses brilhem em seu favor.

O guarda retornou e entregou à Pilarisa o fone de um telefone sem fio. Ayt já não olhava mais para a outra mulher. Folheava um pequeno caderno de anotações enquanto discava. Era como se a cortesã em prantos já nem existisse mais. Depois de ter se levantado e saído do gazebo pela última vez, ouviu a Pilarisa falar ao aparelho:

— Iwe-jen, chegou a hora de colocarmos em prática aqueles arranjos que temos planejado.




CAPÍTULO 52

Uma Busca Encerrada

vigésimo sexto ano, quinto mês

Niko entrou no cortiço em Moedavada e franziu o nariz devido ao cheiro de urina impregnado na escada. As partes mais pobres de Janloon não eram tão ruins quanto algumas das regiões mais desesperadoras que conhecera em suas viagens pelo mundo, mas ainda assim eram o tipo de lugar que quase todo mundo evitava, inclusive Ossos Verdes. Escuro demais pra ver o verde, como dizia o ditado (literalmente, naquele caso, já que as lâmpadas do corredor estavam queimadas).

Os dois guarda-costas Ossos Verdes que o Pilar designara para acompanhá-lo vinham logo atrás, seguindo-o até o segundo andar, onde Niko encontrou a unidade que procurava e bateu à porta. Não houve resposta, mas ele Percebia alguém lá dentro. Bateu de novo.

— Vai embora. — Veio uma voz abafada do outro lado.

Não havia tranca, então Niko empurrou a barreira frágil e entrou.

Um homem de meia-idade, vestindo bermuda e camiseta manchada, estava largado no carpete puído diante de um sofá caindo aos pedaços, assistindo a uma pequena televisão de tubo apoiada sobre um caixote de madeira virado de cabeça para baixo. O cheiro de mofo e cerveja velha impregnava o espaço sem janelas.

Havia várias garrafas vazias espalhadas pelo chão. O homem lançou um olhar para Niko com uma hostilidade indiferente.

— Você é Betin Rotonodun? — perguntou Niko.

O bêbado fez uma careta com metade do rosto. A outra permaneceu inerte.

— Ninguém me chama assim — resmungou. Virou a cabeça e deu um gole na garrafa de cerveja que segurava. — Quem são vocês, porra? São do governo?

— Sou do Clã do Desponta — respondeu Niko. — E tenho algumas perguntas pra te fazer.

Isso chamou a atenção do sujeito. Ele se endireitou num sobressalto e, agora alarmado, encarou Niko com olhos injetados que se esbugalharam até ficarem do tamanho de lichias quando pousaram no longo colar de jade no pescoço do visitante.

— Você é… — Piscou duas vezes e umedeceu os lábios. — Você é um dos Kaul.

Niko fez um gesto para que os guarda-costas permanecessem no corredor. Caminhou pelo cômodo minúsculo e desligou a televisão. Notou um banquinho encostado na parede, puxou-o e se sentou de frente para o homem, que continuava no chão, encarando-o em incredulidade.

— Não foi fácil te encontrar, Sr. Betin — disse Niko.

— Bero — corrigiu o outro, sem rodeios. — Nunca uso aquele outro nome, e não devo nada ao desgraçado que me deu ele. Como *você* sabe disso? — Mesmo que não parecesse exatamente assustado, seu batimento cardíaco disparou tanto que até Niko pôde Perceber. Talvez fosse empolgação. — Você *sabe* quem eu sou?

Niko assentiu. Tirou do bolso um gravador digital e o colocou sobre o caixote, ao lado da televisão.

— Você é o Bagre. Foi espião do exército espênico e passou anos fornecendo informações sobre o Movimento Futuro Sem Clã para eles até o atentado de Janloon. Depois, você sumiu de todos os registros, então presumi que tivesse sido retirado de cena com uma nova identidade. Mas, como usou seu nome de batismo pra pedir assistência governamental, soube que estava de volta a Janloon.

Bero arregalou os olhos. Niko não podia culpá-lo pelo espanto. O atentado de Janloon tinha acontecido doze anos antes. O Movimento Futuro Sem Clã ainda existia, mas fora reduzido à quase nada. A Guerra Latente de décadas cobrara um custo estarrecedor em dinheiro e vidas em conflitos pelo mundo inteiro, mas, mesmo sem chegar a uma resolução decisiva, estava ao menos entrando num

estado de dormência, com o recuo ygutaniano e negociações para retiradas bilaterais de conflitos no exterior. O antigo espião provavelmente achava que ninguém tentaria encontrá-lo. Nem mesmo o governo espênico parecia discordar disso, já que tornara público a maioria dos documentos com mais de dez anos.

O Clã do Desponta, no entanto, tinha memória longa, e ressentimentos ainda mais longos. A tia de Niko, Shae, lhe dera uma tarefa incomum: usar informações que recentemente deixaram de ser confidenciais obtidas pelo clã para rastrear relatos diretos das atividades secretas da RDE em Kekon antes e imediatamente após o atentado de Janloon. Ela designara algumas pessoas para ajudá-lo no projeto, e ambos sabiam que isso significaria seguir muitas pistas mortas. Niko tinha plena consciência de que a Homem do Tempo o estava testando, mas isso não o incomodava. Um trabalho investigativo lento, metódico e fora dos holofotes lhe caía muito bem.

Infelizmente, após seis meses, Niko ainda não reunira provas concretas suficientes das atividades da RDE para ajudar a tia a sustentar suas suspeitas. Os dois ex-agentes de inteligência militar que localizara se recusaram a falar com a falsa repórter que enviara até eles. A RDE usava codinomes para seus informantes; às vezes, ele conseguia determinar suas identidades, mas a maioria simplesmente não podia ser encontrada. O dossiê sobre Bagre vinha acompanhado de uma cópia de um registro de prisão por vandalismo anti-clã, que podia ser cruzado com o banco de dados da polícia de Janloon, mas fora por puro acaso que o nome de batismo de Bero voltara a aparecer tão recentemente no sistema do governo, e apenas porque o sujeito era um alcoólatra indigente que sobrevivia à base de assistência social.

— Quero saber do seu trabalho antigo pros espênicos — disse Niko. — Com o máximo de detalhes possível.

Bero ficou em silêncio por quase um minuto inteiro. Então caiu na gargalhada, um latido rouco e incrédulo de prazer.

— É só isso?

— Você vai ser pago por isso, se é o que tá perguntando.

Niko tirou um envelope do bolso interno e o colocou ao lado do gravador. Parecia um desperdício de dinheiro do clã; ele estava certo de que o sujeito gastaria cada dien em bebida.

Bero olhou para o envelope e depois para Niko. Uma expressão estranha tomou conta de seu rosto torto, uma avidez levemente ensandecida, enquanto ele se inclinava para a frente e soltava um suspiro fétido de satisfação.

— Claro, keke. Claro. Vou contar tudo.

— Ótimo. — Niko ligou o gravador. — Você conhecia um homem chamado Vastik eya Molovni?



Quando voltou a Janloon, Niko não esperava ser recebido de braços abertos ou perdoado pelo clã. E, de fato, não fora. Muitos críticos, dentro e fora do Desponta, especularam de forma maldosa (e às vezes escandalosa) que ele tinha voltado porque ficara sem dinheiro, que era um agente estrangeiro prestes a trair a família outra vez, que tinha uma namorada secreta e não podia se casar antes de recuperar sua posição no clã, entre outras teorias.

Niko não podia fazer nada além de aguentar os boatos e tentar não deixar que o afetassem. Cumpriu a penitência mais dolorosa que conseguia imaginar, pior até do que cortar a própria orelha: aceitou entrevistas para televisão, rádio e jornais, nas quais falou com franqueza sobre sua decisão de partir e de voltar. Repetidas vezes, pediu desculpas de forma humilde e pública por ter magoado e decepcionado a família e o clã, e prometeu fazer o possível para provar que seria, dali em diante, um filho digno e um herdeiro em potencial.

Os pais enlutados pouco o apoiaram no início. O Pilar aceitou oficialmente seu retorno ao clã, mas se manteve distante, e Niko não esperava que a mãe jamais o perdoasse, ainda mais porque não estivera ali para proteger Ru quando mais importava.

Ainda assim, Niko seguiu em frente. Com o tempo, os resmungos furiosos dos céticos se dissipariam, desde que mantivesse a cabeça baixa e comprovasse suas intenções com ações. Fizera como Ru sugerira certa vez: cursava a Universidade Real de Jan em meio período e ia avançando de forma constante rumo a um diploma conjunto em economia e gestão de negócios. Durante dois anos, trabalhara à noite no braço militar do clã. Ironicamente, todo o treinamento e a experiência adquiridos durante seu período na GSI haviam melhorado sua confiança marcial, e suas motivações agora eram outras. Fora promovido a Punho em seis meses, encerrando de vez qualquer dúvida que questionava se seu desempenho pouco notável antes fora uma questão de capacidade.

Com a bênção da tia Shae, passara a acompanhar Terun Bin, o Mestre da Sorte, para conhecer melhor o lado da Rua Caravela do clã. Pouco depois, a Homem do Tempo começou a lhe delegar tarefas para realizar quando pudesse, incluindo aquele projeto de seguir pistas antigas. Recentemente, começara a assistir e observar as reuniões da tia com Lanternas e outras pessoas importantes do clã.

Nos três anos desde que voltara a Janloon, Niko fizera com determinação tudo o que se esperava dele, e mais.

— Você antes era todo arrogante, vivia querendo ignorar as regras e fazer as coisas do seu jeito. Agora virou uma formiga operária que não parece dormir — dissera Jaya, num raro momento de preocupação fraterna. — O que aconteceu com você?

— Não sou mais um adolescente mal-humorado. Cresci e ganhei perspectiva, Jaya. Só isso.

Era uma resposta rasa para uma verdade muito mais complexa, algo que ele não sabia se algum dia conseguiria explicar. Partira de Kekon em busca do indefinível: um senso de quem era, independentemente do clã. Uma resposta para a pergunta insistente sobre quem poderia ter sido se o tio não o tivesse arrancado da mãe biológica e feito dele o primeiro filho da família Kaul. Quando se juntara à GSI, imaginara que os estrangeiros estavam certos, que o mundo dos Ossos Verdes era brutal e ultrapassado, nada parecido com o resto do mundo.

Agora sabia que não. Havia jade, sangue e crueldade em toda parte.

Depois de deixar a GSI, vagara sem destino em mente, perseguido por onde quer que fosse por lembranças de culpa e pelo vago medo de estar maculado por ter quebrado o aisho e jamais poder voltar para casa sem trazer desgraças consigo. Em vez disso, viajara para o leste, pelo continente de Orius, e passara dois meses em Lybon, na Stepênia, na esperança de despertar alguma conexão reveladora com a cidade onde nascera. Era um lugar agradável, completamente estrangeiro, quase sem kekonésios à vista. Não sentira nada.

Partira de lá e cruzara o oceano até Karandi, depois seguira para o continente de Spenius e, mais ao sul, para Alusius. No caminho, fizera trabalhos braçais por dinheiro; mais para ocupar a mente do que por qualquer necessidade real. Cortara madeira, empilhara caixas, limpara mesas e esfregara pisos. Usara sua jade escondida, como um ladrão.

Enquanto vivia no quarto de um hotelzinho qualquer diante de uma praia silenciosa do lado alusiano do Mar Mesumiano, recebera uma ligação de Teije Inno, uma das poucas pessoas com quem mantivera contato após deixar a GSI, e que sabia onde ele estava. Pelo telefone, Teije pedira desculpas. Durante todo o tempo em que se conheceram e foram amigos, ele fora um Rato Branco do Clã do Desponta. Agora estava ligando a mando do Chifre para dar a notícia de que o irmão de Niko havia sido assassinado.



Quando Bero terminou de falar, Niko assentiu e desligou o gravador.

— Você foi muito útil. — Tirou uma caneta do bolso e escreveu no envelope deixado ao lado da televisão. — O dinheiro é seu, mas também tô te dando um número do escritório da Homem do Tempo. Se ligar amanhã de manhã e disser quem é, eles terão ordens minhas para te arrumar um lugar melhor do que este buraco pra morar. Três meses de aluguel serão pagos. Você pode usar esse tempo pra ficar sóbrio, arrumar um trabalho e talvez melhorar de vida. Ou pode gastar tudo bebendo até morrer num lugar um pouquinho melhor. A oferta vale só até amanhã. A escolha é sua.

Levantou-se para sair.

— Já acabou? — O tom do interrogado era de decepção, quase de raiva. Quando Niko chegou à porta, Bero chamou: — Ei, espera aí! Você me fez um monte de perguntas, então eu também tenho o direito de fazer uma. É o justo, né?

Niko se virou. Bero estava se levantando, com os olhos injetados fixos numa encarada temerária.

— Esse colar que você tá usando é bonito pra caralho. Bem distinto. Me diz uma coisa: como você conseguiu essa jade?

Niko levou a mão à joia no pescoço; cada pedra era idêntica e perfeita, separada por espaçadores pretos numa corrente de prata.

— Era do meu pai — disse. — Eu a conquistei, peça por peça, provando meu valor no clã.

Bero deu uma risadinha estranha.

— Seu pai era Kaul Lan, o Pilar do Desponta. Você é o filho dele.

— É assim que costuma funcionar — disse Niko, impaciente.

O homem apontou para ele.

— Eu reconheceria essa jade em qualquer lugar, porque ela já esteve no *meu* pescoço. — Apontou com orgulho para o próprio peito. — Eu não fui só uma ferramenta pros estrangeiros, sabia? Antes disso, fui contrabandista e ladrão, saqueador de túmulos e, acima de tudo, *assassino*. Todo mundo à minha volta acaba virando comida de minhoca. Eu sou a porra de um semideus da morte, keke. Provavelmente matei mais gente do que a maioria dos Ossos Verdes. Aposto que mais do que você.

O sorriso de Bero parecia o escárnio de um crânio descarnado.

— Há muito tempo, o Montanha me mandou atrás do seu pai. Fiz isso pela jade. Por *essa* jade aí. Encontrei ele nas Docas e puxei o gatilho. Fui *eu* que dei início à guerra de clãs todos aqueles anos atrás. *Eu* sou motivo de você ser órfão.

E olha a gente aqui. — Riu como uma hiena ferida. — Os deuses finalmente estão encerrando essa comédia doentia deles.

Quando Niko entrara no cômodo, o homem no chão era uma figura cansada e encolhida, envolta numa apatia amargurada. Agora estava ereto, com os cabelos ralos caindo sobre olhos escuros que brilhavam para dentro do poço sem fundo de raiva e desespero de quem encarou o abismo por tempo demais e não encontrou nada. O rosto suado trazia a marca enlouquecida de um homem com uma faca na própria garganta, gritando, aflito, para ser reconhecido no fim de tudo.

— *E então*? — Bero cambaleou perigosamente na direção de Niko, como se fosse para a beirada da janela de um edifício. — Não tem nada pra dizer? Não consegue usar sua Percepção pra saber que tô falando a verdade? Se acreditou em tudo o que eu disse antes, tem que acreditar nisso agora. Você não vai…

Com um movimento rápido do pulso, Niko lançou uma Deflação curta e horizontal que atingiu Bero no meio do corpo como o impacto abafado de um bastão no estômago. O homem perdeu o ar num grunhido e caiu de costas. Olhou para cima, esperando o próximo golpe, mas Niko não saíra do lugar.

— Você acha que qualquer Osso Verde pode ser provocado a matar sem pensar, assim, por qualquer coisinha? — Niko falou com um desprezo calmo e incrédulo. — Só porque eu poderia quebrar seu pescoço, você espera que eu te faça esse favor? Acha mesmo que sua vidinha patética ficaria mais dramática ou teria mais significado se você fosse assassinado pelo Desponta?

A piedade de Niko confundiu e enfureceu o homem.

— Você não entende! Eu sou *tudo* o que os Ossos Verdes odeiam e querem esmagar! — vociferou Bero. Ofegante e segurando o estômago, ele se levantou arduamente do chão. — É porque eu não aceito ser um ninguém! Eu sou *alguém*, ouviu? Não sou como esses outros merdas por aí que se contentam com qualquer migalha. Eu *fiz* coisas! Eu vou atrás do que eu quero e eu *consigo*, custe o que custar. *É isso que eu sou, seu filha da puta!*

Sem aviso, desabou de joelhos e enterrou o rosto nas mãos.

— Eu não vou te dar o que você quer — disse Niko, impassível. — Segue em frente. Vai atrás de outra coisa.

— Você não ouviu o que eu falei, seu esquisito do caralho? Que tipo de Osso Verde você é, afinal de contas? — Saliva respingou da boca de Bero quando ele ergueu a cabeça. Seus ombros sacudiam. — Eu matei o seu *pai*.

— Não matou — respondeu Niko, sem rodeios. — Eu nunca conheci meu pai, mas ele era um homem bom, um Pilar respeitado e um dos Ossos Verdes

mais poderosos que já existiram. Foi isso que me disseram a vida inteira, e é nisso que eu escolho acreditar. O Clã da Montanha o assassinou, mas a verdade é que um homem assim só cai por causa das próprias falhas, diante de forças que fogem do controle de qualquer um. Não na mão de alguém como você.

Apesar da gritaria, os guarda-costas no corredor não se moveram. O bêbado desarmado e sem jade não representava ameaça alguma, e eles não Percebiam alarme vindo de seu chefe.

Niko semicerrou os olhos para Bero, que o encarava num choque silencioso.

— Você não é de um clã de Ossos Verdes, então não entende — explicou Niko, como se estivesse falando com uma criança obtusa. — Tirar vidas por vingança é uma decisão importante. Eu é que não vou levar o que você falou a sério e desrespeitar a memória do meu pai. Se quer acabar com a própria vida, acabe você mesmo, mas não se engane achando que isso vai significar alguma coisa.

Niko saiu do recinto e deixou o prédio com os guarda-costas. Estava profundamente perturbado. Não pelo que o pinguço dissera, mas pelo que vira naqueles olhos vazios. Até um homem miserável como Bero, afundado na sarjeta da sociedade, ainda nutria um desejo intenso e enlouquecido de fazer parte do grande mito. Um mito que governava Kekon e seu povo até os ossos, que movia a obsessão da sociedade com os símbolos da verdejância, que seduzia até estrangeiros que jamais poderiam compreendê-lo de verdade.

Clãs e jade, assassinato e vingança, fardos, rixas e fracassos passados de pai para irmão, de irmão para filho; nada disso era mito algum para Niko, mas parte de sua experiência de vida, verdades inescapáveis, porém moldáveis, que haviam exigido uma busca pelo mundo inteiro para que ele finalmente as aceitasse.




CAPÍTULO 53

Segredos Antigos

Shae vinha aguardando pacientemente o inevitável pedido para que se reunisse com a embaixadora da Espênia. Levou Niko consigo. No carro, durante o trajeto da Rua Caravela até o Distrito do Monumento, resolveu testá-lo.

— Como você acha que devemos conduzir essa reunião?

Niko semicerrou um dos olhos, pensativo, uma expressão que sempre a fazia se lembrar de Lan.

— Os espênicos nunca pedem uma reunião a menos que queiram alguma coisa, mas tão sempre preparados pra oferecer algo em troca. Vai ser uma proposta que eles acreditam ser suficiente para comprar a nossa cooperação. O atual governo da RDE, diferente das administrações anteriores, parece mais interessado em dinheiro do que em jade, o que pode ser bom pra nós, já que vai ser mais fácil barganhar com eles. Mas também estamos numa posição delicada no momento. Não podemos ceder às exigências deles, mas, com o projeto de descriminalização da jade finalmente avançando na Assembleia Nacional, também não queremos fazer nada que prejudique nossa relação.

Shae assentiu, satisfeita com a resposta astuta.

— Pelo visto você anda acompanhado as notícias.

Niko havia se dedicado a aprender o funcionamento do clã com uma

aplicação que surpreendera a todos. Shae suspeitava que ele se ocupava com trabalho a cada hora em que estava acordado para lidar com o luto por Ru. Não tinha certeza se aquilo era saudável, mas tampouco podia deixar de reconhecer seus méritos.

A embaixada da Espênia era um edifício moderno, um cubo reluzente de vidro, com uma dúzia de bandeiras da RDE tremulando no topo de seu portão de aço, projetado para propositalmente se impor sobre os outros escritórios diplomáticos estrangeiros mais modestos do Distrito do Monumento. Depois de passarem pela segurança, Shae e Niko foram conduzidos à sala de espera privada da embaixadora; um recinto ensolarado, porém formal, com cadeiras acolchoadas de espaldar alto e retratos de primeiros-ministros espênicos famosos nas paredes.

A Embaixadora Lonard os cumprimentou e apresentou o Coronel Jorgen Basso, recém-nomeado comandante da Base Naval de Euman. Nos anos em que Shae fora Homem do Tempo, lidara com sete embaixadores diferentes da RDE e três comandantes militares. Lembrava-se de como ficara nervosa na primeira vez em que se sentara diante do Embaixador Gregor Mendoff e do Coronel Leland Deiller, no Clube Lanterna Branca, e do ceticismo explícito com que a haviam tratado, já que era uma mulher jovem e uma Homem do Tempo inexperiente. Ambos já haviam partido há muito tempo, aposentados em seu país de origem.

Lonard e Basso saudaram a veterana Homem do Tempo à maneira kekonísia, depois apertaram sua mão, agradecendo por ter aceitado a reunião. Shae não apresentou Niko, pois o levara como observador. Ele posicionou sua cadeira atrás e à esquerda do assento de Shae.

A Embaixadora Lonard era uma mulher de rosto alongado, lábios finos e sobrancelhas escuras e retas sobre olhos sisudos. Tinha pelo menos uma década a menos que Shae, mas se portava com a confiança despretensiosa de um velho falcão político. Sentou-se ereta, de costas bem apoiadas na cadeira, e cruzou as mãos sobre o joelho.

— Sra. Kaul — disse ela —, eu esperava que seu Pilar fosse se juntar a nós.

— Meu irmão está ocupado hoje — respondeu Shae. Hilo ainda detestava esse papo-furado de diplomacia. — Sua antecessora deveria ter explicado que, como Homem do Tempo, eu falo em nome do Pilar. — Ofereceu aos estrangeiros um sorriso educado, cheio de expectativa. — O que o Desponta pode fazer por nossos amigos espênicos?

A embaixadora fez um gesto para que uma assessora fechasse a porta da sala. Foi fechada silenciosamente, as dobradiças sem emitir um único rangido.

— Presumo que esteja a par da situação que vem se desenrolando na Ilha Euman.

— Se está se referindo ao acampamento de protesto, sim, estou — disse Shae.

O Coronel Basso, um homem grande, careca, de pele morena e óculos (talvez de ascendência tomasciana) falou com uma indignação áspera:

— Há mais de dois mil civis acampados a menos de dois quilômetros de uma base militar da RDE, e mais pessoas se juntam a eles todos os dias há mais de um mês. Eles representam um risco de segurança inaceitável.

— Eles não estão na propriedade de vocês — respondeu Shae com calma. — Aquela parte da Ilha Euman é historicamente uma área indígena. No ano passado, o Conselho Real aprovou um projeto de lei para devolvê-la à governança abukiana. As pessoas que estão lá tem a permissão dos líderes da aldeia, e estão protestando contra a mineração de jade em alto-mar, que continua apesar de anos de oposição nacional.

Os lábios finos da Embaixadora Lonard quase desapareceram quando ela os franziu.

— Uma turba desordeira não é a melhor maneira de lidar com uma questão complexa.

Shae arqueou as sobrancelhas.

— Não há nada de complexo nessa história. A questão persiste porque o governo espênico continua apoiando as operações exploratórias da Anorco.

Ao longo de mais de uma década, nem os esforços diplomáticos do governo kekonésio nem as repetidas tentativas dos clãs de destruir os navios de mineração haviam tido sucesso. As aldeias abukianas locais, fartas da contínua destruição ambiental de suas áreas de pesca, haviam organizado um protesto que rapidamente conquistara amplo apoio público.

A Embaixadora Lonard habilmente se recusou a ser arrastada para a discussão latente.

— O que me preocupa agora é a segurança dos cidadãos espênicos *e* kekonésios, que podem ser colocados em risco se essa manifestação intencionalmente provocativa acabar se tornando violenta.

Shae não se deu ao trabalho de apontar que a embaixadora provavelmente estava mais preocupada com a cobertura contínua da imprensa sobre o que os jornais vinham chamando de Impasse de Euman. Os espênicos preferiam não chamar atenção pública para o fato de ainda manterem uma presença militar tão grande no país, apesar das promessas feitas ao governo kekonésio de reduzir

suas forças como parte do esforço internacional para pôr fim à Guerra Latente.

Shae recostou-se na cadeira.

— O que exatamente vocês querem que o Desponta faça?

A Embaixadora Lonard e o Coronel Basso trocaram um olhar, como se a resposta fosse óbvia e Shae estivesse sendo inflexível (o que, de fato, estava). Ela já sabia o que os estrangeiros desejavam, mas queria obrigá-los a dizer em voz alta.

O coronel foi o primeiro a ser direto.

— Que desmontem o acampamento e convençam os manifestantes a ir embora.

— À força, se necessário — acrescentou Shae por eles.

— Ossos Verdes são mais do que capazes de usar força — observou Lonard. — Embora eu espere que uma demonstração de intenção firme seja suficiente para controlar a situação.

Embora o pedido fosse exatamente o que Shae esperara, ainda assim ficou profundamente ofendida, e foi tomada por uma raiva fria que controlou e moldou com cuidado numa resposta:

— Ao longo dos vinte e seis anos em que fui a Homem do Tempo do Desponta, vi a relação entre nossos países passar por muitas fases. Em certos aspectos, somos amigos mais próximos do que nunca. Mas amizade é algo que pode ser abusado. E, quando isso acontece, pode acabar levando a ressentimentos e até a inimizades. A Espênia pediu jade, soldados, terras, apoio militar e concessões políticas ao Desponta. E agora vocês estão sugerindo que Ossos Verdes se voltem contra o povo que protegemos. A maioria dos manifestantes acampados na Ilha Euman são civis sem jade. Vocês estão nos pedindo para desobedecer ao aisho.

O Coronel Basso desviou o olhar, visivelmente desconfortável diante da franqueza de Shae, mas a Embaixadora Lonard, não.

— Sra. Kaul, tenho doutorado em Estudos do Leste Amárico. Vivi em Kekon por anos e aprendi o suficiente sobre o país e seus clãs de Ossos Verdes para afirmar com confiança que o aisho é um ideal que… nem sempre é viável ou seguido à risca.

A espênica inclinou levemente a cabeça enquanto sustentava o olhar de Shae.

— A senhora pode honestamente afirmar que os Ossos Verdes, incluindo você e sua família, jamais passaram por cima de princípios morais em benefício próprio? Vocês nunca puniram brutalmente dissidentes anti-clã, usuários de jade não sancionados ou concorrentes estrangeiros sem qualquer escrúpulo? — disse

Lonard, inesperadamente, num kekonês fluente, ainda que com sotaque. — Ouro e jade, nunca juntos. Isso chegou a ser verdade mesmo em algum momento?

O silêncio da Homem do Tempo foi resposta suficiente para Lonard.

Mudando de volta para o espênico, ela prosseguiu:

— Seu clã e seus aliados na RDE vêm tentando há muito tempo revogar a proibição da posse civil de jade bioenergética na Espênia. Uma década atrás, eu diria que era impossível. Mas, sou obrigada a admitir que a percepção e a atitude pública mudaram ao longo dos anos.

A crescente aceitação generalizada das práticas kekonísias de cura, a estratégia de marketing consistente e antiga da WBH Foco, as transmissões mundiais de eventos jadesportivos em Marcucuo, os avanços na segurança e na eficácia do BL2 e, agora, as habilidades dos Ossos Verdes exibidas de forma dramática nas telas dos cinemas para plateias cativas… todas essas forças, combinadas, haviam transformado a jade aos olhos dos espênicos, a maioria dos quais agora acreditava que ela deveria ser regulamentada em vez de proibida.

A Embaixadora Lonard tamborilou levemente os dedos contra o joelho.

— O projeto de descriminalização será votado na Assembleia Nacional no mês que vem. Se for aprovado, ainda precisará ser sancionado pelo Primeiro-ministro Waltor. Ele pode optar por se opor, exercendo um veto executivo. Por outro lado, se ele declarar apoio público ao projeto antes da votação, a aprovação estará praticamente garantida.

Os espênicos mais astutos eram como Punhos à sua própria maneira, pensou Shae: empunhando palavras e dinheiro como espadas da lua e facas talon. Lonard sorriu com uma persuasão fria.

— Se nos ajudarem a resolver o problema na Ilha Euman, em nome da segurança de todos, estou confiante de que o primeiro-ministro garantirá a tramitação tranquila de uma legislação que certamente irá beneficiar seus interesses comerciais.

Shae não retribuiu o sorriso. Alguns recentes pontos positivos nos negócios do Desponta (a recuperação do mercado imobiliário, o crescimento da cidade de Toshon e os sucessos na indústria cinematográfica) haviam compensado parte dos prejuízos causados pela perda de todas as perspectivas em Shotar. Ainda assim, não havia dúvida de que a segurança jurídica de longo prazo dos ativos espênicos do clã era mais necessária do que nunca. Ela subestimara a compreensão de Lonard. A embaixadora não fazia um pedido ignorante, mas plenamente informado. O Coronel Basso resmungou numa concordância presunçosa e cruzou os braços.

Shae deixou o silêncio pairar antes de responder. Esperara mais de uma década para dizer o que estava prestes a dizer. Não iria se apressar.

— Já que estamos falando dos interesses kekonésios na Espênia, é mais do que justo que eu também diga algumas coisas sobre os interesses espênicos em Kekon. — Ela se inclinou para a frente. — Há vinte anos, um avião espião ygutaniano foi abatido sobre a Ilha Euman, levantando temores de uma investida de Ygutan. Em resposta, a Espênia expandiu sua base naval, apesar da ampla oposição pública, e também ampliou seus ativos de inteligência em Kekon. No auge da Guerra Latente, vocês tinham mais espiões aqui do que nosso governo jamais suspeitou. A inteligência militar da RDE tomou conhecimento de um ataque terrorista planejado que mataria os líderes de todos os clãs de Ossos Verdes e incitaria uma insurreição apoiada por forças estrangeiras capaz de desestabilizar a nação.

Shae se lembrava como se fosse ontem do momento em que viu o prédio desabado e os inúmeros corpos, ciente de que o marido e o irmão estavam sob os escombros. Sua voz permaneceu perfeitamente calma; uma máscara sobre a fúria.

— Em vez de compartilhar essa informação, o exército espênico permitiu que o atentado de Janloon acontecesse e que centenas de pessoas morressem. Se o ataque tivesse conseguido destruir os clãs, a RDE estava preparada para ocupar o vácuo de poder e exercer controle indireto sobre Kekon. Ao não revelar suas cartas, agentes da RDE conseguiram capturar um operativo inimigo chamado Vastik eya Molovni, que forneceu um vasto conjunto de informações sobre o programa nekolva de Ygutan.

A resposta da embaixadora foi impassível e desdenhosa:

— Já ouvi todas essas conjecturas não comprovadas.

— Não são conjecturas — disse Shae. — Levou anos, mas meus agentes reuniram testemunhos diretos suficientes para compor um quadro completo do que realmente aconteceu, incluindo provas de que Vastik eya Molovni estava em Janloon no dia do atentado e um relato ocular de sua captura pela RDE. — Ela encarou os dois representantes espênicos com firmeza. — Quantos manifestantes *a mais* estariam hoje na Ilha Euman se soubessem que o governo espênico permitiu, ou até desejou, o atentado de Janloon? Que nossos supostos aliados apreenderam o homem responsável pelo ataque e o usaram secretamente para seus próprios fins, negando justiça ao povo kekonésio?

O Coronel Basso engasgou por um instante antes de lançar um olhar indignado.

— Faz décadas que o exército espênico protege o seu país. O número de vidas tragicamente perdidas no atentado foi pequeno comparado às muitas que foram salvas graças às informações obtidas sobre a ameaça ygutaniana.

— Claro. Para vocês, vidas espênicas sempre valeram muito mais do que vidas kekonísias — disse Shae. — Mas, como a própria embaixadora observou, as atitudes mudaram ao longo dos anos. Os adversários políticos do Primeiro-ministro Waltor vêm questionando seu histórico durante a Guerra Latente. Ele era vice-primeiro-ministro na época do atentado de Janloon, e depois desempenhou um papel central na criação do Acordo de Lybon. Talvez ele não vá querer ser associado a tantas mortes civis enquanto faz campanha neste ano eleitoral. E nem que viesse à tona que o Agente M não era desertor coisa nenhuma. Tortura e interrogatório farmacológico de prisioneiros de guerra são ambos proibidos por convenções internacionais assinadas pela RDE.

A cortesia polida abandonou o semblante de Lonard. As narinas finas se dilataram, irritadas, e havia dúvida e cálculo rápido em seus olhos. Ainda assim, respondeu com uma despreocupação desafiadora:

— Todas as suas acusações dizem respeito a eventos de mais de uma década atrás. Sim, se você estivesse determinada a provocar um escândalo público, poderia muito bem fazer isso. Isso prejudicaria as relações entre nossos governos, mas o eleitor espênico não vai se importar com…

— Operação Corta-Fogo — disse Niko.

Shae virou-se de súbito para o sobrinho, surpresa com a quebra inesperada de decoro. Até então, ele havia sido um observador silencioso e exemplar, mas a intervenção fez com que ambos os espênicos voltassem o olhar para ele, alarmados.

— Este é meu sobrinho, Kaul Nikoyan — disse Shae, oferecendo a apresentação tardia enquanto escondia o desagrado pela interrupção e tentava fazê-la parecer proposital. — Ele tem algo a acrescentar à conversa.

— Operação Corta-fogo — repetiu Niko, num espênico truncado, porém compreensível. — Isso não é assunto antigo. Talvez seja um escândalo público mais interessante para os espênicos, como a senhora disse.

O Coronel Basso quase se levantou da cadeira.

— O que *você* sabe da…

Niko sustentou o olhar do grande oficial espênico com um semblante que inquietou Shae. O rosto lembrava Lan, mas o olhar era de Hilo.

— Ossos Verdes kekonésios foram contratados como mercenários pra lutar nas guerras da Espênia. Eu fui um deles. E conheço outros.

Depois de quatro anos, Shae ainda vivia sentindo falta da própria jade. Sempre lhe parecia estranho quando alguém a chamava por engano de “Kaul-jen”, mas era ainda mais estranho ouvir “Sra. Kaul”. Muitas vezes despertava com a sensação vaga e angustiante de que algo vital lhe faltava e, ocasionalmente, ainda tentava recorrer por instinto às habilidades de jade, apenas para agarrar o vazio, como quem tenta mover um membro fantasma. Acima de tudo, em momentos como aquele, desejava ainda possuir a vantagem da Percepção. Os estrangeiros já não fingiam mais que aquela era uma conversa amistosa. Seus rostos estavam tensos e profundamente cautelosos. Niko os encarava sem dizer mais nada.

Shae já não tinha os sentidos de jade, mas conservava instintos lapidados por décadas lendo as nuvens.

— Embaixadora. Coronel. — Ela se levantou. Niko se levantou junto. — Parece que nossos países estão mais próximos do que nunca, já que nossa relação se baseia em tantos segredos antigos. O Desponta não enviará Punhos para desmantelar o Impasse de Euman — declarou aos estrangeiros. — O que a senhora disse antes é verdade. Os Ossos Verdes não são modelos perfeitos das Virtudes Divinas. Apesar de todas as nossas habilidades, somos apenas humanos e, com frequência, falhamos em estar à altura de nossos próprios ideais. Mas não somos vassalos que desobedeceriam ao aisho por conveniência espênica.

“Proponho uma barganha diferente. Vamos deixar de lado nossas antigas rixas sobre como trataram Kekon durante a Guerra Latente. Manteremos em segredo o atentado de Janloon, Molovni e a Operação Corta-Fogo… desde que vocês não interfiram no projeto de descriminalização da jade na Assembleia Nacional. Considere isso uma aliança de inação.”

O Coronel Basso permaneceu em silêncio, fulminando-os com o olhar, mas a Embaixadora Lonard se levantou com rigidez.

— Eu esperava — disse ela — que, dadas as ligações econômicas do Desponta com a Espênia, vocês fossem mais cooperativos do que seus rivais ou do que o próprio governo kekonésio. Se os clãs Ossos Verdes não intervierem na Ilha Euman para controlar a população, então meu governo não poderá ser responsabilizado se vidas kekonísias forem perdidas.

Shae virou-se para sair.

— Embaixadora, quando se trata de Kekon e de sua jade, responsabilidade é a última coisa que eu espero do seu povo.



De volta ao carro, Shae instruiu o motorista a levá-los até a escola de Tia. Ainda faltava meia hora para o fim das aulas, então permaneceram sentados sob a sombra de uma árvore, com as janelas abertas para deixar a brisa entrar.

Niko quebrou o silêncio desconfortável.

— Desculpa a minha falta de educação na reunião, tia Shae. Achei importante falar naquele momento, mas eu deveria ter contado tudo o que sabia antes.

— Deveria mesmo — repreendeu Shae. — Se o que você sabe sobre a Operação Corta-Fogo poderia ter sido relevante em qualquer momento da discussão, você errou ao não informar a sua Homem do Tempo com antecedência.

— Eu entendo meu erro. — Niko se curvou adiante. Depois de um minuto de silêncio pesado, explicou: — A Operação Corta-Fogo foi o que me mandaram executar quando trabalhei para a GSI. Anos atrás, o governo espênico começou a reduzir o uso militar da jade e a diminuir seu envolvimento em conflitos no exterior. Na surdina, porém, contratou a empresa de Jim Sunto para travar guerras contra o Entregantismo e a influência ygutaniana ao redor do mundo.

— Foi o Sunto que te contou isso? — perguntou Shae.

Niko meneou a cabeça.

— Não diretamente. Tivemos de assinar muitos acordos de confidencialidade, e não podíamos falar sobre missões com ninguém fora da GSI, mas muitos de nós fomos juntando as peças a partir do que ouvíamos aqui e ali. Depois, investiguei por conta própria. — Ele evitou o olhar da tia. — Não me orgulho de ter me envolvido nisso.

— Isso não é desculpa — disse Shae, embora sua irritação já estivesse se dissipando.

Ao ver a culpa curvar os ombros do sobrinho, ela teve vontade de atravessar o banco e abraçá-lo apertado, como fazia quando ele era pequeno e buscava consolo. Queria dizer que entendia o que significava partir e depois voltar. Havia orgulho e vergonha em ambas as decisões. As razões e experiências de Niko tinham sido diferentes das dela, assim como seus arrependimentos, mas ela gostaria de lhe oferecer algo que suavizasse as rugas precoces em seu rosto jovem.

— Niko-se — começou —, há muitas coisas que fiz na minha vida sobre as quais não quero falar. Toda semana, peço compreensão e perdão aos deuses. E, ainda assim, quando saio do templo, continuo tendo de tomar decisões que talvez se acumulem ainda mais contra mim. Não sei se existe outra forma de ser líder

em um clã Osso Verde.

Niko olhou pela janela, em direção ao prédio da escola. Dois anos antes, Shae e Woon haviam chegado à conclusão óbvia, ainda que difícil, de que Tia não se sairia bem na Academia Kaul Du; que deveriam respeitar o desejo da filha e permitir que ela seguisse um caminho acadêmico, em vez de treiná-la para se tornar uma Osso Verde. Fora a decisão certa, dizia Shae a si mesma. Tia adorava a Escola Primária das Colinas do Norte, a mesma que Ru frequentara.

Uma sombra cruzou o rosto de Niko enquanto ele observava a entrada do prédio do outro lado do estacionamento. Shae se perguntou se ele pensava em Ru, se o imaginava saindo pelas portas da frente para que os irmãos voltassem para casa de bicicleta juntos. Ela via a cicatriz branca descendo pela parte frontal da orelha esquerda de Niko, onde a cartilagem fora costurada de volta ao lugar.

Quando Shae retornara a Kekon após seus anos no exterior, fora com muita relutância e incerteza, ainda tentando evitar ser tragada pelos negócios do clã. Niko não demonstrava essa hesitação. Desde o momento em que cravara a faca talon na própria carne, não vacilara em sua decisão de ascender dentro do clã. Anden parecia ser o único capaz de fazê-lo relaxar ocasionalmente, mas, preocupado, o primo confidenciara a Shae:

— Às vezes, não sei se o Niko ainda pensa em si mesmo. Por isso nenhuma carga de trabalho ou humilhação o afeta.

Ao observar a expressão conturbada do jovem, o coração de Shae se apertou. Queria que Lan pudesse ver o filho. Sabia que ele sentiria orgulho, mas talvez também tristeza. Ele faria a mesma pergunta que Shae fez então:

— É isso mesmo que você quer, Niko? Quer se tornar o Pilar?

Niko não respondeu de imediato.

— Tia Shae — disse, por fim, com uma convicção contida —, enquanto estive fora de Kekon, percebi que só existem dois tipos de pessoas no mundo. Não é a ideia de Ossos Verdes e não Ossos Verdes. São os que têm poder e os que não têm.

Ele se virou para ela com um olhar distante, como se estivesse do outro lado de um vale amplo.

— Mesmo com jade, não temos lugar garantido no primeiro grupo. Se os clãs deixarem de definir o significado da jade, outros vão arrancar esse poder de nós. Vão amplificar tudo o que há de pior e não preservar nada do que há de bom.

Shae assentiu numa compreensão silenciosa. Niko colocara em palavras algo que ela sentia havia muito tempo, a sensação de que lutava não apenas contra os Montanha e todos os outros inimigos do clã, mas contra algo ainda maior e mais

inexorável.

Niko baixou os olhos para as próprias mãos.

— Achei que podia fugir e encontrar outro sentido pra minha vida. Mas, se o clã ruir, seja rápido ou devagar, se se tornar tão obsoleto e irrelevante quanto pessoas como Jim Sunto acreditam, então tudo o que me *formou*, inclusive o assassinato do meu pai e a execução da minha mãe, terá sido em vão. Cada gota de sangue derramada, cada sacrifício, cada criança treinada ao longo de séculos pra usar jade como uma guerreira Osso Verde de Kekon… É *isso* que o Pilar carrega. Esse é o nosso poder, e apenas nosso. — Com um sorrisinho triste, ele voltou o olhar para a escola. — Ru tentou tanto me dizer que eu era um idiota, um egoísta por fugir disso. Ele tinha razão.

Shae foi tomada por um temor anônimo e agourento em relação ao sobrinho. Niko ainda era jovem; jovem demais, pensou ela, para ser tão lúcido e lúgubre. E, no entanto, já havia contemplado o legado do clã e o peso da liderança muito mais do que Lan, Hilo ou ela própria naquela idade. Shae e os irmãos cresceram embalados pelas expectativas sentimentais de serem netos do Tocha de Kekon, herdeiros de um clã que vinha de uma geração de vitória, paz e reconstrução nacional. Cada um deles fora empurrado, à sua maneira, para as próprias posições e fizera o melhor que pôde.

Niko crescera com os olhos abertos para a guerra e a crueldade. Afastara-se de tudo o que conhecera para encontrar uma selva ainda mais escura e emaranhada, e seu retorno fora uma escolha firme, feita sem a sentimentalidade do amor ou da honra. *Ele é mais parecido com Ayt Mada do que qualquer um de nós*, pensou Shae.

Ao menos Niko tem a nós. Pessoas que o amavam. Pessoas que o lembravam de ser humano.

O sinal da escola tocou, e crianças animadas começaram a irromper pelas portas da frente. Shae saiu do carro e ficou junto ao bicicletário. Acenou quando viu Tia. A filha se despediu de duas amigas e veio correndo, com a mochila quicando sobre os ombros e as orelhas do gorro de tricô em forma de cachorrinho balançando de um lado para o outro. O décimo segundo aniversário de Tia se aproximava, e ela vinha implorando por um animal de estimação, um cachorro que finalmente substituísse o pobre e velho Koko, que, com o coração partido demais para continuar vivendo, morrera poucos meses depois de seu dono.

— Mãe! — exclamou Tia. — Adivinha só! Consegui um papel na peça da escola! — Ela olhou por cima do ombro de Shae e, mais tímida, disse: — Oi,

Niko.

Tia sempre era um pouco reservada perto do primo mais velho, quinze anos mais velho que ela.

— Oi, priminha — respondeu Niko, animado. — Gostei do seu gorro.

Tia sorriu e relaxou, e os dois caminharam conversando até o carro. Shae ficou alguns passos atrás, observando-os.




CAPÍTULO 54

Grandes Planos

vigésimo sexto ano, sétimo mês

Anden assistia ao noticiário na televisão ao lado de Shae e da maior parte da equipe do escritório da Homem do Tempo, todos aglomerados na principal sala de reuniões do último andar do prédio do clã na Rua Caravela. Até Woon Papidonwa e Hami Tumashon, ambos aposentados depois de terem dedicado tantos anos de suas vidas ao clã, estavam ali, conversando de modo amistoso, coisa que nunca faziam quando eram, respectivamente, o Sombra da Homem do Tempo e o Mestre da Sorte.

Era tarde da noite em Janloon e meio da manhã em Adamont Capita quando a NA3882, uma revogação da proibição, em vigor havia vinte e quatro anos, da posse civil de jade bioenergética, foi aprovado na Assembleia Nacional por uma margem acirrada. Quando a correspondente internacional da ENK anunciou o resultado na tela, o recinto irrompeu em comemoração e garrafas de hoji foram abertas. A partir do dia seguinte, o Desponta podia esperar economizar milhões de dien só em honorários jurídicos. O uso de jade na saúde, nas práticas marciais e no entretenimento certamente cresceria, assim como os investimentos do clã em todas essas áreas. Dezenas de novos vistos seriam solicitados para Ossos Verdes trabalharem ou estudarem na Espênia. Enquanto isso, o Chifre começaria

discretamente a mover mais jade para a Espênia, reforçando o lado militar do clã e de seus aliados.

Anden usou o telefone da sala de conferências para ligar para Cory Dauk, presidente da Associação Kekonísia da Espênia, e parabenizá-lo pela vitória pela qual vinham trabalhando havia mais de uma década. Até o dia da votação, a AKE ficara pressionando políticos e veiculando anúncios produzidos pela WBH Foco em todos os grandes veículos. O resultado esteve longe de ser garantido. Diversas Tripulações, que não queriam perder o mercado clandestino de jade e brilho e nem ver os kekonésios se fortalecerem, haviam montado sua própria campanha secreta para derrubar o projeto, subornando e ameaçando deputados, executivos de publicidade, membros da AKE e qualquer um que se manifestasse a favor da proposta. As pequenas, porém eficazes, equipes de Punhos e Dedos de Lott Jin na Espênia, em parceria com Ossos Verdes locais de Porto Massy, passaram meses ocupadas neutralizando o esforço, oferecendo segurança, contrassubornos e, de vez em quando, sussurros oportunos de nomes de Tripulantes.

— Isso deve significar menos trabalho pro meu escritório de advocacia — disse Cory, animado, do outro lado da linha. — Talvez eu vire advogado de entretenimento. Atuar no cinema ou na área jadesportiva. É onde tá todo o dinheiro agora, não é?

— Se você encontrar o próximo Danny Sinjo, avisa a minha cunhada — disse Anden.

— Meu filho ama esse filme! — exclamou Cory. — Já vimos três vezes.

O sucesso de bilheteria de *Preto & Verde* em ambos os lados do Amárico no ano anterior fora um ponto de virada inesperado na longa batalha de relações públicas, catapultando Danny Sinjo ao estrelato internacional e gerando uma onda de interesse positivo no grande público pela cultura dos Ossos Verdes. Muito se falou das cenas de ação eletrizantes de Sinjo, feitas inteiramente sem efeitos visuais, dublês ou cabos. O filme era uma história de parceiros policiais feita para agradar ao público, em que um Punho fanfarrão do fictício clã Um Céu, junto com um agente espênico do serviço secreto treinado no SCBJ e totalmente fora de sua zona de conforto, abria caminho por subchefes ex-militares ygutanianos até capturar um notório chefão do tráfico.

A Costa Filmes, e, por consequência, o Desponta, estava nadando em dinheiro com o que agora se tornara uma franquia. Como Jon Remi previra certa vez, Anden podia se gabar de ter conhecido Danny Sinjo muito antes da fama, embora tivesse sido sua cunhada quem tornara realidade as palavras do velho

Keke do Mal. Wen não estava na reunião naquela noite porque apresentava o principal prêmio no Festival de Cinema de Janloon, que crescera muito desde sua criação e agora era um evento que a Encarregada do Pilar frequentava, usando um orçamento do clã para tal finalidade.

— Espero que seu filho saiba que *Mais Preto & Mais Verde* estreia neste verão — informou Anden a Cory. — Talvez eu consiga um pôster autografado pra mandar pra ele.

— Seria bacana demais, caco — respondeu Cory. Ele se calou por um instante. Parecia prestes a dizer algo mais sobre o filho, ou a perguntar da família de Anden, mas se conteve. Desde que soubera do papel de Anden no assassinato de Jon Remi, outro muro se erguera entre eles, um muro que Cory mantinha ao sempre terminar a conversa antes que ficasse pessoal demais e se voltando para a própria esposa e filho. Anden ficou desapontado, mas não surpreso; Cory era espênico, afinal. Era bem do feitio dele desejar algo difícil e, ao mesmo tempo, manter distância do caminho que levara até lá.

Anden o poupou.

— Por favor, transmita meu respeito e meus parabéns à sua mãe.

— Obrigado, Anden. Vou sim. — Uma pausa. — Que os deuses brilhem em favor do Desponta.

Quando desligou, Terun Bin enfiou um copo plástico de hoji nas mãos de Anden.

— Tudo isso começou com você, Dr. Emery — disse Terun. — Você era o homem do Desponta na Espênia antes mesmo de existir um escritório lá.

Brindaram à vitória do clã.

Anden não conhecia bem o Mestre da Sorte, mas, em todas as interações que tiveram, sempre se impressionara com a rapidez e a energia com que o sujeito falava, e com o quanto sua mente funcionava ainda mais depressa. Terun era um Mestre da Sorte de carreira, e começara a atuar no lado empresarial do clã logo após a faculdade. Agora, era um dos membros de mais alto escalão do Desponta, apesar de não vir de uma família influente de Ossos Verdes e de nunca ter usado mais do que uma única pedra de jade na vida. Isso teria sido uma desvantagem insuperável em Janloon vinte anos antes, mas a Homem do Tempo fora sábia ao enviar Terun para uma missão de longo prazo na Espênia antes de trazê-lo de volta a Kekon e fazê-lo circular por diversos cargos na Rua Caravela, inclusive como Carimbeiro por vários anos, de modo que, àquela altura, ele conhecia cada aspecto dos negócios do clã.

— Vou precisar falar com você sobre como foi o processo de expansão das

clínicas de medicina com jade — disse Terun. — Elas são o melhor precedente pra nos ajudar a decidir como lidar com a educação marcial no exterior. Dá pra acreditar que eu já tenho seis pedidos na mesa, de professores e treinadores particulares que se anteciparam à aprovação do projeto? Estão pedindo patronagem do Desponta pra abrir escolas na Espênia e ensinar as ordenações de jade a keko-espênicos e até a estrangeiros.

Anden não se surpreendeu. O mercado de academias e treinamento marcial estava saturado em Janloon. Mesmo em cidades menores como Lukang e Toshon, um instrutor precisava de credenciais de ponta da Escola do Templo Wie Lon ou da Academia Kaul Du, além de anos de experiência como Punho e conexões dentro dos grandes clãs. Na Espênia, porém, até um Punho sênior relativamente mediano podia abrir uma escola e atrair alunos. Alguns já faziam isso havia anos, ainda que de forma discreta.

Anden começou a dizer a Terun que ficaria feliz em oferecer todo o conhecimento que pudesse quando um grito ecoou pelo corredor:

— O Pilar! O Pilar chegou!

Quando Hilo entrou na sala de reuniões meio minuto depois, o burburinho alegre cessou em ondas de mãos entrelaçadas e saudações. As visitas de Hilo à Rua Caravela eram raras.

— Kaul-jen — murmuraram vários Agentes da Sorte. — Nosso sangue pelo Pilar.

O olhar de Hilo percorreu o espaço lotado. Um sorriso lento repuxou um canto de sua boca.

— Não interrompam a festa por minha causa — disse. — Eu só não aguentei a ideia de a minha irmã virar a noite festejando enquanto eu ia dormir. — Ele conteve a risada geral erguendo as mãos. — A verdade é que, claro, eu vim parabenizar todos vocês. Não apareço aqui com frequência, mas é porque tenho uma Homem do Tempo forte. Mesmo quando discordamos, ela faz o que é certo pelo clã.

Hilo se aproximou de Shae e a saudou.

— Que para longe fujam os seus inimigos, Kaul-jen — declarou, pronunciando a congratulação tradicional dos Ossos Verdes a um guerreiro vitorioso, antes de passar o braço pelos ombros da irmã e beijar-lhe a testa.

Embora a Homem do Tempo já não pudesse usar jade e sua vitória fosse algo político construído ao longo de décadas, ecos se espalharam imediatamente, e pessoas bateram os pés e ergueram copos de hoji numa concordância jubilosa. A Homem do Tempo parecia profundamente constrangida. Quando as conversas

retomaram, Anden viu Shae resmungar para o irmão:

— Você sempre teve que roubar a cena nas festas mesmo, hein.

Ele está voltando a ser quem é, pensou Anden, desviando o rosto para esconder o alívio que ressoava em seu coração.

A morte de Ru deixara todos devastados, mas quase arruinara Hilo. Ele se fechara e perdera o interesse pela vida. O Pilar que outrora queria lidar pessoalmente com cada questão importante do clã já não se importava com nada. Por quase um ano, Hilo deixara a condução do Desponta nas mãos da Homem do Tempo e do Chifre, que precisavam persegui-lo com culpa até para coisas simples. Ele passava dias sem sair de casa, ou horas dirigindo sem rumo pela cidade, às vezes escolhendo uma direção ao acaso e indo parar no interior, onde dormia no carro. Em algumas ocasiões, estacionou o Duchesse em território dos Montanha, provocando alguém a atacá-lo por estar ali. Para crédito de Aben Soro, ninguém o fez, embora, em várias dessas vezes, Lott Jin tivesse de se virar nos trinta para descobrir onde o Pilar havia ido parar. Anden não era o único a temer que o primo, ainda na casa dos cinquenta anos, já estivesse seguindo o caminho do avô, afundando de forma irreversível na perda e no arrependimento.

Aos poucos, porém, ele ressurgira. Talvez por ele e Wen terem se apoiado tanto um no outro durante o luto. O restante da família os via caminhando juntos pela propriedade, comendo na mesa do pátio em um silêncio pouco habitual, ou indo lado a lado ao Parque da Viúva para visitar o memorial da família. Ou talvez o retorno de Niko ao convívio familiar tivesse trazido Hilo de volta à vida; instruir o sobrinho nas habilidades de liderança do clã obrigara o Pilar a retomar responsabilidades de um jeito pessoal e necessário. Com o tempo, ele voltou a sorrir, a treinar e a cuidar dos assuntos do clã.

E passou a se interessar, gradualmente, por coisas que antes não lhe despertavam atenção. Sem qualquer estímulo externo, fez uma grande doação à Sociedade Beneficente pela Não Reatividade de Jade. Contribuiu para o conselho escolar público de Janloon e pagou por um novo auditório na Universidade Real de Jan. Embora fosse conhecido por evitar políticos, aparecia inesperadamente diante deles, às vezes com Wen ao lado, para apoiar propostas legislativas que antes jamais considerara importantes: um projeto para impedir discriminação no emprego e nos salários contra pedrolhos e pessoas de ascendência mista. A devolução de milhares de hectares de terras indígenas tradicionais ao controle dos abukianos. Uma permissão limitada para que o exército kekonésio usasse BL2 medicinal em conjunto com seus programas de treinamento, além da redução do nível de educação marcial exigido de recrutas

adultos na Companhia Aranha Dourada; medidas propostas por Jim Sunto quinze anos antes, que Hilo e quase todos os demais haviam combatido à época, mas que agora voltavam a ser discutidas diante da gradual desestigmatização do brilho.

Alguns observadores, especialmente os alinhados ao Montanha, resmungavam que o Pilar do Desponta estava ficando mole, agradando o sentimentalismo de reformistas sem jade já que mantinha próximo de si muitos assessores que não eram Ossos Verdes típicos, ou nem Ossos Verdes num geral. Outros elogiavam o clã por estar se sintonizado com as preocupações sociais do momento e por dar um exemplo de liderança filantrópica.

Anden conhecia a verdade. O primo fazia tudo aquilo por Ru. Todas as causas sociais de Ru, os argumentos que costumava apresentar ao pai sobre o bem que o clã poderia fazer, as coisas com que queria que Hilo se importasse e que o pai tolerara ou ignorara… tudo ganhara outro peso. Agora eram ações que Hilo podia realizar por Ru, coisas que não fizera durante a curta vida do filho, que teriam feito Ru se orgulhar do clã e o deixado feliz por ser um Kaul. A única forma que restara a Hilo de provar que ainda amava o filho.

— Tio Anden.

Maik Cam se aproximou, talvez percebendo que ele encarava o copo plástico de hoji com seriedade demais. O filho de Kehn exibia com orgulho um novo anel de jade e três contas novas numa corrente de platina (discreto e profissional, um visual adequado para um jovem advogado). Conquistara os últimos bens num duelo recente contra um membro descontente do Clã da Montanha, que não reagira bem ao ajuizamento de uma ação por violação de marca registrada. Cam tinha toda a famosa verdejância da família do pai, mas as inclinações acadêmicas vinham da mãe, Lina, que era professora. Tocou a testa numa saudação casual e disse:

— Obrigado de novo por supervisionar meu duelo. Valeu mesmo.

— Você é rápido com a lâmina — elogiou Anden. — Ainda bem que venceu. Prefiro muito mais remendar o seu oponente do que você.

Pelas novas leis, expurgos por lâmina exigiam a presença de ao menos duas testemunhas, uma de cada lado, além de alguém com treinamento médico de emergência. Como o médico Osso Verde mais proeminente do Desponta, a agenda de Anden estava cheia de pedidos para comparecer a confrontos. Essa não fora a única mudança nos costumes dos duelos. Agora havia um período obrigatório de espera de vinte e quatro horas entre o desafio e a luta. Apenas Ossos Verdes podiam duelar com espadas de lua ou facas talon, e havia limites

quanto à quantidade de jade que um combatente podia tomar do oponente que se rendesse.

Tentativas anteriores de impor restrições à tradição do expurgo por lâmina sempre haviam fracassado. A diferença chocante daquela vez fora o apoio público de Kaul Hilo à reforma. Ele chegara a admitir que muitos dos duelos que travara ao longo da vida não tinham sido estritamente necessários. Ossos Verdes, disse ele, podiam ganhar experiência de combate e conquistar jade com menos ferimentos e mortes, e cidadãos sem jade deveriam ser incentivados a resolver disputas por outros meios. Seu próprio filho, declarou o Pilar, talvez estivesse vivo se não tivesse sentido a necessidade de duelar, ou se o expurgo tivesse sido adiado ou melhor controlado.

A mudança de posição do Pilar provocou debates acalorados na comunidade dos Ossos Verdes, mas nem mesmo a tradicionalista família Koben conseguia contestá-la sem soar ridícula, já que Hilo lutara em mais duelos e conquistara mais jade ao longo da vida do que qualquer um deles. O Pilar conduziu a questão com a mesma persuasão afável e perigosa com que comandava o clã, e aquilo que desejava não tardou a acontecer.

Cam sorriu.

— O outro sujeito podia ter me vencido se não estivesse tão esgotado de lidar com o nosso processo — disse, conseguindo ser ao mesmo tempo educado e astutamente puxando o próprio saco. Cam era robusto e tinha os ombros largos, tão alto quanto o pai fora, mas, ao contrário de Kehn, tinha um sorriso fácil e senso de humor. — Cadê o Jirhu? Ele não veio hoje?

— Não — disse Anden. — Isto aqui é… — ele olhou ao redor, para as pessoas ali reunidas — um pouco Osso Verde demais pro gosto dele.

Ele e Jirhuya haviam chegado a um acordo há um tempo. O namorado de Anden comparecia às reuniões da família Kaul, onde se dava bem com todos apesar de agir de modo um pouco mais reservado que o normal, mas evitava grandes eventos do Desponta. Jirhu usava fielmente um anel de jade falsa no polegar direito, não escondia o relacionamento e era aceito pelos Kaul por sua importância para Anden, mas não tinha nenhuma outra associação com o clã.

Com o tempo, Anden passara a valorizar o que, a princípio, lhe parecera uma preocupação exagerada de Jirhu com a ótica da patronagem. Na verdade, era grato pela carreira e pelas preocupações cotidianas do companheiro nada terem a ver com o mundo dos Ossos Verdes. Jirhu era um refúgio do clã. Ouvia os problemas de Anden e o encorajava, mas nunca pressionava por detalhes nem exigia explicações sobre assuntos do clã. Em troca, Anden não pressionava

Jirhuya a interagir com o Desponta além do que lhe fosse confortável, nem sequer para resolver um problema simples por meio de um contato da família Kaul, em vez de encarar o caminho mais difícil por conta própria.

— Niko — chamou Cam, fazendo um gesto para o primo se juntar a eles.

Ao ver Cam, o rosto de Niko relaxou num sorriso. Ele se aproximou, abraçou Anden e Cam com afeto e deixou o primo completar seu copo. Apesar do porte e do aspecto durão, Cam tinha um dom natural para deixar as pessoas à vontade. Sempre que os primos estavam juntos, parecia trazer à tona um outro lado de Niko.

— Por onde você andou, keke? — perguntou Cam. — Os Juen querem saber quando a gente vai treinar junto de novo.

— Agora somos dois engravatados, Cam — disse Niko. — Os Juen vão acabar com a gente.

Os gêmeos Ritto e Din eram ambos Punhos de primeiro ranque.

— É o que eles acham também — respondeu Cam, radiante com a chance de usar a jade recém-adquirida. — A gente devia fazer a nossa parte pra impedir que os Punhos do clã fiquem convencidos demais.

Anden deixou os sobrinhos conversando e foi até Hilo e Shae.

— De onde surgiu tanta gente jovem assim, Andy? — perguntou Hilo. — Mal passou da meia-noite e eu já tô cansado pra caralho. Vamos fugir juntos na encolha pra parecer que estamos discutindo assuntos importantes do clã. — Ele pousou a mão no ombro do primo e os dois seguiram em direção aos elevadores. Anden sorriu, ao que Hilo perguntou: — O que foi?

Ele meneou a cabeça.

— Nada, Hilo-jen. Foi uma boa noite.



O mundo desabou na forma de um simples recorte de jornal que Shae leu enquanto esperava o fim do ensaio de dança da filha. Por trás das janelas à prova de som do estúdio, as meninas saltavam e giravam em sedas esvoaçantes ao som de uma música que ela não conseguia escutar, mas Shae permanecia imóvel no banco, com um rugido ensurdecedor ficando cada vez mais alto dentro dos ouvidos.

O Acordo de Euman.

O martírio de Shae nas mãos dos Faltas deixara cicatrizes emocionais duradouras e arruinara sua tolerância à jade, mas também lhe deixara com uma pergunta latente, a única que seus sequestradores barukânes haviam feito e à qual

ela não conseguira responder: *O que é o Acordo de Euman? Nos conta do Acordo de Euman.* Ela estremecia e sentia o pânico rastejar dentro dela sempre que pensava nisso, e mesmo assim as perguntas voltavam, nadando em seus pesadelos acordada, provocando-a mesmo anos depois.

Qual é o grande plano dos Montanha? Você é a porra da Homem do Tempo do Desponta, sabe o que a Ayt tá aprontando, não sabe?

Investigara todos os negócios tributários e ativos dos Montanha ligados à Ilha Euman. Não havia muita coisa: algumas propriedades no centro da cidade, um serviço de acompanhantes de alto padrão voltado para estrangeiros, um estaleiro. Shae não encontrara nenhuma evidência de que qualquer um deles fizesse parte de um grande acordo com os barukânes.

A Ilha Euman era conhecida sobretudo pela base naval espênica. Teria o Montanha firmado uma aliança secreta com o exército da RDE? A relação de Ayt Mada com os espênicos era ou hostil ou inexistente, então aquilo parecia improvável; embora não impossível. Ainda assim, Shae não achara indício algum de que Ayt estivesse em contato com o governo da RDE. Se estivesse, a Embaixadora Lonard e o Coronel Basso teriam procurado o Montanha, e não o Desponta, para pedir que os manifestantes fossem dispersados.

Sabemos que tão se envolvendo com os Matyos de algum jeito. Foi o que os Faltas haviam dito. *Os Matyos tão movimentando dinheiro pro Montanha. O que eles tão ganhando em troca?*

Ao menos essa parte os espiões do Desponta haviam conseguido confirmar. Os barukânes da Matyos estavam movimentando milhões de sepas shotarianos para contas bancárias no exterior. Informantes de Shae lhe contaram, há muito tempo, que Iwe Kalundo, Homem do Tempo dos Montanha, vinha se desfazendo dos negócios do clã em Ygutan. Talvez fosse apenas porque não queria capital do Montanha preso a um país que estava perdendo a Guerra Latente e afundando em instabilidade política, mas parecia que o clã continuava com o dinheiro travado, sem reinvesti-lo em outro lugar. Aquilo não era do feitio de Ayt. O Montanha e os Matyos estavam acumulando juntos uma reserva de caixa e ativos líquidos. Para quê?

Niko lhe informara que tanto Jim Sunto quanto o CEO da Anorco, Art Wyles, mantinham residências de meio período perto do complexo de treinamento da GSI na Ilha Euman. Talvez o Acordo de Euman tivesse algo a ver com aqueles estrangeiros. Hilo e Lott Jin já tinham espiões do Desponta infiltrados na organização de Sunto, mas não haviam investigado Wyles diretamente. Shae vasculhara tudo o que pudera sobre o homem. Mantinha um dossiê aberto sobre

ele no escritório do clã em Porto Massy, e era informada sempre que seu nome aparecia nas notícias. Agora, ela encarava um artigo do *Tribuna de Porto Massy* do dia anterior, recortado, fotocopiado e enviado por fax junto com outros memorandos e relatórios.

Era um texto curto. Anunciando que Art Wyles, recém-nomeado secretário de Comércio Exterior, apresentara sua renúncia aos cargos de presidente e CEO da Recursos Globais Anorco. Embora a lei não o obrigasse a isso, ele venderia sua participação majoritária a uma empresa kekonísia de investimentos privados cujo nome não fora divulgado. A reportagem concluía informando que a Anorco era avaliada em dezesseis bilhões de thalirs e que os ativos do conglomerado incluíam tecnologia de mineração de jade bioenergética em alto-mar e a Ganlu Soluções Internacionais, uma empresa militar privada. O acordo seria concluído em noventa dias.

O Acordo de Euman.

No estúdio de dança, a aula terminou. As meninas saudaram a professora e começaram a se espalhar, conversando enquanto recolhiam bolsas e sapatos. Tia ficou para trás com outra aluna para ensaiar um trecho da coreografia, saltando com tamanha altura e elegância que parecia prestes a alcançar a Leveza. Tinha toda a aptidão atlética natural de uma filha de Osso Verde, canalizada para o calor humano e a imaginação.

Em circunstâncias normais, Shae se levantaria para juntar as coisas de Tia e acenaria pela janela para lembrá-la de que precisavam ir para casa jantar. Mas permaneceu sentada no banco enquanto um pânico vagaroso começava a se alastrar por dentro dela à medida que todas as peças iam se encaixando.

A “empresa kekonísia de investimentos privados” citada no artigo era o Clã da Montanha. Os recursos obtidos com a venda dos ativos em Ygutan, combinados ao dinheiro dos Matyos, seriam usados para a maior aquisição da história do clã. Ayt Mada assumiria a Anorco e se tornaria dona de sua própria empresa de mineração de jade, com tecnologia e ativos completamente separados da Aliança Jade-Kekon e sem dever satisfação a ninguém. Poderia fornecer jade a forças militares e outras organizações ao redor do mundo, sem supervisão de outros clãs. Também passaria a controlar a GSI, que dispunha de soldados usuários de jade, centros de treinamento, helicópteros, armamentos e sabe-se lá que outros recursos militares. A Anorco e a GSI tinham escritórios, pessoal e ativos na Espênia; assim, de uma só tacada, o Montanha ultrapassaria a presença do Desponta na RDE. A aprovação do projeto que revogara a proibição da jade, pelo qual Shae passara tantos anos lutando obstinadamente, acabaria,

por ironia, beneficiando mais o Montanha do que qualquer outro.

Em troca da parceria financeira no Acordo de Euman, Ayt Mada daria aos Matyos jade e poder militar suficientes para assegurar domínio completo sobre o submundo shotariano, especialmente em Oortoko do Leste, assolado pelo crime organizado após o enfraquecimento do controle de Ygutan. Ela não apenas faria as pazes como selaria a lealdade das facções barukânes em seu clã que haviam sido alienadas pelos Koben.

Tia saiu do estúdio.

— Tô morrendo de fome — exclamou, enquanto calçava os sapatos. — O que o pai vai fazer pro jantar? — Quando Shae se levantou sem responder, a filha olhou para cima. — O que houve?

— Nada, Tia-se — murmurou Shae. — Só… pensando em trabalho.

Caminharam até o carro enquanto um dos seguranças de Shae seguia atrás e abria a porta. Desde que parara de usar jade, ela precisava conviver com segurança pessoal o tempo todo. No caminho para casa, Tia falou dos ensaios da peça da escola, da prova de matemática que se aproximava, de uma calça jeans de marca que queria comprar. Shae não conseguiu ouvir nada. Pensava que a aquisição da Anorco por Ayt seria celebrada como uma grande vitória nacional, uma repatriação de recursos kekonésios arrancados da odiada mineradora estrangeira, justamente a empresa contra a qual milhares de pessoas protestavam naquele exato momento.

O apoio público ao Clã da Montanha dispararia em pleno ano de eleições do Conselho Real. Supondo que todos os novos cargos distritais em Lukang fossem ocupados por políticos leais ao clã tributário União das Seis Mãos, o Montanha estaria prestes a controlar uma maioria decisiva no Conselho Real, algo que nenhum dos clãs conseguira por anos. Com tanto poder (militar, financeiro, político), Ayt instalaria o sucessor de sua preferência. Não precisaria mais dos números nem da popularidade da família Koben. A grande conquista de Iwe Kalundo como Homem do Tempo lhe daria justificativa de sobra para ignorar o sobrinho e nomear seu fiel aliado como o próximo Pilar do Montanha, garantindo que sua vontade continuasse a prevalecer.

Como ela conseguiu? Shae teve vontade de gritar a pergunta. Como Ayt forçara o magnata espênico Art Wyles a vender um conglomerado de bilhões de thalirs? Que tipo de trunfo possuía para obrigá-lo a entregar seu império empresarial, sua reivindicação sobre a jade kekonísia, seu compromisso de Baluarte da Verdade com a Operação Corta-Fogo? Não podia ser algo tão simples quanto uma ameaça de morte. Aquilo era algo que vinha sendo

planejado havia anos.

Shae ficou sem palavras, tomada de assombro. Devia ter lido as nuvens. Ayt Mada era simplesmente uma Homem do Tempo melhor do que ela, uma estrategista de um nível que Shae jamais poderia almejar alcançar. Onde outros buscavam honra ou vingança, Ayt buscava apenas *controle*.

— Mãe? Mãe, a senhora tá me ouvindo? Tem certeza de que tá bem? Parece que alguma coisa tá te incomodando. — Tia a encarava com um biquinho de preocupação.

Shae sentiu um aperto no peito, a abertura de um abismo. Era isso que significava não mandar a filha para a Academia, não a criar como uma Osso Verde. Tia vivia numa bolha de preocupações comuns de pré-adolescente. Mesmo quando crescesse, jamais entenderia por completo os próprios pais ou o restante da família.

— Desculpa, é… coisa de clã. Nada pra você se preocupar — disse Shae quando o carro parou em frente à casa da Homem do Tempo. — Vai tomar banho pro jantar.

Tia entrou correndo, largando a mochila perto da porta e gritando um oi para o pai enquanto subia as escadas. Shae a seguiu devagar. A casa cheirava a alho, especiarias e carne no fogo. Woon saiu da cozinha, enxugando as mãos num pano.

— Dessa vez eu não deixei o pato defumar demais — disse, orgulhoso.

Woon quase não cozinhara antes dos 50 anos, mas agora era muito mais habilidoso do que ela. Ao ver a expressão da esposa, ou talvez ao Perceber o turbilhão de emoções, ele parou e o sorriso foi esmaecendo de seu rosto. Shae foi até o marido e o abraçou; apoiou a cabeça no peito largo dele, sem dizer nada.

Não importava o quanto o Desponta crescesse ou quão fortes fossem seus guerreiros e negócios. Não havia como competir com armas tão aterradoras. Ayt Mada acabaria destruindo a família Kaul e tomando o Desponta. Poderia ser um golpe rápido e bem orquestrado, ou uma derrota lenta e inexorável. De um jeito ou de outro, o desfecho não estava em dúvida.

Acabou, pensou Shae. *Ayt venceu. Estamos perdidos*.



— Não estamos perdidos enquanto ainda estivermos vivos — disse Hilo.

Shae convocara uma reunião imediata. A liderança do Desponta se reunira no escritório do Pilar, na casa Kaul. Quando Shae era criança, aquele cômodo parecia enorme e intimidante. O avô, o Homem do Tempo dele e o Chifre

sentavam-se em poltronas de couro, fumando e discutindo assuntos do clã, às vezes até tarde da noite.

Agora, o escritório parecia íntimo e conspiratório. Hilo estava largado na maior poltrona, batendo a borda de uma carta de baralho na coxa. Mantinha cartas espalhadas por toda parte para ocupar as mãos sempre que sentia vontade de fumar. Lott estava de pé ao lado da televisão de tela plana. Wen e Shae dividiam o sofá, e Anden ocupava a poltrona restante. Shae expusera todas as suas conclusões, detalhando cada aspecto do golpe de mestre de Ayt Mada.

— É um plano brilhante e elegante — admitiu.

Hilo girou a carta entre os dedos e olhou ao redor para a família, seus conselheiros mais próximos.

— Sempre soubemos que teríamos de enfrentar Ayt diretamente outra vez, pra terminar o que foi começado há tanto tempo — disse. — Todos esses anos de guerra latente entre os clãs serviram pra nos tornar fortes o bastante. Ficamos grandes demais pra engolir, grandes demais pra matar, então agora a Ayt precisa apostar tudo o que tem. O problema de planos brilhantes e elegantes é que não precisa de muito pra acabar com eles.

— O Acordo de Euman vai ser firmado em menos de noventa dias — falou Shae.

— Então obviamente não temos muito tempo — respondeu Hilo, um tanto impaciente. — Quando algo precisa ser feito, sempre existe um jeito. Então vamos decidir que jeito vai ser esse.

Horas de discussão se seguiram naquela noite e nas próximas. Telefonemas foram feitos, voos reservados, reuniões marcadas. O Desponta era um monstro com braços que se estendiam pelo mundo, e precisaria mover vários deles rápido, em silêncio e no momento certo, brandindo armas cultivadas e mantidas ocultas até então. Noventa dias. O Dia do Barco se aproximava. Quando chegasse o Festival de Outono, ou o Clã da Montanha estaria, de fato, no controle do país, ou o reinado de Ayt Mada teria chegado ao fim. Era oito ou oitenta. A última grande aposta que qualquer um dos clãs poderia fazer.

Para surpresa de Shae, o irmão não parecia compartilhar do seu temor, ao menos não externamente. Hilo dava as ordens e fazia os preparativos que acabariam por condená-los ou salvá-los, mas também falava de planos para o verão, de talvez tirar uma semana de férias para viajar com Wen, Niko e Jaya antes que tudo ficasse movimentado demais.

— Ouvi falar bem do Vale Bittari, em Tomascio — disse ele. — Você, o Woon e a Tia podiam alugar a vila vizinha.

Encomendou projetos de reforma para a propriedade, alegando que o pátio parecia datado e que precisavam de um home theater maior e de um salão de treinamento melhor. Passou muitas horas com Niko, em conversas das quais Shae não participou.

— Com o que mais a gente deveria se preocupar? — perguntou a ela certa noite, quando Shae expressou incredulidade diante da aparente falta de preocupação do irmão. Os dois estavam sentados no pátio, depois que o calor dissipara os últimos resquícios do Suor do Norte. — Você não lembra que uma vez passamos a noite inteira aqui sentados, na véspera do Ano-novo, achando que talvez fôssemos morrer em pouco tempo? E olha a gente aqui. Tanta coisa boa aconteceu desde então, e também tanta coisa terrível, que fica difícil ter medo de qualquer probabilidade. O que tiver que acontecer vai acontecer, então o mais importante é valorizar o que temos e as pessoas que a gente ama.

Ele tirou do bolso interno do paletó um único cigarro guardado e um isqueiro e, enquanto acendia, disse:

— Vou fumar um, só pra garantir caso seja o último. Não conta pra Wen.

Shae ergueu o olhar para o céu que se estendia sobre as luzes da cidade. Não conseguia compartilhar da aparente serenidade do irmão. O Desponta era tudo o que ela um dia esperara que se tornasse: uma entidade poderosa, moderna, internacional, verdejante na essência, mas muito mais do que a soma de sua jade ou de seus guerreiros. Era difícil demais aceitar que, depois de uma vida inteira de esforço, depois de tudo o que haviam conquistado e sacrificado, ainda pudessem perder para um inimigo que mantiveram à distância por décadas, como uma cidade antiga soterrada no auge da glória pelo vulcão cuja sombra ameaçadora sempre pairara sobre ela.

Tia é muito nova. Ela ainda precisa de mim.

— Como você consegue, Hilo? — perguntou em voz alta. — Como você lida com este mundo mesmo sem acreditar nos deuses?

Hilo soltou duas baforadas de fumaça e se recostou, satisfeito enquanto seu olhar ia perdendo o foco. Shae sabia que ele estava estendendo a Percepção, talvez sentindo onde todos estavam enquanto fazia um circuito mental pela propriedade Kaul; Wen no andar de cima da casa principal, Woon e Tia do outro lado do pátio, a mãe deles fazendo alongamentos lentos no jardim, Lott e Niko em treinamento noturno com um pequeno grupo de Punhos no campo atrás da residência do Chifre. Ou talvez estivesse lançando seus sentidos de jade ainda mais longe, deixando o fervor energético da cidade ao redor inundá-lo, observando-a à distância como um leão sobre uma rocha.

— Como a gente consegue? — Hilo suspirou fundo. — Você, mais do que ninguém, já sabe a resposta, Shae. A gente não lida com este mundo. A gente faz o mundo lidar com a gente.




CAPÍTULO 55

Os Facas Miúdas

Kaul Jaya escolheu alguns de seus melhores Ossos Verdes e viajou da sua base na península de Toshon até a cidade de Lukang. Antes de partir, falou com o pai por telefone. O Pilar lhe disse:

— Lott Jin vai mandar os gêmeos Juen pra aí com mais vinte dos nossos guerreiros. Eles chegam amanhã de noite.

— Até lá eu já vou ter resolvido — garantiu Jaya. — Eles podem ajudar na limpeza.

— Deixa de ser convencida — disse Hilo. — Limpar é a parte mais difícil.

— Tô brincando, pai — respondeu Jaya. Só que não era tão brincadeira assim. Ela queria concluir a missão rápido e sozinha, para provar ao pai que, junto de sua equipe, dava conta de missões difíceis e não precisava da ajuda de Janloon. Suspeitava que fora Lott Jin quem convencera o Pilar a lhe dar aquela responsabilidade importante. Se dependesse do pai, pensou Jaya, ele a teria levado de volta para Janloon, para que morasse em casa e ficasse patrulhando algum distrito seguro e chato tipo Planície Verde, onde ele pudesse ficar de olho nela. Depois da morte de Ru, ele quis que a filha voltasse imediatamente. Ela tivera de discutir e implorar para poder ficar em Toshon.

— Jio Somu já virou um lobo velho — lembrou Hilo. — Ele traiu o próprio tio e se manteve como Pilar do União das Seis Mãos desde então. Os Punhos e

Dedos dele são treinados pelo Montanha. Não o subestime.

— Relaxa. Eu sei o que tá em jogo.

— Com que frequência você tem treinado? — perguntou o pai. — Quando foi a última vez que duelou?

— Todo dia, pai. E eu duelei mês passado. Segui as regras novas e tudo. Era uma ex-Punho do velho clã Jo Sun; ela era boa, rápida pra caramba, e eu ganhei duas pedras novas com isso. — O pai ficou em silêncio, e Jaya disse: — Não se preocupa tanto, pai. — Ele não costumava ser assim.

— Depois disso, a gente precisa conversar sobre quando você vai voltar pra Janloon. Tô com saudade, Jaya-se.

— Eu também, pai. Te amo.

Ela fechou o celular e foi até o Brock Compass estacionado. Eiten Asha e Noyu Kain estavam guardando as últimas malas, armas e equipamentos no porta-malas espaçoso.

— Deixa o cooler no banco de trás — gritou Icho Tenn lá de dentro do SUV. — Tem bebida e lanches.

A viagem até Lukang tomou quase o dia inteiro. De trem teria sido mais rápido e, em mais dois anos, quando a obra da linha nacional de alta velocidade ficasse pronta, o trajeto levaria menos de duas horas. Mas, considerando tudo o que precisavam levar, dirigir era a única opção. Em certos trechos avançaram lentamente, já que muitas estradas na península eram de faixa única e nem sempre bem cuidadas. Ainda assim, o Brock encarava os buracos com facilidade, e não estavam com pressa.

Pararam no caminho pra tirar foto da paisagem costeira e almoçar na cidadezinha de Yanshu. Tenn dirigia, com Jaya no banco do carona; Asha e Kain iam atrás. O calor do verão se intensificou no meio da tarde, quando as estradas se abriram pelas regiões mais planas do interior de Kekon. Os quatro jovens Ossos Verdes tocavam Shotopop com as janelas abertas e falavam de brigas em que tinham se metido, filmes que tinham visto recentemente, o melhor e o pior sexo que já tinham feito, e se alunos de verão e de residência parcial da Academia Kaul Du podiam ser considerados formados de verdade ou não. Os quatro vinham de famílias tradicionais de Ossos Verdes e desprezavam os “verdes-claros”, mas, como Tenn disse:

— Nem todo mundo consegue ser lapidado.

Concordaram que Danny Sinjo era lapidado, mas que o outro ator, o espênico, claramente usava dublês e cabos. Asha fez cara de nojo:

— Aquela cena no telhado. Você já viu um estrangeiro usar Leveza daquele

jeito? Nem ferrando.

Jaya apoiou um braço para fora da janela, batucando o ritmo da música na lataria do Brock, rindo e brincando, com um astral alto apesar de estar dirigindo rumo a um perigo certo. Ou talvez fosse justamente por isso que o gosto pela vida ficava maior. Ela tinha orgulho do que conquistara nos últimos quatro anos. Toshon não era nem de longe uma cidade tão grande e importante quanto Janloon, mas crescera e contribuíra com o clã num momento crucial, e fora lá que Jaya ascendera e se tornara Punho por mérito próprio. No extremo sul, as pessoas pouco ligavam para as dinâmicas do clã na capital. Mesmo que a rivalidade entre os Montanha e o Desponta afetasse o país inteiro, os sulistas tinham suas próprias preocupações.

Os maiores problemas eram desemprego e drogas. Jaya passava mais tempo do que gostaria ao telefone com a tia Shae e o pessoal do escritório da Homem do Tempo, pressionando por patronagem para novos Lanternas na região. Se aliava ao governo municipal e à polícia para combater o crime e atrair mais negócios e visitantes do norte para a península. E ia para cima do tráfico (farinha doce, areia, zunir e, claro, brilho) com a eficiência brutal não só de uma janloína, mas de uma Kaul. Nessa área, Jaya não tinha o menor problema em se apoiar na reputação do pai. Traficantes perdiam um polegar na primeira infração, o outro polegar na segunda, e tinham a garganta aberta na terceira.

Ela montou um núcleo de Punhos em ascensão leais a ela: jovens Ossos Verdes, conhecidos por trabalhar duro e festejarem ainda mais. Eiten Asha, de olhos cinzentos, a única outra mulher do time original mandado de Janloon, era dois anos mais velha do que Jaya e reconhecida como uma Osso Verde que, de tão durona e competente, muita gente ficaria surpresa ao descobrir que também era herdeira da famosa destilaria de hoji Beleza Maldita. Noyu Kain, irmão mais velho de Noyu Hana, colega de turma de Jaya na Academia, tinha se transferido para o sul para trabalhar especificamente para ela. Icho Tenn era membro da antiga família dominante do clã Jo Sun; era o único do grupo nascido em Toshon, mas se dava bem com todo mundo e era profundamente leal à própria cidade. Juntos, comandavam por volta de sessenta Dedos.

Como Punho mulher, Jaya não podia contar com a possibilidade de que seria obedecida automaticamente, nem mesmo com toda a jade que usava. Não se via conseguindo sustentar a pose autoritária de Ayt Mada, nem a competência fria da tia Shae. Além do mais, aquelas velhotas indiferentes ficavam em salas de reunião. Jaya precisava achar um estilo próprio.

No começo, muitos Dedos a seguiam porque ela era conhecida por ser

divertida e generosa: fazia noites de cinema, treinos em grupo, tomava decisões como equipe quando dava, o que era possível num território menor. Com dinheiro confiscado do tráfico, Jaya comprou duas casas grandes que viraram ponto de encontro social para seus Ossos Verdes e muitas vezes palco de bagunça, bebida e promiscuidade. Brilho e outras drogas, no entanto, eram terminantemente proibidos.

O primeiro Dedo que pegou desobedecendo suas regras, ela mandou de volta pra Janloon. O segundo, amarrou numa cadeira e arrancou as pedras de jade das orelhas e do nariz, deixando o cara desfigurado para sempre, antes de expulsá-lo. Ela nunca usava o sobrenome da família como arma, mas nem precisava. Todo mundo murmurava que ela era filha do pai. Sua equipe ficou conhecida como os Facas Miúdas, e a fama da cultura unida do grupo chegou até Janloon.

Jaya e seus amigos chegaram na periferia de Lukang antes do jantar e passaram a noite num hotelzinho fora da cidade, para que não fossem notados ou e reportados a qualquer Osso Verde local. Na manhã seguinte, tomaram um brunch à beira da estrada num lugarzinho que vendia macarrão, então foram de carro encontrar mais seis Facas Miúdas que tinham vindo no dia anterior em outros dois veículos. Juntos, foram ao clube Grande Trinca, onde Jio Somu costumava aparecer em quindias.

A placa do lado de fora do prédio dizia em letras brancas grandes: RINHAS DE GALO. FLIPERAMA. INTERNET. Tenn deu uma volta no quarteirão e deixou Jaya, Asha e Kain na esquina, antes de ir embora. Os três Ossos Verdes entraram. O Grande Trinca era um lugar velho e mofado, tentando se atualizar na marra com atrações e comodidades modernas. À esquerda, havia um ringue pequeno de rinha de galo com terminais eletrônicos de aposta. Àquela hora, cedo, estava vazio, exceto por dois treinadores entediados sentados em bancos, falando dos bichos e esperando mais gente aparecer. À direita, havia uma sala com vários computadores atrás de um balcão que vendia salgadinhos, e um cartaz com uma tabela de preço a cada quinze minutos de utilização das máquinas.

Jaya avançou pelo salão e encontrou Jio Somu, Pilar do clã União das Seis Mãos, sentado a uma mesa redonda num reservado ao fundo, almoçando com dois de seus Ossos Verdes. Três guarda-costas ficavam por perto, com as mãos já nos cabos das pistolas e nos punhos das facas e auras de jade zunindo. Tinham Percebido os Punhos do Desponta assim que entraram.

— Jio-jen — disse Jaya, aproximando-se com um sorriso e saudando-o com respeito. — Meu nome é Kaul Jayalun, e fui enviada em nome do meu pai, o

Pilar do Desponta, com uma proposta importante pro clã União das Seis Mãos. Posso me juntar a vocês?

Jaya via que Jio Somu tinha sido bonito na juventude. Agora, na faixa dos quarenta e tantos, a cor do cabelo estava desbotando, mas ele ainda tinha um queixo marcado e pele esticada ao redor de olhos astutos, protegidos por óculos de lente âmbar. Muita gente tentara matar Jio ao longo dos anos, e a paranoia que ele desenvolvera tinha valido a pena. Como um dos poucos Pilares que não estava na reunião da Aliança Jade-Kekon no dia do atentado em Janloon, teve a oportunidade de fortalecer o União das Seis Mãos em Lukang enquanto outros clãs menores sofriam e se desintegravam.

Jio puxou os óculos pra baixo e encarou Jaya e os dois acompanhantes dela com uma mistura de desconfiança e entretenimento.

— Desde quando o Desponta manda as crianças pra fazerem propostas de negócio?

O olhar dele percorreu Jaya da cabeça aos pés. Ela usava tênis da moda, uma saia veranil estampada e uma blusa vermelha com mangas abertas e decote arredondado debaixo de um colete de couro feito sob medida que sugeria uma versão moderna e feminina da vestimenta tradicional de luta dos Ossos Verdes. Peças de jade dispostas com cuidado brilhavam no colar de torque dourado do pescoço e nas braçadeiras.

— Jio-jen, minhas palavras são só pros seus ouvidos — disse Jaya, lançando um olhar significativo para as outras pessoas no bar: treinadores de galo, garçons e os poucos clientes.

Jio arqueou as sobrancelhas, curioso e desconfiado. Então falou para os dois subordinados Ossos Verdes:

— Façam essa gente sair e depois esperem na porta. Impeçam qualquer outra pessoa de entrar.

Ele avaliou os dois jovens Punhos de cada lado de Jaya. Não se sentia especialmente ameaçado (usava mais jade do que os dois), mas disse:

— Se seus guarda-costas ficam, os meus também.

— Você quem sabe — respondeu Jaya, sem se abalar.

Quando os companheiros de almoço do Pilar saíram a contragosto, Jaya deslizou até o banco acolchoado ao lado de Jio. Os guarda-costas dele se aproximaram, mas Jio fez um gesto mandando voltarem para os seus postos. Kaul Hiloshudon não sacrificaria a própria filha numa tentativa de assassinato.

— Posso tomar um pouco desse chá gelado? — perguntou Jaya. — Tá um calor desgraçado na sua cidade hoje.

Jio serviu um copo do chá cítrico e empurrou para a garota, observando a garganta pálida subir e descer enquanto ela bebia. Quando terminou, Jaya limpou com o dedo a meia-lua de batom que ficara na borda do copo.

— Jio-jen — disse ela, sincera enquanto o encarava nos olhos —, o União das Seis Mãos é um tributário fiel dos Montanha há muitos anos. Mas você é obviamente um homem prático, que coloca os próprios interesses em primeiro lugar. Afinal de contas, você traiu seu tio e viu ele ser assassinado na sua frente, então dá pra dizer que você é flexível com lealdades.

A expressão divertida e tolerante sumiu do rosto de Jio.

— Kaul Hilo é tão delirante assim que, depois de todos esses anos, acha que consegue *comprar* minha lealdade?

Os olhos de Jaya se arregalaram, e ela disse com veemência:

— Eu juro pela minha jade que meu pai não te insultaria oferecendo suborno nenhum! Ele entende que você é leal de verdade a Ayt Mada. Alguns diriam que você é um aliado melhor pra ela do que os próprios Koben. Ele só tá, por cortesia de um Pilar pro outro, te dando a chance de mudar de lado agora e se salvar de ter o mesmo destino do Montanha. — Jaya deu um sorriso vencedor. — Ele me mandou dizer que aquela velha desgraçada da Ayt Mada vai cair já, já, e ele ficaria feliz em deixar qualquer inimizade com o União das Seis Mãos no passado e aceitar seu juramento como tributário do Desponta.

Jio piscou, e então soltou uma risada exagerada que veio do fundo da garganta. O sorriso voltou.

— Jaya-jen — começou ele, usando o nome pessoal dela como se fossem amigos —, sua família tenta derrubar o Montanha há décadas. Você me desculpa se eu tô bem confiante de que a Ayt-jen vai continuar sendo Pilarisa por muitos anos.

— Eu não posso te dar os detalhes de como exatamente o Desponta vai derrubar a Ayt, só a garantia do meu pai de que vai acontecer em breve — disse Jaya. — Ayt vai ser sucedida pela família Koben e, pelo que eu entendo, eles não gostam muito de vocês. Vocês são sulistas, eles são nortistas, e eles também desprezam os imigrantes barukânes no seu clã. Então, sob o comando do Ayt Atosho, você não pode esperar ter o mesmo status de tributário preferido que tem agora.

Ela chamou Asha e Kain, que estavam ali perto.

— Tem mais alguma coisa que eu tô esquecendo?

— Tem a questão do embargo, Jaya-jen — disse Asha, prestativa.

— Ah, é. — Jaya bateu na própria testa e se virou para Jio. — Já que parece

provável que o Conselho Real normalize relações entre Kekon e as Ilhas Uwiwa, o tráfego marítimo vai voltar pra Lukang, e o Desponta ainda controla as docas aqui. Então seria melhor pra você se o seu clã se aliasse ao nosso. A alternativa, claro, é afundar com a Ayt. Mas por que você ia querer uma coisa dessas?

Jaya Percebia a aura de jade de Jio brilhando num desprezo presunçoso. Ele a via como uma princesinha mimada de 23 anos brincando de ser Punho e se safando por indulgência do pai. Não era a primeira vez que Jaya encontrava essa reação (na verdade, agora até contava com isso), mas era algo que ainda a irritava.

— Você é bem confiante, né? — disse Jio. — Vir até Lukang pessoalmente pra sugerir que eu traia meu aliado mais antigo só com base na palavra de uma garota bonita.

Jaya manteve o sorriso, mas desviou o olhar.

— É muita gentileza sua dizer isso, mas na verdade eu tô bem nervosa, sabia? Meu pai confiou em mim a ponto de me pedir pra fechar uma aliança dessas. — Ela mexeu num dos brincos de jade. — Você acha mesmo que eu sou bonita?

Jio riu e se aproximou no banco.

— Eu não sou cego. Por que seu pai te mandou pra Lukang *de verdade*? — Quando Jaya fez cara de confusa, ele baixou a voz e sussurrou: — Eu sei como esses joguinhos funcionam. Você é uma das melhores cartas do baralho do seu pai, né? Uma que ele vem guardando faz tempo.

Jaya sabia muito bem dos pretendentes e famílias que abordavam seu pai como se ela fosse um prêmio. De forma egoísta, ficou aliviada com a volta de Niko, já que isso significaria menos especulação do clã sobre a vida pessoal dela. Ainda assim, não era surpresa que até Jio Somu, um homem conhecido por ser extremamente cauteloso, reagisse com presunção a qualquer minúscula abertura. Debaixo da mesa, o joelho dele encostou no dela e ficou ali.

— É pelas cadeiras de Lukang no Conselho Real, né? Kaul Hilo não quer que elas vão pro Montanha.

Jaya se arriscou: estendeu a mão e pousou sobre o joelho de Jio, o mesmo que pressionava o dela. Baixou a voz e o olhar.

— Meu pai poderia ter mandado um pelotão de Punhos pra impor um ultimato, mas não mandou. Mandou a única filha pra falar com você, pra que leve a proposta a sério e veja que a gente quer uma conversa amistosa, não uma ameaçadora.

— É uma jogada política e tanto, o que me surpreende vindo do Kaul Hiloshudon — disse Jio. — Seu pai não é conhecido pela sutileza. Talvez tenha

ganhado juízo com os anos.

— Me disseram que às vezes acontece — respondeu Jaya. — Então… *você* tem juízo o bastante, Jio-jen, pra aceitar essa oferta que minha família tá estendendo? O que eu devo dizer pro meu pai?

Jio passou a língua pelo lábio inferior. Os olhos dele passearam devagar pelo rosto e pelo corpo de Jaya.

— Eu precisaria de mais informações pra decidir o quanto uma mudança de lealdade vale a pena. — Ele olhou pros dois Ossos Verdes do Desponta, que observavam, atentos. — Você podia vir jantar comigo hoje. Mandar seus guarda-costas embora pra gente discutir essa aliança com mais… profundidade.

Debaixo da mesa, ele pôs a mão por cima da dela.

Jaya puxou a mão e a cabeça pra trás enquanto entreabria os lábios numa arfada curta.

— Jio-jen — disse ela, fingindo incredulidade. — Você tá dizendo que… estaria disposto a trair os Montanha e ficar do lado da minha família se pudesse me comer?

— Claro que não — respondeu Jio. — Teria que ser bem mais do que uma transa.

Jaya se levantou.

— Eu vim aqui discutir uma aliança séria. Você tá insinuando que eu sou uma puta, e que meu pai esperaria que eu te seduzisse por ganho político.

— Eu não vejo o que mais o Desponta tem pra oferecer — disse Jio, com um sorrisinho.

Os olhos de Jaya faiscaram. Não importava que Jio Percebesse a raiva sincera e a malícia dela.

— Eu consigo ignorar um insulto. Mas não quando é contra meus pais. Jio Somusen, Pilar do União das Seis Mãos, eu te ofereço um expurgo por lâmina.

A boca de Jio se abriu. Depois ele caiu na gargalhada, rindo alto. Os guarda-costas dele morderam os lábios, lutando pra não rir junto. Nem perceberam que o jeito manhoso de Jaya e o teatrinho de indignação também tinham sumido. Ela ficou parada, impassível, esperando.

Jio parou e limpou as lágrimas de riso no canto dos olhos com um guardanapo.

— Vai pra casa, princesinha. — Ele fez um gesto em direção à porta do bar. — Eu teria te dado uma bela de uma noite, sabia? Eu não iria pro lado do Desponta, mas foi divertido ver você tentando me convencer, principalmente sendo tão ingênua. Volta pro seu pai e diz pra ele que ele vai ter que se esforçar

mais.

— Então você recusa meu expurgo por lâmina? — perguntou Jaya.

Jio meneou a cabeça, sorrindo.

— Você realmente é uma peça. Homem que se respeita não duela com garotas. Vou te dar um conselho: se você quer ter valor pro seu clã, para de brincar de ser Punho e usa os recursos que você tem.

— Eu não pedi seu conselho — rebateu Jaya. — Homem nenhum concordou em duelar comigo ainda, mas isso não significa que eu vou parar de oferecer expurgo por lâmina quando me insultarem. E agora eu vou ter que decepcionar meu pai, dizendo que você recusou a nossa amizade.

— Pois diga mesmo — falou Jio. — Diga pra ele que eu tô ansioso pra ver a Ayt Mada esmagar o Desponta igual a um caracol.

— Vamos — chamou Jaya, falando com seus Punhos.

Os três saíram do Grande Trinca sob risadinhas dos homens do União das Seis Mãos. Um dos guarda-costas de Jio os seguiu e abriu as portas da frente, fazendo sinal pra Jaya passar com uma cortesia exagerada. Ela ainda ouvia as risadas quando as portas se fecharam.

Jaya abriu o celular e apertou a discagem rápida.

— Agora — disse ela pra Tenn.

Em segundos, três Brock Compasses cheios dos Facas Miúdas chegaram grunhindo de direções diferentes e cercaram o prédio. Jovens Ossos Verdes do Desponta pularam dos carros com metralhadoras Fullerton e estouraram as janelas do clube com rajadas de fogo automático. Rugindo com Força, Tenn arremessou duas granadas incendiárias. A estrutura antiga de madeira foi engolida por chamas carmesins.

Do outro lado da rua, Jaya sentiu o calor intenso atacar a pele. Ela se imbuiu de Aço e cobriu o nariz e a boca com um lenço, mas se manteve perto o bastante pra Perceber a dor e o terror dos homens lá dentro. Alguns nunca conseguiram sair, mas Jio Somu e dois dos guarda-costas tinham habilidade de jade suficiente pra escapar do inferno. Defletindo através do fogo e usando o Aço contra queimaduras, conseguiram se atirar por uma das janelas quebradas num borrão de Força e Leveza; estavam com os cabelos e roupas pegando fogo, gritando como fantasmas elementais. Os Facas Miúdas os derrubaram com saraivadas de metralhadora. Jio Defletiu a primeira rajada, mas não a segunda e nem a terceira. Nem o melhor Aço aguentava um ataque à queima-roupa daqueles. O Pilar do União das Seis Mãos, que dominara Lukang por vinte anos, caiu na calçada num amontoado retorcido.

Jaya cuspiu no chão.

— E desses meus atributos, você gosta?

Tinha que agradecer a Jio Somu. Se ele não se sentisse tão seguro depois de sobreviver a tantas tentativas de assassinato, talvez não a tivesse subestimado. Quando Jaya se tornara Punho, o pai lhe dissera:

— Pela minha experiência, contanto que seus amigos tenham uma opinião boa de você, não faz a menor diferença o que seus inimigos acham. Quanto pior te considerarem, melhor.

Noyu Kain ligou para os bombeiros e para a polícia. Quando chegaram, os Facas Miúdas já tinham apagado a maior parte do fogo. Asha e outros dois tinham aberto o hidrante mais próximo, e vários Ossos Verdes estavam Defletindo o jato na direção das chamas. Os prédios vizinhos sofreram dano, mas não havia ninguém dentro. Enquanto Jaya estava no Grande Trinca falando com Jio, telefonemas haviam sido feitos para os comércios ao lado para discretamente esvaziarem o quarteirão.

Mais tarde, ficou determinado que houve uma vítima civil: o gerente de cozinha do Grande Trinca, amigo do primo de Jio, não saíra com o resto, acabara preso no incêndio e morrera. Era lamentável, mas Jaya podia explicar a todos que obedecera ao aisho até o máximo possível do que seria razoável. Não sentia culpa pela morte de um espectador que não soube o que era melhor para si mesmo.

Vans da imprensa chegaram minutos depois dos serviços de emergência. Jaya se conferiu no retrovisor lateral do Brock. Estava com o rosto coberto de cinzas, mas a maquiagem aguentava bem até demais; disse a si mesma para não se esquecer de comprar mais daquele delineador à prova d’água. Prendeu a espada da lua na cintura.

— Como eu tô? — perguntou para Eiten Asha.

A amiga fez bico, crítica, ajeitou um pouco o colar de torque de ouro cravejado de jade no pescoço de Jaya e deu um joinha entusiasmado.

— Eu assumo toda a responsabilidade pelo que aconteceu aqui — disse Jaya, solene, para os cinegrafistas que a cercavam. — Meu pai me mandou pra Lukang pra discutir uma melhora na relação com o União das Seis Mãos. O Desponta se opõe a Jio Somu há vinte anos, desde que ele traiu o tio, o Pilar legítimo do clã, e minha tia quase foi morta no fogo cruzado. Mesmo assim, estávamos prontos pra finalmente virar a página nesta cidade.

Jaya olhou, pesarosa, para a estrutura queimada do Grande Trinca.

— Em vez disso, Jio Somu fez investidas sexuais ameaçadoras contra mim.

Pelo insulto à honra da minha família, eu ofereci um expurgo por lâmina, e ele recusou. Meus Punhos testemunharam tudo, e qualquer Osso Verde é bem-vindo pra Perceber que o que a gente tá dizendo é verdade.

Jaya abaixou os olhos por um instante, deixando o óbvio nas entrelinhas. Ofender uma família como os Kaul e não pedir desculpas nem resolver a questão com um expurgo por lâmina não deixava escolha: a retaliação era inevitável.

— Ao restante do clã União das Seis Mãos — disse Jaya —, o Desponta não quer briga com vocês. Minha família vai ficar feliz em sentar e conversar sobre como vamos coexistir em Lukang.

Niko podia ser péssimo diante da imprensa (rígido e antipático para qualquer telespectador casual), mas Ayt Ato não era o único Osso Verde que sabia sair bem na câmera.

— Você espera retaliação do Clã da Montanha? — gritou um repórter.

Jaya fizera a mesma pergunta quando o Pilar e o Chifre lhe deram aquela missão.

— Aben Soro nunca gostou de Jio Somu, então não vai querer perder gente dele pra vingar Jio — respondera Lott —, mas o Montanha vai ter que mandar Ossos Verdes de Janloon pra impedir que a gente tome conta de toda Lukang.

— Que é o que o Aben vai esperar que a gente tente fazer assim que ouvir a notícia — concordara Hilo.

Era devido ao elemento surpresa que estavam contando com os Facas Miúdas de Jaya. Qualquer grande movimentação de guerreiros do Desponta de Janloon para Lukang teria alertado os Montanha, que por sua vez teria alertado o União das Seis Mãos. Acontece que os Montanha não prestavam atenção em Toshon.

— A Ayt Mada e o Aben Soro podem mandar todos os Ossos Verdes que quiserem — dissera o pai de Jaya. — A gente não precisa tomar Lukang. A gente só precisa confundir pra caralho a situação lá.

Jio Somu tinha filhos, mas ambos eram novos demais para sucedê-lo. O Chifre dele poderia assumir, mas não era popular dentro do clã. A maior parte dos membros da família Jio que tinham sido leais ao antigo Pilar já havia se juntado ao Desponta, e, com a morte de Jio, era provável que houvesse mais deserções. Alguma parcela do União das Seis Mãos permaneceria fiel ao Montanha, mas exigiria mais apoio de Janloon. Lukang viraria uma colcha de retalhos de lealdades confusas, e nenhum clã acabaria comandando uma frente unificada de representantes da cidade no Conselho Real.

O Desponta não precisava controlar Lukang inteira. Ao longo dos anos, esse objetivo se provara difícil, quando não impossível. Bastava matar, enfim, o velho

lealista de Ayt, Jio Somu, e tirar o União das Seis Mãos da conta como uma entidade com a qual o Montanha pudesse contar para apoio político e militar. Era isso que Jaya tinha feito.

Com humildade, disse para as câmeras:

— Eu sou só uma Punho, então não posso falar de assuntos mais importantes. Só espero que a Ayt Mada permita que o resto do União das Seis Mãos tome as próprias decisões. Mesmo assim, sabemos de toda a violência sem sentido que a Pilarisa do Montanha já praticou no passado. Tenho certeza de que meu pai vai mandar mais Ossos Verdes de Janloon pra garantir que não haja novas tentativas contra minha vida ou minha honra.

Alguns repórteres começaram a gritar perguntas: por que ela trouxera guerreiros, metralhadoras e granadas para uma conversa supostamente pacífica? O que tinha a dizer sobre a reputação dos Facas Miúdas? Estava envolvida romanticamente com alguém? Jaya dispensou as perguntas com a mão, sem responder mais nada, e caminhou de volta para o Brock Compass.

Enquanto falava com os repórteres, o grupo dela tinha, com eficiência, arrancado a jade de Jio e depois vasculhado os restos fumegantes do prédio para pegar a verdejância dos corpos carbonizados. Pareciam mineiros de carvão agora; sujos, cobertos de poeira e fuligem.

— E você ainda tá bonita — disse Asha, mostrando a língua pra Jaya.

Kain estendeu a faca talon de Jio Somu, com cabo de jade, os anéis, braceletes e as pedras que antes decoravam as orelhas do sujeito.

— Jade pra maioral dos Facas Miúdas — disse ele.

— Eu não matei o Jio — lembrou Jaya. — Só armei pra ele praticamente se matar sozinho. Mesmo que eu tenha liderado a missão, não é certo eu ficar com tanto da recompensa.

Jaya pegou a faca talon, que era de qualidade excelente, mas mandou Kain e Tenn garantirem que os anéis, braceletes, pinos e o restante da jade de todos os corpos dos homens do União das Seis Mãos fossem divididos de forma justa com o resto da equipe.

No caminho de volta para o hotel mequetrefe, Jaya tentou ligar para Janloon, mas não tinha sinal. Só conseguiu duas barrinhas ficando de pé na frente do saguão, enquanto o resto dos Facas Miúdas guardava as armas, montava sentinelas e saía pra comprar cerveja na loja de conveniência mais próxima. Ela ligou para o número que ia direto para o escritório do Pilar. O pai atendeu no primeiro toque.

— Oi, pai. O senhor me viu na TV?

— Eu juro pelos deuses — berrou Hilo —, você tá tentando me matar de estresse. Por que você não ligou na hora? A primeira coisa que eu vi no noticiário foi o prédio pegando fogo, sem mais informação nenhuma. Eu liguei duas vezes e você não atendeu.

— Eu estava ocupada, pai! Meu celular ficou no silencioso. A gente teve que falar com repórteres, apagar o fogo, ficar andando num prédio prestes a cair pra catar toda a jade e dividir… e isso sempre demora, decidir quem fica com o quê pra ninguém sair puto, todas essas coisinhas. Você sabe como é! Confia em mim um pouco, vai.

Hilo soltou um riso aliviado.

— Você tem razão. Eu sei como é.

— Como eu me saí na TV? — insistiu Jaya. — Ficou ok?

— Ficou ótima — disse o pai. — Sem festejar muito hoje, entendeu? O Jio pode ter morrido, mas ele vai ter amigos que vão demorar um pouco pra gente se livrar. Não abaixa a guarda nem arruma briga com mais ninguém nessa cidade. Os gêmeos Juen logo chegam com mais gente, e você e seus Facas Miúdas devem obedecer aos superiores. Eu sei que em Toshon você faz o que quer, mas isso aqui não é Toshon.

— Eu sou uma Punho sênior agora, não precisa me lembrar de cada coisinha nem me dar sermão sobre como manter gente na linha — resmungou Jaya, vasculhando o cooler com fome, enquanto prendia o telefone na orelha com o ombro. — Mais alguma coisa?

— Só que eu tô orgulhoso de você.

Feliz da vida, Jaya abriu um sorriso.




CAPÍTULO 56

Vida e Morte

Anden olhou ao redor com muita curiosidade quando o avião pousou em Tialuhiya. Nunca tinha ido às Ilhas Uwiwa. Na imaginação dele, era uma ilha tropical esturricada de sol, cheia de palmeiras e gente paupérrima, um refúgio de drogas ilegais e jade contrabandeada. Então se surpreendeu ao ver que o aeroporto novo era moderno e climatizado, e que o motorista que o buscou num sedã preto falava um kekonês razoável. Enquanto atravessavam a cidade de Walai, Anden viu sinais de ruína e reconstrução por toda parte; prédios desmoronando e abandonados cobertos de grafite, guindastes sobre projetos de arranha-céus, policiais desviando o trânsito por causa de bloqueios e um caminhão militar com uma bandeira da Espênia.

O tufão Kitt, que causara danos consideráveis em Kekon quatro anos antes, devastara as Ilhas Uwiwa, matando duzentas mil pessoas e destruindo a infraestrutura negligenciada do país. A República da Espênia, que controlava a ilhota de Iwansa para uso militar e recreativo, havia prestado ajuda humanitária e enviado o exército para auxiliar no extenso esforço de reconstrução. É claro que os espênicos não faziam nada sem cobrar um preço. Nesse caso, era um preço que também beneficiava Kekon. O governo uwiwano fora obrigado a fazer uma limpeza geral. Um novo presidente aprovado pela RDE e um novo chefe de segurança nacional tinham demitido centenas de funcionários do Estado e das

forças policiais sob acusações de corrupção. Contrabando de jade, tráfico de drogas, turismo sexual e propina política estavam sendo erradicados em favor de atrair empresas estrangeiras para construir fábricas de eletrônicos.

As restrições de viagem entre Kekon e as Ilhas Uwiwa tinham sido parcialmente suspensas. Tecnicamente, Ossos Verdes ainda eram proibidos, mas Anden conseguira entrar porque era médico e, oficialmente, estava numa visita humanitária. Estava longe de ser a primeira vez que, mesmo de forma inesperada, sua situação singular e suas credenciais fora do clã se mostravam úteis ao Desponta.

Anden sentia que se encontrava numa encruzilhada. Mesmo que o Desponta conseguisse sobreviver às maquinações de Ayt, não sabia que futuro teria. Já tinha feito tudo o que podia para promover a medicina com jade e os interesses do clã na Espênia; outras pessoas davam continuidade àquele trabalho agora. Vinha oferecendo sua experiência ao escritório da Homem do Tempo à medida que escolas das ordenações de jade começavam a ser abertas no exterior, mas Terun Bin logo teria aquilo sob controle. É claro, ele podia continuar atuando como médico, mas era atormentado pela sensação de que isso não bastava.

Às vezes, pensava em como Lott Jin ascendera, determinado, degrau por degrau, até um cargo de liderança do clã. O caminho de Anden fora cheio de desvios e voltas. Agora, os dois muitas vezes sentavam à mesma mesa de jantar na casa Kaul, discutindo assuntos do clã até tarde, com o Pilar e o resto do círculo interno.

Apesar do convívio regular e do respeito pelas habilidades um do outro, Anden não sabia dizer se ele e Lott eram amigos. Parecia haver um desconforto tênue, mas inevitável entre os dois, um ressentimento inexplicável por terem se conhecido quando eram adolescentes confusos. Anos antes, na festa de aposentadoria de Juen, quando Anden parabenizara Lott por ter sido nomeado o novo Chifre, o antigo colega respondera:

— Talvez eu é que devesse te dar os parabéns, Emery, por ter evitado esse cargo, porque só assim pra eu ter assumido. — A boca emburrada se curvara num sorriso bem-humorado, porém sarcástico. — Acho que nenhum de nós virou quem achava que viraria.

Anden o encarara com um olhar perscrutador.

— Valeu a pena? — perguntara. — Abrir mão do que você podia ter sido, pra seguir o caminho que você achava que não ia seguir?

Lott dera de ombros.

— Vai saber, né? — E então: — Valeu a pena pra você?

Quando Anden mencionara suas divagações recentes acerca do futuro a Jirhuya, o namorado ouvira e, empático, dissera:

— Acho que é natural que, aos quarenta e poucos, a gente comece a se perguntar se os principais acontecimentos da nossa vida já passaram, ou se ainda existem outras montanhas pra escalar. Sua posição no clã já é uma conquista absurda por si só, miyan. Talvez você esteja se perguntando o que mais dá pra fazer com isso.

Jirhu sem dúvida falava isso com sinceridade; a carreira meteórica dele na indústria cinematográfica kekonísia não era a única coisa ocupando seus pensamentos. O tufão Kitt tinha castigado aldeias abukianas empobrecidas com muito mais intensidade do que o restante de Kekon. Jirhu se envolvera cada vez mais com a defesa de comunidades indígenas e agora participava do protesto em andamento na Ilha Euman, e às vezes passava dias a fio longe de casa.

Anden se preocupava com a segurança de Jirhu, mas não tinha como exigir que ele se afastasse de uma possível violência sendo que, como o namorado apontara com firmeza:

— Se eu dou conta de aguentar nem que seja metade do que você faz pelo clã, você vai dar conta de aguentar quando eu faço algo importante pelo meu próprio povo.

O carro levou Anden para além dos limites de Walai, por uma estrada larga, recém-asfaltada, fedendo a piche no calor do verão. Anden viu os muros altos de arame farpado e as torres de vigilância do presídio de segurança máxima muito antes de chegarem. No portão, apresentou a papelada à sentinela, e depois de novo no escritório, onde recebeu um crachá de visitante. Após mais procedimentos e trinta minutos esperando numa recepção pequena e amarelada, um guarda o escoltou até uma sala com uma mesa de metal e duas cadeiras.

Anden se sentou. Uma porta do outro lado se abriu, e um guarda trouxe o prisioneiro algemado, vestido com um macacão cinza. Anden nunca tinha conhecido o homem pessoalmente, mas, ao vê-lo, era difícil acreditar que um dia ele fora um inimigo formidável da família Kaul. Iyilo tinha sido o braço direito do notório contrabandista de jade Zapunyo, antes de ter traído o chefe, feito uma aliança com o Clã da Montanha e tomado o controle da quadrilha Ti Pasuiga. Agora, o gângster barukâne estava gordo, na meia-idade e tinha um cabelo comprido e ralo que já ia se afastando da testa brilhante. Toda a jade fora tirada dele na prisão, seis meses antes.

Iyilo afundou pesadamente na cadeira em frente e semicerrou os olhos para Anden com desdém.

— Quem é você, porra, e o que você quer? — perguntou, num espênico com sotaque carregado.

Anden respondeu em kekonês:

— Meu nome é Emery Anden, do Desponta.

Iyilo se inclinou adiante devagar.

— Você é um dos Kaul. O primo mestiço.

— Você me conheceu por pouco tempo como o jornalista Ray Caido.

O contrabandista pensou, depois deu uma risada áspera.

— Então eu tenho que te agradecer por ter matado o Zapunyo todos esses anos atrás. Ou talvez você é que devesse me agradecer por ter ajudado sua família a se vingar. — Ele apoiou as mãos na barriga. — Tá aí uma diferença entre o Zapunyo e eu: me fodi, mas nenhum inimigo me matou.

No começo, Iyilo fora um bom líder para a Ti Pasuiga. Tinha vindo da gangue Matyos, de Shotar, e aprendera com Zapunyo, então brutalidade era o que não lhe faltava. A parceria com Ayt Mada permitira que ele continuasse dominando o lucrativo triângulo do mercado clandestino de jade entre Kekon, as Ilhas Uwiwa e o continente Orius.

Infelizmente, faltavam a Iyilo as habilidades de gestão de Zapunyo. Como estrangeiro keko-shotariano, ele desprezava os uwiwanos. Era cruel quando punia traições, mas não gastava dinheiro para cultivar lealdade, não construía escolas e hospitais em aldeias, como Zapunyo fazia. Com o tempo, deixou de manter relações e de pagar as pessoas certas, então foi perdendo a mão de ferro que Zapunyo exercera sobre políticos e policiais. Nos anos depois do tufão Kitt, quando os espênicos exigiram provas de que o governo uwiwano estava combatendo o crime e a corrupção, a casa da Ti Pasuiga enfim caíra.

Ainda assim, era fácil entender por que Iyilo achava que ficaria seguro. Usava jade e vivia num complexo fortificado defendido por dezenas de guardas que também usavam jade. A polícia federal, com poucos funcionários e mal treinada, não tinha como enfrentá-lo. Então o governo uwiwano contratou a GSI pra fazer o serviço.

Um esquadrão de soldados particulares, bem equipados e com jade, passara semanas monitorando a rotina de Iyilo, e então o emboscaram a caminho de um evento esportivo. Mataram quatro guarda-costas, mas capturaram Iyilo com vida, de acordo com os termos do contrato. O governo uwiwano fez um anúncio triunfante, exibiu imagens dele algemado e atribuiu o crédito da prisão ao chefe nacional de segurança.

Nem o Clã da Montanha nem a gangue Matyos deram um pio contrário ou

sequer tentaram ajudá-lo. Com a dissolução do programa nekolva e o declínio das tensões da Guerra Latente somadas à descriminalização da jade na RDE, o contrabando de jade não era mais um negócio em ascensão. A época em que a Ti Pasuiga era útil havia ficado para trás; a organização já não era mais vital para seus antigos aliados.

— Foi o Kaul Hilo que te mandou vir aqui se gabar? — perguntou Iyilo. — Isso me parece algo que aquele arrogante desgraçado iria querer fazer pessoalmente. Eu encontrei ele uma vez, sabia?

— Foi o Pilar que me mandou, sim — disse Anden. — Pra te oferecer nossa ajuda.

— Ajuda de vocês… — repetiu Iyilo, com um desprezo evidente. — O Kaul Hiloshudon torturou meu primo Soradiyo e cortou a garganta dele. Eu preferia apertar a mão do diabo.

Anden tirou os óculos e limpou as lentes enquanto lembrava a si mesmo de que estava ali por um motivo, que não deveria cair nas provocações de um homem que, embora fosse escória e estivesse desamparado, ainda poderia ser útil.

— O Soradiyo tentou assassinar o Pilar com uma bomba no carro, mas matou o cunhado dele no lugar. Nem a Ayt Mada iria protegê-lo depois disso. Do mesmo jeito que ela não tá te protegendo agora. Você não tá exatamente numa situação em que pode se dar ao luxo de recusar ajuda.

O lábio superior do contrabandista se retesou.

— Pois é — disse o detento num timbre amargurado. — No fim das contas, vocês Ossos Verdes são todos iguais, né? Se protegem e usam o resto de nós.

— Seu advogado já explicou que você vai ser enviado pra Kekon?

Iyilo deu de ombros, fatalista.

— Kekon é só um nome pra mim. Eu era bebê quando minha família foi mandada pra Shotar como mão de obra durante a Guerra das Muitas Nações. Kekon é só a embalagem ao redor da minha vida… onde eu nasci e onde vou morrer.

Anden sentiu um pouco de pena. Iyilo virara o centro de um cabo de guerra jurídico entre três países: Ilhas Uwiwa, Kekon e Shotar. Kekon e Shotar queriam extraditar o líder barukâne para julgá-lo pelos crimes cometidos em seus territórios. Iyilo não era cidadão uwiwano, apesar de, por décadas, ter comandado ali um império criminoso. Também não era cidadão de Shotar, porque não podia comprovar ao menos setenta e cinco por cento de ascendência shotariana. Sua nacionalidade oficial era kekonísia, mesmo que só tivesse vivido

em Kekon por um ano da vida. Agora, porém, o governo kekonésio queria transformá-lo num exemplo público: fazê-lo descer do avião algemado para demonstrar o fim miserável da Ti Pasuiga e de todos que ousavam roubar jade. O Conselho Real fizera da extradição de Iyilo um pré-requisito para que suspendessem o embargo e normalizassem as relações entre Kekon e as Ilhas Uwiwa, e, depois de muita insistência, o governo uwiwano concordara.

— É bem provável que você esteja morto poucas horas depois de pisar no país — disse Anden.

Iyilo não respondeu, mas o semblante apático mostrou que entendia perfeitamente. O ex-líder da Ti Pasuiga era uma ponta solta para Ayt Mada. Não havia nada que os kekonésios desprezassem mais do que um ladrão de jade. Qualquer carcereiro ou detento ficaria mais do que feliz em fazer um favor ao Montanha e garantir que Iyilo nunca abrisse a boca diante de um juiz.

— O que você quer? — A raiva dele soava cansada.

Anden olhou para os guardas perto da porta. Estavam fora do alcance de sua voz e muito provavelmente não entendiam kekonês, mas, mesmo assim, ele falou mais baixo:

— Você ainda tem uma carta na manga. Tem informações comprometedoras demais sobre os Montanha: os acordos que a Ayt fez com Zapunyo, a aliança dela com você e os Matyos, o lucro dela com o mercado clandestino. É por isso que ela com certeza vai mandar te matar.

Anden tirou um celular da pasta e o colocou sobre a mesa.

— Tem um avião particular esperando em Janloon, pronto pra trazer o âncora da ENK, o Toh Kita, aqui pra Tialuhiya. Só preciso fazer uma ligação e te garanto uma entrevista em rede nacional.

Iyilo abriu um sorriso vagaroso e muito gélido.

— Sabe o que eu odeio mais do que tudo no mundo? *Ratos*. Quando eu e Zapunyo encontrávamos ratos na Ti Pasuiga, a gente garantia que eles *implorassem* pela morte. Os meus segredos eu levo comigo pro caixão.

— Você tá numa prisão enquanto a Ayt Mada tá sentada na mansão dela em Janloon.

— Assim como seu primo Kaul Hilo. O que eu ganho sendo peão do Desponta em vez do Montanha? Eu não sou burro pra achar que isso vai me salvar.

Anden não era um Punho acostumado a inspirar medo, mas sabia que o destino da família podia depender de sua capacidade de fazer isso agora. Em outros momentos, fora ele quem falara ou agira pelo clã quando ninguém mais

podia. Na juventude, Anden sentira com afinco o quanto era diferente, o quanto se distanciava do restante dos Kaul. Foi só ao longo de muitos anos que passara a enxergar aquilo como uma vantagem. Já que não ocupava nenhum cargo oficial na hierarquia rígida do clã, havia sido muitas coisas: curandeiro, assassino, emissário e conselheiro. Naquele dia, era um martelo.

— Você não tem mais salvação — concordou Anden. — Mas e a sua família? Aquela que você fez de tudo pra manter em segredo?

Puxou um envelope da pasta. Abriu e espalhou três fotografias coloridas na mesa diante de Iyilo. Na primeira, uma bela uwiwana de trinta e poucos anos estava sentada numa praia. Usava um vestido veranil claro e mantinha o cabelo comprido num coque bagunçado. Estava com o rosto de lado, falando com outra mulher, enquanto duas crianças, talvez de 10 e 8 anos, brincavam na areia ali perto. A segunda mostrava a mesma mulher e as crianças descendo de um carro. Na terceira, estavam no jardim da frente de uma casa bonita.

O escuro rosto bronzeado de Iyilo perdeu boa parte da cor.

— Tenho certeza de que você tomou suas próprias medidas pra que sua esposa e filhos sejam sustentados depois que você morrer, mas como é que você vai proteger eles depois que se for? Como é que você tem certeza de que os homens da Ti Pasuiga que você contratou pra cuidar da sua família vão continuar sendo leais à sua memória? As Ilhas Uwiwa são um lugar perigoso.

— Como foi que… — Iyilo engasgou e perdeu o fio da meada.

— Como a gente achou eles não importa — disse Anden, calmo. — Mas, se nós conseguimos, outros conseguem também. Você não é um Osso Verde de Kekon, então não pode contar com o aisho pra proteger parentes sem jade. Você é só um contrabandista barukâne, e a sua família é só uwiwana. Quem vai notar ou se importar se alguma coisa acontecer com eles? A Ayt Mada por acaso pode ter certeza absoluta de que você não contou nada inconveniente pra sua esposa, algo que ela possa compartilhar com autoridades uwiwanas?

Um tremor sutil atravessou o corpo de Iyilo e fez as algemas baterem na mesa.

— Esta é a oferta do meu Pilar. — Anden puxou outro envelope. Tirou três passagens de avião e as dispôs ao lado das fotos. — A gente pode colocar sua família nesse voo, que sai amanhã pra Porto Massy. Eles seriam escoltados até o aeroporto e, quando chegassem à Espênia, ficariam sob a proteção do Desponta. Temos muita gente e muitos recursos lá. Podemos arranjar moradia e identidades novas. Seus filhos vão viver vidas seguras e comuns. Vão estudar lá. Talvez até treinem as ordenações de jade. Vão ter o dinheiro que você deixar. E, mais

importante, vão ter um futuro longe do tipo de vida que você levou.

Anden conseguia sentir que estava dobrando o sujeito, mas Iyilo ainda precisava do empurrão final. Ele juntou as passagens e as guardou de volta na pasta. Viu os olhos do contrabandista tremelicarem quando os papéis sumiram, e deixou as fotografias vulneráveis sozinhas sobre a mesa.

— A família Kaul sempre cumpre o que diz, até com inimigos. Principalmente com inimigos. Essa é a promessa do meu Pilar, que ele confiou a mim pra transmitir pra você. Você expõe os segredos da Ayt, e a gente guarda os seus. Você fala contra o Montanha, e a gente protege seus filhos como se fossem do nosso próprio clã. Mas, se você recusar, aí não sei te dizer o que meu primo vai fazer com essas fotos, nem se ele vai sentir alguma obrigação com sua esposa e seus filhos.

O pomo de adão de Iyilo subiu e desceu.

— Você é médico. Não pode pôr eles em perigo.

— Você se surpreenderia com as coisas que eu já fiz — disse Anden. — Já ceifei algumas vidas e salvei outras. E as duas coisas me deixaram incerto na mesma medida.

Ele matara Gont Asch e salvara Ayt Mada. Ordenara a morte de Jon Remi, o que custara a vida de Maik Tar. Curara inúmeros desconhecidos e, ainda assim, era assombrado todos os dias pela morte de Ru e pela possibilidade de que, se estivesse lá, poderia ter salvado o sobrinho. Ao longo do tempo, todas essas dúvidas tinham se dobrado na dualidade de Anden: de ser Kaul e não ser Kaul. Uma contradição que passara anos tentando reconciliar, mas que, agora, simplesmente era.

— Na minha família, a gente se acostuma a tomar decisões de vida e morte. Mas eu sei quais prefiro tomar, quando posso — disse Anden ao condenado. — A gente não tem como te salvar, Iyilo. Mas podemos oferecer uma vida pra sua família onde nem o Montanha consegue alcançá-los.

Ele pegou o celular.

— Falei pro meu Pilar que ligaria pra ele na mesma hora pra contar sua decisão. E aí? Qual vai ser?




CAPÍTULO 57

Impasse

As rodas do Duchesse Imperia avançavam sobre a estrada de terra irregular. A lama salpicava a reluzente grade cromada e as portas brancas do sedã de luxo. Hilo abaixou o vidro. Já tinha visto imagens do Impasse de Euman nos jornais e na televisão, mas nenhuma delas transmitia a energia inquieta e nem o *cheiro* do lugar. Parecia uma mistura de um campo de refugiados com um festival de música ao ar livre. Barracas de lona e nylon se espalhavam onde quer que houvesse espaço. O cheiro de comida vinha de fogareiros a gás sobre mesas improvisadas de tábuas de madeira. Um grupo de mulheres abukianas dançava e tocava música tradicional para um círculo de curiosos. Fileiras de banheiros químicos amarelo-claros se alinhavam numa comprida fileira de um lado do acampamento. Cães descansavam em qualquer sombra disponível, muitas vezes sob carros cobertos por bandeiras kekonísias e faixas pintadas à mão. ANORCO: ROUBANDO NOSSA JADE E ESTUPRANDO NOSSA TERRA. DIREITOS ABUKIANOS! FORA SOLDADOS ESPENIQUITOS.

O acampamento atingira oito mil pessoas, e ainda chegavam mais. As pequenas cidades da Ilha Euman estavam sobrecarregadas. Hilo ouvira dizer que os hotéis estavam lotados e que as lojas estavam começando a ficar sem itens básicos como papel higiênico, água engarrafada e capas de chuva.

Lott parou o carro quando ficou claro que não dava para avançar mais. A chegada do Duchesse ia causando um grande alvoroço. Pessoas corriam e se acotovelavam para se aproximar, gritando que o Pilar do Desponta estava ali. Hilo desceu do carro com o Chifre e mais dois Ossos Verdes: Vin Solu, o Primeiro Punho de Janloon, e Hami Yasu, filho do antigo Mestre da Sorte do clã.

— Kaul-jen! Pilar! — gritavam da multidão. Outros começaram a entoar: — Desponta! Desponta!

Muitos ali não eram membros de clã, e alguns certamente eram leais ao Montanha, mas havia vozes suficientes para que o coro se ampliasse e acompanhasse os Ossos Verdes enquanto avançavam pelo acampamento.

Lott e seus Punhos bem treinados ignoraram a atenção; suas auras de jade zuniam em alerta e a postura formidável que mantinham fazia com que qualquer um ficasse à distância. Hilo os invejou. *Fazia tempo*. Muito tempo desde que saíra do Duchesse com um bando de guerreiros, carregados de jade e armas, prontos para enfrentar qualquer inimigo. Quando jovem, vivera pela adrenalina orgulhosa daqueles momentos. A sensação ainda era aguda, mas agora vinha com contornos tingidos de uma nostalgia agridoce.

Uma figura se destacou da multidão e se aproximou do Pilar. Jirhuya parecia menos arrumado do que de costume. Em vez da camisa sob medida e da calça bem passada, usava jeans, botas e uma jaqueta esportiva preta. Trazia uma faixa tradicional abukiana colorida na cintura e vários dias de barba por fazer. Saudou Hilo com respeito.

— Kaul-jen.

— Você já jantou na minha casa — disse Hilo. — Não finja que mal me conhece.

A pele marrom-clara de Jirhu corou até um tom castanho-avermelhado.

— Desculpa, Hilo-jen. É só que a gente não costuma se ver em público e sem… mais gente da família por perto.

Sem Anden por perto.

Hilo pousou a mão no ombro dele e sorriu, para mostrar que não estava irritado de verdade. A reserva acanhada do sujeito era compreensível; a divisão social entre Jirhuya e a família do companheiro era inevitável. Sendo sincero, Hilo se surpreendia que o relacionamento de Anden e Jirhuya tivesse durado tanto, embora imaginasse que os dois combinavam em outros aspectos.

— Mostra pra gente o que está acontecendo aqui — pediu Hilo.

Jirhuya conduziu o Pilar e seus homens por uma leve encosta no limite mais afastado do acampamento. A uns seiscentos metros, uma cerca alta de arame

com lâminas no topo cercava um complexo de três prédios e um heliponto. Homens armados de farda guarneciam os portões e se distribuíam ao redor do perímetro, segurando fuzis e observando os manifestantes com desconfiança.

— Soldados da GSI — disse Lott.

— Ontem eram dez. Hoje de manhã o número dobrou — explicou Jirhuya. — Se alguém chega a menos de duzentos metros da cerca, eles atiram nos nossos pés. Temos quase certeza de que é porque tem uma remessa chegando hoje à tarde.

Várias pessoas que tinham seguido os Ossos Verdes resmungaram e cuspiram no chão. Os navios mineradores da Anorco recolhiam jade do fundo do mar, separavam as pedras a bordo e depois as transportavam de helicóptero até o centro de processamento, onde eram embaladas para distribuição. Um dos destinos finais ficava a menos de dois quilômetros dali. Protegendo os olhos com a mão, Hilo conseguiu distinguir a silhueta da Base Naval de Euman ao longe, com as bandeiras batendo ao vento forte.

Durante o impasse, manifestantes tinham atirado tijolos, tinta e explosivos caseiros baratos contra a propriedade da Anorco, lançado insultos contra os guardas e tentado interromper a entrada e saída de jade da instalação. A empresa respondera reforçando a segurança, então agora os soldados da GSI vigiavam dia e noite.

As manifestações ocasionalmente violentas não eram abertamente endossadas nem pelo governo kekonésio nem pelos clãs Ossos Verdes, mas tampouco eram contidas. Vários membros do Conselho Real haviam expressado simpatia e solidariedade com os militantes, e mais de alguns Ossos Verdes de diversos clãs tinham se juntado ao protesto com a permissão tácita de seus Pilares. A presença pessoal de Kaul Hiloshudon na Ilha Euman, no entanto, era novidade. O sinal mais dramático de apoio dos clãs até então. Uma onda de energia inquieta varreu a multidão. Milhares de pessoas iam se reunindo no cume onde Hilo e seus homens estavam. Repórteres surgiam de vans nos limites do acampamento, com as câmeras prontas, esperando algo acontecer.

— O que você tem pra nos contar, Vin? — perguntou Hilo.

— Alguns desses mercenários da GSI com certeza estão usando jade. Mas eu teria que me aproximar pra saber mais, Hilo-jen.

Àquela altura, a Percepção de longo alcance do Primeiro Punho era lendária, mas até mesmo Vin, o Sniper, não conseguia ser preciso de tão longe.

— Então vamos chegar mais perto.

Começaram a descer pelo outro lado da encosta em direção à cerca. Antes

que avançassem muito, meia dúzia de Ossos Verdes abriram caminho pela multidão, correram até o Pilar e se ajoelharam na lama diante dele. Nenhum parecia ter mais de 25 anos.

— Kaul-jen — arfou uma jovem de cabelo alaranjado tingido e piercing de jade no nariz —, somos membros bem inúteis do clã… eu e minha amiga somos Dedos juniores que usamos as férias pra vir protestar, minha outra amiga é uma Agente da Sorte, e eu nem sei desses dois aqui… mas estamos todos prontos pra obedecer.

— Nenhum Osso Verde do Desponta é inútil — disse Hilo, sorrindo para o entusiasmo juvenil.

Quatro estranhos deram um passo à frente juntos e o saudaram com cautela.

— Kaul-jen. Somos Ossos Verdes do Montanha, mas, acima de tudo, somos kekonésios. Ficaremos ao seu lado contra os estrangeiros, se permitir. Nossa Pilarisa não ordenou o contrário.

Hilo assentiu. Não se surpreendia com o silêncio de Ayt Mada sobre o Impasse de Euman, já que ela estava secretamente comprando toda a Anorco.

— Tragam todas as armas que tiverem — ordenou. — A tarefa mais importante de vocês é proteger as pessoas daqui. Fora isso, obedeçam ao que meu Chifre e meus Punhos mandarem. Entendido?

Todos o saudaram e garantiram que sim.

Hilo e seus guerreiros foram até a cerca da Anorco, seguidos pelos Ossos Verdes adicionais e por uma multidão enorme de gente animada, inclusive muitos em veículos que avançavam devagar, movimentando bandeiras e cartazes. Começou a chover. As gotas quentes e pesadas batiam em cabeças descobertas e respingavam nos capôs dos carros.

O passo de Vin desacelerou e seu olhar desfocou.

— Há pelo menos trinta e duas pessoas dentro do complexo, Kaul-jen. Não consigo Perceber tudo até o outro lado do terreno, então posso ter deixado algumas passarem. Acho que a maioria é da segurança, mas nem todos usam jade. Contei dezoito auras de jade ao todo.

— Dezoito não é tanto — disse Hilo. — Mas também não é tão pouco, sendo que todos tem rifles, armaduras e já estão irritados.

Mesmo sem a Percepção de longo alcance de Vin, Hilo sentia a apreensão estalando nos soldados da GSI que guarneciam a cerca, e conseguia vê-los com os rifles R5 em riste conforme a maré de corpos e veículos se aproximava.

Um dos guardas gritou pelo megafone, primeiro em espênico, depois em um kekonês que mal era compreensível:

— Parem! Vocês estão se aproximando de uma propriedade privada. Fiquem onde estão ou abriremos fogo. Estão avisados!

— Não temos Ossos Verdes suficientes pra derrubar todos aqueles guardas, muito menos pra tomar o complexo — avisou Lott, com uma ponta de apreensão para o Pilar.

— Não precisamos fazer nenhuma dessas coisas.

Hilo parou onde conseguia Perceber a ansiedade dos guardas começando a transbordar, com seus dedos deslizando rumo aos gatilhos de seus rifles em riste enquanto o Pilar chegava a cerca de duzentos metros da cerca. Virou-se para a fileira de manifestantes que o seguira como um exército. Abriu os braços e lançou uma Deflação lenta e rasa, que ondulou para fora, empurrando a primeira fileira com uma pressão firme, porém gentil. Eles pararam.

— E agora, Kaul-jen? — perguntou Hami Yasu.

— Agora esperamos. Não deve demorar. — Hilo ergueu o olhar para o céu. O vento aumentava, chicoteando seu rosto com a chuva e o obrigando a semicerrar as pálpebras enquanto encarava as nuvens lá em cima. A aglomeração se agitava com impaciência e conversavam uns com os outros, mas ninguém avançou além do ponto onde o Pilar estava.

O som de um helicóptero surgiu ao longe e foi crescendo conforme a nave ia se aproximando. *Bem na hora*. Os Ratos Brancos do clã infiltrados na GSI estavam fazendo o pagamento valer a pena.

Hilo gesticulou para que Lott e os Punhos viessem para mais perto e explicou o que queria que fizessem. Eles assentiram, sem demonstrar nenhuma surpresa ou hesitação.

— Hami-jen, seu pai diz que sua Leveza é excelente — disse Hilo. O jovem Punho ficou sem graça e prometeu dar o melhor de si.

Hilo saltou com Leveza para o teto de uma van próxima e pousou agachado. Quando se ergueu e levantou os braços, a multidão fez silêncio e todos se voltaram para ele, avançando adiante cheios de expectativa.

— Estão me ouvindo? — berrou. — *Estão me ouvindo*?

Um clamor irrompeu da turba. Entre o mar de rostos erguidos, Hilo viu Jirhuya com um semblante incerto, mas escutando cada palavra junto com os outros.

— Não importa de que parte do país você vem, a que clã jura lealdade, se usa jade ou não, somos todos kekonésios. Defendemos e vingamos a nossa gente. Ferir um de nós é ferir todos. Se procuram guerra conosco, iremos devolver num levante cem vezes mais forte. — Hilo nunca fora um homem de discursos, isso

sempre fora o forte de Ayt, mas as palavras agora lhe vinham prontas. Não sabia de onde surgiam, mas pareciam corretas. O Pilar inclinou a cabeça para trás, mesmo sob o barulho cada vez maior do helicóptero que vinha chegando, vociferou: — *Ninguém vai nos tirar o que é nosso!*

O helicóptero desceu, rugindo em direção ao heliponto dentro do complexo cercado. Enquanto o piloto reduzia a velocidade para ficar pairando a aeronave controladamente, Hilo gritou um sinal para seus Punhos. Invocando toda a energia de jade como uma maré repuxando o oceano, ele dobrou os joelhos e se lançou no ar com a Leveza.

Enquanto se lançava para longe do chão e do povo abaixo, a gravidade pareceu perder o controle sobre ele. Lott, Vin e Hami saltaram junto, impulsionando-se de carros ou de uma corrida imbuída de Força. Não tinham como alcançar o helicóptero, era longe demais e, afinal de contas, eram apenas homens, e não pássaros. Mas chegariam perto. Perto o suficiente.

No ápice do salto, durante um dramático piscar de olhos, Hilo pairou à altura de uma janela do segundo andar. Conseguia sentir o impulso se invertendo. Precisava manter Leveza suficiente para controlar a descida, ou se espatifaria e moeria os ossos. A surpresa do piloto faiscou na Percepção como um pulso de luz nos confins de seu cérebro antes de Hilo vislumbrar o rosto do sujeito, inclinado para fora e boquiaberto ao ver a embasbacante cena de quatro figuras saltando como se fossem agarrar os trens de pouso do helicóptero.

Hilo continuou sustentando uma ordenação enquanto buscava outra. Mente e corpo protestaram dolorosamente quando ele esticou o braço para a cabine de comando com um rosnado de esforço e um arquejo violento de quase toda a energia de jade que lhe restava.

Quatro rajadas de Afluência acertaram o piloto quase ao mesmo tempo. Não eram golpes precisos de combate corpo a corpo que atingiriam fatalmente o coração ou os pulmões de um combatente. De tão longe e no ar, a força da Afluência veio bruta e amplamente dissipada. Qualquer Osso Verde teria se imbuído de Aço contra um ataque tão ridículo e pouco convencional.

Mas o homem no helicóptero não era um Osso Verde. O impacto combinado da energia de jade dos quatro Ossos Verdes não o matou, mas o choque disruptivo em seus órgãos e sistema nervoso o deixaram inconsciente. O corpo tombou sobre os controles.

Hilo aterrissou com mais violência do que gostaria. Após o rompante de Afluência, mal lhe restara energia de jade para descer com Leveza e usar o Aço contra o impacto. A dor subiu pelas canelas e coxas até os quadris quando ele

atingiu o chão e tropeçou adiante; todo o ar se esvaiu de seus pulmões. Hami Yasu pousou ao lado, respirando apenas um pouco mais rápido do que o normal.

— Kaul-jen, o senhor está bem?

Malditos jovens. Hilo assentiu e se levantou, limpando suor da testa e batendo a poeira das mãos e dos joelhos. Olhou para o helicóptero. Todos encaravam também, hipnotizados, inclusive os guardas que cercavam o heliponto. Pareciam que estavam observando um acidente de trem em câmera lenta. A máquina desgovernada se inclinou no ar, ainda na trajetória para o pouso, mas agora descendo rápido demais. Se virou e começou a girar de lado. As hélices levantaram um vento brutal que arrancou tufos de grama e fez muita gente da multidão sair correndo para a proteção dos carros. Hilo ouviu a Dedo, aquela jovem com o cabelo alaranjado, soltar um grito de choque e euforia:

— *Puta que o par…*

O piloto recobrou a consciência no último instante, percebeu o que estava acontecendo e, valente, tentou endireitar o helicóptero. Era tarde demais. Com o som horrível de metal se rasgando, a aeronave errou a pista e atingiu o chão já quase fora do perímetro da cerca, quicou de lado e voltou a subir ao bater com um dos trens de pouso e o rotor de cauda. Guardas saíram correndo para longe da máquina fora de controle, que girou em círculos, bateu no topo da cerca de arame e arrancou uma seção inteira antes de despencar de novo com um estrondo e uma nuvem explosiva de terra. As hélices do rotor se despedaçaram com o impacto e voaram para todas as direções.

— Deflitam essa merda, *agora*! — berrou Lott, erguendo os braços.

Vin, Hami e meia dúzia dos Ossos Verdes mais jovens ergueram às pressas uma parede irregular, porém eficaz, de Deflação, que desviou os estilhaços da multidão.

Quando a poeira baixou, o helicóptero, com sua carga de jade, jazia de lado a cem metros para fora da cerca rompida, retorcido e fumegante; o logotipo da Anorco estava bem visível na superfície voltada para cima. Por um longo instante, ninguém emitiu som algum. Então, um rugido vitorioso irrompeu da multidão. Haviam passado meses encarando com ódio o complexo cercado, visto carregamentos de jade entrarem e saírem da instalação sem poder fazer nada além de pequenas sabotagens e de dar voz à própria indignação. Ver o helicóptero abatido (derrubado por apenas quatro dos principais Ossos Verdes do Desponta!) incendiou os manifestantes. Como uma enxurrada rompendo uma barragem quebrada, a multidão correu aos gritos rumo aos destroços e à cerca aberta.

Soldados da GSI também avançavam em disparada para o helicóptero, em rota de colisão com a multidão. Outros guardas correram com os fuzis erguidos para defender a brecha na cerca destruída.

— Entrem na frente dessas pessoas antes que elas acabem se matando! — gritou Lott aos Ossos Verdes, mas mal era possível ouvi-lo por sobre o clamor coletivo. O Chifre saiu correndo, com Vin logo atrás. Hami, o mais jovem, alcançou-os rapidamente e passou à frente. Com a Força, ultrapassaram o resto da multidão, mas não conseguiam alcançar os veículos 4x4 que alguns manifestastes dirigiam rumo aos soldados da Anorco, como tropas de cavalaria.

A Dedo de cabelo alaranjado e seus companheiros chegaram primeiro ao helicóptero e o atacaram triunfantes como lobos sobre uma carcaça, puxando o piloto morto e largando-o na terra, depois reunindo Força para arrebentar as portas danificadas e retirar a carga dos contêineres metálicos lacrados.

— Saiam daí! — gritou um soldado da GSI que chegou correndo. Ele derrapou até parar, mirou e disparou o R5. As balas zuniram ao ricochetear no corpo metálico do helicóptero. Algumas pessoas se jogaram atrás da máquina para se proteger. Ossos Verdes ergueram Deflações. Um dos homens do Montanha lançou uma onda poderosa que derrubou o soldado e fez o fuzil voar de suas mãos. Aos gritos de xingamentos em espênico, outros mercenários da GSI abriram fogo contra a multidão ensandecida.

Hami, Lott e os Ossos Verdes mais próximos dos soldados tentaram Defletir os tiros para longe dos civis, mas Hilo viu duas pessoas (um abukiano e uma mulher segurando um cartaz) caírem. O homem gritou e agarrou a perna. A mulher não se mexeu. Ossos Verdes sacaram pistolas e revidaram. Manifestantes enlouquecidos agarravam qualquer arma à disposição: facas, paus, pedras. Continuaram avançando sem cautela, arremessando insultos e objetos contra os soldados, que vacilaram, recuaram para a cerca e responderam com saraivadas que penetravam a multidão ou atingiam veículos que vinham se aproximando, furando pneus e estilhaçando para-brisas.

Hilo trotou até lá enquanto a cena ia virando um combate campal. Deflações, balas, pedras e profanidades voavam para todos os lados. Alguns manifestantes avançavam para lutar; outros empurravam frenéticos para a direção oposta, tentando fugir dos tiros. Era uma confusão ruidosa e desordenada, como um rinha abarrotada de galos de briga. Os soldados da GSI estavam entrando em pânico diante da turba enfurecida. Tiros atingiram um jovem Osso Verde do Desponta e mais três civis. Lott avançou num borrão de Força e Leveza; duas facas de arremesso deixaram sua mão e se cravaram até o cabo no pescoço do

soldado que atirara, logo acima da gola do colete à prova de balas. Seus parceiros arrastaram o corpo para trás, gritando por ajuda enquanto ainda disparavam.

Com a faca talon em punho, Hilo foi empurrando e Defletindo para abrir caminho. Chamou Vin e apontou de volta para o helicóptero.

— Não deixem sumir nenhuma jade dali nesse caos!

Ao avistar Jirhuya, amarrotado e enlameado, com os olhos arregalados de adrenalina e medo, o Pilar pegou o artista pelo braço e vociferou:

— Não ouse partir o coração do meu primo, porra. Se esconde atrás de alguma coisa, agora. Aquele caminhão.

Boquiaberto, Jirhuya encarou o Pilar (que sempre lhe parecera tolerante e amigável) como se o visse pela primeira vez. Hilo o empurrou em direção à segurança e seguiu rumo ao combate.

— Parem de atirar! — exigiu, abrindo os braços.

A Percepção dele tilintava em dissonância com toda a energia frenética e as emoções ao redor, mas ainda assim captou a intenção assassina de um soldado da GSI que mirava em sua cabeça. Com um grunhido de impaciência, Hilo desviou a mira para cima com um estalo de Deflação e, num instante, estava sobre o sujeito, arrancando-lhe a pistola com um rompante de Força que deslocou dolorosamente algo na articulação de seu ombro. Hilo esmagou a têmpora do soldado com o cano da Corta 9mm e chutou-lhe a cabeça enquanto o inimigo caía na lama.

— Eu *mandei* parar de atirar, porra! — rugiu.

Hilo viera à Ilha Euman para gerar uma dramática comoção pública, mas talvez tivesse funcionado bem demais. Subestimara a frustração engasgada dos manifestantes. Eles tinham sido instigados, mas muitos poderiam acabar mortos logo mais. Em retrospecto, Hilo desejou ter trazido mais guerreiros, porém, com os gêmeos Juen e suas equipes ocupados em Lukang, não havia mais ninguém à disposição. Não tinha Ossos Verdes suficientes ali para enfrentar os soldados e proteger tantos civis sem jade.

Os soldados da GSI recuavam para o prédio principal da Anorco, puxando companheiros mortos ou feridos, ainda apontando fuzis para a multidão ameaçadora.

— Deixem eles irem! — ordenou Hilo.

Quando a voz não alcançou longe o bastante, lançou Deflações poderosas em ambas as direções, derrubando pessoas e forçando mercenários e manifestantes a se separarem. Lott e Hami seguiram o exemplo do Pilar e fizeram o mesmo ao

longo da fileira enquanto os homens da GSI continuavam a recuar. Um soldado estrangeiro falou aos gritos num rádio, rápido demais para Hilo entender tudo em espênico, embora tenha ficado claro que estava pedindo reforços, provavelmente do centro de treinamento da GSI, a oito quilômetros dali.

Hilo sorriu, feroz, e apontou para o homem.

— Chama o seu chefe! — gritou em espênico. — Liga pro Jim Sunto e manda ele vir.

Não sabia se o mercenário ouvira ou repassara a mensagem, mas os cinegrafistas das vans de imprensa ouviram. Agachados nos cantos do espaço como correspondentes de zona de guerra, iam avançando com cautela para captar melhor Hilo e seus homens diante da multidão enquanto os militares contratados recuavam. O espaço onde a cerca estivera se tornou, num acordo tácito, uma linha de batalha que nenhum dos lados cruzou.

Vin se aproximou, seguido pela jovem Dedo de cabelo alaranjado e seus amigos, que cambaleavam sob o peso dos contêineres metálicos confiscados dos destroços do helicóptero. Eles os largaram aos pés de Hilo e o saudaram.

— Jade pro nosso Pilar — exclamou a mulher com o rosto corado e os olhos brilhando pelo êxtase da luta. — Que para longe fujam os seus inimigos, Kaul-jen.

Hilo olhou para além da cerca. A chuva de verão continuava a cair, pingando do cabelo para os olhos, transformando a terra e a grama pisoteadas em lama. Os gritos prosseguiam dos dois lados. Algumas pessoas haviam subido no helicóptero e agitavam bandeiras kekonísias. O Impasse de Euman se transformara num cerco.

— Fugir ainda não fugiram — disse. — Mas vão.




CAPÍTULO 58

Uma Promessa Cumprida

Dezoito horas depois, Jim Sunto chegou em um veículo blindado diante do Hotel Tranquil Suites. O CEO da Ganlu Soluções Internacionais estava em casa, perto da sede da empresa, em Forte Jonsrock, quando fora acordado antes do amanhecer por uma ligação informando que, após um confronto violento na Ilha Euman, dois de seus funcionários tinham morrido e outros três estavam hospitalizados. Um piloto de helicóptero empregado pela Anorco também falecera. Nove civis kekonésios haviam sido mortos por disparos, e outros trinta tinham ficado feridos.

Sunto pegou o primeiro voo disponível para Kekon. Dois Dedos do Desponta o interceptaram assim que ele entrou no saguão do hotel. Tomaram sua arma e o escoltaram até o elevador e, de lá, ao último andar, que fora inteiramente ocupado pelo Pilar e seus homens. Sunto fervia de raiva quando entrou na suíte.

— Que porra foi essa, Kaul?

Hilo estava sentado no sofá, terminando o café da manhã e assistindo ao jornal, com uma bolsa de gelo no ombro. Lott Jin estava perto da janela, falando ao celular e andando de um lado para o outro tentando encontrar um sinal melhor. Outros Ossos Verdes de ambos os clãs tinham chegado à Ilha Euman junto com o exército, a polícia estadual e mais repórteres. Os manifestantes haviam recuado para o cume ao lado do acampamento original enquanto os

mercenários da GSI recuperavam o helicóptero e reparavam a cerca ao redor da propriedade da Anorco. Lott deixara uma dúzia de Ossos Verdes do Desponta no local do impasse e coordenava com Aben Soro, do Clã da Montanha, patrulhas rotativas para manter a paz na área. O Chifre desligou quando Sunto entrou. Trocou um olhar com o Pilar e atravessou uma porta para um quarto adjacente.

Hilo deu a última mordida em um pãozinho de carne, mastigou e engoliu, pegou o controle remoto e silenciou a televisão, que reprisava imagens dramáticas do dia anterior: Hilo em cima da van, as ruínas fumegantes do helicóptero caído da Anorco, soldados da GSI atirando contra a multidão, pessoas sendo carregadas em macas. Limpou a boca com um guardanapo e, com toda a calma, ergueu os olhos para Sunto.

— Lembra da promessa que eu te fiz, tenente?

A aura do homem, normalmente contida e indecifrável, vibrava como um diapasão.

— Esse é o seu conceito deturpado de uma vingança contra mim? Você destruiu um helicóptero, matou o piloto e incitou uma turba violenta a invadir propriedade da Anorco e a atacar meus funcionários. Você é um psicopata. O sangue de uma dúzia de mortos inocentes tá nas suas nas mãos.

— Palavras ditas com a verdadeira hipocrisia de um espênico — respondeu Hilo, com um sorrisinho debochado e vagaroso —, por um homem que criou uma empresa de mercenários pra lutar pelo maior lance em guerras ao redor do mundo. Que sangue tá nas suas mãos, Sunto?

Sunto se eriçou.

— Apenas as perdas inevitáveis que qualquer comandante precisa aceitar.

— Inevitáveis porque não seguiam a sua religião? Ou porque o governo da RDE estava te pagando milhões de thalirs para executar a Operação Corta-Fogo?

A mandíbula de Sunto se contraiu. Ele não perguntou como o Pilar sabia da Operação Corta-Fogo; agora que Niko retornara ao Desponta, a resposta era óbvia. Ainda assim, ele é que não iria ficar na defensiva depois de ter atravessado meio mundo para enfrentar as atitudes de Hilo.

— Não mude de assunto para ficar discutindo moralidade comigo — grunhiu. — O merdeiro diplomático que você desencadeou vai acabar saindo pela culatra. Vou garantir que você seja denunciado pelas mortes de funcionários da Anorco e da GSI, além de incitação à violência pública e destruição de propriedade privada. Você nunca mais vai viajar pra RDE sem ser preso.

Diante da completa indiferença de Hilo, Sunto levantou o tom de voz e falou com mais veemência:

— O fundador da Anorco, Art Wyles, é o futuro secretário de Comércio Exterior. Você pode até achar que é intocável no seu país, mas acha mesmo que seus apoiadores no governo kekonésio vão continuar te defendendo quando perceberem o quanto você colocou em risco a relação com a RDE?

Hilo tirou a bolsa de gelo do ombro. Se levantou, movimentou a articulação dolorida e esticou o pescoço de um lado para o outro.

— Segundo você, eu coloquei a relação de Kekon com a RDE em risco. E o que *você* fez com a presença da Espênia em Kekon? — A voz do Pilar era baixa e tranquila, um evidente sinal de perigo. — Durante anos, seus contratados militares privados, usando jade, protegeram os navios da Anorco enquanto eles extirpavam o fundo do mar kekonésio. Ontem, seus homens abriram fogo contra civis. Podiam ter se defendido com Deflação ou Aço, mas usaram fuzis. Foi tudo gravado e passou em todos os canais de notícias. Os soldados da GSI atiraram primeiro, antes que um único Osso Verde ou manifestante sequer sacasse uma arma.

O semblante enraivecido de Sunto não mudou, mas os tendões de seu pescoço se retesaram e sua aura de jade se expandiu. Hilo avançou na direção dele, com a cabeça ligeiramente inclinada.

— Soldados espênicos não sabem usar habilidades de jade em uma rua urbana lotada, cercados de gente comum. O SCBJ não ensina aisho.

Sunto fervia de raiva.

— Aqueles soldados não teriam atirado se não tivessem corrido risco de vida. Não importa como você manipule a história na imprensa kekonísia; o fato é que não teria havido *nenhuma* morte ontem se você não tivesse ido lá fazer espetáculo. *Foi você que começou isso, Kaul*.

Com os lábios entreabertos de desdém, Hilo meneou a cabeça.

— Você conhece a história de Kekon? Não foram os Ossos Verdes sozinhos que derrotaram o exército shotariano na Guerra das Muitas Nações. Eles tiveram o apoio do povo. Em Kekon, *sempre* foram os Ossos Verdes que inspiraram as pessoas a lutar por si mesmas.

Lott Jin voltou ao quarto trazendo uma grande caixa de papelão, que colocou sobre a mesa de centro à frente do sofá. Hilo caminhou até ela enquanto falava por cima do ombro para Sunto.

— Independentemente do que aconteça agora, já deu de você e da sua empresa em Kekon.

Apesar de toda a raiva e as ameaças, Sunto vivia no país havia tempo suficiente para saber que Hilo estava certo. A importância que o povo de Kekon

atribuía ao aisho significava que a indignação pública diante de soldados estrangeiros usando jade kekonísia para fuzilar civis kekonésios desarmados já estava virando um tsunami na imprensa, nas ruas e no Conselho Real. A campanha rapidamente mobilizada por Wen, com um elenco de grandes estrelas do cinema arrecadando fundos para as famílias dos manifestantes mortos e feridos, já somava centenas de milhares de dien em apenas três horas. Havia mais pessoas seguindo para a Ilha Euman para reforçar o protesto, enquanto outras se reuniam, furiosas, diante do Casa da Sabedoria. Antes do fim da semana, o governo kekonésio proibiria a GSI e quaisquer outras empresas militares estrangeiras de operar em Kekon novamente.

As mãozorras de Sunto se fecharam em punhos; as veias dos antebraços saltaram.

— Nos vemos no tribunal, seu cretino presunçoso. Vou garantir que a Anorco e o governo espênico usem todos os meios para derrubar você e o Desponta. — O CEO da GSI se virou bruscamente e caminhou até a porta. — Há baixas inevitáveis na guerra, mas isto não é uma guerra entre nossos países, por mais que você queira fazer parecer que é. É uma rixa pessoal sua.

— E porque que essas duas coisas não podem ser a mesma? — disse Hilo.

Ele abriu a caixa de papelão e retirou uma fita de vídeo. Inseriu-a no aparelho ligado à televisão do quarto e, com o controle remoto, reativou o som. Sunto já alcançara a porta, mas parou quando a voz da gravação começou.

— O pessoal da GSI não dizia o nome "Operação Corta-Fogo", mas a gente sabia que era isso. Era assim que os figurões chamavam. Fomos instruídos a não discutir nada das nossas missões. Oficialmente, a RDE não deveria estar em nenhum daqueles lugares. Ainda assim, oitenta por cento dos contratados eram ex-militares espênicos. Os recrutas kekonésios ficavam espalhados, porque tínhamos mais jade e éramos melhores em certas coisas, como Deflação e Percepção.

Sunto se virou. A pessoa que falava na gravação estava contra a luz, com o rosto oculto e a voz eletronicamente alterada, mas Hilo sabia que era Teije Inno. Numa curiosidade ociosa, ficou pensando se Sunto reconheceria o sujeito, se conhecia seus soldados pessoalmente como um bom Chifre conhece Punhos e Dedos, se, por baixo do pragmatismo corporativo, sentia alguma forma de traição pessoal.

Na tela, Teije continuou:

— Em Udain, nosso objetivo era sufocar a rebelião Entregantista. Treinamos os soldados e a polícia secreta do governo udaínico e ajudamos a localizar e

prender líderes rebeldes suspeitos. Os rebeldes eram, em sua maioria, agricultores, moradores de vilas…

A voz foi perdendo o fio da meada. Quando voltou, foi mais lenta, com uma tensão audível mesmo com a distorção.

— Uma vez, fomos enviados para emboscar um grupo rebelde de reconhecimento, mas, no fim das contas, a inteligência tinha errado. As pessoas em que atiramos não eram soldados. Duas eram crianças. E, pra piorar, estávamos usando jade e deveríamos ter Percebido que não representavam ameaça. Aconteceu rápido demais. — Uma longa pausa. — *Soube de outro incidente em que…*

Sunto avançou até a televisão e enfincou o dedo no botão para desligar, interrompendo a gravação. Se virou para Hilo e Lott com um desgosto à mostra.

— Esse vídeo é do seu próprio filho? Você escreveu um roteiro e o forçou a recitar diante da câmera?

O rosto de Hilo mudou com uma rapidez assustadora.

— Eu devia te matar aí mesmo onde você está — murmurou. — Não. Esse não é o Niko.

— Então você encontrou um ex-funcionário da GSI, um kekonésio que podia ameaçar ou subornar para difamar a empresa sem contexto algum — concluiu Sunto. — Sem a Operação Corta-Fogo, forças pró-ygutanianas teriam espalhado o Entregantismo pelo mundo. Sim, houve uma ou outra baixa civil, mas foram incidentes isolados; um custo necessário na luta pela Verdade Única. — Num reflexo, tocou o pingente triangular no pescoço, mas então pareceu lembrar que estava entre inVerdadeiros e transformou o gesto num aceno displicente para a televisão. — Você acha que esse sensacionalismo jornalístico vai te dar alguma vantagem sobre mim? Que isso vai virar notícia fora de Kekon?

— Sozinho, não — admitiu Hilo. Lott tirou mais material da caixa: outras fitas de vídeo, gravações de áudio, maços de papéis e fotografias em pastas, e foi juntando tudo na mesa de centro em uma pilha impressionante. — Mas tudo isso junto? Imagino que vá interessar alguns jornalistas e políticos da Espênia.

Sunto encarou a pilha crescente de provas condenatórias.

— Como foi que você…

— Seu arrogante de merda — disse Hilo, em voz baixa. — Você teve tanta certeza de que os clãs iam parar na latrina da história, como se não estivéssemos lutando nossas próprias guerras durante esse tempo todo, em todos os níveis, ao redor do mundo. Quando eu disse que ia te derrubar, você só deduziu que eu mandaria te matar.

O rosto de Sunto não deixou nada transparecer, mas sua aura se avolumou e se agitou.

— É ano eleitoral no seu país, não é? — perguntou Hilo. — A Operação Corta-Fogo foi uma iniciativa de um trilhão de thalirs, ao longo de uma década, que o governo espênico escondeu no orçamento do Departamento de Guerra enquanto falava que estava retirando tropas da RDE de guerras de terceiros. Tenho certeza de que seus superiores têm inimigos políticos dispostos a transformar isso em um grande escândalo. — Hilo sorriu, não de diversão, mas de apreço pelas informações minuciosas e persistentes de Shae. — Quando isso vier à tona, alguém vai ter que pagar. Você vestiu o uniforme espênico e reza pro Deus e pro Profeta deles, mas seu rosto e seu sangue são kekonésios. Eles vão se voltar contra você, Sunto.

Sunto ficou em silêncio por um minuto inteiro. Então assentiu.

— Está bem, Kaul. — A mandíbula estava cerrada. — Entendi. Quanto vou ter que te pagar?

— Seu espeniquito de merda, você acha que eu quero o seu dinheiro sujo? — exclamou Hilo, com tanta violência no olhar que até o ex-Anjo Naval deu um passo involuntário para trás. Com suas auras zunindo, Lott e os Dedos junto à porta se retesaram. — Eu gostaria é de ver a sua empresa queimar até o chão, de te ver jogado numa prisão espênica pelos mesmos políticos que te pagaram tão bem — rosnou o Pilar. — Em vez disso, tô fazendo o que *não quero* fazer. Te oferecendo salvação, Sunto.

Hilo apontou para as fitas e os papéis sobre a mesa de centro, fruto de incontáveis horas de trabalho dos Ratos Brancos do clã.

— Vou trancar tudo isso em um cofre, onde ninguém jamais verá. Em troca, você só precisa trabalhar pro Desponta uma última vez.

— Trabalhar pra *você*? — exclamou Sunto, desconfiado e atônito. — Pra fazer o *quê*?

— Derrubar o seu chefe — respondeu Hilo. — Wyles.

— Art Wyles? — repetiu Sunto, sem compreender.

— Você me ouviu — disse Hilo. — Quero a Anorco destruída.

Sunto respirou entredentes.

— A GSI faz parte do conglomerado Recursos Globais Anorco. Art Wyles investiu na minha empresa desde o início. Foi ele quem garantiu o contrato com o Departamento de Guerra. Não vou trair um amigo e um companheiro Baluarte da Verdade.

Hilo sentiu a tentação de lembrar ao homem que eles próprios já tinham sido

amigos. *Amizade espênica*, pensou, *vale exatamente o que se paga por ela*. Em vez disso, disse:

— O Wyles tá vendendo a participação dele na Anorco pra um investidor privado. Esse investidor é o Clã da Montanha. A menos que você encontre uma forma de desvincular a GSI da empresa-mãe, em breve estará respondendo a Ayt Madashi. — Quando Sunto ficou boquiaberto de incredulidade, Hilo não conteve o sorriso diante da ironia de um inimigo detestado ser devorado por outro. — A empresa que você fundou, baseada em ideais espênicos supostamente modernos e da Verdade, será usada para proteger os ativos e promover os interesses do Montanha.

— Isso não… — Sunto meneou a cabeça. — O Art vai se afastar da Anorco, mas ele nunca…

Hilo via que o homem queria acusá-lo de estar mentindo, mas, por trás do olhar incandescente de animosidade, a confusão ia rapidamente se transformando em desconfiança e numa lúgubre compreensão.

Sunto rompeu o contato visual primeiro. Caminhou até o sofá que Hilo deixara e sentou-se pesadamente. Hilo permaneceu à frente dele e se inclinou para encarar-lhe o rosto.

— O Wyles te traiu. Tá vendendo a empresa pra se proteger. Sei disso porque conheço a Ayt Madashi. *Você* conhece o Art Wyles. O que o Clã da Montanha tem que poderia derrubá-lo?

A mandíbula de Sunto se moveu para a frente e para trás.

— Provas — disse, relutante, mas com firmeza. Mesmo sob o olhar de Hilo, levou o pingente do Raiar de Icana aos lábios e murmurou uma prece em espênico, talvez pedindo força, talvez perdão. — Provas das ligações criminosas do Art com as Tripulações. Muitos tabloides de Porto Massy já insinuaram isso antes. Há fotos antigas dele com Joren Gasson e outros membros da Tripulação da Rua do Padeiro. Mas nunca passou de fofoca e rumores. Qualquer coisa concreta poderia afundar a carreira política dele ou mandá-lo pra prisão. É a única coisa que consigo imaginar que o faria vender a Anorco.

Um silêncio amargo se estendeu entre os dois, enquanto ferviam de ódio.

— A venda da Anorco será concluída em seis semanas. Minha Homem do Tempo falou que a negociação não pode ir pra frente se o Wyles for denunciado por crimes financeiros e tiver os bens congelados. E também que, se a Anorco for desmembrada, você poderá retomar o controle da GSI por meio de uma recompra gerencial.

Hilo perscrutou a expressão aterrada de Sunto como se não soubesse se

queria pousar uma mão consoladora em seu ombro ou quebrar seu pescoço.

— Você e seus mercenários nunca mais pisarão em Kekon. Nunca mais recrutarão um membro do Desponta. — Olhou para a pilha de fitas sobre a mesa, para, mesmo sem dizer nada, relembrá-lo de que ainda podia fazer a GSI ruir. — Mas você pode se salvar e salvar a sua empresa, se me disser agora que fará o que eu tô pedindo. Você vai me ajudar a derrubar a Anorco e o Clã da Montanha.

Desde o primeiro encontro com Jim Sunto, Hilo vira no sujeito um pragmatismo revigorante, alguém sem lealdade a ninguém além de si mesmo e de seu Deus estrangeiro. Sunto pressionou a mão sobre os olhos por um segundo. Quando voltou a encarar Hilo, a raiva inútil havia se solidificado em uma aquiescência dignificada; a expressão de um urso cativo ao perceber que precisa se humilhar para comer.

— O que você quer que eu faça?

Lott trouxe um telefone e o colocou sobre a mesa de centro.

— Você pode começar — disse Hilo — falando com uma mulher chamada Kelly Dauk.




CAPÍTULO 59

Fim de um Longo Julgamento

vigésimo sexto ano, décimo mês

O motorista do Cabriola Sentry de Shae avançava aos poucos por entre fileiras de carros estacionados de forma irregular ao longo do acostamento das sinuosas e íngremes estradas do Plano Alto. O movimento do veículo se tornara desconfortável demais para que Shae continuasse lendo. Ela guardou os papéis assim que terminou de conferir as notícias digitalizadas do *Tributo de Adamont Capita* que o escritório filial do clã em AC lhe enviara por fax naquela manhã.

O magnata dos negócios e político Art Wyles fora indiciado por acusações de corrupção e lavagem de dinheiro em conexão com o infame império criminoso da Tripulação da Rua do Padeiro. Kelly Dauk, presidente da Bancada Anticorrupção da Assembleia Nacional, convocara uma audiência governamental extraordinária sobre o caso. A venda pendente da empresa de Wyles, a Anorco, a investidores estrangeiros fora bloqueada. Se a investigação iminente vinculasse os ativos da empresa a sindicatos do crime organizado, o conglomerado provavelmente seria desmantelado.

Segundo Hilo, fora a primeira vez que Kelly Dauk aceitara, ainda que a contragosto, qualquer tipo de aproximação por parte do Desponta. A mulher mantinha um dossiê inteiro sobre Art Wyles e tentava há anos, junto de promotores federais, reunir provas concretas de seus crimes. A única coisa de que precisavam era que o parceiro comercial de confiança de Wyles, Jim Sunto, se encontrasse com o suspeito e extraísse uma confissão enquanto usava um grampo.

Sunto confrontara Wyles para exigir explicações sobre a venda inesperada da Anorco (e, por consequência, da GSI), e para uma entidade kekonísia ainda por cima. Depois de tentativas de convencer Wyles a interromper a venda, ameaças de contar à esposa sobre suas amantes e lembretes do envolvimento conjunto dos dois na Operação Corta-Fogo, Sunto prevalecera sobre Wyles como um companheiro Baluarte da Verdade. Saíra da sala com uma gravação de Wyles admitindo seus negócios com a Tripulação da Rua do Padeiro, mas assegurando que, uma vez empossado como secretário de Comércio Exterior, Joren Gasson os ajudaria a resolver o "problema kekonésio".

— Homens da Verdade pagam suas dívidas — prometera.

Art Wyles, suspeitava Shae, pagaria a tal dívida passando um bom tempo na prisão.

O Cabriola foi finalmente obrigado a parar diante da multidão densa de pessoas reunidas em frente aos portões de ferro da mansão Ayt. O motorista olhou para trás e disse:

— Daqui não dá pra passar.

Shae abriu a porta e saiu do carro. Os dois guarda-costas saíram com ela.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia, Kaul-jen? — murmurou um deles.

Ela não contara a Hilo, nem mesmo a Woon, para onde ia naquela tarde.

— Sei o que tô fazendo.

Shae se aproximou dos portões da mansão. Seus guarda-costas a flanqueavam, mas não houve problema. As pessoas a encaravam e murmuravam, porém se afastavam, e até os repórteres que correram para tentar tirar fotos mantiveram uma distância respeitosa. Parecia que todos ali presentes sabiam que um evento como aquele nunca acontecera antes. Certamente, a concentração em frente à mansão Ayt era algo que Shae jamais teria imaginado. Mais de mil membros do Clã da Montanha (Punhos e Dedos, Lanternas, Agentes da Sorte) de pé em condenação silenciosa, porém pública, de sua própria Pilarisa. Quando Shae chegou à frente da multidão, foi obrigada a se abaixar para passar sob uma

enorme faixa branca pintada à mão, sustentada por meia dúzia de Ossos Verdes do Montanha em varas de madeira. O pano se desenrolava em longas linhas de texto:

A Pilarisa é a mestra do clã, a coluna do corpo. A Pilarisa deve seguir o aisho e jamais desobedecê-lo. A Pilarisa não deve se associar a criminosos estrangeiros. A Pilarisa sabe quando é hora de outro liderar.

Para alguém que não fosse kekonésio, a manifestação pareceria contida, até estranhamente respeitosa. Não havia gritos nem palavras de ordem, nada parecido com a turba de manifestantes que Hilo tão facilmente incitara à violência na Ilha Euman no mês anterior. Para um clã Osso Verde, porém, a situação era chocante e sem precedentes. Ossos Verdes resolviam questões do clã dentro do clã. Demonstrar abertamente desaprovação e oposição à Pilarisa, à vista de inimigos, civis e da imprensa… era claramente rebelião. Virava notícia nacional, tanto que até abafara as mortes em Euman e, certamente, a derrocada de algum político na Espênia.

Uma espessa muralha de tensão se erguia entre os Ossos Verdes que seguravam a faixa branca e a dúzia de Punhos leais a Ayt que guarneciam os portões da propriedade, com mãos pousadas nos cabos das espadas da lua enquanto observavam os próprios companheiros de clã com uma hostilidade cautelosa. Shae sentia aquela animosidade quase como se ainda fosse capaz de Percebê-la. Uma guerra civil se anunciava.

Caminhou direto até o Punho mais experiente à vista.

— Diga à sua Pilarisa que a Homem do Tempo do Desponta está aqui pra falar com ela.

O guarda cuspiu aos pés de Shae.

— Vocês, Kaul, são cães oportunistas e traiçoeiros. Nenhum de vocês tem nem metade da verdejância da Ayt-jen. Ela devia ter mandado cortar suas cabeças anos atrás.

— Se você é realmente leal e obediente à sua Pilarisa — disse Shae —, levará minha mensagem a ela. Diga que vim aqui por conta própria, não como emissária do meu irmão.

Ainda encarando Shae com ódio, o Punho bradou uma ordem a um de seus Dedos, que se virou e correu para dentro da mansão. Shae esperou. A multidão esperou com ela sob o calor sufocante do fim do verão. O suor brilhava em seus rostos. As pessoas se abanavam, bebiam água e mudavam o peso de um pé para o outro, mas permaneciam ali. Após vários minutos, o Dedo reapareceu e, com grande relutância, o Punho ordenou que o portão fosse aberto e que Shae tivesse

permissão de entrar.

Ela foi escoltada pelo caminho pavimentado até as imponentes portas duplas da frente, atravessou um amplo vestíbulo de piso de madeira e seguiu por um corredor até uma espessa porta fechada.

— Esperem do lado de fora — instruiu aos guarda-costas, antes de entrar no escritório de Ayt Madashi.

Shae nunca estivera na presença de Ayt Mada sem usar jade. Vê-la sem poder Percebê-la, sem sentir aquela aura inconfundivelmente densa e poderosa, era como olhar para uma fotografia da Pilarisa em vez da mulher real. Ayt estava de pé diante de uma das grandes janelas que despejavam a luz do sol sobre o escritório abarrotado. Vestia calças bege e uma regata vinho solta sobre o corpo; os braços, como sempre, nus e densamente circundados de jade. Mesmo no calor, trazia um lenço branco de seda bem ajustado ao pescoço. Não se virou com a entrada de Shae. Daquela janela, Ayt não conseguia ver além dos portões da frente, mas sem dúvida Percebia todos os membros do clã reunidos em rebelião do lado de fora dos muros da propriedade. Era uma cena que Shae jamais esqueceria: a Pilarisa do Montanha de perfil, ereta e silenciosa sob a luz do sol, de braços cruzados e com o olhar fixo e levemente deslocado. Uma estátua de uma antiga senhora da guerra antes de sua batalha final.

Uma apreensão pesada se juntou e se acomodou no fundo do estômago de Shae. Sempre que confrontara Ayt Mada, as consequências haviam sido dramáticas e irrevogáveis, afetando ambos os clãs e suas vidas por anos a fio. Viera contando com um padrão que parecia traçado pelos deuses.

— Foi muito engenhosa, Kaul-jen — disse Ayt, por fim.

Shae avançou mais alguns passos para dentro do recinto.

— Aprendi com uma inimiga engenhosa.

Dez dias antes, a entrevista de Iyilo com o âncora da ENK, Toh Kita, fora ao ar em rede nacional. Num depoimento minucioso, o contrabandista barukâne encarcerado detalhara mais de duas décadas de colaboração da Ti Pasuiga com o Clã da Montanha. Iyilo explicara que, durante o período em que atuara como braço direito e guarda-costas de Zapunyo, ele e o primo Soradiyo tinham servido como mensageiros entre o chefão uwiwano e a Pilarisa do Montanha. A conspiração para assassinar Kaul Hilo com um carro-bomba (que acabara matando Maik Kehn e ferindo vários civis) fora sugerida e incentivada por Ayt Mada em troca de promessas de leniência no contrabando de jade.

Depois disso, Iyilo habilmente ostracizara o próprio chefe e conspirara diretamente com o Montanha para tomar o controle dos negócios de Zapunyo e

matar seus filhos. Com um orgulho próprio mal disfarçado, contou aos espectadores que aceitara se associar a Ayt Mada em troca da promessa de que a Lei dos Refugiados do Conflito de Oortoko seria aprovada no Conselho Real, o que de fato ocorrera após a morte repentina do então Chanceler Son Tomarho.

Iyilo ainda fornecera informações detalhadas sobre o triângulo de comércio que se estabelecera em seguida entre a Ti Pasuiga, os Matyos e o Montanha, para transportar jade e brilho contrabandeados de Kekon para as Ilhas Uwiwa e o continente de Orius. Ayt Mada, explicara Iyilo, controlava os preços do mercado clandestino recomprando jade para o próprio clã e trazendo-a de volta ao país ilegalmente por Lukang, um esquema que provocara uma guerra civil dentro do clã União das Seis Mãos. Em seguida, ela permitira, e até ajudara, que a Ti Pasuiga e os barukâne dos Matyos movimentassem jade sem interferência alguma para Ygutan e para Oortoko do Leste, abastecendo o programa nekolva e outros conflitos da Guerra Latente, em troca de uma fatia dos lucros, que ela canalizava de volta para expandir os negócios legítimos do Montanha. Em certos momentos da entrevista tranquila, Iyilo falava de Ayt Mada com admiração e um respeito cauteloso como parceira de negócios; em outros, demonstrava um desprezo escarnecedor por todos os Ossos Verdes; e em outros, ainda, como quando lamentava o fato de Ayt ter abandonado o primo Soradiyo à vingança do Desponta, mostrava-se abertamente amargurado e ressentido.

Quando questionado se temia que Ayt o matasse por ter contado tudo, o antigo chefão da Ti Pasuiga riu.

— Claro que ela vai me matar — disse, com um gesto displicente para a câmera. — Há um ditado em shotariano: “case com o diabo, receba a mãe do diabo”. É o acordo do qual ninguém escapa. O negócio de jade é o diabo, e a Ayt Mada, sua mãe.

A entrevista televisiva de Iyilo fora imediatamente amplificada por jornais e emissoras de rádio, e trechos continuavam sendo reprisados apesar da indignação dos apoiadores de Ayt, que insistiam que tudo não passava de ficção, de uma manobra do Desponta para derrubar o Montanha, subornando um criminoso condenado para mentir em benefício próprio.

Ainda assim, o estrago pelo qual Shae e Anden haviam torcido estava feito. O depoimento de Iyilo soava convincente demais. Não tinha a rigidez ensaiada de um discurso preparado, mas sim o tom desafiador, nostálgico e errante de alguém que já não tinha nada a perder e aproveitava a chance de despejar tudo o que carregava no peito. A pedido da Emissora Nacional de Kekon, dois Ossos Verdes experientes do notoriamente neutro clã Escudo de Haedo acompanharam

Toh Kita, e juraram pela sua jade e pela honra de seu clã que não Perceberam qualquer engodo nas declarações do prisioneiro.

As histórias de Iyilo confirmavam rumores que circulavam aos sussurros havia anos pelo Montanha. Poucos dias depois de a notícia estourar, as fissuras internas do clã se tornaram impossíveis de esconder. Ayt Atosho, com 35 e há muito apontado como sucessor em espera, manteve-se em silêncio, mas seus parentes falaram por ele. A Conselheira Koben Tin Bett foi a primeira a conclamar publicamente a renúncia de Ayt Mada como Pilarisa. Seis Lanternas de destaque desertaram em massa do Montanha; dois chegaram ao ponto de transferir sua lealdade para o Desponta. Outros quatro membros do Conselho Real anunciaram que estavam encerrando sua afiliação com o Montanha e passariam a atuar como conselheiros independentes; não aceitariam mais patronagem do clã enquanto Ayt Mada permanecesse no poder.

E agora, aquilo: os próprios guerreiros de Ayt postados diante de seus portões.

— Você mandou matar Iyilo? — perguntou Shae.

— Não — respondeu Ayt, seca. — Talvez tenha sido alguém agindo em nome do Montanha, mas não sussurrei o nome dele. Por que faria isso? Todo o dano que ele podia causar já estava feito. Eu já te disse antes, Kaul Shae-jen: não mato por *ódio*.

Era uma admissão notável, Ayt reconhecendo que já não tinha controle absoluto sobre o clã, que estava perdendo o domínio sobre seus subordinados.

A extradição de Iyilo para Kekon estava agendada, mas a segurança nas prisões uwiwanas era notoriamente precária. Em menos de quarenta e oito horas após a exibição da entrevista, Iyilo foi encontrado morto em sua cela, com a garganta cortada por um dos guardas, que jamais foi localizado. A maioria das pessoas presumiu que o Montanha fora responsável. Alguns acreditaram que o Desponta o eliminara depois que ele deixara de ser útil. Outros ainda diziam que fora um de seus muitos inimigos nas Ilhas Uwiwa. Para Shae, parecia irrelevante saber qual era a verdade. Se Hilo dera a ordem, não a informara. Mas cumprira a palavra, como sempre fazia. Na tarde anterior à sua morte, Iyilo passara duas horas ao telefone com a esposa e os filhos, que estavam em segurança em Porto Massy, sob novas identidades.

Por fim, Ayt se virou para encarar Shae. Os últimos anos não haviam sido gentis com a Pilarisa. Sua postura permanecia ereta, mas fios grisalhos, da cor de palha de aço, surgiam nas raízes do cabelo tingido, grosso e cortado à altura do queixo; sulcos profundos marcavam o espaço entre o nariz e os lábios, resultado

de uma vida inteira mantendo a boca firme e contida. As duas mulheres se observaram através de um antigo abismo de compreensão e inimizade. Shae se perguntou se Ayt também notava seu próprio declínio, se sentia pena de sua condição sem jade.

Quando foi que envelhecemos?, pensou Shae. Alguns acreditavam, com pouca sustentação científica, que a jade retardava o envelhecimento, ao menos por um tempo, embora ninguém afirmasse que o estilo de vida de um Osso Verde favorecesse a longevidade. Havia até um ditado: *guerreiros de jade são jovens até deixarem de ser*. Fora verdade para o avô de Shae, ela admitia, e parecia ser verdade para Ayt Mada também.

— Quer um pouco de chá? — perguntou Ayt, inesperadamente. — Tenho uma infusão fresca.

Ela cruzou o escritório até uma das poltronas de couro e se sentou.

— Quero, sim.

Shae se sentou no sofá à frente de Ayt.

Ayt pegou duas xícaras e serviu a convidada primeiro. Shae se deu conta de que, sem qualquer senso de Percepção, não teria aviso algum se Ayt decidisse matá-la, nem chance de se defender. Ayt poderia quebrar seu pescoço com a mesma facilidade com que lhe servia o chá.

Shae recebeu a xícara e bebeu um gole. Suas mãos não tremiam. *Eu não mato por ódio*, dissera Ayt e, em todos os anos de guerra entre seus clãs, jamais dera a Shae motivo para duvidar disso. Apesar de tudo o que fizera a sangue-frio, de todas as vezes em que desobedecera ao aisho por conveniência própria, Ayt Mada seguia as próprias regras.

— Estou impressionada com a rapidez com que você moveu tantas peças — disse Ayt, servindo seu próprio chá e envolvendo a xícara com os dedos longos. — O União das Seis Mãos está arruinado, e o domínio deles sobre Lukang foi perdido. Seja qual for a ameaça ou o suborno que você usou com Iyilo, fez com que ele desse com a língua nos dentes para a imprensa. Ainda estou tentando entender como você transformou Sunto num fantoche depois daquele espetáculo ridículo na Ilha Euman, mas sei muito bem que Kaul Hilo tem um dom pra virar até os inimigos mais amargos a favor de seus próprios interesses. O estrangeiro Wyles caiu, e a venda da Anorco, que levei anos para orquestrar, foi forçada a parar. — Ayt bateu de leve na borda da xícara de cerâmica antes de levá-la aos lábios. Bebeu e se recostou com um suspiro lento. — Qualquer uma dessas coisas, isoladamente, eu teria previsto e contornado. Mas todas juntas foram destrutivas demais. Eu mesma não teria feito melhor.

— Você me dá crédito demais — disse Shae. — Foi um esforço em família.

Meses antes, fora Shae quem mais se sentira desmoralizada pelo plano mestre de Ayt, convencida de que a Pilarisa do Montanha finalmente decifrara o enigma de como destruir o Desponta. O restante da família simplesmente se pôs a trabalhar. Nada daquilo teria sido possível sem as vantagens únicas do clã; se Jaya não tivesse tanto poder em Toshon com seus Facas Miúdas; se Anden não pudesse viajar de forma clandestina às Ilhas Uwiwa; se sucessivos Chifres do Desponta não tivessem infiltrado Ratos Brancos em todos os lugares necessários; se o escritório da Homem do Tempo na Espênia não tivesse detectado o esquema do Montanha desde o início e conectado os pontos certos com advogados e políticos; se Hilo não tivesse passado anos determinado a arruinar a GSI.

Shae passara décadas admirando Ayt Mada como uma estupenda estrategista. Talvez Ayt, por orgulho próprio, preferisse atribuir sua derrota à astúcia e à capacidade de uma mulher mais jovem. Shae conhecia a verdade. Ela não era mais inteligente que Ayt Mada; nunca fora. A maneira de derrotar uma mestra do xadrez não era sendo mais inteligente, mas forçando-a a jogar um jogo diferente.

O Desponta havia desenvolvido muitos tentáculos pelo país e pelo mundo para se defender dos ataques de um inimigo maior. Correra para se tornar moderno e responsivo a fim de sobreviver. Se alguém tivesse tentado enfrentar Ayt nos termos dela, teria sido destruído. Mas, desde o início, Hilo se cercara das pessoas de que mais precisava, e assim o Desponta avançara, impulsionado por muitas personalidades fortes que se digladiavam e empurravam em direções distintas, mas, de algum modo, carregaram o clã adiante em conjunto. A família sofrera conflitos e perdas terríveis que, em certos momentos, os arruinaram, mas os Kaul também tinham uma conexão firme que Ayt e os Koben jamais poderiam ter.

— Imagino que vocês se vejam como heróis — disse Ayt, com a voz afiada de súbito desprezo. — Vocês atiçaram o povo numa demonstração de força, derrubaram as empresas estrangeiras, expulsaram os mercenários e viraram meu próprio clã contra mim.

O fogo conhecido nos olhos de Ayt se acendeu, e a voz voltou a ser o aço que sempre foi.

— E, ainda assim, tudo o que fizeram foi adiar o inevitável. Haverá outros, outras potências estrangeiras, outros mercenários, outras pessoas ávidas pela nossa jade e pela alma do nosso país — sibilou Ayt. — A luta entre nossos clãs vai continuar. E pra quê? Eu teria construído uma muralha intransponível. Teria colocado Kekon firmemente no controle do próprio destino.

— Você teria colocado a *si mesma* no controle do destino de Kekon — respondeu Shae. — Não é a mesma coisa. Você é uma mulher, Ayt-jen, não uma deusa, por mais brilhante que seja, por mais jade que use. — Ela encarou a Pilarisa de frente, sem hesitação, sem medo, sem dúvida. — Ossos Verdes *não foram feitos* para serem deuses, não até o dia do Retorno. E, enquanto tentarmos ser, esse dia jamais chegará.

— Os deuses não se importam com pessoas nem com nações. — A súbita aspereza na voz de Ayt sugeria uma dor profunda que ela jamais deixava transparecer. — Pra eles, somos todos iguais. Não ligam pra quem vive ou morre, quem vence ou perde, quem deve liderar ou quem deve sofrer. *Eu ligo*.

Shae engoliu a empatia em seco.

— Acabou, Ayt-jen — disse. — Você perdeu sua última aposta magistral, mas, acima de tudo, perdeu o controle do seu clã. Seus próprios guerreiros estão lá fora dos seus portões exigindo que você renuncie. Pra continuar sendo a Pilarisa, você teria que massacrar todos eles. — Uma nuvem passou diante do sol, e o amplo escritório de Ayt mergulhou numa penumbra suave. Nenhuma das duas se moveu. — Não acredito que faria isso. Nem mesmo você derramaria o sangue de tantos Ossos Verdes seus.

— Nem mesmo agora você sabe do que eu sou capaz, Kaul-jen — respondeu Ayt, em voz baixa.

Shae sentiu um arrepio lhe percorrer a espinha, mas, com calma, disse:

— Sei muito bem que você sempre fez o que julgou necessário, por mais terrível que fosse. Mas também acredito quando você fala que nunca agiu por satisfação própria, mas pelo bem do seu clã e do seu país. O que seria bom pra eles agora, Ayt-jen? Você renunciar voluntariamente, transferir o poder para seu sobrinho, mesmo achando que ele e a família dele são insuficientes, ou dar início a um banho de sangue que despedaçaria seu clã e o atrasaria por anos?

Quando Ayt não respondeu, Shae voltou a desejar intensamente ainda ter sua Percepção. O rosto da Pilarisa de repente ficara tão ilegível quanto mármore liso.

Ela tocou a própria garganta nua, onde a jade um dia repousara. *Perdemos tanto, todos nós*. Ela e Ayt Mada jamais escapariam da rivalidade entre seus clãs, mas se compreendiam como mulheres verdejantes num mundo de homens.

— Você se lembra da história do rei Eon II? — perguntou à Pilarisa. — Ele abdicou do trono em desonra. Seus apoiadores queriam que continuasse lutando, mas ele depôs a coroa pra poupar o país de mais destruição e sofrimento. Mesmo sem o reconhecimento do povo, garantiu que a nação pudesse se reerguer sem ele. Só ele, os deuses e gerações futuras que jamais conheceria saberiam que

aquela havia sido a decisão certa.

Ela respirou fundo.

— Tome a decisão certa agora, Ayt-jen. Renuncie pacificamente e eu prometo que vou convencer meu irmão a firmar uma trégua duradoura entre os clãs. Vamos renunciar à rixa de sangue que existe entre nós desde a morte de Lan. — Pronunciar o nome de Lan pareceu agitar algo no recinto… e dentro do peito de Shae. — O Desponta jurará amizade e fraternidade ao seu sobrinho, Ayt Ato. Juntos, vamos traçar um plano que una os clãs, aos poucos e de forma justa.

Os cantos da boca de Ayt se eriçaram numa ironia sem senso de humor.

— Então agora, depois de anos de guerra, quando vocês finalmente estão em vantagem, você quer que eu acredite que defendem a união dos clãs? Espera mesmo que eu não entenda que o que você quer dizer é que o Desponta vai conquistar o Montanha?

Shae meneou a cabeça.

— O tempo da conquista já passou. Nossos clãs são grandes demais pra serem fundidos à força. Os Ossos Verdes mais jovens dos dois lados lutaram juntos contra os anti-clã e estrangeiros mais vezes do que lutaram entre si, e os mais velhos já viram guerra demais. Se você passar a posição de Pilarisa para seu sobrinho, Hilo e eu nos aposentaremos em cinco anos, e todos os rancores antigos poderão finalmente ir embora conosco.

Ayt permaneceu em silêncio por um longo minuto. Não olhou para Shae; ficou encarando as grandes janelas. Um leve arqueamento nos ombros sugeria um fardo pesado, invisível. Por fim, perguntou:

— Seu Pilar concordará com isso?

— Sim. — À medida que se tornara claro que o Desponta não apenas sobreviveria às tramas de Ayt, como também sairia à frente dos rivais aos olhos do público, as conversas que Shae tivera com Hilo no pátio haviam se voltado para o futuro e para um modo de assegurar a força do clã. — Não posso mais jurar pela minha jade, mas eu juraria.

Ayt fechou os olhos e tornou a abri-los. Eles cintilavam dentro de um ninho de rugas severas.

— Muitos anos atrás, Kaul Shae-jen, eu te procurei. Queria te convencer a se unir a mim, a traçar um caminho mais forte pros nossos clãs e pro país. Você recusou. Desde então, passei a te odiar e a te admirar por essa escolha. É claro que percebe a ironia deste momento, sentada aqui, tentando me convencer a aceitar a sua visão em vez da minha.

— Olha pra nós, Ayt-jen — disse Shae, soltando um suspiro que vinha do

fundo de suas entranhas. — Somos mulheres velhas agora. Tentamos nos matar por tanto tempo e, por alguma ironia cruel, acabamos devendo a vida uma à outra. Talvez seja hora de nos afastarmos e deixar que a próxima geração tente se sair melhor do que nós.

Ayt terminou o chá e se levantou. Sem voltar a olhar para Shae, atravessou o escritório até a janela e tornou a se transformar numa estátua voltada para fora, mas, agora, a luz avermelhada do entardecer lhe banhava de outro modo, transformando-a da figura imóvel de uma general à espera da batalha na imagem de uma sobrevivente solitária em um campo de batalha vazio.

— Talvez você estivesse certa, Kaul-jen, naquele dia no Templo do Divino Retorno. A coisa mais cruel que você já me fez foi não cortar minha garganta — comentou a Pilarisa. — Vá embora. Você já disse e fez o bastante.



Shae estava sentada no Cabriola. O sol descia lentamente por trás das árvores. Fazia mais de uma hora que estava no carro. Um de seus guarda-costas ficara com ela, o outro aguardava nas proximidades, mas nenhum dos dois interrompeu seus pensamentos.

O telefone tocou.

— Oi, mãe — disse Tia, quando Shae atendeu. — Sei que você disse pra não ligar no seu celular a menos que fosse realmente importante, mas sua secretária falou que você saiu do escritório faz horas, e o pai quer saber se você vai chegar em casa pro jantar.

Shae olhou para os Ossos Verdes do Montanha que ainda permaneciam diante dos portões da mansão Ayt. Alguns haviam ido embora, outros tinham chegado, mas muitos estavam ali do amanhecer ao entardecer, e talvez fossem varar a noite. Tão estoicos quanto alunos de uma escola marcial treinando sob sol e chuva, endurecendo-se para as provações físicas e mentais que acompanham o caminho de se tornar um guerreiro Osso Verde.

— Acho que não, Tia-se — respondeu Shae. — Não me espere.

— Você pode me levar ao shopping na sexdia? — perguntou Tia.

— Talvez. Termina a lição antes de eu chegar em casa e a gente conversa.

Shae desligou e ficou olhando para o telefone na mão. *Que ela continue assim pelo maior tempo possível, apenas uma garota comum, prestes a entrar na adolescência*, Shae pediu a nenhum deus em especial, era apenas um desejo que lançava ao universo. Sabia que não poderia durar para sempre. Tia já sofria com a crueldade do mundo da mãe. À medida que crescesse e compreendesse ainda

mais, isso a afastaria da família.

A menos que, a partir daquele dia, esse mundo pudesse ser diferente daquele que Shae conhecera. *Que seja possível. Que este seja um mundo em que eu possa mantê-la perto de mim.*

Algo mudou na multidão. Os guarda-costas de Shae Perceberam e se voltaram com alerta para os portões. Shae saiu do Cabriola e parou diante do carro. A princípio, não viu nada de diferente, mas então um leve ondular de movimento abriu um vão entre as pessoas. Ayt Mada vinha descendo o caminho à frente da mansão, com os Punhos e Dedos leais flanqueando-a por todos os lados. Os grandes portões de ferro se abriram com um silêncio eletrônico suave, sem que nenhum outro som interrompesse. A Pilarisa caminhou para o meio dos dissidentes, e até mesmo os que seguravam a faixa branca de condenação murmuraram com cautela e tocaram a testa. *Até mesmo os maiores tigres envelhecem*, Hilo dissera certeza vez. Mas até mesmo o tigre mais velho ainda é um tigre.

O olhar de Ayt não buscou a antiga inimiga que aguardava do outro lado da rua, mas Shae sabia que a Pilarisa do Montanha podia Percebê-la, esperando e observando como todos os demais. Ayt Mada ajustou as espirais de jade nos braços, ergueu o queixo e falou com a voz firme e clara pela qual se tornara conhecida ao longo dos anos, a voz que Shae ouvira pessoalmente e pela televisão, e que dispensava qualquer amplificação, pois silenciava tudo ao redor.

— A Pilarisa é a mestra do clã, a coluna do corpo — declarou Ayt. — Mas o clã é mais do que a Pilarisa, e um corpo não pode estar em guerra consigo mesmo. Não justificarei todas as ações que tomei em nome do benefício final do meu clã e do meu país. No entanto, está claro que dúvidas demais recaíram sobre minhas decisões do passado para que o Montanha permaneça forte e unido sob a minha liderança.

“Então, renuncio imediatamente de minha posição como Pilarisa do Montanha. Nomeio meu sobrinho, Ayt Atosho, como meu sucessor. Dou a ele minha bênção. Peço a todos os membros do clã, Ossos Verdes e não Ossos Verdes, Punhos e Dedos, Agentes da Sorte e Lanternas, que jurem lealdade a ele como juraram a mim. Sob os Céus e pela jade.”

O anúncio emblemático foi recebido com um silêncio poderoso. Então vozes se ergueram, repórteres gritaram perguntas, e Ayt Madashi se virou e entrou de volta na casa.




CAPÍTULO 60

Dívidas Derradeiras

O primeiro ato de Ayt Atosho como Pilar do Clã da Montanha foi oferecer à cidade de Janloon uma enorme celebração do Festival de Outono. A família Koben, ansiosa por reabilitar a imagem abalada do clã, não poupou esforços para associar a mudança de liderança ao alto astral do feriado popular. As ruas dos distritos do Montanha foram enfeitadas com lanternas luminosas em cores alternadas: o tradicional vermelho outonal das festividades e o verde-claro do clã. Vans cheias de Dedos e estudantes do Templo Wie Lon circularam pela cidade distribuindo bolos amarelos decorados com a insígnia do clã. O belo rosto de Ayt Ato apareceu por toda parte, nas ruas, em programas de entrevistas na televisão e em anúncios de página inteira nos jornais.

O Desponta manteve celebrações muito mais discretas, em que seus membros trocavam cautelosos cochichos de otimismo e especulações sobre o futuro. A inimiga mais antiga e formidável do clã estava fora do poder. Parecia impossível de acreditar. Uma geração inteira de Ossos Verdes do Desponta crescera pensando em Ayt Mada e no Clã da Montanha como uma coisa só, uma ameaça constante e odiosa. Ninguém sabia ainda o que pensar de seu substituto, nem o que esperar dos Koben.

Hilo convocou toda a família e os amigos mais próximos para um jantar.

Depois de uma refeição tranquila composta de todos os pratos tradicionais da estação (sopa de frutos do mar com gengibre, porco defumado com camada tripla de glacê, legumes em conserva apimentados e bolinhos pegajosos de pasta de fruta), o Pilar disse:

— É uma noite agradável, ainda está quente do lado de fora. Fiquem o quanto quiserem.

Era um sinal gentil para que aqueles que não faziam parte do círculo mais íntimo da liderança do clã se retirassem. Eles o fizeram prontamente, cientes de que o Pilar e seus conselheiros passariam horas conversando.

Sulima ajudou a mãe de Hilo a voltar para o quarto. Kaul Wan Ria tinha agora 85 anos, o membro mais longevo da família, embora estivesse frágil tanto mental quanto fisicamente. Woon Papi, Juen Nu, os filhos adultos de Juen e Maik Cam foram para o pátio com uma garrafa de hoji, baralhos e uma bola de releibol. Lina, a viúva de Kehn, e Imrie, esposa de Juen, foram conversar no jardim. Tia queria assistir a um filme no home theater. Quando Jirhuya se ofereceu para acompanhá-la, Anden pareceu aliviado e um pouco surpreso. Desde a violência na Ilha Euman, Jirhu vinha se comportando de maneira mais tensa do que o normal perto da família. Hilo suspeitava que isso tivesse causado algum atrito entre ele e Anden, mas o que esperavam? Se pretendiam continuar juntos, Jirhu acabaria vendo os parentes do companheiro como os Ossos Verdes que eram, por mais longe que tentasse se manter do clã.

Hilo olhou ao redor para os que haviam permanecido à mesa: Shae e Wen sentadas juntas de um lado, Lott e Niko do outro, Anden na outra ponta. Ele apertou a mão com força no braço da cadeira, tentando conter a dor familiar e ainda intacta que lhe apertava o coração sempre que sentia a ausência de Ru. Havia um bolinho de pêssego no prato no centro da mesa, e Hilo imaginou, com uma clareza quase dolorosa, o filho saltando da cadeira para reivindicá-lo. A única outra pessoa ausente era Jaya, que havia retornado para Toshon. Todos os demais o observavam, cheios de expectativa. Por alguns segundos, ele não falou, tomado por uma comovente sensação de orgulho.

— Ayt Atosho pediu uma reunião entre nossos clãs — disse, por fim.

Hilo deixou que Shae explicasse melhor.

— O Montanha quer discutir um juramento de amizade — contou a Homem do Tempo. — O pedido foi feito da forma correta, com todas as garantias esperadas, embora eles queiram que aconteça logo e de maneira privada, apenas com o Pilar e dois acompanhantes de cada lado. Nós escolheríamos o local e o momento.

Ninguém ficou exatamente surpreso com a notícia, embora Lott tenha comentado:

— Que rápido.

Ayt Mada havia renunciado havia apenas três semanas. Seu sucessor ir tão depressa atrás dos antigos inimigos da tia poderia ser algo visto como precipitado ou fraco, sinalizando falta de traquejo político por parte do novo Pilar. Se Hilo fosse aconselhar os Koben, o que certamente não faria, diria que era um erro se reunir com inimigos antes de ter certeza de quem eram os próprios aliados, algo que ele duvidava que os Koben pudessem afirmar com confiança.

Wen serviu um bule de chá recém-preparado para todos.

— Eles devem sentir que não têm escolha. Como assumiram o poder sob a sombra da Ayt Mada, os Koben precisam agir o mais rápido possível pra provar que estão no comando.

Muitos no Montanha ainda eram leais a Ayt Mada e consideravam os Koben uma família de Ossos Verdes de segunda linha, alçada ao topo mais por tamanho, zelo tradicionalista e um herdeiro simpático à imprensa do que por qualquer mérito real.

Ayt Ato, sem dúvida ciente de seus detratores, já havia feito uma limpeza interna. Aben Soro e Iwe Kalundo, Chifre e Homem do Tempo de Ayt Mada, tinham sido convidados a seguir o exemplo da Pilarisa e renunciar aos cargos, o que fizeram de pronto. Aben fora Chifre por tanto tempo que a aposentadoria não surpreendeu ninguém. Iwe também era um veterano, ligado demais a Ayt Mada e profundamente envolvido nos anos de atividades que Iyilo detalhara em sua entrevista.

Shae aceitou a xícara de chá que a cunhada colocou à sua frente e olhou para os bolos restantes, mas resistiu à tentação de pegar um.

— No momento, as únicas pessoas em quem Ayt Ato pode confiar são os membros da família Koben. — O novo Pilar havia nomeado o primo de segundo grau Sando Kin como Chifre e um de seus tios, um Lanterna experiente, porém pouco conhecido, chamado Koben Opon, como Homem do Tempo. — Todo mundo sabe que a Ayt Mada passou a liderança pro sobrinho a contragosto e que não o apoia de verdade, o que pode abrir espaço pra possíveis desafiantes.

— Ele tem medo de que a gente se aproveite da inexperiência dele como Pilar e da desunião dentro do clã — ponderou Lott. — No momento, estamos com a opinião pública a nosso favor, e os Koben temem que mais Lanternas do Montanha desertem pro Desponta.

— O Ayt Ato é o rostinho bonito da família — disse Wen —, mas acho que ele entende bem sua posição e é mais astuto do que a maioria lhe dá crédito. Se aprendeu algo com a tia, Koben Tin Bett, vai tentar a diplomacia antes das espadas. Se casou com uma mulher da família Tem para garantir o apoio deles. Agora quer assegurar um acordo de paz conosco pra ter tempo de organizar as coisas internamente.

A boca de Hilo se curvou num sorrisinho irônico.

— Uma aliança com a família Koben é o que aquela velha cobra do Yun Dorupon passou décadas defendendo.

— Naquela época, a Ayt Mada estava decidida a anexar o Desponta e mandar todos nós pro caixão — disse Shae. — Com a ameaça de destruição pairando sobre nós, qualquer aliança teria sido desigual. Os Koben ficaram mais poderosos desde aquela época, mas não mais do que nós. Eles não têm como nos conquistar.

Anden assentiu da outra ponta da mesa.

— Mudamos muito como clã. Talvez, agora, pela primeira vez, estejamos numa posição mais forte do que o Montanha. A questão é saber se a amizade com os Koben vai manter isso assim.

Hilo sentiu o olhar de Shae perfurá-lo. Fora ela quem fora à mansão de Ayt Mada convencer a antiga inimiga a ceder.

— Jurei em nome da família que as rixas acabariam, Hilo — dissera ela ao voltar. — Prometi que começaríamos a unir os clãs, sem derramar sangue.

Hilo cortou um dos bolos de pasta de fruta restantes ao meio.

— Cadê a Ayt Mada agora?

— Ela deixou a propriedade dos Ayt e se mudou pra outro imóvel dos Montanha, uma casa geminada nas Comunidades — respondeu Lott. — Não saiu nem falou com a imprensa, mas parece estar cooperando com a transição pacífica de poder pro sobrinho.

— Quantas pessoas estão com ela? — perguntou Hilo.

— Tem um punhado de Punhos cuidando da segurança. Todos leais a ela. — Lott parou por um instante e ficou olhando diretamente para o Pilar antes de responder à pergunta que de fato estava sendo feita. — Não seria fácil chegar até ela, mas é possível. A casa geminada é muito menos segura que a mansão dos Ayt.

— Hilo — protestou Shae —, o Montanha está tentando ser pacífico.

— A Ayt Mada não é mais a Pilarisa do Montanha — retrucou ele, sem rodeios. — Qualquer paz que façamos com os Koben não se estende àquela

velha desgraçada. Enquanto Ayt Mada respirar, ela é uma ameaça. Vai encontrar um jeito de controlar o Montanha sem ser Pilarisa. Não lutamos contra ela por trinta anos pra aceitar esse teatrinho de renúncia. Ela tem que morrer, mais cedo ou mais tarde. Melhor cedo.

— Enquanto Ayt Mada estiver viva, não dá pra confiar em nenhuma aliança com os Montanha — concordou Wen.

Um estouro de risadas e aplausos veio de algum lugar lá fora. Hilo ouviu vozes exaltadas e algo que soava como uma bola de releibol batendo na lateral da casa.

— Agora não é a hora — insistiu Shae. — Ayt já foi julgada pela opinião pública e perdeu o apoio do próprio clã. Concordo com você que seria a cara dela tentar voltar e exercer poder nos bastidores, mas isso não vai acontecer de imediato. Ela vai deixar o sobrinho ter o próprio momento e permitir que todos acreditem que ela saiu de cena. Nós devíamos fazer o mesmo. Se matarmos a Ayt Mada agora, o novo Pilar será obrigado, por honra, a nos retaliar como inimigos. Isso vai sabotar qualquer chance de uma paz duradoura.

— Poupar a vida da Ayt Mada virou um mau hábito seu, Shae.

A irmã o encarou com um olhar cortante.

— Quando a posição de Ayt Ato como Pilar estiver segura e a paz entre os clãs estabelecida, a atenção pública vai se afastar da Ayt Mada. Aí, podemos encontrar um jeito de sussurrar o nome dela discretamente. Mas, antes, precisamos chegar lá.

— A Homem do Tempo já deixou clara a opinião dela — disse Hilo, pegando metade do bolo partido para si e colocando a outra metade no prato de Wen. — E o restante de vocês?

Lott baixou o olhar, com a boca em formato de arco curvada num franzir pensativo.

— Passei muito tempo odiando os Montanha, mas, nos anos em que fui Primeiro Punho e depois Chifre, tivemos que trabalhar lado a lado tantas vezes quanto lutamos uns contra os outros. Mesmo que não concordemos com os novos líderes, eles não são a Ayt Mada. Não fizeram nada que os tornem nossos inimigos de sangue. Não acredito que alguém, nem mesmo nossos adversários, deva ser condenado por causa dos parentes, ou empurrado pra um caminho sobre o qual não teve escolha.

O restante da mesa ficou em silêncio. Lott Jin era o único ali que não era um Kaul, mas ninguém podia negar que ele se dedicara ao clã por décadas, superando muita luta e dúvidas na própria vida para se tornar um Chifre

competente nos últimos sete anos.

— Às vezes — acrescentou ele —, parece que a violência é um destino impossível de renegar. Mas, de vez em quando, surgem pequenas janelas de tempo em que isso pode mudar. Concordo com a Homem do Tempo. Com a Ayt Mada fora de cena, deveríamos deixar a rixa de lado.

Hilo se voltou para Anden, que lançou a Lott um curioso olhar de admiração contida, antes de tirar os óculos e limpá-los na barra da camisa enquanto pensava na resposta.

— A família Koben é grande, mas não chega nem perto de ser tão verdejante ou ardilosa quanto a Ayt Mada ou as pessoas sentadas nesta mesa. São diretos e capazes no momento, mas não são inteligentes o bastante para identificar novas oportunidades e realmente ganhar vantagem. — Anden colocou os óculos de volta e, dirigindo-se a todos, completou: — Acho que devemos aceitar a amizade com os Koben e fazer o possível para mantê-los na liderança do Montanha. Assim, com o tempo, nosso clã vai se sair melhor do que o deles. Se e quando os clãs se unirem, o Desponta será dominante, com a família Kaul, e não os Koben, na liderança do país e de todos os Ossos Verdes.

Hilo sorriu diante da avaliação fria e visionária do primo. Lembrou-se de quando eram jovens e ele provocava Anden por seu jeito cuidadoso e educado, de quando tentava fazê-lo pegar mais leve. Agora, não conseguia nem conceber desejar que Anden fosse diferente, porque era justamente isso que deixava a verdejância de sua alma ainda mais evidente em momentos como aquele.

— E você, Niko? — perguntou Hilo ao sobrinho, que até então permanecera calado. — Você também deve opinar, já que você, Jaya e seus Ossos Verdes vão viver com essa decisão mais do que nós. Você conseguiria trabalhar com o Ayt Ato? Confiaria no juramento de amizade da família Koben?

Niko ergueu os olhos para o tio.

— Eu não confiaria em ninguém — respondeu. — Mas ainda assim trabalharia com eles. Não preciso gostar nem concordar com a família Koben, mas já conheci o Ayt Ato e o observei ao longo dos anos, e acho que o entendo em alguns aspectos. Ele precisa de algo de nós, e concordo com o tio Anden que, a longo prazo, será vantajoso concedermos isso.

— Então está decidido. Como Pilar, passei muitos anos confiando em vocês, e não pretendo parar agora. — Se virou para a Homem do Tempo. — Você tem razão, Shae. A próxima geração não deveria carregar o peso de nossas rixas. Avisa pro Montanha que concordamos em nos reunir. — Ele olhou novamente para o sobrinho. — Quero você nessa reunião, Niko. Você irá no lugar do Chifre.

A cabeça de Lott foi para trás num sobressalto.

— O Chifre deveria estar lá — reclamou ele. — E não digo isso pra ser desrespeitoso. Qualquer discussão sobre uma aliança precisa incluir o lado mais verdejante do clã.

— É mais importante que o Niko esteja lá — respondeu Hilo. — Quando eu me aposentar como Pilar, ele é quem vai lidar com o Ayt Ato. Essa aliança vai impactar mais a ele do que a mim. Ele precisa estar envolvido em qualquer acordo que fecharmos. Vou discutir com você todas as questões do lado militar antes e levá-las à reunião.

— Kaul-jen. — Lott tentou argumentar de novo, mas o olhar severo de Hilo o silenciou.

Hilo voltou-se para Niko:

— Você vai se sentar à mesa.

Todos pareceram surpresos, até Wen. Durante quatro anos, Niko vinha aprendendo cada aspecto das operações do clã sob a tutela do Chifre, da Homem do Tempo e de outros líderes de ambos os lados do Desponta. Em todos os relatos, vinha ajudando de maneiras úteis. Propusera um novo sistema de TI para o setor militar, que otimizaria o deslocamento de Dedos por múltiplas regiões. Resolvera uma disputa entre dois Lanternas fazendo com que o filho de um deles trabalhasse para o outro como restituição. E realizara um trabalho importantíssimo para Shae, reunindo provas contra os espênicos.

Ainda assim, até então, Hilo não dera nenhuma indicação clara de se ou quando esperava que o sobrinho começasse a assumir responsabilidades diretamente dele. Afinal, Niko ainda era jovem, tinha apenas 27 anos. Muitos no clã se perguntavam se o Pilar guardava rancor ou dúvidas pelos anos em que o sobrinho passara afastado da família.

Agora, porém, estava dizendo que Niko teria autoridade para falar em nome do clã numa reunião importante com inimigos antigos. Era a primeira vez que tornava inequívoco, mesmo na privacidade da mesa de jantar da família, que Niko era seu herdeiro.

Se Niko ficou surpreso, não demonstrou.

— Entendo, tio — disse com solenidade, embora todos tenham notado o jeito cauteloso com que ele olhava para Wen, à espera de sua reação.

— Você vai se sair bem — disse Wen. — Seu tio e sua tia estarão com você.

Ela falou de modo mais factual do que afetuoso, mas Hilo ficou satisfeito por ela ter oferecido certo encorajamento, ainda que o sorriso parecesse contido.

— Estarei pronto — prometeu Niko.

— Que bom. — Hilo voltou-se para Anden. — O que houve, Andy? Você ficou quieto e tá com aquela cara que você faz quando tá pensando em alguma coisa.

Anden ergueu a cabeça e, diante da súbita atenção dos familiares, olhou ao redor da mesa.

— Desculpa se pareço distraído, Hilo-jen — disse, levemente acanhado. — Eu vinha querendo te perguntar uma coisa, mas isso pode esperar pra outro momento.

— Fala logo — respondeu Hilo. — Não existe momento melhor, e aqui estamos todos em família… tirando o Lott Jin, mas é impossível ser Chifre do Desponta e não virar um Kaul honorário.

Anden hesitou, pigarreou e se sentou mais ereto na cadeira.

— Quero me candidatar a um cargo político, me tornar membro do Conselho Real. — Todos o encararam, até ele ficar agoniado e continuar: — Sei que eu teria que abrir mão da minha jade. Mas já pensei muito sobre isso, e tô preparado. Tratar as pessoas do clã uma por uma é um trabalho que vale a pena, mas, se eu for eleito, posso atingir muita gente ao mesmo tempo. Peço a sua benção, Hilo-jen, e a patronagem do clã.

Por um instante, ninguém disse nada. Então Niko falou:

— Tio Anden, eu diria que você é honesto demais pra ser político, mas, pensando bem, você já vem sendo um estadista pro clã há muitos anos. Não existe ninguém mais adequado.

Wen sorriu para Anden do outro lado da mesa, com um ar de quem já sabia.

— Nesta família, dá pra ser honesto e ainda assim astuto. Sem jade e ainda assim um guerreiro.

— A maioria dos membros do Conselho Real ligados aos grandes clãs nunca usou jade — prosseguiu Anden —, então nem sempre entendem como fazer as coisas do jeito dos Ossos Verdes. Os demais são independentes, sem qualquer compromisso com o modo de vida verdejante. Quanto à nossa influência lá, mesmo depois da Jaya ter desmantelado o domínio do União das Seis Mãos sobre Lukang, a eleição vai ser apertada, e, com a ascensão dos Koben ao poder, o Montanha poderia até acabar se impulsionando.

“Há coisas que precisam ser feitas: enfrentar os espênicos e exigir a retirada das tropas, combater superstições nocivas, reformar as forças armadas. E isso exige alguém capaz de falar como Osso Verde sem ser verde. Olha a viúva Koben Tin Bett, por exemplo: veio de uma família de Ossos Verdes e ascendeu na política nacional defendendo seus valores, mesmo sem jamais ter sido uma

Osso Verde. Acho que posso fazer isso por nós. Representar o clã e, ao mesmo tempo, manter certa distância pra pensar no bem maior.”

— Foi o Jirhuya que te deu essa ideia? — perguntou Wen, ainda sorrindo.

O rosto de Anden corou um pouco.

— Não, mas ele me incentivou. Acho que não teria levado a ideia adiante se ele não tivesse insistido pra que eu a considerasse de verdade. — Ele desviou o olhar, meio sem graça, mas havia um leve sorriso em seu rosto. — Eu costumava me preocupar, achando que talvez não fôssemos conseguir continuar juntos, já que ele é tão distante das coisas do clã. Agora, acho que isso é uma coisa boa. Ele sempre me oferece uma perspectiva diferente.

Hilo falou, e todos se calaram.

— Nenhum membro da família Kaul jamais ocupou um cargo político. Sempre fomos guerreiros de jade, sem nunca abrir mão do nosso verde por nada, nem mesmo pelo direito de governar. — O canto da boca do Pilar se ergueu num sorriso torto. — Se tem algo que posso dizer do meu primo caçula é que ele sempre faz as coisas do próprio jeito, mesmo que ninguém tenha feito antes. Claro que você tem minha bênção, Andy, e o apoio do clã.

Anden se levantou e levou as mãos entrelaçadas à testa, numa saudação profunda.

— Obrigado, Hilo-jen. Vou fazer o meu melhor pra vencer e não decepcionar ninguém.

Hilo também se levantou, e os primos se abraçaram.

— Vamos todos dormir com essa boa notícia — disse ele. — Shae vai marcar a reunião com os Koben, e depois conversaremos mais. Ainda há muito a fazer, sempre há, mas imagino que todos estejam cansados.



Depois que todos se retiraram e a casa ficou em silêncio, Hilo subiu para o segundo andar. Wen já estava na cama, acordada, esperando por ele. Quando se enfiou debaixo das cobertas, ela largou o livro que lia e se aninhou em seus braços. Hilo beijou-lhe a testa e passou a mão em seus cabelos. Ficaram assim por alguns minutos, em silêncio.

— Quando vai ser? — perguntou Wen.

— Durante a reunião — respondeu Hilo. — Trazer o Niko me deu a desculpa pra manter o Lott de fora. Não porque eu queira excluí-lo, mas porque assim ele pode fazer outras coisas.

Wen assentiu.

— Vai levar algumas semanas pros Homens do Tempo negociarem todos os detalhes da reunião. O local, os penitentes, a segurança e tudo mais. Com sorte, até lá a Ayt Mada já vai ter saído do foco de todo mundo. A maior parte do pequeno grupo de guardas leais a ela são Ossos Verdes mais velhos, que não se comparam aos nossos melhores Punhos.

— Vou dar instruções ao Lott amanhã, quando não tiver mais ninguém por perto.

Ele segurou o queixo de Wen e o ergueu. Com seriedade, disse:

— Você precisa tomar cuidado pra não deixar isso escapar pra Shae. Pode acabar esquecendo. Eu sei como vocês duas conversam quando eu não tô por perto. A Shae e o Niko não podem saber de nada até que esteja feito. Eles poderão jurar com verdade, pra qualquer um Perceber, que não tiveram nada a ver com a morte da Ayt Mada, que fui só eu quem sussurrou o nome dela pro Lott.

Wen se afastou, indignada.

— Eu não esqueceria algo tão importante — disse. — Não concordei com você hoje na mesa? A Shae acha que agir agora é arriscado, mas não agir é ainda mais perigoso. Nunca podemos ser descuidados quando se trata da Ayt Mada. Ela e os apoiadores dela precisam morrer.

Hilo assentiu.

— Vai ser complicado convencer o novo Pilar a selar uma amizade enquanto mandamos a tia dele finalmente virar comida de minhoca.

Wen apoiou a bochecha no ombro do marido e percorreu com os dedos as pedras de jade em sua clavícula e peito, com a intimidade de quem faz isso há muitos anos.

— O Ayt Ato vai ter que fazer barulho pra manter as aparências, mas não vai entrar em guerra por isso — disse ela. — Como eu falei, acho que ele é mais inteligente do que aparenta, e tem aquela velha astuta, a viúva Koben Tin Bett, como conselheira. Ele sabe que a Ayt Mada vai ser um problema enquanto viver. Que nunca vai ter o apoio pleno do Montanha enquanto ela estiver puxando os cordões nos bastidores. Ela nunca o favoreceu como herdeiro e, enquanto continuar viva, a sombra terrível dela vai pairar sobre ele. Em segredo, os Koben ficarão gratos quando tirarmos a antiga Pilarisa do caminho.

— Ainda mais se eu lhes der uma saída fácil pra fingirem indignação — disse Hilo. — Coisa que farei. Assim que tudo isso acabar, vou renunciar ao posto de Pilar.

Os dedos de Wen pararam. Ela soltou o ar num longo suspiro quente contra a

pele dele.

— O Niko não tá pronto.

— Seria melhor se ele tivesse mais alguns anos, é verdade, mas tem que ser assim. Ele tem mais ou menos a mesma idade que eu tinha quando virei Pilar — lembrou Hilo. — E ninguém apostava muito em mim, nem você, minha gatinha, sejamos sinceros.

— Você era o Chifre — disse Wen. — Tinha a lealdade dos Punhos e Dedos do clã num período de guerra. Sabia liderar as pessoas numa crise porque se importava com elas. O Niko não é como você.

Hilo envolveu a mão dela com a sua e suspirou.

— Eu sei como é difícil perdoar alguém quando essa pessoa não se torna quem você esperava. Eu mesmo não sou muito bom nisso. Mas dá pra ver como o Niko mudou e como ele tem se esforçado. Você devia ser mais carinhosa com ele, mostrar afeto mesmo quando ele não pede ou não parece querer.

Wen ficou em silêncio por um momento.

— Claro que eu amo o Niko, mas ele é como um livro fechado, ainda mais do que quando era criança. Será que alguém com um temperamento desses é capaz de inspirar os outros como líder? Acho que ele precisa de uma namorada, mas não parece interessado em nenhuma das minhas sugestões.

Hilo riu.

— Os jovens hoje em dia deixam o romance pra depois, não se preocupe tanto com isso. E lembra que eu era diferente do Lan, e que todos os antigos Chifres foram diferentes de mim e uns dos outros. Desde que o Niko saiba quem é, vai aprender a ser o próprio tipo de Pilar. Além disso, são tempos melhores, e ele vai ter todos nós ao lado dele. Eu não tive essa vantagem, então sei o quanto isso importa. Não vou ser como o vovô, que ficava maltratando os outros por causa dos próprios arrependimentos. Tenho você, e vou ficar feliz por podermos relaxar um pouco depois de todos esses anos, você não?

— Eu também — respondeu Wen, virando o rosto dele e o beijando.

— Qualquer acordo que fizermos com o Montanha vai ser entre o Niko e os Koben. Vou cumprir com prazer, desde que eu tenha vingado o Lan, o Kehn e todos os nossos Punhos e Dedos que a Ayt Mada mandou pro caixão. — Hilo estendeu a mão para apagar o abajur antes de se acomodar e puxar Wen para perto. — A Shae tá certa: nossos clãs precisam deixar a rixa de sangue no passado. A geração mais nova merece começar do zero, com uma chance real de paz. Mas a *nossa* geração… ainda tem dívidas a pagar.



O telefone tocou na casa de Iwe Kalundo, onde o ex-Homem do Tempo do Montanha se isolara desde a renúncia forçada e desonrosa. Iwe atendeu e ouviu em silêncio o informante do outro lado da linha. Em seguida, desligou e fez outra ligação.

— Ayt-jen — disse —, tenho as informações de que precisamos. Está tudo encaminhado, como combinamos.




CAPÍTULO 61

Tigres Velhos

vigésimo sexto ano, décimo segundo mês

A reunião secreta entre os líderes do Desponta e do Montanha, a primeira em vinte e cinco anos, ocorreu numa manhã de sepdia, na sede da Aliança Jade-Kekon, no sempre neutro Distrito do Templo.

O prédio original da AJK fora uma construção governamental quadrada, baixa e utilitária. Seu substituto, erguido com recursos nacionais e fundos conjuntos dos clãs após o atentado em Janloon, era uma estrutura muito mais grandiosa: dez andares desafiadores de aço e mármore verde, eclipsando até mesmo os antigos pilares de pedra e o telhado de argila do vizinho Templo do Divino Retorno. Um duradouro *foda-se* dirigido a qualquer um que imaginasse que os clãs haviam sido destruídos ou enfraquecidos pelos ataques contra eles.

Quando Hilo, Shae e Niko chegaram no horário marcado, Ayt Ato e sua comitiva já estavam na sala, assim como quatro penitentes do Templo do Divino Retorno, posicionados junto à parede dos fundos, com as mãos ocultas nas longas mangas de seus mantos verdes.

Os Ossos Verdes do Montanha se levantaram, e Ayt Ato tocou a testa num cumprimento cauteloso.

— Kaul-jen.

— Ato-jen — respondeu Hilo, devolvendo o gesto informal. — Espero que não se ofenda se eu o chamar pelo seu nome pessoal. Ayt não é um nome que eu consiga dizer de forma amistosa, então, se é pra começarmos com o pé direito, preciso não usá-lo com você.

— Não me importo — disse Ato. — É como a maioria das pessoas me chama mesmo.

Hilo já tinha visto a imagem de Ayt Ato muitas vezes, mas nunca o encarara pessoalmente. Ato era, de fato, tão bonito quanto parecia na televisão, quase tão fotogênico quanto o astro de cinema Danny Sinjo. As fileiras distintivas de pequenas pedras de jade nas sobrancelhas acentuavam seus olhos grandes, embora uma rigidez no rosto denunciasse a enorme pressão sob a qual o jovem Pilar estivera nos últimos dois meses. Sua aura de jade parecia contida demais, esticada ao limite, desgastada nas bordas.

Ato apresentou um homem baixo e barbudo como seu Homem do Tempo, Koben Opon, e um Osso Verde musculoso, de nariz achatado, como seu primo e Chifre, Sando Kin.

— Fui criado para temer e odiar o senhor, Kaul Hiloshudon — admitiu Ato. — E agora falo com você de um Pilar pro outro. Você prejudicou o Montanha de muitas maneiras ao longo dos anos. Também esteve ao nosso lado em certos momentos e lutou ferozmente contra criminosos, anti-clã e estrangeiros gananciosos. Derrubou minha tia Mada como Pilarisa, mas agora está aqui, disposto a discutir uma amizade. Então, sendo honesto, não sei o que pensar de você, se é inimigo ou aliado.

— Espero não ser nenhum dos dois, Ato-jen. — Hilo também não sabia exatamente o que pensar de Ayt Ato. Parecia incrível que um homem pudesse estar sob os holofotes por tanto tempo e ainda assim permanecer tão desconhecido no que dizia respeito à sua verdadeira capacidade. — Você me chamou aqui pra discutir o futuro entre nossos clãs — continuou Hilo. — Eu não sou o futuro do meu clã. Fui Pilar do Desponta por vinte e sete anos, e pretendo deixar o cargo em breve e entregá-lo ao meu sobrinho. Pedi que ele se sentasse à mesa e conduzisse esta reunião pelo nosso lado. Assim, qualquer acordo firmado hoje será feito olhando pra frente, não pra trás.

Ato se mostrou surpreso com o anúncio inesperado, mas se virou para Niko com uma expressão cautelosamente satisfeita.

— Já faz tempo desde a última vez que nossos caminhos se cruzaram, Kaul Niko-jen. Acho que ambos passamos por muita coisa desde então. Peço

desculpas se no passado pareci um palhaço insuportável de tão arrogante. Mas eu bem falei que esperava que pudéssemos trabalhar juntos e não seguir os exemplos dos nossos mais velhos. Espero que isso ainda seja verdade.

Nas últimas noites, Niko vinha passando longas horas em consulta com as tias e os tios, preparando-se para o que seria exigido dele, sendo instruído sobre tudo o que poderia surgir na conversa com o Montanha. Agora, deu um passo à frente, para o lado de Hilo, e com humildade, mas firme, disse:

— Ainda não sou o Pilar, Ato-jen, e ainda preciso provar que sou digno da confiança da minha família. Então minha tia e meu tio vão se sentar à mesa comigo, e as decisões finais serão deles. Mas quero dizer que não guardo rancor de você nem da família Koben, nem mesmo pela morte do meu irmão. Espero de verdade que possamos pôr fim a esta longa guerra.

A menção a Ru pegou Hilo de surpresa. Pegou Ayt Ato de surpresa também; Hilo Percebeu o compasso assustado de incerteza na aura de jade do rapaz. Shae lançou um olhar rápido aos dois. A aura de Niko não mudou. Hilo não soube dizer se o sobrinho falava com sinceridade ou se evocara a morte de Ru como uma forma de ganhar uma sutil vantagem mental sobre Ato e os Koben, como quem diz: *eu poderia odiar vocês, mas essa não é minha escolha.*

— Desde antes de eu nascer, toda a minha vida foi definida pela guerra de clãs que matou meu pai — continuou Niko. — Isso é algo que temos em comum, Ato-jen: nossas vidas foram moldadas pelas mortes de homens que nunca conhecemos. Talvez possamos romper com esse legado.

Ayt Ato analisou Niko com um respeito contido e otimista.

— Espero que sim, Kaul-jen.

Os seis Ossos Verdes se sentaram à mesa. Foi então que Sando Kin notou algo estranho. Inclinou-se na direção de Ato.

— Cadê o Chifre do Desponta?

— Pedi que Lott Jin não viesse, para que Niko pudesse participar sem tornar os lados desiguais — respondeu Hilo. — Como ex-Chifre, eu mesmo falo pelo lado militar do clã.

Nada daquilo era mentira. Nem mesmo Ossos Verdes com Percepção superior a daqueles homens Perceberiam como tal.

Hilo esperou que a atenção de todos se desviasse antes de enfiar a mão no bolso e apertar o botão que enviava a mensagem pré-carregada em seu telefone.



Lott Jin estava no banco do carona de um ZT Bravo preto, no Distrito das

Comunidades, observando a casa geminada no fim da rua através de binóculos de alta potência. Dois Ossos Verdes faziam rondas ao redor da construção, mas pareciam entediados. Lott mantinha a casa sob vigilância constante, mas com seus próprios Ossos Verdes bem fora do alcance de qualquer Percepção e confiando em Ratos Brancos sem jade para passarem por ali e bisbilhotarem mais de perto. Na noite anterior, Ayt Mada jantara com seu antigo Homem do Tempo, Iwe Kalundo, num restaurante do Montanha ali perto. Depois, voltara para a casa geminada, e ninguém a vira sair desde então. Lott estimava que houvesse mais dois guarda-costas lá dentro, mas só isso. Afinal, aquele ainda era território do Montanha; o pessoal de Ayt não estava excessivamente preocupado. Lott e Vin estavam sozinhos no discreto ZT Bravo (o Lumezza FT Scorpion vermelho de Lott seria distinto demais), e Vin conseguia facilmente Perceber patrulhas antes que elas Percebessem os dois.

O pager de Lott vibrou. Ele olhou para baixo. Era o sinal que aguardava: um código numérico curto que ele e o Pilar haviam combinado, indicando que Hilo, Shae e Niko estavam no prédio da Aliança Jade-Kekon com Ayt Ato e seu pessoal, e que Lott deveria prosseguir.

Ele fez uma ligação. Hami Yasu atendeu de primeira.

— Chegou a hora — disse.

— Estaremos aí em cinco minutos — respondeu o Punho.

Dois carros cheios dos melhores guerreiros Ossos Verdes do Desponta aguardavam num estacionamento logo além da divisa distrital, na Cidade Velha. Assim que chegassem, invadiriam a casa geminada por todos os lados, matariam Ayt Mada e seus guarda-costas e cruzariam de volta para o território do Desponta. Se tudo ocorresse conforme o plano, pegariam Ayt desprevenida, e não levaria mais do que alguns minutos.

Lott passou os dedos pela espada da lua embainhada sobre seu colo. Na superfície, a tarefa não deveria ser difícil: quatro guarda-costas do Montanha mais Ayt Mada contra dez dos guerreiros mais verdejantes do Desponta. Ayt Mada ainda era a mulher mais carregada de jade em Kekon, mas estava na casa dos 60 anos. Jade não impedia o envelhecimento, e, se não tivesse o vigor físico e os reflexos para usá-la, não importava quanto verde alguém carregasse, ainda mais contra homens quarenta anos mais jovens. Mesmo assim, Lott estava apreensivo. Ayt sobrevivera a tentativas de assassinato antes. Vencera um duelo contra Kaul Shae. Tivera uma faca cravada no pescoço e caíra de uma janela. Parecia lendária, indestrutível.

Era possível que outros Ossos Verdes do Montanha fossem alertados e

corressem em seu auxílio. Civis poderiam se meter no caminho. Poderia haver outros guardas dentro da casa, já que estavam longe demais para até mesmo Vin Perceber quantas pessoas havia lá. Lott fez uma prece silenciosa aos deuses. Por natureza, era uma pessoa avessa a riscos. Sabia que não possuía nenhum talento extraordinário, mas alcançara a posição de Chifre por ser sortudo, trabalhador e confiável, por nunca dar aos outros motivos para duvidarem dele ou de sua capacidade de cumprir com suas responsabilidades. Agora, o Pilar contava com ele, confiara essa missão final às suas mãos.

Vin deu partida no motor. Um minuto depois, dois SUVs Victor STX passaram rugindo por eles rua acima.

— São eles. Vamos — disse Lott.

Vin pisou fundo, e dispararam pelo quarteirão até a casa geminada, freando bruscamente atrás dos outros veículos. Lott escancarou a porta e desembarcou.

Os dois guardas que patrulhavam a casa Perceberam a adrenalina homicida e correram para defender a entrada. Sacaram pistolas Ankev, mas estavam em clara desvantagem. Canos de escopetas surgiram pelas janelas abertas do SUV da frente e os saraivaram com chumbo. Os Ossos Verdes do Montanha ergueram uma Deflação que fez os projéteis ricochetearem contra as janelas da casa geminada, estilhaçando vidros e cravando-se na fachada. O Aço de um deles não foi rápido nem forte o bastante; ele levou chumbo nos joelhos e caiu aos gritos, agarrando as pernas.

Na breve pausa após a primeira saraivada, Ossos Verdes do Desponta irromperam para fora dos carros, com armas de fogo e espadas, e avançaram contra as sentinelas num instante. Suyo e Hami dispararam várias vezes à queima-roupa contra o homem caído, e o corpo do sujeito ficou sobre o gramado como se estivesse sendo golpeado por marretas enquanto o Aço colapsava sob a investida. Juen Din voou com Leveza até o outro guarda, fincando a espada da lua num golpe mortal de cima para baixo. Quando o homem ergueu a própria lâmina para aparar o ataque alto, Juen Ritto avançou na abertura e, num borrão de Força, eviscerou-o num piscar de olhos.

Lott e Vin já voavam para além do embate no gramado. Cauteloso quanto a armadilhas, Vin explodiu a fechadura da porta da frente com um tiro de escopeta, e Lott Defletiu a porta para dentro. Prepararam-se para erguer o Aço, mas a porta se abriu de uma vez, revelando um corredor vazio. Nenhum fio foi acionado, nada explodiu.

Lott estava prestes a entrar quando Vin gritou:

— Espera!

Lott se virou, alarmado. Vin bateu com o dedo na lateral da cabeça e apontou para a casa.

— Tá Percebendo isso? *Nada*. Não tem ninguém lá dentro.

O Chifre deu um passo cauteloso à frente, com facas de arremesso nas mãos, e expandiu a Percepção para captar o máximo possível da residência. Vin estava certo. Ele não sentia uma única aura de jade.

— Isso é impossível — exclamou. — Vimos Ayt entrar na casa ontem e ficamos de olho a noite inteira e de manhã. Ninguém entrou nem saiu.

Ninguém duvidava da Percepção de Vin, mas ainda assim vasculharam a casa. Estava vazia. Havia sinais de que Ayt Mada estivera ali recentemente: pratos na cozinha, comida na geladeira, roupas no quarto, mas ninguém no momento. A porta dos fundos continuava trancada. Ossos Verdes do Desponta cercavam a casa, e tinham certeza de que ninguém saíra pelas janelas. Ayt e seus guarda-costas haviam desaparecido.

Lott voltou ao gramado da frente, vibrando com uma incredulidade furiosa, e se agachou ao lado do guarda caído com as vísceras expostas, ainda vivo, mas não por muito tempo.

— Ayt estava aqui — disse. — Como ela saiu?

O homem não respondeu. Seu rosto estava ceroso e suado, e o olhar, perdido. Lott se levantou e pressionou o pé contra o abdômen aberto do sujeito, arrancando-lhe um grito. O som fez Lott estremecer, mas havia momentos em que a crueldade era inevitável. Esperou até que os olhos do moribundo o focassem.

— O Suyo aqui é excelente em Afluência — disse Lott, chamando o Punho com um gesto. — Me diga como a Ayt Mada escapou e pra onde foi, e eu mando ele acabar com sua dor num instante. Caso contrário, vou te jogar num dos nossos carros e pedir que ele estanque o sangramento só o suficiente pra te manter vivo e sofrendo por horas.

— Túnel — gemeu o homem. — Não sei pra onde ela foi, mas essa casa… costumava ser um esconderijo do Movimento Futuro Sem Clã. Tem um túnel… embaixo da lavanderia.

— Puta que pariu — murmurou Lott. Apontou para o guarda. — Salva ele se puder, e mata se não puder — ordenou a Suyo.

Deu instruções a Vin e metade dos outros Ossos Verdes para encontrarem e seguirem a rota de fuga de Ayt. À outra metade, ordenou que entrassem em um dos carros e o seguisse.

— Precisamos chegar ao prédio da Aliança Jade-Kekon.



Ayt Ato se inclinou para consultar seu Homem do Tempo em voz baixa antes de se virar de volta à mesa.

— Estamos dispostos a aceitar a ideia de a Ilha Euman ser declarada oficialmente território neutro entre clãs, e concordamos que não deve haver mais mineração de jade lá, seja em alto-mar ou de qualquer outro tipo. Um parque nacional deveria ser criado para proteger a área de mais exploração. Mas como vocês propõem lidar com os estrangeiros?

Niko levou um instante para se aconselhar com Shae antes de responder.

— Pelo que sabemos do andamento da investigação criminal envolvendo o CEO da empresa, parece provável que a Anorco seja desmantelada e vendida. Os ativos incluem uma quantidade considerável de estoque de jade. Acho que todos nós concordamos que queremos essa jade de volta em Kekon, e não nas mãos de outras empresas estrangeiras ou de organizações criminosas. — Quando Ato e sua equipe assentiram, Niko anunciou:— A Homem do Tempo tem uma proposta.

Hilo tinha dito ao sobrinho: *quando estiver em dúvida, faça sua tia falar um pouco. Ela vai dizer algo inteligente e, enquanto isso, você os observa e ganha tempo pra pensar no próximo passo.*

Shae se inclinou para a frente.

— Se o Montanha e o Desponta tentarem adquirir a jade da Anorco, vamos acabar num leilão, um que pode acabar se tornando violento e fazer com que a gente volte a se engalfinhar. Propomos que nossos clãs formem uma empresa de empreendimento conjunto sob a supervisão da Aliança Jade-Kekon, pra adquirir as reservas da Anorco e distribuí-las do mesmo modo que a jade produzida nas minas, de forma equitativa entre os clãs Ossos Verdes, e também pra escolas, templos, médicos e o tesouro nacional.

Hilo estava achando difícil prestar atenção ao que era, possivelmente, a negociação mais significativa e abrangente que já ocorrera entre o Montanha e o Desponta. Lançou um olhar furtivo ao relógio. Nesse momento, o Chifre estava liderando uma equipe dos Punhos mais fortes do clã num ataque à residência de Ayt Mada.

— Isso parece razoável — respondeu Ato. — Mas podemos esperar problemas com o governo espênico depois do que aconteceu neste verão com os soldados da GSI? — Ato olhou para Hilo. — Só pra deixar claro: eu admiro o que você fez, Kaul-jen. Fazer uma comoção pública daquele jeito. Funcionou tão

bem na televisão. Sendo bem sincero, queria eu mesmo ter pensado nisso. Embora, claro, eu não estivesse em posição de dizer isso na época.

Hilo voltou a prestar atenção na conversa.

— Não se preocupe com a GSI — comentou. — Quanto ao governo espênico, eles vão fingir com prazer que aquilo nunca aconteceu.

— A RDE já está atrasada em seus compromissos diplomáticos de reduzir a presença militar — disse Shae —, e protestos e mortes de civis desarmados dificilmente vão funcionar a favor deles. Se os clãs se mantiverem juntos, podemos pressioná-los ainda mais.

— Temos um interesse em comum de cooperar contra os estrangeiros — falou Ayt Ato. — Mas também precisamos discutir como vamos tratar os mercados internacionais dos nossos clãs.

O telefone de Hilo vibrou. Ele esperou até ter uma oportunidade de puxá-lo discretamente do bolso, abri-lo e lançar um olhar rápido para a telinha verde, que exibia duas linhas de mensagem de Lott Jin:

Escapou. Antes de chegarmos.

Hilo fechou o celular e o enfiou de volta no bolso. Devagar, recostou-se na cadeira e respirou fundo, tentando se acalmar, sem querer deixar a fúria e a agitação transparecerem. Niko estava concentrado na conversa com os Koben, como deveria estar, e não notou mudança alguma na aura do tio. A Percepção do sobrinho nunca fora acima da média. Shae, no entanto, olhava para Hilo com desconfiança e um questionamento no olhar. Mesmo sem os sentidos de jade, a irmã conseguia notar que havia algo errado.

Um rugido surdo começou a encher a cabeça de Hilo. *Que se fodam os deuses*. Ayt Mada, sempre um passo à frente, mesmo agora (publicamente desonrada, impopular, velha e deposta do poder) ainda não estava derrotada, ainda não estava *morta*. O que significava que a cadela ainda ia tentar alguma coisa, ainda ia encontrar um jeito de conseguir o que queria, de derrubar todo mundo que se colocasse em seu caminho. Onde quer que estivesse naquele momento, ainda era uma ameaça ao Desponta, à família.

Niko e Ato, em consulta com seus respectivos Homens do Tempo, tinham concordado que os clãs não voltariam a bloquear a expansão estrangeira um do outro. O Desponta permitiria que o Montanha entrasse na Espênia e abrisse negócios lá sem atacar as operações ou as pessoas deles, direta ou indiretamente por meio de aliados. Em troca, o Montanha estenderia a mesma cortesia ao Desponta, permitindo que ele se expandisse para Shotar, Ygutan e as Ilhas Uwiwa, onde o Montanha vinha dominando havia décadas.

Por fim, chegaram ao cerne da negociação, a decisão que selaria a paz entre os clãs: uma promessa de amizade entre as famílias Koben e Kaul. Como solicitantes da reunião, o esperado era que os Koben fizessem a proposta. Hilo, porém, percebia que Ato continuava incerto. Ele queria mais garantias dos Kaul, em quem não tinha motivo algum para confiar.

Ato pigarreou.

— Você não tem uma namorada com quem esteja planejando se casar, tem, Kaul Niko-jen?

A pergunta surpreendeu Hilo, mas Niko respondeu sem sequer piscar.

— Não — disse. — Ainda não.

— Já que nossas famílias esperam ser amigas, espero que você não considere ousadia da minha parte me oferecer para apresentar a você algumas das minhas primas mais novas, que têm mais ou menos a sua idade. — Ato lançou um olhar cauteloso para Hilo. — Com a permissão do seu tio, é claro.

Hilo semicerrou os olhos.

— Eu sei que os Koben são uma família admiravelmente tradicional, mas o coração de um homem pertence somente a ele.

— Mesmo assim, seria um prazer conhecer suas primas — disse Niko a Ato, sem sorrir nem hesitar. — Meu tio se preocupa com a minha felicidade, mas meu coração é mais sensato e menos exigente do que o de muitos outros homens.

— Fico feliz que você esteja disposto a considerar — falou Ato. — Afinal, palavras, dinheiro e até jade… não prendem as pessoas umas às outras do mesmo jeito que a família. Isso é algo que não mudou nem em tempos modernos, você concorda?

Ato se levantou, e seu Chifre e Homem do Tempo se levantaram com ele. Com uma deliberação cerimonial, o jovem Pilar colocou sua espada da lua sobre a mesa, diante de Niko. Era uma arma fina, de oitenta e três centímetros, numa bainha lindamente entalhada e com pequenas pedras de jade incrustadas ao longo do cabo preto.

— Kaul-jens — começou Ato, se dirigindo formalmente a todos eles —, como Pilar do Montanha, eu lhes ofereço minha amizade, a honra da minha família e a força do meu clã. Eu entrego minha lâmina a serviço de vocês.

Niko, Hilo e Shae também se levantaram. A espada da lua Da Tanori de oitenta e seis centímetros, ainda embainhada, que Niko colocou sobre a mesa diante de Ayt Ato, era feita de cinquenta e cinco centímetros de aço-carbono branco temperado, com cinco pedras de jade incrustadas no punho. Um dia, pertencera a seu pai.

Lan, você tá vendo?, pensou Hilo, sentindo um aperto no peito. Era isso o que seu irmão quisera, tantos anos antes. Um Desponta forte o bastante para enfrentar qualquer inimigo. Paz verdadeira entre os clãs, de igual para igual.

Papo-furado. Havia algo de errado. Hilo conseguia sentir isso como um fulgurar fantasmagórico nos limites de sua Percepção, ou talvez fosse apenas a terrível noção de que estava sendo superado mais uma vez por Ayt Mada, mesmo depois de tudo, de cada sacrifício que sua família fizera, de cada última gota da força, astúcia e determinação do seu clã entregues ao longo dos anos. Shae o encarava com olhares frequentes agora. Apesar de seus esforços de parecer imperturbado, os outros Ossos Verdes na sala não podiam deixar de Perceber a inquietação na aura de jade de Hilo.

Niko olhou para ele.

— Tio?

Hilo forçou um sorriso.

— Este é um momento difícil e emocional pra mim. Espero que todos entendam. Passei a vida inteira lutando contra o Clã da Montanha, então é complicado aceitar que isso esteja acontecendo, mesmo que eu concorde com tudo. Fico feliz por ter decidido deixar o Niko falar.

A explicação sincera satisfez a todos, exceto Shae, cujo olhar permaneceu sobre ele por mais um instante antes de voltar à questão em pauta. Hilo estendeu sua Percepção para fora do edifício e até a rua. Ambos os clãs tinham Ossos Verdes de guarda do lado de fora, mas nada parecia fora do comum. Hilo recolheu o foco e pousou cuidadosamente sua Percepção sobre cada pessoa na sala.

Niko ecoou as palavras de Ato.

— Como filho do Pilar, eu lhes ofereço minha amizade, a honra da minha família e a força do meu clã. Eu entrego minha lâmina a serviço de vocês.

Um juramento de amizade, selado com a troca pessoal de espadas da lua, não era algo feito levianamente entre Ossos Verdes. Significava que não poderiam entrar em guerra entre si, ao menos não sem antes esgotarem outros meios de resolução e romper formalmente a amizade, devolvendo simbolicamente a espada do outro, já que era impensável tomar a arma de um guerreiro e usar a própria jade dele para abatê-lo (algo equivalente a roubo). A partir daquele momento, qualquer um que atacasse os Koben seria inimigo dos Kaul, e vice-versa. Um viria em auxílio do outro, se solicitado.

A implicação prática imediata dessa promessa era que o Desponta ajudaria os Koben a sufocar qualquer desafio amotinado, fosse de lealistas de Ayt Mada ou

de qualquer outro grupo, e a apoiá-los como a legítima família governante do Clã da Montanha. Era exatamente do que Ato mais precisava naquele momento, ainda que isso fizesse parecer que estava se rebaixando diante dos Kaul.

Ato sorriu com um brilho de astro de cinema que não chegava aos olhos.

— Não sou como minha tia — disse. — Não tenho vergonha de admitir isso. Não acredito que um clã precise prevalecer sobre o outro, e prometo fazer tudo o que puder para deixar os rancores antigos para trás. Sob os Céus e pela jade.

Niko inclinou a cabeça.

— Quando eu era criança, sentia muita pressão para um dia estar à sua altura, Ato-jen — disse. — Agora fico satisfeito por você me dar um bom motivo para continuar sentindo isso. Ainda sou um Pilar em formação, então só posso falar plenamente pelo meu clã com a bênção final do meu tio.

Ele se virou para Hilo.

Os olhos de Hilo se fixaram em Ato, e ele assentiu.

— Sob o Céus e pela jade — declarou.

Em seguida, sacou a pistola e disparou duas vezes.



Os tiros passaram por cima do ombro de Ayt Ato e atingiram o penitente atrás dele. Shae viu os miolos do homem se espalharem pela parede. A carabina Fullerton que ele começara a erguer até a altura da cintura, sob as volumosas vestes verdes, caiu de suas mãos e bateu no chão ruidosamente. Enquanto todos os demais na sala giravam em alarde, Shae vislumbrou a vingança ardente e funesta nos olhos do irmão, o semblante retorcido por uma compreensão selvagem.

Os outros penitentes abriram fogo.

Sando Kin se atirou sobre o primo, empurrando Ato para debaixo da mesa. As balas destinadas ao jovem Pilar rasgaram as costas de Sando. Hilo disparou novamente e acertou outro penitente no peito; em seguida começou a erguer uma Deflação quando as duas armas restantes se voltaram contra ele. Enquanto sua energia de jade se avolumava, teve um lampejo de Percepção, compreendeu que, naquele espaço apertado da sala de reunião, as balas Defletidas desviariam para Niko e Shae.

Hilo girou o corpo e lançou a Deflação direto contra o peito do sobrinho. A força o derrubou no chão. As balas cortaram o ar acima dele e se cravaram no flanco de Hilo.

Shae viu o irmão cair como se estivesse em câmera lenta. Depois, não se

lembraria de mais nada. Não se lembraria de ter se jogado ao chão sob a mesa. Não teria memória dos guardas Ossos Verdes do lado de fora invadindo a sala com armas em punho, nem de Koben Opon gritando para que abatessem os dois penitentes restantes, que não eram penitentes coisa nenhuma. Se lembraria apenas do solavanco no corpo de Hilo e da pistola escapando de suas mãos, do modo como os ombros do irmão bateram na parede antes de ele deslizar até o chão.

O próximo som a romper sua consciência foi um choro rouco ao seu lado, debaixo da mesa. Ato se desvencilhara do corpo de Sando Kin e segurava o primo inerte enquanto apertava seu rosto e gemia:

— *Não, não, não, não…*

Shae rastejou de quatro até Hilo. Ele estava escorado na parede, com as pernas estendidas à frente como se estivesse apenas relaxando depois de um treino pesado. O rosto se contorcia de dor. Shae observou, horrorizada, o sangue que ia se espalhando por sua camisa e calça, formando uma poça ao redor de seus joelhos no piso de madeira.

— Hilo. — Não conseguiu dizer mais nada.

Niko se arrastou até eles. Olhou para o tio e ficou completa e apavorantemente imóvel. Naquele instante, Shae viu outro rosto emergir sob a face gélida do jovem determinado que o sobrinho se tornara. Viu com nitidez o rosto do menino apavorado no aeroporto, aquele que a seguia pela casa e se agarrava às suas pernas, tomado de confusão e perda.

— Niko. — Quando ele não respondeu, ela gritou: — Niko! — Ele a encarou com os olhos vazios de medo. Shae agarrou suas mãos e as pressionou sobre os ferimentos de Hilo. — Você lembra da Afluência médica de emergência? Tenta estancar o sangramento. Vou chamar uma ambulância.

Ela puxou a bolsa e procurou o celular com as mãos trêmulas. Onde estava? *Deuses, por favor, por favor, por favor*. Os pensamentos se tornaram uma ladainha incompreensível de súplica. Ela encontrou o aparelho e começou a discar o número de emergência.

Hilo meneou a cabeça com veemência e, com os dedos retorcidos sobre o tecido, agarrou a irmã pela frente da camisa.

— Me leva pra casa, Shae — disse, com a voz tensa.

— A gente precisa te levar pro hospital.

Hilo meneou a cabeça de novo.

— Não vou morrer na porra de um hospital.

— Você não vai morrer — disse ela.

— Shae — falou Hilo, com a voz gentil —, eu não tô sentindo as pernas. Quero ir pra casa. Quero ver a Wen. Por favor, Shae.

Ela começou a chorar. Não houve aviso, apenas o embaçar quente e súbito da visão, a pressão sufocante no peito. Impaciente, Hilo a apertou com mais força.

— Você é ou não é minha Homem do Tempo?

De repente, estavam cercados por Ossos Verdes do Desponta. Lott Jin estava ali; *quando chegara? Como entrara*? Shae não sabia. O Chifre os encarava, pálido como cinzas. Então empurrou Niko de lado com força e gritou:

— Suyo!

Um de seus Punhos veteranos se apressou até eles, caiu de joelhos e começou a Afluir enquanto Lott e vários outros pressionavam os ferimentos.

Hilo gritou de dor e frustração.

— Me leva pra casa, caralho, *isso é uma ordem do seu maldito Pilar*!

— Obedeçam — sussurrou Shae. Depois gritou: — *Obedeçam!*

Vários Punhos juntos ergueram Hilo e o levaram para fora. Ele pendia entre os Ossos Verdes, com as pernas inertes, deixando um rastro de sangue enquanto o conduziam até o ZT Bravo estacionado ao lado do prédio. Colocaram-no estendido no banco de trás, onde ficou respirando de forma irregular e de olhos fechados. Niko entrou com ele e acomodou a cabeça e os ombros do tio em seu colo. Shae sentou-se no banco do carona e se agarrou à porta, com a testa encostada no vidro como se o veículo fosse um bote salva-vidas.

Lott acelerou para a propriedade Kaul. A única coisa de que Shae se lembraria da viagem era da voz de Niko, quase inaudível.

— Pai… — implorava o rapaz. — Não me deixa.

Hilo não respondeu.

Quando o carro parou e as portas se abriram diante da casa principal, Anden estava ali. Alguém devia tê-lo avisado para prepará-lo para o que estava por vir. Ainda assim, ao ver o primo, Anden cambaleou violentamente, como se tivesse levado um golpe no rosto. Apoiou a mão na lateral do ZT para se firmar. Então entrou em ação. Antes mesmo de tirarem Hilo do veículo, Anden já Afluía com tudo o que tinha, forçando o sangue a coagular, elevando a temperatura do corpo do Pilar e imbuindo energia para o coração e os pulmões dele. A essa altura, Hilo mal estava consciente; os olhos iam se fechando e o rosto estava ficando ceroso.

Wen correu até a porta da frente, viu o marido e desabou no chão com um lamento animalesco de pesar.

— Eu não sou cirurgião, porra! — gritou Anden para Shae.

— Isso faria diferença? — perguntou ela, entorpecida. — Só faz o que ele

quer.

Hilo foi deitado na cama, e Anden trabalhou febrilmente para mantê-lo vivo e amortecer a dor. Às vezes, gritava ordens, e outros corriam para ajudá-lo ou para trazer suprimentos. Nesse meio-tempo, a notícia se espalhou pelo Desponta, e membros do clã começaram a se reunir em silêncio diante da propriedade Kaul. Punhos e Dedos, Agentes da Sorte, Lanternas. Carros começaram a chegar, congestionando a estrada ao redor da casa. Altares deístas improvisados surgiram junto ao portão, dezenas de copos de incenso soltando fumaça.

Lott Jin saiu e voltou para relatar que a cidade inteira estava em choque. O Clã da Montanha estava em frenesi. Ayt Ato estava vivo, mas seu Chifre havia morrido e seu Homem do Tempo se encontrava em estado crítico por ter levado um tiro no peito. Quatro penitentes do Templo do Divino Retorno haviam sido encontrados amarrados e amordaçados, trancados na escadaria de um estacionamento próximo ao prédio da Aliança Jade-Kekon. Os quatro atiradores que haviam tomado suas vestes e lugares na reunião eram ex-funcionários da GSI, todos recentemente desempregados. Um dos mercenários sobrevivera tempo suficiente para confessar que haviam sido contratados por Iwe Kalundo e prometidos um dinheiro absurdo por Ayt Madashi para assassinar todos na sala.

— Mandaram esperar até que o juramento de amizade fosse feito e as espadas da lua trocadas — informou Lott. — Depois, deveriam matar Ayt Ato primeiro.

Shae estava sentada na cozinha, abraçando os próprios braços, encolhida e olhando para o nada. Ayt Mada sussurrara o nome do próprio sobrinho. Nunca pretendera passar a liderança do clã a Ato, apenas fazê-los acreditar que sim. Naquela tarde, depois de se sentar diante de Shae, servir-lhe chá, falar de sacrifício e visão, de encerrar rivalidades e fazer o que era certo pelo país, Ayt renunciara antecipando uma última oportunidade: as famílias Kaul e Koben na mesma sala, discutindo o futuro sem ela. Quando estivessem todos mortos, alegaria que os Koben haviam traído o clã ao jurar amizade aos Kaul. Instauraria seu sucessor preferido, Iwe Kalundo, e governaria por trás dele.

O telefone no escritório tocou, e Lott atendeu. Quando desligou, disse:

— Pegaram ela.

Vin e seus homens haviam seguido o túnel sob a casa de Ayt até o metrô de Janloon. A essa altura, a família Koben também a caçava. Todo Osso Verde da cidade procurava Ayt Mada, mas, em menos de uma hora, ela reapareceu na propriedade Ayt. Caminhou pelos jardins e entrou em seu escritório como se fosse um dia comum. Foi ali que o pessoal do Montanha a encontrou.

— Dizem que ela não tentou fugir nem lutar — informou Lott.

— Não — concordou Shae.

Ayt Mada jamais fugiria de Janloon como uma criminosa, nem desperdiçaria energia sem propósito. Assim que soubera que o sobrinho e os Kaul ainda estavam vivos, se rendera, ciente de que sua última jogada assassina havia falhado.

Por causa de Hilo, pensou Shae. Porque tigres velhos reconhecem uns aos outros.

Anden desceu as escadas. Os olhos estavam pesados de exaustão, e ele parecia pálido e envelhecido.

— Fiz tudo o que pude. Estanquei o sangramento, coloquei soro, estabilizei a temperatura e a pressão por enquanto. Ele está dopado de analgésicos. — Anden passou a mão pelo rosto e, marejado, encarou a família. — Isso só serve pra garantir algumas horas, talvez até o fim da noite. Uma bala atravessou a coluna, e as outras destroçaram as entranhas. Ele tá consciente agora, mas pode não ficar por muito tempo.

Anden se sentou ao lado de Jirhuya no sofá e enterrou o rosto nas mãos.

Shae subiu para ver o irmão. Wen e Niko estavam um de cada lado da cama. Gazes e lençóis cobriam o torso de Hilo. As pedras de jade à vista sobre a clavícula nua contrastavam de forma brutal com a pele sobrenaturalmente pálida. Quando Shae tocou o ombro do irmão, quase recuou diante da mudança chocante em sua aura de jade; aquele rio melífluo e brilhante era agora um gotejar esquálido. Ainda assim, ele estava com os olhos abertos e focados, e disse à esposa e ao sobrinho:

— Deixem eu falar com a minha Homem do Tempo a sós por um minutinho.

Depois que Wen e Niko saíram, Shae se agachou junto à cabeceira da cama. Mil coisas lhe subiram à garganta e a entalaram por completo.

— O Ato está vivo? — perguntou o Pilar.

Shae assentiu e contou tudo o que sabia.

— A Ayt sussurrou todos os nossos nomes. Ela só renunciou e entregou o poder aos Koben pra enganá-los. Pra *me* enganar.

Um sorriso fraco se desenhou no rosto de Hilo.

— Mas ela fracassou. Acabou. Foi a última aposta da Ayt e, no fim, ela me pegou. Mas não *nos* pegou. Isso é o que importa. — Ele lambeu os lábios. Os olhos estavam vidrados, mas brilhantes, e se fixaram nela com insistência. — Shae, você tem que ajudar o Niko. Tem que torná-lo melhor. Um Pilar melhor, uma pessoa melhor. Ajuda ele como me ajudou.

— Você sabe que eu vou fazer isso — garantiu Shae.

Hilo fechou os olhos. Shae pressionou a mão sobre o coração dele e ouviu a respiração pesada.

— Tem algo que você quer que eu diga pro Lan? — perguntou ele.

Shae abaixou a cabeça sobre ele.

— Por favor, não fala assim, Hilo — sussurrou. — Eu não aguento. Não consigo conceber que vou ser a última.

— Você não vai.

Um som se ergueu do lado de fora. A princípio, Shae não o reconheceu como o ressoar de uma multidão enorme. Foi até a janela e puxou a cortina. Lott Jin havia aberto os portões da propriedade Kaul e deixado entrar os Ossos Verdes do clã; centenas vinham subindo pela alameda de acesso. Shae viu toda a família Juen, Hami Tuma e o filho Yasu, e Maik Cam. Viu Terun Bin e Agentes da Sorte de seu escritório ao lado de Vin, o Sniper, e de Hejo, o Primeiro Punho dos Ratos Brancos. Viu o próprio marido e a filha, com o braço de Woon ao redor dos ombros de Tia, ambos olhando para Lott Jin, que estava de pé sobre o Duchesse Imperia diante da casa. Quando o Chifre ergueu o braço, todos os guerreiros do clã gritaram, e o som de suas vozes reunidas trovejou:

— *O clã é nosso sangue, e o Pilar é seu mestre!*

A multidão permaneceu ali pelo resto da noite. De tempos em tempos, as vozes se erguiam num coro espontâneo, proclamando lealdade. Wen, Niko e Anden voltaram ao quarto.

— Vocês parem com essa cara de velório, porra — disse Hilo. — O Andy fez um ótimo trabalho, nem dói mais.

Conversou com eles por um tempo, ditou a Shae uma carta para a mãe, insistindo que não acordassem a frágil idosa só para submetê-la a mais sofrimento. Brincou dizendo que era verdade que, quanto mais perto se chegava da outra vida, mais se acreditava nela, e que, pessoalmente, mal podia esperar para ver Ru de novo. Lembrou-os de todas as vezes em que haviam perseverado contra as probabilidades, de tudo o que tinham feito.

— Eu tive sorte, na verdade.

Disse que tentaria aguentar até Jaya chegar em casa, mas, em algum momento, perdeu a consciência enquanto Wen segurava sua mão. No fim, o resto da família deixou os dois sozinhos. Shae se sentou junto de Anden, apoiou a cabeça em seu ombro, e ficou segurando a mão e o pulso esquerdo dele; os dois usando a jade de Anden. Shae, pela primeira vez em anos, nem hesitou a fim de manter Hilo em sua Percepção pelo maior tempo possível. Nas primeiras horas da manhã, quando o sol começava a nascer sobre o horizonte de Janloon, Shae

sentiu a irreprimível aura de jade do irmão se apagar de sua mente.

Horas depois, Wen saiu do quarto, vestida de branco da cabeça aos pés. Não disse nada. Foi até o jardim onde havia se casado e sentou-se sob a cerejeira do pátio, num luto que vinha do fundo da alma.




CAPÍTULO 62

Pilar de Kekon

primeiras semanas

Quando a notícia chegou a Jaya, em Toshon, de que seu pai havia sido baleado e não sobreviveria por muito tempo, ela subiu numa motocicleta e dirigiu a toda velocidade pela rodovia KI-1 durante dez horas seguidas, noite adentro. Chegou tarde demais. O primo Cam e o tio Anden a encontraram nos portões da propriedade e disseram que seu pai havia morrido em decorrência dos ferimentos duas horas antes.

Jaya invadiu a casa, aos gritos, tomada de luto e fúria. Encontrou Niko sentado na sala de estar, de cabeça baixa em uma conferência solene com o Chifre e a Homem do Tempo.

— Por que vocês não fizeram nada? — exigiu ela. — Vou chamar vinte dos meus Facas Miúdas pra vir pra cá e ir atrás da Ayt e do Iwe eu mesma. Vou cortar os dois em pedaços!

— Você não vai fazer nada — disse Niko à irmã mais nova. — O Montanha já está em polvorosa. Vamos esperar pra ver como os Koben vão lidar com isso primeiro.

Jaya se virou para Lott.

— Então a gente vai ficar sentado e deixar tudo nas mãos daqueles idiotas?

— O Niko-jen é o Pilar agora — lembrou o Chifre. — A decisão é dele.

— Niko trocou um juramento de amizade com o Ato, então não vamos agir até ouvirmos os líderes do Montanha — disse Shae. — A Ayt Mada pretendia assassinar todos nós, mas o pior que ela fez foi trair o próprio sobrinho depois de nomeá-lo sucessor. Se houver algo que você precise fazer, vai receber ordens do Chifre. — Quando Jaya abriu a boca para retrucar outra vez, Shae repreendeu com severidade: — Você é uma Punho de primeiro ranque. Tenha respeito.

Jaya se virou para a tia com lágrimas transbordando dos olhos.

— Meu pai *morreu*, e isso é culpa sua! Foi você que convenceu ele a ir naquela reunião. Você podia ter matado a Ayt anos atrás, quando teve a chance. Você sempre teve um fraco por aquela bruxa maldita, mas nunca demonstrou amor pelo próprio irmão, sua vagabunda sem coração.

Shae deu dois tapas fortes no rosto da sobrinha, em uma bochecha, depois na outra. Jaya saiu correndo da casa e passou dias sem ser vista. O Chifre mandou dois de seus Ossos Verdes atrás dela para garantir que não fizesse nada impensado, mas não precisava ter se preocupado. A base de comando de Jaya ficava no sul, e sem seu próprio pessoal na cidade, ela não tinha como fazer muita coisa.

Ainda assim, em meio a um torpor vingativo de angústia, Jaya foi até a residência de Iwe Kalundo, no Arvoredo da Cereja, só para encontrá-la já cercada por membros do Clã da Montanha clamando pela execução do antigo Homem do Tempo. Como Shae previra, as consequências do complô de assassinato iam se desenrolando rapidamente. A reação contra Ayt e Iwe foi surpreendentemente rápida e intensa. A tolerância pública para líderes que iam assassinando para abrir caminho até o poder era menor do que havia sido trinta anos antes. As escolhas violentas de Ayt outrora foram aceitas como as decisões de uma governante legítima derrotando rivais menos dignos. Agora, eram vistas como a traição de uma velha tirana desesperada para se agarrar ao poder. Muitos no Montanha continuaram a ver Ayt Mada com bons olhos mesmo após sua renúncia, mas, pelo crime de violar grotescamente o papel sagrado e pacificador dos penitentes deístas, todos, exceto seus seguidores mais fanáticos, a denunciaram.

Ninguém parecia saber onde Ayt Mada estava sendo mantida pelos Koben, mas, do lado de fora da casa de Iwe Kalundo, Jaya observou, junto de dezenas de curiosos, quando Punhos do Montanha chegaram exigindo que o traidor se entregasse.

Iwe pediu três horas para se preparar para a morte. O antigo Homem do

Tempo escreveu uma carta explicando que sempre quisera apenas impedir que o clã que amava caísse sob uma liderança incompetente e acabasse destruído por seus inimigos. Agradeceu à antiga Pilarisa, Ayt Madashi, pediu perdão à família e deixou instruções sobre a distribuição de sua jade após a morte. Depois vestiu seu melhor terno, caminhou até o pátio de casa e atirou na própria cabeça.



Por toda Janloon e por Kekon, lâmpadas-guia espirituais foram acesas para reconhecer a passagem de Kaul Hiloshudon (um homem tão dramático na morte quanto fora em vida; que os deuses o saúdem). A vigília pública televisionada e o funeral foram imensos. Parecia que todo Osso Verde do país, fossem amigos de luto ou inimigos em celebração, tinha uma história para contar sobre seus encontros pessoais com Kaul Hilo: suas façanhas da juventude, sua astúcia como Chifre e sua determinação como Pilar, sua famosa generosidade e ferocidade.

A casa dos Kaul foi coberta de branco. Um fluxo constante de fiéis do clã deixava incenso, frutas e flores junto ao portão. No dia do funeral, Anden caminhou na parte da frente da enorme procissão sinuosa até o Parque da Viúva como se estivesse atravessando um devaneio, arrastado como um único peixe por um rio veloz de luto coletivo. O dia estava seco, mas nublado, com o céu riscado de nuvens arroxeadas. Os gongos e tambores fúnebres pareciam reverberar pelas ruas de uma cidade desbotada de cor.

Todas aquelas pessoas ao redor, pensou Anden, tinham a impressão de que conheciam Hilo de algum modo, por mais singelo que fosse. Quando Anden olhou para o mar de rostos, sentiu um ressentimento estranho e mesquinho de todos eles, tomado por um ciúme feroz da tristeza alheia, como se houvesse apenas uma quantidade limitada de pesar, ao que toda aquela gente não tinha direito. Eles não eram os irmãos de Hilo. Não o conheciam de verdade. Não haviam Afluído a própria energia para o corpo dele nas horas finais.

Anden deixou a recepção do funeral mais cedo e encontrou Niko sozinho no escritório, o cômodo que fora de Lan e depois de Hilo, e que agora era dele.

— Niko-s… — começou Anden, mas se corrigiu. O sobrinho pequeno que ele empurrara no balanço e levara a jogos de releibol, que costumava se enroscar silenciosamente ao seu lado no sofá pedindo que lesse um livro atrás do outro, agora era o Pilar do clã. Anden levou as mãos unidas à testa e se curvou numa saudação respeitosa. — O senhor queria falar comigo, Kaul-jen?

Niko ergueu o olhar da poltrona onde estava sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos, como se estudasse o tapete.

— Não faz isso — pediu ele, aflito. — Perto de outras pessoas, tudo bem, mas quando estamos só nós dois, não me trate diferente. Por favor, tio Anden. Já é difícil o bastante ficar neste cômodo.

A voz do rapaz estava calma e, ao mesmo tempo, indescritivelmente desolada, cheia de um pânico silencioso e privado.

— Desculpa, Niko, foi falta de tato da minha parte — disse Anden, sentando-se ao lado do sobrinho e observando o escritório: a mesa atulhada, a televisão de tela plana, as fotos de família, as espadas da lua nas paredes, o frigobar, os desenhos infantis de décadas atrás que Hilo pendurara e nunca retirara.

— Tô com saudade dele — murmurou Niko. — Eu o amava, e às vezes acho que o odiava. Não tenho nada a ver com ele e não quero ter. Mesmo assim, tudo o que eu quero é chegar à altura dele.

Anden compreendia o que Niko sentia, embora soubesse que seu próprio luto ainda não havia chegado por completo. Em vez de se fechar, ele se jogara nas coisas que podia fazer: ajudar Shae a organizar o funeral, trabalhar na campanha eleitoral, lidar com a imprensa e com as condolências vindas de todos os setores do clã, inclusive tributários e escritórios no exterior. Em algum nível, ainda não acreditava que Hilo tivesse partido, e esperava que o primo fosse entrar pela porta a qualquer momento. A mente não consegue se ajustar tão rapidamente a uma mudança da realidade sem se fragmentar. Se a lua desaparecesse do céu, as pessoas não acreditariam; pensariam que era um truque de luz ou as nuvens. Anden sentia que levaria muito tempo até aceitar a verdade.

Niko se virou para ele.

— Existe algum jeito, alguma chance, de eu convencer você a não concorrer ao Conselho Real? Se existir… eu pediria que fosse meu Encarregado do Pilar. — A expressão dele era quase infantil de tão esperançosa. — Eu confio em você mais do que em qualquer outra pessoa, tio Anden. Você sempre foi um Osso Verde do seu próprio jeito. Nunca ocupou um cargo oficial nem se perdeu pro clã, mas todo mundo sabe que você é um homem do Desponta. Você sempre é honesto comigo. Vou precisar dos seus conselhos agora mais do que nunca.

Anden baixou os olhos para as próprias mãos. No silêncio, conseguia ouvir os acordes misturados de harpa e o murmúrio abafado das pessoas na enorme aglomeração do lado de fora que, grande demais para caber no pátio, se espalhara por toda a propriedade.

— Eu pensei em suspender a campanha — admitiu. — Não sei se dou conta disso agora, e parece egoísmo. Mas aí o Jirhuya me perguntou o que eu achava que o Hilo-jen gostaria que eu fizesse, e, claro, eu sei a resposta. — Ergueu o

olhar para o sobrinho. — Me desculpa, Niko-se. Como você disse, sempre fiz meu próprio caminho no clã sem ocupar nenhum cargo oficial. Acho que isso foi o melhor pra todo mundo. E deve continuar assim.

O rosto de Niko se entristeceu, mas ele assentiu, como se fosse a resposta que já esperava. Anden acrescentou com firmeza:

— Você sempre pode vir falar comigo, não importa o quê. Não preciso ser seu Encarregado pra isso. E não sou o único, claro. Sua tia Shae vai permanecer como Homem do Tempo por mais um ano, e o Terun Bin será um sucessor à altura. O Lott é um Chifre forte e prudente, e tem também os Juen, e sua irmã é o tipo de Osso Verde de que todo clã precisa. E sua mãe… ela conhece o clã melhor do que ninguém.

— Ela não tá falando comigo — disse Niko, em voz baixa. — Acho que ela me culpa, de novo.

Anden meneou a cabeça. Wen não falava com ninguém enquanto mantinha vigília dia e noite pelo espírito do marido. Se a presença de Hilo fosse aparecer para alguém, seria para ela.

— É só porque ela amava muito o Hilo que você tá com essa impressão. Ela é verdejante demais na alma pra nos deixar por muito tempo. — Anden se levantou. — Se você estiver disposto a aceitar meu conselho agora, eu diria pra escolher o Maik Cam como seu Encarregado. Seu primo tem muito bom senso e é um amigo antigo em quem você pode confiar, alguém que se importa com você e sempre vai dizer a verdade.

Niko ficou em silêncio por um tempo.

— Obrigado, tio Anden — agradeceu por fim, levantando-se também. — Se houver qualquer coisa de que você precise do clã pra ajudar na sua campanha, como dinheiro, voluntários, o que for, é só pedir.

A hesitação e a vulnerabilidade se dissiparam, e ele falou como um Pilar. A noção do fardo pesado continuava ali, mas Anden viu, com alívio, que também havia compostura e aceitação. Sentiu um grande peso deixar o peito, um peso que nem percebera que carregava até aquele momento. *Ele vai ficar bem.*

Ao sair do escritório, Anden viu Wen aparecer silenciosamente no corredor, caminhando devagar, com cuidado; um retrato de luto e dignidade vestida de branco. Ela parecia ao mesmo tempo delicada e resistente demais, como um vaso finamente trabalhado, quebrado e oco, mas muito temperado para se esfarelar.

Anden se afastou quando a viúva e matriarca do Desponta passou por ele em direção a Niko, com o rosto impecavelmente empalidecido pela maquiagem mantido imóvel como uma máscara de cerâmica. Ela parou diante do filho. A

frágil confiança recém-adquirida do Pilar vacilou. Anden viu a garganta de Niko se mover duas vezes, e os lábios tremerem quando ele olhou nos olhos dela.

— Mãe — disse.

Wen não falou nada, mas sua força silenciosa pareceu se recolher sobre si mesma como as pétalas de uma flor no frio. Ela deu um passo à frente e envolveu Niko num abraço apertado, sussurrando algo que Anden não conseguiu ouvir. Como uma criança, Niko enterrou o rosto no ombro dela, e Anden, com o coração apertado, fechou discretamente a porta do escritório.



Nas semanas seguintes, um fluxo constante de pessoas (Lanternas, políticos, emissários de clãs tributários e dos escritórios internacionais do Desponta) veio prestar respeito e lealdade a Kaul Nikoyan. Alguns no clã não aceitaram bem o juramento de amizade com os antigos inimigos, ou desconfiavam da juventude de Niko, de sua inexperiência, de seu temperamento pessoal e de falhas passadas, mas esses sentimentos nunca passaram de resmungos. Ninguém podia contestar que Kaul Hilo escolhera o sobrinho como sucessor e, com a Homem do Tempo e o Chifre de longa data de Hilo ao lado do novo Pilar, o clã logo se alinhou.

Dez dias após o funeral, Ayt Ato apareceu na propriedade Kaul acompanhado apenas de dois guarda-costas e pediu para falar com o Pilar do Desponta. Foi algo notável. Normalmente, uma reunião entre dois Pilares de status equivalente seria formalmente arranjada em terreno neutro pelos Homens do Tempo dos clãs. Um Pilar se apresentar na casa de outro e pedir audiência como um solicitante comum era sinal de rebaixamento.

Shae observou o sobrinho receber o outro Pilar no saguão.

— Ayt Ato-jen.

— Kaul-jen. — O rosto bonito de Ato estava abatido. As minúsculas pedras de jade sobre as sobrancelhas acentuavam não os olhos, mas as olheiras profundas. Ele pigarreou, desconfortável. — Decidi retomar o sobrenome da minha família materna, Koben. É o nome com o qual cresci. Quando fui posicionado como futuro líder do clã, nunca me consultaram sobre a escolha de usar o nome Ayt. Na verdade, nunca senti qualquer ligação pessoal com ele.

Niko assentiu. Lançou um olhar para o escritório, e Shae percebeu a relutância dele em entrar naquele cômodo. Hilo fora igual no início, quando ainda parecia errado sentar no espaço de Lan.

— Gostaria de caminhar lá fora, Koben-jen?

No jardim, o frio úmido do inverno que se aproximava já estava no ar, e os crisântemos do fim de estação estavam em plena floração. Pétalas finas, arrancadas pelo vento, em branco, vermelho e dourado, flutuavam sobre o lago imóvel. Niko lançou um olhar a Shae, pedindo sem palavras que o acompanhasse como Homem do Tempo enquanto conduzia Koben Ato pelo caminho de pedrinhas ao redor da propriedade. Ela seguiu a certa distância, perto o suficiente para ouvir a conversa, mas não tão perto a ponto de participar. Ainda não se sentia capaz de falar com ninguém. Em alguns momentos, tinha a impressão de que Niko lidava melhor com o novo papel de Pilar do que ela com o antigo, de Homem do Tempo.

— Devo ser a primeira pessoa do Clã da Montanha a receber um tour pessoal da propriedade Kaul — disse Ato. — É tão bonita quanto eu imaginava.

— Nunca fui à residência Ayt — disse Niko —, mas ouvi dizer que é tão impressionante quanto.

Era uma cena estranha: os dois jovens Pilares caminhando juntos pelo jardim, Niko apontando casualmente isto e aquilo sobre as casas e o paisagismo, enquanto Ato assentia com apreço. Não se parecia em nada com uma reunião formal de líderes de clã, mas talvez fosse exatamente o que o momento exigia. A primeira tentativa terminara em uma tragédia inconcebível; aquilo era outra coisa.

Por fim, retornaram ao ponto de partida, ao pátio da casa principal. Ato se voltou para o outro Pilar.

— Kaul-jen — começou —, sinto muito pela sua perda, de verdade. Seu tio sempre foi um inimigo implacável do meu clã, mas ninguém pode negar que ele foi um grande guerreiro Osso Verde. Naquele dia, ele salvou minha vida e perdeu a própria.

— Também lamento pelas perdas do seu lado — respondeu Niko. Não disse mais nada. Shae pensou que talvez devesse, mas ou ele não conseguia falar mais sobre aquele dia do que o estritamente necessário, ou estava deliberadamente se contendo, esperando para ouvir o que o outro homem tinha a dizer. Talvez as duas coisas. A expressão dele não revelava nada, e Shae suspeitava que sua aura de jade também não.

— Imagino que você já saiba que Iwe Kalundo tirou a própria vida — prosseguiu Ato. — Ayt Mada foi extirpada da jade e confinada em um local secreto, sob guarda de Ossos Verdes leais à minha família, tanto para a proteção dela quanto para a nossa. — O rosto de Ato se contraiu brevemente num reflexo involuntário. — O Montanha está em choque e desorganizado. Temo que a

ruptura seja profunda demais. Neste momento, não sei o que será do clã nem se ele sequer vale a pena ser salvo.

Era uma declaração espantosa. Quem se lembrava de algum Pilar dizendo algo assim? Que líder Osso Verde admitiria ter perdido o controle dos próprios guerreiros, falhado em manter autoridade sobre o clã?

Talvez, porém, Koben Ato estivesse apenas cansado de negar o que se tornava cada vez mais evidente para todos. O Clã da Montanha estava despedaçado. Embora a maioria de seus membros condenasse o chocante golpe fracassado de Ayt Mada, ainda assim não se alinhava lá com muito entusiasmo aos Koben, vistos por alguns como imprudentes e divisivos. Ato, apesar de anos sob os holofotes, não recebera muita margem de ação da Pilarisa e, assim, não tinha grandes feitos pessoais indicando que era um líder forte e visionário o bastante para chamar uma lealdade ampla e reconstruir a imagem manchada do clã após tanta vergonha e carnificina.

Muitos Lanternas e clãs menores tributários do Montanha, desencantados com as disputas constantes e já não temerosos de Ayt Mada ou dos Koben, continuavam a desertar de forma constante para o Desponta. Algumas famílias do Montanha estavam se separando por completo e formando clãs menores independentes. Facções locais das gangues barukânes recrutavam membros keko-shotarianos do Montanha. Um grupo dos seguidores mais fanáticos de Ayt Mada deixara Janloon e se reorganizara em Gohei, onde, segundo relatos, formavam um pequeno clã próprio, o Portadores da Lança, reivindicando a linhagem espiritual de Ayt Yu e de sua filha Mada.

O rosto de Koben Ato se contraiu numa carranca exausta.

— Desde menino, fui usado como uma peça de xadrez. Meus parentes esperavam que eu fosse o herdeiro brilhante de Ayt Yugontin, que elevasse toda a família. Minha tia Mada me nomeou seu pupilo para garantir o apoio deles e manter os detratores na linha, mas nunca me demonstrou afeto nem me considerou digno. A imprensa e o público estavam sempre observando. Diziam o que eu devia falar, como me vestir, com quem casar, quem eram meus amigos e inimigos, e às vezes até essas exigências eram discordantes entre si.

Ato não tentou esconder a inveja ao encarar Niko.

— Sei que você sentiu a pressão de uma posição parecida, e senti inveja quando você se rebelou e deixou o país. Mas não sei se você conseguiu enxergar algo que parecia evidente pra mim. Mesmo com todos os defeitos dele, seu tio fez o possível para te cercar com a própria força, em vez de te empurrar à frente como um sacrifício. Todo o meu maior sofrimento veio de dentro do meu

próprio clã.

Ato desviou o rosto, e o silêncio se estendeu entre os dois homens. Eles carregavam um legado longo e terrível entre si, mas eram jovens e estavam tentando mudar as coisas.

— Eu não posso executar minha própria tia — disse Ato. — Ela sussurrou meu nome, e merece morrer, mas foi ela quem me treinou. Se eu mandar matá-la, estarei perpetuando o ciclo que ela iniciou quando assassinou o próprio irmão, meu pai, de quem mal me lembro. Ela transmitiu ao clã inteiro a mensagem de que laços pessoais não significam nada. De que só a força importa, e de que qualquer atitude pode ser justificada. Sob o governo dela, o Montanha cresceu em tamanho e poder, mas se tornou cruel e disfuncional.

— Talvez você possa pegar o que restou e construir algo melhor — disse Niko.

— Talvez — concedeu Ato. — Vai levar tempo, mas vou tentar.

Ao ver os dois Pilares lado a lado, com vincos já estampados em suas faces jovens, Shae ergueu o rosto para o sol e fechou os olhos por um instante contra o aperto ardente no peito; tristeza e compaixão misturadas a orgulho e esperança. Ela ainda não tinha terminado; precisava ajudar Niko como prometera, mas, depois daquele último passo, poderia finalmente depor o fardo que ela e os irmãos carregaram através de um abismo que tantas vezes parecera intransponível.

Hilo. Lan, sussurrou Shae em pensamento, *estão vendo isso, de onde quer que estejam? Enfim, conseguimos. Mantivemos nosso clã. Deixamos o Desponta mais forte e o entregamos adiante.*

Sinto falta de vocês dois.

Ato se virou de volta para Niko, mas seus olhos pousaram em Shae.

— Sua família sofreu mais com Ayt Mada do que a minha. Qualquer justiça que ela receba deve vir de vocês, não de mim. Kaul Hiloshudon foi meu inimigo, mas devo a ele a minha vida, então é justo que eu pague essa dívida. Estou entregando Ayt Mada à família Kaul. Peço que aceitem isso como um gesto de arrependimento e de boa vontade.

Niko não respondeu de imediato. Depois assentiu lentamente.

— Em troca — continuou Ato —, peço que o Desponta considere sua dívida de sangue quitada e que não busque mais vingança contra o Clã da Montanha. A essa altura, já ficou evidente que Ayt e Iwe agiram sozinhos. Reacender hostilidades entre nossos clãs só fortaleceria a pequena facção remanescente da velha guarda da Ayt.

Niko trocou um olhar silencioso com Shae. Então se virou de volta para Ato.

— Você tem a minha palavra como Pilar, sob os Céus e pela jade. Os antigos ódios… acabaram.

Koben Ato assentiu, agradecido.

— Minha tia estava certa o tempo todo. Eu não sou um Pilar forte e nunca poderia ser o herdeiro dela. Mas talvez já tenhamos tido nossa cota desse tipo de gente. Seja o que for que aconteça a partir de agora, quer o Montanha sobreviva, quer eu permaneça como Pilar, o Desponta será o maior e mais poderoso clã Osso Verde do país. Caberá a você ser um Pilar pra toda Kekon. Eu sei que deveria me sentir derrotado, mas, acima de tudo, me sinto aliviado.

Ele levou as mãos unidas à testa e se inclinou numa saudação.

— Que para longe fujam os seus inimigos, Kaul-jen, e que os deuses brilhem em favor do Desponta.




CAPÍTULO 63

Memória

terceiro mês

O Dr. Emery Anden venceu com folga a disputa por uma cadeira no Conselho Real pela região central de Janloon (que incluía Sogen, Cidade Velha, Vila de Sotto e Sotto do Norte). Muito se comentou sobre o fato de ele ser o primeiro candidato assumidamente LGBT+ eleito para um cargo nacional, apenas o terceiro conselheiro de ascendência mista e o primeiro membro da família Kaul a servir num cargo público. Embora a vitória tenha sido celebrada, não chegou a surpreender, dadas as vantagens de que dispunha. Tinha o patrocínio do Desponta, credenciais como médico renomado com experiência internacional e a reputação de leal ao clã e de ser um homem de alma verdejante.

Anden achava irônico que aquilo que um dia fora uma mancha vergonhosa em seu passado (ter recusado a jade na formatura da Academia Kaul Dushuron e, como consequência, ter deixado o país em exílio por um tempo) agora fosse citado como prova de seu caráter moral desde jovem. Os eleitores aparentemente admiravam o modo como, diante da morte trágica da mãe pelo Prurido, ele se afastara da violência e do uso do brilho, apesar de altas habilidades de jade e da intensa pressão da família e da sociedade. Às vezes Anden desejava poder voltar no tempo para tranquilizar o garoto de 18 anos que havia sido, para dizer que ele

acabaria encontrando o próprio caminho; mas, por outro lado, teria sido cruel, naquela idade, descobrir todas as outras lutas e tristezas que ainda estavam por vir.

Numa fresca, porém ensolarada, manhã de sepdia, um dia antes de tomar posse, Anden entrou num pequeno apartamento de segundo andar em um prédio banal em Machadinha. Passou por três guardas no caminho, Ossos Verdes do Montanha leais à família Koben (um na entrada do prédio, outro do lado de fora da porta do apartamento e um terceiro dentro da própria unidade). Eles reconheceram Anden, é claro — quem mais poderia ser? —, e, quando ele apresentou a carta de Kaul Nikoyan, Pilar do Desponta, com a insígnia do clã, o guarda da porta resmungou "Até que enfim" e o deixou entrar.

Ayt Madashi estava sentada de pernas cruzadas no único sofá do apartamento, assistindo ao noticiário em uma televisão pequena. Anden ficou chocado com a aparência dela. O cabelo de Ayt, sem tingimento, estava áspero e grisalho, e ela se encolhia, como se estivesse com muito frio, dentro de um suéter largo de gola alta, com mangas compridas que caíam até cobrir os dedos. Anden nunca tinha visto Ayt com os braços cobertos. Sabia que, sob o tecido volumoso, estavam nus. As espirais prateadas de jade que Ayt usara e exibira com orgulho por tantos anos haviam desaparecido. Depois de se entregar ao pessoal de Koben e ordenar que seus lealistas não lutassem, fora extirpada da jade e confinada em prisão domiciliar nesse esconderijo desconhecido. Embora tivesse sobrevivido à provação da abstinência de jade, Anden não pôde deixar de se espantar com o quanto ela parecia *menor*. Uma das Ossos Verdes mais formidáveis de sua geração, agora uma mulher cansada, magra, sem jade e de 66 anos.

Ayt desligou a televisão e virou o rosto na direção de Anden. Ao perceber a pena em sua expressão, a boca dela se franziu e um pouco do antigo fogo brilhou em seus olhos, um lampejo da implacável vontade de ferro que, por tantas décadas, fora o flagelo do Desponta.

— Surpreso em ainda me encontrar aqui, Emery Anden? — perguntou Ayt, com um toque de sarcasmo. — Talvez tenha achado que eu fosse seguir o exemplo do Iwe.

— Cheguei a pensar nisso, sim — admitiu Anden.

— E eu também. — Os ombros de Ayt cederam. — Mas parece que sou incapaz de escolher o caminho fácil em qualquer situação que seja. Sobreviver é um hábito que, pelo visto, é difícil de largar.

— Assim como a jade — disse Anden, encarando-a com firmeza. — Assim

como o poder.

Ayt descruzou as pernas e apoiou os pés no chão, mas não se levantou.

— Koben Ato não veio. Não que eu esperasse. Sempre foi um covarde que se esquivava de decisões difíceis e deixava que outros fizessem escolhas por ele. Mesmo sabendo que eu sussurrei o nome dele, prefere evitar o problema desagradável de executar a própria tia, e empurra a tarefa pro Desponta. — A voz soava decepcionada, pesarosa, como se quisesse ter sido contrariada no julgamento que fizera do jovem que tentara mandar matar. Ayt semicerrou os olhos para Anden. — Ainda assim, me surpreende que o *seu* sobrinho tenha esperado tanto. Foram três meses muito enfadonhos. Pensei que o novo Pilar do Desponta seria mais verdejante do que isso.

— Se dependesse de alguns membros do clã, você já teria sido executada em praça pública, decapitada e enterrada sem sepultura — disse Anden. — Mas o Kaul Niko quis esperar a poeira baixar, depois das eleições e do período de festas, quando as pessoas já teriam parado de pensar em você.

Ayt olhou para além de Anden, como se esperasse ver outras pessoas atrás dele, mas não havia ninguém.

— E aí ele manda você sozinho. Nem sequer me enfrenta.

— Para ele, você não é nada além de uma inimiga derrotada — respondeu Anden. — Ele não é como outros Ossos Verdes nesse aspecto. Você é responsável pela morte do pai dele. Dos *pais*, o de sangue e o que o criou, mas ele não se importa com vinganças pessoais e nem deixa que isso determine suas decisões. Não quer te ver e nem falar com você. Só quer que você desapareça.

— Então é por isso que você tá aqui — disse Ayt. — Dr. Emery. Ou melhor, Conselheiro Emery. Pra falar pelo Clã do Desponta e entregar a justiça da família Kaul.

— É — concordou Anden.

O rosto de Ayt se contraiu.

— E a Kaul Shaelinsan? Depois de todo o esforço dela, eu a enganei. Enterrei os dois irmãos dela. Por que ela não tá aqui?

— Ela me disse que não tem mais nada pra te dizer — respondeu Anden. — Poupou sua vida uma vez e diz que isso é tudo o que os deuses podem exigir dela nesta vida.

Anden entregou a Ayt a carta que trouxera, escrita de próprio punho por Niko. Como já tinha lido o conteúdo, sabia que era curta e impessoal, explicando os termos da decisão sem qualquer comentário pessoal. Uma cópia fora enviada a Koben Ato.

— Você será exilada de Kekon — explicou Anden. — Vai passar o resto dos seus dias em Ygutan. Os preparativos já foram feitos para te transportar até uma pequena cidade petrolífera no norte, que dizem ser bastante monótona. Jade ainda é ilegal naquele país, e não há nenhuma pedra sequer por centenas de quilômetros daquele lugar.

A cor subiu lentamente ao rosto de Ayt, e a carta tremeu em sua mão.

— Por quê? — exclamou ela. — Por que essa misericórdia inútil? Por que não me executar de uma vez?

— Ninguém ganharia nada com isso — esclareceu Anden. — Você agora é uma velha sem jade. Por mais que mereça, te matar agora pegaria mal. Você foi uma líder poderosa não só do Montanha, mas do país. Certamente ainda há pessoas que simpatizam com você. Por que te transformar num mártir, te dar essa última satisfação e arriscar mais conflitos se estamos virando a página com os Koben e tomando os restos do Montanha como tributários? — Anden abriu as mãos. — Pelo menos, é o que o Pilar acha.

Foi a primeira decisão de peso que Kaul Nikoyan tomara como Pilar, depois de conversar com Anden, Shae e Lott e então refletir sozinho por várias semanas. Se o modo cuidadoso e desapegado como chegara à conclusão fosse algum indicativo do tipo de Pilar que seria, Anden tinha certeza de que o sobrinho se tornaria, à própria maneira, um formidável líder Osso Verde.

O sorriso torto de Ayt repuxou os cantos de seus olhos e pareceu quase fisicamente doloroso. Ela parecia querer rir ou matar alguém e, por um instante, voltou a ser assustadora.

— Não acredito que um dia eu sentiria falta de Kaul Hiloshudon.

— Você terá mais dois dias em Janloon pra arrumar os pertences pessoais de que precisa e visitar o túmulo da sua família, se quiser — disse Anden. — Se nesse período mudar de ideia e decidir seguir o caminho de Iwe, nenhum dos guardas te impedirá. Se aceitar o exílio e jamais tentar obter jade, retornar a Janloon ou interferir nos assuntos dos Ossos Verdes, depois da sua morte você será trazida de volta a Kekon e enterrada no jazigo da família Ayt. Se desobedecer aos termos, seu nome será sussurrado discretamente por todos os clãs, e seus ossos jamais tocarão o solo kekonésio.

A postura orgulhosa de Ayt foi se desfazendo pouco a pouco enquanto Anden falava. O desprezo indignado que reunira por alguns minutos se dissolveu em exaustão, como se uma máscara usada a vida inteira tivesse escorregado, revelando uma pessoa que Anden nunca tinha visto antes, nem mesmo quando ela estivera à beira da morte em seu apartamento. Ayt parecia triste, mais

profundamente triste do que Anden teria imaginado.

— Diga ao seu Pilar que ele não tem mais nada a temer quanto a mim — falou ela, quando Anden terminou. Não havia mais raiva nem rancor na voz, apenas uma derrota factual. Dignidade, e quiçá graça. — Dei tudo o que tinha, e não me resta nada. Sei que o meu tempo passou.

Ayt se virou para a janela estreita do pequeno apartamento e encarou o pedaço de cidade que conseguia ver. A luz do sol que entrava por ali traçava uma linha sobre o carpete e iluminava partículas de poeira que dançavam no ar. Sons da rua lá embaixo — o ronco de um ônibus, a buzina de uma bicicleta, algo pesado sendo jogado dentro de uma lixeira — invadiam o ambiente de forma abafada. Nenhuma das pessoas seguindo sua rotina do lado de fora fazia ideia de que a mulher que fora Pilarisa do Montanha estava sentada num quartinho acima delas, escutando.

— Muitos anos atrás, quando vi o que estava acontecendo ao nosso redor, imaginei um futuro ousado e necessário — disse Ayt. — Ossos Verdes unidos em um único clã poderoso, exercendo controle sobre a nossa jade e se impondo sobre Kekon, preservando nossas tradições e nos protegendo de inimigos internacionais e também dos que existem aqui dentro. Cabia a nós, como guerreiros de jade, enfrentar todas as ameaças e oportunidades que o tempo inevitavelmente traria à nossa porta.

Ayt puxou o suéter para junto do corpo, mas ergueu o queixo, como se encarasse uma multidão à espera de suas palavras.

— Tudo o que fiz, cada decisão grandiosa ou terrível que tomei ao longo de muitos anos, cada parcela de felicidade humana comum que sacrifiquei da minha própria vida, foi de forma voluntária e proposital pra ver esse futuro acontecer. E agora eu o vejo, enfim… só que não da maneira que imaginei, não com o meu clã e não comigo. Ainda assim, talvez por alguma ironia terrível que só os deuses compreendem, por *minha causa*. — Ela enfiou as mãos dentro das mangas, segurando os braços nus. — Essa é a única satisfação que levarei comigo pra morte.

Permaneceram em silêncio por um tempo que pareceu muito longo.

— Já ouvi um ditado — falou Anden —, de que grandes guerreiros são lembrados com temor por seus inimigos.

Ayt se levantou num único movimento lento e suave, que insinuava a postura e a força outrora incomparáveis.

— Então peço que se lembre de mim, Kaul-jen.

Kaul-jen. Na cerimônia de formatura da Academia, a multidão gritara aquele

nome para ele. Como ficara espantado e constrangido naquela época por ter sido saudado como alguém que não era.

Anden tocou as mãos entrelaçadas à testa e se inclinou numa saudação.

— Adeus, Ayt-jen.

Ele se virou, saiu do cômodo e deixou o prédio.



Do lado de fora, Anden abotoou o casaco e caminhou, deixando o ar frio encher-lhe os pulmões e clarear sua mente. Pessoas varriam os restos queimados de fogos de artifício das ruas e subiam em escadas para retirar as decorações de Ano-novo. Alguns estabelecimentos em Machadinha ainda exibiam lanternas verde-claras nas vitrines, mas outros haviam trocado por brancas, e algumas janelas estavam vazias, com os proprietários indecisos, esperando para ver como as jurisdições territoriais se rearranjariam. Ao adentrar Sovaco, dois Dedos do clã posicionados na fronteira do distrito tocaram a testa e fizeram breves saudações de reconhecimento quando ele passou.

Anden parou na esquina e ergueu o rosto para o céu. Sentia-se pesado e leve ao mesmo tempo, e o mundo parecia mordaz e belo de um modo que nem mesmo os sentidos da jade poderiam aprimorar. Havia uma dor em seu peito, parte do luto que vinha chegando em partes, mas também alívio e amor. Amor pela vida que pulsava em seu coração e veias, amor pelas pessoas que lhe eram queridas (os que se foram e os que permaneceram), e amor também por sua cidade, por Janloon, um lugar tão feroz e honesto, tão confuso, tão orgulhoso e tão resistente quanto seus guerreiros Ossos Verdes.

Anden chamou um táxi. Quando o carro encostou no meio-fio, ele entrou no banco de trás e disse:

— Restaurante Sorte em Dobro.

O motorista olhou para Anden pelo retrovisor. Era um homem de pele pálida, sisudo e com o rosto torto que fazia a pele ao redor de um dos olhos pender.

— Aquele lugar velho nas Docas?

— Esse mesmo — disse Anden.

O motorista hesitou. Parecia querer dizer alguma coisa, mas então arrancou com o carro e entrou no trânsito.

— Não acredito que aquele lugar ainda exista — resmungou, lançando outro olhar para trás. — Tem restaurantes melhores, sabia?

— É um velho favorito — disse Anden.

— A única razão de ainda estar lá é que existe há muito tempo. — O taxista

fungou. — Ouvi dizer que estava decadente, mas aí a família Une contratou um chef jovem, renomado internacionalmente, que veio de Lukang pra mudar as coisas, e aí o lugar ganhou uma cara nova. Já sobreviveu a tantas guerras que, agora, acho que nada mais derruba aquilo.

O sinal fechou. O motorista parou o carro e olhou por cima do ombro.

— Eu já trabalhei lá, sabia? Lavando a louça. Faz muito tempo. Eu era só um moleque naquela época. Um moleque idiota com grandes sonhos.

— Todos nós já fomos assim — disse Anden.

— É… bom, a minha vida poderia ter sido diferente. Bem diferente. — O sinal abriu, e o motorista se virou de volta para a frente e tirou o pé do freio. — Claro, eu também poderia estar morto, então tem esse ponto também. — O sujeito riu. Era um som desagradável.

Estacionaram em frente ao Sorte em Dobro, e o homem parou o taxímetro.

— Sabia que o Sorte em Dobro é ponto de encontro dos Ossos Verdes do Desponta? Os Kaul vêm aqui. Até o próprio Pilar. O antigo, quero dizer. Vai saber desse novo aí. — Ele pegou o dinheiro de Anden, que fez um gesto para que ficasse com o troco. — Já vi tanta merda, keke. Eu bem que teria muita história pra te contar, viu? — disse o motorista. — Histórias sobre o clã.

— Imagino que teria mesmo — respondeu Anden. — Existem tantas.

Ele saiu do táxi e atravessou as portas duplas do restaurante para almoçar com a família.




AGRADECIMENTOS

Quando comecei a escrever a Saga dos Ossos Verdes, teria sido difícil imaginar este momento: o fim de uma jornada muito mais longa e grandiosa do que eu previa, uma jornada que me levou aos meus limites criativos e ocupou a maior parte das minhas horas acordadas durante seis anos. Sendo sincera, me sinto um pouco atordoada. É com profundo orgulho, alívio e tristeza que imagino você, leitor, virando a última página da família Kaul e lendo estas palavras.

Minha gratidão se estende, antes de tudo, aos muitos leitores e críticos entusiasmados que divulgaram esta saga épica de fantasia urbana sobre uma família e gângsters que tanto me encantou. Sempre que a escrita se tornava difícil (e passei por isso muitas vezes), um e-mail, um tweet ou uma arte de um fã aparecia para me lembrar que havia lealistas ao clã que queriam ver esta história ser finalizada tanto quanto eu. Estes livros não teriam encontrado seu público sem vocês.

Obrigada a todos da Orbit: minha primeira editora lá, Sarah Guan, que acolheu a série e lhe deu o impulso inicial, e minha nova editora, Nivia Evans, que chegou para levá-la à linha de chegada. Agradeço as gurus do marketing e da publicidade Ellen Wright, Paola Crespo, Angela Man e Stephanie Hess, a equipe do Reino Unido, incluindo Jenni Hill e Nazia Khatun, a editora de produção Rachel Goldstein, a designer de capa Lisa Marie Pompilio, a revisora extraordinária Kelley Frodel e a todos os outros que ajudaram a trazer este livro ao mundo com excelência.

Sou extremamente grata por meu agente fiel, Jim McCarthy, ter acreditado no meu trabalho e me apoiado desde o início da minha carreira. Tenho certeza de que ele gostaria que eu escrevesse livros mais curtos daqui para a frente. (Não se preocupe, Jim, farei isso, prometo! Pelo menos às vezes.)

Os leitores beta Curtis Chen, Vanessa MacLellan, Carolyn O'Doherty e Sonja Thomas mais uma vez me apoiaram, mesmo quando pedi a eles que lessem os esboços iniciais de um romance de 250 mil palavras. Devo muito a eles por permanecerem comigo durante esta longa jornada.

Andrew Kishino narrou os audiolivros e não tenho palavras para descrever seu talento em dar vida a esta história em formato de áudio.

Escrever pode ser uma profissão solitária, mas para mim nunca foi graças à amizade e ao apoio de outros autores — aqui no Noroeste Pacífico, em convenções por todo o país e pelo mundo, e online a qualquer hora. As trincheiras da escrita podem ser longas e escuras, mas são acolhedoras e repletas de camaradagem.

Por fim, meu eterno agradecimento ao meu marido e filhos, pela paciência contínua e necessária que demonstraram enquanto eu passava tanto tempo com outra família, uma fictícia.

Escrevi grande parte do *Legado de Jade* durante a pandemia global de COVID-19 e os eventos tumultuosos de 2020. Além de todos os desafios consideráveis, mas esperados, de escrever um romance que encerra uma série e seu clímax, diversas vezes tive dificuldade, assim como muitos autores, para manter um senso de comunidade, esperança e alegria no processo criativo. Fui lembrada todos os dias de que a vida é frágil e incerta, que há triunfo na resistência e que não são apenas os guerreiros Ossos Verdes, e sim todos nós que dependemos da força de nossos clãs.

